JAMIEL DE OLIVEIRA LOPES

CPAD



PSICOLOGIA PASTORAL

A Ciência do Comportamento Humano como Aliada Ministerial

PSICOLOGIA PASTORAL

JAMIEL DE OLIVEIRA LOPES

PSICOLOGIA PASTORAL

A Ciência do Comportamento Humano como Aliada Ministerial

2ª Impressão

CPAD

Rio de Janeiro
2017

Todos os direitos reservados. Copyright © 2017 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento
Capa e projeto gráfico: Leonardo Engel
Produção de ePub: Cumbuca Studio

CDD: 150 - Psicologia
ISBN: 978-85-263-1461-0
ISBN digital: 978-85-263-1571-6

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2017

SUMÁRIO

1ª Parte - Compreendendo a Piscicologia

Capítulo I - O que é Psicologia

Capítulo II - A Psicologia e o Desenvolvimento Humano - A Infância

Capítulo III - A Psicologia e o Desenvolvimento Humano - A Adolescência

Capítulo IV - A Psicologia e o Desenvolvimento Humano - Jovens, Adultos e Terceira Idade

2ª Parte - O Desenvolvimento da Personalidade

Capítulo V - O que é Personalidade

Capítulo VI - A Formação da Personalidade

Capítulo VII - Distúrbios da Personalidade

Capítulo VIII - Distúrbios da Personalidade Versus Possessão Demoníaca

3ª Parte - A Psicologia Voltada para o Líder

Capítulo IX - O Pastor e o Exercício da Liderança

Capítulo X - O Gerenciamento Pessoal

Capítulo XI - Lidando com os Conflitos Pessoais

Capítulo XII - Lidando com as Emoções e Sentimentos - O Caminho para a Maturidade Emocional

4ª Parte - Princípios de Relações Humanas

Capítulo XIII - As Relações Humanas

Capítulo XIV - As Relações com o Próximo

Capítulo XV - Aprendendo a Viver em Harmonia com o Próximo

Capítulo XVI - O Líder e a Administração de Conflitos

Capítulo XVII - As Relações Humanas e a Ética

5ª Parte - O Aconselhamento Pastoral

Capítulo XVIII - O Líder e o Ministério do Aconselhamento

Capítulo XIX - O Cuidado com a Ovelha Ferida

Capítulo XX - A Prática do Aconselhamento Cristão

Capítulo XXI - Programa de Orientação na Igreja

Capítulo XXII - A Ética no Aconselhamento

6ª Parte - Problemas Tratados no Aconselhamento

Capítulo XXIII - Orientação Sobre o Namoro e Casamento

Capítulo XXIV - Orientação sobre as Bases de um Matrimônio

Capítulo XXV- Defendendo a Família dos Males da Pós Modernidade

Capítulo XXVI - Orientação aos Pais sobre a Educação dos Filhos

Capítulo XXVII - Orientação aos Pais sobre a Disciplina no Lar

Capítulo XXVIII - Orientação sobre o Relacionameto Conjugal

Capítulo XXIX - Tratando sobre Problemas Relacionados à Sexualidade com Jovens e Adolescentes

Capítulo XXX - Orientação Sexual para Casais

Capítulo XXXI - Ajudando Pessoas com Depressão

Capítulo XXXII - Respondendo Questões Complexas

Apêndice

Referências

INTRODUÇÃO

Tratar de Psicologia na igreja ainda é um grande tabu. Assim como temos defensores entusiastas, temos, também, críticos severos. Quem nunca ouviu expressões como: “Nosso psicólogo é Jesus!”, “Já tenho Jesus, não preciso ir ao psicólogo!”, “Crente não entra em depressão”, “depressão é falta de fé, pecados na vida, ou opressão maligna”, “Terapia com psicólogos e psiquiatras é para quem é louco”. “Converso com Deus, e tudo fica resolvido”, “O que meus irmãos vão pensar se eu disser que vou ao psicólogo e ao psiquiatra?”?

Qual deve ser a posição da igreja em relação à Psicologia e às práticas psicoterápicas?

Infelizmente, existe um extremismo perigoso quando se trata do lugar da Psicologia na igreja. Ao mesmo tempo em que há uma demonização da Psicologia por alguns crentes e pastores, há, também, um enaltecimento exacerbado das práticas terapêuticas em muitas igrejas.

Há grupos organizados como o PsychoHeresy[1] que combatem a Psicologia, destacando nas suas publicações as idéias e conceitos de aconselhamentos psicológicos seculares, negando a validade dessa ciência e defendendo como válido apenas o conhecimento bíblico.

Por outro lado, há quem defenda as práticas psicoterápicas nas igrejas, criando núcleos de atendimentos e mantendo psicólogos licenciados em seu quadro de

funcionários. Há, inclusive, agências missionárias que exigem de seus candidatos a missionários a avaliação e a aprovação por psicólogos profissionais licenciados antes mesmo de serem admitidos ao serviço.

Existem benefícios ou prejuízos a essas práticas? É difícil entender a Psicologia sem conhecermos o universo na qual ela está inserida e sem desmistificá-la das práticas místicas infiltradas em suas diversas correntes teóricas.

A Psicologia é formada de diversas vertentes, cada uma delas com suas peculiaridades. Uma abordagem teórica concentra-se no estudo do comportamento, outra no estudo da mente, outra no estudo do inconsciente, e assim sucessivamente. Há teorias específicas como a Psicanálise, a Psicologia da Gestalt, o Behaviorismo, a Psicologia social, entre outras que estudam a personalidade, o funcionamento do aparelho psíquico, o comportamento, o processo da aprendizagem e muitas outras questões.

Embora o objeto de estudo da Psicologia — o comportamento humano — seja algo que não pode ser apalpado, pode, no entanto, ser manipulado em laboratório. Isso fez com que, no final do século XIX, a Psicologia galgasse o *status* de ciência. Enquanto ciência, ela embasa seus postulados em pesquisas que buscam testar hipóteses acerca do funcionamento de diversos fenômenos humanos.

A Psicologia não se fundamenta em princípios religiosos, nem cristãos, nem espíritas. Precisamos separar as teorias psicológicas de práticas exotéricas e adivinhatórias. No âmbito das práticas terapêuticas, existem correntes místicas infiltradas que põem em xeque a fé cristã. Por isso,

torna-se perigoso e desaconselhável um crente procurar um psicólogo que não seja cristão.

É comum encontrarmos alguns consultórios cheios de apetrechos místicos como cristais, pirâmides, incensos, etc. Há profissionais, inclusive, que inserem nas suas sessões psicoterápicas artes adivinhatórias como leituras de cartas de tarô, mapa astral, etc. Essas práticas, porém, não são tratadas nem recomendadas nas teorias psicológicas. O Código de ética do psicólogo proíbe tais práticas.

> *Art. 2º – Ao psicólogo é vedado:[...]*
> *b) induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais;*[2]

Cabe a nós fazermos uma leitura das teorias psicológicas, comparando-as aos ensinos bíblicos. A Bíblia está acima de qualquer abordagem secular. Nada é capaz de sobrepor os seus ensinamentos. Ela é, irrevogavelmente, a Palavra de Deus.

A CRISTIANIZAÇÃO DA PSICOLOGIA

Algumas pessoas, na intenção de aproximar a Psicologia do cristianismo, tentam cristianizar a Psicologia, buscando interpretar conceitos bíblicos à luz das teorias psicológicas. Uma questão definitivamente presente nessas teorias — o que não é peculiar apenas à Psicologia, mas também a outras ciências — é o evolucionismo e a descrença em Deus.

Alguns teóricos como Sigismund Schlomo Freud (1856–1939) — o pai da psicanálise — consideravam a religião como uma ilusão e a principal causa dos problemas humanos. Humanistas como Carl Ransom Rogers (1902–1987) e Abraham Harold Maslow (1908–1970), na tentativa de valorizar o ser humano mostrando sua necessidade de amor próprio e autoestima, colocam o homem como o valor supremo do universo e o único capaz de resolver os seus próprios problemas.

Carl Gustav Jung (1875–1961), por exemplo, conhecido por fundar a Psicologia analítica, entrava em conflito com o seu pai, Johann Paul Achilles Jung (1842–96), um pastor fervoroso da Igreja Reformada Suíça, cuja fé incondicional o filho não compreendia. Jung questionava os dogmas protestantes, não aceitando os princípios ensinados por seu pai. Isso fez ele aprofundar-se nos estudos religiosos e a tentar aliar religião e ciência, o que culminou na sua formação em psiquiatria, a qual unia a natureza (ciência) e a alma (psique). Suas teorias são baseadas nas suas experiências místicas que obteve por meio de sonhos periódicos e visões com notáveis características mitológicas e religiosas, os quais despertaram o seu interesse por mitos, sonhos e a Psicologia da religião.

Aceitar as teorias psicológicas sem antes passá-las por um crivo bíblico é um grande erro que pode ocasionar em sérios problemas. Não podemos vender a idéia de que a Psicologia pode ser integrada à Bíblia. Temos que compreender que existem aspectos em que a Psicologia e a Bíblia estão fundamentalmente em oposição uma à outra. Por isso, não

podemos fazer de nenhuma dessas teorias um referencial teórico no qual nos baseamos ou seguimos.

Como cristãos, devemos ter uma visão mais eclética da Psicologia, buscando conceitos ou pressupostos que não contradizem a Palavra de Deus. O apóstolo Paulo escreveu: "*Examinai tudo. Retende o bem*" (1 Ts 5.21).

A PSICOLOGIZAÇÃO DO CRISTIANISMO

Outro extremo perigoso é tentar psicologizar o cristianismo. A Psicologia como ciência tem o seu devido valor. Tratá-la como "o evangelho do aceite-se a si mesmo", que se contrapõe ao evangelho de Cristo, é tentar espiritualizar conceitos fundamentados em comprovações cientificamente aceitáveis que explicam o comportamento humano.

O jornalista e radialista Sandro Moraes, no seu *blog*, faz o seguinte comentário:

> *O falso evangelho do "aceite-se a si mesmo", antagônico ao verdadeiro evangelho do "negue-se a si mesmo" nada mais é do que a cruz psicologizada, externada num "Cristo" trivializado. Não raro, pregadores até bem-intencionados elaboram seus sermões em torno de teorias psicológicas. Dos púlpitos, reverberam expressões como autoestima elevada, autoamor ou amor próprio, autoimagem positiva, autogratificação, autorrealização, etc., como necessidades que precisam ser desenvolvidas no homem interior. Já*

> *vi isso muitas vezes. São termos da psicologia humanista introjetadas no evangelho como se este não fosse suficiente para resolver os problemas humanos, precisando receber o reforço poderoso de teorias formuladas por humanistas hostis à Palavra de Deus. Durante praticamente 20 séculos, a igreja não precisou dos empréstimos da psicologia para salgar e iluminar o mundo, mas agora ela é indispensável. O problema é que, em muitos aspectos, a psicologia humanista apresenta-se como religião rival ao cristianismo. E você sabe onde se originaram os tantos "autos" supramencionados? Originaram-se no coração do narcisista incorrigível Lúcifer.*

Não precisamos substituir o evangelho pelas teorias psicológicas. A Bíblia por si só é autossuficiente; porém, demonizar a Psicologia, como faz o autor da citação, é negar o valor da ciência.

Embora a Bíblia não seja um livro científico, ela é exata quando fala de assuntos de ciência. O que ela condena é a falsa ciência. O apóstolo Paulo faz o seguinte alerta a Timóteo. "*Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência*" (1 Tm 6.20).

A ciência é baseada em fatos. Uma teoria geralmente começa a partir da observação de um determinado fenômeno. Hipóteses são levantadas e testadas em laboratórios ou na natureza.

A Psicologia como ciência é factual, baseando-se em estudos e fatos comprovados. Devemos, todavia, ter cuidado, pois nem tudo que se diz ser Psicologia é realmente científico. Por isso, temos que constantemente confrontar as teorias psicológicas com a Palavra de Deus, combatendo os conceitos e princípios antibíblicos.

O ABISMO ENTRE A PSICOLOGIA E O CRISTIANISMO

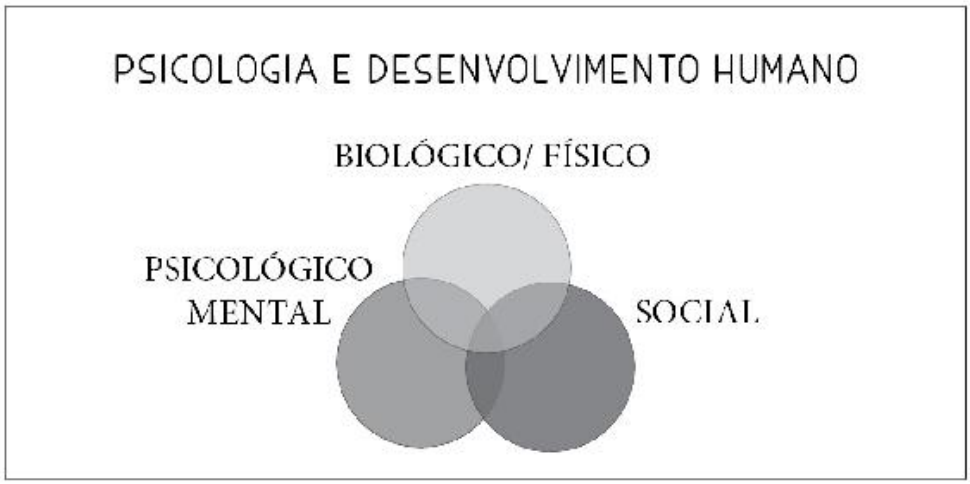
A aceitação sem questionamentos das práticas psicoterapêuticas nas igrejas pode representar um grande problema. Psicologia e cristianismo são dois caminhos diferentes que parecem próximos, mas que, ao mesmo tempo, são muito distantes. Há um grande abismo que separa um do outro.

A Psicologia lida com a natureza do homem, como ele vive e como ele muda. A Bíblia lida exatamente com as mesmas questões. No entanto, os principais ensinamentos da Psicologia contradizem ou comprometem muitas vezes os ensinos das Escrituras.

O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA VISÃO DA PSICOLOGIA

Existem pressupostos de proeminentes escolas de Psicologia e Filosofia que procuram entender o comportamento humano, mas que, no entanto, cometem um grande erro ao ignorar e desprezar a parte essencial do homem, que é o seu espírito. A Psicologia estuda o homem

dentro de uma visão tridimensional, que consiste nos fatores biológico, psicológico e social.



De acordo com a Psicologia, o comportamento é determinado por fatores hereditários, somáticos e socioculturais. Todo processo de desenvolvimento e ajustamento humano é voltado para esses aspectos.

Como a Psicologia não considera a parte essencial — o espírito humano —, ela converge toda a sua prática ao bem-estar físico e emocional, desconsiderando a existência do pecado e dos males causados por ele.

A Psicologia Comportamental Behaviorista, que será discutida no próximo capítulo, defende que o ser humano é fruto do meio social em que vive. Se aceitarmos essa linha de pensamento na íntegra, abdicaremos dos ensinos bíblicos que responsabilizam o homem pelos seus atos.

Partindo desse pressuposto, concluímos que, se o que somos é resultado exclusivamente do meio social em que fomos desenvolvidos, logo não somos responsáveis pelos nossos atos.

Apesar de recebermos influências do meio social, não podemos, no entanto, atribuir que o comportamento é 100% decorrente desse meio. Deus deu-nos o livre-arbítrio e capacitou-nos para fazermos escolhas. Entre um estímulo que recebemos do meio social e uma resposta que damos a esse estímulo, há uma escolha pessoal.

A psicanálise, por sua vez, ao tratar da formação da personalidade, mostra que possuímos um superego — uma censura — que regula o comportamento. É a consciência moral do homem que dita o bem a ser procurado — e que determina o mal a ser evitado.

O superego é desenvolvido através dos valores que recebemos da sociedade, tendo a função de inibir, através de punição ou sentimento de culpa, qualquer impulso contrário às regras aprendidas pelo indivíduo.

Se aceitarmos a visão psicanalítica sem restrições, anularemos a ação do Espírito Santo, que convence o homem do pecado (Jo 16.8), e deduziremos que o pecado é uma invenção humana.

Para a psicanálise, se aprendemos que algo é errado, sentimo-nos culpados por infringirmos as regras e ideias de nossa consciência moral; se, porém, não aprendemos, sentimo-nos livres e não somos afetados pela consciência.

A Psicologia tem o seu devido valor ao tratar das questões emocionais; quando, no entanto, os problemas estão relacionados com a parte espiritual, ou seja, quando são desenvolvidos mediante um padrão pecaminoso do indivíduo, então, nesse caso específico, a Psicologia torna-se ineficiente.

O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA VISÃO CRISTÃ

De acordo com a antropologia cristã, o homem é um ser tricótomo, ou seja, formado por três partes: espírito, alma e corpo. O corpo tem relação com o material; a alma, com o material e imaterial; o espírito, com o espiritual.



DEFINIÇÕES TEOLÓGICAS

Espírito — comunhão com Deus. É a parte essencial do homem que o diferencia dos animais e o capacita a ter comunhão com Deus. A comunhão com Deus é fundamental para a saúde mental e espiritual.

Alma — fatores psicológicos e sociais (emoções, vontade e intelecto). É o princípio da personalidade, incluindo os sentidos e as emoções.

Corpo — fatores biológicos — cinco sentidos pelos quais exploramos o mundo (visão, audição, olfato, paladar e tato). É a parte física do homem que o faz ter contato com todas as outras criaturas vivas através da alma.

O homem não pode ser visto apenas nos aspectos biológico, psicológico e social, como a Psicologia mostra,

pois ele possui uma natureza suprema chamada espírito. “O espírito vivifica a alma”. É pelo espírito que o homem tem consciência de Deus.

Há muitos problemas tratados nos consultórios de psicólogos e psiquiatras que estão relacionados à área espiritual, assim como há problemas emocionais sendo tratados como questões espirituais nas igrejas.

Problemas espirituais não conseguem ser resolvidos nos consultórios de psicólogos e psiquiatras, mas, sim, com a Palavra de Deus, com oração e quebrantamento espiritual.

O LUGAR DA PSICOLOGIA NA IGREJA

Assim como devemos ter conhecimento teológico para lidarmos com questões espirituais, precisamos também ter conhecimento sobre o comportamento e a personalidade humana para lidarmos com questões emocionais.

Não precisamos cristianizar a Psicologia, nem tão pouco demonizá-la, mas, sim, compreendermos o seu papel como ciência. Ela jamais substituirá os preceitos bíblicos, que são absolutos e eternos, mas ela tem o seu valor quando nos fornece ferramentas que nos ajudam na compreensão do ser humano.

Por meio da Psicologia, podemos compreender a nós mesmos e as pessoas com quem nos relacionamos, pois ela faz com que enxerguemos nosso interior, fazendo-nos compreender por que reagimos a uma determinada situação.

A Psicologia mostra-nos como lidarmos com nossas resistências a frustrações, no combate aos medos, aos

estresses e à depressão. Ela também ajuda nos relacionamentos interpessoais, na harmonização dos relacionamentos familiares, com amigos, colegas, superiores e subordinados hierárquicos e, também, para melhorarmos o nível de convivência com vizinhos, comportamento no trânsito, na melhoria da qualidade de vida e assim sucessivamente.

Não podemos, em nome do cristianismo, negar a existência dos problemas de ordem emocional. Há uma infinidade de doenças psíquicas que afligem muitas pessoas, tais como: fobias, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), depressão, neuroses, psicoses, esquizofrenia, etc.

Estudos científicos comprovam a existência das doenças psíquicas. Há uma interligação entre mente e corpo. Muitas doenças físicas têm sua origem em fatores emocionais. Negar isso é generalizar os problemas humanos e colocá-los todos na esfera espiritual.

Cremos que o poder do Senhor Jesus é capaz de curar as enfermidades físicas, assim como também acreditamos na cura ou libertação de problemas emocionais a partir de uma oração; no entanto, recorrer à medicina, à psiquiatria ou à Psicologia não significa negar a fé ou a sua confiança em Deus.

O pastor precisa entender que as pessoas são diferentes umas das outras na personalidade, no comportamento e na maneira de agir na sociedade. E, como as pessoas têm personalidades diferenciadas, não podem, porém, ser tratadas como iguais nos relacionamentos que construímos e nos métodos que empregamos.

> Consideremos, por exemplo, como Jesus se relacionava com as pessoas. Não tinha o mesmo tipo de relacionamento com todas elas. Com Nicodemos foi intelectual, aos fariseus confrontou-os, com Maria e Marta foi mais informal, e com as crianças era caloroso e amoroso. Jesus reconhecia diferenças individuais de personalidades, de necessidades e de nível de entendimento, e tratava as pessoas de acordo com isto.[3]

Cabe a nós, líderes, termos sabedoria de Deus e discernimento para distinguirmos os problemas emocionais dos problemas espirituais e termos também a sensatez de encaminhar a um profissional um membro da igreja que precisa de um atendimento psiquiátrico ou psicológico.

---

1 Disponível em: http://www.psychoheresy-aware.org

2 Código de Ética do Psicólogo.

1ª Parte

Compreendendo a Psicologia

Capítulo I - O que É Psicologia
Cápitulo II - A Psicologia e o Desenvolvimento Humano - A Infância
Cápitulo III - A Psicologia e o Desenvolvimento Humano - A Adolescência
Cápitulo IV - A Psicologia e o Desenvolvimento Humano - Jovens, Adultos e Terceira Idade

CAPÍTULO

I

O QUE É PSICOLOGIA

Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e seus processos mentais. A palavra “psicologia” deriva-se da junção de duas palavras gregas: *psichê* (alma) e *logos* (razão estudo, conhecimento).

O termo “alma”, considerada neste texto, não deve ser tomado no seu sentido religioso/metafísico (enquanto entidade espiritual), e sim como a “psique” (estrutura biopsicossocial que anima o indivíduo).

O aspecto biopsicossocial trata da inter-relação entre os aspectos biológicos, psicodinâmicos e sociais que constituem o ser humano.

- Bio – biologia (aspectos anatômicos e fisiológicos)
- Psico – psicodinâmica (particularidades de cada indivíduo: necessidades, desejos, emoções, cognição, motivação, etc.)
- Social – relações com as pessoas (interpessoais) e instituições, produção de valores sociais, cultura, etc.

Partindo desse princípio, pode-se concluir que a Psicologia estuda o que motiva o comportamento humano — o que o sustenta, o que o finaliza e também seus processos mentais, que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência, etc., desde a concepção do indivíduo (vida intrauterina) até sua morte.

Telles (2003) diz:

> *O homem é um animal*[3] *essencialmente diferente de todos os outros. Não apenas porque raciocina, fala, ri, chora, opõe o polegar, cria, faz cultura, tem autoconsciência e consciência de morte. É também diferente porque o meio social é seu meio específico. Ele deverá conviver com outros homens, numa sociedade que já encontra, ao nascer dotada de uma complexidade de valores, filosofias, religiões, línguas, tecnologias.*

I – OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA

Psicologia é:

Ciência que se concentra no comportamento humano e seus processos mentais que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência, etc.

Palavras essenciais:

1. Ciência – investigação válida

2. Comportamento – As atividades que são diretamente observáveis e registráveis nos seres humanos e animais: a comunicação (falar, emitir

sons, usar mímica, etc.). Os movimentos (correr, andar, pular, etc.) e outras. Os processos fisiológicos dentro do organismo — os batimentos cardíacos, respiração, alteração Eletroquímica que tem lugar nos nervos, etc. Os processos conscientes de sensação, sentimentos e pensamentos — a sensação dolorosa de um choque elétrico, a identificação correta de uma palavra projetada numa tela, etc.

3. Processos Mentais – O termo “processo mental” inclui formas de cognição ou formas de conhecimento: perceber, participar, lembrar, raciocinar e resolver problemas. Sonhar, fantasiar, desejar, ter esperança e provar também são processos mentais.

II – HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA PSICOLOGIA

A história da Psicologia confunde-se com a da Filosofia até meados do século XIX. As primeiras tentativas de sistematizar um conhecimento sobre a “alma” humana surgiram com os antigos filósofos gregos por volta de 700 a.C.

Os primórdios da psicologia já se encontravam nos mitos da alma. Os gregos derivavam a alma (o anímico) de substâncias primitivas (água, fogo e ar), que significavam a base da vida.

Hipócrates (460 – 377 a.C.) liga características da personalidade a tipos de corpo e apresenta uma teoria

fisiológica[4] (oposta a uma teoria demonológica[5]) de doença mental.

1. A Antiguidade

Sócrates, Platão e Aristóteles deram o pontapé inicial na instigante investigação da alma humana: Para Sócrates (469 – 399 a C.), a principal característica do ser humano era a razão — aspecto que permitiria ao homem deixar de ser um animal irracional. Platão (427 – 347 a C.) — discípulo de Sócrates — conclui que o lugar da razão no corpo humano era a cabeça, representando fisicamente a *psique*, e a medula teria como função a ligação entre a mente e o corpo. Já Aristóteles (384 – 322 a C.) — discípulo de Platão — entendia corpo e mente de forma integrada e percebia a *psique* como o princípio ativo da vida.

As teorias de Platão e Aristóteles destacaram-se e tornaram-se a base usada pelas principais teorias da Psicologia no estudo do comportamento humano. A teoria platônica postulava a imortalidade da alma e concebia-a separada do corpo, e a teoria aristotélica afirmava a mortalidade da alma e sua relação de pertencimento ao corpo.

PLATÃO (427–347 a.C.)

A teoria platônica, mais conhecida como “Idealismo platônico,” defendia a existência de dois mundos: Mundo dos Sentidos e o Mundo das Ideias.

A Realidade — Mundo dos Sentidos — cinco sentidos Mundo das Ideias – Razão.

Segundo Platão, só se pode obter um conhecimento seguro daquilo que se reconhece com a razão.

Platão interessava-se pelas coisas que, de um lado, são eternas e imutáveis, e aquilo que de outro flui. Tudo que pertence ao mundo dos sentidos é feito de um material sujeito à corrosão do tempo. Concomitantemente, tudo é formado a partir de uma forma imutável e eterna.

Platão achava que tudo o que se pode tocar e sentir na natureza, "*flui*". Não existe, portanto, um elemento básico que não se desintegre; existe, porém, um aspecto que é imutável: são os modelos espirituais ou abstratos, a partir dos quais os fenômenos são formados.

Referindo-se ao homem, Platão concluía ser este um ser dual que possui um corpo e uma alma. O corpo está ligado ao mundo dos sentidos e deteriora-se, enquanto que a alma é imortal e pertence ao mundo das ideias.

Visão de Homem: Um ser dual — Corpo e Alma

Corpo — Flui — Ligado ao mundo dos sentidos

Alma Imortal — Morada da razão. A alma não é material, ela pode ter acesso ao mundo das ideias.

ARISTÓTELES (384–322 a.C.)

Aristóteles é hoje considerado o verdadeiro pai da Psicologia por causa de sua doutrina uniforme da alma. Sua teoria conhecida como "Realismo Aristotélico" defende que

todas as nossas ideias e pensamentos entram em nossa consciência através do que vemos e ouvimos.

Para Aristóteles, a realidade consiste em várias coisas isoladas, que representam uma unidade de forma e substância. “Substância” é o material de que a coisa é composta. “Forma” são as características peculiares da coisa.

Uma ilustração prática para se compreender essa teoria é o exemplo da galinha. O ato de a galinha bater asas, cacarejar e pôr ovos Aristóteles chama de FORMA. A SUBSTÂNCIA é parte material da galinha que reveste a forma. Quando a galinha morre, a forma deixa de existir. Resta, apenas, a substância que se decompõe e é transformada, adquirindo outra Forma.

FORMA DA GALINHA — Bater asas, cacarejar, pôr ovos.

SUBSTÂNCIA DA GALINHA — Aquilo que se decompõe e é transformada.

Para Aristóteles, a Forma (parte imaterial — alma) deixa de existir com a morte; apenas a substância deteriorada (parte material — corpo) continua existindo com outra forma após a sua decomposição. Todas as coisas vivas e mortas têm uma forma que diz alguma coisa sobre as possibilidades dessas coisas.

Outro aspecto importante da Teoria Aristotélica é a relação de causa e efeito na natureza. Para ele, toda a ação resulta numa reação ou tudo existe por uma determinada causa. Por exemplo: Uma vidraça foi quebrada porque um garoto

atirou uma pedra. Um sapato passou a existir porque o sapateiro costurou alguns pedaços de couro.

Aristóteles também defendia a existência de uma causa final ou finalidade para explicar alguns processos vivos da natureza. Usando o exemplo anterior, pergunta-se: “Por que o garoto atirou a pedra?”. Há uma razão maior que motivou a ação.

Vejamos o exemplo da chuva:

Por que chove? “Porque o vapor da água esfria nas nuvens e é condensado na forma de gotas de chuva que, por causa da gravidade, caem no chão”.

1 – Causa Substancial ou Material — o fato de o vapor d’água (as nuvens) estar ali, bem na hora em que o ar esfriou.

2 – Causa atuante ou eficiente — o fato de que o vapor d’água esfriou.

3 – Causa formal — o fato de ser inerente à forma ou à natureza da água cair no chão.

4 – Causa final ou finalidade — Chove porque as plantas e os animais precisam de água da chuva para crescer.

Aristóteles atribui às gotas de chuva uma espécie de tarefa vital, um propósito.

2. A Idade Média

A Idade Média caracteriza-se pela aceitação das concepções de Aristóteles e de suas ligações com o pensamento cristão.

O Império Romano consolida a expansão do cristianismo, e o conhecimento psicológico vincula-se à religião (igreja católica). Qualquer outra produção sobre o saber psicológico é considerada profana, e seus criadores/seguidores ficam submetidos à repressão da igreja (inquisição, inicialmente católica e, depois, também protestante).

Na Idade Média, destacam-se obras de dois teólogos católicos: Agostinho de Hipona (354 –430 d.C.) e Tomás de Aquino (1225–74). Ambos afirmavam que a "alma" tinha uma essência divina.

Agostinho de Hipona, em sua obra "Confissões", descreve seu desenvolvimento pessoal, introduzindo o "método autobiográfico de observação", e atribui a máxima certeza à experiência interior, o que torna o homem consciente de si mesmo e de sua individualidade.

Tomás de Aquino ocupou-se com o problema fundamental da natureza da alma e sua relação com o corpo.

Mestre Eckhart[6] estabeleceu a diferença entre o mundo externo de conhecimentos naturais e o mundo interno de experiência religiosa, baseando-se nas faculdades afetivas.

Surgiram concepções como "a vontade", "a consciência" e "a liberdade", porém ainda presas à tradicional indissolubilidade entre o homem e Deus.

3. A Idade Moderna

Ocorre a ruptura entre ciência e religião. Ressurge o poder do conhecimento filosófico-científico.

- Filipe Melâncton (1497–1560), recorrendo a Aristóteles, usou, pela primeira vez, a palavra “Psicologia”. Ele estudou os processos psíquicos sob o aspecto científico.
- Juan Huarte de San Juan (1529–88) ocupou-se com o problema do “Dom” (vocação) e abriu novos caminhos para o método de observação diferencial-psicológico na Idade Contemporânea.
- René Descartes (1596–1650), com sua “teoria da interação”, traz de volta a questão antiga da inter-relação corpo e alma. Ele concebe o homem como uma máquina pensante, criando o dualismo (separação mente-corpo).

Os filósofos ingleses consideravam a alma de uma criança recém-nascida uma tábua rasa, em que as experiências vividas iriam agravar as suas impressões no decorrer do tempo. John Locke (1632–1704) abriu caminho para essa concepção, afirmando que as experiências são formadas tanto por sensações (percepção de objetos exteriores) quanto por reflexão, que diz respeito à percepção da vida anímica, ou seja, interior.

- David Hatley (1705–57) formaliza a doutrina do associacionismo em 1749, sugerindo uma base neurológica para a memória.
- Jean Marie Pierre Flourens (1794–1867) realiza em 1821 os primeiros experimentos significativos sobre localização de funções.

4. A Idade Contemporânea

Nos últimos anos do século XIX, surgiram as escolas de Psicologia, que nortearam todos os estudos das principais correntes de psicologia defendidas na atualidade.

A PSICOLOGIA NO SÉCULO XIX

A Psicologia rompe com a Filosofia e recebe o estatuto de ciência (produz um conhecimento sistematizado próprio).

- Wilhelm Maximilian Wundt (1832–1920), em Leipzig (Lípsia), abre o primeiro laboratório formal de psicologia em 1879. Wundt fez muitos trabalhos para medir o tempo de processos mentais através do estudo de tempo de reação, que é o tempo que transcorre entre um estímulo e a resposta a este. Wundt também estudou a atenção, os processos emocionais e os processos associativos na memória.

A psicologia de Wundt era introspectiva (ou seja, dependia muito da descrição que o sujeito fazia de suas experiências), mas, ao mesmo tempo, estava voltada para métodos de laboratório, onde incluía vários tipos de instrumentos de precisão.

PRINCIPAIS ESCOLAS DE PSICOLOGIA DO SÉCULO XX

O BEHAVIORISMO – COMPORTAMENTALISMO

O Behaviorismo foi uma Escola de Psicologia fundada por John Broadus Watson (1878–1958) no início do século XX nos Estados Unidos. Essa escola focalizou seus estudos no comportamento observável (“*behavior*”, em inglês), considerando as reações dos organismos aos estímulos externos; das suas interações com o ambiente.

A premissa básica do Behaviorismo era de que todo comportamento é aprendido — não inato — decorrente da relação entre o estímulo que o indivíduo recebe do seu meio social. Ao receber um determinado estímulo, espera-se que o indivíduo tenha um determinado comportamento. “O comportamentalismo watsoniano interessa-se exclusivamente pelo comportamento observável, com o objetivo muito prático de prevê-lo e controlá-lo de forma mais eficaz.” (Figueiredo e Santi, 2004).



Estímulo: Modificação de um ou vários aspectos do meio

Resposta: Modificação do comportamento

BEHAVIORISMO RADICAL

Os estudos de Watson foram aperfeiçoados por Burrhus Frederic Skinner (1904–90) com a *Teoria do*

Condicionamento Operante. Skinner destacou que uma resposta a um estímulo pode ser operante e reforçada. Segundo ele, o comportamento é modelado por meio de estímulos, denominados por ele de reforços positivos e negativos. A maneira de pensar, de sentir, etc., depende de como é ensinada socialmente.

Os reforços positivos são estímulos ou recompensas que levam à repetição do comportamento.

- Uma criança, por exemplo, que recebe um elogio por alguma ação que realizou, tende a repetir esse comportamento. Os reforços negativos, por sua vez, são punições e castigos que levam à extinção do comportamento. Uma crítica, por exemplo, feita a um aluno, enquanto ele discursa diante da sua classe, poderá levá-lo a esquivar-se quando tiver que falar em público.

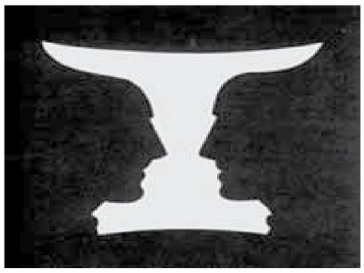
PSICOLOGIA DA GESTALT

A Psicologia da Gestalt é uma das tendências teóricas mais consistentes da Psicologia. Essa Escola surgiu na Alemanha no início do século XX, e seus principais criadores foram Max Wertheimer (1880–1943), Wolfgang Köhler (1887–1967) e Kurt Kofka (1886–1941). Esses três eminentes teóricos basearam seus estudos nos trabalhos do físico Ernst Mach (1838–1916) e do filósofo e psicólogo Christian Von Ehrenfels (1858–1932) sobre a psicofísica, os quais relacionaram a forma à sua percepção.

Gestalt é uma palavra alemã que não tem tradução literal para o português, mas contém um sentido de “forma”, de “um todo que se orienta para uma definição”, de “estrutura organizada”. Um dos principais fundamentos dessa teoria é a percepção.

A Teoria da Gestalt questiona um dos princípios básicos do Behaviorismo sobre a relação de causa e efeito ou estímulo — resposta. Segundo a Gestalt, nem todas as pessoas respondem de igual forma aos estímulos recebidos, como defende o Behaviorismo. Entre o estímulo que o meio fornece e a resposta que o indivíduo dá, existe o processo da percepção. É a maneira como percebemos um estímulo que desencadeará nosso comportamento.

Um exemplo dado por essa teoria é o conhecido desenho da taça e os dois perfis. Se você olhar para o desenho na próxima página, enxergará, ou uma taça, ou então dois rostos humanos.



Desenho de figura-fundo



Você vê uma jovem mulher ou uma senhora idosa?

Olhe cuidadosamente para o desenho e descreva o que está vendo. Obviamente, todos enxergam uma mulher; porém, há pessoas que veem o rosto de uma jovem, e outros, o rosto de uma senhora de idade avançada. Se você fizer um esforço e olhar bem, verá as duas imagens. A jovem tem aproximadamente 25 anos, nariz pequeno e está olhando lateralmente; a idosa, aproximadamente 70 anos, tem nariz grande, está com um xale sobre a cabeça e está olhando para baixo. Dá para você perceber agora as duas figuras? Se ainda não conseguiu, veja alguns detalhes: O colar da moça é a boca da idosa; o nariz da senhora idosa é o queixo da moça; uma das orelhas da moça é um olho da velha senhora; a moça usa uma touca e a idosa usa um xale.

Baseado nesse princípio, o comportamento é decorrente da maneira como percebemos o estímulo que recebemos do meio ambiental. Para a Psicologia da Gestalt, o meio ambiental é formado por um meio geográfico e um meio comportamental. O meio geográfico é o espaço físico onde

ocorre o fenômeno, e o meio comportamental consiste na interação que o indivíduo tem com o seu meio físico.

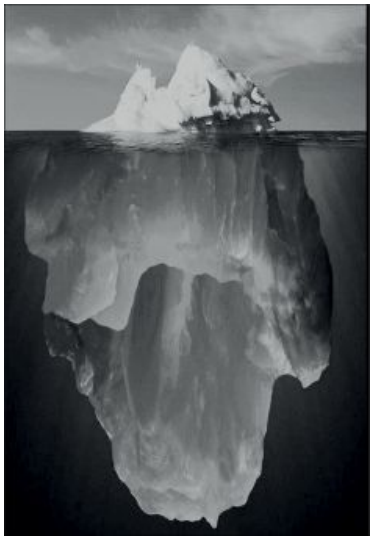
PSICANÁLISE

A Psicanálise é uma teoria psicológica criada por Sigmund Freud (1856–1939), que se ocupa dos processos mentais inconscientes, uma abordagem que trata da estrutura e funcionamento da mente humana. É também considerada como um método de análise dos motivos do comportamento.

Uma das primeiras teorias apresentadas por Freud foi a teoria sobre a estrutura do aparelho psíquico. Segundo ele, existem três sistemas ou instâncias psíquicas: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. Freud compara esses três sistemas a um *iceberg*.

A ponta do *iceberg* é chamada por ele de consciente, que corresponde a uma pequena parte da mente, incluindo todas as lembranças que podem ser imediatamente acessadas. A superfície é chamada de pré-consciente, que corresponde à parte da mente consciente, menos exposta e explorada. São incluídas nela todas as lembranças que não estão necessariamente conscientes, mas que podem ser evocadas. A parte submersa, a maior de todas, é chamada de inconsciente. No inconsciente, estão elementos instintivos não acessíveis à consciência. Segundo Freud, todas as nossas experiências vividas durante a vida são armazenadas na mente. Apenas algumas dessas experiências permanecem na nossa consciência. A maioria não será mais lembrada, indo, portanto, para a região do

inconsciente. Segundo essa teoria, uma boa parte das condutas estáveis que determinam a personalidade do indivíduo está arraigada aos conteúdos inconscientes.



Freud também criou uma estrutura para explicar a personalidade. Segundo ele, o aparelho psíquico é composto de três partes: Id, Ego e Superego.

O Id (“isso”) é a parte instintiva e dos desejos do indivíduo que o impulsiona à ação ou à busca do prazer. O Id busca a satisfação das necessidades sem medir as consequências dos atos. Constitui o reservatório da energia psíquica, onde são “localizadas” as pulsões.

O Superego é inconsciente; tem a função de frear o Id controlando o comportamento do indivíduo. Atua como uma censura das pulsões que determina o que é certo e o que é errado.

O Ego (“Eu”) é o resultado entre a luta do Id com o Superego. É o centro da consciência, a soma total dos pensamentos, ideias, sentimentos, lembranças e percepções sensoriais. Ele atua como intermediário entre o Id e o mundo externo. Logo cedo, o indivíduo começa a descobrir que existem normas e regras estabelecidas pelo meio social em que ele vive. Aos poucos, essas normas vão sendo incorporadas à estrutura psíquica do indivíduo, determinando o seu superego.

Para Freud, o comportamento é direcionado por meio de forças internas, chamadas por ele de instintos (libido), que

fornecem uma fonte fixa e contínua de estímulos conscientes ou inconscientes.

A motivação ou desmotivação do indivíduo, segundo a psicanálise, pode estar relacionada a experiências que passaram para o domínio do inconsciente, mas que continuam a determinar as ações do indivíduo na atualidade.

---

[3] Não concordamos com a afirmação de Telles sobre o homem ser um animal, e sim com a distinção que ele faz sobre um e outro. O homem é um ser diferente dos animais, pois estes foram criados por Deus, cada um segundo a sua espécie. Já o homem foi criado como imagem e semelhança de Deus.

[4] Teoria que defende a existência de doenças mentais.

[5] Teoria que atribui as doenças mentais à possessão demoníaca.

[6]Johann[es] Eckhart, o Mestre Eckhart (1260–1328), professor e teólogo alemão que defendeu uma filosofia das mais originais e considerado o maior místico especulativo alemão. Ingressou na ordem dos dominicanos (1265), estudando em Estrasburgo e em Colônia, sob a influência dos ensinamentos de Tomás de Aquino. Disponível em: http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/ (acesso em: 29/10/2012).

CAPÍTULO

II

A PSICOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO A INFÂNCIA

Ao nascer, o indivíduo não traz consigo um conjunto de habilidades inteiramente desenvolvidas. À medida que cresce, ele passa a desenvolver sua inteligência e suas aptidões do organismo que estão em contínua mudança com as demandas do meio.

Para facilitar a compreensão do leitor, mostramos, de forma esquematizada, algumas das principais tarefas evolutivas da primeira infância, que vai do nascimento até aproximadamente os três anos de idade.

I – PRIMEIRA INFÂNCIA

1.1 – Desenvolvimento Motor

Durante as primeiras semanas de vida pós-uterina, ocorre um rápido aprimoramento da capacidade motora. Merval Rosa (1986) salienta que há duas habilidades motoras

fundamentais que são desenvolvidas durante a primeira infância: a postura ereta e a locomoção e também a capacidade de preensão e manipulação.

O controle motor do recém-nascido é muito precário. Sua cabeça precisa ser apoiada quando carregado no colo; ele nem consegue levantar a cabeça quando de bruços. Com um mês, a criança é capaz de mover braços e pernas sem, porém, deslocar o corpo, tendo apenas o reflexo de preensão.

Com dois meses e meio, a criança já é capaz de rastejar de bruços através de um padrão cruzado de movimentos de braços e pernas. Com sete meses, a criança é capaz de engatinhar. Ela aprende a erguer-se sobre as mãos e joelhos, movendo-se pelo chão. A apreensão já é voluntária. Com 12 meses, a criança é capaz de andar, utilizando os braços na função primária de equilíbrio. Algumas crianças alcançam esses padrões mais precocemente; outras, mais tardiamente.

1.2 – Capacidades Perceptivas

Visão: O recém-nascido não dispõe de uma capacidade visual bem desenvolvida; ele enxerga apenas se for colocado um objeto perto dos seus olhos, mas aprimora-se rapidamente.

> *“Aos 2 meses, ele começa a fixar os olhos nos objetos e pisca quando vê algo que causa ameaça se aproximando. Aos 3 meses, olha para as próprias mãos e, finalmente, aos 6 já tem uma*

visão bastante desenvolvida" (Revista "Mãe, você e seu filho", edição 29).

Audição: O bebê apresenta apenas um reflexo de estremecimento e reage aos sons mais altos. Aos dois meses e meio, ele já é capaz de dar respostas vitais a sons ameaçadores. Aos sete meses, é capaz de apreciar sons significativos.

Olfato: Após o nascimento, a criança já é capaz de reagir fortemente a alguns odores; nos primeiros meses, ela percebe os cheiros mais fortes e, ao final do primeiro ano, já identifica os odores mais suaves.

Paladar: O recém-nascido é capaz de perceber a diferença entre salgado e doce, preferindo o gosto doce, podendo também perceber a diferença entre o azedo e o amargo.

Tato: Nas primeiras semanas de vida, a criança já consegue responder a toques em quase todo o corpo, especialmente nas mãos e boca.

1.3 – Desenvolvimento Cognitivo

O desenvolvimento intelectual ou cognitivo na primeira infância é fundamental no processo do desenvolvimento humano. Foi Jean Piaget (1896–1980) quem mais se sobressaiu no assunto. Por apresentar mais clareza e profundidade, ele destacou em seu trabalho os estágios de desenvolvimento intelectual: período sensório-motor, que vai de 0–2 anos; período pré-operatório, 2–7 anos;

operatório concreto, 7–11 anos; e o pós-operatório abstrato, que vai dos 11 anos em diante.

Período Sensório–Motor

Esse estágio, que dura do nascimento ao 18º mês de vida aproximadamente, é chamado sensório-motor, pois o bebê adquire o conhecimento por meio de suas próprias ações, que são controladas por informações sensoriais imediatas. Essa é uma das razões pelas quais o ambiente preparado para o berçário na Escola Dominical precisa ser composto de bastantes estímulos visuais e auditivos. Nesse estágio, a criança busca adquirir controle motor e aprende sobre os objetos físicos que a rodeiam, conquistando, através da percepção dos movimentos, todo o universo que a cerca.

Nessa fase, “o bebê se diferencia dos objetos, procura estimulação e faz os espetáculos interessantes durarem mais; antes da linguagem, os objetos são definidos por manipulação, de forma que o objeto ‘permanece o mesmo objeto’, com mudanças de localização e ponto de vista.”

Piaget observa que, nesse período, o bebê é capaz de tomar consciência de um objeto visto de diferentes ângulos como algo duradouro, apesar de o objeto ser o mesmo de antes; daí, uma mamadeira que ele recebe, apresentada no sentido contrário, fará ele chupar o fundo da garrafa. O mesmo acontece quando o bebê é capaz de afastar um pano que esconde um objeto e passa a procurá-lo. É através dessas e de outras observações que Piaget denomina esse período de estágio sensório-motor.

A comunicação é feita inicialmente pelo choro e expressões corporais até o início da repetição de sílabas, chegando até à palavra-frase. Como a criança não aprendeu ainda a reprimir suas emoções, ela expressa-as conforme o atendimento ou não de suas necessidades básicas. A forma pela qual ela expressa suas emoções é chorando, contorcendo-se, agitando-se, esperneando e debatendo-se.

1.4 – Desenvolvimento Psicossocial

O processo de socialização é gradativo, desenvolvendo-se de acordo com cada fase evolutiva. Hilgard e Atkinson (1976) apresentam um quadro demonstrativo de oito estágios de desenvolvimento psicossocial, proposto por Erikson: do nascimento ao fim do primeiro ano, os raios de relações significativas são a pessoa materna; durante o segundo ano, os pais; do terceiro ao quinto ano, a família básica; do sexto ano até o início da puberdade, a "vizinhança" e a escola; na adolescência, grupos de colegas e grupos estranhos, modelos de liderança; no início da vida adulta, companheiros de amizade, sexo, competição, cooperação; quando jovem adulto e de meia-idade, trabalho e realização; no fim da vida adulta, "humanidade", "minha classe".

Na primeira infância, o desenvolvimento psicossocial é caracterizado pelos seguintes elementos:

Aquisição da linguagem:

A aquisição da Linguagem ocorre através da capacidade que a criança tem de repetir os sons que ouve das pessoas

que a cercam, desenvolvendo, assim, a capacidade de falar, balbuciando as primeiras palavras a partir dos seis ou sete meses.

Desenvolvimento emocional:

Como a criança não aprendeu ainda a reprimir suas emoções, ela expressa-as conforme o atendimento ou não de suas necessidades básicas. A forma pela qual ela expressa suas emoções é chorando, contorcendo-se, agitando-se, esperneando e debatendo-se.

A formação dos valores morais:

Nessa fase, ocorre o início da formação do senso moral, dos conceitos do certo e do errado. Ninguém nasce com esses conceitos formados; os mesmos são desenvolvidos através de um processo de aprendizagem no nosso contexto social.

A criança nasce desprovida de juízo moral, o que Freud chama de censura ou superego; ela, no entanto, adquire-o através de um relacionamento entre o que passa a ser determinado por outros no ambiente em que vive e a descoberta a respeito de si mesma como pessoa.

II – A IDADE PRÉ-ESCOLAR

Ao chegar à idade pré-escolar, a criança dá um importante passo para o seu crescimento interior. A vida escolar contribui para um afastamento radical do seu modo de vida anterior. Essa nova fase de sua existência caracteriza-se por mudanças abruptas. Ir à escola torna-se para a criança um dos seus maiores desafios. Deixar o lar e ficar sob a

custódia de alguém desconhecido gera, em muitas delas, uma forte tensão. As reações são as mais ávidas possíveis. Apegar-se aos pais, chorar, criar situações nos primeiros dias de aula é muito frequente.

A idade pré-escolar é considerada como um dos momentos mais importantes no desenvolvimento humano.

Merval Rosa (1986) faz a seguinte consideração:

> *Em termos da Psicologia evolutiva, a fase pré-escolar é considerada a idade áurea da vida, pois é nesse período que o organismo se forma estruturalmente, capacitado para o exercício de atividades psicológicas mais complexas como, por exemplo, o uso da linguagem articular. Quase todas as teorias do desenvolvimento humano admitem que a idade pré-escolar é de fundamental importância na vida humana, por ser esse o período em que, por assim dizer, os fundamentos da personalidade do indivíduo lançados na primeira infância começam a tomar formas claras e definidas.*

2.1 – Desenvolvimento motor

Durante a primeira infância, o processo de excitação no sistema nervoso superior não tem plena dominância sobre o da inibição; por isso, a criança precisa ser treinada, até mesmo para adquirir hábitos alimentares e higiênicos. Geralmente, os pais exercem certa pressão para ela ter controle sobre a evacuação e a micção. Na idade pré-

escolar, a criança torna-se ativa, há uma melhor coordenação no gasto de energia e um equilíbrio nas suas atividades sensoriais e motoras. Ela corre, pula, joga, sobe e desce em árvores, portões, cadeiras, janelas, etc., gosta de competições e trabalhos manuais.

Hilgard (1976) demonstra, nos seus estudos, algumas das atividades que revelam o grau de amadurecimento motor na infância:

3 anos: Mostra maior interesse no ato de despir-se. É capaz de desabotoar os botões da roupa. Ao vestir-se, não distingue a frente das costas no vestuário. Procura amarrar os sapatos, mas geralmente o faz com incorreções. Pode copiar um círculo; observa as ilustrações e a escrita de um livro; descalça os sapatos; é capaz de fazer castelos com cubos; observa o trabalho de homens e máquinas.

4 anos: É capaz de vestir-se e despir-se com pouca assistência. Distingue a frente das costas nas roupas e é capaz de colocá-las corretamente. Desenha (anotando algumas minúcias) uma casa; seus desenhos são ainda rudimentares; procura copiar seu nome e reconhece algumas letras e números.

Veste-se e despe-se com cuidado. Pode ser capaz de amarrar os cordões do sapato, embora só aos 6 ou 7 ele amarre-os sem dificuldade. Aproxima-se de um objeto com decisão e toma-o nas mãos com precisão. Brincadeiras na areia chamam a atenção dos meninos; as meninas brincam de casinha; meninos e meninas nessa idade gostam de colorir desenhos e recortar figuras de revistas. Se colocados

ante um piano, sabem manejar os dedos de modo a tocar em várias teclas.

Quando a criança chega aos 10 anos, segundo Hilgard, alcança a idade de ouro do equilíbrio, do controle dos movimentos, sendo capaz de escrever e desenhar com desenvoltura.

2.2 – Desenvolvimento cognitivo

Período pré-operatório:

Piaget (1974) chama esse período de pré-operatório, que vai dos dois aos sete anos e é subdividido em pensamento egocêntrico, que vai dos dois aos quatro anos, e pensamento intuitivo, que vai dos quatro aos sete anos.

Nessa fase, a criança desenvolve a capacidade simbólica: “já não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos, mas já distingue um significador (imagem, palavra ou símbolo) daquilo que ele significa (o objeto ausente), o significado”. O professor deve, nessa fase, trabalhar com bastantes recursos audiovisuais, explorando a capacidade lúdica da criança. É nessa etapa que ocorre o surgimento da linguagem, do desenho e da dramatização.

Essa simbolização acontece mais precisamente no primeiro estágio do período pré-operacional, quando a criança pensa de acordo com suas percepções. Por exemplo, se alguém, brincando, afirmar que é um monstro, ela pode ficar apavorada, pensando ser essa pessoa realmente um monstro. Nessa fase, a criança também tende a dar vida aos objetos e atribuir-lhes características cabíveis aos seres

humanos. Se a boneca de uma menininha, por exemplo, for machucada, ela pode pensar que a mesma esteja triste ou zangada. No estágio intuitivo, isso ocorre de forma gradativa. O professor deve ter cuidado na maneira de falar sobre temas como o Inferno, guerras, violência, a morte e o sofrimento de Cristo, etc.

A criança agora se encontra numa fase de transição para um nível de desenvolvimento intelectual mais elevado: “Aparentemente, na medida em que a criança desenvolve maior capacidade de representação mental e esquemas mais equilibrados e mais sofisticados, sua percepção dos objetos e das pessoas torna-se mais complexa. Assim é que, ao invés de concentrar sua atenção num único atributo saliente dos objetos, a criança é capaz de variar seu foco de atenção e de considerar mais de um atributo de uma só vez.”

Esse período também se caracteriza pelo egocentrismo da criança — a fase do “tudo é meu”. A criança ainda não se mostra capaz de colocar-se na perspectiva do outro, vive isolada, porém está presente no coletivo.

É também conhecida como a “Idade dos Porquês”, fase da descoberta da sexualidade e de curiosidades. O professor deve explorar essa necessidade da criança, levantando questões bíblicas que despertam a curiosidade da criança.

Nessa fase, ocorre o início da formação do senso moral, dos conceitos do certo e do errado. Ninguém nasce com esses conceitos formados; os mesmos são desenvolvidos através de um processo de aprendizagem em nosso contexto social.

A criança nasce desprovida de juízo moral — o que Freud chama de censura ou superego; no entanto, adquire-o através de um relacionamento entre o que passa a ser determinado por outros no ambiente em que vive e a descoberta a respeito de si mesma como pessoa. O professor deve, nesse período, aplicar conteúdos que venham contribuir para a formação dos valores morais e espirituais. Não devemos esquecer que a personalidade do indivíduo é formada até os sete anos de idade.

2.3 – Desenvolvimento psicossocial

Segundo a teoria freudiana, durante os primeiros meses de vida, a criança não consegue distinguir o seu “eu” do mundo exterior. A mãe passa a ser extensão sua como se fosse uma só pessoa. O eu, segundo Jersild (1981), “é composto de tudo o que entra na experiência individual. É o seu ‘mundo interior’. É um conjunto de pensamentos e sentimentos, de lutas e esperanças, de temores e fantasias de uma pessoa, de sua maneira de ser tal como é, como já foi e como poderia vir a ser, e de suas atitudes a respeito de seu próprio valor.”

Jersild (1981) admite que, aos três meses, as crianças já apresentam sinais de consciência social quando param de chorar, quando se aproximam de alguém ou quando fazem movimentos de busca para localizar um adulto que se aproxima. Além do mais, são capazes de prestar atenção à voz de outra pessoa, bem como sorrir em resposta a um olhar, ou então choramingar quando alguém se afasta de sua presença.

À medida que o tempo passa, a criança definidamente se torna uma criatura social. Fortes laços vão sendo criados entre ela e outras pessoas. Na idade pré-escolar, costuma brincar em grupos pequenos; com o passar dos anos, ela passa a concentrar-se menos no lar.

III – A IDADE ESCOLAR

A idade escolar propriamente dita ocorre a partir dos sete anos, quando a criança começa a ser alfabetizada. É uma fase que exige dela produção e ordem. É o momento em que a criança busca uma relação com novas pessoas que representam autoridade e exercita adaptação, autoafirmação.

Atualmente, o deslocamento da criança para a “escolinha” (creche) começa muito cedo, podendo acarretar alguns problemas posteriores à criança.

3.1 – Desenvolvimento Motor

Durante essa fase, a criança já tem desenvolvido fatores perceptivos, fatores de execução e coordenação motora. A atividade lúdica nesse período é fundamental para a criança. Para ela, tudo é pretexto para jogar e brincar, servindo, simultaneamente, como um teste constante às suas capacidades.

Durante essa fase, são frequentes as desarmonias entre o ritmo de crescimento físico e psíquico — aceleramento ou atraso. A escola não deve tornar-se uma sobrecarga para a criança, de modo que ela venha a reagir com insegurança,

rebeldia e ressentimento, mas, sim, um ambiente que ajude no seu desenvolvimento físico e mental.

3.2 – Desenvolvimento Cognitivo

Período das operações concretas. Essa fase vai aproximadamente dos 7 aos 11 anos. Piaget chama essa etapa da vida de "Período das operações concretas", momento em que se inicia a infância propriamente dita.

Agora, a criança já possui uma organização mental integrada. Os sistemas de ação também se reúnem de forma totalmente integrada. A criança adquire as conservações de número, substância, etc. Piaget fala em operações de pensamento ao invés de ações. Nessa fase, começa a compreensão de regras, e a linguagem torna-se socializada. O professor que tem consciência disso reforça os princípios ensinados na Bíblia que servirão de base para a vida.

Nessa idade, a criança está pronta para iniciar um processo de aprendizagem sistemática e, assim, adquire uma autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais. A grupalização com o sexo oposto diminui. A criança, que, no início do período, ainda considerava bastante as opiniões e ideias dos adultos, passa, no final, a enfrentá-los.

Nessa etapa, a criança tende a organizar-se em "bandos", geralmente com pessoas do mesmo sexo. Há uma grande disputa entre meninos e meninas nesse período; por isso, não convém colocá-los juntos na mesma classe.

3.3 – Desenvolvimento psicossocial

Nessa etapa, a criança identifica-se com os adultos fora do seu meio familiar (por exemplo, o professor). É um período em que se inicia a divisão de sexos (as meninas brincam com meninas e os meninos com meninos).

Há, também, um maior interesse nas relações afetivas e atividades sociais. As relações com os pares são instáveis, podendo utilizar, algumas vezes, a agressividade como forma de resolver problemas com outras crianças.

A criança gosta de participar de atividades em grupo e de competir, porém quer sempre ganhar nas atividades em que participa, tentando modificar as regras para satisfazer as suas necessidades.

O professor deve compreender a criança, observando cada fase do seu desenvolvimento, para aplicar, de forma correta, estratégias que alcancem cada faixa-etária de forma satisfatória.

CAPÍTULO

III

A PSICOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO - A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma das fases mais lindas da vida do ser humano, porém a mais complexa. O adolescente começa a entrar no mundo dos adultos através do crescimento e das mudanças do seu corpo e, posteriormente, através de suas capacidades e de seus afetos.

I – O DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA

Um dos grandes segredos do sucesso de trabalho com adolescentes está na compreensão dessa fase da vida. As mudanças são típicas da adolescência, e nós precisamos entendê-las.

A intensidade e a frequência dos processos orgânicos vivenciados pelo adolescente podem obrigá-lo à realização de rápidas modificações no seu estado emocional.

1.1 – Desenvolvimento motor

Dos 10 aos 12 anos, a criança atinge a puberdade, que é o início da adolescência.[7] Nessa fase, o crescimento anual é em torno de 10 cm, com acompanhamento no peso corporal de 9,5 kg em média. Depois desse período, o crescimento anual decresce e fica entre 1 cm e 2 cm ao ano, assim como o peso corporal é situado em torno de 5 kg. A última fase do desenvolvimento caracteriza-se por atingir a estatura máxima do indivíduo.

Durante a puberdade, o indivíduo alcança a melhor idade para a aprendizagem motora, com melhorias nos níveis de força, rápida maturação morfológica e funcional e, também, maturação labiríntica. A união desses elementos dá condições ao pleno desenvolvimento motor.

Dos 12 aos 15 anos, ocorre uma grande variação no comportamento psicológico, com intensa instabilidade emocional, apesar do alto nível intelectual. O crescimento é desproporcional, provocando problemas de coordenação motora.

A estabilidade só virá na pós-puberdade, que vai dos 15 aos 19 anos. Nesse período, ocorre a harmonia das proporções corporais, acompanhada da melhoria da coordenação motora, com óbvios reflexos sobre a plasticidade esportiva. Há um aumento mais expressivo na força muscular, possivelmente provocado pela estabilidade e regularização hormonal e psíquica, culminando na treinabilidade máxima possível.

1.2 – Desenvolvimento cognitivo

O adolescente é capaz de lidar com conceitos como liberdade, justiça, etc. Também consegue tirar conclusões de hipóteses puras. O alvo de sua reflexão é a sociedade, sempre analisada como passível de reforma e transformação. É na adolescência que o indivíduo atinge o ápice do seu desenvolvimento cognitivo.

Período Operatório Abstrato:

Piaget chama essa fase de Período Operatório Abstrato, fase iniciada a partir dos 11 anos em diante em que ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. A criança liberta-se inteiramente do objeto, inclusive o representado, operando, agora, com a forma (em contraposição a conteúdo), situando o real em um conjunto de transformações. É considerada fase de abertura a todas as possibilidades, e a criança absorve o nível lógico-matemático. Em grupos, estabelece relações de cooperação e reciprocidade.

O professor deve explorar o potencial intelectual do adolescente, levando-o ao uso do raciocínio, estimulando-o à descoberta de enigmas e à pesquisa de temas curiosos e atrativos do interesse dele.

1.3 – Desenvolvimento psicossocial

Na adolescência, o indivíduo possui uma grande necessidade de vivência em grupo, assim como uma necessidade de autorrealização no grupo ao qual ele está inserido. É comum o adolescente querer participar de uma comunidade (grupo), assim como desenvolver trabalhos em

grupo. É importante facultar-lhe esse direito. A convivência num grupo é fator preponderante na definição da identidade do indivíduo. A identidade do adolescente é definida em termos da realidade social, ou, ainda, através das respostas para as questões existenciais, tais como: “Quem sou eu?”, “Qual o sentido da minha vida pessoal?”, “Qual o meu destino?”. A resposta será, evidentemente, uma questão pessoal, idealmente caracterizada por carência de ambivalência e contradições internas.

II – CARACTERÍSTICAS DA ADOLESCÊNCIA

O adolescente passa por uma série de mudanças significativas em sua vida. Apresentamos, a seguir, as principais características dessa fase da vida que precisam ser consideradas por aqueles que trabalham com adolescentes.

2.1 – Aspectos físicos

Durante a puberdade, o adolescente passa por uma série de mudanças estruturais e fisiológicas de consequência permanente na vida. Essas mudanças podem levá-lo a sentir-se, muitas vezes, acanhado, complexado ou mesmo com medo de tudo o que está acontecendo.

Nessa fase, cada parte do seu corpo desenvolve-se com mais rapidez do que em qualquer outra fase da vida. Em um ano, é possível ele aumentar 12 cm de altura e ganhar, pelo menos, de 10 kg a 12 kg. Há um desenvolvimento rápido do sistema circulatório, dos pulmões, ossos e músculos.

O crescimento nessa fase é desproporcional. Certas áreas atingem seu tamanho normal mais cedo que outras. Crescem principalmente os pés, as mãos e o nariz. Isso resulta numa perda parcial da coordenação motora, tornando-o desajeitado ou desengonçado.

Como todo o resto do corpo, a pele também passa por importantes mudanças durante a puberdade. Uma das coisas que deixa às vezes o adolescente encabulado são aquelas espinhas e cravos que aparecem no seu rosto. Isso acontece porque as glândulas sebáceas sofrem uma modificação e passam a produzir sebo e óleo para a pele. Quando os canais (poros) — através dos quais o óleo é conduzido ao exterior da pele — estão bloqueados, os canais ficam cheios, inflamam e estouram.

Outra dificuldade pela qual o adolescente passa é a mudança na voz. De quando em quando, sua voz deixa-o embaraçado, transformando-o em fonte de divertimento para os outros, principalmente se o adolescente é do sexo masculino.

Outra mudança que ocorre na puberdade, talvez a mais importante delas, é o amadurecimento dos órgãos de reprodução. Quando esses alcançam a capacidade de funcionamento adulto, a puberdade foi atingida. Ao chegar à pré-adolescência, aproximadamente aos 10 ou 11 anos, as glândulas sexuais chamadas gônadas (no menino, os testículos, e na menina, os ovários) produzem hormônios que são responsáveis pelas características sexuais secundárias, ou seja, pelo surgimento dos pelos nas axilas, dos pelos pubianos, além da barba e do bigode no menino e

o crescimento das mamas e o alargamento do quadril na menina.

Nessa fase, ocorre a Semenarca (primeira ejaculação), relativa aos meninos, e a Menarca (primeira menstruação), relativa às meninas.

2.2 – Aspectos emocionais

Para alguns estudiosos, nessa etapa de “explosão” hormonal, a intensidade e a frequência dos processos orgânicos que o adolescente vivencia podem levá-lo a modificações no seu estado emocional. Nessa fase, é normal certo nervosismo, momentos de impulsividade e ataque de mau humor, principalmente nos meninos, e certo grau de sensibilidade e romantismo nas meninas.

Nessa fase, também é bastante comum a timidez, principalmente na pré-adolescência, provocada pelo medo de não serem aceitos, pelo medo da crítica (preocupam-se com o que os outros pensam a seu respeito) e pela dificuldade de adaptação a novas situações que os cercam. Muitos não conseguem alcançar um grau de ajustamento nessa fase, tornando-se cheios de complexos, principalmente pelo chamado complexo de inferioridade.

A timidez geralmente tende a diminuir com o tempo e também com a adaptação do adolescente às novas situações. Existem algumas maneiras de ajudar o adolescente a enfrentar a timidez:

- Aceitá-lo como ele é;
- Respeitar a sua maneira de ser;

- Não o expor a situações constrangedoras;
- Atribuir-lhe tarefas que o forcem a evoluir por si mesmo;
- Incentivá-lo a autoaceitar-se, a gostar de si mesmo e a conviver de forma mais equilibrada com os outros.

2.3 – Aspectos sociais

Na adolescência, há uma grande necessidade de o indivíduo conviver em grupo, visto que o processo de inter-relação grupal é fator importante na definição da sua identidade. É comum o adolescente querer participar de uma comunidade (grupo), assim como desenvolver trabalhos em grupo. É importante facultar-lhe esse direito.

Os adolescentes querem conquistar seu espaço. Isso significa que eles precisam ser aceitos na sociedade à sua volta. Nessa fase, o grupo de iguais tem sobre eles muito mais influência que a família.

- Os líderes e os professores devem, contudo, mostrar-lhe o perigo das más companhias e dos maus ambientes. Devem também proporcionar um ambiente acolhedor na igreja, para que se sintam seguros e tenham prazer de estar na igreja. Quando alguém prefere amizades com pessoas não cristãs, acaba perdendo os bons princípios que aprendeu, caindo muitas vezes na armadilha do Diabo.
- Isso não ocorre imediatamente, mas de uma forma tão sutil que a pessoa não é capaz de perceber o

abismo a sua frente.

Nessa fase, o adolescente busca uma autonomia emocional e social. Devemos entender que este não é mais uma criança e não aceita ser manipulado pelo adulto, principalmente pelos pais. Não podemos tratá-lo como um robozinho que faz apenas as coisas do nosso jeito.

Sua necessidade de emancipação leva-o a desvencilhar-se dos vínculos do lar. Os sentimentos anteriores de carinho e afeição para com os pais durante a meninice são, agora, prontamente dirigidos para as pessoas do seu grupo de convivência. Eles não deixam de amar os pais; só tendem, porém, a tornarem-se emocional e socialmente distantes deles, fazendo muitas tentativas para obter e manter afeição, confiança e estima do seu grupo etário.

O adolescente começa a ignorar os modelos tomados pelos pais durante a infância, não querendo mais ser igual a ninguém; ele quer agir do seu modo e reage às obrigações impostas por tradição ou por autoridade. Ele também desconfia da razão dos adultos — ainda que não tenha confiança nas suas próprias conclusões — e quer ter o direito de manifestar suas opiniões.

Não podemos ser radicais, principalmente quando estivermos lidando com adolescentes. Não devemos usar apenas a proibição; é mais eficaz dar e dividir responsabilidades para a vida (Ef 6.4 e Cl 3.21) e conscientizá-los quanto ao permitido e ao conveniente, a repercussão de suas atitudes e decisões. A arte de conscientizar observando pontos favoráveis e desfavoráveis ajuda o adolescente a decidir sobre o que fazer (1 Co

10.23). O adolescente tenderá a aceitar melhor a disciplina quando essa for aplicada com razão, sempre com base nas características diferentes da criança, com filosofia de vida própria à sua idade.

2.4 – Aspectos espirituais

Os valores formados durante a infância passam a fazer parte da personalidade do indivíduo. Na adolescência, entretanto, o indivíduo passa por um processo de reorganização desses valores. Muitos conceitos, atitudes e práticas de natureza moral e religiosa passam a ser questionados. Por isso, o adolescente sente-se cobrado, incompreendido e acha que os pais estão ultrapassados.

Nessa fase, é fundamental levá-lo a familiarizar-se com a Bíblia, a Palavra de Deus, que é um manual prático de ensinos morais e espirituais: "*Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça*" (2 Tm 3.16).

O líder e professor precisam, inicialmente, distinguir valores morais e espirituais das atitudes que fazem parte da adolescência. As mudanças de comportamento nem sempre estão relacionadas a um abandono dos valores ensinados. Às vezes, quando interpelado, esperamos que o adolescente tenha as mesmas atitudes da infância. A criança geralmente obedece. Mesmo não aceitando a imposição dos pais, ela chora, resmunga, mas rende-se e age de acordo com o que os pais desejam. O adolescente, ao contrário, se não concordar com o que está sendo determinado, é capaz de

enfrentar os pais ou aqueles que estão impondo as exigências.

A igreja deve pensar a respeito das questões relacionadas à formação de um caráter cristão. Há necessidade de um nível mais elevado de instrução da Palavra de Deus nas coisas básicas da vida cristã. É imprescindível reconhecermos a necessidade de formar valores morais e espirituais.

Há, pelo menos, três princípios básicos que devem ser desenvolvidos no lar e na igreja que farão a diferença em suas vidas:

1. Princípio do temor a Deus. Temor é sinônimo de respeito e reverência a Deus. Quando conseguimos enxergar esse princípio, descobrimos uma maneira diferente de viver. O temor a Deus dá um significado diferente à vida cristã. O temor está ligado à obediência. A obediência é um princípio vital e indispensável à vida cristã, que está relacionada ao temor. A Bíblia afirma: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; bom entendimento têm todos os que lhe obedecem [...]” (Sl 111.10).
2. Princípio da responsabilidade. A responsabilidade está ligada à formação do caráter. Ser responsável é aprender a subordinar seus desejos e inclinações à ordem moral e à vontade de Deus. Devemos ensinar o adolescente a ter responsabilidade em todas as coisas e a pensar sempre, antes de agir, nas consequências advindas das suas decisões.
3. Princípio do compromisso com Deus e sua Palavra. Precisamos ajudá-lo a descobrir o valor da Palavra de Deus

e a assumir o compromisso em cumpri-la no seu dia a dia.

Voltaremos a abordar esses mesmos princípios no capítulo que falamos sobre a formação dos valores morais e espirituais nos filhos.

III – AJUDANDO O ADOLESCENTE A CONSTRUIR RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS

Durante a fase da adolescência, definimo-nos como pessoa quanto à conduta, gostos, escolha profissional, etc. O grupo de convivência tem uma importância muito grande nessa definição.

Algumas vezes, há circunstâncias que levam o adolescente à má formação de sua personalidade. Essas circunstâncias afetam principalmente a definição da sua identidade, levando-o a expressar-se:

2. Por meio de uma identidade negativa. Isso acontece quando houve transtornos na aquisição da identidade infantil. A necessidade de adquirir uma identidade concreta leva a pessoa a recorrer a um tipo de identidade negativa. É como se a pessoa, inconscientemente, preferisse “ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada”.

3. Por meio de uma pseudo-identidade. São manifestações ou expressões de uma identidade falsa ou de um comportamento do que se queria ou poderia ser,

escondendo a verdadeira identidade. Isso é decorrente de uma não aceitação da sua própria identidade.

4. Por meio de uma identidade transitória. É aquela que se manifesta temporariamente, dependendo da circunstância. Por exemplo, a pessoa apresenta uma postura machista enquanto está num determinado grupo; ao sair dali, sua postura passa a ser diferente. Alguns exemplos de identidades transitórias são: o jovem machista, o jovem infantil, o jovem muito sério, muito adulto, etc.

Existem outros tipos de identidades, tais como: identidade ocasional, identidade circunstancial. Nosso intuito é mostrar como pastores e líderes podem ajudar o adolescente a adquirir uma identidade saudável a partir do cultivo de bons relacionamentos.

3.1 – A importância do grupo na definição da identidade

A convivência em um grupo é fator fundamental na definição da identidade do indivíduo. Todo ser humano sente a necessidade de conviver em grupo. É aceitável querer ficar só temporariamente para desligar-se de tudo, porém gostar de estar sozinho, não para relaxar, pode ser sinal de problemas emocionais.

A lealdade do grupo é algo cultivado nessa fase da vida. O adolescente passa a influenciar e ser influenciado diretamente por seu grupo de convivência, quanto ao uso de roupas, penteados, linguagem, ou até mesmo em determinadas escolhas ou decisões que venha a tomar.

A necessidade da convivência num grupo expõe-no ao perigo das más companhias, pois, na maioria das vezes, quando alguém não faz parte de um grupo dentro da igreja, será tentado a ingressar noutro lá fora.

É imprescindível a busca de um grupo saudável na igreja para sua convivência. A Bíblia é explícita quando afirma: “Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes” (1 Co 15.33). Quando alguém prefere amizades com pessoas não cristãs, pode acabar perdendo os bons princípios que aprendeu, caindo muitas vezes na armadilha do Diabo. Isso não ocorre imediatamente, mas de uma forma tão sutil que a pessoa não é capaz de perceber o abismo à sua frente.

Vejamos o que ocorre com o jovem cristão que se torna amigo íntimo de alguém não crente: primeiramente, ele começa a acompanhá-lo para festinhas, encontros, ou lugares diferentes do seu cotidiano. Logo após, ele passa a confidenciar seus problemas a essa pessoa e, em seguida, deixa de estar na igreja para estar com ela. Em seguida, já não consegue mais ceder às pressões dessa pessoa ou do seu grupo, passando a aceitar determinadas coisas erradas, apenas para não desagradar o “amigo” ou então para não se tornar diferente dos demais no grupo. Nesse momento, seus pais ou amigos da igreja já são vistos como “*ultrapassados*”, “caretas” ou “*fanáticos*”. Como consequência, ocorre uma perda do sentido da vida cristã, uma frieza espiritual e perda da comunhão com Deus. A pessoa abandona a Cristo e cai na armadilha do Diabo,

tornando-se muitas vezes escrava dos vícios, das drogas, da prostituição, etc.

O adolescente identifica-se e sente-se aceito no grupo e, por isso, estabelece-se nele. O líder e o professor podem canalizar essa necessidade gregária para grupos dentro da igreja, como a EBD, o Departamento de música, o teatro, a coreografia, etc.

3.2 – Construindo relações saudáveis

É necessário fornecer os meios para o desenvolvimento de relações saudáveis entre os adolescentes. Utilizando alguns procedimentos simples, podemos conseguir ótimos resultados no relacionamento com eles. Apresentamos algumas sugestões que podem fazer a diferença na vida dos seus alunos:

1. Desenvolva um bom relacionamento com o(s) seu(s) aluno(s). O líder e o professor precisam compreender o adolescente, procurando ouvi-lo, sendo cordiais, tendo respeito e amor, sendo empáticos, colocando-se sempre no lugar dele, tornando-se um modelo e criando um vínculo afetivo. Assim, eles exercerão influência sobre sua vida.

2. Não o reprima ou o critique. Ouça-o antes de emitir os próprios conceitos, mesmo quando você perceber que ele está errado. Confronte-o com a verdade bíblica para que haja arrependimento. Sempre apoie seu posicionamento com a Palavra de Deus.

3. Leve-o a participar das atividades da Igreja. Ajude o adolescente a entrosar-se nas atividades de grupo da sua igreja, tais como: grupos musicais, jograis e representações, encontros de adolescentes, confraternizações, acampamentos, etc. O desenvolvimento de atividades extraclasse, como festinhas, dinâmicas de grupo, aniversários, correio elegante, sorteios, etc., ajudam a melhorar o relacionamento interpessoal do grupo.

4. Mostre-lhe os perigos das más companhias. Alguns adolescentes cometem um erro fatal ao acharem que nada de mal acontecerá a eles por possuírem amizades com pessoas não crentes.

Vejamos o pensamento equivocado de alguns deles:

- Não me deixarei ser influenciado por coisa alguma.
- Ganharei os meus amigos não crentes para Cristo se sair com eles.
- Meus amigos não crentes só irão à igreja comigo se eu também sair com eles.
- Sou bastante forte para resistir à tentação.
- Meus amigos não cristãos são muito bons.
- Meus amigos gostam de pessoas crentes.
- Meus amigos não crentes são melhores do que muitos jovens da igreja.
- Os jovens da igreja não se importam comigo.

- Não existe espaço na igreja para mim.

3.3 – A formação de um caráter cristão

Deus muda a identidade e o caráter. Mas, para isso, é necessária uma ação do Espírito Santo de Deus.

Um dos pré-requisitos básicos para que haja uma mudança de identidade é o cultivo do Fruto do Espírito. O Fruto do Espírito é formado de nove elementos que fazem parte do caráter de Deus e que passa a ser implantado no nosso caráter: "*Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança*" (Gl 5.22).

Quando alguém cultiva o Fruto do Espírito, este alguém recebe uma mudança de caráter, tornando-se uma pessoa diferente: "*Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo*" (2 Co 5.17)

O líder deve, efetivamente, verificar as necessidades mais evidentes do seu grupo, conduzindo-o a Cristo e ajudando-o no desenvolvimento de relações saudáveis de uma vida cristã genuína.

Faça sua parte nesse profícuo ministério. Deixe o Espírito Santo guiá-lo, e os resultados serão garantidos por Deus.

---

[7] A palavra puberdade, originalmente "púbere", significava "pelos". Como nessa fase surgem os pelos na região pubiana (virilha), o termo puberdade passou a ser usado para descrever a fase de mudanças corporais (crescimento, desarranjos na pele, amadurecimento dos órgãos sexuais, etc.) que acontecem a partir dos 11 ou 12 anos.

CAPÍTULO

IV

A PSICOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO JOVENS, ADULTOS E TERCEIRA IDADE

As teorias da Psicologia sobre o desenvolvimento humano referem-se mais predominantemente à criança e ao adolescente, não tendo estabelecido, na verdade, uma Psicologia consistente para o adulto.

Temos uma limitação considerável em relação a textos produzidos sobre os processos de construção e conhecimento e aprendizagem dos adultos.

A idade adulta tem sido tradicionalmente interpretada como um período de estabilidade e ausência de mudanças. Os autores consideram essa fase como uma etapa substantiva do desenvolvimento.

Os fatores culturais são preponderantes nessa fase, na definição das características da vida adulta:

> *Se cada período da vida é suscetível de se identificar com uma série de papéis, atividades e relações, não há dúvida de que a entrada no mundo do trabalho e a formação de uma unidade familiar própria são identificadas como papéis, atividades e relações da maior importância, a partir do final da adolescência. [...] A forma como esses dois fenômenos ocorrem] e as expectativas sociais em torno deles são claramente dependentes em relação a fatores históricos, culturais e sociais. (Palacios, 1995).*

Segundo estudos da Psicologia, o funcionamento intelectual das pessoas mantém um bom nível de competência cognitiva até a idade avançada. O que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa. Fatores como saúde, educação, experiência profissional e a motivação da pessoa são determinantes nesse processo. (Palacios, 1995)

I – O ADULTO JOVEM

Essa fase vai dos 20 aos 40 anos aproximadamente, sendo considerada a mais importante no que diz respeito ao indivíduo e à sociedade. Nessa faixa etária, o indivíduo começa a assumir plenamente as funções que a sociedade espera do ser adulto. É, portanto, uma fase de desenvolvimento caracterizada por uma série de mudanças

significativas, bem como uma série de importantes ajustamentos pessoais e sociais.

1.1 – O jovem solteiro

O jovem vive um momento decisivo em sua vida. Algumas decisões e escolhas importantes são realizadas nessa fase da vida, como: seguir uma carreira profissional; escolher alguém para se casar; decidir onde morar no futuro, etc. Essas escolhas começam na adolescência, mas, geralmente, são concretizadas no início da idade adulta.

Quando o ser humano chega à adolescência, sente necessidade de planejar o seu futuro. A sociedade fixa metas altas e ambiciosas, deixando-os embaraçados e inseguros. Essas escolhas e decisões são determinantes na vida futura do jovem; uma escolha errada poderá ser irreversível e trazer consequências drásticas para o resto da sua vida. Por isso, é fundamental a orientação divina nos momentos decisivos da vida.

O líder e o professor da EBD têm um papel preponderante nesse processo. Suas aulas podem servir como um meio de orientação, capaz de ajudar o jovem a dirimir suas dúvidas acerca das difíceis escolhas que tenha de fazer. Assuntos como namoro, sexualidade, carreira profissional, etc. devem ser discutidos abertamente.

1.2 – O jovem adulto e o casamento

A maioria das pessoas casa-se e tem filhos nesse período da vida. O casamento exige a adoção de novos papéis, a

aceitação do outro e a adaptação a esse outro. É uma fase totalmente nova, fascinante e reprodutiva.

São comuns nessa fase da vida as dificuldades entre cônjuges, às vezes provocadas pela imaturidade ou decepção causada pelo fato de o(a) companheiro(a) não corresponder às esperanças que foram postas nele(a).

Muitos conflitos no lar estão relacionados ao desempenho incorreto de papéis. Quando assumimos corretamente o nosso papel e aceitamos a vontade de Deus em nossas vidas, contribuímos para o ajustamento da nossa família. Há situações em que a mulher ou o homem assume dupla função, tornando mais árdua a sua tarefa. São os casos de viúvos, mãe ou pai solteiro e divorciados.

A igreja pode assistir pessoas dessa faixa etária por meio da Escola Bíblica Dominical, que deve cumprir o seu papel, trabalhando as dificuldades de cada faixa etária, ensinando e edificando o aluno, levando-o a cultivar uma vida mais saudável, física, emocional, social e espiritualmente.

1.3 – O jovem adulto e o mundo do trabalho

O jovem adulto inicia-se no mundo do trabalho e das relações interpessoais. Nesse período, começa a fase da ascensão profissional e social. Surgem, no entanto, conflitos de autoafirmação e a adaptação nas relações com superiores e subordinados, a aceitação das normas competitivas, o desempenho simultâneo de papéis diversos (profissão, família, tempo livre, etc.). É o momento em que o indivíduo estabelece os padrões típicos de comportamento

que, em condições normais, acompanhá-lo-ão pelo resto da vida.

O adulto jovem é também caracterizado por certo isolamento social. Surge, então, a necessidade de dar atenção à própria família. O indivíduo não tem muito tempo para a vida social fora do ambiente do lar. Em muitos casos, porém, esse isolamento social deve-se a um curioso fator relacionado ao nível de ambição pessoal. Aqueles que desejam ardentemente subir os degraus sociais e alcançar postos na vida profissional econômica, via de regra, concentram todas as suas energias nessa direção e, consequentemente, não têm tempo para o convívio social, a não ser para as atividades que possam contribuir para sua promoção pessoal.

1.4 – Mudanças no sistema de valores

Outra questão bastante relevante envolve as mudanças no sistema de valores pessoais. Liberais tornam-se mais conservadores nesse período. Adeptos teóricos do amor livre mudam de posição quando suas filhas chegam à adolescência.

Ocorre, ainda, uma mudança significativa no campo dos interesses pessoais. Nessa fase, o indivíduo atinge o período áureo de sua existência, caracterizado pela agilidade, rapidez e força. Até os 30 anos, o tônus muscular e a força atingem o ponto máximo. A partir daí, o ser humano começa gradativamente a apresentar os primeiros sinais de envelhecimento. Pouco a pouco, o tônus muscular, a força, a

agilidade, bem como o tamanho do corpo, vão diminuindo. O indivíduo tende à obesidade e ao excesso de gorduras.

II – A MEIA-IDADE

A meia-idade é um período da vida que vai dos 40 aos 60 anos. Alguns teóricos consideram essa época da vida como a idade da maturidade. Durante essa fase, especialmente se atentarmos para o sentido psicológico do termo “maturidade”, observamos que o indivíduo geralmente desenvolve uma visão realista de si mesmo, uma imagem ideal e de como os outros o percebem.

A maturidade do indivíduo vai além do aspecto físico. Significa assumir uma atitude realista diante das mudanças que ocorrem interiormente, bem como a respeito dos ideais e objetivos da vida.

2.1 – Características da meia-idade

Muitos fatores caracterizam a meia-idade. Comumente, após os 40 anos, a pessoa deixa de encarar a vida em termos da data em que nasceu, passando a preocupar-se com o tempo que lhe resta para viver. Para alguns, essa fase é bastante apavorante, principalmente por causa dos estereótipos criados em torno dela. Existe, por exemplo, a crença tradicional a respeito da deterioração física e mental que acompanha a cessação da capacidade reprodutiva.

A meia-idade é vista como uma fase de transição entre a juventude e a velhice. É considerada por Hurlock[8] “uma idade perigosa”, pois, em virtude de a vida estar passando rapidamente, o homem pode querer aproveitá-la o máximo

que puder. Nessa fase, há também maior incidência de infidelidade conjugal e o abuso do álcool. Outra situação que justifica o pensamento de Hurlock é o esgotamento físico resultante do excesso de trabalho, comida, bebida ou atividade sexual.

Essa fase também se caracteriza pela época das realizações. A sociedade moderna pode ser orientada pelos valores dos jovens, mas é, na verdade, controlada pelo adulto da meia-idade; é ele quem, de fato, manda na situação. Esse também é o período em que a liderança da indústria no comércio e na comunidade representa a recompensa pelas realizações individuais.

2.2 – A crise da meia idade

Durante essa fase da vida, modificações internas e ambientais combinam-se e deságuam num período de crise. Collins (1984) apresenta algumas dessas crises em sua obra “Aconselhamento Cristão”.

a) Tédio:

A rotina diária do trabalho, do lar ou igreja, as visitas obrigatórias a parentes maçantes, as constantes frustrações diárias (ou seja, uma casa que sempre precisa de conserto, contas mensais a serem pagas, chefes que devem ser agradados); tudo isso contribui para estabelecer uma rotina tediosa.

b) Fadiga:

Depois de duas décadas de trabalho, é fácil ficar cansado, especialmente quando se reflete sobre o quanto falta para

chegar à aposentadoria. Alguns homens e mulheres não realizaram muito até então e, por isso, tentam esforçar-se a fim de provar seu valor. Tal esforço extra é exigido numa situação em que a vitalidade física começa a dar sinais de falha. Não é de se surpreender que alguns entram em colapso físico ou emocional, enquanto outros começam a pensar em maneiras de escapar para conseguir algum descanso.

c) Mudanças físicas:

Numa sociedade em que a juventude é supervalorizada, há certa resistência às modificações físicas da meia-idade, porque estas revelam que estamos envelhecendo, e isso de maneira bem visível a todos. Cabelos grisalhos, calvície, pele mais grossa, rugas em torno dos olhos, juntas endurecidas, menor flexibilidade nos movimentos e mudanças na estrutura corporal. A mulher, além de tudo isso, ainda enfrenta o problema da menopausa, assinalando a cessação das funções biológicas. Todas essas mudanças que ocorrem na meia-idade tornam-se fontes de conflito tanto para o homem como para a mulher.

d) Medo:

À medida que a pessoa de meia-idade enfrenta transformações físicas, ela observa o envelhecimento dos pais e os esforços dos amigos da mesma idade, e vários temores começam a aparecer. Para alguns, trata-se do primeiro encontro com medo da morte. Muitos temem perder seu poder de atração, manter a autoridade sobre os filhos ou continuar desejável aos olhos do cônjuge. Outros

receiam que pessoas mais jovens venham a substituí-los no trabalho ou que a vida perca o significado. Outros ainda imaginam se irão tornar-se rígidos, incapazes ou desmotivados. Existe também o medo de perder a atividade e a atração sexual. Isso cria, às vezes, tensão nos momentos mais íntimos, e a temida incapacidade de consumar o ato sexual transforma-se em dura realidade.

Diante das crises enfrentadas na meia-idade, há uma tendência à manifestação de conflitos emocionais internos, revelados, muitas vezes, num comportamento explosivo, irritadiço, impaciente, em que a pessoa vive a queixar-se e preocupar-se com inúmeras pequenas coisas, além do trabalho ou família, inclinando-se a culpar os outros por seus próprios problemas, etc.

III – A VELHICE

A terceira idade inicia-se aos 60 anos. É, provavelmente, o estágio mais doloroso da vida humana. Muitos acreditam que a velhice é sinônimo de doença e fraqueza.

Naturalmente, com o avanço da idade, a memória começa a falhar e, em face disso, muitos passam a admitir que não conseguem aprender mais nada e que suas habilidades intelectuais entraram em declínio inevitável. Por conta dessa imagem, o idoso acredita não mais ser criativo e priva-se de muitas atividades, temendo o fracasso e a censura. Essa atitude, quase sempre, leva o idoso ao isolamento e à sensação de ser rejeitado pelas gerações mais jovens.

Estar preparado física e espiritualmente para a velhice, removendo os obstáculos da vida, mantendo-se ativo e com a mente ocupada, permite um envelhecer sem sofrimento. Ser velho não deve significar ser inútil; pelo contrário, significa experiências acumuladas.

As pessoas que conseguem superar o medo de envelhecer encaram a terceira idade como qualquer outra fase da vida, cheia de desafios a enfrentar. Ao analisarmos a velhice na Bíblia, constatamos que o idoso não é abandonado ou rejeitado por Deus. No livro do profeta Isaías, lemos que Deus está com os seus até a velhice: "*E até à velhice eu serei o mesmo e ainda até às cãs eu vos trarei; eu o fiz, e eu vos levarei, e eu vos trarei e vos guardarei*" (Is 46.4).

O homem, mesmo na velhice, tem o seu valor na Bíblia: "*Na velhice ainda darão frutos; serão viçosos e florescentes*" (Sl 92.14). Lemos acerca de homens como Abraão, Moisés, Simeão e outros que, ainda na velhice, realizaram trabalhos magníficos que, ainda hoje, têm para nós um grande significado.

Para que ocorra um envelhecimento sem frustrações, faz-se necessário que o idoso continue desempenhando tarefas relativamente bem distribuídas, de forma a manter ocupada a mente e o físico, desfrutando das potencialidades que ainda lhe restam.

---

[8] Hurlock, E.B. Psicologia Desenvolvimental. McGraw-Hill. 1975.

2ª Parte

O Desenvolvimento da Personalidade

Capítulo V - O que É Personalidade
Capítulo VI - A Formação da Personalidade
Capítulo VII - Distúrbios da Personalidade
Capítulo VIII - Distúrbios da Personalidade Versus Possessão Demoníaca

CAPÍTULO

V

O QUE É PERSONALIDADE

Existem centenas de definições de Personalidade. Allport (1974), um dos mais conceituados teóricos do assunto, relaciona não menos de 50 dessas definições, obtidas na Filosofia, na Teologia, no Direito, na Sociologia, etc.

Krech e Crutchfield (1963) mostram que o termo personalidade é muito abrangente.

> *Essa definição inclui os traços, as habilidades, as crenças, as atitudes, os valores, os motivos e as formas habituais de ajustamento do indivíduo. Inclui o que denominamos temperamento — as reações emocionais típicas, os estados de humor, as características de vigor da pessoa — assim como o que, numa terminologia mais antiga, se denominava caráter, isto é, a concepção moral e a conduta do indivíduo. E mais do que isso, a definição inclui a síntese de todos esses aspectos — a maneira peculiar pela qual os traços, as habilidades, os motivos e os valores se organizam na pessoa.*

1 – PRINCIPAIS DEFINIÇÕES DE PERSONALIDADE

Allport, de maneira ampla, agrupa a definição de personalidade em três classes: definições de efeitos externos, de estrutura interna e positivista.

1. Efeito Externo

- A soma total do efeito provocado por um indivíduo na sociedade.
- Hábitos ou ação que conseguem influir em outras pessoas.
- Respostas apresentadas pelos outros ao indivíduo, considerado como estímulo.
- O que os outros pensam de você.

Através de efeitos externos, as definições apresentam uma visão social ou “externa” da personalidade. Apenas enfoca o aparente ou então aspectos que causam a impressão em outras pessoas. Nesse caso, personalidade é confundida com reputação. “Evidentemente, a impressão no desenvolvimento de nossas personalidades”.

2. Estrutura Interna

Personalidade é:

- A soma total de todas as disposições biológicas inatas, impulsos, tendências, apetites e instintos do indivíduo, bem como as disposições e tendências adquiridas por experiência.
- A organização mental total de um ser humano em qualquer estágio de seu desenvolvimento. Abrange todos os aspectos do caráter humano, do intelecto, do

pensamento, da habilidade, da moralidade e todas as atitudes constituídas durante a vida da pessoa.

- O conjunto organizado de processos e estados psicológicos que pertencem ao indivíduo.
- Um esquema unificado de experiência, uma organização de valores que são mutuamente consistentes.

Através da Estrutura Interna, as definições prendem-se exclusivamente à organização interior. São definições mais estruturais, aceitas por quase todos os filósofos.

3. A Opinião Positivista

Personalidade é:

- A conceitualização mais adequada do comportamento de uma pessoa, considerada em todos os seus pormenores, e que um cientista pode dar em determinado momento.

Os teóricos da opinião positivista discordam das definições essencialistas. Segundo esses teóricos, a personalidade interior é um mito. Eles sustentam que é impossível conhecermos a "unidade dinâmica multiforme" que realmente "existe", e que apenas podemos ter opiniões a respeito, ou seja, quando muito, "conceitualizá-la".

Como acabamos de ver, um dos mais difíceis conceitos na Psicologia é a personalidade. Na verdade, não existe uma definição correta ou incorreta. Algumas, apenas, estão mais completas que outras. Allport apresenta uma definição "essencialista" de personalidade, tratando-a como uma unidade "existente na pessoa" e que tem uma estrutura própria: "A

personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos.”

De acordo com a definição de Allport, a organização da personalidade supõe o funcionamento em unidades inseparáveis de “mente” e “corpo”; a personalidade é e faz algo, ou seja, existem tendências determinantes que exercem uma influência diretamente em todos os aspectos expressivos e de ajustamento. Através de sua personalidade, o indivíduo ajusta-se ao ambiente e reflete a respeito dele. O comportamento e o pensamento permitem a sobrevivência e o crescimento.

Para facilitar a compreensão do assunto, abordaremos distintamente os termos personalidade, caráter e temperamentos.

II – PERSONALIDADE E CARÁTER

O termo personalidade e sua raiz vêm do latim clássico “*persona*” que, segundo os eruditos, significa máscara. Personalidade é o resultado de um reduto inato de características básicas, acrescido de experiências vividas, que pressupõe a possibilidade de um indivíduo diferenciar-se de outro.

O termo *caráter* vem de um verbo grego que significa gravar. É muitas vezes usado como sinônimo de personalidade. Caráter é a marca de uma pessoa — seu padrão de traços ou seu estilo de vida. É aquilo que guia nosso comportamento de acordo com os valores e princípios adequados.

Os psicólogos europeus preferem usar a expressão caráter, enquanto os americanos preferem personalidade. Isso torna-se visível à medida que, na Europa, é usado frequentemente o termo caracterologia, mas isso ocorre raramente nos Estados

Unidos. Os psicólogos americanos escreveram muitos livros com o título de personalidade, porém poucos com o título de caráter.

O termo *persona*, usado pelos americanos, significava originalmente máscara, que tem muito a ver com o comportamento visível, qualidade superficial, o que é peculiar dos americanos, visto terem preferência por ambientalismo, tendo mais a Psicologia comportamentalista, levando a acentuar o movimento externo, a ação visível. Os europeus, por sua vez, usam a expressão grega caráter com o significado de gravar, enfatizando mais o que é inato na natureza do homem, o que está profundamente enraizado e que é relativamente imutável.

Com o passar do tempo, o termo caráter foi adquirindo uma conotação específica diferente do seu sentido original de gravação. Hoje, quando se fala em caráter, há uma tendência de se supor um padrão moral ou se fazer um julgamento de valor.

III – TEMPERAMENTOS

A partir do nascimento, vários níveis constitucionais, químicos, metabólicos e neurais estabelecem para o indivíduo recursos à formação de sua personalidade. Esses níveis são chamados pelos psicólogos de temperamento.

O termo temperamento vem do Latim “*temperamentum*”, procedente de “*temperare*”, que significa “combinar em justas posições”. É a mesma derivação de tempero e temperança. O temperamento inclui nosso modo de perceber as coisas, de fazer escolhas e de relacionarmo-nos com outras pessoas.

Existem vários conceitos para o termo temperamento. Allport (1974) é o teórico que faz uma das descrições mais completas sobre o tema.

> *O temperamento refere-se aos fenômenos característicos da natureza emocional de um indivíduo,*

> *na qual se incluem sua suscetibilidade à estimulação de sua disposição predominante, e todas as peculiaridades de flutuação e intensidade de disposição, sendo que tais fenômenos são vistos como dependentes da organização constitucional, e, portanto, como, em grande parte, originários da hereditariedade.*

Segundo Allport, o temperamento não é imutável do nascimento à morte, ainda que a probabilidade de mudança seja mínima, ocorrendo algumas vezes por influências médicas, cirúrgicas e de nutrição, bem como no decurso da aprendizagem e das experiências de vida.

1. A teoria da existência dos temperamentos

A teoria da existência dos temperamentos começa com Empédocles no século V a.C., quando este afirmava que toda a natureza era composta de quatro elementos básicos: ar, terra, fogo e água. Depois dele, vem Hipócrates, no segundo estágio da teoria, acrescentando que a natureza, como um todo (o macrocosmo), deve refletir-se na constituição do homem (o microcosmo). Segundo ele, esses elementos são representados no corpo humano sob a forma de quatro “humores”: sangue, bílis negra, bílis amarela e fleuma. Havendo a predominância de um desses humores, haveria, correspondentemente, a predominância de um temperamento, conforme a exposição abaixo:

Elementos Cósmicos	Suas Propriedades	Humores Correspondentes	Temperamentos Correspondentes
Ar	Quente e Úmido	Sangue	Sanguíneo

Terra	Frio e Seco	Bílis Amarela	Melancólico
Fogo	Quente e Seco	Bílis Negra	Colérico
Água	Frio e Úmido	Fleuma	Fleumático

A denominação dos quatro tipos de temperamentos como: sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico foi elaborada pelo médico romano Galeano. Cada um deles possui pontos fortes e pontos fracos, mas nenhuma pessoa apresenta características de um só temperamento, embora possa haver predominância de um deles.

2. Variação do temperamento

O comportamento do indivíduo varia de acordo com o seu temperamento. O temperamento define a maneira básica de reação de cada pessoa frente à vida e aos seus obstáculos, bem como às suas dádivas. Os tipos de temperamentos interferem, portanto, na maneira como as pessoas agem e reagem nos seus relacionamentos e acontecimentos de um modo geral.

Vejamos as demonstrações abaixo:

VARIAÇÃO DO TEMPERAMENTO

DE ACORDO COM A RAPIDEZ E A INTENSIDADE:

COLÉRICO	MELANCÓLICO	SANGUÍNEO	FLEUMÁTICO
Rápido e forte	Forte e lento	Rápido e fraco	Fraco e lento
DE ACORDO COM A AMPLITUDE E A PROFUNDIDADE:			
Profundo e amplo	Amplo e superficial	Profundo e limitado	Limitado e superficial

DE ACORDO COM A EXCITABILIDADE E O AFETO:			
Excitável e desagradável	Desagradável e calmo	Excitado e agradável	Agradável e calmo

RELACIONADO A MUITA ATIVIDADE E POUCA ATIVIDADE E A UMA TENDÊNCIA PARA APROXIMAR-SE OU AFASTAR-SE:			
Ativo e retraído	Retraído e inativo	Ativo e aproximativo	Aproximativo e inativo

ALGUMAS VIRTUDES E DEFEITOS

COLÉRICO	MELANCÓLICO	SANGUÍNEO	FLEUMÁTICO
PONTOS FORTES			
Enérgico, resoluto, independente, otimista, prático, eficiente, líder nato, audacioso, autodisciplinado, decidido, gosta de desafio e do desconhecido.	Habilidoso, minucioso, sensível, perfeccionista, idealista, leal, analítico, dedicado, introvertido, tem sensibilidade e talento artístico.	Comunicativo, cordial, extrovertido, entusiasta, afável, simpático, sincero, compreensivo.	Calmo, tranquilo, eficiente, conservador, prático, líder, bem equilibrado, racional, fino gosto pelas coisas, trabalha bem sob tensão, vida regrada, bem-humorado.

PONTOS FRACOS

COLÉRICO	MELANCÓLICO	SANGUÍNEO	FLEUMÁTICO
Impaciente, prepotente, irado, intolerante, vaidoso, autossuficiente, insensível, astucioso, guarda rancor, dificilmente pede desculpas.	Egoísta, pessimista, teórico, confuso, antissocial, crítico, hipocondríaco, vingativo, inflexível, desconfiado, temeroso, ofende-se facilmente, crítico inflexível.	Instável emocionalmente, volúvel, indisciplinado, dificuldade em cumprir horário e compromissos, impulsivo, inseguro, egocêntrico, barulhento, exagerado, medroso.	Calculista, temeroso, indeciso, contemplativo, desconfiado, pretensioso, introvertido, provocador, Desmotivado, obstinado, resistente, moroso.

Existem outras nomenclaturas usadas pelos teóricos modernos para definir os temperamentos. O psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875–1961) em seus estudos, mais precisamente em sua obra “Tipos Psicológicos” (1921), denominou de INTROVERSÃO E EXTROVERSÃO as duas atitudes básicas no comportamento do homem que estão intrinsecamente ligadas ao temperamento. Pensamento (ar), Intuição (fogo), Sensação (terra) e Sentimento (água). Na década de 1980, outros estudos aprofundados pelos neurocientistas sobre o comportamento das pessoas forneceram importantes explicações sobre os processos mentais de percepção e de análise e também de tomada de decisão (escolhas) que influenciam toda a nossa vida.

Há até mesmo teóricos que usam uma classificação de três partes em vez de quatro; no entanto, a classificação aqui apresentada pode ser ajustada a alguns desses esquemas dimensionais.

CAPÍTULO

VI

A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

A busca por explicações sobre o modo como a personalidade é formada parece ter mobilizado as mais diversas áreas do conhecimento humano. Há uma tendência em cada um de nós de classificarmos pessoas caracterizando-as como explosivas, simpáticas, sensíveis, desleais, preocupadas, ansiosas, mentirosas, amorosas e assim por diante. Mas como a personalidade humana é formada? O que é mais importante na formação e no desenvolvimento da personalidade? Essas questões são objeto de estudo desde os primórdios da humanidade.

O indivíduo é o resultado daquilo que ele trouxe ao mundo (aspectos inatos da personalidade) com aquilo que o mundo fez com ele (aspectos adquiridos da personalidade). Em suma, somos uma combinação do genótipo com as influências do ambiente sobre esse genótipo.

I – FATORES HEREDITÁRIOS

Existem provas evidentes do papel da constituição genética na determinação da personalidade, principalmente quando se refere aos aspectos temperamentais da personalidade.

Gesell (1977) e seus companheiros fizeram um estudo com crianças, observando as características emocionais e a sua duração. Após a observação sistemática de um grande número de crianças desde a mais tenra infância, constatou-se que havia fortes indicações de que características temperamentais, tais como dispêndio de energia e expressão emocional, permaneciam razoavelmente constantes, confirmando-se a hipótese de que há aspectos da personalidade que são inatos, ou seja, o indivíduo traz consigo ao nascer.

Depois da descoberta da estrutura do DNA pelo americano James Watson e pelo inglês Francis Crick em 1953 até o mapeamento completo do genoma humano em 2003, aumentou-se o interesse por estudos sobre as origens biológicas da personalidade. Hoje, sabe-se que os comportamentos dependem da interação entre fatores genéticos e ambientais.

Estudos mais recentes comprovam que a existência de influências dos hábitos e do estilo de vida de cada um na ação dos genes são muito maiores do que se pensava antes. Esses estudos apontam, inclusive, que pessoas com genes associados à depressão têm maior probabilidade de desenvolver a doença se forem expostas a eventos traumáticos durante a vida. As questões vivenciais são

fatores preponderantes no desencadeamento desses problemas.

> *A descoberta da estrutura do DNA por James Watson e Francis Crick, em 1953, e a divulgação do Projeto Genoma Humano, em 2000, abriram as portas para uma compreensão sem precedentes das raízes biológicas da personalidade. As revelações de que a genética pode influenciar comportamentos mudam a visão das pessoas sobre questões filosóficas e do cotidiano. "A idéia de que os bebês vêm ao mundo sem características inatas multiplica a angústia dos pais que dão aos filhos uma educação adequada e eles não correspondem às suas expectativas. Na verdade, muitas coisas não dependem dos pais, e sim da natureza", diz Steven Pinker. O biólogo Richard Dawkins, da Universidade de Oxford, e autor de O Gene Egoísta, vai além. "A genética do comportamento mudará muita coisa. Se partirmos do pressuposto de que nossa mente é regida por algo além dos conceitos éticos e morais aprendidos, como punir um assassino?", ele questiona. "Quando um computador não funciona, em vez de puni-lo, nós o consertamos." (Psiqweb 2015)*[9]

Estudos desenvolvidos na década de 1970 com gêmeos, incluindo filhos biológicos e adotivos, apontaram que os filhos adotados são mais parecidos com seus pais biológicos

do que com os dos pais adotivos. Esses mesmos estudos mostraram que gêmeos idênticos exibem aspectos da personalidade semelhantes.

II – FATORES SOMÁTICOS

Outra concepção bastante difundida acerca da personalidade, entretanto questionada por alguns teóricos, é a teoria baseada na constituição biotipológica, segundo a qual a genética não estaria limitada exclusivamente à cor dos olhos, dos cabelos, da pele, à estatura, aos distúrbios metabólicos e, às vezes, às malformações físicas, mas também determinaria as peculiares maneiras de o indivíduo relacionar-se com o mundo: seu temperamento, seus traços afetivos, etc.

Como vimos no tópico anterior, não existe dúvida alguma de que as diferenças quanto à constituição física, bem como o funcionamento fisiológico, podem ter efeitos na personalidade.

Sheldon[10] realizou um trabalho na Universidade de Harvard na tentativa de mostrar a relação entre físico e temperamento. Depois de ter estudado e medido fotografias de corpos de homens nus, ele concluiu que toda constituição física pode ser identificada em função das respectivas quantidades de três componentes:

- Endomorfia – componente gorduroso e visceral (firmes e obesos);
- Mesomorfia – componentes ósseos e muscular (dominância de musculatura desenvolvida);

- Ectomorfia – componente cutâneo (pele – fragilidade estrutural).

Para Sheldon, a constituição física do indivíduo estava diretamente relacionada com o temperamento. Para comprovar sua teoria, ele isolou três grupos fundamentais de traços que considerou como satisfatórios, para dar conta de todas as diferenças individuais quanto ao temperamento. Esses grupos foram chamados por ele de viscerotonia, somatonia e cerebrotonia.

Na sua correlação, ele afirmava existir uma tipologia temperamental na qual se incluem três componentes:

- Viscerotonia – gregaridade, expressão fácil de sentimentos, dependência de aprovação social;
- Somatotonia – assertividade, energia física, ansiedade baixa, coragem, indiferença à dor, necessidade de poder;
- Cerebrotonia – contenção, autoconsciência, introversão, retirada social, solidão.

Alguns críticos acharam que as correlações de Sheldon eram demasiadamente altas para serem verdadeiras. Comprovou-se, também, que algumas mudanças significativas no tipo somático do indivíduo aconteciam devido às diferenças quanto à alimentação, à má saúde, etc. Além do mais, o problema da interpretação das correlações encontradas entre os traços da personalidade e a constituição física sofre a interferência do fator e reações sociais. Entretanto, sabe-se que, de alguma forma, a

personalidade pode ser influenciada pelos fatores somáticos.

III – FATORES SOCIOCULTURAIS

1. A influência cultural

A cultura é um fator preponderante na formação da personalidade. Alguns autores chegam até mesmo a considerá-la como fator decisivo. Nos primeiros anos de vida, ocorre o processo de adoção dos modelos culturais. A mãe transmite ao filho costumes culturais ao entender as necessidades da criança. “A situação no lar, a linguagem que aprender, a escola, as práticas econômicas e as prescrições para alimento, sono, excreção — tudo é imposto por exigências culturais”. A criança aprende os valores culturais em casa, na escola, na igreja, através dos jornais, revistas em quadrinhos, rádio, televisão, etc.

Na adolescência, acontece um processo de reação contra esse modelo cultural que foi imposto. Após esse estágio, ocorre uma aceitação do modelo agora revisto e adequado à personalidade madura.

2. Influências sociais

As situações sociais, até certo ponto, contribuem para a formação da personalidade. Existem vários aspectos que poderiam ser abordados em relação às influências sociais; procuramos, no entanto, destacar aquele que consideramos ser o fator principal: o ambiente familiar, que, quando não é

sadio, pode provocar sentimentos de insegurança e angústia na criança.

Pesquisas confirmam a teoria freudiana de que a experiência da primeira infância é um fator determinante e eficiente do comportamento adulto. Um dos determinantes básicos na formação da personalidade pode ser as atitudes dos pais com relação à criança. Algumas dessas atitudes podem ser positivas, contribuindo para um melhor desenvolvimento da personalidade do filho; outras, porém, são negativas, prejudicando esse desenvolvimento.

2.1 Atitudes negativas e suas consequências

- **Rejeição da criança por parte dos pais** – a criança rejeitada poderá sentir-se insegura e com dificuldade de autoafirmar-se, passando a ter um comportamento hostil, negativista e rebelde; ela poderá, mais tarde, ter dificuldade em suas relações interpessoais e também em dar e receber afeição;

- **Superproteção dos pais** – a criança superprotegida poderá tornar-se egoísta, egocêntrica, irresponsável ou, ao contrário, será submissa, obediente, excessivamente sem iniciativa, passiva e dependente dos outros;

- **Uso abusivo de autoridade sobre o filho** – a disciplina excessiva pode levar a criança a fortes necessidades de aprovação social ou mesmo a um padrão moral extremamente rigoroso. Pode, ainda, desenvolver uma personalidade rígida e uma tendência ao sentimento de culpa e conflitos.

- **Falta de uma hierarquia de valores estabelecidos** – quando não existe uma hierarquia de valores ou mesmo quando a disciplina é insuficiente, a criança terá um desenvolvimento inadequado, podendo tornar-se uma pessoa sem autocontrole e indecisa ao fazer escolhas ou enfrentar problemas.

---

[9]Disponível1em:1http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=131. Acessado em 28/10/2015.

[10] SHELDON, W. G., *apud* ANASTASI, A. *Psicologia Diferencial*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, da Universidade de São Paulo, 1972.

CAPÍTULO

VII

DISTÚRBIOS DA PERSONALIDADE

Os primeiros anos de vida são decisivos para a formação da estrutura da personalidade básica da pessoa. Segundo Freud, a personalidade é formada por três sistemas principais chamados por ele de id, ego e superego. Esses sistemas estão muitas vezes tão relacionados que não sabemos determinar qual deles está desempenhando o papel predominante na conduta. O id é o sistema original da personalidade; o ego é a porção executiva da personalidade; o superego é o representante interiorizado daquilo que o indivíduo considera ser basicamente certo ou errado — é a porção moral da personalidade.

Quando existem padrões de conduta crônicos, ou mal adaptados, ou patológicos, arraigados na estrutura da personalidade, afirmamos que existem alterações de personalidade. As causas podem ser, em parte, genéticas ou constitucionais e, em parte, emocionais ou devidas ao desenvolvimento.

Este é um assunto muito abrangente. Hoje, existem grandes compêndios que tratam exclusivamente do tema. Como a nossa finalidade é apenas dar uma introdução ao estudo da personalidade, procuramos mostrar os distúrbios psicopatológicos em linhas gerais.

Os principais estados psicopatológicos são: distúrbios neuróticos (neurose), distúrbios psicóticos (psicose) e disposições psíquicas anormais.

I – DISTÚRBIOS NEURÓTICOS (NEUROSE)

A neurose não é considerada como um processo mórbido. São reações psíquicas anormais caracterizadas pela dificuldade de relacionamento interpessoal e sentimento profundo de doença. As causas compreendem conflitos, frequentemente inconscientes, profundamente localizados e com raízes na infância.

A personalidade não é alterada na neurose, embora esteja intimamente relacionada à vida psíquica do indivíduo. O neurótico permanece em contato com a realidade. O núcleo dos distúrbios neuróticos é a ansiedade.

Os distúrbios estão assim classificados: neurose de ansiedade, neurose histérica, neurose fóbica, neurose obsessivo-compulsiva, neurose depressiva, neurose neurastênica (neurastenia), neurose de despersonalização, neurose hipocondríaca, etc.

Devido à exiguidade de espaço e à amplitude do assunto, destacamos apenas as principais neuroses. Também destacamos outros distúrbios emocionais na parte que abordamos sobre o aconselhamento.

1. Neurose de Ansiedade

A neurose de ansiedade produz sintomas físicos e psíquicos. Trata-se de um transtorno psicológico caracterizado por inquietação, dificuldade de concentração, irritação, fadiga, mau humor e que leva a pessoa a sentir-se como se estivesse prestes a enfrentar uma catástrofe.

Esse transtorno psicológico deixa a pessoa em estado de alerta o tempo todo, afetando o sono. Os sintomas podem evoluir para uma crise de angústia ou de pânico de curta duração ou de maior intensidade.

Fisicamente, surgem sintomas como vertigens, tonturas, náuseas, aperto (nó) na garganta, peso na cabeça, respiração ofegante, palpitações cardíacas, alterações de pressão, dispneia, suor, tremores pelo corpo, expressão de terror no rosto, complicações gástricas, etc.

2. Neurose obsessivo-compulsiva

A neurose obsessivo-compulsiva, conhecida popularmente pela sigla TOC (Transtorno obsessivo-compulsivo), é um distúrbio psiquiátrico caracterizado pela presença de crises recorrentes de obsessão e compulsão.

Uma pessoa que tem TOC sofre com imagens e pensamentos descontrolados e repetidos que o impelem a fazer determinados rituais como lavar as mãos diversas vezes, somar as placas dos carros, contar os azulejos de uma parede, etc. Esse ritual é chamado de compulsão e ocorre repetidas vezes durante o dia, deixando a pessoa extremante cansada. As pessoas que sofrem de TOC

acreditam que, se deixarem de cumprir o ritual, algo terrível poderá acontecer com elas ou com as pessoas que ela ama.

Há muitas pessoas que sofrem desse terrível mal. Segundo a Organização Mundial da Saúde, 1% a 2% da população mundial tem TOC. No Brasil, são cerca de 4 milhões de pessoas sofrendo com esse distúrbio psiquiátrico.

3. Neurose fóbica

As neuroses fóbicas são quadros caracterizados pelo medo de determinados lugares, objetos ou situações, que determinam uma série de condutas de evitação e outras de segurança.

O DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), que é usado por psiquiatras e psicólogos para diagnosticar as doenças psíquicas, considera uma fobia específica quando são observadas as seguintes características:

- Um temor expresso e persistente, que é excessivo ou irracional, desencadeia-se pela presença ou antecipação de um objeto ou situação específicos.
- A exposição ao estímulo fóbico produz, de modo quase que invariável, uma resposta imediata de ansiedade, que pode adquirir a forma de uma crise de angústia decorrente de uma situação determinada.
- A pessoa reconhece que esse medo é excessivo ou irracional.

- As situações fóbicas são evitadas ou suportadas à custa de uma intensa ansiedade ou mal-estar.
- Os comportamentos de evitação, a antecipação ansiosa ou o mal-estar provocado pela situação temida interferem claramente na rotina normal da pessoa, nos seus relacionamentos de trabalho e sociais.
- Em menores de 18 anos, a duração dos sintomas deve ser superior aos 6 meses.
- Os sintomas não podem ser mais bem explicados pela presença de outro transtorno mental.

As fobias mais comuns são:

- **Acrofobia**: o mesmo que “larofobia”, é o medo irracional de lugares altos.
- **Agorafobia**: é o medo de estar em espaços abertos ou no meio de uma multidão.
- **Aracnofobia**: é o medo (ou fobia) de aranhas.
- **Catsaridafobia**: é o medo de baratas. É uma das fobias mais comuns no mundo, especialmente entre as mulheres. Muitos chegam a ter ataques diante desses animais inofensivos.
- **Claustrofobia**: medo de permanecer em ambientes fechados, podendo ter um ataque de pânico dentro de elevadores, aviões, salas lotadas ou áreas restritas.
- **Glossofobia**: medo de falar em público. Muitas pessoas apenas possuem essa fobia, enquanto

outras podem também possuir a sociofobia, ou a fobia social que leva estas a isolarem-se em casa, evitando o contato com pessoas.

- **Hematofobia**: também designada como hemafobia ou hemofobia, é uma patologia psicológica caracterizada pelo medo exagerado ou irracional de ver sangue.
- **Hidrofobia**: medo doentio de água ou líquidos. Sua causa pode ser psiquiátrica ou virótica. Quando ocorre na forma virótica, é também conhecida como raiva (doença).
- **Nictofobia**: medo do escuro ou da noite. Comum em crianças e um pouco mais raro em adultos.
- **Ablutofobia**: é um medo patológico de lavar-se, de tomar banho, ou mesmo de limpeza.
- **Alectorofobia**: medo patológico de galos e galinhas e de outras criaturas emplumadas e de seus respectivos ovos.
- **Androfobia**: medo anormal dos homens ou de qualquer pessoa do sexo masculino.
- **Automatonofobia**: caracteriza-se pela fobia (ou medo) de bonecos, ventríloquos, estátuas de cera e criaturas animadas. Tudo o que imite um ser vivo.
- **Catagelofobia**: é o medo de parecer ridículo e/ou estúpido; a pessoa com essa fobia teme o que os outros possam comentar sobre ela.
- **Coulrofobia**: é o termo usado para aqueles que têm medo de palhaços. É comum entre crianças e,

às vezes, também ocorre com adolescentes e adultos.

- **Eclesiofobia**: é a aversão ou medo mórbido de igrejas.
- **Pogonofobi**a: essa fobia é caracterizada por um pavor irracional de barbas.
- **Xenofobia**: significa aversão a pessoas ou coisas estrangeiras.

As fobias que mais tem causado transtornos na atualidade são:

A fobia social – é um transtorno de ansiedade que é caracterizado pela extrema aflição diante de situações em que a pessoa sente-se avaliada por outros. As situações sociais temidas podem ser variadas, como escrever na frente dos outros, falar em público, comer em locais públicos, entrar em lugares cheios, ir a um evento social, fazer uma entrevista de emprego, encontrar um conhecido, etc. Dependendo da intensidade do problema, a pessoa isola-se e não consegue mais sair de casa.

A síndrome do pânico – é um tipo de transtorno de ansiedade no qual ocorrem crises inesperadas de desespero e medo intenso. A pessoa tem a impressão de que vai morrer naquele momento de um ataque cardíaco, porque o coração dispara, ela sente falta de ar e tem sudorese abundante. Há uma sensação de que algo ruim esteja acontecendo, mesmo não havendo motivo algum para isso ou nem sinais de perigo iminente.

II – DISTÚRBIOS PSICÓTICOS (PSICOSE)

A psicose é um processo mórbido, de causas diversas (desde psíquicas a sociais), caracterizadas pela perda de contato com a realidade. O indivíduo desliga-se do seu meio externo e volta-se para o seu "eu", criando o seu próprio mundo, um mundo irreal, imaginário, dos seus delírios e alucinações. A pessoa isola-se, não fala, perde a vontade, não manifesta emoções, etc.

As psicoses estão assim agrupadas: psicoses endógenas, psicoses exógenas e psicoses psicógenas.

1. Psicoses endógenas

As psicoses endógenas são aquelas de causas internas ou intrapsíquicas. Ocorre uma alteração interna a nível de neurotransmissores que ocasiona um distúrbio psicótico. As principais são:

Esquizofrenia – são processos mórbidos de causa ainda desconhecida, considerados como os mais comuns dos distúrbios psicopatológicos, caracterizados pela distorção do senso de realidade — frequentemente, alucinações e ideias delirantes. Os principais tipos são assim classificados: simples (apático, regressivo), hebefrênio (frívolo, infantil, isolado), catatônico (mundo, estoporoso, bizarro, excitado, delirante, paranoide (perseguido).

Psicose afetiva (psicose maníaco-depressiva) – constitui um grupo de "doenças afetivas principais" caracterizado por distúrbios severos de humor. Ocorre uma excitação ou uma

depressão muito além da normal, com variação das mudanças de humor. Existem os tipos: maníaco, depressivo e circular.

Epilepsias – são alterações psíquicas com manifestações ocasionais, súbitas e rápidas, principalmente convulsões e distúrbios da consciência, que estão classificadas em: centro encefálicas, que se dividem em grande mal, e focais, que se dividem em frontal, parietal, occipital e temporal, e síndrome de West.

As epilepsias ocasionam as seguintes alterações: aura epilética, alterações do caráter, demência, estado crepuscular e disforia.

2. Psicoses exógenas

São as psicoses de causas externas. O agente causal dessa psicose está no meio ambiente, entra no indivíduo e desenvolve-se.

As principais são:

Tóxicas – álcool, cocaína, heroína, anfetaminas, LSD, chumbo, mercúrio, gás carbônico, ópio, morfina.

Infecciosas – febre tifoide, meningite, encefalite, infecção generalizada, meningo-encefalite, etc.

Traumáticas – traumatismo crânio-encefálicos (pancada, queda, fratura do osso do crânio, tumor do cérebro, aneurisma, acidente vascular-cerebral, anoxia, cicatriz cirúrgico-cerebral).

Organocerebral – processos degenerativos do sistema nervoso central - Arteriosclerose cerebral, doenças senis, pré-senis.

3. Psicoses psicógenas

São as psicoses de causas psicológicas, que provocam uma reação vivencial anormal.

III – DISPOSIÇÕES PSÍQUICAS ANORMAIS

Inúmeras pessoas apresentam alterações na sua personalidade, que variam desde os problemas que as mesmas têm em sua vida de relação — provocados por dificuldades sociais e *stress* do nosso tempo — até as chamadas doenças de caráter.

1. Variação do existir humano

Entre as disposições psíquicas anormais, está a variação do existir humano. Existe um comportamento anormal, mas não é suficientemente anormal para ser patológico. Não é considerado como um processo mórbido. São alterações de personalidade que não passam de uma manifestação de sérios desequilíbrios sociais. São perturbações da interação social ou cultural em situações específicas de relacionamento. O indivíduo apresenta discretas variações como se relacionar com o meio. Ele oferece uma resistência quanto à adoção e ao cumprimento de normas.

“Algumas alterações de caráter, tais como o passivo-dependente, o passivo-agressivo e o antissocial, podem ser devidas não somente a tensões familiares, como também a

problemas sociais amplos durante os anos de desenvolvimento do paciente ou durante sua vida atual”.

2. Personalidade propriamente mórbida

São alterações da personalidade provocadas por determinados processos orgânicos.

Demência por processos orgânicos cerebrais

Existem alguns fatores responsáveis por esse tipo de demência: tumor cerebral, alcoolismo, esclerose múltipla, paralisia progressiva cerebral, etc.

Demência epiléptica

As pessoas com demência epiléptica apresentam uma lentidão nos processos psíquicos, tais como: perceber, raciocinar, pensar, etc. Elas perdem a espontaneidade, diminuem suas atividades e manifestam um descontrole nos seus impulsos, tornando-se pegajosas, vazio-afetivas, arrogantes, pedantes.

Demência esquizofrênica

A demência esquizofrênica é o resultado da cronificação da epilepsia. Existem vários graus. O que caracteriza é a limitação da compreensão, podendo chegar a uma total limitação da compreensão.

A pessoa com essa demência apresenta um embotamento afetivo e uma falta de unidade do pensamento, do sentimento e da vontade.

3. Personalidades anormais propriamente ditas

São alterações caracterológicas, ou seja, são manifestações de certas anomalias na personalidade.

Transtorno de personalidade com instabilidade emocional

Transtorno de personalidade caracterizado por tendência nítida a agir de modo imprevisível sem consideração pelas consequências; humor imprevisível e caprichoso; tendência a acessos de cólera e uma incapacidade de controlar os comportamentos impulsivos; tendência a adotar um comportamento briguento e a entrar em conflito com os outros, particularmente quando os atos impulsivos são contrariados ou censurados. Dois tipos podem ser distintos: o tipo impulsivo, caracterizado principalmente por uma instabilidade emocional e falta de controle dos impulsos; e o tipo "*borderline*", caracterizado, além disso, por perturbações da autoimagem, do estabelecimento de projetos e das preferências pessoais, por uma sensação crônica de vacuidade, por relações interpessoais intensas e instáveis e por uma tendência a adotar um comportamento autodestrutivo, compreendendo tentativas de suicídio e gestos suicidas.

IV – Caráter Antissocial Personalidade Pscicopática

As pessoas que apresentam essas alterações são caracterizadas por atos sem controle e não bloqueados. Possuem defeitos na construção do caráter (personalidade). Possuem, em geral, uma frieza, encobrindo uma afetividade maciça. “A angústia não pode emergir, pois ela é terrificante, será evitada a qualquer preço: esse é o sentido do ato psicopático”. Elas não possuem culpa, nem conflito interno. Não conseguem elaborar a situação diante da emergência da pulsão. Sua relação com o objeto é de incorporação ou de destruição. “Se eu não posso obtê-lo, é porque ele é mau e eu vou destruí-lo”. São, em geral, criminosos natos, que possuem uma frieza calculista. Defendem uma causa única para latrocidade. Usam a sedução. São altamente sedutoras, aparentemente pacifistas. Confundem fantasias e realidade, recusam qualquer frustração do desejo. São empurradas para uma supercompensação narcisista perpétua, na qual ele vive sua neurótica e perversa existência.

Existem formas diferentes de as condutas psicopáticas serem encaradas. Os franceses descrevem quatro tipos: ciclotímicos, paranoicos, mitomaníacos e perversos (perversão sexual).

Kurt Schneider apresenta dez tipos: hipertímicos, depressivos, inquietos, fanáticos, os que têm necessidades de valorizarem-se, instáveis, apáticos, abúlicos e astênicos.

Os americanos destacam geralmente três tipos: psicopatas com sexualidade patológica, com emotividade patológica, com tendências amorais e associais.

V – Distúrbios Sexuais

Os distúrbios sexuais — segundo o DSM-5 (o mais novo “Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais”), usado por psiquiatras e psicólogos para diagnosticar as doenças psíquicas — têm a nomenclatura de Transtornos Sexuais e da Identidade de gênero e são classificados em três categorias: a disfunção sexual, as Disforias de gênero e as Parafilias (perversão sexual)

1. A disfunção sexual

O DSM-5 traz a seguinte classificação para a disfunção sexual:

- Transtorno Erétil Masculino
- Transtornos Orgásmicos
- Transtorno Orgásmico Feminino
- Transtorno Orgásmico Masculino
- Ejaculação Precoce
- Transtornos de dor Sexual
- Dispareunia
- Vaginismo
- Disfunção Sexual Devido a uma Condição Médica Geral
- Disfunção Sexual Induzida por Substância

A disfunção sexual é caracterizada por uma perturbação clinicamente significativa, influenciando na capacidade de uma pessoa responder sexualmente ou de experimentar

prazer sexual. Uma pessoa pode ter uma ou mais disfunções sexuais.

Devido à relevância desse assunto, voltaremos a discuti-lo no capítulo que abordamos sobre “Tratando com problemas relacionados à sexualidade”.

2. Disforia de gênero

Disforia de gênero é uma condição em que a pessoa sente que sua identidade de gênero é uma incompatibilidade com seu sexo biológico real. De acordo com o DSM-IV[11], o desejo de pertencer ao sexo oposto “ultrapassa um desejo para uma vantagem percebida cultural.”

Crianças entre as idades de três e quatro anos normalmente desenvolvem a identidade de gênero. Os sintomas da disforia de gênero podem iniciar-se nessa fase da vida, levando a criança a ter alguns comportamentos contrários à sua identidade sexual.

Como identificar a Disforia de gênero em uma criança

MATOS[12] mostra algumas características comuns que uma criança com disforia de gênero apresenta:

- Insistindo que eles pertencem a outro sexo.
- Chamando-se por um nome apropriado para o sexo oposto e tentar passar como um filho do sexo oposto.
- Persistentes fantasias de ser o outro sexo.

- Preferência por cross-dressing ou sexo oposto funções no jogo.
- Forte preferência por companheiros do sexo oposto.
- Não gostar ou se recusar a urinar de acordo com as normas sexuais.
- Intenso desejo de participar em jogos estereotipados, atividades e passatempos do sexo oposto.
- Perigo nas alterações sexuais secundários durante a puberdade.
- Isolamento e rejeição dos pares e rejeição de interações sociais.

Matos ainda destaca que os meninos com disforia de gênero detestam seu pênis ou testículos e desejam que seus órgãos genitais desapareçam. Eles também não gostam de brinquedos masculinos, nem de jogos ásperos.

Quanto às meninas, ele destaca que uma das características das disforias de gênero é elas recusarem urinar sentadas e recusarem o crescimento dos seios e menstruarem. Elas têm uma antipatia grave para o vestuário feminino.

Matos destaca também que esses sintomas podem prosseguir até a idade adulta. Ele ressalta os seguintes sintomas em adolescentes e adultos:

- Intenso desejo de ser o outro sexo. Fantasias de pertencer ao outro sexo e tenta adaptar-se a um

grupo de sexo oposto.

- Desejo de viver ou ser tratado como o outro sexo.
- Atravessar o curativo com freqüência passar como o outro sexo.
- Sentir e reagir como o outro sexo. Isto pode ser real ou pode ser uma percepção do indivíduo com disforia de gênero.
- Contínuo de desconforto com seu sexo biológico ou sentimento de inadequação no papel de determinado gênero. Crença de que eles nasceram como o sexo errado.
- Preocupação com a livrar-se das características de sexo primário e secundário, como seios, pelos faciais e definição muscular.

Matos destaca ainda que disforia de gênero não é o mesmo que homossexualidade. Uma pessoa pode apresentar os sintomas e não aceitar contatos sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Pessoas com disforia de gênero vivem um conflito existencial, sofrem de angústia, têm um autoconceito negativo e uma autoestima baixa. Alguns desenvolvem um quadro depressivo, oriundo de um isolamento social, sendo muitas vezes vítimas de abuso sexual e preconceito social.

3. As Parafilias

As Parafilias, conhecidas antigamente por perversões sexuais, são atitudes sexuais diferentes daquelas permitidas pela sociedade. Geralmente, as pessoas com tais práticas

não têm atividade sexual normal, ou seja, a sua preferência sexual “desviada” torna-se exclusiva.

Em geral, as perversões sexuais são mais comumente vistas em homens, e o tipo de parafilia mais comum é a pedofilia.

Koch e Rosa, baseadas no DSM-5, trazem a seguinte classificação para as parafilias:

Exibicionismo – É quando a pessoa mostra seus genitais a uma pessoa estranha, em geral em local público, e a reação desta pessoa a quem pegou de surpresa lhe desperta excitação e prazer sexual, mas geralmente não existe qualquer tentativa de uma atividade sexual com o estranho. As pessoas que abaixam as calças em sinal de protesto ou ataque a preceitos morais não são exibicionistas, pois não fazem isso com finalidade sexual.

Fetichismo – É quando a preferência sexual da pessoa está voltada para objetos, tais como calcinhas, sutiãs, luvas ou sapatos, sendo que a pessoa utiliza tais objetos para se masturbar ou exige que a parceira sempre use o objeto em questão durante o ato sexual, caso contrário não conseguirá se excitar e realizar o ato sexual.

Fetichismo transvéstico – É caracterizado pela utilização de roupas femininas por homens heterossexuais para se excitarem, se masturbarem ou realizarem o ato sexual, sendo que em situações não sexuais se vestem de forma normal. Quando passam a se vestir como mulheres a maior parte do tempo, pode haver um transtorno de gênero,

tipo transexualismo por baixo dessa atitude. É importante ressaltar que o fetichismo transvéstico também só é diagnosticado como uma parafilia quando é feito de forma repetitiva e exclusiva para obter prazer sexual.

Frotteurismo – É a atitude de um homem que para obter prazer sexual, necessita tocar e esfregar seu pênis em outra pessoa, completamente vestida, sem o consentimento dela, excitando-se e masturbando-se nessa ocasião. Isso ocorre mais comumente em locais onde há grande concentração de pessoas, como metrôs, ônibus e outros meios de locomoção públicos.

Pedofilia – Envolve pensamentos e fantasias eróticas repetitivas ou atividade sexual com crianças menores de 13 anos de idade. Está muito comumente associado a casos de incesto, ou seja, a maioria dos casos de pedofilia envolve pessoas da mesma família (pais/padrastos com os filhos e filhas). Em geral o ato pedofílico consiste em toques, carícias genitais e sexo oral, sendo a penetração menos comum. Hoje em dia, com a expansão da internet, fotos de crianças têm sido divulgadas na rede, sendo que olhar essas fotos, de forma frequente e repetida, com finalidade de se excitar e masturbar-se consiste em pedofilia.

Masoquismo e Sadismo Sexual – Existe masoquismo quando a pessoa tem necessidade de ser submetida a sofrimento, físico ou emocional, para obter prazer sexual, e o sadismo é quando a pessoa tem necessidade em infligir sofrimento (físico ou emocional) a um outro, e disso decorre

excitação e prazer sexual. O mais comum ao se pensar em sadomasoquismo é associar o sofrimento a agressões físicas e torturas, mas o sofrimento psicológico também pode ser considerado forma de sadomasoquismo, e consiste na humilhação que se pode sentir ou impor. Atos sadomasoquistas só serão considerados parafilias quando forem repetitivos e exclusivos, sendo que quando eles ocorrem ocasionalmente, dentro de um relacionamento sexual normal, são apenas formas alternativas de prazer, e não uma perversão.

Voyeurismo – É quando alguém precisa observar pessoas que não suspeitam estarem sendo observadas, quando elas estão se despindo, nuas ou no ato sexual, para obter excitação e prazer sexual.[13]

Há, ainda, um grupo de parafilias que não cumprem os critérios de diagnóstico para uma classe específica, mas são consideradas comuns. As principais são:

- **Satirismo** – compulsão sexual masculina. Há uma insatisfação sexual no homem que o leva a buscar constantemente mais *relações sexuais*;
- **Ninfomania** – hipersexualidade é a disfunção em que a mulher sente uma vontade incontrolável de manter relações sexuais;
- **Necrofilia** – prazer no ato sexual com cadáveres;
- **Zoofilia** – prazer na prática sexual com animais;
- **Clismafilia** – prazer obtido com a utilização de enemas ou outros objetos inseridos no reto;

- **Urolagnia** – prazer causado pelo ato de urinar e pelo contato com a urina;

Agorafilia – desejo de ter relações sexuais em lugares abertos ou ao ar livre (praças, vias públicas, etc.);

Coprofilia – interesse psicopatológico por fezes de um modo geral, associado ao prazer sexual.

Flatofilia – prazer erótico em escutar, cheirar e apreciar gases intestinais próprios e alheios.

Menofilia – é uma prática sexual caracterizada pela excitação por mulheres menstruadas.

Nanofilia – é a atração sexual invariável e doentia por anões.

Pregnofilia ou maieusofilia – é uma prática que consiste em sentir excitação sexual com mulheres grávidas e/ou pela observação de partos.

Gerontofilia – atração sexual por pessoas de idade avançada.

As parafilias são consideradas como doenças quando elas forem a única forma de sexualidade do indivíduo e quando este fracassou na busca por prazer sexual em outras formas de sexualidade.

VI – OUTROS TIPOS DE ALTERAÇÕES DO CARÁTER E TRANSTORNO NO COMPORTAMENTO HUMANO

Existe uma infinidade de alterações de caráter. Apresentamos abaixo algumas dessas alterações.

1. Caráter histérico

As pessoas que apresentam um caráter histérico preocupam-se com a sexualidade e tendem a ser emotivas, frequentemente irresponsáveis, bombásticas e teatrais. Sentem a necessidade de chamar a atenção e de parecer vivenciar mais do que são capazes (mentir-mitomania). Mulheres jovens que possuem essas alterações queixam-se frequentemente de uma dificuldade de relacionamento com os homens. Apresentam uma insatisfação consigo mesmas e com o mundo.

2. Caráter hipocondríaco

O que caracteriza o hipocondríaco é a preocupação excessiva com seu funcionamento. Geralmente, a pessoa passa a observar-se continuamente e perceber alterações, gerando variedades de padecimentos somáticos que não são palpáveis, mas fruto da reflexão. Existe no hipocondríaco um desejo inconsciente de adoecer.

3. Personalidade histriônica[14]

Transtorno da personalidade caracterizado por uma afetividade superficial e lábil, dramatização, teatralidade, expressão exagerada das emoções, sugestibilidade, egocentrismo, autocomplacência, falta de consideração para com o outro, desejo permanente de ser apreciado e de constituir-se no objeto de atenção, além de tendência a sentir-se facilmente ferido.

4. Neurastênico

Caracterizado pela fraqueza excitável. Sensibilidade e excitabilidade extraordinárias.

5. Psicastênico

Caracterizado pela diminuição da energia psíquica, deixando o indivíduo psiquicamente cansado.

6. Paranoide

Apresenta um quadro semelhante, de alguma forma, ao esquizofrênico.

7. Ciclotímico

Apresenta um quadro semelhante aos casos leves da doença maníaco-depressiva. Em alguns casos, assemelha-se ao Transtorno Bipolar, que é uma doença caracterizada pela alternância entre depressão e euforia.

8. O Transtorno Bipolar do Humor

Antigamente denominado de psicose maníaco-depressiva, é caracterizado por oscilações ou mudanças cíclicas de humor. Essas mudanças vão desde oscilações normais, como nos estados de alegria e tristeza, até mudanças patológicas acentuadas e diferentes do normal, como episódios de MANIA, HIPOMANIA, DEPRESSÃO e MISTOS. É uma doença de grande impacto na vida do paciente, de sua família e da sociedade, causando prejuízos frequentemente irreparáveis em vários setores da vida do indivíduo, como

nas finanças, saúde, reputação, além do sofrimento psicológico. É relativamente comum, acometendo aproximadamente 8 a cada 100 indivíduos, manifestando-se igualmente em mulheres e homens.[15]

---

[11] Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

[12]MATOS, Fernando. *Sintomas de disforia de gênero*. Disponível em: http://www.news-medical.net/ Acesso em 25 de junho de 2016.

[13](KOCH, Alice Sibile e ROSA, Dayane Diomário. PERVERSÕES SEXUAIS OU PARAFILIAS. Disponível em: https://www.abcdasaude.com.br. Acesso em 23 de junho de 2016.)

[14] Disponível em: http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f60_f69.htm

15 Disponível em: http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?419.

CAPÍTULO

VIII

DISTÚRBIOS DA PERSONALIDADE *VERSUS* POSSESSÃO DEMONÍACA

O líder precisa conhecer melhor a si próprio e aos outros para alcançar êxito no seu trabalho. Se não formos capazes de entender nossas ações e o comportamento das outras pessoas, estaremos fadados ao fracasso. Não é possível conhecermos o funcionamento de uma máquina sem saber alguma coisa acerca de sua estrutura e da inter-relação entre suas diferentes partes. O mesmo princípio aplica-se à compreensão da personalidade.

Cada pessoa é um ser ímpar. Uma mesma circunstância, por força dessa condição singular, jamais se reflete de forma igual em cada indivíduo. Para entendermos uma pessoa, precisamos conhecer sua realidade de vida, suas vivências, suas crenças e os seus valores.

Não podemos usar uma medida uniforme para “medir” as pessoas. Como já visto anteriormente, somos o resultado das disposições hereditárias, combinadas com as influências

que adquirimos no ambiente em que fomos criados. O que somos hoje é um reflexo desses fatores. Das impressões individuais retiradas desse meio, cria-se, então, cada indivíduo com suas características próprias.

Conhecer nosso próprio temperamento é fundamental para compreender o outro. É também fator preponderante para um bom relacionamento e, consequentemente, para o sucesso no trabalho que nós, líderes cristãos, realizamos no ministério eclesiástico.

I - POR QUE COMPREENDER A PERSONALIDADE

A falta de conhecimento gera equívocos que podem gerar danos e prejuízos a nós mesmos e aos outros. Há, na igreja, uma grande tendência de generalizar-se os problemas psíquicos, principalmente as esquizofrenias, como sendo possessão demoníaca. Há até mesmo aqueles que acreditam que depressão, síndrome do pânico e sintomas como insônia são caracterizados por opressão e possessão demoníaca.

Precisamos distinguir personalidade mórbida das possessões e atividades de demônios. Para percebermos quando uma personalidade é mórbida, temos que entender a personalidade de um modo geral.

Vamos recapitular alguns conceitos vistos anteriormente:

1. Compreendendo a personalidade

Personalidade – definições de efeitos externos – enfoca apenas o aparente ou aspectos que causam a impressão em

outras pessoas: “hábitos ou ação que conseguem influir em outras pessoas”.

Definições de efeitos de estrutura interna: “a soma total de todas as disposições biológicas inatas, impulsos, tendências, apetites e instintos do indivíduo, bem como as disposições e tendências adquiridas por experiência”. Semblante externo de nós mesmos.

“A personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seu pensamento característicos.”

Caráter – o termo caráter vem do grego que significa gravar. É muitas vezes usado como sinônimo de personalidade. “É a marca de um homem — seu padrão de traços ou seu estilo de vida”. O temperamento “civilizado”.

Caráter na visão bíblica – é o verdadeiro eu. A Bíblia chama-o de “a essência secreta do coração”. O fruto do temperamento burilado pela disciplina e educação recebidos na infância e pelos comportamentos básicos, crenças, princípios e motivações, denominado, às vezes, alma — é composta por cérebro, emoções e vontade.[16]

Temperamento – Segundo McDougall, é “uma soma de efeitos produzidos sobre a própria vida psíquica, pelo metabolismo ou mudanças químicas que se efetuam constantemente em todos os tecidos do próprio corpo”. Características com as quais nascemos.

Combinação de características congênitas herdadas de nossos pais e avós e coordenadas com base na

nacionalidade, raça, sexo e outros fatores hereditários.[17]

Tim LaHaye (2004) diz que o temperamento pode ser modificado:

> *Sim, o temperamento pode ser modificado! Isso é claramente perceptível na segunda carta aos Coríntios 5.17 onde Paulo diz: "Assim, se alguém está em Cristo, ele é uma nova criatura; passou o que era antigo e apareceu o que é novo". Uma vez que o temperamento é a nossa "natureza antiga", o que o homem necessita é de uma "natureza nova". Essa "natureza nova" é transmitida ao homem quando ele aceita Jesus Cristo em sua vida.*

O mesmo autor acrescenta:

> *Pedro, que experimentou grande e dolorosa mudança de temperamento ao longo de sua conversão, escreve em sua segunda carta 1.4: "vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo." Há indivíduos autocontrolados, mas que não curaram boa parte de suas fraquezas, por não estarem em Cristo Jesus, pois Satanás conhece nossas fraquezas de temperamento e se aproveita delas para nos derrotar. Mesmo um psicólogo teve de admitir que só Jesus transforma um temperamento fraco e depravado em um espírito poderoso em Jesus Cristo. Infelizmente, muitos cristãos não alcançaram a completa transformação*

> *porque não se mantiveram em uma relação permanente com Jesus Cristo (Jo 15.1-14). A plenitude do Espírito Santo não é apenas ordenada a todo cristão: "E não vos embriagueis com vinho, em que há devassidão, mas enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18), mas se evidencia no controle da natureza humana pelo Santo Espírito de maneira tal que o cristão viva a vida de Cristo.*

O autoconhecimento é o caminho possível para o equilíbrio, o domínio e o controle dos pensamentos, emoções e nossas vontades, e, principalmente, para saber lidar com as frustrações.

O conhecimento de si mesmo pode ser feito com ou sem ajuda profissional. É bem verdade que é humanamente impossível alguém conseguir ter um controle absoluto das emoções. No entanto, é viável ter domínio sobre muitas delas.

O ensinamento bíblico para mantermos o equilíbrio emocional é ter a capacidade de autodisciplina ou DOMÍNIO PRÓPRIO; é permitirmos que, em nossas vidas, seja produzido o fruto do Espírito:

> *"[...] amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei" (Gl 5.22,23 – ARA).*

2. Quando a personalidade torna-se doente

Uma personalidade é considerada mórbida quando ocorrem alterações caracterizadas por padrões de percepção, de reação e de relação que são relativamente fixos, inflexíveis, não aceitas socialmente, incluindo uma variedade de situações.

As pessoas com alterações da personalidade são geralmente rígidas e sentem dificuldade de adaptarem-se à realidade. São pessoas propensas a ter problemas nas suas relações sociais e interpessoais e também no trabalho.

A Psicopatologia Clínica caracteriza-se principalmente pelos seguintes sintomas: ansiedade, depressão, pesar, ideação paranoide, delírios, alucinações e alterações do pensamento. Geralmente, as pessoas normais possuem os quatro primeiros em algumas ocasiões, de forma leve. Os neuróticos apresentam-nos de maneira severa, e os psicóticos apresentam as demais alterações.

II – COMO DISTINGUIR UM DISTÚRBIO MENTAL DE UMA POSSESSÃO DEMONÍACA

Há uma corrente de teóricos cristãos que desconsidera os problemas emocionais, interpretando-os como problemas espirituais. Jay Adams[18], fundador da Associação Nacional de Conselheiros Noutéticos, considera que a raiz de todos os problemas humanos reside no pecado. Para ele, as doenças e os sofrimentos sinalizam uma vida de rebeldia, sendo consequência do afastamento de Deus. A cura resume-se na

obediência aos preceitos bíblicos, que são entendidos a partir de uma moralidade fundamentalista.

Adams desconsidera a existência dos problemas emocionais. Para ele, existem apenas três fontes que dão origem aos problemas humanos: doenças físicas, pecados e atividades de demônios.

Algumas pessoas, buscando fundamentar a ideia de que as doenças mentais são oriundas de atividades demoníacas, interpretam erroneamente os textos bíblicos, citando exemplos como os textos de Mateus 4.24 e 17.15 que falam da cura de um epiléptico. A moléstia da qual sofria o jovem não era um simples desarranjo mental ou demência e nem a doença crônica do sistema nervoso central chamada, hoje em dia, epilepsia, mas, sim, uma possessão demoníaca.

1. Discernimento espiritual

O melhor caminho para distinguir um distúrbio mental de uma possessão demoníaca é a capacidade ou o dom do discernimento. Sabemos que o discernimento é uma habilidade ou capacidade dada por Deus de reconhecermos a ação dos espíritos que estão por trás de diferentes manifestações ou atividades.

A falta desse dom tem levado algumas pessoas a confundirem um problema comum como uma abstinência de álcool ou drogas com uma possessão demoníaca, assim como tem levado outros a achar que uma possessão demoníaca trata-se de um distúrbio mental como a esquizofrenia.

2. As evidências

Outra forma de distinguir um distúrbio mental de uma possessão demoníaca é observar as evidências e os fatos. É importante conhecer a história da pessoa, se ela tem envolvimento com práticas esotéricas, ou participa de cultos em que se faz algum tipo de pacto demoníaco.

Certa vez, participando de uma escola bíblica, fui chamado para orar por uma pessoa que diziam estar “possessa”. O irmão do rapaz que estava em crise listou os obreiros e pessoas que haviam passado por ali e orado sem êxito pelo seu irmão. Ao ver o estado do rapaz, que se contorcia no chão e dava berros estrondosos, perguntei desde quando ele estava naquele estado. Seu irmão relatou que aproximadamente há uns oito dias. Perguntei também como era a vida do rapaz antes dos sintomas da crise.

É importante traçarmos um divisor de águas entre o antes e o depois. Saber quando ocorreram os primeiros sintomas, como era a vida da pessoa e se houve alguma mudança significativa antes de o problema surgir. Seu irmão relatou que isso estava ocorrendo desde o dia em que o rapaz aceitou a Cristo e que era o Diabo que não queria que ele servisse a Deus.

Estranhei o fato de que ele nunca tivera essa crise antes. Como isso veio surgir exatamente depois que ele aceitou a Jesus? Sendo assim, perguntei se ele praticava esoterismo ou se estava envolvido com ocultismo, satanismo ou algo semelhante, e a resposta foi negativa.

Ora, se ele nunca tivera essas crises antes de aceitar a Jesus e nem estava envolvido com o espiritismo —

considerando que Cristo liberta o homem da escravidão do pecado — logo, dificilmente ele tinha uma possessão.

Perguntei, então, como era a vida desse rapaz antes de aceitar a Jesus. Foi daí que descobri que ele era viciado em drogas e álcool e que tinha largado o vício assim que aceitara a Jesus. Imediatamente concluí, pelas evidências e sintomas apresentados, que aquele rapaz estava tendo uma crise de abstinência e precisava ser imediatamente levado a um hospital para ser desintoxicado.

3. Os sintomas

Outro aspecto importante na distinção entre um distúrbio mental de uma possessão demoníaca são os sintomas apresentados. Há muita semelhança entre um surto psicótico e uma possessão demoníaca. Porém, uma pessoa em crise, ao ser medicada, reage ao efeito do medicamento. O mesmo não ocorre com uma pessoa possessa.

Há distúrbios que causam alteração da personalidade. Um tumor cerebral, por exemplo, pode manifestar-se através de várias mudanças de personalidade, como a intensificação de certos comportamentos ou excentricidades preexistentes.

Uma pessoa relatou que sua filha de quatro anos estava apresentando um comportamento agressivo. A criança acordava à noite gritando, xingando os pais, debatendo-se na cama, contorcendo-se. Antes, ela era dócil, muito calma e tranquila, mas agora demonstrava agitação e impaciência.

O pai mencionou que um grupo do círculo de oração vinha orando e jejuando, pois a garota estava possessa de

demônios. Esse grupo havia feito uma varredura na casa, jogando fora ursos de pelúcia e brinquedos da criança, alegando ser esse o motivo da possessão.

Procurei investigar o histórico familiar desde quando surgiram os primeiros sintomas e as providências que os pais haviam tomado, além de o pai ter convidado as irmãs do círculo de oração para orar.

Detectei que não havia motivos palpáveis para que aquela criança estivesse possessa. Aconselhei aos pais que procurassem um neurologista e um psicólogo para que a menina tivesse uma avaliação desses profissionais. Algumas semanas depois, tomei conhecimento que, após um exame neurológico, foi detectado um tumor maligno. A criança foi submetida a uma cirurgia, mas infelizmente não resistiu. Talvez, um exame precoce pudesse ter salvado aquela vida.

Precisamos ter cuidado para não espiritualizarmos os problemas psíquicos, demonizando todo e qualquer problema mental. De igual modo, temos que ter discernimento para não interpretarmos uma possessão demoníaca como sendo um problema mental.

Como líderes, precisamos buscar conhecimento e orientação de Deus para ajudarmos as pessoas enfermas e também aquelas que precisam de libertação.

---

[16] Tim LaHaye, em seu livro: Temperamento controlado pelo Espírito, 2004.

[17] *Idem*.

[18] Pastor Presbiteriano. Autor do livro *Conselheiro Capaz*.

3ª Parte

A Psicologia Voltada para o Líder

Capítulo IX – O Pastor e o Exercício da Liderança

Capítulo X – O Gerenciamento Pessoal

Capítulo XI – Lidando com os Conflitos Pessoais

Capítulo XII – Lidando com as Emoções e Sentimentos o Caminho para a Maturidade Emocional

CAPÍTULO

IX

O PASTOR E O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA

1 – O QUE É LIDERANÇA

1. Definição

Liderança “é o processo de conduzir pessoas a um objetivo comum”. É a arte de influenciar pessoas. Há pessoas que não possuem um cargo de liderança, mas são líderes natos, capazes de influenciar um grupo. Outras têm o título e exercem a função de um líder, mas não possuem habilidade para liderar. Precisam usar a força para conquistar a obediência do grupo.

“Liderar” significa “mostrar o caminho, conduzir, guiar, dirigir o curso de outrem, indo adiante ou acompanhando-o”. É fazer com que as pessoas ajam de forma efetiva.

2. Liderança conceitual e relacional – (1 Ts 2.5-8)

O líder é alguém que faz duas coisas:

Primeiro – Ele sabe para onde vai. Seus objetivos são claros (liderança conceitual).

Segundo – Ele consegue persuadir outros a acompanhá-lo (liderança relacional).

O líder deve ser alguém orientado tanto para alvos como para pessoas. Se alguém não definiu específica e claramente o que quer, esse alguém não é um líder.

O líder precisa ter objetivo porque, se não for assim, não saberá para onde liderar seu grupo. Ele precisa também motivar seu grupo a alcançar metas desejadas. Muitos têm grande capacidade de estimular a imaginação alheia e reunir seguidores, mas não sabem realmente para onde estão caminhando e acabam levando o grupo para um "beco sem saída". Outros têm alvos; sabem exatamente para onde vão e dirigem-se para o lugar certo, mas não conseguem persuadir ninguém a acompanhá-los.

O verdadeiro líder é aquele que tem capacidade para motivar ou inspirar os outros a segui-lo.

II – ESTILOS DE LIDERANÇA

O autor Idelbrando Chiavenato (1999) fala-nos de três estilos de liderança diferentes:

1. Liderança autoritária ou autocrática

Na liderança autocrática, o líder toma as decisões sem consultar o grupo, ou seja, decide tudo sozinho; ele fixa as tarefas de cada um e determina o modo de concretizá-las. Não há espaço para a iniciativa pessoal, sendo esse tipo de

liderança o gerador de conflitos, de atitudes de agressividade, de frustração, de submissão e desinteresse, etc. A produtividade é elevada, mas a realização das tarefas não é acompanhada de satisfação.

2. Liderança liberal (laissez-faire)

A liderança liberal (*laissez-faire*) é do tipo não-diretiva; o líder funciona como elemento do grupo e só intervém se for solicitado. É o grupo que levanta os problemas, discute as soluções e decide. O líder não intervém na divisão de tarefas, limitando-se a fornecer informações se a sua intervenção for requerida.

Nos grupos com esse tipo de líder sem capacidade alguma de auto-organização, podem surgir frequentes discussões, com desempenho pouco satisfatório das tarefas.

3. Liderança democrática

A liderança democrática é definida por Chiavenato como aquela em que é a decisão do grupo que prevalece, ou seja, o grupo participa da discussão da programação do trabalho, na divisão das tarefas, sendo as decisões tomadas coletivamente. O líder assume uma atitude de apoio, integrando-se no grupo, sugerindo alternativas sem, contudo, impô-las.

O líder democrático procura ser objetivo nas apreciações que faz do desempenho dos elementos do grupo e reenvia-lhe sínteses dos processos desenvolvidos.

Na prática, o mesmo líder pode adotar diferentes estilos, consoante às necessidades, motivos e contexto situacional.

Cada tipo de situação requer um tipo de liderança para se alcançar eficácia dos subordinados. “Os líderes mais eficazes adotam estilos de liderança de acordo com as necessidades concretas das pessoas com quem lidam.” (Estanqueiro, 1992).

III – O ESTILO DE LIDERANÇA DE JESUS

O estilo de liderança de Cristo é fundamentado, principalmente, no amor, na verdade (Mt 5.34-37; Jo 18.20-21) e na motivação, ou seja, na capacidade de persuadir os outros a segui-lo. O seu amor pelas ovelhas é tão grande que Ele deu sua vida por elas (Jo 10.11).

Cristo, como líder, não era autoritário, mas agia com autoridade e determinação (Mt 7.29). Ele não trabalhava só, mas, de uma forma participativa, dividia tarefas com os seus discípulos (Mt 10. 1-16). Jesus mostrou com atitudes que o líder precisa, às vezes, calar-se (Jo 8.1-11) e em outras, ter uma resposta pronta e precisa (Mt 22.15-22).

Durante o milagre da multiplicação dos pães, Ele ensinou-nos de uma forma sistemática como administrar situações extremas. Os discípulos apresentaram um problema a Ele: “*O lugar é deserto, e o dia está já muito adiantado; despede-os, para que vão aos campos e aldeias circunvizinhas e comprem pão para si, porque não têm o que comer*” (Mc 6.35,36).

Jesus, porém, dividiu a responsabilidade com os discípulos, dizendo: “*dai-lhes vós de comer*” (v. 37). Quando os discípulos apresentaram dificuldades para resolver a situação, Jesus quis saber o que eles podiam fazer,

perguntando: “*Quantos pães tendes*?” (v. 38). Ao receber os cinco pães e os dois peixes, Cristo deu-nos o exemplo de um trabalho em equipe. Ele ordenou que os discípulos organizassem a multidão, dividindo-a em grupos de cinquenta e cem pessoas. Todos os sentados na relva receberam pães e peixes até ficarem fartos.

O trabalho dos discípulos foi fundamental naquela ocasião. Imagine o que teria acontecido com aquela multidão faminta se não houvesse organização.

O autor Michael Youssef (1987) diz que os verdadeiros líderes precisam ter o chamado e o caráter de Jesus Cristo; afinal, Ele foi o maior líder que já existiu. Se o líder da igreja deseja ser bem-sucedido, ele não deve exercer sua liderança baseada nos modelos autoritários e manipuladores do mundo, mas deve olhar para Cristo e seguir seus ensinamentos.

Alguns princípios da liderança de Jesus Cristo segundo Michael Youssef

1 – Jesus foi confirmado líder antes mesmo de liderar (Mt 3.16,17). O mesmo tem que acontecer com o líder espiritual, que precisa ser confirmado até por pessoas de fora da igreja (1 Tm 3.7).

2 – Prestar reconhecimento aos que o precederam (Jo 4.36-38). Quando o líder conscientiza-se de que sua capacidade de liderar é dada por Deus, ele passa a reconhecer o valor dos outros e agradece aos que o ajudaram a desenvolver essa capacidade (Jo 3.27).

3 – Os bons pastores conhecem suas ovelhas; os bons líderes conhecem seus seguidores (Jo 10.14-15). Para conhecer bem as ovelhas, é preciso ter amor por elas e não as tratar apenas como número ou membros registrados em um livro. O bom líder espiritual preocupa-se com as necessidades de seus seguidores.

4 – Aprender a enfrentar as críticas, porque Cristo, mesmo sendo perfeito, foi criticado.

Todos nós temos dificuldades em lidar com as críticas, principalmente se tais críticas são feitas por nossos irmãos na fé. Jesus também foi alvo delas (Jo 18.30). Quando as críticas forem justas, devemos aprender com elas. Quando nos criticarem injustamente, observemos o que Jesus ensina em Mateus 5.11,12.

O líder deve conhecer as pessoas que estão ao seu redor e possuir a capacidade de adaptar-se, o que exige certa flexibilidade e versatilidade, não deixando, no entanto, de ser coerente.

IV – O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA

Para exercer o ofício da liderança, o líder precisa atentar para as seguintes ações:

Exercer a comunicação – A informação deve ser transmitida de maneira clara, simples, transparente e objetiva, de modo que as pessoas fiquem ligadas ao objetivo a ser alcançado. O ato de comunicar-se exige um retorno ou uma resposta daqueles que recebem a mensagem. Uma comunicação inadequada representa um

desperdício de energia. Por isso, faz-se necessário aprender a comunicar-se bem, rompendo toda e qualquer barreira que impeça os outros de receberem nossas mensagens.

Delegar tarefas – Delegar é o processo contínuo pelo qual um líder atribui novas responsabilidades e autoridade, levando as pessoas a desenvolverem suas capacidades ou "dons" na direção do objetivo. Quando o líder delega, ele organiza as tarefas e evita que seu trabalho torne-se pesado demais; ele também estimula seu pessoal a desenvolver autoconfiança e capacidade de assumir responsabilidades.

Moisés e Jetro, seu sogro, são exemplos bíblicos de delegação. Em Êxodo 18.13-27, Moisés indica seus auxiliares durante a caminhada pelo deserto. Jetro, observando o esforço sobre-humano de Moisés, seu genro, disse: "*Não é bom o que fazes. Totalmente desfalecerás, assim tu como este povo que está contigo; porque este negócio é mui difícil para ti; tu só não o podes fazer*" (Êx 18.17-18).

O próprio Jesus delegou tarefas e responsabilidades aos seus discípulos (Mt 10.5-15; Mc 6.7-13; Lc 10.1-12).

Motivar os outros e a si mesmo – O líder precisa descobrir o potencial de cada pessoa, elogiá-la, aceitar novas ideias e estimular as pessoas a participarem das decisões, em busca dos objetivos pretendidos. Para isso, ele também precisa estar motivado.

O maior problema de um líder não é motivar os outros, mas impedir que os outros o desmotivem.

Planejar – Trata-se de organizar nossas ações com vistas a alcançar nossos objetivos. Planejar é algo que exige decisões constantes, precisão e definição do que se quer de fato, aonde se quer chegar e o como fazer. É definir prioridades. Planejamento é algo imprescindível na vida de um líder.

V – QUALIFICAÇÕES DE UM BOM LÍDER

Existem algumas qualificações que são indispensáveis a um líder e precisam ser cultivadas. Há uma listagem imensa que vai desde a competência técnica, espírito de decisão, inteligência, conhecimentos, sabedoria e imaginação. A característica mais importante, porém, na arte de liderar é a capacidade de autogerenciamento. Uma pessoa que não consegue administrar bem sua vida não terá condições de liderar um grupo.

Uma boa liderança exige uma grande disciplina pessoal. O líder precisa saber planejar bem sua vida, administrar o seu tempo, suas finanças, sua vida pessoal, moral e espiritual, sua família e demais áreas da sua vida.

O líder não pode esquecer que possui um grupo para orientar, motivar e investir. Sua vida torna-se um modelo que será seguido pelos seus liderados. O que os outros fazem pode ser resultado de suas ações.

O bom líder possui uma vida exemplar, dinâmica e disciplinada. O escritor Douglas afirma: “Mostre-me um homem forte em público, e eu lhe mostrarei um homem forte em casa.” Uma vida privada dinâmica deve funcionar especialmente em sua família.

O sucesso do líder depende não só do seu programa pessoal, mas também da maneira como ele é visto pelos seus liderados. Por isso, devemos ter cuidado e agir com prudência e sabedoria.

Um líder cristão tem uma responsabilidade maior de conduzir as pessoas ao verdadeiro caminho — Jesus Cristo — usando a autoridade dada por Deus.

Apresentamos algumas sugestões que poderão auxiliar aqueles que desejam aprender a arte de administrar a si mesmos e desenvolver o seu ministério de uma forma eficaz.

Mostramos que, como seres humanos, podemos enfrentar crises em nossas vidas. De igual modo, devemos entender aqueles a quem lideramos, alguns deles fracos, trabalhosos, neófitos, mas que estão ali para serem ganhos para Cristo e serem úteis.

Não basta apenas conhecimento teológico ou a aplicação de técnicas de liderança. É necessário também buscar do Senhor sabedoria para liderar o seu povo. Sigamos o exemplo de Moisés, Salomão e outros líderes mencionados na Bíblia.

CAPÍTULO

X

O GERENCIAMENTO PESSOAL

O líder precisa saber governar bem a si mesmo, mantendo controle sobre todas as áreas da sua vida: seu tempo, suas finanças, sua vida pessoal e moral, sua família, etc. Quem não consegue gerenciar a si mesmo não terá condições de administrar a Igreja de Cristo (1 Tm 3.1-7).

I – ADMINISTRAR A SI MESMO É SER UM BOM MORDOMO DO SEU TEMPO E TESOURO (Ef 5.15,16)

Conforme a Bíblia sagrada, Deus criou o homem para este adorá-lo e servi-lo, dando-lhe poder de governar e administrar a vida na terra de forma a manter e preservar sua criação (Gn 1.28). Ele deu talentos, dons e valores vitais a serem cuidados por nós.

Precisamos:

- Investir nosso tempo, talento e tesouro, de maneira que o máximo esteja sendo feito em relação ao que Deus quer de nós.

- Ser bons mordomos do nosso tempo — fazendo-o render o máximo.

Como seus servos, devemos exercer a liderança e administrar com sabedoria fazendo bom uso dos nossos talentos, do tempo, dos recursos materiais e de todas as coisas sobre as quais Deus deu-nos mordomia. É nossa responsabilidade exercer a mordomia dos recursos do Reino de Deus que foram confiados por Ele a nós (Mt 25.29; Lc 4.16; Sl 50.12; Ml 3.8-10).

1. As prioridades máximas da vida

J. Grant Howard (1991) apresenta três prioridades máximas na vida: minha responsabilidade para com Deus, para com os outros e para comigo mesmo.

O autor baseia-se na seguinte declaração de Jesus: "*Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo*" (Mt 22.37,39).

O texto deixa bem claro que devemos amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo, cumprindo com nossa obrigação bíblica. Devemos praticar isso constantemente em nossas vidas e cumprir com nossa responsabilidade.

Howard mostra que, nesse caso, estaremos estabelecendo três prioridades:

1. Deus (Mt 6.33, 2 Co 5.19-20);
2. O próximo (Mt 28.18-20);
3. Nós mesmos (Mc 19.35, Lc 9.46-48).

Essas três prioridades devem estar intimamente relacionadas entre si. Assim, quando oramos e observamos a Palavra de Deus, estamos colocando-o em primeiro lugar e, ao mesmo tempo, satisfazendo nossas necessidades.

2. Princípios de mordomia cristã

> *“E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores”(Ef 4.11).*
>
> *Mordomia é o manejo responsável dos recursos do reino de Deus que foram confiados a uma pessoa ou a um grupo”. (Conciso Dicionário de Teologia Cristã – Millard J. Erickson).*

A mordomia cristã é o ofício do mordomo. Mordomo (do grego *oikonómos*) — Administrador dos bens de uma casa (*oikos*) ou de um estabelecimento alheio. (Pequena Enciclopédia Bíblica — O.S. Boyer). Mordomo é o servo de Deus e despenseiro dos ministérios do Senhor.

> *“A palavra mordomo é mal entendida e até estranha à nossa sociedade. Em nosso moderno vocabulário, não temos expressão que revele a riqueza dessa palavra. Zelador deixa de capturar a responsabilidade atribuída ao mordomo. Gerente parece inadequado para descrever a relação entre o proprietário e o mordomo. Curador é um termo muito passivo. Agente, em nossos dias, é muito*

usada para o interesse próprio. Embaixador é muito político, e falta a essa palavra o aspecto de servidão. Administrador é muito empresarial e perde o senso do pessoal. Tutor está muito ligado às responsabilidades dos pais" (R. Scott Rodin, Stewards in the Kingdom, p. 27).

Na primeira Carta de Paulo aos Coríntios, lemos: *"Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel"* (1 Co 4.1,2).

Portanto, o mordomo deve ser:

- **Um servo fiel que deve cuidar de si mesmo, sendo responsável por sua boa conduta em todas as áreas de sua vida.** *"Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel"* (1 Co 4.2). O mordomo não deve ter vida torpe, censurável, pois, caso contrário, ele não terá autoridade para instruir, repreender, disciplinar e exortar seus liderados quando erros forem cometidos. Ele também deve ser uma pessoa emocionalmente equilibrada, pois o modo como ele lida com os seus sentimentos refletirá diretamente em seus liderados. O cuidado com a vida e o próprio corpo é, também, responsabilidade do fiel mordomo diante do Senhor: *"Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e*

agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1). Somos responsabilizados diante de Deus pela maneira como conduzimos nossa vida.

- **Um líder que governa bem a sua casa.** Infelizmente, existem aqueles que não governam bem a sua casa, nem assumem o papel de cabeça do lar e, ainda assim, querem cuidar da igreja de Deus. Esse texto fala dessa inconveniência: *“[...] que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?)”* (1 Tm 3.4,5).

- **Um cristão administrador dos seus dons.** Os dons da graça de Deus que Ele há dado aos crentes, sejam eles dons naturais ou dons espirituais (1 Pe 4.10; Ef 4.7-16). Todos devemos usar fielmente esses dons com o propósito de servir aos outros e glorificar a Deus: *“Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus”*. (1 Pe 4.10).

- **Um líder responsável por cuidar das coisas de Deus** (1 Co 4.1; Tt 1.7), como cuidar da manutenção da igreja administrando bem os dízimos e ofertas. Dízimo é “*oferta entregue voluntariamente à obra de Deus, constituindo-se na décima parte da renda do doador”*. (Dicionário

Teológico, CPAD). Saibamos que o Senhor abençoa aquele que administra bem os dízimos trazidos à igreja para manutenção de sua obra e expansão do seu Reino aqui na terra. Contribuindo voluntariamente, estaremos ganhando almas, proclamando o evangelho e discipulando novos crentes: *"Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas"* (Ml 3.8).

- **Um cristão responsável em pregar o evangelho e fazer discípulos, seguindo a ordem dada por Jesus Cristo antes de Ele voltar ao Céu:** *"Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura"* (Mc 16.15). Pregar o evangelho é um dever de todos os que receberam Cristo como o seu salvador. Como mordomos de Cristo, somos responsáveis diante dEle em cumprir sua ordem. Devemos usar nosso tempo, talento e tesouro, que nos foram concedidos por Deus, na sua obra: *"E, por isso, se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada. Logo, que prêmio tenho? Que, evangelizando, proponha de graça o evangelho de Cristo, para não abusar do meu poder no evangelho"* (1 Co 9.17-18).

- **Um líder responsável por cuidar dos outros.** Ou seja, desempenhar com responsabilidade o ministério de servir, auxiliar, presidir, administrar,

contribuir, ser misericordioso, discernir os espíritos, ser hospitaleiro: *“Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor”* (Ef 4.1-2).

Manter essas práticas citadas, bem como ajudar e cuidar dos necessitados nos dias atuais é importante, quando se trata do princípio da solidariedade entre as pessoas, principalmente os domésticos na fé. No entanto, a maneira de praticar esse princípio é diferente em cada época e lugar. Para vivermos o cristianismo completo, temos que nos esforçar para viver em comunidade.

II – OUTRAS PRIORIDADES NA VIDA DE UM LÍDER

Existem outras prioridades na vida de um líder que não podem ser esquecidas: a família — o lar; a casa (do grego *oikos*), a igreja e o trabalho.

Embora essas prioridades estejam intimamente ligadas às citadas por Howard, precisamos destacá-las, observando o valor e a importância à vida ministerial.

1. A igreja

A igreja é o centro do propósito divino. Sua existência deve-se à soberana vontade e sabedoria de Deus. Nela, adoramos ao Senhor, relacionamo-nos com os irmãos e desenvolvemos a vocação e/ou liderança ministerial. O líder

deve cuidar da igreja, assistindo-a em todas as suas necessidades.

2. A família

A família é a instituição mais elevada do homem, instituída por Deus com o propósito de trazer felicidade ao homem, à mulher e aos filhos. Um lar bem estruturado glorifica a Deus. É no lar que se desenvolvem os relacionamentos mais marcantes de toda a nossa vida. O cuidado com a família é a coisa mais importante depois da nossa relação com Deus (1 Tm 5.8). O homem recebeu a responsabilidade de administrar a casa. Ser cabeça não significa ser superior, mas ter maior responsabilidade. Como cabeça, ele é: pai, sacerdote da família, protetor, instrutor, guia e provedor (Gn 3.19; 1 Co 11.3). Cabe ao homem estruturar sua casa. Quando ele perde o autocontrole, prejudica toda a estrutura do lar. Juntamente com a sua esposa, ele deve instruir e ensinar os filhos a amar, e a obedecer a Deus, e a guardar os ensinamentos das Sagradas Escrituras. Deus exige maior responsabilidade do homem atribuindo-lhe o dever de cuidar do bem-estar espiritual, mental e físico de sua família (Ef 5.28-31,33; 6.4; 1 Tm 5.8; 1 Pe 3.7).

O apóstolo Paulo indaga: *“(porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?)”* (1 Tm 3.5).

Há pessoas que se dedicam tanto às atividades da igreja que se esquecem de cuidar da sua própria casa. Levar os filhos à igreja não é o suficiente, mesmo quando o pai é o

pastor. Os valores devem ser ensinados e praticados dentro de casa.

3. O trabalho

O trabalho também tem o seu lugar nas prioridades humanas. É por meio dele que batalhamos pelo nosso sustento. Uma pessoa que não gosta de trabalhar certamente não terá motivação para desenvolver a obra de Deus.

Todas essas responsabilidades são fundamentais à vida de um líder. Porém, só é possível desenvolvê-las quando este aprende a gerenciar a sua própria vida.

A falta de uma administração pessoal leva-nos ao fracasso em todas as áreas da vida: com Deus, com a família, com a igreja, com o trabalho e com tudo o que fizermos.

Neste capítulo, apresentaremos alguns princípios que poderão ajudar aqueles que desejam aprender a gerenciar a si mesmo.

III – O PLANEJAMENTO

Já vimos anteriormente a Importância do Planejamento, que é algo imprescindível na vida de um líder. Este torna clara e precisa a ação. Quando planejamos, organizamos o que fazemos, sintonizamos ideias e captamos recursos para tornar nossa ação mais eficiente.

Quando não planejamos, trabalhamos muito e produzimos pouco. O autor Stephen B. Douglas (1999) apresenta, na ilustração abaixo, o resultado daqueles que não conseguem planejar:

> *Um fazendeiro disse à esposa que iria arar o "lado sul". Ele levantou cedo para lubrificar o trator. Precisava de mais óleo e foi então comprá-lo. No caminho notou que alguns porcos não haviam se alimentado. Quando chegou ao celeiro para pegar o milho, encontrou alguns sacos. Isso fez com que lembrasse que as batatas estavam brotando. Dirigiu-se ao lugar onde as havia guardado. Mas, ao passar pela pilha de madeira, lembrou que a mulher queria lenha em casa. Quando pegou alguns pedaços, uma galinha doente passou perto dele. O homem deixou cair a lenha e foi atrás da galinha. Ao anoitecer, ele não tinha ainda levado o trator para o campo.*

Devemos definir os objetivos que desejamos alcançar em todas as áreas da nossa vida, estabelecendo um programa de atividades diárias. Se possível, fazendo uma lista de atividades necessárias e a ordem em que elas devem acontecer.

Jesus, em um dos seus discursos, mostrou a importância do planejamento em tudo o que fizermos, inclusive na nossa relação com Ele como discípulos:

> *Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem*

> *comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores e pede condições de paz. Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo (Lc 14.28-33).*

A Bíblia ensina que devemos administrar bem as nossas vidas. Deus estabeleceu um tempo determinado para fazermos tudo o que Ele quer que façamos (Ec 3.1). Um dia, porém, Ele pedirá contas do tempo, talento e tesouro que nos foram concedidos (Mt 25.14-30).

IV – A ADMINISTRAÇÃO NO TEMPO

Administrar a si mesmo é ser um bom mordomo do seu tempo e tesouro (Ef 5.15,16). O líder precisa saber administrar o seu tempo e realizar o máximo que puder sem se estressar. A Bíblia ensina que devemos agir com prudência, sendo um bom mordomo do tempo: *"Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porquanto os dias são maus"* (Ef 5.16,15).

O tempo é algo que não se renova. Quando ele acaba, não pode mais ser resgatado. Infelizmente, não podemos estocá-lo para usá-lo mais tarde. Embora usemos a

expressão “administrar o tempo”, não é, no entanto, o tempo que deve ser administrado, mas, sim, a nossa vida no tempo que nos deu. Por isso, eu uso a expressão: “administrar o seu tempo”, e não o tempo em si.

Quem não sabe administrar sua vida no seu cotidiano joga sua vida fora. Um dia pode ser vivido apenas uma vez. O amanhã será sempre um novo dia, e o tempo perdido hoje terá sido perdido para sempre.

O tempo não pode ser esticado, porém rende muito quando bem programado.

1 – Empecilhos à administração no tempo

A maioria das pessoas reconhece que não sabe administrar bem o seu tempo. O grande problema são os empecilhos que surgem no dia a dia que impossibilitam o bom uso do tempo. Deus deu a todos 24 horas por dia que, se bem administradas, dará para fazermos tudo o que é necessário.

Um dos grandes empecilhos à administração do tempo é o excesso de tarefas. Há líderes que não sabem dividir responsabilidades. Eles temem perder sua liderança caso o trabalho seja executado por outros. Aqueles que agem assim produzem pouco, ficam estressados e deixam seus auxiliares insatisfeitos. O excesso de atividades paralisa a pessoa, deixando-a sem saber por onde começar a execução das tarefas.

Outro problema que atrapalha o líder no controle do seu tempo é o excesso de interrupções. Visitas inesperadas e

telefonemas excessivos podem estragar uma agenda bem definida.

O excesso de reuniões também poderá interferir na administração do seu tempo. A falta de objetividade, os assuntos paralelos e a indefinição dos assuntos abordados tomam um tempo excessivo e geram a necessidade de futuras reuniões. Apresentaremos, posteriormente, alguns aspectos básicos para a realização de uma reunião produtiva.

Outro empecilho, talvez o pior deles, é a tendência à procrastinação. Há pessoas que são extremamente vagarosas. Dormem demasiadamente, assistem TV ou ficam conectados à Internet até tarde da noite. No dia seguinte, não sentem coragem ou motivação para fazer o que é necessário. Protelam sempre os seus compromissos e adiam a solução de problemas. Se o líder não vencer esse terrível inimigo, fracassará.

2 – Aprendendo a Programar-se no Tempo

Às vezes, não é necessário conhecermos técnicas específicas para administrarmos nosso tempo. Algumas ideias simples podem fazer uma grande diferença. Neste tópico, tentaremos apresentar algumas dessas ideias.

Existem várias técnicas que ajudam na programação do tempo. Elas podem ser muito úteis quando bem aplicadas.

3 – Criando Uma Hierarquia de Valores

Uma boa sugestão para quem quer administrar bem o seu tempo é estabelecer uma hierarquia entre as coisas mais

importantes e as menos importantes. Lembra-se do fazendeiro que saiu para arar a terra? A sua falta de objetividade impediu-o de realizar o seu plano de levar o trator para o campo.

Assim acontece com todos aqueles que não sabem o que realmente é prioridade.

O líder deve preparar uma lista de atividades, destacando aquilo que é prioridade.

Uma técnica bastante proveitosa é o estabelecimento de símbolos para diferenciar a importância das coisas. Vejamos o exemplo:

- Nas atividades superimportantes, podemos usar o símbolo (SI);
- Nas atividades muito importantes (MI);
- Nas atividades importantes (I);
- Nas atividades pouco importantes (PI), e assim sucessivamente.
- Procure adotar uma simbologia que mantenha uma significação bem defi nida e constante.

Quando ordenamos nossa lista de atividades, observamos que existem coisas que são importantes e urgentes, e outras que são importantes, mas não são urgentes.

Detectamos, também, aquelas que, apesar de não serem tão importantes, são urgentes, e as demais que não são nem importantes nem urgentes.

Também descobrimos que há tarefas que só podem ser executadas por nós mesmos, mas há outras que podem ser

delegadas.

Há um princípio de administração, chamado de Princípio de Pareto,[19] que afirma que 80% dos retornos que obtemos na vida consistem apenas de 20% daquilo que investimos.

Se aplicarmos esse princípio ao desempenho do líder, concluiremos que o seu sucesso depende apenas de 20% do que ele faz; ou seja, 80% das coisas que fazemos hoje poderiam ser eliminadas.

O problema está na hierarquia que estabelecemos. Devemos eliminar as coisas que não são nem importantes nem urgentes. Há muitas coisas que fazemos simplesmente por hábito que podem ser eliminadas ou delegadas.

4 – Vencendo a desorganização

Às vezes, o líder é tragado não só pelo excesso de tarefas e o acúmulo de cargos que exerce. A simples falta de organização pode gerar uma grande perda de tempo. Imagine uma pessoa que não tem um lugar específico para guardar as chaves e documentos do carro. Quanto tempo ela perde procurando-os, sem falar no aborrecimento e estresse que passa.

Alguns cuidados básicos podem ajudar o líder na administração do seu tempo. Uma coisa simples, porém eficaz, é não deixar juntar papeis sobre a sua mesa. Alguns líderes têm um apego muito grande aos seus papeis. Eles colecionam e guardam todo tipo de papel que vem para a sua mesa achando que um dia precisará deles. A maioria desses papéis não tem validade alguma. O problema maior é quando eles misturam-se com documentos e coisas

importantes. Quando se deseja encontrá-los, perdem-se horas procurando-os.

Elimine o excesso de papeis. Guarde apenas aquilo que não estará disponível facilmente noutro lugar, como biblioteca, Internet, etc. Os papeis importantes precisam ser colecionados em pastas com identificação. Separe uma pasta para recibos a pagar, outra para recibos pagos, outra para correspondências, outra para textos e assim sucessivamente. Selecione sempre o material que precisa ler diariamente. Às vezes, fazemos assinaturas de jornais, revistas e periódicos que não têm utilidade alguma. Servem apenas para ficar amontoados sobre a mesa esperando uma oportunidade para serem lidos. Defina um lugar específico para guardar as suas coisas. Quando estas forem utilizadas, devolva ao lugar em que elas estavam guardadas. É melhor gastar um pouco de tempo com a organização das coisas do que perder horas procurando-as.

5 – Programando as reuniões

Já vimos como o excesso de reuniões e a maneira como estas são conduzidas comprometem o tempo. Por isso, o líder só deve convocar uma reunião quando for estritamente necessário. Ao convocá-la, ele precisa determinar os objetivos que deseja alcançar. Com bastante antecedência, ele deve distribuir a convocação, explicitando claramente os objetivos da reunião e os resultados que espera alcançar.

No início da reunião, o líder deve apresentar a pauta com a ordem em que os assuntos serão discutidos. As regras das discussões precisam ser esclarecidas e respeitadas, bem

como o limite de tempo para cada intervenção. O foco da discussão precisa ser mantido. Caso alguém comece a desviar o assunto, este alguém deve ser cortado imediatamente.

No final, deve ser expedida uma ata que apresente os resultados da reunião. Nessa ata, será incluída a data, o local e o nome dos participantes. Esta deverá ser lida e, após sua aprovação, assinada por todos os presentes. A ata é um documento que registrará os assuntos discutidos na reunião e as decisões tomadas. Com ela, evitamos perder tempo discutindo os mesmos assuntos noutras reuniões.

V – O CONTROLE DAS FINANÇAS

O controle financeiro é algo imprescindível na vida de um líder. Quem não consegue administrar as suas finanças passa a ter sérios problemas — principalmente no relacionamento familiar — e terá dificuldades de cuidar das finanças da igreja. Jesus ensinou que *“Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito”* (Lc 16.10).

Os problemas financeiros são, na maioria das vezes, o resultado de uma desorganização interior. Essa situação vai desde a falta de planejamento à compulsão de gastar.

O compulsivo não consegue controlar os seus impulsos; ele compra por comprar, tentando aliviar suas tensões e a ansiedade que sente por problemas pessoais. Esses casos, geralmente, precisam de tratamento médico e acompanhamento psicoterapêutico.

Existem outras situações, como a perda de emprego, acidentes, doenças que também podem desencadear uma crise financeira; porém, esses casos são temporários e são resolvidos à medida que a situação melhora.

Neste tópico, discutiremos apenas a questão da falta de planejamento, que é o problema mais comum. Apresentaremos sugestões de como fazer um orçamento familiar mensal.

O controle de gastos é extremamente necessário para se obter um orçamento familiar equilibrado. Quando fazemos um orçamento mensal, podemos perceber nossas reais condições financeiras, assumimos o controle dos nossos gastos e aprendemos a viver de acordo com o que ganhamos.

O orçamento mensal nada mais é do que uma lista de todas as despesas do mês, até mesmo as pequenas. A soma total das despesas é subtraída do valor da receita. Havendo sobras, deve-se poupar para eventuais necessidades. Se o saldo, porém, for negativo, o orçamento precisará ser reajustado.

O PROCON de Belo Horizonte apresenta um modelo de orçamento familiar. De acordo com esse modelo, as despesas inicialmente devem ser separadas por categorias. Dessa forma, temos uma noção da média de gastos em cada segmento.

Em seguida, todas as despesas são relacionadas com uma previsão de gastos para o mês. No final do mês, é feita uma relação entre as despesas previstas e realizadas.

Despesas Mensais Separadas Por Categoria

Modelo do PROCON - PBH

- Alimentação: Supermercado, padaria, açougue.
- Habitação: Aluguel, condomínio, água, luz, etc.
- Vestuário: Roupas, sapatos, acessórios.
- Educação: mensalidades, material escolar.
- Saúde: Médico, dentista, remédios.
- Higiene: Higiene pessoal, produtos de limpeza.
- Transporte: Ônibus, combustível, gasolina.
- Serviços: Faxineiro, cabeleireiro, manicure, costureira.
- Lazer: Férias, passeios, festas.

As dívidas tornam-se um grande empecilho na vida de um líder. Portanto, aprenda a administrar suas finanças e tenha uma vida mais saudável.

VI – O LÍDER E O CONTROLE DO ESTRESSE

Nas últimas décadas, o mundo sofreu grandes transformações que exigiram do ser humano uma enorme capacidade de adaptação física, mental e social.

O desenvolvimento tecnológico e o progresso rápido dos meios de comunicação social trouxeram uma nova dinâmica às relações humanas, chegando até mesmo a interferir no próprio modo de agir e de pensar das pessoas.

A agitada dinâmica do mundo pós-moderno tem levado as pessoas a moverem-se em todas as direções, buscando

vencer os desafios impostos por uma sociedade que fixa metas altas e ambiciosas, deixando muitas vezes as pessoas embaraçadas e inseguras. Às vezes, essa busca incessante transforma-se numa tremenda inquietação ou numa não aceitação da realidade presente.

A era atual é considerada por vários especialistas como a Idade da Ansiedade. A grande necessidade de ajustar-se à atual realidade do mundo tem levado muitas pessoas a viverem numa frequente desestabilização emocional. A insatisfação das pessoas em relação à sua vida e à sua condição social, a correria do dia a dia e a pressa são algumas das coisas que marcam a geração atual.

Vivemos num mundo cheio de opções, mas nem todos têm os meios de ser optantes. Essa situação provoca uma aguda incerteza existencial, transformando-se num sentimento de ansiedade e medo. No cenário global, tornamo-nos espectadores ou participantes de um amontoado de coisas que se modificam, são transformadas, recriadas, além de outras que são anuladas.

Não há dúvida de que a vida pós-moderna trouxe consigo alguns problemas existenciais, como a ansiedade, a depressão e o estresse patológico. Abordamos, a seguir, apenas este último — o estresse patológico e suas consequências para a saúde humana. Mostramos, ainda, como a oração pode ajudar no controle desse terrível mal.

1 – O que é o estresse

O termo estresse (do inglês “*stress*”) foi usado inicialmente pela Física para traduzir o grau de

comprometimento de um material que sofre uma carga excessiva de tensão. Posteriormente, o médico Hans Selye, pioneiro no estudo do estresse humano, usou esse mesmo termo para indicar o estado de uma pessoa que está sobre pressão e o esforço de adaptação do organismo para enfrentar essa situação.

"O estresse é o resultado obtido pelo homem ao criar uma civilização que ele, o próprio homem, não mais consegue suportar" (Hans Selye, 1988).

Segundo o Dr. Vladimir Bernik, médico psiquiatra:

> *O estresse fisiológico é uma adaptação normal; quando a resposta é patológica, em indivíduo mal adaptado, registra-se uma disfunção, que leva a distúrbios transitórios ou a doenças graves, mas, no mínimo agrava as já existentes e pode desencadear aquelas para as quais a pessoa é geneticamente predisposta. Então se torna um caso médico por excelência. Nestas circunstâncias desenvolve-se a famosa síndrome de adaptação, ou a luta-e-fuga (fight or flight), na expressão do próprio Selye.*

De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, estresse "é o conjunto de reações do organismo a agressões de origem física, psíquica, infecciosa, e outras capazes de perturbar a homeostase (equilíbrio)".

A maneira como o indivíduo relaciona-se consigo mesmo e com o seu mundo social (família, trabalho, igreja, amigos, etc.) pode ser decisivo no desencadeamento do estresse. O

desenvolvimento do estresse também depende da estrutura de personalidade de cada pessoa, além de aspectos como a saúde, o estilo de vida, experiências passadas, valores, crenças, etc.

Segundo Selye[20], o estresse é um processo vital e fundamental que pode ser dividido em dois tipos:

- **Eutresse** – é uma experiência positiva. Mudar para uma nova casa, enfrentar um trabalho desafiador ou obter uma promoção provocam estresse no corpo, porém de maneira agradável, revigorante e motivadora. Ou seja, quando passamos por mudanças boas, temos o estresse positivo.
- **Distresse** – é o tipo de estresse desagradável e danoso. Quando atravessamos alguma fase negativa, estamos vivenciando o estresse negativo.

São exemplos de estresse negativo: tristeza, experiência de fracasso, ansiedade paralisante, depressão e doença física.

Collins (2005, p.115) diz:

> *Quando o estresse é intenso, alguns entram quase imediatamente em colapso psicológico e físico. Outros descobrem que possuem tremendas reservas internas que os capacitam a superar até períodos prolongados de pressão intensa.*

2 – Níveis do estresse

O estresse manifesta-se em níveis diferentes, provocando uma série de alterações físicas e psíquicas. Hans Selye apresenta pelo menos três fases da atuação do estresse sobre o indivíduo: fase de alarme, fase de resistência, intermediária ou *"estresse"* contínuo e a fase de exaustão ou esgotamento.

Na **fase de alarme**, todo organismo é mobilizado para entrar num estado geral de alerta buscando proteger-se de um perigo iminente ou algo ameaçador.

As respostas corporais manifestam-se semelhantemente a uma situação de um susto que o indivíduo toma. As principais reações do organismo nesta fase são: palpitações, aceleração dos batimentos cardíacos, aumento da pressão arterial, dilatação da pupila, alteração do ritmo e profundidade da respiração, secura na boca, frieza nas mãos e pés, tensão nos músculos e inibição da digestão.

Quando a pessoa consegue controlar o estímulo estressor ou aprende a lidar com ele, o organismo volta ao seu estado de equilíbrio. Se o estresse, porém, continua por um período mais longo, sobrevém à segunda fase.

Na **fase de resistência**, há um acúmulo de tensão. O organismo começa a adaptar suas reações e seu metabolismo para suportar uma carga contínua de estresse. Imagine o estado de tensão de uma pessoa que tem, por exemplo, medo de baratas e avista uma ao longe. Mesmo que a barata fuja, essa pessoa continuará sob tensão, pois se preocupará com a sua volta repentina. Assim também

acontece com as pessoas que não conseguem desvencilhar-se dos problemas e preocupações do dia a dia.

Nesta fase, o indivíduo começa a sofrer algumas reações como: lapsos de memória, cansaço constante, redução da resistência do sistema imunológico do organismo, tornando a pessoa mais suscetível a infecções e doenças provocadas por vírus como gripes e resfriados, além de ainda afetar o desempenho sexual.

A reação do estresse também pode ser canalizada para um órgão específico do corpo ou para um determinado sistema, como a pele, os músculos, a coluna, o aparelho digestivo, o sistema cardíaco, etc.

Se a pessoa não conseguir combater os elementos causadores do estresse e este perdurar, o corpo todo pode entrar na terceira fase.

Na **fase de exaustão** ou esgotamento, o organismo como um todo atinge um estado de saturação. É como um elástico que, depois de ser esticado diversas vezes, perde a sua elasticidade. Nesta fase, ocorre a maioria das doenças psicossomáticas. Cada órgão e sistema são atingidos drasticamente.

No início, ocorrem apenas algumas alterações funcionais; posteriormente, surgem inúmeras lesões que provocam doenças graves, como: psoríase, diabetes, distúrbios gastrointestinais, problemas cardiovasculares, herpes, infecções graves, problemas renais, etc.

Os sintomas que caracterizam esta fase são: insônia, pesadelos, sono excessivo, lapso de memória, dificuldade de concentração, agitação e hiperatividade, irritabilidade

constante, dificuldade de aprendizagem, amnésia parcial, bruxismo (pode levar à perda de dentes), distúrbio no comportamento sexual e reprodutivo, etc.

3 – Elementos causadores do estresse

Há vários elementos causadores do estresse. Tais elementos estão presentes no ambiente familiar, no trabalho e no ambiente social onde a pessoa vive.

Problemas no relacionamento com a esposa e com os filhos, finanças, doenças, o dia a dia no trânsito, alterações nas condições de vida, dificuldades com pessoas próximas, perda de algo significativo, morte de um ente querido e sobrecarga de atividades são alguns dos elementos causadores do estresse. Imagine o que não pode acontecer com o líder que tem dificuldades de gerenciar a sua própria vida.

Estudos comprovam que o estresse pode levar a pessoa a adoecer. A escala de Homes-Rahe, criada com um propósito de medir o nível de estresse, apresenta uma lista de situações que podem ocorrer com qualquer pessoa no seu dia a dia. Para cada situação, é atribuído um valor numérico que varia de 11 a 100.

Segundo os autores dessa escala, quem, nos últimos 12 meses, somar 300 pontos terá 79% de chances de contrair alguma doença grave. Situações como morte do cônjuge, divórcio, dificuldades sexuais, morte de pessoa querida da família, ferimento ou doença pessoal grave, discussões com o cônjuge, dívidas, todos esses são alguns dos itens mais significativos dessa escala.

A forma como encaramos as situações e a maneira como reagimos aos acontecimentos da vida são fatores preponderantes no desencadeamento do estresse.

O indivíduo que consegue adaptar-se aos problemas cotidianos e aprende a lidar com seus medos e frustrações e também com as perdas e abandonos sofridos em sua vida certamente conseguirá atenuar os efeitos do estresse sobre o seu organismo.

4. Medindo o seu nível de estresse

Existem alguns instrumentos capazes de medir o nível de estresse. No apêndice deste livro, disponibilizamos pelo menos dois desses instrumentos: a Escala de Holmes-Rahe para Avaliação do Estresse e a Escala do Stresse Percepcionado.

A Escala de Holmes-Rahe refere-se a uma pesquisa realizada na década de 1970 pelos especialistas em Estresse da Universidade de Washington, Holmes e R. Rahe, que descobriram que o Estresse produzido por importantes “mudanças de vida” era um fator de previsão de futuras doenças.

Para ser avaliada segundo essa escala, a pessoa deverá adicionar as pontuações atribuídas aos acontecimentos constantes desta lista que tenha experimentado ao longo do ano passado. Um total superior a 150 dá à pessoa 50% de probabilidade de ter um problema de saúde num futuro próximo; se o total ultrapassar os 300, as probabilidades referidas serão de 90% — a menos que tome medidas eficazes contra o estresse.

A Escala do Stresse Percepcionado é um questionário que, para cada questão, a pessoa deverá indicar a frequência de como se sentiu ou pensou de determinada maneira durante o último mês. Apesar de algumas perguntas serem parecidas, existem diferenças entre elas. Sendo assim, deve-se responder a cada uma como perguntas separadas.

Meios de lidar com o estresse

Há várias maneiras de o estresse ser combatido. Os métodos mais convencionais são: o tratamento psicológico e o acompanhamento médico alopático.

O acompanhamento psicológico busca levar o indivíduo a tomar consciência dos elementos estressores, ajudando-o na criação de condições que permite a pessoa modificar as suas condições de vida.

A psicologia acredita que os distúrbios psicológicos, a exemplo do estresse patológico, são oriundos de um desequilíbrio na interação do indivíduo com o meio social em que ele vive. A psicoterapia procura ajudar o indivíduo a desenvolver a capacidade de ajustar-se às situações adversas e encontrar um equilíbrio para o seu organismo.

O tratamento médico alopático visa fortalecer o organismo por meio de medicamentos com o intuito de eliminar as consequências do desequilíbrio orgânico. Se o indivíduo não eliminar os elementos estressores ou não mudar seu estilo de vida, o tratamento alopático pode ser ineficaz, e a pessoa poderá tornar-se dependente de remédios controlados.

5. Meios alternativos de combate ao estresse

Há outros meios de combate ao estresse. A Sociedade Brasileira de Cardiologia dá as seguintes sugestões:

- Evite permanecer em ambientes tumultuados e barulhentos;
- Evite discutir assuntos polêmicos antes de dormir;
- Evite alimentar-se demasiadamente;
- Leia um livro ou revista que não comprometa o seu sono;
- Ouça música calma ou instrumental;
- Não assumir excesso de atividades, dormir bem, alimentar-se bem e fazer caminhadas também ajudam a combater o estresse.

A seguir, apresentamos algumas sugestões que poderão ajudá-lo a relaxar. Pequenos detalhes podem fazer uma grande diferença, proporcionando uma vida com mais qualidade.

- **Planeje o seu dia** – Já vimos anteriormente a importância do planejamento. Quando planejamos nossa vida, não só ganhamos tempo, mas, sobretudo, evitamos o estresse. Portanto, faça uma lista de prioridades e estabeleça metas realísticas. Não assuma compromissos além daquilo que consegue cumprir.

- **Reserve algum tempo para descansar** – Parar um pouco durante o dia para um repouso de pelo menos 40 minutos pode ajudar a aliviar as tensões e distrair a mente, principalmente quando desprendemos bastante energia com o excesso de atividades.

- **Faça exercícios físicos** – Fazer exercícios é imprescindível para se cultivar uma boa saúde. Uma simples caminhada diariamente pode ajudar a melhorar a qualidade do sono, reduzir tensões e liberar as emoções reprimidas. Cuidado com o excesso ou atividades nos fins de semana ou feriados.

- **Desenvolva atividades físicas com orientação médica**. Quando os exercícios físicos são feitos regularmente, contribuem para o relaxamento progressivo dos músculos, afastando os sintomas do estresse.

- **Tire férias** – A maioria dos líderes não costuma tirar férias. Alguns, mesmo quando tiram férias, não conseguem ficar afastados totalmente das atividades. Preocupados, não se desligam dos afazeres e problemas da igreja, ligando diariamente para manterem-se informados do que está ocorrendo no dia a dia.

- **Organize as coisas antes de tirar férias**. Delegue suas atividades e desligue-se de tudo. Durante as férias, evite envolver-se com outras atividades estressantes como reformas, limpeza geral, construções, etc. É preferível viajar nesse período.

- **Cuide bem da sua alimentação** – Alimentar-se bem e na hora certa é fundamental para vencer o estresse. Muitos líderes não têm hora certa para comer. Passam do horário das refeições e, quando comem, exageram na quantidade e nas calorias. Pesquisas mostram que consumir o máximo de alimentos naturais de cores diferentes ajuda a combater os radicais livres. Cada um dos alimentos "coloridos" fornece um tipo de antioxidante diferente.

6. Lidando com estresse por meio da oração

A oração é capaz de mudar nosso estado emocional. Por isso, Tiago admoesta: *"Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores"* (Tg 5.13). Através da oração, podemos lançar sobre o Senhor todas as nossas ansiedades: *"lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós"* (1 Pe 5.7).

> *Quando oramos, elevamos nossas mentes a um estágio de elevada concentração e comunhão com Deus. Nesse estágio, desligamo-nos das coisas*

> *terrenas e materiais. Esquecemos os problemas cotidianos e nos concentrarmos nas coisas celestiais. Ao nos desligarmos dos problemas, automaticamente relaxamos e deixamos de sofrer as pressões do estresse. Por isso, uma pessoa que costuma orar com bastante frequência, tende a ser mais tranquila.*[21]

VII – A VIDA DO LÍDER COM DEUS

O líder precisa ser um exemplo para os liderados na sua conduta pessoal e relação com Deus: “Assim como o fruto é determinado pela espécie da árvore, o ministério inteiro de um homem de Deus será influenciado e será qualificado pelo tipo de homem que ele é” (Riggs, 1999).

Cristo é o modelo por excelência que deve ser seguido pelo líder. Ele mesmo ensinou: *“Aprendei de mim”* (Mt 11.29); e o apóstolo Paulo ratificou: *“Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo”* (1 Co 11.1).

O caráter do ministro e sua comunhão com Deus estão entre as qualificações necessárias para o exercício do ministério da liderança cristã. Paulo aconselha a Timóteo: “*Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem*” (1 Tm 4.16).

As epístolas paulinas apresentam características indispensáveis para um líder cristão. Essas características são colunas do caráter que devem ser cultivadas:

> *Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto,*

> *hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com todo a modéstia (porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado igreja de Deus?); não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo. Convém, também, que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta e no laço do diabo (1 Tm 3.2-7).*

Além das características relacionadas ao caráter, é necessário o líder cultivar uma vida de íntima comunhão com o Senhor. Isso requer uma vida de oração e estudo da Palavra de Deus.

O sacerdote Esdras deu-nos o exemplo quando decidiu dedicar-se a estudar a Lei do Senhor, a praticá-la e a ensinar os seus decretos e mandamentos ao povo de Israel (Ed 7.10).

Quem ensina a Palavra de Deus precisa estar apto a ensiná-la. O apóstolo Paulo exorta-nos: *"Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade"* (2 Tm 2.15).

Cabe ao obreiro alimentar bem o rebanho de Cristo. Mas como fazer isso se o obreiro não estiver preparado? Com a Internet, tornou-se fácil copiar sermões prontos e aplicá-los à igreja. Muitas vezes, eles não correspondem às necessidades do povo. Não passam de comidas enlatadas

que não fazem bem à saúde do rebanho. Não é isso que o Senhor deseja para a sua Igreja. O líder precisa buscar a Deus com o propósito de receber o alimento que o rebanho precisa.

É imprescindível o líder fortalecer sua vida espiritual por meio da oração diária e do estudo da Palavra de Deus, deixando a Bíblia tornar-se sua norma de vida.

A Palavra deverá produzir efeito primeiramente na vida do líder, para, depois, através do seu exemplo, alcançar os outros. O salmista ensina-nos: *"A exposição das tuas palavras dá luz e dá entendimento aos símplices"* (Sl 119.130).

A Palavra de Deus, quando se torna nossa norma de vida, eleva-nos e santifica-nos. Paulo incentivava a Timóteo: *"Persiste em ler, exortar e ensinar"* (1 Tm 4.13). Siga o mesmo exemplo e, então, você estará preparado para o exercício do ministério pastoral.

---

[19] A Lei de Pareto (também conhecida como princípio 80–20), afirma que para muitos fenômenos, 80% das consequências advém de 20% das causas. A lei foi sugerida por Joseph M. Juran, que deu o nome em honra ao economista italiano Vilfredo Pareto (http://pt.wikipedia.org).

[20] COLLINS, Gary R. *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*, 2005, p. 97.

[21] LOPES, Jamiel de O. *Tornando-se um Líder Eficaz*, 2002.

CAPÍTULO

XI

LIDANDO COM OS CONFLITOS PESSOAIS

O ministério pastoral, sem sombra de dúvida, é magnífico e desafiador. O apóstolo Paulo escreveu a Timóteo, dizendo: *"Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja"* (1 Tm 3.1). O escritor da carta aos Hebreus completa: *"E ninguém toma para si essa honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão"* (Hb 5.4).

Quando frequentamos um Seminário Teológico, procuramos ficar preparados de todas as formas para um bom desempenho na obra. Lemos e pesquisamos os melhores livros no intuito de adquirirmos experiência para o trabalho. Sentimo-nos motivados, empolgados, cheios de sonhos e planos para o futuro. Na igreja, apresentamos aos outros "soluções fáceis", como: ore e jejue mais, leia mais a Bíblia, tenha mais fé, e todos os seus problemas serão solucionados.

Existem, porém, situações inesperadas para as quais o Seminário não nos preparou. Situações inusitadas que não

conseguimos compreender, conflitos pessoais e problemas relacionados ao rebanho.

Inexplicavelmente, de uma hora para outra, entramos em crise. A motivação, a empolgação, os sonhos e os planos acabam dando lugar ao desânimo, à frustração e às dúvidas.

Você já imaginou o que significa viver momentos em que tudo parece ocorrer maravilhosamente bem e, num outro, tudo parece dar errado? Momentos em que somos dez e, em outro, tornamo-nos zero? É aí que percebemos que os problemas não são tão fáceis de solucionar como imaginávamos ou sugeríamos aos outros.

I – OBREIRO TAMBÉM ENTRA EM CONFLITO?

O pastor não é um *“super-herói”*. Assim como qualquer ser humano, ele também pode enfrentar momentos de crises em sua vida. Lamentavelmente, muitos pastores sentem a necessidade de passar a imagem de fortaleza para o rebanho e acabam esquecendo de que nossa força vem do Senhor. Vejamos o que nos ensinou o apóstolo Paulo: *“Posso todas as coisas naquele que me fortalece”* (Fp 4.13).

Quando o obreiro mostra-se ao rebanho como alguém inabalável, torna-se uma pessoa inacessível. O rebanho sente-se aquém desse padrão de espiritualidade ou então cria uma pseudossantidade na tentativa de chegar a esse padrão.

O pior acontece se esses obreiros cobram esse nível de espiritualidade dos outros, sobrepujando o rebanho ou pondo sobre as ovelhas um fardo que eles mesmos não conseguem carregar. Eles aplicam disciplinas severas que têm apenas a função de punir e castigar a ovelha, e não de ajudá-la na sua restauração.

O pastor é um homem que, como qualquer outro, tem suas falhas e está sujeito às mesmas paixões, tentações, temores, conflitos, tribulações. Ele apenas foi escolhido por Deus para apascentar o rebanho do Senhor. E, como escolhido, procura viver em santidade, separando-se para o Senhor continuadamente.

O obreiro, no entanto, tem o dever de ser um exemplo para o rebanho em todos os aspectos. O apóstolo Paulo admoesta-nos, dizendo: *"Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem"* (1 Tm 4.16).

II – ENFRENTANDO CRISES NO MINISTÉRIO

Já vimos que o fato de uma pessoa ser um obreiro não lhe tira a possibilidade de enfrentar conflitos ou de entrar em crise. Talvez, você esteja perguntando nesse momento: "Mas afinal de contas, por que é que entramos em crise?". Caro obreiro, crise não é sinônimo de pecado, ou de falta de comunhão com Deus, ou de opressão diabólica, ou de maldição ou algo semelhante. Qualquer pessoa de qualquer idade, raça, nível intelectual ou credo pode enfrentar algum tipo de crise na vida, inclusive você. Por isso, líder e

conselheiro do rebanho do Senhor, você deve entender as dificuldades e conflitos psíquicos que as pessoas enfrentam para melhor mentoreá-las[22] ou orientá-las em momentos de crises e sofrimento.

Segundo os dicionários da língua portuguesa, a palavra “crise” (do grego *krísis = julgamento, escolhas*) significa fase difícil na evolução de um processo ou situação; momento decisivo; uma alteração repentina no curso de algo; apuro; dificuldade; conflito, tensão, etc. Trata-se de um momento perigoso, porém de ruptura e de oportunidade para o crescimento, superação e solução dos problemas.

Existem, pelo menos, três tipos de crises que o ser humano pode enfrentar: Crise de desenvolvimento, Crise circunstancial e Crise existencial.

1. Crise de Desenvolvimento

A crise de desenvolvimento ocorre durante o processo evolutivo do ser humano. Durante algumas fases da vida, um conjunto de modificações internas e ambientais combina-se e forma um período de crise. As fases mais comuns são:

- **Na adolescência**, período em que ocorre uma dificuldade de autoaceitação, proveniente das transformações psicofísicas que acontecem nesse período da vida;
- **Na meia-idade**, em que o indivíduo passa dos 40 anos e sente-se aquém daquilo que ele gostaria de

ter alcançado durante os anos anteriores da sua vida;

- **Na velhice**, em que a pessoa deixa de encarar a vida em termos do tempo em que ela nasceu, passando a preocupar-se com o tempo que lhe resta para viver. Esse, provavelmente, é o estágio mais doloroso da vida do ser humano. Com o envelhecer, a pessoa enfrenta diversos problemas, como doenças, viuvez, mudanças no comportamento sexual, solidão, etc., o que muitas vezes resulta em crise.

Veja o exemplo de Jacó, na sua velhice, quando declara a Faraó a sua idade:

> *[...] Os dias dos anos das minhas peregrinações são cento e trinta anos; poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida e não chegaram aos dias dos anos da vida de meus pais, nos dias das suas peregrinações (Gn 47.9).*

2. Crise Circunstancial

A crise circunstancial ocorre numa situação de impacto na vida do ser humano. São pouco previsíveis e afetam-nos fortemente, deixando-nos muitas vezes inseguros e sem saber o que fazer.

Por exemplo:

a) Uma perda significativa – morte de um parente próximo ou amigo, a perda do emprego, etc.

b) Uma desilusão – rompimento de namoro, separação, divórcio, infidelidade conjugal, doença, etc.

c) Um fracasso – queda espiritual, frustração, insucesso, etc.

Veja como o rei Davi reagiu diante da morte do seu filho Absalão:

> *Então, o rei se perturbou, e subiu à sala que estava por cima da porta, e chorou; e, andando, dizia assim: Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho! (2 Sm 18.33).*

3. Crise Existencial

A expressão “crise existencial” está ligada ao Existencialismo — doutrina filosófica que surgiu em meados do século XIX e alcançou seu auge nas décadas de 1940 a 1950, tendo como principal representante o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905–1980).

Este movimento filosófico teve influência da religião, uma vez que filósofos existencialistas importantes como Pascal e Kierkegaard eram cristãos, embora a ideia predominante do Existencialismo seja a de que a existência precede a essência. O homem é livre, e não há nem mesmo um plano divino que determine o que deva acontecer. O homem é

criador do seu próprio destino, tem liberdade responsável de fazer escolhas, construir sua própria existência e ainda dar algum sentido à vida, já que, *a priori*, a vida humana, em si mesma, não tem sentido. E como uma vida sem significado é uma vida vazia, cabe ao homem moldar a imagem de si mesmo, norteado por valores profundos e inegociáveis. Ele deve escolher sempre o bem — aquilo que é bom para si e para todos — e nunca escolher o mal.

O ser humano está em constante evolução, sendo inerente à condição do homem sua situação autêntica de angústia, desamparo, desespero. Ele está em estado constante de superação de si mesmo, sendo necessário lidar com todas essas condições de ser “um ser no mundo”. E mesmo que alguns busquem em Deus as respostas para todas as questões da existência humana, a vida e a condição do ser humano no mundo continuam inalteradas. Isso porque, segundo os existencialistas, não existe outro universo a não ser o universo da subjetividade humana. E não existe outro legislador a não ser o próprio homem, que é o único responsável pelo que faz de si mesmo.

Ao usarmos a expressão crise existencial, não significa que concordamos com as ideias existencialistas de Sartre ou Kierkegaard. Apenas usamos uma nomenclatura conhecida para definir o estado emocional em que o ser humano vê a própria vida sem sentido ou significado.

Não há harmonia entre o cristianismo e o existencialismo. Este tem sua base no ateísmo e encontra seu fundamento e sua consistência no fato de que o homem só é realmente livre quando contesta Deus e recusa a alienação religiosa.

3.1 O que significa crise existencial

A crise existencial está diretamente relacionada com a existência do indivíduo. Possivelmente, é a pior crise que o ser humano pode enfrentar. O agente casual das crises de desenvolvimento e circunstancial está na soma das modificações internas e ambientais do indivíduo, que se combinam, conduzindo-o a uma crise.

Porém, a crise existencial — angústia existencial — é algo puramente espiritual, que está relacionada basicamente com a consciência de "estar-no-mundo", de "existir no tempo", de "ser-para-a-morte"; algo exclusivo do ser humano.

3.2 Sintomas da crise existencial

Embora a crise existencial possa manifestar-se devido a impactos emocionais mais sérios, como a perda de um ente querido, um amigo, a perda de um emprego ou em situação de grande perda financeira, ela geralmente se inicia com a perda do significado da vida. De repente, todas as coisas que eram significativas para o indivíduo, como família, trabalho, lazer, amigos, crenças, etc., perdem o valor, e uma insatisfação profunda passa a predominar na sua vida. A apatia[23] é um dos sintomas que vem logo em seguida. Subitamente, o indivíduo é tomado por uma terrível insensibilidade, perda de entusiasmo e indiferença a tudo e a todos. Em geral, a pessoa deixa de cuidar de sua aparência pessoal e relaxa no uso de roupas, calçados, penteados, banhos, etc.

Uma sensação de vazio apodera-se da mente e do coração do indivíduo. A pessoa passa a ser assaltada por um sentimento de tristeza profunda, seguido, muitas vezes, de fortes crises de choro. A grande tendência nesse momento é o indivíduo isolar-se, preferindo, na maioria das vezes, trancar-se num quarto e ficar deitado a maior parte do tempo.

Outro sentimento dominante é a autocomiseração ou a autopiedade. O indivíduo, em geral, sente dó de si mesmo. Acha que está sendo injustiçado e que não merece passar por tudo isso.

A pessoa que está em crise pode deixar-se dominar pela ira, tornando-se até agressiva. Essa agressividade é direcionada, principalmente, às pessoas mais próximas, como familiares e amigos. Também emerge um sentimento de revolta contra Deus e a igreja. Um forte sentimento de culpa passa a afligir a pessoa, principalmente nos poucos momentos de sanidade, ou melhor, de consciência do seu problema.

Como resultado da culpa, surge um desejo profundo de morrer. Culpa é sinônimo de punição; logo, “se sou culpado, mereço ser punido, mereço a morte”. Em casos extremados, o indivíduo pensa na morte em todos os momentos, dando espaço a ideias suicidas. Algumas vezes, essas ideias são disfarçadas em expressões como: “Eu gostaria que Deus me levasse!”, “Eu gostaria de sumir!”, “Não aguento mais esta vida!”. Em outras ocasiões, são declaradas, passando de ideias para tentativas.

Quando a pessoa chega a esse estágio, ela tende a entrar em depressão, que é acompanhada de um sentimento profundo de tristeza sem causa aparente; um sentimento que toma conta da pessoa, extrapolando os limites da sua consciência. Em geral, ela vem acompanhada de alguns sintomas como:

- **Anedonia** — perda da sensação de prazer nos atos que costumam ser gratificantes.
- **Dificuldade de concentração** — habilidade frequentemente diminuída para pensar e concentrar-se.
- **Anorexia** — perda do apetite e da noção de sua imagem corporal. Mesmo estando muito magra, a pessoa pensa que está gorda e que precisa parar de comer ou então forçar a eliminação dos alimentos ingeridos para emagrecer.
- **Bulimia** — apetite insaciável; a pessoa tende a ingerir grande quantidade de alimentos, porém sente culpa e medo de engordar. Por isso, utiliza métodos purgativos (laxantes; diuréticos) para eliminar as calorias.
- **Compulsão alimentar** — apetite insaciável; ingestão exagerada e descontrolada de alimentos em pouco tempo. A pessoa com esse transtorno alimentar sente culpa, vergonha, raiva de si mesma, além de uma grande sensação de falta de controle. Entretanto, diferentemente de quem tem Bulimia, ela tem dificuldade de perder peso e não

usa métodos purgativos para eliminação dos alimentos ingeridos.

- **Insônia** — perda do sono; dificuldade de iniciar e manter o sono.
- **Hipersonia** — sonolência excessiva.

Uma pessoa em crise existencial dificilmente conseguirá, por si só, sair do estado de apatia em que se encontra mergulhada. Ela precisará de ajuda para encontrar a causa de seu sofrimento e, então, buscar uma mudança de vida e superação.

- **A crise existencial** — afeta principalmente as pessoas que vivem longe de Deus, uma vez que o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, não foi feito para viver de maneira independente, distanciado de seu Criador — o Deus Eterno —, mas, sim, para adorá-lo.

Ao criar o homem, Deus implantou dentro dele o senso de adoração. Na realidade atual pluralista, relativista, hedonista, imediatista, narcisista, onde a estética substitui a pureza, o relativismo moral é o que predomina; não existe verdade absoluta; cada um escolhe a religião que deseja e que entende como não só verdade (para si), mas também como o certo (para si). Na pós-modernidade, os homens deixam Deus de lado e buscam fazer o que querem e o que bem entendem.

Quando as pessoas distanciadas de Deus entram em conflito, sentem-se desamparadas, e um grande vazio

invade seu interior. Isso ocorre porque somente em Deus e em sua Palavra é que encontramos respostas que satisfazem e aquietam a alma.

Já o cristão que vive pela fé (Rm 1.17b), mesmo quando não tem suas orações respondidas de imediato em meio à crise, procura descansar em Deus e esperar nEle (Sl 37.7; 125.1), crendo que o Senhor não o desamparará e que logo virá em seu socorro, dando-lhe vitória.

Não obstante, alguns, ao enfrentarem uma crise, fracassam na fé, não recorrem a Deus, mas preferem abandoná-lo.

III – QUANDO AS SITUAÇÕES DE CRISE ATINGEM NOSSA FÉ

Às vezes, determinadas circunstâncias da vida atingem nossa fé, levando-nos a um enorme dilema, a ponto de perguntarmos: *“Se Deus existe mesmo, então por que é que ele permite que tal coisa aconteça?”*. Nesse momento, parece haver uma discrepância entre aquilo que a pessoa crê e aquilo que ela está vivenciando. O pensamento sobre a inescrutável justiça divina de pronto cria uma tensão à luz dessa experiência negativa e automaticamente exige uma explicação.

Quando sucessivas coisas desagradáveis acontecem conosco (doenças, tragédias, injustiças, etc.), sentimo-nos desamparados. Oramos, e o Senhor parece ficar em silêncio. O aparente silêncio de Deus torna-se um verdadeiro desafio à nossa fé. Na verdade, Deus envia uma resposta, mas não

conseguimos entendê-la. Pensamos, então, que o Senhor desamparou-nos, e é aí que entramos em conflitos.

Todos nós estamos sujeitos a ter uma *"crise de fé"*, principalmente em momentos de desespero ou quando não somos atendidos por Deus da maneira que queremos. Isso porque não entendemos que o Senhor é livre para agir ou não do modo como Ele quer. Nós também nos esquecemos de que os caminhos dEle são mais altos do que os nossos caminhos, e os seus pensamentos, mais altos do que os nossos pensamentos (cf. Is 55.9).

Dessa forma, o Senhor responde-nos à maneira dEle, às vezes simplesmente dando-nos consolo em meio à crise, para sairmos fortalecidos, ao superarmos nossos conflitos. Deus nunca erra. Embora, às vezes, suas respostas possam parecer estranhas para nós, devemos sempre permanecer firmes no Senhor, porque Ele nunca nos abandona.

> *A Bíblia mostra que alguns homens de Deus, como Jó (Jó 3.5-25), Davi (Sl 69.1-30) e Elias (1 Rs 19.1-25), viveram momentos de conflitos, dúvidas, estresse e enfrentaram a depressão. Por isso, eles questionaram seu Senhor e a sua justiça. Apesar de tudo, eles superaram esses momentos cruciais quando compreenderam os propósitos de Deus.*

Gideão é um exemplo claro de alguém que estava saturado da vida que levava. Ele demonstra sua desilusão e descrença total na providência de Deus quando ouve do

anjo do Senhor a expressão *“[...] o Senhor é contigo, varão valoroso”* (Jz 6.12).

> *“Mas Gideão lhe respondeu: Ai, senhor meu, se o Senhor é conosco, por que tudo isto nos sobreveio? E que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o Senhor subir do Egito? Porém, agora, o Senhor nos desamparou e nos deu nas mãos dos midianitas. Então, o Senhor olhou para ele e disse: Vai nesta tua força e livrarás a Israel da mão dos midianitas; porventura não te enviei eu?” (Jz 6.14).*

Por vezes, esperamos soluções milagrosas e, quando isso não acontece, ficamos decepcionados. As soluções, porém, estão em nossas mãos. Basta crermos e agirmos. Veja a solução apresentada por Deus a Moisés, quando este clama ao Senhor diante do Mar Vermelho: “Então, disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco” (Êx 14.15-16).

O salmista Asafe também viveu momentos conflitantes. Ao ver a prosperidade dos ímpios, ele questionou se valia mesmo a pena ser justo. Você já imaginou o que significa para um obreiro questionar a justiça de Deus? Parece paradoxal, não é? Mas não se assuste, porque até mesmo você poderá viver momentos de dúvidas.

Quando observou a prosperidade dos ímpios, Asafe duvidou da justiça de Deus. A sua fé foi abalada: *“[...] os*

meus pés quase se desviaram [...] ao ver a prosperidade dos ímpios” (Sl 73.2-3). Asafe pensou em vão manter-se puro: *“Eis que estes são ímpios; e, todavia, estão sempre em segurança, e se lhes aumentam as riquezas. Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração e lavado as minhas mãos na inocência”* (Sl 73.12-13).

O salmista buscou ao Senhor e conseguiu entender como seria o final dos ímpios. *“Quando pensava em compreender isto, fiquei sobremodo perturbado; até que entrei no santuário de Deus; então, entendi eu o fim deles”* (Sl 73.16-17).

O profeta Habacuque também viveu momentos de conflitos em sua vida. Ele expressava a sua perplexidade sobre o ministério da maldade não castigada no mundo. Ele questionava a Deus por não executar imediatamente o juízo.

O profeta Habacuque viveu essa experiência ao não entender por que Deus permitia que a crescente iniquidade de Judá prosseguisse impunemente. O profeta procurava uma explicação para isso e francamente expressava suas dúvidas. Depois de um diálogo com Deus, ele compreende o plano divino e louva ao Senhor com um lindo salmo (Hc 3.17-19).

Habacuque, quando via os homens flagrantemente violando a Lei de Deus, relutava em sua fé e questionava: por que Deus às vezes não executa o juízo sobre o ímpio? O profeta falava como se fosse a consciência da nação: *“Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? [...]*

Por que razão me fazes ver a iniquidade e ver a vexação? [...] a lei se afrouxa, e a sentença nunca sai [...]” (Hc 1.2-4).

Deus mostra a Habacuque que, embora, algumas vezes, pareça ser indiferente, Ele está agindo e, no tempo certo, castigará a nação de Judá. Ele enviará os caldeus, que viriam de forma súbita como vara do seu juízo (Hc 1.5-11). Ninguém fica impune diante de Deus.

Ao ouvir a resposta de Deus, o profeta fica ainda mais perplexo. O primeiro problema estava resolvido.

Porém, Habacuque levanta outra questão: Por que Deus, às vezes, usa o ímpio para fazer juízo? Como um Deus justo, cujos olhos são extremamente puros, aprovará que o seu povo seja castigado por uma nação que é ainda mais perversa? (Hc 1.12; 2.1).

Deus responde essa questão mostrando que está cônscio dos pecados dos babilônios e que eles também não ficarão impunes, mas sofrerão um terrível juízo. Judá está sendo castigada por ser culpada das mesmas ofensas.

Habacuque aprendeu preciosas lições. A sua profecia, que se iniciou com perguntas, dúvidas e questionamentos, termina com certeza e afirmações de fé: *“[...] Mas o justo, pela sua fé, viverá”* (Hc 2.4). Deus assegura ao profeta que a fé paciente termina vencedora. Viver pela fé significa desfrutar do favor de Deus e das suas bênçãos.

Outro exemplo foi Elias — de herói a vítima —, que teve um profícuo ministério, abençoado e confirmado por Deus. Quem não desejaria ter um ministério tão brilhante assim? Elias possuía autoridade de Deus a ponto de dizer ao rei Acabe: *“[...] Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face*

estou, que nestes anos nem orvalho nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra” (1 Rs 17.1).

Elias tinha uma estreita comunhão com Deus e vivia sob a sua plena dependência. Veja a providência de Deus para a sua vida:

> *“Vai-te daqui, e vira-te para o oriente, e esconde-te junto ao ribeiro de Querite, que está diante do Jordão. E há de ser que beberás do ribeiro; e eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem. E sucedeu que, passados dias, o ribeiro se secou, porque não tinha havido chuva na terra. Então veio a ele a palavra do Senhor, dizendo: Levanta-te, e vai a Sarepta, que é de Sidom, e habita ali; eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente” (1 Rs 17.3,7-9).*

Elias era um homem ousado; veja como ele desafiou os 450 profetas de Baal:

> *“Deem-se-nos, pois, dois bezerros, e eles escolham para si um dos bezerros, e o dividam em pedaços, e o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo, e eu prepararei o outro bezerro, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome do vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por fogo esse será Deus”* (1 Rs 18.23).

Elias possuía fé e confiança em Deus. Ele orou ao Senhor pedindo chuva e, quando viu uma nuvem do tamanho de uma mão, pediu a Acabe que fosse para casa imediatamente, pois iria chover. Elias também orou, e o filho de uma viúva ressuscitou.

Diante de coisas tão extraordinárias, como um homem assim poderia entrar em crise? Veja, no entanto, o que lhe aconteceu após ele tomar conhecimento de que Jezabel, mulher de Acabe, queria matá-lo:

> *"E ele se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu em seu ânimo a morte, e disse: Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais" (1 Rs 19.4).*

Elias, agora, é acometido por uma perda de significado da vida, desejando, assim, morrer. De repente, de uma forma inexplicável, o grande herói transforma-se em vítima. Apesar disso, Deus não o desampara e envia um anjo que, por duas vezes, desperta-o para alimentá-lo, dizendo: *"[...] Levanta-te e come, porque mui comprido te será o caminho"* (1 Rs 19.7).

Elias caminha 40 dias até o Monte Horebe e entra numa caverna. Em geral, a pessoa em crise esquiva-se dos problemas e entra num casulo, buscando esconder-se.

Elias esperava que o Senhor viesse até ele. De repente, surgiu um grande e forte vento que fendia o monte e quebrava as pedras. Mas, para a decepção do profeta, o Senhor não estava no vento. Em seguida, um terremoto e

um fogo; o Senhor, porém, também não estava ali. Elias sente-se desamparado. Deus estava a todo o momento com ele, mas era ele que não conseguia perceber.

O Senhor finalmente aparece e, com uma voz mansa e delicada, pergunta: “[...] *Que fazes aqui, Elias*?” (1 Rs 19.13). Deus deseja saber por que o profeta escondera-se numa caverna. Elias imediatamente responde:

> *“[...] Eu tenho sido em extremo zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o teu concerto, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e buscam a minha vida para ma tirarem” (1 Rs 19.14).*

Elias sentiu-se só. Ele foi acometido de um sentimento de autocomiseração ou autopiedade e acha que está sendo injustiçado e que não merece passar por tudo aquilo. Deus mostra que ele não está só. Existem, pelo menos, 7 mil joelhos que não se dobraram a Baal. O profeta precisava continuar o seu ministério: “[...] *Vai, volta pelo teu caminho [...] e vem”* (1 Rs 19.15).

Voltar ao ponto de origem é imprescindível para uma restauração total. O profeta, já recuperado, faz o seu caminho de volta, unge a Hazael rei sobre a Síria; Jeú, rei sobre Israel, e Eliseu, profeta em seu lugar (1 Rs 19.15-21), enfrenta Acabe e Jezabel (1 Rs 21.17-29) e ordena que desça fogo do céu e consuma cem soldados do rei Acazias (2 Rs 1.1-13).

1. Meios corretos de lidar com as crises:

1) Enfrentar o fato de que existe um problema.

2) Tentar compreender melhor a situação.

3) Abrir canais de comunicação com amigos, parentes, pastores, ou outros que talvez possam ajudar.

4) Enfrentar os sentimentos negativos de culpa, ansiedade ou ressentimento, ou as usar em atos e meios alternativos de examinar a situação, a fim de poder lidar com esses sentimentos.

5) Separar o que pode ser mudado na situação do que não pode.

6) Verificar meios práticos de lidar com o problema e tomar providências (mesmo que pequenas), tratando o problema de modo prático.

7) Aceitar a responsabilidade de enfrentar problemas, mesmo que esses tenham resultado de situações fora do seu controle.

8) Orar sobre o assunto, contando sinceramente a Deus suas preocupações.
Lembrar de que Deus está tanto a par de nossas crises quanto preocupado conosco.[3]

IV – COMPREENDENDO OS PROPÓSITOS DE DEUS

O Senhor conhece o passado, o presente e o futuro. Ele sabe o que é melhor para cada um de nós: “[...] *todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto”* (Rm 8.28).

Deus prevê sem intervir. Talvez você esteja indagando: *“Sendo Deus conhecedor de todas as coisas, Ele não poderia ter evitado que isso acontecesse?”*.

Deus é onisciente. Seu conhecimento é perfeito. Ele conhece sim todas as coisas. Mas na sua presciência, Ele algumas vezes prevê, porém sem intervir. Muitas coisas que acontecem são de responsabilidade do próprio homem, pois Deus deu o livre-arbítrio a ele. Outras ocorrem circunstancialmente. Devemos sempre lembrar de que os pensamentos de Deus e os seus caminhos são superiores aos nossos: *“Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor”* (Is 55.8). Ele nunca o abandonou e estará pronto para socorrê-lo nesse momento crucial.

V – ENCONTRANDO O EQULÍBRIO

Quando alguém entra em crise na igreja, o pastor geralmente procura ajudá-lo. O obreiro é um conselheiro nato, que escuta e ajuda os membros de sua igreja na solução dos seus problemas. Em casa, ele serve como coluna para a família, apoiando e escutando a esposa e os filhos. Porém, nos momentos de crise, quem o escutará?

O medo de não ser aceito ou compreendido pelos colegas leva muitos a ficarem calados e guardarem consigo a sua

dor e os seus conflitos. Os resultados podem ser drásticos para a sua saúde física e psíquica.

O pastor Elienai Cabral, abordando sobre “Como vencer o esgotamento espiritual no ministério” (artigo publicado na Revista *Obreiro* – CPAD), faz a seguinte declaração:

> *“Inevitavelmente, existem muitos pastores deprimidos que temem buscar ajuda, porque não querem que suas igrejas tenham a imagem de pastores fracos, sujeitos a erros, carentes emocionalmente. Então, escondem suas fragilidades, abafam seus gemidos interiores, por trás de máscaras de que tudo está bem e certinho; de que seus problemas estomacais, suas sinusites e enxaquecas são meras dificuldades orgânicas, e não emocionais. Quantos de nós sofrem a depressão e não conseguem dormir, têm alterações arteriais contínuas, não conseguem alimentar direito. Alguns de nós têm uma história de vida que nunca foi contada a ninguém, mas que desenvolveu ao longo da vida um estado de baixa-estima, de impotência, de medo, de ira, de ressentimento, de sentimento de culpa. E todas essas coisas negativas, se não forem tratadas, escravizam e acorrentam as suas vítimas.”*

Não seria a hora de as igrejas estabelecerem um núcleo de aconselhamento para pastores?

Recorrer a um conselheiro ou a um pastor mais velho e experiente pode ser uma maneira de muitos problemas

serem resolvidos. João Batista, nos momentos de solidão quando estava na prisão, também entrou em conflito. Ele tinha dúvidas se Jesus era realmente o Cristo.

Veja que o próprio João testificara acerca de Jesus, dizendo: *"Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba e repousar sobre ele. [...] E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus"* (Jo 1.32-34). Agora, ele já não tinha tanta certeza do que havia pregado.

João, porém, não guardou isso consigo. Ele buscou resolver os seus conflitos e, imediatamente, chamou dois dos seus discípulos e enviou-os a Jesus. João precisava de uma resposta. Jesus respondeu: *"Ide e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho"* (Lc 7.22). João ouviu tudo o que já sabia; ele precisava apenas que alguém lhe confirmasse isso.

Precisamos entender que, como homem, possuímos limitações. Vivemos momentos de êxito e fracassos; prazer e dor; conquistas e perdas; alegrias e tristezas; abundância e escassez. Paulo mostra como aprendeu a lidar com essas situações:

> *"[...] aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Fp 4.11-13).*

Se você estiver vivendo um momento de crise e conflitos, procure perceber o que o está fazendo entrar nessa situação. Pare de esquivar-se. Admita que está com problemas e entenda que estes precisam ser solucionados.

- Faça uma autoavaliação e, se for preciso, procure compartilhar suas dificuldades com alguém idôneo e de sua confiança.
- Saia do casulo e verá que Deus deseja falar com você. Entenda que é só Ele, que nos conhece melhor do que ninguém, pode, por intermédio do Espírito Santo, ajudá-lo a enfrentar e superar as dificuldades, desde que você decida mudar.
- Faça as mudanças necessárias, procurando encontrar equilíbrio emocional e espiritual para desempenhar bem o ministério que Deus lhe deu e também cuidar do rebanho que o Senhor confiou a você.
- Busque ajuda quando se fizer necessário. Descubra a razão dos seus problemas e tente solucionar todos os seus conflitos. O apóstolo João escreveu, dizendo: “Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma” (3 Jo 2).
- Procure compreender a si mesmo e você será capaz de compreender o outro. Resolva primeiramente seus conflitos interiores para não subir ao púlpito cheio de tensões e medos ou, então, carregado de uma visão estereotipada,

> preconceituosa, impondo ao rebanho aquilo que nem mesmo você consegue viver ou fazer.

Devemos descer do pedestal e reconhecer o fato de que somos frágeis e, como obreiros, estamos sujeitos a quebrar como vasos de barro. Assim aconteceu a Davi — um homem segundo o coração de Deus (Sl 89.20). Ele reconheceu sua fragilidade e buscou a misericórdia de Deus:

> *"Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que a teus olhos é mal [...]. Esconde a tua face dos meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto. Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito Santo" (Sl 51.4,9-11).*

O líder não é um solitário, e sim um indivíduo interdependente. Ele não tem apenas uma causa, mas também um grupo — um grupo de pessoas em quem ele está investindo. A prova de uma liderança não está efetivamente no que o líder faz, mas, sim, naquilo que os outros fazem como resultado de suas ações. Assim como diz o ditado: "tal pastor tal rebanho".

Suas ovelhas não têm apenas mente, mas também coração e vontade. Alcançá-las plenamente significa levá-las ao equilíbrio total entre o pensar, o sentir e o agir. Uma das grandes virtudes de um líder é a capacidade de levar o rebanho a esse equilíbrio (Lc 2.52). Mas como isso será

possível se o próprio obreiro não tiver alcançado esse equilíbrio?

A vida do obreiro refletirá precisamente no comportamento do rebanho. Pastor é aquele que mostra o caminho, planeja, dá informações, conduz, guia, dirige o curso das ovelhas acompanhando-as, avaliando-as, recompensando-as, entre outras coisas.

Definir normas não constitui a essência do ministério pastoral. Todo obreiro precisa ser um bom líder. Ordenar, gerir, chefiar, embora sejam atribuições importantes da sua função, não são sinônimos de liderança.

Liderança é a arte de influenciar pessoas. É a capacidade de ajudar o grupo a atingir os seus objetivos ou a satisfazer as suas necessidades. É fazer com que as pessoas ajam de forma efetiva.

O verdadeiro líder é aquele que tem capacidade para motivar ou inspirar os outros a segui-lo.

O pastor precisa ter controle sobre todas as áreas da sua vida. O bom obreiro possui uma vida exemplar, dinâmica e disciplinada. Sua vida deve ser submetida ao controle soberano do Espírito Santo (Gl 5.22). Como líder, ele deve ser um exemplo consistente. Nenhuma outra forma de ensino é tão eficaz como essa (Fp 3.17). O líder deve considerar os seus problemas como fatores potenciais para o crescimento. A adversidade pode significar avanço (Fp 3.13,14).

Portanto, dedique algum tempo para meditar, para pensar. Busque no Senhor orientação consistente (Pv 3.5-6; Rm 14.5). Reconheça que Deus é a sua fortaleza. Se você se

considerar pequeno e incapaz para realizar a sua tarefa, irá tornar-se precisamente isso (Nm 13.33). Mas, se confiar no Senhor, verá que Ele está do seu lado para ajudá-lo e fortalecê-lo.

---

[22]Mentor, em uma definição cristã, é alguém geralmente mais velho do que o "protegido", que "oferece exemplo, estreita supervisão em projetos especiais, ajuda individualizada em muitas áreas — disciplina, encorajamento, correção, confronto e requer prestação de contas". Ted W. Engstrom, *In* OLLINS, Gary R. *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*, 2005, p. 76.

[23] Apatia — "Estado caracterizado pelo desinteresse geral, pela indiferença ou insensibilidade aos acontecimentos; falta de interesse ou de desejos". A apatia clínica é considerada depressão no nível mais moderado e diagnosticado como transtorno dissociativo de identidade no nível extremo. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/apatia.

CAPÍTULO

XII

LIDANDO COM AS EMOÇÕES E SENTIMENTOS – O CAMINHO PARA A MATURIDADE EMOCIONAL

A emoção é uma força construtiva e estimuladora da atividade humana. É a emoção que impele os seres humanos à atividade: “Se as pessoas não se emocionassem, pouco poderiam realizar” (Hilgard, 1976).

A emoção pode tornar-se destrutiva e desintegradora da personalidade quando é muito forte, quando ocorre com muita frequência, quando é duradoura ou quando é reprimida.

> *“A vida sem emoção seria insípida. Se não houvesse alegrias e tristezas, esperanças e decepções, vibrações ou triunfos na experiência humana, não haveria entusiasmo nem cor” (Hilgard, 1976).*

1 – DEFININDO EMOÇÕES

A palavra “emoção”, do latim *emovere*, significa “para fora”. Trata-se de um processo mental e fisiológico associada a uma variedade de sentimentos e comportamentos.

Sentimento é, portanto, “o processo de viver uma emoção”. Sentimentos dizem, por exemplo, se o que estamos experimentando é ameaçador, doloroso, lamentável, triste ou alegre. Sentimentos e emoções são em grande número em nossas mentes; eles afetam nosso corpo, nosso comportamento, nossa vida.

Estudos comprovam que a alegria, o medo, a raiva, a tristeza e o amor (afeto) são emoções básicas e universais; delas derivam-se todas as outras, chamadas de emoções secundárias.

Silva (2000) mostra algumas emoções que estão relacionadas às primárias:

- Ira – ódio, vingança, ciúme, inveja, desprezo.
- Medo – espanto, ansiedade, aflição, pesar, intranquilidade, culpa.
- Amor – piedade, tristeza, afeição, alegria, entusiasmo, excitação sexual.

As emoções estão classificadas em: agradáveis (alegria, amor) e desagradáveis (raiva e tristeza). Essa classificação sugere a primazia de prazer e desprazer, de aceitação e rejeição, de aproximação e afastamento; tudo com base na

emoção. Há autores que preferem classificar as emoções como positivas e negativas.

Emoções positivas são aquelas que proporcionam uma experiência agradável, como alegria, felicidade ou amor.

Emoções negativas são aquelas que produzem uma experiência desagradável como a ansiedade, a raiva, e a tristeza. Estas combinam um estado mental e fisiológico do indivíduo, associados aos valores e crenças adquiridos pela cultura e educação no meio social em que vive.

As emoções positivas trazem benefícios à saúde, enquanto que as negativas tendem a comprometê-la.

As emoções são necessárias para a nossa sobrevivência. Segundo Eric Berne, “Elas acarretam imediatamente reações de luta ou de fuga e modificam totalmente nosso corpo, como reações a estas”.

II – A EXPRESSÃO EMOCIONAL

As pessoas exprimem suas emoções com expressões faciais, gestos e ações. Geralmente, pessoas com certo treino são capazes de reconhecer as emoções experimentadas por outros indivíduos, simplesmente observando-os.

Quando uma pessoa está muito enraivecida, ou com muito medo, ou então alegre, podemos reconhecer essas emoções em sua maneira de comportar-se. Devemos, no entanto, observar os padrões de comportamento que distinguem uma emoção da outra. Numa situação de medo, por exemplo, reagimos fechando os olhos e depois abrindo a boca; a cabeça e o pescoço lançam-se para frente, e o

queixo levanta-se; pernas e braços dobram-se, e os músculos do pescoço salientam-se. Nas emoções agradáveis, a boca e os olhos são voltados para cima, e nas desagradáveis, para baixo. Na atenção, a boca e os olhos abrem-se, e as narinas movimentam-se. Na rejeição, olhos, lábios e narinas tendem a contrair-se.

III – MECANISMOS FISIOLÓGICOS NA EMOÇÃO

Sabe-se hoje que as áreas relacionadas com os processos emocionais ocupam distintos territórios do cérebro, destacando-se entre elas o Hipotálamo, a área Pré-Frontal e o Sistema Límbico.

Para melhor compreendermos a origem de nossas emoções, faz-se necessário observarmos alguns aspectos da anatomia humana. O cérebro funciona como um elo entre a mente e o corpo. No córtex cerebral, há um local específico chamado hipotálamo, considerado a sede das emoções. O hipotálamo é responsável pela tomada de consciência das emoções. Quando tomamos consciência de nossas emoções, nosso organismo manifesta alterações orgânicas compatíveis.

Todo esse processo é comandado pelo nosso sistema nervoso. É através dele que sentimos e, ao mesmo tempo, tomamos consciência dessas emoções. O sistema nervoso é dividido em: Sistema Nervoso Central (SNC), Sistema Nervoso Autônomo (SNA) e Sistema Nervoso Periférico (SNP). O Sistema Nervoso Central é a sede das atividades nervosas que comandam as relações do organismo com o

meio externo. O Sistema Nervoso Autônomo comanda o funcionamento dos órgãos de nutrição ou de vida vegetativa. O Sistema Nervoso Periférico é constituído por fibras que ligam o sistema nervoso central ao receptor, no caso da transmissão de impulsos sensitivos; ou ao efetor, quando o impulso é motor.

As emoções, principalmente aquelas de maior intensidade, provocam mudanças profundas em todo o corpo. As numerosas mudanças corporais que ocorrem durante a emoção não são fenômenos desconexos; reúnem-se em padrões organizados sob a influência do sistema nervoso e das glândulas endócrinas. As mudanças fisiológicas mais comuns são:

- A aceleração do coração – não é por acaso que o coração há muito é um símbolo da emoção.
- Respiração – alteração do ritmo e profundidade da respiração.
- Resposta pupilar – a pupila tende a dilatar-se ou contrair-se dependendo do estado de excitação ou tranquilidade em que se encontra o indivíduo.
- Secreção de saliva – diminuição de saliva, provocando secura na boca.
- Resposta pilomotora – termo técnico utilizado para pele arrepiada.
- Motilidade gastrointestinal – a excitação emocional pode levar à náusea ou à diarreia.
- Aumento da pressão arterial – enrubescimento ou palidez da pele. Ocorre devido ao processo de

dilatação ou constricção dos vasos sanguíneos.

- Tremor e tensão dos músculos – os músculos tensos podem tremer quando os músculos opostos são contraídos simultaneamente.

Os estados emocionais mais duradouros podem, sob certas condições, manter tensão interior e ter consequências físicas prejudiciais, resultando em perturbações psicossomáticas.

Sentimentos e emoções são em grande número em nossas mentes; eles afetam nossos corpos, nosso comportamento, nossas vidas.

Hoje em dia, há dados suficientes para podermos afirmar que, por exemplo, em períodos de estresse, quando as pessoas desenvolvem muitas reações emocionais negativas, é mais provável que surjam certas doenças relacionadas com o sistema imunológico, como, por exemplo, a gripe, herpes, diarreias ou outras infecções ocasionadas por vírus oportunistas. Em contrapartida, o bom humor, o riso e a felicidade ajudam a manter e/ou recuperar a saúde.

IV – PERTURBAÇÕES PSICOSSOMÁTICAS

As emoções podem ser úteis, mas também prejudiciais; podem atender aos objetivos de ajustamento suave e solução de problemas, mas também podem interferir nessas intenções. Os estados emocionais mais duradouros, conhecidos como disposição ou temperamento, podem, sob certas condições, manter tensão interior e ter

consequências físicas prejudiciais. Tais dificuldades são estudadas como perturbações psicossomáticas.

Os estados emocionais sentidos na vida diária são complexos. Mudanças amplas são comuns a todas as emoções intensas. As respostas ao medo, por exemplo, fazem com que ocorra a liberação de um hormônio chamado adrenalina, que é lançado na corrente sanguínea. As respostas à cólera (raiva) proporcionam a combinação entre a adrenalina e a noradrenalina. Cada uma dessas reações é regulada através da divisão simpática do sistema nervoso autônomo, que tem como efeito:

- Elevar a pressão do sangue;
- Aumentar o açúcar no sangue;
- Fazer com que a coagulação do sangue aconteça mais rapidamente.

Numa situação de medo, ocorrem, entre outras, as seguintes mudanças fisiológicas:

- Cessam os movimentos digestivos do estômago;
- Aumenta a pressão do sangue;
- Acelera-se o ritmo do coração;
- A adrenalina é lançada na corrente sanguínea.

Hoje, os médicos reconhecem um grupo de doenças que eles denominam de perturbações psicossomáticas; embora os seus sintomas sejam somáticos, isto é, sintomas de perturbação em órgãos ou tecidos do corpo, as circunstâncias parecem residir na vida emocional da pessoa.

Estudos comprovam que mais de 85% das doenças são de causas emocionais. A úlcera no estômago, por exemplo, é uma das doenças mais comuns, que geralmente se inicia com uma gastrite causada por mudança na tensão muscular e na distribuição de sangue nas paredes do estômago, resultante de estados emocionais frequentemente repetidos e de longa duração. Excessivas secreções digestivas despertadas por emoção intensa podem ter efeitos químicos que acentuam o ferimento.

A intensidade emocional influi no papel da emoção. As emoções leves são estimulantes, mas as emoções intensas são, às vezes, perturbadoras, podendo levar a doenças renais.

V – O CONTROLE NAS EMOÇÕES

Várias questões são levantadas em relação ao papel das emoções na vida civilizada, e, dentre elas, destacam-se as seguintes: “Será que as emoções ajudam na sobrevivência dos organismos, ou será que são principalmente fontes de perturbação, de desajustamento?”; “Será que a maturidade consiste fundamentalmente em reprimir a expressão emocional, de forma que a vida possa ser dirigida de maneira mais racional?”; “Será que a expressão emocional é uma espécie de válvula de segurança essencial para uma vida saudável?”. Como se vê, reprimir a expressão emocional ou expressá-la tem sido um ponto bastante discutido.

Já vimos anteriormente que as emoções podem ser úteis ou prejudiciais; podem atender aos objetivos de

ajustamento suave e solução de problemas, mas também podem interferir nessas intenções.

A civilização exige a repressão de grande parte da expressão emocional porque ser civilizado é ser educado, moderado no comportamento; é não perder a cabeça, não perder o controle. Mas, como ser sempre educado e moderado diante das adversidades e conflitos que nos impõe a vida?

O obreiro vive sob constantes pressões do dia a dia da igreja. Essas pressões são resultantes, na maioria das vezes, do excesso de atividades: construções, administração financeira da igreja, bem como conflitos entre membros e obreiros. Há pastores que nunca tiram férias, esquecem-se de que o corpo precisa de descanso, e é por isso que há uma grande incidência de infarto e AVC entre pastores.

Em geral, consideramos a *imperturbabilidade* (a capacidade de suportar) como uma virtude; embora esqueçamos de que a maioria das doenças é causada pela repressão das emoções. Pesquisas mostram que muitos pacientes com doenças graves — como cancerosos, por exemplo — passam por uma situação de estresse, entre seis a doze meses, antes dos primeiros sintomas.

Algumas pessoas usam um mecanismo de defesa ao deslocar uma ação agressiva contra pessoas ou objetos “inocentes”. Isso ocorre frequentemente quando o indivíduo, estando frustrado, não consegue exprimir satisfatoriamente sua agressão contra a origem de sua frustração. Às vezes, o responsável pela frustração é tão poderoso que pode ser perigoso atacá-lo. Quando as

circunstâncias impedem o ataque direto à causa da frustração, ocorre o que denominamos de *“agressão deslocada”*.

Não é saudável negar a expressão emocional. Isso não significa que se devam exprimir de forma abusiva as emoções. É possível haver um controle sem a negação da vida emocional.

Uma das grandes virtudes de um líder é saber expressar as suas emoções sem exceder-se, usando o domínio próprio — a temperança, que é um dos elementos do Fruto do Espírito (Gl 5.22).

O apóstolo Paulo ensinou-nos: *“Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira”* (Ef 4.26). O apóstolo mostra que é possível expressar as emoções sem excessos. Tanto a explosão quanto a implosão dos sentimentos são prejudiciais à vida do indivíduo.

Não adianta a pessoa tentar livrar-se das emoções negativas dissimulando os sentimentos diuturnamente ou tentando manter uma aparente tranquilidade se, em seu íntimo, ela está experimentando tais emoções. Quem assim procede pode, cedo ou tarde, provocar alterações patológicas na saúde.

Por exemplo, se a pessoa enfrenta uma decepção ou uma perda, é natural ela sentir-se decepcionada e infeliz. Não é necessário ignorar a existência do fracasso ou negar que se sinta abatida. Entretanto, as decepções não precisam transformar-se em amargura a ponto de tornar a pessoa vítima de suas próprias emoções, mas, sim, de aceitar a naturalidade de seus sentimentos sem sentir-se culpada por

estar emocionalmente perturbada. Devemos dominar as emoções negativas e não deixar que elas nos dominem.

Com relação à raiva, por exemplo, é importante não deixá-la descambar para a violência na hora em que a sentimos. É possível direcionar a expressão emocional sob formas socialmente aceitáveis, conseguindo um controle emocional sem a negação da vida emocional através de uma higiene de emoções, de forma que as pessoas maduras possam gozar a expressão emocional sem sofrer os danos devidos aos excessos emocionais.

Compreender nossa vida emocional é importante para mantermos o equilíbrio e a confiança na nossa forma de agir diante dos desafios ou problemas que nos sobrevêm. Não precisamos perder o controle da situação para entendermos que precisamos manter o equilíbrio e tornarmo-nos pessoas bem ajustadas.

Não podemos deixar os conflitos perturbarem a nós e aos outros indevidamente. Devemos enfrentar os problemas de maneira realista, aceitar o inevitável, compreender e aceitar nossas limitações e também as daqueles com quem precisamos lidar.

VI – LIDANDO COM SENTIMENTOS E EMOÇÕES DESAGRADÁVEIS

1. A ansiedade

Já vimos, quando falamos dos distúrbios da personalidade, que a ansiedade é enquadrada entre os distúrbios neuróticos.

Ansiedade é um termo utilizado para descrevermos a experiência subjetiva de uma tensão desagradável e de inquietação que acompanham o conflito ou ameaça psíquica. Trata-se de um estado emocional normal, uma característica biológica da conduta humana, sentida como antecipação a momentos de perigos reais ou imaginários.

A ansiedade é marcada por uma variedade de sensações físicas desagradáveis, provenientes de uma excessiva preocupação pessoal, decorrente de frustrações no âmbito profissional, pessoal, afetivo, conflitos conjugais, problemas financeiros, perda do emprego, morte de pessoas próximas, etc.

A tensão e a ansiedade físicas produzem uma variedade de sensações corpóreas, provenientes de uma excessiva preocupação pessoal. Ela sobrecarrega o organismo, provocando uma somatização, gerando sintomas como: palpitações, dores precordiais, cefaleias (dores de cabeça crônica), nervosismo, irritabilidade, insônia ou sonolência, depressão, etc.

Não há dúvida de que a situação de crise que o mundo atual enfrenta e, especificamente, o nosso país, tenha sido um fator desencadeante do problema. Basta lermos os jornais para ficarmos convencidos de que vivemos numa época de ansiedade. Duas Guerras Mundiais em 35 anos, mudanças e depressões econômicas, a ascensão do comunismo totalitário e a queda deste mesmo Regime sob pena de mortes e massacres, a ameaça de um terceiro conflito mundial com seus armamentos nucleares. Dados

como esses bastam para demonstrar até que ponto os fundamentos do nosso mundo estão abalados.

Uma pesquisa revela que, de cada dez pessoas no mundo, uma nasce com problemas mentais. Vivemos na idade da ansiedade, na idade da angústia. A geração atual é considerada como “uma geração atormentada”.

De acordo com a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), o consumo de medicamentos controlados saltou de pouco mais de 113 mil caixas em 2009 para quase 295 mil no ano passado. O aumento foi de 161%.

A ansiedade patológica é sempre um medo mórbido que se origina, sem motivação conhecida, na esfera dos sentimentos vitais e começa a acarretar muitos problemas, causar sofrimento, prejuízos e a dificultar o desempenho da pessoa. É a ansiedade angustiosa, pois ela tira o sossego, bloqueia o ânimo e escurece o futuro da pessoa. Ela também rouba a fé do crente, que chega ao ponto de pensar que Deus o abandonou. A Bíblia, entretanto, revela preciosas promessas para nós; dentre elas, a que Jesus deixou: “[...] eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28.20). Além do mais, no Sermão do Monte, Jesus frisou: “Não andeis cuidadosos com a vossa vida, [...]”.

No Sermão do Monte, Jesus frisou:

> *“[...] não andeis cuidadosos com à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber, nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir [...]. Não andeis, pois, inquietos, dizendo:*

> *Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? (Porque todas essas coisas os gentios procuram.) Decerto, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas; mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.25,31-33).*

Paulo enfatizou:

> *"O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus" (Fp 4.19).*

> *"Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos. Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor. Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4.4-7).*

Diante de tais promessas, resta a nós confiarmos mais em Deus e vencermos este terrível mal, que é a ansiedade.

2. A ira

Estudos comprovam que o amor e a ira são as duas emoções humanas mais poderosas vivenciadas pelo ser humano. O amor é uma emoção que produz saúde. A ira é

uma emoção que destrói a saúde e é a mais negativa e prejudicial emoção com a qual o homem tem de lidar.

Em geral, a ira surge como um mecanismo de defesa contra o insulto, a rejeição ou a injúria. Muitas pessoas com tendência à depressão passaram por alguma coisa que as levaram a ficar com raiva. Nesse caso, a depressão não é espontânea, mas, sim, resultado de sua ira.

A Bíblia é explícita ao falar da manifestação da ira. Em Efésios 4.30-32, o apóstolo Paulo diz:

> *"E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção. Toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda malícia seja tiradas de entre vós. Antes, sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo."*

O mesmo apóstolo, ao referir-se anteriormente à ira, disse: *"Irai-vos e não pequeis"* (Ef 4.26). Com isso, o apóstolo mostrava a possibilidade de haver uma expressão da ira sem torná-la pecaminosa. O próprio Jesus indignou-se ao expulsar os cambistas da casa de Deus, sem, contudo, pecar (cf. Mc 11.15). Entretanto, a ira pode tornar-se "danificadora" ou pecaminosa.

Como já vimos anteriormente, precisamos ter cuidado ao expressar ou interiorizar os sentimentos. A explosão ou a interiorização da ira são prejudiciais à saúde. A explosão da ira visa, principalmente, ao próximo e busca feri-lo; por outro lado, a interiorização dirige destrutivamente as

energias emocionais contra o próprio “eu”, prejudicando o campo do indivíduo e tornando-o irritadiço, tenso e miserável, prejudicando também o seu relacionamento com os outros.

A ira produz um grande acúmulo de tensões. O corpo humano suporta apenas certa quantidade delas. O excesso dessas tensões sucumbe algumas áreas vitais do corpo humano, provocando, muitas vezes, úlcera, pressão alta, colite, artrite, problemas cardíacos, dor de cabeça, pedra nos rins, pedra na bexiga e muitas outras doenças.

A ira pode ser vencida quando ela é substituída pelo amor, que acontece através da ação do Espírito de Deus combinada com o exercício gradual de novos padrões mentais. Jesus ensinou:

> *“Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do Pai que está nos céus” (Mt 5.43,44).*

O poder do Espírito Santo é capaz de colocar amor no coração de qualquer pessoa que tenha uma tendência à ira. Isso, no entanto, não acontece sem que ocorra uma disposição do próprio indivíduo a deixá-lo fazer isso.

3. As fobias

Fobia é uma espécie de medo mórbido. Medo é um sentimento desagradável que exerce grande influência entre os seres humanos.

> *É sempre uma emoção de afastamento que envolve fuga do perigo. É a resposta emocional a uma ameaça ou perigo. Surge medo quando percebemos algo perigoso ou uma situação ameaçadora, onde não possuímos capacidade de domínio da ameaça. É um sentimento de impotência". (Hilgard, 1976)*

Em geral, o medo é adquirido. A criança, por exemplo, que ouve constantemente que, se não se comportar bem, o "bicho papão" vai pegá-la, ou que, em dado momento, ela é deixada em um quarto escuro e alguém diz ter um velho que vai agarrá-la poderá desencadear nela um medo de ambientes escuros e de pessoas idosas.

Medo é um sentimento que todo ser humano vivencia em algum momento da vida. Quase todos os seres humanos já tiveram, alguma vez na vida, a sensação de que morreriam ou ficariam loucos, gerando nestes: desapontamento e preocupação, pânico, timidez e ansiedade.

Os sintomas mais comuns do medo são: dispneia (dificuldade respiratória), reação de sufocamento, sudorese, náuseas, parastesia, rubor e calafrios.

Os tratamentos mais indicados para as fobias são a psicoterapia e, mais recentemente, a dessensibilação, condicionamento operante e terapia comportamental.

O medo poderá ser útil e, de certa forma, necessário, quando ocorre como uma reação emocional ao perigo. Entretanto, a partir do momento em que esse medo passa a ser excessivo, prolongado e incomum, torna-se um medo mórbido. O excesso de ansiedade pode desencadear esse tipo de medo.[24]

O psiquiatra Geraldo José Ballone (2001) diz:

> *As emoções negativas podem, por sua vez, determinar não apenas uma repercussão orgânica, como de vê em psicossomática, mas, sobretudo, uma repercussão psicoemocional. Neste caso, o excesso de ansiedade poderia se traduzir por Transtornos de Ansiedade. Atualmente as classificações internacionais (CID.10 e DSM.IV) reconhecem as seguintes manifestações clínicas da ansiedade patológica:*
>
> *Ataque de Pânico: caracteriza-se por crise súbita de sintomas de apreensão, medo intenso ou terror, acompanhados habitualmente de sensação de morte iminente. Aparecem também durante estes ataques, sintomas como palpitações, opressão ou mal estar torácico, sensação de sufocamento, medo de perder o controle, de ficar louco.*
>
> *Agorafobia: caracteriza-se pelo aparecimento de ansiedade ou comportamento de evitação de lugares ou situações de onde escapar pode ser difícil ou complicado, ou ainda de onde seja impossível conseguir ajuda no caso de se passar mal.*

> *Fobia específica: caracteriza-se pela presença de ansiedade clinicamente significativa, como resposta à exposição a determinadas situações e/ou objetos específicos temidos irracionalmente, dando lugar a comportamentos de evitação.*
> *Fobia social: caracteriza-se pela presença de ansiedade clinicamente significativa como resposta a situações sociais ou atuações em público, e também podem dar lugar a comportamentos de evitação.*[25]

No âmbito espiritual, é importante reconhecer que é a confiança em Deus que nos permitirá identificar o perigo e enfrentá-lo, não permitindo que o medo tenha qualquer controle sobre nós.

A primeira menção na Bíblia do termo *medo* está em Gênesis 3.10: [...] *Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi.”* (ARA). Tal sentimento começou no Jardim do Éden, levando nossos primeiros pais a correrem e fugirem de Deus após a queda.

Partindo desse princípio, o medo está relacionado com nossa pecaminosidade; por isso, ele não deve exercer domínio sobre nós. A Bíblia é enfática quando nos faz entender que o medo é algo que pode ser regulado pela vontade do homem.

Por três vezes, Jesus ordena aos crentes: “não temais” (Mt 10.26,28,31). Paulo escreve: *“Porque não recebestes o espírito da escravidão, para, outra vez, estardes em temor* [...]” (Rm 8.15).

Alguns aspectos devem ser considerados para vencer as fobias:

- Reconheça que o seu temor é real.
- O medo, na verdade, não é do objeto causador, mas de algo que foi associado àquele objeto.
- O objeto causador não produz essas experiências. As mesmas são produzidas pessoalmente pelo indivíduo, podendo, assim, ser controladas ou deixadas de ser produzidas.
- O que o indivíduo teme são alguns sentimentos físicos normais de antecipação ao objeto do medo.

O medo mórbido pode desencadear um temor do que o indivíduo possa sentir. Essas sensações antecipatórias geram mais temor, o que, por sua vez, produz sentimentos físicos mais intensos, contribuindo para disparar ainda mais o medo. Ao invés de ser temido, o medo deve ser compreendido e usado em sua justa finalidade, a fim de que, diante de algum perigo possível, o indivíduo possa estar preparado para uma ação corajosa.

4. A tristeza

A tristeza é uma das emoções que está presente na vida de todas as pessoas durante a sua existência. Quem nunca viveu uma situação capaz de entristecê-lo? Até mesmo o cristão, que experimentou o gozo da salvação em Cristo, está sujeito à tristeza. É bastante sofrer uma perda significativa, como a morte de um ente querido ou mesmo a

perda de um emprego para que esse sentimento venha ser manifestado. Existem, porém, pessoas que sofrem de uma tristeza profunda sem causa aparente. Isso pode ser prenúncio de uma depressão. Abordaremos esse tema com mais profundidade quando falarmos sobre aconselhamento pastoral.

Para distinguirmos o sentimento de tristeza de uma depressão, é importante atentarmos para os sintomas. A tristeza pode estar relacionada à depressão quando esse sentimento toma conta da pessoa, extrapolando os limites da sua consciência, sem que a pessoa saiba o que, de fato, está deixando-a triste. Em geral, é acompanhada de alguns sintomas como, por exemplo:

- Anedonia – Perda da sensação de prazer, de sentir.
- Anorexia – Perda do apetite (se for uma pessoa melancólica).
- Bulimia – Apetite insaciável (se for uma pessoa ansiosa).
- Insônia – Perda do sono.
- Pipersônia – sonolência permanente.

A cada dia, cresce o número de pessoas com esse problema em nossas igrejas, que pode estar relacionado a uma depressão ou a uma crise existencial. A depressão é uma doença comprovada cientificamente, provocada por uma alteração neurológica devido à escassez ou excesso de uma substância química no cérebro chamada de cerotonina.[26] Essa doença é caracterizada pelo humor deprimido, pensamento retardado e retardo psicomotor,

além de um sentimento profundo de tristeza, desânimo, agitação e perplexidade.

Apesar de a depressão ser considerada pela Psiquiatria como uma psicose de etiologia desconhecida, existem fatores que contribuem para a sua manifestação, dentre eles: os traumas da infância, a incapacidade de resolver determinadas situações, sentimentos de culpa, a ira ou quando o indivíduo entra num processo de crise.

Já vimos anteriormente que existem pelo menos três tipos de crises que o ser humano pode enfrentar: Crise de desenvolvimento, que ocorre durante o processo evolutivo do ser humano; Crise circunstancial, que ocorre numa situação de impacto na vida do ser humano; e a Crise existencial, que está diretamente relacionada com a existência do indivíduo. Possivelmente, esta última é a pior crise que o ser humano pode enfrentar.

O agente causador da Crise de desenvolvimento e da Crise circunstancial está na soma das modificações internas e ambientais do indivíduo, as quais se combinam, levando-o a uma crise. A crise existencial, porém, é algo que está basicamente relacionado à vida espiritual, tratando-se de um conflito entre a criatura e o seu criador.

A tristeza comum pode ser superada através da solução dos problemas responsáveis pelo seu surgimento ou então quando nos adaptamos a uma nova realidade de vida numa situação que não podemos modificá-la — como no exemplo da perda de um ente querido.

A tristeza mórbida, quando oriunda de uma depressão, deve ser tratada como tal. A depressão é uma doença como

qualquer outra e precisa ser tratada. Atualmente, existem tratamentos eficazes que podem resolver esse problema (não descarto, aqui, a possibilidade de uma cura divina).

Quando a tristeza está diretamente relacionada com uma crise existencial, a Psicologia ou a Psiquiatria dificilmente resolverão a situação. Às vezes, estas conseguem apenas amenizar o estado da pessoa sob o preço de torná-la dependente de psicotrópicos, ou, pelo contrário, levam-na a uma mudança repentina de caráter, tornando-a egoísta, fazendo-a abdicar dos valores morais e espirituais necessários para o seu ajustamento pessoal.

Nesse caso específico, só a Palavra de Deus que *"penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração"* (Hb 4.12b) é capaz de mudar essa realidade. Por outro lado, essa situação exige uma mudança intrínseca que pode ocorrer com o cultivo do Fruto do Espírito, conforme Gl 5.22, que significa a implementação do caráter divino em nosso caráter. Um dos elementos que compõe o Fruto do Espírito é a alegria (gozo), o antídoto capaz de acabar com a tristeza.

5. A culpa

A culpa está relacionada a lembranças de algo no passado que são difíceis de serem esquecidas. O indivíduo sente-se culpado quando viola a sua consciência moral. Ela pode ser apenas um sinal de alerta para o indivíduo entender que está fazendo algo errado ou cometendo exageros e logo se corrigir. Torna-se, porém, doentia quando há repetição de

atos não saudáveis dos quais não se consegue desvencilhar, gerando na pessoa o comportamento de réu ou transgressor.

Com a culpa, o indivíduo sofre uma espécie de tortura que o leva a punir-se por não conseguir reagir ou gerenciar os conflitos que lhe causam sofrimento, mágoa, timidez, dor e medo.

5.1 A culpa segundo as teorias psicológicas

As teorias psicológicas negam a existência do pecado por desconsiderarem os princípios bíblicos. A Psicanálise, por exemplo, defende que, durante a infância, desenvolvemos uma censura — superego — de acordo com o ambiente em que fomos criados. Segundo essa teoria, uma pessoa criada num *ambiente castrador*, onde foi intensamente cobrada, desenvolve uma propensão maior à culpa do que aquela criada com menos rigidez. A formação de uma consciência (ou superego) é excessivamente rígida; a consciência entra em conflito com os desejos normais (o id). Esse conflito serve como fonte das atuais dificuldades.

Quando o indivíduo viola um “faça” ou “não faça”, ele sente-se culpado (não por ser culpado, mas, sim, por haver violado seu superego ou consciência rígida em demasia.

Ainda que exista um fundo de verdade nessa afirmação, não podemos aceitar essa visão integralmente sem considerarmos o que a Bíblia ensina; do contrário, chegaremos à conclusão de que pecado é algo relativo e de

que depende daquilo que aprendemos sobre o certo e o errado.

Biblicamente falando, a consciência é a marca da criação de Deus (Rm 2.15). Ela não está sujeita à vontade e nem aos sentimentos humanos, sendo capaz de aprovar ou desaprovar as ações do homem. Trata-se da faculdade que capacita o ser humano a conhecer e seguir os padrões morais do Criador. É por meio da consciência que Deus revela a sua vontade ao homem e, quando o homem desobedece a essa vontade, a sua consciência acusa-o.

Na Bíblia, um dos exemplos mais marcantes de pessoas que vivenciaram o sentimento de culpa é o rei Davi. Isso se torna claro na sua declaração no Salmo 51:

> *"Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que aos teus olhos é mal [...]" (Sl 51.3.4).*

A Bíblia é clara quando trata do perdão para aqueles que se arrependem. O arrependimento leva o indivíduo à confissão: *"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça"* (1 Jo 1.9).

Infelizmente, nem sempre a igreja ajuda pessoas que se sentem culpadas. Alguns líderes e membros posicionam-se como juízes legalistas do povo de Deus e usam a Bíblia apenas como código legal para excluir ou penalizar o membro.

A culpa, quando não tratada, pode levar a pessoa a adoecer física e psicologicamente, além de fazer a pessoa sentir-se indigna ou incapaz: “faça o que fizer, nunca é suficiente”.

Muitas pessoas têm dificuldades de sentirem-se perdoadas, prejudicando, assim, o relacionamento com Deus, mesmo depois de confessar os seus pecados sucessivas vezes, desencadeando, em alguns casos, a *culpa neurótica* (aquela que nos impede de aceitar o perdão divino).

5.2 Como lidar com a culpa

Para lidar com a culpa, é necessário que a pessoa, primeiramente, reconheça seus erros e seus traços de comportamento, assuma a responsabilidade pelos seus problemas e deixe de ficar pondo a culpa em outras pessoas por tudo o que lhe acontece. É bem verdade que não somos culpados pelos infortúnios da vida, mas, sim, responsáveis pelos nossos atos e, por isso, devemos assumir as consequências de nossos erros. Quando assumimos a responsabilidade pelas nossas dificuldades, torna-se mais fácil modificar uma situação, reparar algum dano e não ficar apenas punindo a si mesmo.

Outro passo importante é arrepender-se dos erros, aceitar o perdão divino e perdoar a si mesmo.

Existem dois aspectos do perdão: o perdão de Deus e o perdão a si mesmo. O perdão de Deus acontece instantaneamente diante do nosso arrependimento.

Arrependimento não é o mesmo que remorso. O verdadeiro arrependimento só acontece quando existe:

- **Um reconhecimento do erro** – Não pode haver arrependimento se não existe uma conscientização do erro cometido. Há, entretanto, muitos que reconhecem os seus erros, porém continuam neles.
- **Um sentimento de tristeza pelo pecado cometido** – O apóstolo Paulo refere-se à tristeza, segundo Deus, que surge quando existe um arrependimento sincero: *"Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende"* (2 Co 7.10). É importante lembrarmos que, mesmo havendo um reconhecimento do erro e um sentimento de tristeza pelo pecado, não significa que houve um arrependimento completo, visto que se faz necessário ocorrer um terceiro estágio.
- **Mudança de atitude** – O arrependimento leva a uma mudança de mente, conduzindo ao abandono do erro.

O salmista Davi, no salmo 51, demonstra um verdadeiro arrependimento. Sua declaração mostra as três fases do arrependimento vivenciadas por ele:

- **Reconhecimento do seu erro:** "Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Contra ti, contra ti

somente pequei, e fiz o que aos teus olhos é mal” (vv. 3.4).

- **Demonstração de tristeza pelos seus pecados:** “Torna a dar-me a alegria da tua salvação e sustém-me com um espírito voluntário” (v. 12).
- **Mudança de atitude:** “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto” (v. 10).

Muitas pessoas têm dificuldades de sentirem-se perdoadas, prejudicando, assim, o seu relacionamento com Deus.

Por que nos sentimos culpados? Muitos de nós fomos criados num ambiente punitivo onde o castigo seguia inevitavelmente a algo mal feito. Condicionou-se à estrutura emocional: culpa é igual à punição: “Se sou culpado, então mereço ser punido”.

Nossos pais ensinaram-nos a sentirmos culpa, e nós ainda não vencemos esse hábito. Estamos treinados a sentir a culpa quando fracassamos. Sentimo-nos culpados porque estamos procurando resolver nossos problemas do pecado por nós mesmos.

Para vencer a culpa, é necessário:

- **Reconhecer que Deus o ama** (Jo 3.16) – Ele criou a todos e sabe o que sentimos. Ele compreende todos os nossos problemas. Conhece o nosso passado, sabe nossos nomes e quer que

tenhamos o que for de melhor na vida. Ele deseja o nosso bem-estar. Ele ama cada um de nós!

- **Arrepender-se dos pecados e confessá-los** (1 Jo 1.9) – Faça uma lista de coisas que o separavam de Deus, peça-lhe perdão agora e tome a deliberação de acertar tudo com as pessoas contra as quais cometeu algum erro e do qual se sente culpado.
- **Vencer o perfeccionismo** (Sl 103.14) – Precisamos aceitar nossas limitações humanas. Não sejamos irreais, perfeccionistas ou grandiosos.

É importante reconhecer que não somos bons nem maus ao afirmar repetidamente que somos aceitos, amados e perdoados por Deus.

6. A autocomiseração

A autocomiseração é um dos sentimentos mais destrutivos vivenciados pelo ser humano, ao lado da culpa e da ira. É a comiseração de si mesmo, a autopiedade, sentir dó de si mesmo.

A autopiedade é um estado psicológico que uma pessoa pode desenvolver em situações adversas nas quais ela sente-se injustiçada, passando a sentir-se vítima, buscando chamar a atenção dos outros para lhe confortarem.

Uma pessoa com autocomiseração olha apenas para o que perdeu, sente dó e piedade de si mesma, acha-se vítima da situação e das pessoas, um ser sofredor que

merece o cuidado e atenção exclusivos de todos ao seu redor.

A pessoa vítima da autocomiseração adota para si um padrão de vida de “o coitado”. Na maioria das vezes, ela mesma não percebe que os outros se aborrecem quando ela mostra o seu comportamento. A autocomiseração transforma a pessoa em “o coitado” da igreja, “o coitado” do ministério, “o coitado” da família, o sofredor da vida. Com o tempo, as pessoas começam a afastar-se porque não é fácil conviver com alguém assim. Por mais que se dê atenção a essa pessoa e por mais que se converse com ela, nada melhora e nada muda para ela.

No aspecto espiritual, a autocomiseração é pecado. Sentir compaixão pelos outros é um predicado de amor, mas, ao sentirmos dó de nós mesmos, tornamo-nos egocêntricos, amamos somente a nós mesmos e não os outros.

A autocomiseração é um sentimento perigoso que pode levar a pessoa à depressão, ao negativismo e à ingratidão com Deus. É uma das “doenças do ego” que leva a pessoa a mimar o seu próprio ego. A pessoa passa a olhar somente para os seus problemas e sofrimentos, deixando de olhar as coisas boas que tem, esquecendo-se das bênçãos que Deus já lhe concedeu.

A autocomiseração pode ser vencida. Isso se torna possível se a pessoa atentar para as seguintes atitudes:

- **Reconhecer o seu comportamento de vítima** – Não se muda um comportamento negativo se não há uma consciência da existência dele. Esse é o primeiro passo para se alcançar a vitória.

- **Querer mudar** – Depois que a pessoa percebe o seu comportamento, ela deve lutar para vencê-lo, lutar contra esse sentimento, contra o próprio EU, desejando mudar. Jesus disse em João 16.33 que passaríamos por aflições no mundo, mas que era para termos “bom animo”, pois Ele venceu o mundo: “Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo. Em Cristo, somos mais que vencedores.
- **Romper com o que passou** – Romper com o passado e perdoar aqueles que nos ofenderam é o caminho para nos sentirmos livres da autocomiseração: “[...] mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim” (Fp 3.13). A aceitação do que aconteceu é o primeiro passo para superar as consequências de qualquer adversidade.
- **Ter um coração agradecido** – A gratidão é uma virtude que deve ser cultivada em nossas vidas. Quando agradecemos, focamos as coisas boas que nos aconteceram e deixamos de lado aquelas que nos fizeram mal. A Bíblia mostra-nos que devemos ser agradecidos: “Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Ts 5.18). “Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e

não te esqueças de nenhum de seus benefícios” (Sl 103.1,2).

Quando não acreditamos na possibilidade de uma mudança, sentimo-nos presos e infelizes, passando a culpar os outros pela nossa infelicidade. Uma mudança só é possível a partir do momento que nos permitimos vivenciar novas experiências.

7. A inveja

A inveja é um desejo de algo que pertence a outro. Em suas manifestações, a inveja está sempre acompanhada pelo ódio, que não tolera a prosperidade nem a alegria do próximo.

Os crimes mais vorazes do mundo foram instigados pela inveja. A Bíblia revela que, motivado por esse sentimento, Caim comete o primeiro homicídio da história da humanidade, matando seu irmão Abel, por não suportar que o mesmo recebesse e gozasse favores de Deus.

A Bíblia registra alguns fatos ocorridos através da ação maléfica da inveja; dentre eles, destacamos os seguintes:

- A prosperidade de Isaque é invejada pelos Filisteus, que entulhavam e enchiam de terra os poços que os servos de seu pai Abraão haviam cavado (Gn 26.14.15).
- Os apóstolos foram presos por causa da inveja: “E, levantando-se o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele (e eram eles da seita dos saduceus), encheram-se de inveja, e lançaram mão

dos apóstolos, e os puseram na prisão pública” (At 5.17,18).

A Palavra de Deus condena a inveja e repreende os invejosos:

- “Mas, se tendes amarga inveja e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade” (Tg 3.14).
- “[...] A inveja é a podridão dos ossos” (Pv 14.30).
- “[Os invejosos] não herdarão o Reino de Deus” (Gl 5.21).

Precisamos ficar protegidos para evitarmos ser tragados pelo sentimento de inveja:

7.1 Aprenda a contentar-se

“Contentando-vos com o que tendes” (Hb 13.5). O apóstolo Paulo traz-nos uma lição importante quando fala de suas experiências diante das circunstâncias da vida: *“[...] aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez”* (Fp 4.11,12 – ARA).

É importante entendermos que o contentar-se na Bíblia não significa comodismo ou submissão à pobreza; tampouco significa desculpa para a preguiça e inatividade, pois a Bíblia, em parte alguma, ensina que o homem não deve lutar para melhorar de vida. Contentar-se significa não se

deixar ser controlado pelas circunstâncias, mas, sim, fazer uma escolha definitiva acerca do que motivará suas ações.

7.2 Melhore sua autoestima

“Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fp 4.13). A pessoa deve descobrir o seu valor pessoal e a sua capacidade própria para alcançar o que deseja, buscando acreditar em sua capacidade e conseguir realizar-se em todos os aspectos da vida.

7.3 Procure apreciar o que vê em outras pessoas

Devemos apreciar os dons que os outros possuem e saber que Deus tem variados dons para também nos dar:

> *“Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de i mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função; assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada” (Rm 12.3-6 – ARA).*

Descubra seus dons e aprenda a apreciar o que vê em outras pessoas.

8. O ciúme

O ciúme é caracterizado pelo receio de perder alguma coisa ou pelo zelo excessivo por alguém. É uma forma especial de angústia que se baseia na insegurança e inclui o medo de perder a afeição para um rival. Dependendo de sua intensidade, pode tornar-se num impulso violento.

As reações da pessoa ciumenta podem ser violentas: "*Porque o ciúme excita o furor do marido; e não terá compaixão no dia da vingança*" (Pv 6.34 – ARA). O ciúme pode levar a pessoa a atacar um rival autêntico caso ele exista.

Havendo apenas a ameaça, a pessoa ciumenta pode fazer grandes sacrifícios para proteger a pessoa amada e ficar informada a seu respeito, pois teme perder a sua fidelidade. Por exemplo, o marido que tem ciúmes acredita que o outro esteja roubando a afeição de sua mulher, mesmo quando não existe rival.

No sentido bíblico, o ciúme é ordinariamente considerado um mal, apesar de algumas pessoas procurarem justificá-lo através da expressão bíblica de Tiago, que diz: *"O Espírito que em nós habita tem ciúmes* [...]" (Tg 4.5). O termo ciúme citado por Tiago não pode ser interpretado como o ciúme humano. Nesse caso, a alusão é a obra graciosa do Espírito Santo quando nos mostramos infiéis a Cristo e a Deus, que tão ricamente nos tem abençoado. Trata-se do zelo e do cuidado de Deus para conosco. Deus cuida de seu povo e fica profundamente entristecido quando é abandonado por seus filhos.

O ciúme está entre as obras da carne e deve ser vencido (Rm 13.13; 1 Co 3.3; Gl 5.20 – ARA). Dentre as coisas que podem ajudar uma pessoa a vencer o ciúme, destacamos três:

- **Supere com inteligência a insegurança** – Os sentimentos de insegurança originam-se na primeira infância devido à privação, negligência e perda de afeição que o bebê passa a temer. Esse medo de insegurança é considerado a angústia básica, sendo também um medo associado a outras pessoas. Na verdade, o que mais se teme é o isolamento pela falta de respostas afetuosas de outras pessoas. Em alguns casos, é importante o tratamento psicológico como meio eficaz para superar a insegurança.
- **Aprenda a amar** – "O amor não arde em ciúmes" (1 Co 13.4 – ARA). O amor requer que a atitude do ciúme seja modificada. Para isso, faz-se necessário a atuação do Espírito Santo na vida para que se aprenda a amar.
- **Não se deixe vencer pelo orgulho e o egocentrismo** – Em geral, a pessoa ciumenta vive sucumbida pelo orgulho e o egocentrismo. Assim sendo, a pessoa ciumenta precisa entender que o mundo não foi criado pessoalmente para ninguém. Por isso, vencer o ciúme significa vencer esse orgulho e egocentrismo.

---

[24] Ver discussão apresentada no capítulo 7 – Distúrbios da Personalidade.

[25] Disponível em: http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=25 – Acesso em 06/04/2012.

[26] Abordamos sobre a depressão em um capítulo específico sobre o assunto.

4ª Parte

Princípios de Relações Humanas

Capítulo XIII – As Relações Humanas
Capítulo XIV – As Relações com o Próximo
Capítulo XV – Aprendendo a Viver em Harmonia com o Próximo
Capítulo XVI – O Líder e a Administração de Conflitos
Capítulo XVII – As Relações Humanas e a Ética

CAPÍTULO

XIII

AS RELAÇÕES HUMANAS

O ser humano necessita de um relacionamento contínuo com seus semelhantes. Fomos criados por Deus como seres gregários. Ninguém nasceu para viver isoladamente como numa ilha, mas, sim, para conviver com outras pessoas.

Ao criar o homem, o próprio Deus falou: *“Não é bom que o homem esteja só”* (Gn 2.18). Eclesiastes mostra a importância das relações humanas e o valor significativo que o outro pode ter em nossas vidas:

> *“Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Também se dois dormirem juntos, eles se aquentarão; mas um só como se aquentará? E, se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa” (Ec 4.9-12).*

Olhando a nossa volta e considerando os fatos que ocorrem todos os dias, é possível perceber que, em todas as situações que nos são familiares, estão envolvidos comportamentos que revelam a forma peculiar de cada pessoa e o modo como cada um age.

Hoje, mais do que nunca, há um grande interesse pelo estudo do comportamento humano. As pessoas têm buscado cada vez mais informações sobre o assunto.

Anteriormente, estudava-se mais acerca de situações atípicas do comportamento como as neuroses, as psicoses, as esquizofrenias, as debilidades mentais, os gênios e os desvios de conduta de um modo geral. Com o passar do tempo, descobriu-se a importância de conhecermos melhor o comportamento humano para o desenvolvimento das relações humanas, principalmente nas organizações. Quando o relacionamento é harmonioso, contributivo, espontâneo, gera-se satisfação e progresso. Se, no entanto, este é conflituoso, surgem os obstáculos aos desenvolvimentos das atividades, gerando barreiras no alcance dos objetivos propostos.

I – DEFININDO RELAÇÕES HUMANAS

O termo relações humanas é muito abrangente, exigindo, assim, um estudo profundo do tema. Tentaremos abordar o assunto de forma não acadêmica, mas, na prática, com o intuito de tornar a assimilação bem mais simples, mais rápida e mais acessível a qualquer pessoa.

1. O que significa relações humanas

Relações Humanas é a arte do relacionamento humano, que surge quando dois ou mais indivíduos encontram-se. É a ponte que liga um indivíduo a outro, um indivíduo a grupos e também os grupos entre si. As ciências das Relações Humanas estudam a convivência, a comunicação e a capacidade que o indivíduo tem de aproximar-se das pessoas.

Há, pelo menos, dois tipos de relações humanas: relações interpessoais e relações intrapessoais. As relações interpessoais tratam do relacionamento entre pessoas, caracterizada através dos fatos ou dos acontecimentos que se verificam no lar, na escola, nas organizações, na igreja e assim sucessivamente. Já as relações intrapessoais tratam da comunicação que mantemos conosco mesmo. É o diálogo interior. Por exemplo: a oração, a meditação, a conversa consigo mesmo, etc.

Como o nosso objetivo neste capítulo está mais voltado para a gestão de pessoas, deixaremos de lado as relações intrapessoais e deter-nos-emos nas relações interpessoais.

2. Teoria das Relações Humanas

Sempre houve um interesse eminente pelo estudo do homem e suas relações com o meio social em que ele vive. O tema, no entanto, tornou-se mais enfático a partir das pesquisas realizadas por Elton Mayo em Empresas norte-americanas, dando origem à Teoria das Relações Humanas.

Um dos estudos mais significativos ocorreu numa fábrica da Western Electric Company em Hawthorne (próximo de

Chicago), entre 1924 e 1932, localidade que veio a dar o nome ao estudo: Experiências de Hawthorne.

A experiência de Elton Mayo teve como objetivo inicial determinar como as mudanças nas condições de remuneração e de trabalho (iluminação, temperatura, períodos de descanso, acidentes de trabalho, fadiga, rotação do pessoal, etc.) influenciavam as pessoas e a sua produtividade do trabalho. Para isso, ele propôs uma subdivisão de uma oficina de rebobinagem em duas partes: numa, foram efetuadas alterações nos horários, no nível de luminosidade, nos tempos de descanso, etc., enquanto que a outra foi mantida como grupo de controle.

Os resultados da pesquisa foram patentes. Observou-se que a produtividade aumentava com a melhoria das condições de trabalho. A grande surpresa ocorreu quando os investigadores observaram que a produtividade também aumentava quando as condições de trabalho eram deterioradas.

Baseado nesses resultados, Elton Mayo concluiu que a criação de laços entre os operários que se sentiam observados por uma administração preocupada com o seu bem-estar eram muito mais importantes para o aumento da produtividade do que as simples condições físicas e materiais de trabalho.

II – O COMPORTAMENTO HUMANO

Entender o comportamento humano tem sido um grande desafio. Durante a vida, o ser humano passa por experiências que marcam profundamente sua história de

vida, quer na infância, na adolescência e até mesmo na fase adulta.

Assim, somos o resultado das características inatas[27] e das experiências vividas[28]. É por isso que se torna complexo entender o comportamento das pessoas, pois somos individualmente diferentes e não existe uma forma única de analisarmos as pessoas.

Além da complexidade do ser humano, temos que considerar também o atual momento de vida que atravessamos. Cada vez mais, o mundo torna-se individualista, e os valores pessoais estão sendo deixados para trás. Analisar o comportamento sem considerar essas mudanças sociais seria um grande erro.

Uma análise profunda do comportamento exige que consideremos os aspectos influenciadores que podem ser elementos determinantes. Sofremos influências diversas.

Há vários fatores que podem influenciar o comportamento humano. Apresentamos, a seguir, pelo menos cinco desses fatores, que são: fatores antropológicos e culturais; fatores socioeconômicos; fatores biológicos ou fisiológicos; fatores ambientais e fatores psicológicos.

1. Fatores Antropológicos e Culturais

Os fatores antropológicos e culturais estão relacionados à questão da cultura de um povo ou grupo social. As pessoas comportam-se de acordo com a sua cultura. A cultura é a maneira de viver de um povo. Ela engloba tudo o que um povo aprende, produz e adota como hábitos de vida, como

sua língua, sua história, suas obras de arte, seus costumes de alimentação e suas tradições religiosas.

Para entendermos o porquê de determinados comportamentos, temos que conhecer a origem da pessoa e a influência cultural que recebeu. Uma pessoa que tem origem europeia, embora tenha nascido no Brasil, pode ter um comportamento completamente diferente de uma pessoa que nasceu no nordeste do Brasil e assim sucessivamente.

2. Fatores Socioeconômicos

Outra questão que deve ser considerada é a condição socioeconômica que a pessoa vive. As pessoas comportam-se de acordo com sua posição social. Pessoas que moram em locais mais pobres ou ricos têm, em geral, características mais semelhantes entre si.

3. Fatores Biológicos ou Fisiológicos

As questões fisiológicas também influenciam no comportamento das pessoas. Uma mulher grávida, por exemplo, sofre uma alteração hormonal que afeta o seu comportamento. Pessoas que sofreram algum tipo de lesão ou AVC passam posteriormente a agir de maneira diferente de como se comportavam antes do problema. A maioria passa a agir de modo mais contemplativo, harmonioso, tolerante, etc.

4. Fatores Ambientais

Os fatores ambientais têm a ver com o local onde as pessoas moram, trabalham, vivem. Estudos comprovam que pessoas que vivem em lugares frios ou com pouca incidência de luz tendem a ter um comportamento sóbrio, depressivo e individualista, enquanto que aquelas que vivem em lugares com muito sol tendem a agir de modo mais alegre, receptivo e espontâneo.

5. Fatores Psicológicos

Os fatores psicológicos são, talvez, os aspectos que mais influenciam o comportamento humano, pois estão relacionados ao estado emocional ou, então, ao modo como as pessoas foram criadas e tratadas desde a infância até o momento atual.

As pessoas exprimem suas emoções com expressões faciais, gestos e ações. Geralmente, pessoas com certo treino são capazes de reconhecer as emoções experimentadas por outros indivíduos simplesmente observando-os.

Quando uma pessoa, por exemplo, está muito enraivecida, ou com muito medo, ou alegre, podemos reconhecer essas emoções em sua maneira de comportar-se. Devemos, no entanto, observar os padrões de comportamento que distinguem uma emoção da outra.

III – A INFLUÊNCIA DA PERSONALIDADE NAS RELAÇÕES HUMANAS

De acordo com a Psicologia, o homem começa a ser pessoa quando é capaz de relacionar-se com os outros,

quando se torna capaz de dar e receber e deixa o egocentrismo de lado.

Deus criou o homem com a capacidade para estabelecer numerosas pontes de relacionamento interpessoal, mesmo que, desde o início, o pecado tenha influenciado nos conflitos interpessoais. No primeiro conflito registrado na Bíblia, vemos um homicídio. Caim matou Abel, seu irmão, por ter inveja deste.

1. A complexidade das relações interpessoais

O processo de socialização é algo progressivo e contínuo, que começa muito cedo na vida do ser humano. Assim que a criança nasce, ela passa a receber influência do meio externo. A família é o primeiro grupo social com o qual a criança tem contato. A escola vem em seguida, sendo recebida muitas vezes com insegurança e medo, por representar um mundo até então desconhecido. A dificuldade de adaptação do indivíduo aos novos meios sociais muitas vezes dá-se devido aos choques de valores entre as famílias e as demais instituições.

A forma como percebemos o mundo que nos rodeia, a aceitação do outro e a flexibilidade em relação ao diferente são fatores de grande importância nas relações interpessoais.

Para que haja um inter-relacionamento, são necessários e imprescindíveis dois elementos: o “Eu” e o “Outro”. Segundo Powell e Brady (1995), a comunicação entre dois seres humanos é reconhecidamente difícil. Quando nos

comunicamos, partilhamos alguma coisa, tornando essa coisa posse comum.

Jonh Powell e Loretta Brady, na obra *Arrancar Máscaras! Abandonar Papéis!*, afirmam que, por meio da comunicação relacional humana, o que obtemos como posse comum somos nós mesmos, pois, pelo ato de partilhar ou comunicar, conhecemos e somos conhecidos.

Apesar da complexidade do comportamento humano, há algo em comum em todas as pessoas: a capacidade de relacionar-se de forma consciente e voluntária uns com os outros, não havendo, assim, processos unilaterais na interação humana.

2. A Convivência entre as pessoas

Conviver ou “viver com” é a capacidade de partilhar a vida, as atividades com os outros. A convivência é formativa, pois ajuda no processo de reflexão, interiorização pessoal e autorregulação do indivíduo. Minicucci (1995) mostra que, quando convivemos com as pessoas, formamos conceitos delas, e elas, por sua vez, formam conceitos nossos:

> *Pelo fato de vivermos em sociedade, oferecemos aos outros uma imagem de nós mesmos, assim como formamos conceito sobre cada uma das pessoas que conhecemos, ou seja, cada um de nós tem um conceito das pessoas que conhece e cada uma delas tem um conceito de nós. Assim como depositamos em cada pessoa conhecida um capital*

> *de estima maior ou menor, temos com ela também a nossa cota, de acordo com o nosso desempenho pessoal e social.*[29]

A capacidade de conviver harmoniosamente com o outro é considerada pelos estudiosos do comportamento como um dos principais sinais de maturidade psíquica. Minicucci (1995) mostra a opinião de Fritzen — grande teórico do comportamento humano — sobre a socialização do indivíduo:

> *De acordo com Fritzen (1998), a sociabilidade e a socialidade são as duas formas básicas de estabelecer relação com o meio. A sociabilidade faz parte da natureza humana: é a necessidade de comunicação ativa e passiva que se manifesta no indivíduo desde o seu nascimento. A socialidade vai depender das circunstâncias, do ambiente, no nível de participação da pessoa em nível social. Existem pessoas mais abertas e extrovertidas, que comunicam com facilidade suas impressões e estão sempre dispostas a receber as mensagens dos outros. São as pessoas que consideramos comunicativas e sociáveis.* [30]

Segundo Minicucci (1995), Fritzen reconhecia a influência da personalidade no processo de comunicação entre as pessoas. As diferenças entre as pessoas devem ser consideradas para que haja um bom relacionamento:

Outras pessoas são mais tímidas e introvertidas, propensas a reações de fechamento e de reserva, que sentem dificuldades na comunicação e podem mostrar-se inseguros até mesmo diante de suas próprias possibilidades. Há pessoas mais seletivas, que sentem dificuldade de extrapolar o círculo familiar, restringindo suas relações a pessoas próximas e em número reduzido; assim como existem pessoas que manifestam características de dominação, que gostam de impor sua vontade aos demais. Enfim, pondera Fritzen, os estilos e formas de sociabilidade variam muito e também dependem das situações, sendo necessário, para a boa relação interpessoal, certa disposição de ânimo e interesse pelo outro: ver e ser visto, escutar e ser escutado, compreender e ser compreendido.[31]

3. Os estados de ego

Nossas atitudes para com o outro estão relacionadas ao nosso estado de ego. De acordo com a Análise Transacional[32], existem três estados de ego pelos quais agimos: o Estado de Ego Pai, o Estado de Ego Adulto e o Estado de Ego Criança. Estamos sempre agindo através desses três estágios:

- Estado de Ego Pai – Exteropsiquê (formada a partir da influência de pais e familiares)

- Estado de Ego Adulto – Neopsiquê (aquisição de informações, contato objetivo com a realidade)
- Estado de Ego Criança – Arqueopsiquê (processos fisiológicos, experiências desde o nascimento, pensamento mágico, emoções, adaptações.[33]

O Estado de Ego Pai é o reservatório de normas e valores, de conceitos e modelos de conduta, surge no indivíduo por volta dos 3 anos de idade e suas principais fontes são os pais, (ou substitutos) e outros familiares e pessoas que convivam com a criança e tenham uma figura de autoridade e importância na vida dela. Está sujeito a influências culturais e impõe à pessoa ações, regras e programas de conduta.

O Estado de Ego Adulto é a parte da personalidade do indivíduo que recebe informações de fora para dentro, as analisa, as compara e toma decisões baseado no seu banco de dados. É a parte racional do ser humano, que adquire conceitos pensados da vida desprovidos de influências sentimentais. Seria segundo Kertész, o hemisfério esquerdo do cérebro, nos destros. Sua função básica é trabalhar, estudar e operacionar.

O Estado de Ego Criança surge logo que se nasce. É o primeiro Estado de Ego a emergir no ser humano e representa as emoções básicas como alegria, amor, prazer, tristeza, raiva e medo. Esta é

> *a parte mais autêntica do ser humano e também a mais reprimida pela educação. Segundo Kertész (1977) representada pelo hemisfério direito do cérebro dos destros, hemisfério esse que processa os sonhos, as imagens, estimulado quando se usa a criatividade e a arte.*[34]

É preciso que haja um equilíbrio na forma como agimos. Uma pessoa imatura age constantemente pelo seu estado de ego criança, faz birra e fica ressentida com tudo. Quem, porém, age com maturidade usa a sabedoria (Pv 14.1;15.2); reconhece as virtudes do outro (Pv 18.22; 31.10-31); fala a seu tempo (Pv 15.23); e anda no temor do Senhor (Pv 31.30; Sl 128).

4. Alcançando a maturidade emocional

A maturidade é caracterizada pela capacidade de tornarmo-nos mais competentes para lidar com as dificuldades da vida. Uma pessoa madura desenvolve uma boa tolerância às inevitáveis frustrações e contrariedades a que todos nós estamos sujeitos.

Para adquirirmos a maturidade, precisamos de decisão, de posicionamento, de ação. Temos de ter consciência dos nossos atos e desejarmos mudar de atitude. Trata-se de deixar de agir de forma infantil e assumir um comportamento de adulto.

O apóstolo Paulo escreveu: “*Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino*” (1 Co 13.11).

Existem algumas características que demonstram se a pessoa é ou não é madura:

a) Resiliência

Uma pessoa madura torna-se resiliente. A resiliência é um aspecto psicológico, definido como a capacidade que o indivíduo possui para lidar com os problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações. É a capacidade de absorver os golpes e, mais ou menos rapidamente, livrar-se da tristeza ou do ressentimento que possa ter sido causado por aquilo que o contrariou.

b) Flexibilidade

A maturidade leva-nos a sermos flexíveis e encararmos com tranquilidade as próprias limitações, aceitando a opinião do outro e as decisões tomadas por um grupo, mesmo que sejam contrárias as suas. Uma pessoa madura está aberta para as mudanças.

c) Altruísmo

Ser maduro emocionalmente é ser altruísta, voltado não apenas para si mesmo, mas também para os outros, buscando oportunidades de servir e ajudar. O profeta Isaías escreveu: *“Um ao outro ajudou e ao seu companheiro disse: esforça-te”* (Is 41.6). Somente ajudaremos nossos companheiros se tivermos maturidade suficiente.

d) Sabedoria

A maturidade exige sabedoria para lidarmos com as situações da vida. Precisamos ter sabedoria para tomarmos decisões, para decidirmos problemas, para darmos uma palavra de conforto e para darmos uma resposta sábia.

---

[27] Aspectos da personalidade que trazemos conosco quando nascemos. Por exemplo: o temperamento.

[28] Aspectos da personalidade adquiridos por meio de nossas vivências.

[29] MINICUCCI, Agostinho. Dinâmica de Grupo – teorias e sistemas e BOCK, Ana Maria, *et alii*. Psicologias.

[30] MINICUCCI, Agostinho. Dinâmica de Grupo – teorias e sistemas e BOCK, Ana Maria et alii. Psicologias.

[31] *Ibidem*.

326 A Análise Transacional é um método psicológico criado em 1958 pelo psiquiatra Eric Berne* de origem canadense e residente nos EEUU. Informalmente conhecida como AT, estuda e analisa as trocas de estímulos e respostas, ou transações entre indivíduos.

337 Disponível em: http://pt.wikipedia.org. Acesso em 22 de abril de 2010.

348 Disponível em: http://pt.wikipedia.org. Acesso em 22 de abril de 2010.

CAPÍTULO

XIV

AS RELAÇÕES COM O PRÓXIMO

A Bíblia mostra a importância de cultivarmos e conservarmos boas amizades: *“Em todo o tempo ama o amigo; e na angústia nasce o irmão”* (Pv 17.17).

Por que será que nem todas as pessoas conseguem relacionar-se bem com os outros? Um bom relacionamento baseia-se na confiança e no respeito mútuo. Relacionar-se com outras pessoas é um dos maiores desafios. Cada pessoa tem sua maneira de ser, e as diferenças fazem com que cada um se torne único.

A vida em sociedade implica em conviver e interagir com os outros. Isso leva-nos a aprender a conhecer a nós mesmos e também conhecer os outros, a fim de que as relações humanas tornem-se progressivamente ricas, maduras e positivas, resultando numa interação adequada.

As relações humanas, termo frequentemente usado para referir-se a Relações Interpessoais, podem ocorrer entre indivíduos (marido e mulher, professor e aluno, pastor e igreja e colegas de ministério, etc.), entre um grupo com

outro e nas relações que os membros de um grupo mantêm entre si tanto nos grupos informais (professores e alunos, empregados de uma empresa, etc.) quanto nos grupos formais: famílias, amigos.

> *Do ponto de vista teórico as relações humanas resultam da mútua interação interindividual e coletiva, esta interação gera uma dinâmica que é uma área das ciências sociais, em particular da sociologia e da psicologia, chamada de dinâmica de grupos, esta procura aplicar métodos científicos ao estudo dos fenômenos grupais. Do ponto de vista aplicado ou técnico, as relações humanas são medidas e direcionadas pela dinâmica de grupos, que é o método de trabalho baseado na teoria do relacionamento interpessoal e intermodal*[35]

Um bom relacionamento requer o desenvolvimento da capacidade de convivermos com o outro apesar de sermos diferentes. É importante entendermos que as pessoas nascem diferentes umas das outras e passam por experiências de vida diferentes. Por isso, suas características e modo de pensar divergem tanto.

1 – O LÍDER E SUA RELAÇÃO COM A IGREJA E O MINISTÉRIO

O líder precisa saber relacionar-se bem com seus liderados e colegas de ministério, aprendendo a trabalhar como uma equipe unida numa única força. A Bíblia mostra-nos que:

> *“Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante [...]; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa” (Ec 4.9,10,12).*

Formar uma boa equipe de trabalho é o primeiro passo para alcançarmos o sucesso naquilo que desenvolvemos. Quando trabalhamos em equipe, produzimos mais, distribuímos melhor as tarefas e temos um esforço individual menor. Esse foi um dos princípios que Moisés, no deserto, precisou aprender (Êx 18.13-26).

O líder não deve criar uma distância entre si mesmo e os seus liderados, considerando-se superior a eles, dificultando o acesso das pessoas a ele, ou discriminando os mais humildes. Jesus deixou-nos um grande exemplo. Ele aproximava-se da multidão e tratava a todos indistintamente. Da mesma forma que ouviu a Nicodemos, um doutor da lei, Cristo, do mesmo modo, ouviu ao cego Bartimeu, que esmolava à beira da estrada.

1. Desenvolvendo uma interação adequada

Um bom relacionamento depende de duas coisas básicas:

- Primeiro: de conhecermos as características da personalidade do outro;
- Segundo: de respeitarmos o modo de o outro pensar e interpretar as coisas. Uma relação não

> funciona quando tentamos modificar a outra pessoa sem que ela queira ou quando desejamos que o outro seja exatamente como queremos.

Já vimos anteriormente que é necessário compreendermos o indivíduo — sua personalidade, seu comportamento — para desenvolvermos um bom relacionamento e, consequentemente, para o sucesso no trabalho que estamos realizando.

Precisamos compreender o outro como ele é e conhecer os traços de personalidade que caracterizam essa pessoa. Cada indivíduo é único. Existem características explícitas que podem ser observadas facilmente e também outras mais profundas que só podem ser observadas mediante uma relação mais profunda com a pessoa.

2. Aceitando o outro como ele é

Já vimos que a formação da personalidade é um processo gradual, complexo e único a cada pessoa. Trata-se do resultado de um conjunto de características inatas que o indivíduo traz consigo ao nascer, acrescido das experiências adquiridas no decorrer da vida. A personalidade é mostrada através de tudo aquilo que a pessoa é capaz de produzir ou de ser.

Existem aspectos da personalidade que dificilmente mudam, como, por exemplo, o temperamento. Precisamos entender como as pessoas funcionam para agirmos adequadamente com elas, aceitando-as incondicionalmente. Não se trata de aceitar os pecados,

desvios de comportamentos e atitudes antissociais das pessoas, mas, sim, entendê-las e respeitá-las. Cada pessoa tem o seu próprio ritmo e modo de fazer as coisas. Não adianta exigir praticidade de alguém que costuma ser metódico ou esperar que uma pessoa muito extrovertida permaneça calada numa reunião social. São esses aspectos que diferenciam uma pessoa da outra. Se formos capazes de compreender isso, conseguiremos um relacionamento melhor com os outros.

Quando não somos capazes de perceber quais as características de personalidade com as quais devemos interagir, agimos inadequadamente com o outro, provocando neste, algumas vezes, feridas emocionais difíceis de cicatrizar.

3. Compreendendo as necessidades interpessoais

De acordo com estudos da psicologia apresentados por Bergamini (1996), cada indivíduo possui, pelo menos, três tipos de necessidades interpessoais:

- Necessidade de inclusão;
- Necessidade de controle;
- Necessidade de afeição.

Essas necessidades constituem um conjunto de áreas que dizem respeito ao comportamento interpessoal.

É necessário haver um equilíbrio no desenvolvimento dessas necessidades. Há pessoas que valorizam

excessivamente alguma necessidade interpessoal, gerando, às vezes, determinados comportamentos que dificultam o relacionamento. Se formos capazes de perceber e compreender esse processo, com certeza nos relacionaremos melhor com as outras pessoas.

3.1 Necessidade interpessoal de inclusão

Todos nós possuímos uma necessidade de inclusão. Sentimos interesse por outras pessoas e desejamos que elas também tenham interesse por nós. Queremos manter um relacionamento satisfatório e esperamos que o outro nos veja como uma pessoa significante, de valor.

A necessidade de inclusão leva a, pelo menos, três tipos de comportamentos:

- **O supersocial** – Uma pessoa supersocial desenvolve muita atividade, principalmente no sentido de tomar grandes iniciativas de incluir pessoas no grupo. São excelentes recepcionistas.
- **O social** – O social tem uma moderada preocupação de ser incluído e incluir os outros no grupo.
- **O hipossocial** – O hipossocial, por sua vez, espera que os demais tomem toda a iniciativa de incluí-los, desenvolvendo por si mesmos pouca atividade nesse sentido. Essas pessoas precisam de um pouco mais de atenção.

O pastor precisa aproximar-se das pessoas mais distantes e isoladas na igreja, evitando que alguém se sinta excluído. Às vezes, o simples acenar com a mão para alguém é o suficiente para ela sentir-se valorizada.

3.2 Necessidade interpessoal de controle

A necessidade de poder é algo inerente ao ser humano. Talvez seja esse um dos maiores motivos que leva as pessoas a divergirem e desentenderem-se. Na relação entre as pessoas, frequentemente surge o famoso jogo psicológico dominador — dominando. Aquela velha história sobre quem manda mais. A necessidade de mandar e controlar os outros de uma maneira desordenada poderá trazer sérios prejuízos numa relação.

A necessidade de controle leva a, pelo menos, três tipos de comportamentos:

- **O autocrata** – O autocrata procura, sobremaneira, estar sempre no controle de tudo. Geralmente, essas pessoas sentem dificuldade de ficarem submetidas ao comando de outras pessoas.
- **O democrata** – A pessoa democrata, quando necessário, assume o controle, mas aceita naturalmente o comando de outra pessoa.
- **O abdicrata** – O abdicrata é caracteristicamente um tipo submisso. Uma pessoa que prefere ser controlada, que não tem iniciativa alguma e não consegue assumir a liderança de um grupo.

O pastor precisa saber lidar com esses tipos de comportamento, inclusive com a sua própria necessidade de poder, evitando o surgimento de tensões e conflitos. Às vezes, perdemos alguém muito útil à obra por não entendermos o comportamento dessa pessoa.

Sem percebermos, começamos a competir com ela, não a deixando opinar ou participar de alguma atividade na igreja. Sentimos como se estivéssemos sendo ameaçados e acabamos transformando essa pessoa num inimigo. De uma forma imatura, desejamos que todos sejam subservientes. Ultrapassar isso poderá ser um passo além da maturidade que poderá trazer vantajosos benefícios para a obra de Deus.

3.3 Necessidade interpessoal de afeição

Todos nós possuímos uma necessidade de afiliação. Desejamos sentir-nos dignos de ser amados e esperamos receber aprovação social, respeito, *status*, prestígio e consideração. A afetividade desempenha um papel essencial em nossas vidas, levando-nos a uma busca de afeto, carinho, atenção e estima.

A necessidade de afeição leva a, pelo menos, três tipos de comportamento:

1. **O superpessoal** – O superpessoal busca a afeição de uma forma intensa. Sua conduta caracteriza-se pela necessidade de grande intimidade e pessoalidade nas relações. Quando

não se sente correspondido, frustra-se e fica magoado.

2. **O pessoal** – O pessoal adapta-se facilmente tanto aos relacionamentos próximos como àqueles que exijam um maior distanciamento e impessoalidade.
3. **O impessoal** – O impessoal, ao contrário, não evidencia sinais de proximidade ou intimidade. Comporta-se de forma distante e não demonstra estar emocionalmente próximo de ninguém.

O líder precisa agir com sabedoria, tratando a todos indistintamente e esforçando-se ao máximo para ser carismático com as pessoas, sendo atencioso com todos, porém respeitando o comportamento de cada um.

4. A criação de um vínculo social

Se o líder deseja sucesso na sua relação com os outros, precisa aprender a estabelecer um vínculo com as pessoas. O vínculo é um poderoso determinante dos níveis do sentimento de autoestima de cada pessoa. Segundo Bergamini, a formação do vínculo social ocorre a partir do momento em que as pessoas empenham-se para alcançarem uma interação produtiva. O líder precisa ter sabedoria para saber relacionar-se bem com as pessoas, tendo o cuidado para não se envolver emocionalmente com elas.

O líder deve preparar-se para saber lidar com as necessidades dos seus liderados e ser capaz de

compreender o comportamento deles. Não basta apenas se preparar teológica e espiritualmente para assistir o grupo que lidera. É necessário um mínimo de conhecimento na área do comportamento para que haja uma interação produtiva.

II – JESUS E AS RELAÇÕES HUMANAS

Jesus deu um grande exemplo de relações humanas. Durante o seu ministério, Ele realizou vários discursos em grandes concentrações. O seu trabalho, porém, foi caracterizado pelo contato pessoal.

J.M. Price, abordando sobre o assunto, faz a seguinte declaração:

> *Jesus enfatizava outra coisa: o contato pessoal. "Em grande parte, Jesus empregou seu tempo a conversar com indivíduos, ou com aquele seu grupo de discípulos ou alunos." É verdade também que lidou com multidões. Tanto que verdadeiras multidões o seguiam de Cafarnaum, de Jerusalém, de Decápolis e doutros mais lugares. Chegavam, às vezes, a quatro ou cinco mil. Jesus simpatizava com as multidões, dirigia-lhes a palavra, alimentava-as e as curava. Certas vezes sua atividade chegou mesmo a tomar o aspecto dum grande movimento popular, notadamente após certos períodos de curas e por ocasião de sua entrada triunfal em Jerusalém. (J.M. Price)*

Apesar de realizar grandes concentrações, Jesus não estimulou o movimento das massas populares. Em algumas ocasiões, Ele desapareceu e fugiu da multidão. Fiegenbaum, em sua obra *A Pedagogia de Jesus* (2010), afirmou que “O Mestre interessava-se mais por que poucos o entendessem bem e se enchessem de seu Espírito do que por grandes multidões que o seguissem de modo superficial.”

Jesus empregou a maior parte de seu tempo na lida com indivíduos. Os fatos mais brilhantes que ocorreram durante os três anos e meio do ministério de Jesus aconteceram através dessas atividades junto a indivíduos. Não foi por acaso que o texto áureo da Bíblia, João 3.16[36], — o mais citado e mais pregado pela maioria dos evangelistas —, não foi dito para uma multidão, mas apenas para um homem.

> *O método empregado por Jesus para a redenção deste mundo não foi o de esperar grandes oportunidades ou momentos dramáticos, não. Foi o de utilizar qualquer oportunidade que se lhe apresentasse, no mais ordinário lugar-comum, aproveitando-se dos acontecimentos corriqueiros “da vida de cada dia, e daí tirava o que de mais proveitoso houvesse para qualquer alma necessitada.” (J.M. Price)*

1. Jesus, um modelo

Jesus foi um mestre nas relações humanas. Além do exemplo que deu com suas atitudes, Ele ainda se preocupou em ensinar os homens a terem boas relações entre eles.

Ao responder a um doutor da lei sobre o maior de todos os mandamentos, Ele acrescentou isto à nossa relação com Deus: *"amarás o teu próximo como a ti mesmo"* (Mc 12.31). Jesus mostrava que esse mandamento resumia as três prioridades máximas da vida: a responsabilidade para com Deus, a responsabilidade para consigo mesmo e a responsabilidade para com os outros.

> *"Amarás o Senhor, teu DEUS, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. [...] Amarás o teu PRÓXIMO como a TI mesmo" (Mt 22.37,39).*

AS TRÊS PRIORIDADES MÁXIMAS DA VIDA APRESENTADAS NO TEXTO

- Sua responsabilidade para **COM DEUS**
- Sua responsabilidade para **CONSIGO MESMO**
- Sua responsabilidade para **COM OS OUTROS**

Ao abordar a doutrina das recompensas na eternidade, Ele frizou o cuidado que precisamos ter com o próximo. Tais recompensas são baseadas no ter dado comida ao faminto, água ao sedento, roupas ao nu, no tratar bem o estrangeiro, o enfermo e os presos (Mt 25.35,36). João, ratificando o que Jesus ensinara, disse: *"Se alguém diz: Eu amo a Deus e odeia a seu irmão, é mentiroso"* (1 Jo 4.20).

A obra de Cristo consistia em levar os homens a manter boas relações entre si. Ele pregou o evangelho do amor, como indica o mandamento já referido.

J.M. Price (1954), abordando sobre o assunto, faz o seguinte comentário:

> *Jesus foi mais além, e disse: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (João 13:34). Ele sabia que o verdadeiro amor derrubaria todas as barreiras. Assim, alertou a todos contra o ódio, recomendando: "Orai por aqueles que vos perseguem" (Mat. 5:44). Não podem existir boas relações quando reina o ódio. Na verdade, o ódio é o primeiro passo para o homicídio. Jesus enfatizou também, e muito, a necessidade do espírito pacifista, e disse: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mateus 5.9).*

A ênfase que Jesus deu e sua atitude ajudam-nos a entender que precisamos fazer o mesmo.

2. Agregando pessoas

Jesus também nos deu um exemplo de inclusão. Ele não fazia acepção de pessoas; pelo contrário, Cristo conviveu com o povo de igual modo sem discriminar e condenar aqueles que se aproximavam dEle.

Há um registro imenso de pessoas que se aproximaram dEle. Dentre as pessoas com quem lidou pessoalmente, encontramos Nicodemos, Zaqueu, a mulher de Samaria, a mulher apanhada em adultério, o homem que queria receber sua parte da herança, o jovem rico, o crítico rabino, o fidalgo de Cafarnaum e muitos outros

J.M. Price mostra um quadro geral daqueles que se aproximaram de Jesus. Eram pessoas que possivelmente seriam excluídas da sociedade, mas Ele, ao contrário, procurou agregar a todos.

> *Afora o círculo dos doze, vemos Zaqueu, o coletor de impostos, homem que tinha grande amor pelo dinheiro e que cobrava mais do que era devido, roubando assim ao povo necessitado. E também Maria Madalena, com sete demônios a seu crédito. E ainda a mulher pecadora que lhe lavou os pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. E ainda a mulher de vida livre a quem ensinou à beira do poço, a qual tivera um rosário de cinco maridos. E ainda aqueles acusadores da mulher adúltera, os quais desapareceram quando Jesus lhes disse que quem estivesse sem pecado fosse o primeiro a começar a apedrejá-la, conforme ordenava a lei. Não; aqui vemos perfeitamente que a classe de alunos ensinada por Jesus em nada apresentava aquelas condições ideais para um mestre ideal. Ao contrário, eram tais alunos gente das mesmas paixões nossas, e de paixões que não poucas vezes os dominavam por completo. Orgulho, ambição e luxúria argamassavam a vida deles, e tudo aquilo desafiava os preceitos e a influência de Jesus. (J.M.Price (1954))*

J.M. Price mostra que Cristo recebia as pessoas como elas apresentavam-se a Ele, buscando, assim, levá-las para onde

Ele queria que fossem.

> *Quando um doutor da lei lhe perguntou o que devia fazer para herdar a vida eterna, Jesus lhe citou a lei dele (Luc. 10:25,26). Na conversa com a mulher decaída, junto ao poço de Jacó, Jesus começou a falar em "água" — coisa em que ela estava interessada, e a levou às "águas vivas" (João 4:10). Levantando-se na sinagoga para ler e proclamar o programa do seu ministério, Jesus começou com aquela passagem familiar de Isaías que trata da expectativa messiânica (Luc. 4:16-30). Assim, por este processo, Jesus atraía a atenção e o interesse dos ouvintes. "No propósito de levar seus discípulos a aprender alguma coisa, ele não se cingiu a programas formais, nem a currículos forjados de antemão." (J.M. Price 1954)*

Apesar das criticas que recebeu, Jesus, no entanto, continuou servindo o povo, ajudando-o nas suas necessidades.

3. Enxergando as coisas boas nos outros

Às vezes, é mais fácil observarmos os defeitos dos outros do que as suas virtudes. Todos nós, porém, temos virtudes e defeitos. J.M. Price, tecendo um comentário sobre o assunto, faz a seguinte declaração:

> *Há pessoas que só olham para aquilo que de mau existe em seus semelhantes. Assim, tomam uma*

atitude e tratam de coisas desagradáveis que só podem colher respostas desfavoráveis. Levantam, desse modo, forte barreira e resistência entre eles e a pessoa com quem estão lidando, amiúde se criam mesmo antagonismos e inimizades. Assim agem não poucas vezes pessoas bem intencionadas que sinceramente buscam acertar e ajudar; mas é claro que lhes falta discernimento e também tato. Um colega de ginásio, a quem este escritor levou a Cristo, disse depois de sua conversão: "Eu teria dado este passo há muito se certas pessoas não me tivessem criticado tanto."

J.M. Price ainda mostra que, com Jesus, tudo era diferente. Como nosso exemplo, Ele sempre enxergava algo de bom e apreciável nos homens.

Mesmo lidando com um fariseu empavonado e cheio de justiça própria, com um coletor ladino e sem escrúpulos, ou com uma decaída, Jesus sempre apelava para aquilo que de bom ainda houvesse no íntimo deles, e trazia à tona alguma de suas boas qualidades. E assim tratava Jesus não só aqueles que viviam chafurdados no pecado, mas também os que apenas se mostravam imaturos e inexperientes. Parece-nos mesmo que o Mestre se especializou em apanhar aqui e ali pessoas indesejáveis e desprezíveis para fazer delas caracteres esplêndidos e extraordinários, como fez com os onze.

Ao receber as pessoas, Jesus mostrava a possibilidade de mudança de vida, salientando as futuras possibilidades deles, interessando-se por eles e inspirando-os a prosseguir no bem: “Ele cria que o meio de se criar nos homens fé e confiança é mostrar que temos fé neles; e Jesus nunca se afastou deste grande princípio de tratamento eficiente.” (J.M. Price (1954)).

Sigamos o exemplo de Jesus!

---

35 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Relações_humanas

36 “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

CAPÍTULO

XV

APRENDENDO A VIVER EM HARMONIA COM O PRÓXIMO

Podemos viver e conviver bem com as pessoas. Um bom relacionamento requer o desenvolvimento da capacidade de convivermos com o outro apesar de sermos diferentes.

A harmonia surge da união de vários elementos que formam um todo organizado. A harmonia é um conceito clássico que se relaciona às idéias de beleza, proporção e ordem. Numa construção, essa junção de elementos serve como adorno. Vejamos alguns elementos que são imprescindíveis para um bom relacionamento.

I – SABEDORIA

A sabedoria precisa ser usada diariamente. Mas como podemos usá-la de uma maneira prática e eficaz? A sabedoria é uma capacidade dada por Deus e pode ser adquirida. Usá-la significa pôr em prática algumas atitudes indispensáveis à vida cristã.

Veja alguns atos de sabedoria:

1. Firmeza

Seja firme em suas convicções e use sempre a Palavra de Deus como seu manual de orientação. Há pessoas que constroem seus objetivos baseado naquilo que os outros pensam, mas feliz aquele que sabiamente segue os conselhos bíblicos: *“Toda palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele”* (Pv 30.5).

2. Mudança de atitudes

Reconheça sempre os seus erros e torne-se uma pessoa capaz de mudar suas atitudes. Às vezes, achamos que, pelo fato de sermos líderes, estamos sempre certos. Tornamo-nos irredutíveis.

Abandonar o erro é um ato de grandeza moral: *“O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia”* (Pv 28.13).

3. Humildade

Pratique a humildade. A vaidade e o orgulho são sentimentos prejudiciais à vida que nos faz perder o sentido das proporções. A Bíblia orienta-nos a tratarmos o outro como se este fosse superior a nós (Fp 2.3). Lembre-se: *“Por mais que seja sábio, há sempre alguém mais sábio que você. Por mais forte que seja, haverá alguém mais forte.” “A soberba do homem o abaterá, mas o humilde de espírito obterá honra”* (Pv 29.23).

4. Resignação

Aprenda a ser uma pessoa resignada. “Por mais sábio, mais importante, mais poderoso e mais puro que seja, ninguém é tão livre que não tenha a quem obedecer, tão independente que não tenha um dever a cumprir.” Às vezes, precisamos saber abdicar ou desistir das coisas que queremos em favor de outrem. Portanto, obedeça aos seus superiores e aceite as advertências que receber.

A Bíblia ensina o seguinte:

> *“O que rejeita a correção menospreza a sua alma, mas o que escuta a repreensão adquire entendimento” (Pv 15.32).*
>
> *“Toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derriba-a com as suas mãos” (Pv 14.1).*
>
> *“Um varão sábio é forte, e o varão de conhecimento consolida a força” (Pv 24.5).*
>
> *“Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento” (Pv 3.13).*

II – TEMPERANÇA

Ter temperança é: ter domínio próprio (Gl 5.22); é não perder a cabeça nas horas difíceis (Pv 13.16); é ter controle sobre as emoções (Pv 15.1,18); é ser prudente (Is 52.13); é ser longânimo (Pv 14.29; 16.32).

É importante termos controle sobre nossas ações para não prejudicarmos a nós mesmos e aos outros. Uma pessoa que

não sabe controlar suas emoções e dá vazão aos seus impulsos torna-se escrava dos seus sentimentos e age inadequadamente com o outro, provocando contendas e discórdias. Algumas vezes, a ira causa feridas emocionais difíceis de cicatrizar. Portanto, lembre-se: não são suas emoções que devem controlar sua vida. Pelo contrário, você deve aprender a ter controle sobre suas emoções e não deixar a ira abundar em seu coração.

Precisamos ter controle sobre nossas ações. Há emoções que, se não forem controladas, provocam um grande estrago no relacionamento familiar. A ira, por exemplo, pode levar a pessoa a um estado de loucura e perda total da razão. Por esse motivo, ela é mencionada na Bíblia inúmeras vezes em listas de pecados (Ef 4.31; Cl 3.8; Tt 1.7).

De acordo com o livro de Provérbios, aquele que sabe controlar o ódio e pratica o amor também é capaz de evitar a contenda: *"O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões"* (Pv 10.12). Um verdadeiro cristão sabe compreender, tolerar e perdoar os outros, e isso só é possível quando aprendemos a amar. Quem ama não pensa apenas em si mesmo. A Bíblia ensina que o amor "não busca os seus interesses" (1 Co 13.5). Portanto, procure a cada dia vencer o ódio e o ressentimento e aprenda a praticar o amor. Fazendo isso, você evitará a contenda.

Uma grande virtude que deve ser cultivada é a longanimidade. Veja o que nos diz o livro de Provérbios: *"O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apaziguará a luta"* (Pv 15.18). Ser longânimo é ser tolerante. A maioria das pessoas vive no limite da sua

paciência e irrita-se facilmente com tudo e com todos. Devemos, porém, aprender a praticar a longanimidade.

Em Provérbios, aprendemos que:

> *"O longânimo é grande em entendimento, mas o de ânimo precipitado exalta a loucura" (Pv 14.29).*
> *"O entendimento do homem retém a sua ira; e sua glória é passar sobre a transgressão" (Pv 19.11).*
> *"Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade" (Pv 16.32).*

Aprenda a desenvolver a tolerância máxima. Nos momentos em que o sangue "ameaçar ferver", procure controlar-se. Lembre-se de que, na cruz, Cristo destruiu a inimizade e a porfia e construiu a unidade. A Bíblia ensina-nos que somos um em Cristo. Antes da sua morte, Jesus fez a seguinte oração: *"Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra hão de crer em mim; [...] E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um"* (Jo 17.20,22).

Busque, portanto, sempre a união e a paz com todos; aprenda a não contender; pratique sempre o amor; não busque os seus próprios interesses; dê a sua razão para o outro, e ela voltará para você. Lembre-se: o amor promove a união.

III – CAPACIDADE PARA PERDOAR

Desfrutar de uma amizade pura, sincera e leal é algo maravilhoso. Mas como é triste sofrer uma decepção ou ser

machucado por aquele a quem se tem amizade. Quando somos maltratados, sentimo-nos pisados e inferiorizados. O coração fica cheio de ira e, na maioria das vezes, desejamos vingança do ultraje que sofremos. A Bíblia, porém, ensina-nos a perdoar.

Perdoar não é uma opção nossa, mas, sim, um dever. Cristo ensinou-nos que, se não perdoarmos àqueles que nos ofenderam, Deus também não nos perdoará (Mt 6.14,15)

A capacidade de perdoar não é um talento ou um dom que recebemos, mas, sim, uma atitude corajosa daqueles que querem agradar a Deus e desejam ter uma vida saudável.

O que realmente significa perdoar e o que faz do perdão ser algo tão fundamental nas nossas vidas? A palavra “perdoar” significa literalmente cancelar ou remir. O perdão, então, é um ato no qual o ofendido livra o ofensor do seu erro, libertando-o da culpa pelo mal que cometeu. Perdoar é ser misericordioso com quem errou, tratando-o do mesmo modo como Cristo tratou a cada um de nós (1 Jo 2.12).

Perdoar não é esquecer o mal que alguém nos fez, mas cancelar a dívida que o outro contraiu conosco no momento em que nos ofendeu. Dificilmente, alguém consegue esquecer os males que sofreu. Quando, porém, perdoamos, cancelamos tudo e, mesmo que nos lembremos do fato que ocorreu, este não terá ação no presente porque já foi cancelado e não produz mais efeitos nas nossas vidas. Perdoar é, sobretudo, superar a dor e aceitar o outro como ele é; é amar aquele que nos aborrece. Perdoar não é simplesmente uma opção nossa, mas um dever. Cristo

ensinou-nos que, se não perdoarmos àqueles que nos ofenderam, Deus também não nos perdoará (Mt 6.14,15). Perdoar, talvez, seja a prova mais difícil que tenhamos de passar na nossa trajetória de vida cristã. Devemos sempre praticar o perdão. Veja a ordenança bíblica:

> *"Olhai por vós mesmos. E, se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe; e, se pecar contra ti sete vezes no dia e sete vezes no dia vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me, perdoa-lhe" (Lc 17.3,4).*

O perdão é importante para o bem-estar mental e espiritual. Quem não consegue perdoar continua sofrendo e lembrando-se do mal que lhe fizeram. É como uma ferida que não pode cicatrizar.

1. Coisas que impedem o perdão

Por que é tão difícil perdoar ou passar por cima das ofensas e injustiças que cometeram contra nós? Perdoar não é uma tarefa fácil, mas é necessário para que tenhamos paz interior e desfrutemos das bênçãos de Deus. Sabe por que algumas pessoas não conseguem perdoar? É porque existem alguns sentimentos camuflados que predominam no seu coração. Vejamos alguns desses sentimentos:

a) O ódio

O ódio é um sentimento terrível e destrutivo que precisa ser banido de nossas vidas. Quem dá lugar ao ódio pode

chegar à loucura ou a uma perda total da razão e cometer coisas absurdas. O ódio impede que a pessoa declare o perdão; por isso, tenha cuidado!

A Bíblia é clara: *“Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos”* (1 Jo 2.11). Portanto, não deixe o ódio dominar seu coração; perdoe aqueles que lhe ofenderem. Deixe o amor de Deus ser derramado no seu interior (Rm 5.5). Não vale a pena deixar o ódio prevalecer no coração. Isso pode trazer consequências negativas para a vida.

b) A autopiedade

Outro sentimento destrutivo que impede o perdão é a autopiedade. Já vimos que uma pessoa que sente autopiedade tem dó de si mesma, torna-se a “coitadinha” e a vítima daquilo que fizeram contra ela, lembra-se constantemente da ofensa que recebeu e diz: “eu não merecia isso”, “aquela pessoa não tinha o direito de fazer isso comigo”, “sinto-me abatido com o que fizeram comigo” e assim sucessivamente. Enquanto ficarmos presos ao que fizeram conosco e sentirmo-nos vítimas da situação, não conseguiremos perdoar verdadeiramente.

c) O orgulho

O orgulho também nos impede de declararmos o perdão. Às vezes, ficamos numa posição defensiva achando que só o outro está errado e que é dever dele, e não nosso, de buscar uma reconciliação. Jesus, porém, ensinou-nos que

devemos tomar a iniciativa de reconciliarmo-nos com aqueles que nos feriram:

> *“Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem, e apresenta a tua oferta” (Mt 5.23,24).*

Não deixe o orgulho prevalecer no seu coração. Vença este terrível inimigo e aprenda a perdoar.

2. Praticando o perdão

Já imaginou se Deus tratasse cada um de nós da maneira como tratamos aqueles que nos fizeram o mal? Ainda bem que o amor de Deus é incondicional. Ele ama a todos nós, independentemente daquilo que somos. Ele não diz: “Se você me amar, eu o amarei”. Pelo contrário, Ele amou o mundo de tal maneira que entregou o seu próprio filho para morrer por nós (Jo 3.16). Precisamos aprender a agir da mesma forma.

Para que consigamos superar os males que fizeram contra nós, é necessário termos determinação para perdoar. Se não perdoarmos àqueles que nos ofenderam, não nos livraremos dos efeitos negativos daquilo que fizeram contra nós. Mas como podemos perdoar quando ainda sentimos ódio e não esquecemos as ofensas que recebemos? Ainda que o ódio prevaleça em nossos corações, no momento em que tomamos a decisão de perdoar, este mesmo ódio será sucumbido pelo amor que brotará dentro de nós.

O perdão só é possível quando conseguimos amar, e o amor vai além de um mero sentimento. Amar é ação, é atitude. Veja o conselho que encontramos no livro de Provérbios: *“Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer; e, se tiver sede, dá-lhe água para beber, porque, assim, brasas lhe amontoarás sobre a cabeça, e o Senhor to pagará”* (Pv 25.21,22). Quando guardamos ressentimentos e mágoas dentro de nós, fechamos o coração para as bênçãos de Deus. Nossas orações são bloqueadas e sentimo-nos vazios (Mt 5.23,24). Quando, porém, abrimos o coração para que o amor de Deus seja derramado nele, desenvolvemos a capacidade para perdoar e amar aqueles que nos aborrecem.

Para perdoar, precisamos também de humildade. Veja o exemplo: Duas ovelhas resolveram atravessar uma ponte estreita que ligava as duas margens de um caudaloso rio. Ambas iniciaram a travessia num sentido oposto, num mesmo momento, encontrando-se no meio daquela ponte. Ocorreu um grande impasse. Elas não podiam prosseguir, nem tão pouco voltar. No princípio, davam cabeçadas uma contra a outra sem sucesso, até que uma delas resolveu deitar-se, e a outra passou por cima dela. Assim, ambas conseguiram atravessar a ponte. Você seria capaz de humilhar-se diante de uma pessoa que lhe ofendeu para restabelecer a paz entre vocês? Há pessoas que não perdoam por não serem capazes de humilhar-se. Às vezes, precisamos agir como aquela ovelha que tomou a iniciativa para resolver o problema.

Sem o perdão, é difícil livrarmo-nos dos obstáculos que nos impedem de termos comunhão com Deus. Por isso, aprenda a perdoar. O perdão alivia e diminui o sofrimento, além de ajudar a melhorar a qualidade de vida.

Quando guardamos ressentimentos e mágoas dentro de nós, fechamos o coração para as bênçãos de Deus, nossas orações são bloqueadas e sentimo-nos vazios (Mt 5.23,24).

IV – FIDELIDADE A DEUS

A fidelidade a Deus é uma marca daqueles que decidiram viver de acordo com a sua Palavra mantendo um compromisso de fazer o que é certo e evitar o erro. Até onde estamos dispostos a ir com Deus? Até que ponto somos capazes de professar nossa fé e anunciar o evangelho de Cristo a qualquer custo? Quando realizamos nossa profissão de fé, fizemos uma aliança com Deus de fidelidade. Assumimos um compromisso para sermos fieis a Ele em quaisquer circunstâncias. Deus sempre cumpre a sua parte, pois Ele é fiel e verdadeiro. Ele nunca falha. Precisamos permanecer fieis até a morte para nos tornarmos vencedores.

1. Princípios de fidelidade

Na sociedade hodierna, está cada vez mais difícil encontrarmos pessoas fieis aos seus princípios, pessoas que se mantenham firmes diante das suas promessas para com Deus e para com os outros.

A infidelidade e a traição tornaram-se, na atualidade, algo cada vez mais comum. A passagem em Provérbios 20.6

mostra-nos que é uma raridade encontrarmos alguém fiel: *“Cada qual entre os homens apregoa a sua bondade; mas o homem fiel, quem o achará?”*.

Como cristãos, precisamos ser um exemplo para o mundo. O apóstolo Paulo ensina-nos que nossa posição exige fidelidade: “Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel” (1 Co 4.2).

Fidelidade é um dos elementos que fazem parte do Fruto do Espírito e pode ser cultivada: *“Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade” (Gl 5.22 – ARA). Devemos cultivar essa virtude e nunca abandoná-la: “Não te desamparem a benignidade e a fidelidade; ata-as ao teu pescoço; escreve-as na tábua do teu coração”* (Pv 3.3).

Um viajante que percorreu a Síria observou três pastores de ovelhas que estavam justamente dando de beber a seus rebanhos junto a um poço. Os três rebanhos estavam todos misturados; um estranho poderia pensar que se tratava de um rebanho só.

Logo se levantou da beira do poço um dos três pastores e chamou: “Men-ah! men-ah” — “venham comigo” em árabe. Imediatamente, umas 30 ovelhas foram separadas do grupo todo e seguiram a seu proprietário morro acima. O segundo pastor também se afastou um pouco e exclamou seu “men-ah! men-ah” e seguiu com seu rebanho.

Admirado, o estrangeiro perguntou ao pastor que ainda tinha ficado:

— Suas ovelhas me seguiriam se eu as chamasse?

— Por que você não experimenta? — respondeu ele.

— Nem mesmo se eu usasse sua capa e seu cajado?

Sem nada dizer, o sírio ofereceu a seu visitante sua capa, o cajado e o turbante e ficou observando, com um sorriso nos lábios, como o estranho clamava seu “men-ah! men-ah”. As ovelhas chegaram a apontar as orelhas, algumas até olharam para ele meio desconfiadas, mas não se moveram do lugar.

— Elas jamais seguiriam a qualquer outro? Só a você? Perguntou o estrangeiro.

— Jamais. Somente quando a ovelha está doente, a criatura boba segue a um estranho — respondeu o oriental.[1]

Precisamos ser fieis a Deus em tudo porque Deus é fiel e nunca falha conosco. Mesmo que permaneçamos infiéis, Ele continua fiel: *“Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo”* (2 Tm 2.13).

2. Prova de fidelidade

Deus muitas vezes testa nossa fidelidade. Certa vez, Ele exigiu de Abraão que sacrificasse o seu único filho. A exigência de Deus parecia ir de encontro à promessa que Ele havia feito a Abraão de torná-lo numa grande nação. Pela sua fidelidade, Abraão não questionou a Deus; antes, obedeceu porque acreditava naquilo que o Senhor prometera a ele (Gn 22.1-18).

Jesus também testou um jovem rico que dizia conhecer todos os mandamentos. Ao abordá-lo, Jesus disse que, para segui-lo, era necessário ele vender tudo o que tinha e repartir com os pobres. Aquele moço ficou desapontado por amar mais suas riquezas do que a Deus (Lc 18.18-24).

Há, também, inúmeras situações que acontecem em nossas vidas que servem para provar nossa fidelidade para com Deus. Quantas vezes somos tentados a abandonar a fé quando enfrentamos tribulações, tentações, provações e perseguições. A Bíblia, no entanto, diz-nos que Deus é fiel e não deixará que a provação esteja acima da nossa capacidade de suportá-la. (1 Co 10.13).

3. Fidelidade e responsabilidade

A fidelidade é caracterizada pela responsabilidade e cumprimentos aos votos feitos. Quem é fiel é responsável. A responsabilidade está ligada à formação do caráter. Ser responsável é aprender a subordinar seus desejos e inclinações à ordem moral e à vontade de Deus.

A fidelidade não pode estar arraigada a interesses pessoais. Algumas pessoas se submetem a determinadas exigências, buscando tirar proveito de algo. Sua fidelidade está condicionada àquilo que lhe é conveniente e, quando alcança o que deseja, mostra sua infidelidade através de suas atitudes.

Precisamos agir por amor e caminhar com a fidelidade sem interesses. Em breve, Deus pedirá contas da nossa vida: *“De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus”* (Rm 14.12).

Respeite esse princípio e você terá uma vida abundante. Aprenda a assumir responsabilidades em todas as coisas. Antes de agir, pense sempre nas consequências advindas das suas decisões. Imagine só o que teria acontecido se alguma família dos filhos de Israel que estavam no Egito

não tivesse dado ouvidos a Moisés quando ele exigia que fosse imolado um cordeiro para a páscoa e colocado sangue nos umbrais das portas como sinal? Com certeza, o filho primogênito de cada família teria morrido (Êx 12.1-13). Às vezes, o descuido ou falta de responsabilidade leva-nos a situações drásticas.

Havia um homem que tinha um filho ainda jovem, mas, muito desobediente. Até que um dia o pai tomou uma resolução, cada vez que o filho desobedecesse, ele colocaria um prego no poste de madeira em frente a casa. Por outro lado, à medida que ele fosse mudando de atitude os pregos iriam sendo tirados. Aquele filho continuou na sua desobediência até que percebeu que no poste já havia muitos pregos e ele resolveu mudar de atitude até que um dia todos os pregos foram retirados. Então, o seu pai chegou para ele e disse para o filho: — Está vendo meu filho, já não há mais nenhum prego, ao que o filho suspirando respondeu tristemente: — mas as marcas continuam lá. 2

Devemos seguir estes conselhos, buscando a fidelidade que gera responsabilidade e que nos faz permanecer firmes.

4. Resultados da fidelidade

Quem é fiel desfruta das bênçãos de Deus (Pv 28.20). O rei Ezequias, ao saber que iria morrer, orou ao Senhor, mostrando-lhe sua fidelidade: *“Ah! Senhor! Sê servido de te lembrar de que andei diante de ti em verdade e com o coração perfeito e fiz o que era reto aos teus olhos”* (2 Rs 20.3). Como resultado da sua oração, ele viveu mais 15 anos.

Deus honra aquele que é fiel: *“Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo?”* (Mt 24.45). Quem é fiel no pouco Deus o colocará sobre o muito (Mt 25.21).

Precisamos refletir sobre nossa conduta diante de Deus. Será que temos sido fiéis em tudo? Se temos sido infiéis ou, eventualmente, cometemos algum pecado, devemos suplicar o perdão e voltar ao procedimento cristão. Quem tropeça e cai deve levantar-se imediatamente, renovando sua aliança com Deus. Precisamos ser fieis até o fim. Quem permanecer fiel até a morte receberá a coroa da vida (Ap 2.10).

V. HONESTIDADE

Todos os dias, enfrentamos situações que exigem uma prova de honestidade. É bastante lembrarmo-nos da atitude que tomamos na última vez que o caixa de uma loja deu troco a mais, ou então quando tivemos a oportunidade de vender um objeto e ficamos tentados a não falar sinceramente sobre os seus defeitos com medo de não fechar o negócio. A Bíblia ensina que *“Os lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor, mas os que agem fielmente são o seu deleite”* (Pv 2.22). Se desejamos agradar a Deus e sermos abençoados, devemos aprender a praticar a honestidade.

1. Honestidade – um princípio

Vale a pena ser honesto? Essa tem sido uma questão que tem instigado muitas pessoas, principalmente quando elas

presenciam cenas de desonestidade, mau uso do dinheiro público e a impunidade para com aqueles que agem desonestamente. Rui Barbosa viveu momentos de desilusão ao ver a corrupção e a impunidade dos seus contemporâneos. Sua indignação ficou marcada pelo discurso que proferiu em 1914 no Senado: “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto” (Rui Barbosa).

Como cristãos, devemos tomar a honestidade como um princípio em nossas vidas. A Bíblia mostra a amplitude dessa virtude: *“Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus”* (Cl 1.10).

Se tomarmos o texto acima como base, podemos concluir que o princípio da honestidade exige, pelo menos, quatro atitudes básicas: andar dignamente perante todos; agradar ao Senhor em tudo; frutificar em toda boa obra e crescer no conhecimento de Deus.

Ser honesto não significa apenas fazer coisas corretas e dentro da Lei diante dos olhares alheios. Ser honesto é também ser capaz de manter-se puro, agindo dentro da lei mesmo quando estiver sozinho sem a presença de alguém que possa coibi-lo (Rm 13.13; 2 Co 8.21).

> *Por volta do ano 250 a.C., na China antiga, um certo príncipe da região de Thing-Zda, norte do país, estava as vésperas de ser coroado imperador,*

mas, de acordo com a lei, ele deveria se casar. Sabendo disso, ele resolveu fazer uma “disputa” entre as moças da corte ou quem quer que se achasse digna de sua auspiciosa proposta.

No dia seguinte, o príncipe anunciou que receberia, numa celebração especial, todas as pretendentes e lançaria um desafio. Uma velha senhora, serva do palácio ha muitos anos, ouvindo os comentários sobre os preparativos, sentiu uma leve tristeza, pois sabia que sua jovem filha nutria um sentimento de profundo amor pelo príncipe.

Ao chegar em casa e relatar o fato a jovem, espantou-se ao ouvir que ela pretenderia ir a celebração, e indagou incrédula:

— Minha filha, o que achas que fará lá ? Estarão presentes todas as mais belas e ricas mocas da corte. Tire esta idéia insensata da cabeça, eu sei que você deve estar sofrendo, mas não torne o sofrimento uma loucura.

E a filha respondeu:

— Não, querida mãe, não estou sofrendo e muito menos louca, eu sei que jamais poderei ser a escolhida, mas é minha oportunidade de ficar pelo menos alguns momentos perto do príncipe, isto já me torna feliz, pois sei que meu destino é outro.

À noite, a jovem chegou ao palácio. Lá estavam, de fato, todas as mais belas mocas, com as mais belas roupas, com as mais belas jóias e com as

mais determinadas intenções. Então, finalmente, o príncipe anunciou o desafio:

— Darei, para cada uma de vocês, uma semente. Aquela que, dentro de seis meses, me trouxer a mais bela flor, será escolhida minha esposa e futura imperatriz da China.

A proposta do príncipe não fugiu as profundas tradições daquele povo, que valorizavam muito a especialidade de "cultivar" algo sejam costumes, amizades, relacionamentos etc...

O tempo passou e a doce jovem, como não tinha muita habilidade nas artes da jardinagem, cuidava com muita paciência e ternura, pois sabia que se a beleza das flores surgisse na mesma extensão de seu amor, ela não precisava se preocupar com o resultado.

Passaram-se três meses e nada surgiu. A jovem de tudo tentara, usara de todos os métodos que conhecia, mas nada havia nascido e dia a dia ela percebia cada vez mais longe o seu sonho, mas cada vez mais profundo o seu amor. Por fim, os seis meses haviam passado e nada ela havia cultivado, e, consciente do seu esforço e dedicação comunicou a sua mãe que independente das circunstancias retornaria ao palácio, na data e hora combinadas, pois não pretendia nada além do que mais alguns momentos na companhia do príncipe.

Na hora marcada estava lá, com seu vaso vazio, bem como todas as pretendentes, cada uma com

uma flor mais bela do que a outra, de todas as mais variadas formas e cores. Ela estava absorta, nunca havia presenciado tal bela cena. E finalmente chega o momento esperado, o príncipe chega e observa cada uma das pretendentes com muito cuidado e atenção e após passar por todas, uma a uma, ele anuncia o resultado e indica a bela jovem como sua futura esposa.

As pessoas presentes tiveram as mais inusitadas reações, ninguém compreendeu porque ele havia escolhido justamente aquela que nada havia cultivado, então, calmamente ele esclareceu:

— Esta foi a única que cultivou a flor que a fez digna de se tornar uma imperatriz, a flor da honestidade, pois todas as sementes que entreguei eram estéreis. (Neusa Behrend)

Portanto, procuremos refletir se temos agido honestamente em tudo, pagando ao Governo todos os impostos a que estamos obrigados por lei, falando a verdade para os clientes sob pena de perdemos um bom negócio, sendo um exemplo para a família, a sociedade e a igreja.

2. Repudiando a desonestidade

A desonestidade, quando praticada com frequência, torna-se um hábito que contamina a pessoa de tal modo que afeta a sua consciência. Seu mau comportamento passa a ser tratado pela pessoa como algo normal. (1 Tm 4.2).

Ananias e Safira são exemplos de pessoas que sofreram terríveis consequências por causa da sua desonestidade (At 5.1-11). Para impressionar os apóstolos, eles venderam uma propriedade e trouxeram o dinheiro de oferta para a igreja. Só que eles retiveram parte do dinheiro. A desonestidade de ambos fez com que eles caíssem mortos diante dos apóstolos. O apóstolo Pedro falou-lhes antes que eles não eram obrigados a vender a propriedade, tampouco dar todo o dinheiro para a igreja: *"Disse, então, Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus"* (At 5.3,4). As consequências vieram por causa da desonestidade.

Devemos repudiar a desonestidade e rejeitar qualquer coisa que nos proporcione benefícios ilícitos. Certo presidente de uma grande multinacional foi questionado sobre o porquê sua companhia não investia em países corruptos, onde a prática do suborno era normalmente aceita. Ele prontamente respondeu: "Nunca construímos nesses países, não importa o quanto o projeto seja lucrativo, porque não podemos nos permitir a isso. Se meus empregados souberem que agimos com desonestidade, acabarão tornando-se ladrões, e sua desonestidade nos custará mais caro do que o que poderíamos ganhar em qualquer projeto."

3. Um exemplo de honestidade

Devemos aprender a praticar a honestidade. O cristão precisa pôr em prática um novo padrão de vida sempre pensando em agradar ao Senhor. Os padrões de comportamento não evoluem automaticamente; necessitam ser postos em prática. A libertação do poder da carne depende da ação do Espírito Santo: *"Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis"* (Rm 8.13) Portanto, coopere com o Espírito Santo, trabalhando em conjunto com Ele para alcançar um novo caráter: "[...] se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.17).

Certo fazendeiro norte-americano encontrava-se em sua fazenda quando a ela chegou um colega que desejava comprar quatro vacas dele. Depois de escolhidos os animais, foi o preço fixado em 3.500 dólares. O pretendente ofereceu 3 mil que não foram aceitos. Separaram-se sem realizar o negócio.

No dia imediato, o fazendeiro, o que queria adquirir as quatro vacas, telefonou para o colega:

— Você quer vender os animais por 3 mil dólares?

— Não, vendo-os por 3.500 dólares.

— Bem, vou fazer-lhe uma proposta. Jogue uma moeda de prata para cima. Se cair com a parte da coroa para cima, pagar-lhe-ei o preço pedido. Mas, se cair a parte contrária, pagar-lhe-ei apenas três mil dólares. Aceita?

Momentos depois, ouviu-se o tilintar da moeda e o fazendeiro gritar:

— Cara! Venha buscar os animais.

Ele poderia ter dito o contrário, pois o colega nada via. Como crente, porém, não podia enganá-lo. (Tesouro de Ilustrações)

VI– A SINCERIDADE

Imagine uma situação de guerra quando todo mundo vive desconfiado achando que o outro pode ser seu próprio inimigo. Era essa a situação que vivia a nação de Israel. Jeú fora designado por Deus para fazer justiça à casa de Acabe — rei de Israel por causa dos seus pecados e abominações contra Deus. Jeú vinha de uma batalha de onde exterminara a casa de Acabe e a todos que encontrou pelo seu caminho. Logo à frente, encontrou Jonadabe, um aliado seu que vinha ao encontro. Ao saudá-lo, desconfiado, perguntou: *"O teu coração é sincero para comigo como o meu o é para contigo? Respondeu Jonadabe: É. Então, se é, disse Jeú, dá-me a tua mão. E ele lhe deu a mão; e Jeú fê-lo subir consigo ao carro."* Tal cena repete-se ainda hoje. Infelizmente, a falta de sinceridade entre as pessoas vem gerando desconfiança e insegurança a ponto de muitos interrogarem: "Em quem podemos confiar?".

Vivemos numa época em que a falta de sinceridade, a hipocrisia e a necessidade de trapacear o outro passou a ser algo tão constante na sociedade atual que as pessoas passaram a viver desconfiadas umas das outras.

A sinceridade é um atributo inerente ao caráter cristão e deve ser cultivada. O apóstolo Paulo, na sua segunda epístola aos Coríntios 1.12, mostra-nos que a sinceridade é a glória do cristão neste mundo: *"Porque a nossa glória é*

esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com simplicidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos vivido no mundo e maiormente convosco." Que venhamos, pois, aprender esse princípio e colocá-lo em prática. O verdadeiro cristão ousa ser absolutamente sincero.

A Bíblia ainda nos diz que *"o que anda na sua sinceridade teme ao Senhor"* (Pv 14.2); os filhos são abençoados pela sinceridade dos pais (Pv 20.7); a sinceridade é a glória do cristão neste mundo (2 Co 1.12); devemos ter um coração sincero (Ef 6.5); devemos ser um exemplo em sinceridade (Tt 2.7); devemos falar com sinceridade (2 Co 1.17); devemos ser sinceros até o dia de Cristo (Fp 1.10).

1. A falta de sinceridade

"Como cristãos, devemos ser sinceros uns com os outros." Creio que essa expressão seja tão evidente que dispensa comentários. Mas, se temos consciência de que a sinceridade é algo tão necessário à vida cristã, então por que se torna tão difícil a prática deste princípio?

A falta de sinceridade pode ser um problema de caráter. Isso ocorre quando a pessoa age conscientemente com hipocrisia, não falando a verdade, com o intuito de tirar proveito das situações, ganhar prestígios ou obter ganhos ilícitos.

A falta de sinceridade também pode estar relacionada a não compreensão do que realmente seja sinceridade. É comum ouvirmos pessoas perguntarem: "O que significa sinceridade?", "Para ser sincero, preciso exteriorizar a

verdade, seja ela boa ou ruim, doa a quem doer?”, “Como ser sincero quando vivemos rodeados de tanta hipocrisia?”. Talvez seja esse um dos maiores obstáculos à prática deste princípio.

Às vezes, achamos que ser sinceros é sair corrigindo todo mundo, dando opinião onde não fomos chamados. Essa atitude gera muitas vezes revoltas, brigas e mágoas. Não devemos omitir a verdade com medo da reprovação do outro, mas também não devemos ser duros e rudes com as pessoas.

2. Sinceridade significa autenticidade

Ser autêntico não significa sair por aí machucando as pessoas em nome da verdade. Alguns acham que sinceridade é “rasgar o verbo” e dizer tudo o que sente sem pensar no outro. Ser sincero não significa ser grosseiro e indelicado. O que mais dói quando se ouve uma verdade ou uma crítica não é, na maioria das vezes, o que se diz, mas o modo como esta verdade é transmitida. Eu posso falar a verdade sem ofender a outra pessoa ou humilhá-la.

Precisamos, sim, ser autênticos, mas também devemos ter o cuidado para não confundirmos indelicadeza com autenticidade. Se algo está ruim, não preciso dizer que está bom. Porém, posso falar a verdade sem ofender a outra pessoa. Veja o exemplo que nos deu o profeta Natã ao se dirigir a Davi quando este havia pecado contra Deus (2 Sm 12.1-9). Natã não acusou a Davi diretamente, mesmo tendo sido designado por Deus para repreendê-lo. Quando acusamos a alguém diretamente, podemos ferir o orgulho

dessa pessoa, tornando-a irada. O profeta, ao contrário, fez uma ilustração levando o rei a refletir sobre sua atitude. Davi aceitou a repreensão porque esta foi dada com sabedoria.

Quem é autêntico não precisa usar máscaras; pelo contrário, deve sempre expressar o que sente. Há pessoas que mascaram os seus sentimentos. Às vezes, está com raiva de alguém, mas, ao encontrar essa pessoa, finge estar tudo bem. Não estamos afirmando que devemos sair e bater nas pessoas, mas, sim, sermos sinceros em relação ao que sentimos.

Os sentimentos devem ser expressos com controle e equilíbrio. Alguns sentimentos como a ira podem ser altamente destrutivos. Aprendamos a ser autênticos e verdadeiros, expressando o que sentimos com controle e equilíbrio; assim, estaremos agindo de acordo com a vontade de Deus.

3. Sinceridade é uma expressão de amor e respeito pelo outro

Agir com sinceridade é uma expressão de amor. Quando amamos alguém, procuramos não prejudicar essa pessoa. Imagine um professor cujo aluno lhe apresenta uma prova com as questões erradas, mas, por ele ser bem comportado e atencioso nas aulas, o professor resolve dar nota 10 a ele. O aluno ficará radiante pelo “10” que recebeu, porém, futuramente, ao participar de um concurso ou de uma seleção para emprego, ficará frustrado ao descobrir que não aprendeu nada sobre o assunto. Uma nota baixa poderia ter

sido recebida com tristeza por esse aluno, porém levaria ele a estudar mais para aprender o assunto.

Nem sempre quem é sincero é compreendido. A transparência e a coragem de expressar o que pensa ou sente às vezes pode não ser visto com bons olhos pelos outros, principalmente se formos de encontro às conveniências alheias.

Quando amamos, sabemos agir com prudência, escolhendo à hora certa para falar. A Bíblia é clara ao nos ensinar que há tempo para falar e tempo para ficarmos calados (Ec 3.7). A imprudência ou a precipitação pode gerar sérios prejuízos numa relação.

Quem ama não sai atacando as pessoas abertamente; muito pelo contrário, espera o momento oportuno para falar o que é necessário, buscando a possibilidade de enriquecer o outro ajudando no seu crescimento.

Para sabermos aplicar a dose certa de sinceridade, basta tratarmos ao outro da mesma maneira que desejamos ser tratados (Lc 6.31). O próximo deve ser amado na mesma intensidade que amamos a nós mesmos: *"Amarás o teu próximo como a ti mesmo"* (Mt 22.39).

Basta de omissões e chega de verdades desastrosas. Que venhamos aprender a praticar a sinceridade com amor, pensando sempre na edificação do outro e não na sua condenação ou destruição. Uma crítica tanto pode contribuir para o crescimento de alguém, como pode servir para a sua destruição. Depende do modo como esta será transmitida. Portanto, lembre-se: sinceridade significa a expressão da verdade, e ser verdadeiro não significa ser indelicado. A

sinceridade é uma expressão verdadeira do amor e respeito pelo outro.

VII– COMUNHÃO ESTREITA COM DEUS

A palavra comunhão vem do grego "*koinonia*", "comunhão", "relação", "comunicação". Vem de "*koiné*", que significa "comum", que, por sua vez, deriva-se do latim communis (servir a, trabalhar com).

Ter comunhão com Deus significa ter uma vida consagrada a Ele, afastada das coisas mundanas. Nossa ligação com Deus obrigatoriamente precisa ser íntima, e isso implica em possuir uma relação estreita com o Pai: "[...] *e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo*" (1 Jo 1.3), com Cristo: "*Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo*" (Ap 3.20) e com o Espírito Santo: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós" (2 Co 13.13).

A Bíblia mostra que fomos chamados para a comunhão (1 Co 1.9); a comunhão com Deus dá-nos consolo e proteção (Gn 28.15); a comunhão com Deus faz com que descansemos (Êx 33.14); a comunhão com Deus faz com que tenhamos forças nas batalhas da vida (Dt 20.21); a comunhão com Deus dá-nos conforto nas provações (Is 43.2); a comunhão com Deus garante a sua presença constante conosco (Mt 28.20); a comunhão com Deus garante a resposta das nossas orações (Jo 15.7).

Possivelmente, você já deve ter passado por grandes desafios na sua vida; existem, no entanto, forças que transcendem nossos problemas cotidianos, que atuam de forma sorrateira, impelindo-nos ao pecado e à desobediência a Deus. Precisamos ter discernimento e escolhermos ter uma vida de comunhão com Deus. Quem desfruta de uma vida de estreita comunhão com o Senhor é capaz de vencer as influências más, tornando-se a cada dia um cristão eficaz.

1. O desafio de viver em comunhão com Deus na atualidade

Um dos maiores desafios para o cristão manter a sua comunhão com Deus no mundo atual é vencer o mundanismo. Os métodos usados pelo inimigo são quase imperceptíveis e são usados nas coisas que mais gostamos e admiramos.

Um dos meios usados pelo mundo espiritual para a propagação do mundanismo tem sido a mídia. A televisão, a Internet e outros meios de comunicação vêm contribuindo para mudanças nos padrões e valores socioculturais envolvidos na organização da vida social.

De uma forma muito sutil, esses meios de comunicação vão introjetando mensagens que fatalmente não são percebidas, mas que influenciam. Veja o exemplo de um comercial veiculado na televisão:

Uma mulher está abastecendo o seu carro num posto de gasolina qualquer, flertando com um sujeito dentro do carro,

sendo surpreendida pelo marido. Este, de forma intrépida, esbraveja:

— Fulana, como você foi capaz?!

Ela, por sua vez, achando que ele se referia ao rapaz que estava com ela no carro, tenta se explicar:

— Fulano, não é nada do que você está pensando...

Ele, então, completa:

— Como você foi capaz de abastecer o nosso carro nesse posto?!

Ele ignora completamente a infidelidade da esposa.

Até achamos engraçado, mas não percebemos a mensagem oculta: “Traição é algo normal na sociedade moderna”.

A indústria de entretenimento apresenta na televisão *shows* e filmes que promovem profanação, violência e sexo ilícito. Grupos musicais e cantores cantam música que estimulam o estupro, as drogas, assassinatos, suicídio e até mesmo temas satânicos.

Precisamos estar atentos e alertar a igreja. Se não tivermos cuidado e discernimento, deixaremos os membros da igreja serem tragados de forma sorrateira, substituindo facilmente a linguagem, usos e costumes e, sobretudo, os valores cristãos.

2. Decidindo viver em comunhão com Deus

Vimos os meios usados pelo inimigo para nos influenciar. Cristo, porém, dá-nos poder para vencer (Lc 10.19). A decisão é nossa. Aceitar as ofertas do mundo ou servir a

Deus? O apóstolo Paulo admoesta-nos dizendo: “*E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*” (Rm 12.2).

3. A necessidade de transformação

Uma vida de comunhão com Deus depende de uma mente renovada (Rm 12.2). O apóstolo Paulo fala que a transformação de vida começa pela mente, que é a parte intelectual do homem. Dela procedem às coisas boas ou más. (Mt 15.19; Pv 4.23). A mente humana não é como um computador que, quando não queremos mais algo, simplesmente selecionamos e jogamos na lixeira. Na verdade, nem sempre nos desvencilhamos de pensamentos maus e pecaminosos; entretanto, podemos renovar nossa mente todos os dias através da Palavra de Deus.

A renovação da mente dá-se através de um processo de substituição das coisas ruins e prejudiciais pelas coisas boas e agradáveis. Se você colocar, por exemplo, um copo com leite debaixo de uma torneira aberta, observará inicialmente que o copo transbordará; em seguida, após alguns instantes, não haverá mais leite, e sim água no copo. Veja que o leite será substituído pela água mesmo não sendo necessário derramá-lo. Assim, se você diariamente procurar implantar a Palavra de Deus na sua mente e no seu coração, com certeza alcançará uma mente renovada; as coisas ruins e desagradáveis sairão e darão lugar às coisas boas de Deus. (Fp 4.8)

Uma mente renovada é sinônimo de uma vida transformada. O apóstolo Paulo afirma que, quando experimentamos essa transformação, conhecemos a vontade de Deus, que é boa, perfeita e agradável para Ele (Rm 12.2).

4. Vivendo em Comunhão

Para termos uma vida de estreita comunhão com Deus, precisamos primeiramente vencer o mundanismo que, de uma forma sorrateira, tem afetado muitas vidas. Em segundo lugar, precisamos tomar uma decisão certa de afastar-se de tudo o que desagrada a Deus; e, por fim, é necessário renovarmos nossas mentes todos os dias, purificando-a das impurezas deste mundo.

Um homem disse a Deus: “Senhor, tu tens filhos prediletos; tens aqueles a quem preferes”. O Senhor respondeu: “Eu não prefiro uns mais que outros; alguns há que me preferem mais que outros”. Essa é a tônica da comunhão. O que vai determinar minha vida de oração não é o quanto eu sei sobre oração, mas o quanto eu amo o estar em oração, o quanto eu amo estar na presença do Pai. “*Jesus perguntou a Pedro: amas-me mais do que estes outros? apascenta os meus cordeiros*” (Jo 21.15). O serviço de Pedro estava condicionado ao seu amor a Jesus. (o discípulo.com).

Quando o General Booth foi interrogado acerca do seu poder, respondeu: “Vou dizer-vos o segredo. Deus tem tudo o que há em mim. Há homens com mais mentalidade do que eu, homens com maiores oportunidades do que eu,

porém desde o dia que senti n’alma a condição dos pobres de Londres e foi-me revelado o que Jesus Cristo pode fazer-lhes, resolvi que Jesus Cristo havia de possuir tudo o que há em mim. E se houve algum poder no Exército da Salvação, é porque Deus recebia toda a adoração da minha alma, toda a força da minha vontade para com ele e toda a influência da minha vida.” (Tesouro de Ilustrações).

CAPÍTULO

XVI

O LÍDER E A ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS

Toda organização tem os seus conflitos. Em suas interações, pessoas, grupos e organizações quase sempre estão envolvidos em algum tipo de conflito. A vida das pessoas é uma eterna sucessão de conflitos.

Os conflitos são inevitáveis. Eles acontecem também na igreja e no ministério, quer queiramos quer não. Para haver um conflito, basta apenas haver uma relação qualquer entre duas pessoas (imagine cinco, vinte, cem ou mais pessoas). A questão não está em como evitá-los, mas, sim, em como administrá-los de maneira a aumentar seus efeitos positivos e construtivos.

Há vários fatores que contribuem para o surgimento deles: choques de interesses, ansiedades, frustrações, luta pelo poder, maus hábitos e muitas outras coisas que podem desencadeá-los.

A existência de conflitos no âmbito da igreja e a forma como lidar com eles é um assunto que vem despertando o interesse de líderes religiosos. Várias questões têm se

levantado em torno do assunto: O que significa conflito? Quais as causas do surgimento de conflitos na igreja? O pastor e os líderes são também gestores de conflitos? Qual deve ser a atuação dos líderes diante da administração dos conflitos? Essas são apenas algumas das questões que tentaremos abordar. Esperamos poder abrir uma discussão em torno do assunto e contribuir para a compreensão acerca dos níveis de abrangência dos conflitos na igreja.

I – O QUE SIGNIFICA CONFLITO?

De acordo com os estudos do comportamento humano, a palavra conflito está ligada à discórdia, divergência, dissonância, controvérsia ou antagonismo.

Uma das definições mais convincentes de conflitos encontra-se no livro “Management”[37]. A tradução ao pé da letra define conflito como: “A oposição que surge, quando existe um desacordo dentro ou entre indivíduos, equipes, departamentos ou organizações”.

De acordo com esse conceito, o conflito implica em um desacordo ou contradição no sentimento, no pensamento e na conduta. Existe contradição quando o indivíduo se contrapõe entre o que deseja fazer e o que é forçado a fazer.

O conflito é basicamente um problema de percepção, porque as partes envolvidas devem perceber que existe um conflito entre elas. Se ninguém está consciente do conflito, então ele não existe; mas, no momento em que uma das partes percebe que a outra a afeta negativamente ou está a ponto de afetá-la, então, nesse momento, inicia-se o

processo de conflito. Os conflitos podem ir desde um ato sutil de desacordo até a oposição violenta.

II – A IGREJA E OS CONFLITOS

A existência de conflitos não é algo peculiar à igreja da pós-modernidade. A Igreja Primitiva também viveu situações conflituosas, sofreu perseguições, enfrentou oposição e divergências doutrinárias e experimentou mais de perto os impactos do judaísmo e de outras tradições religiosas da época.

A imposição de costumes judaicos para os cristãos gentios é um exemplo prático de uma situação que gerou uma grande polêmica no princípio da igreja. Os judeus convertidos defendiam que os gentios não poderiam ser salvos se não fossem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés (At 15.1-21). Isso gerou um grande conflito, resultando na realização do primeiro concílio em Jerusalém. Após uma acirrada discussão, o apóstolo Tiago apresentou a seguinte solução:

> *"Pelo que julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertam a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue"* (vv. 19 e 20).

Aconteceram, também, outros conflitos envolvendo aspectos relacionais como, por exemplo, o desentendimento entre Paulo e Barnabé por causa de João Marcos, resultando na separação entre eles (At 15.36-41).

A existência de conflitos é algo inerente à história do ser humano. A Bíblia apresenta uma grande diversidade de situações conflituosas que aconteceram no passado.

Temos exemplos de conflitos pessoais que se evidenciaram na vida de ilustres personagens bíblicos:

- Gideão e sua desilusão quanto à providência de Deus (Jz 6.12-14);
- Asafe e sua dúvida quanto à justiça de Deus sobre a prosperidade dos ímpios (Sl 73);
- Habacuque e sua decepção por Deus não executar imediatamente o juízo sobre os ímpios (Hc 1.1-12).

Também temos vários exemplos de conflitos familiares:

- O descontentamento de Caim, que resultou no assassinato de Abel (Gn 4);
- A luta entre Jacó e Esaú (Gn 27; 32; 33);
- O problema com Diná (Gn 34);
- A inveja dos irmãos de José (Gn 37);
- O caso Tamar (2 Sm 13);
- A rebelião de Absalão (2 Sm 15).

Os conflitos relacionais também são evidentes em várias situações:

- A contenda entre os pastores de Abraão e os pastores de Ló (Gn 13.7-10);
- A contenda entre os servos de Isaque e os pastores de Gerar (Gn 26.18-25);

- O ultraje feito ao levita (Jz 19;20); e muitos outros conflitos de natureza diferente.

Os conflitos da igreja hodierna transcendem os limites históricos e geográficos. O fato de a igreja cristã ter nascido a partir do judaísmo e ter-se utilizado inicialmente do templo de Jerusalém não é fator suficiente para acreditarmos que a Igreja de Cristo foi “predestinada” a viver em conflito.

A igreja da atualidade enfrenta uma realidade diferente. Ela vive sob a égide da alteridade pós-moderna, que produz um pluralismo vastíssimo. Estamos diante de um grande fenômeno que vem ocorrendo a partir da segunda metade do século XX: a globalização.

A globalização do mundo expressa um processo de amplas proporções, envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Ela assinala a emergência da sociedade global como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória. Uma realidade ainda pouco conhecida, desafiando práticas e ideais, situações consolidadas e interpretações sedimentadas, formas de pensamento e vôos da imaginação.

Todos estamos sendo desafiados pela criação de uma “cidade global”. Com ela, abrem-se horizontes que se contrapõem aos dilemas que emergem com essa nova dimensão de mundo.

A igreja atual, imbuída por essa crescente realidade, caracteriza-se por um antagonismo surpreendente. Sofre a influência de uma das principais características da

globalização que é o pluralismo e a multiplicação das diversidades. Perante essa realidade, indivíduos movem-se em todas as direções, buscando um “ideal” de vida cristã. Tornam-se “cristãos itinerantes” que, por não se sentirem satisfeitos com a realidade vivida em suas igrejas, tentam encontrar noutras a satisfação das suas necessidades.

Na tentativa de sanar o problema, algumas igrejas ficam descaracterizadas, procurando adequar-se a essa nova realidade. Com isso, ocorre uma perda de valores e uma invasão de práticas e costumes diferentes daquelas adotadas anteriormente. Algumas igrejas vêm mudando inclusive a sua liturgia.

Estariam as igrejas vivendo uma crise de identidade? Se isso não pode ser afirmado categoricamente, pelo menos observamos que essa situação vem gerando grandes conflitos entre os membros da igreja.

III – TIPOS DE CONFLITOS

Para termos uma melhor compreensão acerca do assunto, apresentaremos alguns níveis de abrangência dos conflitos. O conflito pode ser generalizado ou estritamente localizado e limitado. Existem conflitos individuais e interativos.

Alguns autores apresentam pelo menos três níveis de conflitos que podem acontecer numa organização (acredito que isso seja aplicado também à igreja).

1. Conflito intraindividual

O primeiro deles é o conflito intraindividual, que ocorre intimamente dentro de uma pessoa, em relação a

sentimentos, opiniões, desejos e motivações divergentes e antagônicas.

Determinadas questões relacionadas à doutrina, usos e costumes e fé podem desencadear um conflito interno, provocando um colapso nos mecanismos decisórios normais, gerando dificuldades na escolha entre várias alternativas de ação.

Outro fator relevante é a tendência que o ser humano tem de discordar das coisas. Quando não se tem os mesmos ideais e objetivos ou quando os desejos e opiniões diferem das outras pessoas, tendemos a discordar delas.

Há pessoas que discordam de algo apenas porque acham que esse algo deveria ser de outra forma. Não são capazes de submeter suas opiniões, desejos, objetivos e ideais aos princípios bíblicos. Vivem num eterno conflito.

2. Conflito interpessoal

O segundo tipo é o chamado conflito interpessoal. Trata-se do conflito interativo que surge entre duas ou mais pessoas, devido a interesses ou objetivos antagônicos. Representa um sério problema para a igreja porque afeta profundamente as emoções das pessoas envolvidas, prejudicando a vida espiritual e a comunhão com Deus. Nesses conflitos, o que se requer é proteger a autoimagem e a autoestima contra os danos que os outros poderão causar, pois, se o conceito que se tem de si mesmo encontra-se ameaçado, ocorre um sério mal-estar e a relação deteriora-se, dando lugar ao conflito.

Vários fatores podem contribuir para que esse tipo de conflito ocorra: mudanças radicais na igreja, choques de personalidades, escalas de valores opostas, ameaças do *status* e percepções e pontos de vistas contrários.

3. Conflito intergrupal

O terceiro nível de conflito é chamado de conflito intergrupal. Essa forma de conflitos ocorre entre grupos de uma organização. Os participantes de um determinado grupo percebem que outros grupos podem bloquear a realização da meta ou expectativas de seu grupo. Assim, tenta diminuir a força do outro, adquirir poder e melhorar a sua imagem.

O conflito intergrupal pode ser horizontal (entre departamentos) ou então vertical (entre níveis diferentes da organização), afetando a relação entre líderes e grupos específicos da organização.

IV– COMO GERIR CONFLITOS

Antes de analisar formas de resolução de conflitos, gostaria de ressaltar que administrar conflitos não significa necessariamente só eliminá-los, mas também tratar deles de modo inteligente.

Há duas tendências perigosas na maneira de interpretar a administração de conflitos na igreja: Há aqueles que utilizam uma visão espiritualizada, esperam soluções milagrosas e acreditam que os conflitos sejam eliminados de uma forma sobrenatural. Nada fazem para tratá-los. Transferem para Deus sua responsabilidade. Passam para o

rebanho uma visão de perfeição. Apresentam respostas prontas. Sempre tem “soluções enlatadas”: “ore e jejue mais; leia mais a Bíblia; tenha mais fé e todos os seus problemas serão resolvidos”.

Há outros que tratam a igreja como uma organização comum e adotam técnicas de resolução de conflitos fundamentadas nas teorias do comportamento organizacional. Esquecem-se de que receberam a missão de presidir e admoestar o rebanho de Cristo, o sumo pastor (1 Ts 5.12,17; Hb 13.7,17).

Não podemos perder de vista a orientação de Deus na resolução dos problemas. Devemos usar a Palavra de Deus como regra para a solução dos conflitos.

O líder cristão precisa desenvolver algumas habilidades específicas que o ajudarão a solucionar os conflitos com objetividade. Vejamos algumas dessas habilidades:

1. Ter capacidade para analisar a situação

O conflito pode ser eliminado, em primeiro plano:

- Quando o líder possui uma capacidade percepcional para distinguir entre o que é relevante numa situação e o que não é;
- Quando é capaz de compreender as pessoas, de sentir o ambiente e fazer uma leitura da situação.

Quando não analisamos bem a situação que pretendemos resolver, corremos o risco de tomarmos decisões precipitadas e tornamo-nos injustos na hora de solucionarmos a questão. Portanto, procure saber qual a

origem do problema, sua extensão, quais pessoas estão envolvidas; faça isso para evidenciar as possíveis soluções.

2. Ser um bom mediador

O conflito tende a distorcer o comportamento entre as pessoas. Ele ocorre porque as pessoas sentem-se frustradas, ignoradas, não reconhecidas ou injustiçadas. Espera-se que o líder seja um mediador dos conflitos que surgem.

2.1 Atitudes de um bom mediador

- Um bom mediador sabe apaziguar as situações e manter a paz;
- Trata com sabedoria as partes envolvidas;
- Evita situações de conflito aberto;
- Evita críticas vagas ou mal feitas;
- Sabe ouvir as partes envolvidas;
- É específico e não se utiliza de “fatos” ou indiretas para alcançar determinada pessoa;
- Concentra-se no problema ou comportamento, e não na personalidade das pessoas;
- Busca os pontos comuns para se atingir um acordo aceitável.

O líder precisa mostrar às partes envolvidas no conflito o que elas têm a ganhar com a solução deste. Uma boa mediação levará a um acordo aceitável pelas partes, propiciando soluções definitivas para situações do conflito.

3. Saber prever o problema

Alguns sinais evidenciam o aparecimento de conflitos. Alguns problemas são dirimidos ou atenuados quando são previstos ou quando são tratados logo que chegam à tona. Os bons administradores de conflitos procuram lidar com eles nas suas fases iniciais. Podemos comparar o conflito às dores no organismo humano, proveniente das mais diversas enfermidades. Se não tivéssemos um sinal de alerta quanto às disfunções orgânicas, o índice de mortalidade com certeza agravar-se-ia. Do mesmo modo como a dor pode ser aliviada se houver um tratamento e a aplicação do remédio adequado, assim também o conflito poderá ser reduzido ou eliminado se for pronta e eficazmente tratado.

O líder deve definir claramente as mudanças que acontecerão na igreja: reconhecer os medos e as preocupações que encontra; não os ignorar, depreciar ou criticar, nem deixar que as dúvidas cresçam. Deve, ainda, corrigir as imprecisões que podem estar estimulando boatos e, também, diminuir os problemas, prevendo as alterações que precisa fazer em toda a estrutura da igreja para a acomodação de possíveis mudanças.

4. Saber o momento certo para agir

O líder não pode ignorar os problemas; ele precisa enfrentá-los, agindo na hora certa. O tempo não vai sanar o conflito. Muitas vezes, só serve mesmo para agravá-lo. Quando a resolução de conflitos é prolongada, gera um dissabor muito grande, provocando dor e sofrimento dos mais variados graus nos indivíduos, podendo, algumas

vezes, desencadear uma desagregação social. Às vezes, é importante uma retirada estratégica, evitar o problema ou fugir aparentemente dele. Essa técnica deve ser utilizada a curto prazo como tática para ganhar tempo. Isso pode ajudar o líder a analisar melhor a situação e ter mais tempo para orar, buscando de Deus uma orientação.

5. Evitar preconceitos

O líder não pode ser preconceituoso. Um preconceito enraizado não nos deixa analisar as situações com objetividade. Não devemos discriminar as pessoas, mas tratá-las igualmente, independentemente da sua posição socioeconômica. Lembremo-nos: “Deus não faz acepção de pessoas” (cf. Rm 2.11). Devemos ser imparciais e encontrar soluções em que ambos os lados ganhem sem impor ou humilhar nenhuma das partes.

6. Manter a calma

O bom líder não reage mal às más notícias e, sobretudo, não se irrita caso alguém discorde do seu ponto de vista. O grande desafio para o pastor ou líder é aprender a escutar o que não desejaria escutar. O bom líder não se deixa levar pelas emoções, permitindo que opiniões contrárias façam-lhe “ferver o sangue”. Gerir conflitos significa também saber dominar-se, manter a cabeça fria e as mãos no leme sem perder o controle da situação, demonstrando tranquilidade e confiança.

[37] Gestão de Conflitos e Gestão de Stress; Trabalho elaborado por: José Paulo Henriques e Paulo Sérgio Santos, baseado no capítulo “Conflit and Stress Management” do livro “Management”. Disponível em: *student.dei.uc.pt/~jpdias/gestao/Stress* (WFMC 96 - Workflow Management Coalition. Terminology e Glossary. Bruxelas, 1996) .

CAPÍTULO

XVII

AS RELAÇÕES HUMANAS E A ÉTICA

> *“Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo”* (Cl 2.8 – Nova Versão Internacional).

Falar de ética na atualidade é algo um tanto complexo, já que a sociedade global é fortemente influenciada pelo relativismo moral, onde o certo e o errado dependem do ponto de vista de cada um, do tempo e do lugar.

Ética é a parte da filosofia, a teoria ou ciência que se ocupa com a reflexão a respeito dos fundamentos da vida moral dos homens. Dizemos, no entanto, que a ética não se confunde com a moral, porque a moral é a regulação dos valores, normas e comportamentos considerados legítimos por uma determinada sociedade, um povo, uma religião, etc., enquanto que a ética procura justificar e fundamentar a moral, estabelecendo regras importantes para uma boa

conduta aplicável a todos os sujeitos, a nível mundial. Daí, depreende-se que a ética tem um caráter universalista, ao passo que a moral é restrita a comunidades e à determinada sociedade.

Sabe-se que são muitas as áreas envolvidas pela ética, sendo uma delas a ética cristã, que, em geral, aborda questões do mundo atual, comportamentos contemporâneos, avaliando-as de acordo com a Palavra de Deus. Assuntos como aborto, planejamento familiar (ou seja, usar ou não preservativos ou anticoncepcionais para controle de natalidade), divórcio, pena de morte, eutanásia, suicídio, jogos, vícios, transplantes de órgãos, clonagens, política e outras áreas mais são tratadas pela ética. Sempre que se aborda uma situação nova com relação ao que é certo ou errado, esta abordagem, para nós, cristãos, deve ser realizada de acordo com a ética. O comportamento ético cristão jamais deve ir contra o que a Bíblia nos orienta sobre determinado assunto.

Dentre todos os assuntos abordados pela ética, trataremos de um que é específico, que é “o Líder e a Ética Cristã”. Não se trata apenas de questões de certo e errado, que estejam em conformidade com a Ética Normativa[38], mas também das questões que estejam de acordo com a ética fundada em valores cristãos, que orientam o comportamento do líder cristão em relação ao exercício de seu sagrado ministério.

Muitos líderes pensam que têm o direito e a liberdade de viver e conduzir o trabalho ministerial da maneira como

entendem ou como bem lhes aprouver, só que é preciso perceber até onde essa liberdade é permitida.

Como diz a máxima dos advogados: “Meu direito termina onde começa o do outro”. Ninguém tem a obrigação de seguir um líder que não age de acordo com a ética, violando a honra, a privacidade e a liberdade dos outros, causando escândalo e mal-estar aos seus liderados.

Muitas são as abordagens sobre a ética; não se pretende, com este livro, encerrar todas as discussões sobre a ética do obreiro, mas, devido à limitação de espaço, houve necessidade de ser sucinto, pois esta área da vida cristã é ampla e palpitante.

1 – DEFINIÇÕES DE ÉTICA

De acordo com o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, Ética é “o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto”.

O escritor Elinaldo Renovato, em seu livro Ética Cristã, diz:

> • *A Ética integra os seis sistemas tradicionais da Filosofia, ao lado da Política, da Lógica, da Gnosiologia, da Estética e da Metafísica. A palavra ética vem do grego “*ethos*” que significa costume, disposição, hábito. No latim, vem de “*mos*” (mores), com sentido de vontade, costume, uso, regra.*[39]

Segundo o escritor N. R. Champlin, Ética: “É a teoria da natureza do bem e como ele pode ser alcançado; a ética é a conduta ideal do indivíduo.”[40]

Conforme o escritor Claudionor Correa de Andrade, ética: “É o estudo sistemático dos deveres e obrigações do indivíduo, da sociedade e do governo. Seu objetivo: estabelecer o que é certo e errado”.[41]

De acordo com as definições acima, pode-se dizer que Ética é aquilo que estabelece e ajuda o indivíduo a comportar-se no contexto social em que ele está envolvido. Ela orienta o indivíduo no seu modo de agir em relação a si e ao outro, na vida em sociedade, sendo ela também influenciada pela cultura do indivíduo.

A Ética, portanto, é a responsável em ajudar a estabelecer a conduta do indivíduo no seu meio social.

II – A ÉTICA BÍBLICA

A palavra ética vem do grego “*ethos*”, que significa costume, disposição, hábito. A palavra “maneiras” é usada para denotar conduta ou prática. Esse uso corresponde ao significado do termo grego em 1 Coríntios 15.33: “bons costumes”.

A Ética refere-se, portanto, à maneira de vida ou de conduta, de conformidade com as Escrituras.

A Ética cristã pode ser manifesta por meio do conceito ou julgamento que se faz a respeito de determinados valores que integram o nosso dia a dia. Assim, ao falar de Ética do líder cristão, tratamos de questões que nos ajudarão a ter o comportamento correto e coerente, de acordo com a

Palavra de Deus e com o nosso contexto cultural. É importante também atentar para os perigos da lassidão moral que se alastram pelo mundo e ficam cada vez mais próximos das famílias e das igrejas, considerando que há atos que muitos praticam e que não constituem pecados em si, mas que entram no campo da inconveniência.

II – AS VÁRIAS ABORDAGENS ÉTICAS

Sabe-se que todas as abordagens éticas — filosófica, profissional, religiosa e cristã — têm o objetivo de estabelecer o que é certo e errado, o que é justo e injusto; mas quais são os padrões?

Os mais variados ramos profissionais têm seus próprios Códigos de Ética, com princípios e normas que orientam a conduta profissional. O Código de Ética do psicólogo, por exemplo, não tem nada a ver com a Palavra de Deus e nem com a conduta do cristão. Pode-se entender que há neste Código uma preocupação de que os profissionais não misturem ciência e fé, ou seja, não façam proselitismo; mas isso não serve para a conduta do ministro cristão, cujo objetivo é propagar o evangelho, levando as pessoas a experimentarem a genuína fé em Deus para serem conduzidas corretamente e conforme ensina a sua Palavra. Os médicos também têm seu Código de Ética e, às vezes, seguindo seus preceitos, podem tomar atitudes contrárias à Bíblia.

Os advogados possuem seu próprio Código de Ética. E quem nunca ouviu um advogado dizer algo que soasse como uma inverdade? Atualmente, nos tribunais, podemos

observar muitos advogados que usam todos os meios possíveis para defenderem seus clientes sem se importar com a moral e a ética. Verifica-se, então, que a ética pode variar de acordo com cada categoria profissional. Ela serve para estabelecer o que é certo e o que é errado, mas de acordo com os valores que a sociedade julga corretos, e não de acordo com o que é realmente certo e errado, conforme ensina a Bíblia.

1. Alguns comportamentos contrários à ética cristã

O Antinomismo ou Anomismo

Este termo vem da aglutinação de duas palavras gregas: *anti*, que quer dizer “contra”, “em lugar de”, e *nomos*, que quer dizer “lei”, “norma”, “padrão”, “regra”.

O Antinomismo literalmente significa “contra a lei”. Também se diz Anomismo, de “anomia” (do prefixo grego “a” que significa sem, ausência de) e “*nomos*” que significa “lei”. Sendo assim, “anomia” significa estar contra a lei, ausência de regras, ou seja, não há nenhum padrão moral (tal como “não se deve mentir”) que nos permita estabelecer um referencial de certo ou errado.

Os antinomistas, que surgiram no meio protestante, são opostos a qualquer sistema de normas ou padrões. Isso se refere principalmente àqueles que são avessos aos mandamentos bíblicos; para eles, o cristão paira acima da lei moral. Ao escolhido de Deus “tudo é permitido”,[42] alegam os anomistas.

Alguns antinomistas alegam que Deus não vê pecado nos seus escolhidos porque, se a pessoa está em Cristo, desde que continue crendo nEle, seu comportamento e seu modo de viver não farão diferença alguma, pois Jesus já cumpriu a lei por eles.

O antinomismo é o oposto do legalismo. Trata-se de uma heresia gnóstica antiga muito combatida por Jesus e pelos apóstolos, especialmente por Paulo, que adverte os crentes de Corinto em 1 Co 14.37. Citem-se ainda: Jd 4; Mt 7.15-27; Jo 14.15; Rm 3.31; 2 Pe 2; Tg 2.14-26 ; 1 Jo 5.13.

Os antinomistas dizem que não deve haver norma, padrão, certo e errado, e que cada um deve ter liberdade de agir como bem entender.

Na visão sociológica, o anomismo tem interpretação diferente. O termo anomia[43] foi usado primeiramente pelo sociólogo Émile Durkheim (1858–1917) em seu livro *O Suicídio*, cujo objetivo era mostrar que algo na sociedade capitalista não funciona de forma harmônica: “A anomia é a exceção que acontece quando mudanças sociais radicais não admitem o desenvolvimento das regras correspondentes à moral social.”

Jean-Paul Sartre (1905–1918), filósofo e também um dos defensores do antinomismo, diz que o homem é plenamente livre. Veja o que ele diz:

> *Eu sou minha liberdade (...) E não sobrou nada no céu, nenhum certo ou errado e ninguém para me dar ordens (...) estou condenado a não ter outra lei a não ser a minha.*[44]

O antinomismo tomou força com o movimento *hippie* na década de 1960. Ele pregava a liberdade, ou melhor, a libertinagem. Para os *hippies*, era proibido proibir. Eles defendiam o “amor livre”, a prática sexual libertária e valorizavam o uso de drogas, bebidas, etc.

Entretanto, querendo ou não os antinomistas e, mesmo havendo uma diversidade de códigos de ética, existe um código que é superior a todos. Existe uma norma de conduta superior — divina, que, uma vez infringida, traz consequências drásticas para o homem, afetando sua espiritualidade e sua saúde física e emocional. Atualmente, há uma busca desenfreada do prazer, e as pessoas procuram uma vida livre e licenciosa sem pensar nas consequências. Daí, decorre que nunca houve tanta liberdade como hoje, mas também nunca se viram tantas pessoas com problemas emocionais como atualmente.

2. Generalismo

Este termo vem de generalizar: tornar-se geral. Quando se generaliza, coloca o todo como igual, isto é, não há distinção, tudo é a mesma coisa. Em se tratando de religião, há o pluralismo[45] religioso, que prega que toda religião é igual e verdadeira ou que toda religião conduz o homem a Deus. Como é costume dizer: todos os caminhos levam a Deus. Em outras palavras: Deus é um só, e o Deus dos cristãos é o mesmo dos muçulmanos, e, em nome dele, muitos extremistas radicais cometem atos terroristas, explodindo bombas em seus semelhantes. Mas será mesmo que o Deus verdadeiro é a mesma divindade de algumas

culturas que exigem até sacrifícios humanos em seus rituais religiosos? Temos de respeitar a diversidade e a liberdade religiosa sim, mas isso não significa que devemos concordar com todas as práticas ou com o pluralismo religioso, pois nem tudo leva a Deus como muitos afirmam. Jesus é o único caminho que leva o homem a Deus (Jo 14.6).

Quando se aplica o generalismo concernente à Ética, fala-se de uma abordagem que prega que não deve haver regras universais, mas gerais, ou seja, nada pode ser considerado errado, a não ser em função dos resultados para o indivíduo.

Muitos justificam suas ações dizendo-se éticos e agindo conforme diz a polêmica frase do filósofo Maquiavel: "*Os fins justificam os meios*". Alguns teóricos desmistificam a frase citada, alegando que Maquiavel não quis dizer que qualquer atitude pode ser justificada dependendo de seu objetivo, e sim que os fins determinam os meios de atingir os objetivos traçados em seus planos.

Todavia, se alguém segue a abordagem "*Os fins justificam os meios*", esse alguém está totalmente na contramão dos ensinos bíblicos, pois, se os fins justificam os meios, alguém poderá dizer que pode mentir, desde que isso ajude ou sirva para um bem maior; poderá roubar, desde que isso seja uma questão de sobrevivência. Porém, com isso, a pessoa estará fazendo algo que é contrário às Escrituras (Ef 4.25,28). Noutras palavras, isso nada mais é que um erro, podendo justificar o outro. O generalismo, como o próprio termo diz, procura generalizar, não existindo padrões universais e específicos, mas somente um padrão geral de

acordo com a conveniência, ou seja, admitem-se exceções às normas éticas.

3. A Ética Relativista

Segundo esta ética, o homem é a medida de todas as coisas, e, ainda segundo este conceito ético, uma opinião é tão boa quanto à outra, e cada pessoa deve estabelecer seus próprios conceitos éticos, que então serão verdadeiros para ele mesmo e mais ninguém.

São afirmações da concepção relativista: “Isso é muito relativo”, “Depende!”, “Todas as religiões são boas, desde que praticadas com sinceridade”, ou “todas as religiões conduzem o homem a Deus”.

Segundo essa visão filosófica, não existem valores definitivamente certos nem absolutos. Os padrões de certo e errado mudam de acordo com o tempo e o lugar. Trata-se de uma concepção contrária à Bíblia e aos seus princípios morais e éticos, eternos e imutáveis, como os conceitos explicitados nos Dez Mandamentos (Êx 20) — normas divinas que orientaram o povo judeu no passado, mas que servem de orientação para todos os homens e nações de todos os tempos.

Pode-se concluir que as abordagens acima — tanto a que é contra normas como a que generaliza e relativiza — são perigosas, pois a Bíblia possui normas éticas absolutas, e não gerais. Como cristãos, é preciso buscar na Palavra o que é certo e errado, ético e antiético, e não o que é de acordo com padrões de filosofias baseados em conceitos puramente humanos. Sabe-se que a ética cristã às vezes

trata de alguns aspectos de acordo com uma visão extra-bíblica de conveniência, porém jamais a ética cristã fará abordagens antibíblicas; jamais ela pregará como certo algo que contraria a Palavra de Deus. Há algumas questões que são tratadas de acordo com a conveniência — causa e efeito — desde que estas não firam as Sagradas Escrituras.

IV– O COMPORTAMENTO ÉTICO DO OBREIRO

Já vimos que um dos conceitos para relações humanas é o conjunto de interações que os indivíduos mantêm no seio de uma sociedade. Relações humanas, portanto, são vinculações entre pessoas, e é a vida em sociedade que implica no convívio e na interação. Isso leva o indivíduo a aprender a conhecer a si mesmo e conhecer o outro, para que as relações humanas progressivamente se tornem maduras, positivas e proveitosas, resultando numa interação adequada. Controlar a si mesmo, apesar de difícil inicialmente, deve tornar-se, aos poucos, um hábito a ser cultivado para melhorar as relações humanas.

É comum a todos os seres humanos a capacidade de relacionar-se entre si e em grupo de forma consciente e voluntária. Embora se saiba que os indivíduos são diferentes uns dos outros na personalidade, no comportamento e na maneira de agir na sociedade, aprende-se, desde a infância, a interagir uns com os outros no dia a dia. Cada indivíduo com personalidade diferenciada pode influir no comportamento e atitudes das pessoas com quem mantém contatos.

Esse processo de relacionamento complexo acompanha-nos em todos os estágios de nossa vida, tornando-se algo de extrema importância para estruturar a personalidade. Um indivíduo que convive numa família bem estruturada poderá integrar-se melhor nas relações interpessoais em outros grupos.

As relações humanas — expressão frequentemente usada para referir-se a Relações Interpessoais — são as ações e atitudes desenvolvidas pelos contatos entre pessoas e grupos.

Os campos de atuação das relações interpessoais são: a família, o trabalho, a escola e a sociedade. Estas podem ocorrer: entre indivíduos (marido e mulher, professor e aluno, etc.); entre grupos nas relações que os membros de um grupo mantêm entre si, tanto em situações informais (professores e alunos, empregados de uma empresa, etc.) quanto nos grupos formais (famílias, amigos).

Saber interagir é importante para harmonizar as relações dos indivíduos em sociedade. Para isso, é preciso ter simpatia e observar as regras de condutas sociais, definidas pelo próprio grupo e instituições a que pertencemos ou iremos pertencer, e assim, poder adaptá-las (ou não) às suas próprias características de personalidade.

Quando não se consegue ter um comportamento adequado em determinado grupo social, fica-se sujeito à resistência e à antipatia dos outros.

É importante entender que a interação entre duas ou mais pessoas nem sempre será um processo totalmente harmonioso. Podem surgir atritos, rivalidades, conflitos por

opiniões diferentes, costumes, valores que devem ser bem trabalhados e superados para uma melhor relação, evitando prejuízos aos objetivos do grupo.

O escritor Pierre Weil (2003)[46] apresenta os 10 (dez) mandamentos de um membro de um grupo ou equipe:

1. Respeitar o próximo.
2. Saber esperar a sua vez.
3. Controlar reações agressivas.
4. Evitar passar por cima de seu chefe.
5. Procurar conhecer melhor os membros do seu grupo.
6. Evitar tomar responsabilidade alheia.
7. Procurar saber a causa de sua antipatia, a fim de vencê-las.
8. Estar sempre “sorridente”.
9. Procurar ser objetivo ao falar, evitando mal-entendido.
10. Ser modesto e moderado nas discussões.

Como cidadãos, todos têm o dever de respeitar as regras da boa convivência e as leis do país, observando os bons princípios da ética social que regem a vida em família e a sociedade como um todo. Como cristãos, temos também a responsabilidade de comportarmo-nos de acordo com os princípios éticos que regem a vida espiritual.

Não devemos esquecer que vivemos no mundo, em sociedade, mas não pertencemos a este mundo, e sim ao

Reino de Deus. Como cidadãos terrestres, devemos conhecer nossos direitos e cumprir nossos deveres.

A caminhada cristã implica em construir relacionamentos com Deus e com o próximo. Pode-se dizer que o cristão que tem uma relação vital com Deus procura harmonizar-se também no relacionamento com a família, com a igreja, no trabalho e com a sociedade; em outras palavras, ele não pode ser um santo na igreja e comportar-se como um carrasco em casa.

A Ética Cristã diz:

O homem age de acordo com os princípios da Palavra de Deus; é um somatório de princípios que formam e dá sentido à vida cristã normal; é a marca registrada de cada crente; é o que cada crente é, pensa e faz. Por aquilo que o crente é e faz, evidencia a sua dependência de Deus e do seu próximo.

A Ética Cristã apresenta o crente ao mundo de quatro formas, conforme segue:

- **Uma pessoa nascida de novo** (Jo 3.3). Só o nascimento espiritual na família de Deus dota o homem da natureza divina e capacita-o a viver de forma a agradá-lo, e, vivendo para Deus, o homem estará habilitado a viver para o seu próximo. Uma pessoa que nasceu de novo em Cristo tem a responsabilidade ética de cuidar de si mesma, viver em novidade de vida e exercer sua liberdade como

cidadão dos céus, não vivendo de maneira licenciosa e nem conforme os valores e costumes adotados pelos não crentes.

- **Sal da Terra** (Mt 5.13). O sal tem a propriedade de conservar, equilibrar e dar sabor (Mt 5.13). Para ter eficácia, o cristão precisa conservar a sua semelhança com Cristo, assim como o sal deve preservar a sua salinidade. Cabe ao cristão saber agir no seu falar, no andar, em toda a maneira de ser na sociedade e em casa. Se os cristãos forem assimilados pelos não cristãos, deixando-se contaminar pelas impurezas do mundo, perderão a sua capacidade de influência.

- **Luz do mundo** (Mt 5.14). A luz brilha e opõe-se às trevas. É exatamente isso o que Deus quer que o cristão faça: que ele conviva com os que estão em trevas, mas não se contamine e nem viva de acordo com os seus costumes; pelo contrário, que ele seja diferente e deixe sua luz brilhar continuamente.

- **Testemunha de Jesus Cristo.** Em Filipenses 2.14-15, está escrito: "*Façam tudo sem queixas nem discussões, para que venham a tornar-se puros e irrepreensíveis, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e depravada, na qual vocês brilham como estrelas no universo* [...]" (Nova Versão Internacional).

No domínio das coisas espirituais, há duas realidades que não conseguimos esconder por muito tempo: uma vida de retidão ou uma vida de hipocrisia. É dever do cristão dar bom testemunho e portar-se de forma irrepreensível diante de Deus e dos homens. O testemunho é dado principalmente por meio de nossa vida. Ser testemunha de Cristo é ser um cristão autêntico e humilde.

É preciso lembrar que ser humilde não é ser “bonzinho”, bobo, desleixado, ignorante, e sim ser cordial, respeitoso, honesto e simples; não soberbo, nem orgulhoso, não tentar projetar-se sobre outras pessoas e não se considerar superior aos outros (Fp 2.3). É ser coerente nas atitudes — viver aquilo que prega.

1. O comportamento de um filho de Deus

Alguns pontos importantes, concernentes à ética individual — deveres do indivíduo para consigo mesmo:

a) Apresentação Pessoal

O cristão, tanto o homem quanto a mulher, deve preocupar-se em cuidar bem da aparência pessoal, cuidar da higiene e ser zeloso quanto ao vestir. Isso não significa que só podem manter uma boa apresentação aqueles que têm boa condição financeira. Adotando medidas simples e baratas, todos podem adquirir bons hábitos de higiene pessoal e vestir-se bem, mantendo as roupas sempre limpas e passadas a ferro.

O conselho que o apóstolo deu para as mulheres é também um princípio válido para os homens (“vestir-se

com modéstia”), ou seja, não usar roupas extravagantes, apertadas demais, decotadas ou muito curtas (no caso das mulheres), de tal forma que chamem a atenção dos outros para si.

b) Concernente à comunicação

Não usar gíria e termos pejorativos, nem palavrões ou linguajar chulo. Seja simpático com o público. Sorria quando preciso, mas evite as gargalhadas; tome cuidado com as brincadeiras para não ser mal interpretado. Dirija-se às pessoas sempre usando seus nomes; quando não souber, fale sempre senhor ou senhora.

c) Lidando com as pessoas

Tratar a todos com amor e respeito. Amar o próximo e até aqueles que nos aborrecem é um mandamento divino. Devemos respeitar nossos pais, professores, colegas, pastores e líderes de grupos. Reconheça que as pessoas são diferentes. Procure aceitar as diferenças ou então aprenda a conviver com elas. Evite julgar as atitudes de quem quer que seja e não tente mudar as pessoas, esperando que elas sejam iguais a nós.

d) Outras observações:

Procuremos respeitar e seguir as leis e regras sociais de boa conduta. As normas e as leis são necessárias para orientar a vida dos indivíduos em sociedade e visam ao bem comum; preservemos, portanto, o patrimônio público, a igreja ou as instituições que frequentamos; preservemos

também a natureza. Façamos algo que contribua para a preservação do meio ambiente.

2 – Um filho de Deus deve:

- Perdoar, pois saber perdoar é vencer o mal pelo bem.
- Ser Misericordioso, agindo com amor, dispondo de tempo e dinheiro, em auxílio ao próximo, quando em dificuldades.
- Ser Justo, sabendo tratar a todos igualmente (e amar até mesmo os que nos perseguem).
- Ser Fiel, cumprindo com o contrato e a palavra a qualquer preço.
- Ser Paciente, sabendo esperar em paz a mudança nos homens e o tempo de Deus.
- Ser Benigno, desejando “sempre” o bem dos outros.
- Ser Perseverante, começando e acabando um trabalho, mesmo com dificuldades.
- Ser Dedicado, estando disposto a servir sempre que alguém estiver necessitado.

3. O cristão não deve:

- Ser desonesto na política e usar de manobras ou fazer “politicagem” para conquistar o poder.
- Fazer acepção de pessoas.

- Testemunhar falsamente ou espalhar boatos contra quem quer que seja.
- Usar de esperteza contra os outros, utilizando-se do famoso “jeitinho brasileiro”, por exemplo, visando levar vantagem em alguma coisa.

Sejamos, portanto, éticos em todos os lugares: no lar, na igreja, na escola, no trabalho e em todas as instituições de que fazemos parte. É nosso dever como cristão agir diferentemente dos demais.

Como cidadãos, somos livres para fazer nossas escolhas e assumir responsabilidades e consequências pelos nossos atos, pois sabemos que a liberdade exige responsabilidade. Portanto, levemos, pois, a sério nossas responsabilidades e compromissos em todas as áreas de nossas vidas. A Bíblia é o padrão de conduta do que é certo e errado, e Deus, como um ser moral e imutável, controla e estabelece as leis morais, que são soberanas, universais e imutáveis; assim sendo, elas não se alteram nem se modificam para se adaptar ao estilo de vida de alguém ou de alguma comunidade.

---

38 ÉTICA NORMATIVA, que se ocupa dos argumentos filosóficos, das regras ou princípios gerais do comportamento ético, incluindo as que estejam de acordo com a ÉTICA APLICADA, que trata de problemas morais concretos como aborto, eutanásia, entre outros.

39 LIMA, Elinaldo Renovato, Ética Cristã, p. 7. Rio de Janeiro, CPAD, 2002.

40 CHAMPLIN, R,N. Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia, p. 554, volume 2. São Paulo, Hagnos, 2007.

41 ANDRADE, Claudionor Correa, Dicionário Teológico, p. 121. Rio de Janeiro, CPAD, 1998.

[42] WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Antonio Flavio Pierucci, 2008, p.279.

43 Anomia: Ausência de normas. Aplica-se tanto à sociedade como a pessoas: significa estado de desorganização social ou pessoal ocasionado pela ausência ou aparente ausência de normas. Disponível em: http://www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc_a.html

44 GEISLER, Norman. Ética Crista, p. 30,31. São Paulo, Vida Nova, 1988.

45 No texto acima, o termo pluralismo é tomado em sentido normativo, que implica a aceitação dessa pluralidade [existência de diversas opções religiosas] e a recusa de julgar uma religião mais verdadeira ou, de alguma forma, superior a outras religiões. (Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião, 2004, p.109).

469 WEIL, Pierre. Relações humanas na família e no trabalho. 52. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

5ª Parte

O Aconselhamento Pastoral

Capítulo XVIII – O Líder e o Ministério do Aconselhamento

Capítulo XIX – O Cuidado com a Ovelha Ferida

Capítulo XX – A Prática do Aconselhamento Cristão

Capítulo XXI – Programa de Orientação na Igreja

Capítulo XXII – A Ética no Aconselhamento

CAPÍTULO

XVIII

O LÍDER E O MINISTÉRIO DO ACONSELHAMENTO

A sociedade atual vive um momento de crise multidimensional, cujas facetas afetam vários aspectos da vida, como a saúde e a qualidade de vida, as relações sociais, a economia, a tecnologia e a política.

Trata-se de uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais, que leva multidões, incluindo cristãos, a serem tomadas de preocupações, cuidados, ansiedade, estresse, dúvidas e temores.

A busca por respostas, a luta pela sobrevivência e o caos social tornam essa gente escrava da agonia e do desespero. Isso gera uma necessidade proeminente de ajuda. Não é por acaso que, a cada dia, vem crescendo o número de pessoas que frequentam consultórios de psiquiatras e psicólogos e que participam das chamadas sessões de “cura interior”, realizadas, muitas vezes, por pessoas neófitas, que aplicam técnicas de regressão, levando os indivíduos a entrarem em contato com traumas de sua infância. Trata-se de uma prática bastante perigosa para quem não tem conhecimento

científico acerca da personalidade e do comportamento humano, pois há o risco de uma desintegração da personalidade do outro e, em muitos casos, sem caminhos de retorno; além do fato de que não se pode brincar com sentimentos e emoções alheios.

Diante dessa realidade, sendo nós ministros do evangelho, escolhidos por Deus para uma tão sublime missão de apascentar o rebanho do Senhor Jesus, o supremo pastor, como deixar as ovelhas de Cristo à mercê de seus próprios problemas, que às vezes deixam o manancial de águas vivas e cavam para si cisternas rotas, que não retêm água? (Jr 2.13).

A igreja de Cristo tem a missão de edificar, admoestar e ajudar mutuamente os cristãos a permanecerem firmes na fé, evitando que os crentes tenham seus corações endurecidos pelo pecado (Hb 3.13; 10.25).

1 – ACONSELHAMENTO CRISTÃO: ALGUMAS DEFINIÇÕES

1. O Aconselhamento – Segundo o psicólogo e pastor Albert Friesen[47], "é um relacionamento interpessoal no qual o conselheiro ajuda o indivíduo a ajustar-se consigo e com o meio em que vive, auxiliando-o a resolver seus conflitos".

2. Aconselhamento Noutético – NOUTÉTICO:[48] Nouthesia e Noutheteo – do grego Nouthetesis que significa: Admoestar; ensinar; exortar – ACONSELHAR (cf. Rm 15.14; Cl 1.28; Cl 3.16). Admoestar, portanto, é traduzido de "noutheton", que significa "pôr na mente".

O Novo Testamento presume que “confrontação noutética” seja uma atividade em que todos os cristãos devam estar envolvidos, e não apenas os ministros. Em Romanos 15.14, Paulo aconselha a todo cristão ser um ajudador de pessoas, quando diz: “Meus irmãos, eu mesmo estou convencido de que vocês estão cheios de bondade e plenamente instruídos, sendo capazes de aconselhar-se uns aos outros.” (Nova Versão Internacional).

É claro que todo cristão, tanto homens quanto mulheres espirituais, devem preocupar-se com os interesses e o bem-estar do próximo. Todos temos a responsabilidade de admoestar uns aos outros, de encorajar os desanimados, de ajudar os fracos e de ter paciência com as pessoas com quem convivemos (1 Ts 5.11,14). Recebemos ordens para alegrarmo-nos com os que se alegram e chorar com os que choram (Rm 12.15). É dever do cristão aconselhar com amor tanto os que convivem conosco quanto os que ainda não se decidiram por Cristo.

Entretanto, Jay Adams (1999, p. 56) diz: “Mas, enquanto todos os cristãos devem aplicar-se a tal confrontação, a atividade noutética caracteriza especialmente a obra do ministério”.

A atividade noutética (ou o aconselhamento) pressupõe a confrontação verbal pessoa a pessoa, cujo propósito é o de efetuar mudança de comportamento e de caráter de quem está sendo aconselhado.

O líder Jesus Cristo é o centro de todo o aconselhamento cristão. Quem exerce a atividade de aconselhar, deve buscar conhecimento em Cristo e sua Palavra e descobrir as

orientações que Ele dá a seus servos para lidar com os que apresentam problemas pessoais simples e complexos.

1. Não há neutralidade na confrontação ou aconselhamento noutético

O pastor foi chamado por Deus para ser conselheiro — “colocar-se ao lado de outrem e ajudá-lo com seu conselho”. Ele tem o compromisso de “julgar” e orientar, ou seja, oferecer soluções bíblicas para os problemas espirituais, bem como para as condutas pecaminosas surgidas entre os membros que, de modo algum, podem ficar sem solução.

O julgamento, no entanto, deve ser legítimo, não precipitado, nem sem evidências ou com a finalidade de condenar o outro para exaltar-se a si próprio, mas deve ser feito com amor e ter a finalidade de provocar as mudanças necessárias para uma conduta correta, tanto para benefício do aconselhando quanto da igreja.

Estejamos certos de que é o Espírito Santo quem promove as mudanças necessárias para um viver correto de acordo com a Palavra de Deus. Ele “é a fonte de todas as mudanças genuínas de personalidade, mudanças essas que envolvem a santificação do crente, tão certamente (...) que só Ele é quem traz vida ao pecador espiritualmente morto”. (Jay Adams, 1999, p. 38).

O que não é aconselhamento

- Aconselhamento não é dar conselhos;
- Aconselhamento não é encorajamento;

- Aconselhamento não é dar respostas prontas;
- Aconselhamento cristão também não é psicoterapia, embora muitos conselheiros cristãos exerçam atividades nas áreas de psiquiatria, psicologia ou outras profissões de ajuda. O conselheiro cristão não faz, necessariamente, uso das técnicas profissionais para o desempenho dessa tarefa, e sim das habilidades ou técnicas básicas do aconselhamento.

O que significa aconselhar?

O aconselhamento cristão significa algo mais que dar conselhos, algo mais que encorajamento, algo mais que dar respostas prontas.

- Aconselhar é infundir esperanças no aconselhando, levando-o a encontrar as respostas de Deus para os seus problemas.
- Aconselhamento é mais do que um encorajamento. É injetar esperança, é providenciar acesso às respostas de Deus para os problemas da vida.
- É, sobretudo, a implementação de um padrão de mudanças na vida do aconselhando.

II– EXERCENDO O MINISTÉRIO DO ACONSELHAMENTO

Ninguém melhor do que o pastor para atuar como um conselheiro. O Senhor Jesus deu-lhe autoridade para presidir e admoestar o seu rebanho (1 Ts 5.12,13; Hb 13.7,17). Por

essa razão, faz-se necessário o ministro ocupar parte do seu tempo no trabalho do aconselhamento.

A Igreja é o centro do propósito divino. Sua existência deve-se à soberana vontade de Deus. Não existe nesse mundo uma organização semelhante à Igreja, visto que ela não é apenas uma organização social, mas também um organismo vivo, espiritual, que tem como função espiritual ser, na pessoa de Cristo, o centro do propósito redentor em benefício do mundo. Dentre as suas responsabilidades, compete a ela evangelizar o mundo — cumprir a grande comissão — desempenhar o ministério de ajuda, alcançando as famílias, promovendo edificação e proporcionando estabilidade social, emocional e espiritual.

O ministro evangélico precisa ocupar a sua posição designada por Deus para ministrar a Palavra, não apenas na pregação, mas também no aconselhamento, ajudando as ovelhas feridas, machucadas, cansadas ou desviadas a serem reabilitadas.

É fundamental a criação de um Departamento de Aconselhamento na igreja. Uma Clínica Pastoral que possa assistir as pessoas individualmente ou então ajudar famílias que enfrentam problemas.

1. Quem pode ser conselheiro?

O Ministério do Aconselhamento é uma função legítima do pastor, mas também pode ser exercido por outras pessoas que lidam habitualmente com problemas humanos (psicólogos, assistentes sociais, líderes religiosos, professores e outros) ou aqueles que possuem um mínimo

de conhecimento sobre a personalidade, sentimentos e emoções humanas; pessoas bem ajustadas, de uma personalidade equilibrada, pessoas, sobretudo, espirituais e de bom testemunho.

1.2. Aspectos indispensáveis na vida de um conselheiro:

- **Ter habilidade para aconselhar** – é necessário ter experiência de vida, algum treinamento; não ser jovem demais para exercer o ministério da ajuda;
- **Ter maturidade espiritual** – ser cheio do Espírito Santo e ter bom conhecimento bíblico;
- **Ter amor e interesse pelas pessoas** – ser sincero, cordial e ter interesse pelo bem-estar do aconselhando;
- **Ter bom caráter** – ter uma vida correta em todos os lugares;
- **Ser autêntico** – viver o que prega. Suas atitudes devem ser coerentes com suas ações;
- **Ser honesto, franco e sensível** – nunca criticar, menosprezar, nem fazer comparações com seu aconselhando. Também não confidenciar assuntos delicados seus ou de outrem com quem está aconselhando;
- **Ter equilíbrio emocional** – o conselheiro deve estar psicologicamente estável e não sofrer de algum transtorno psíquico sério que possa interferir na sua atividade;

- **Deve conhecer a si mesmo** – o conselheiro deve saber lidar com as próprias inseguranças, para compreender os outros e orientá-los nas suas dificuldades;
- **Saber guardar sigilo** – proteger a privacidade das pessoas.

---

47 FRIESEN, Albert. Cuidando do Ser. Editora Evangélica Esperança, Curitiba, 2000.

48 ADAMS, Jay E. Conselheiro Capaz. Editora Fiel, 1999.

CAPÍTULO

XIX

O CUIDADO COM A OVELHA FERIDA

A era atual é permeada por uma grande complexidade nas relações sociais que geram conflitos e antagonismos sociais. Essa complexidade envolve aspectos econômicos, políticos, culturais, a exemplo da competitividade, das pressões e desafios impostos pela evolução nos meios de produção, da informatização, da perda de valores familiares e religiosos, entre outros. Essa necessidade de ajustar-se à realidade do mundo atual tem levado muitas pessoas a viverem numa frequente desestabilização emocional.

Vivemos em um mundo cheio de opções, mas nem todos têm os meios de ser optantes. Tal situação provoca uma aguda incerteza existencial, transformando-se num sentimento de ansiedade e medo.

Não há dúvida de que a modernidade trouxe consigo alguns problemas existenciais como a ansiedade, a depressão, o pânico e o estresse patológico, entre outros.

A cada dia, cresce o número de pessoas em nossas igrejas com problemas emocionais, que vivem à mercê de

antidepressivos e ansiolíticos. Muitos desses problemas estão relacionados à área espiritual. Nesses casos, dificilmente a Psicologia ou a Psiquiatria resolverá a situação. Às vezes, conseguem amenizar o estado da pessoa sob o preço de torná-la dependente de medicamentos controlados ou de psicoterapias. Ou, ao contrário, levará a pessoa a uma mudança repentina de caráter, tornando-a egoísta e fazendo-a abdicar dos valores morais e espirituais, tão necessários para seu ajustamento pessoal. Como resultado, algumas dessas pessoas abandonam seus lares, divorciam-se, tornam-se promíscuas, buscam uma falsa liberdade, afastam-se da igreja, etc.

Cabe ao líder assistir essas pessoas e dar a elas a oportunidade de compartilharem os seus problemas, proporcionando o apoio e a ajuda de que elas precisam.

Existem várias razões pelas quais as pessoas buscam ajuda de um conselheiro; dentre elas, estão: crises diversas, depressão, ansiedade, preocupação, temor, fobias, transtornos emocionais, filhos envolvidos com alcoolismo e drogas, distúrbios sexuais (compulsão, perda de interesse pelo sexo, etc.), conflitos nas relações interpessoais, dificuldades relacionadas à sexualidade, complicações na relação matrimonial, dificuldades nas relações familiares, etc.

O líder precisa saber como lidar com questões como: O que fazer para ajudar pessoas viciadas em pornografia? Como orientar alguém que assume ser homossexual? Como orientar os jovens a manterem a castidade numa sociedade

que banaliza o sexo e estimula a prática sexual de forma deliberada?

Frente à complexidade dos problemas pelos quais as pessoas procuram a ajuda de um conselheiro, não é de admirar que muitos líderes se sintam incompetentes no exercício do aconselhamento.

1 – GABINETE PASTORAL – UM LUGAR DE RESTAURAÇÃO

O obreiro recebeu a missão de presidir e admoestar o rebanho de Jesus, o sumo pastor (1 Ts 5.12,17; Hb 13.7,17), e ajudar as ovelhas machucadas, desviadas ou até mesmo as rebeldes, a serem reabilitadas.

O gabinete pastoral deve funcionar como um lugar de restauração — uma espécie de "clínica da alma" — que trata dos problemas emocionais e espirituais oriundos de um padrão pecaminoso, que gera culpa, autocomiseração, ira e descontrole emocional.

Problemas espirituais não se resolvem com psicoterapias ou com o uso de ansiolíticos ou antidepressivos, mas com a Palavra de Deus, que "[...] *penetra até à divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração*". (Hb 4.12b).

Eis a necessidade de conselheiros cristãos — pessoas qualificadas, com formação específica, que manejem bem a Palavra de Deus e tenham um bom conhecimento da personalidade humana.

Ninguém melhor do que o pastor é habilitado para tão importante função. Por essa razão, o apóstolo Paulo

enfatiza: “*Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade*” (2 Tm 2.15).

O pastor precisa ter sabedoria, equilíbrio emocional e estabilidade espiritual para não deixar que os seus conflitos pessoais interfiram no modo de tratar os problemas das ovelhas.

II – PROBLEMAS ESPIRITUAIS E A DISCIPLINA

Os problemas espirituais surgidos entre os membros não podem continuar sem solução. Quando isso acontece, a congregação é afetada, surgem murmurações que causam dissabor e divergências, ferindo a todos e desonrando o nome de Cristo. Nesses casos, a disciplina é algo indispensável para a saúde espiritual da igreja.

Mas qual é o verdadeiro sentido da disciplina?

Disciplinar é algo mais do que afastar a pessoa faltosa da comunhão e das atividades da igreja. Isso é necessário; porém, a disciplina não produz efeito algum se for realizada apenas como uma forma de castigo ou punição.

O pastor não deve posicionar-se como um juiz legalista do povo de Deus, nem usar a Bíblia apenas como código legal para excluir ou penalizar o membro.

A disciplina deve ser procedida com amor, ética e sabedoria e ter uma tríplice finalidade:

1. Preservar e honrar o nome de Cristo;

2. Assegurar a pureza da igreja;
3. Restaurar e reconciliar o ofensor.

A resolução do problema inicia-se no gabinete pastoral. O obreiro precisa descobrir a razão do problema; o que está implícito na atitude daquele que caiu; e o que o levou a agir dessa forma.

Se a disciplina tiver uma conotação de castigo ou punição, poderá não ajudar na restauração do que cometeu o erro.

III– HABILIDADES DO OBREIRO PARA LIDAR COM A DISCIPLINA

Para que tenha êxito no tratamento da disciplina, além das qualificações espirituais, indispensáveis ao ministério pastoral, o obreiro precisa também de determinadas habilidades técnicas, como:

1. Empatia

A palavra empatia deriva da palavra grega “empatheia”, que significa “sentir em” ou “sentir com”.[49] Ser empático é ter a capacidade de perceber e aceitar os sentimentos do outro (sem condená-lo), tentando ver e compreender um problema da perspectiva da outra pessoa.

Algumas pessoas sentem medo de aproximar-se do pastor e confessar seus pecados. Por isso, passam anos da sua vida subjugados pela culpa, vergonha e dor. Elas temem também pela maneira como seus problemas serão tratados. Uma má condução do processo da disciplina poderá levar à

destruição e ao afastamento da pessoa por completo da igreja.

Faz-se necessário compreender o verdadeiro sentido da disciplina, colocando-se no lugar do outro e refletindo sobre a maneira de tratar seus problemas.

Jay E. Adams (1994), fazendo uma comparação entre apoio e empatia, tece o seguinte comentário:

> *Uma coisa é postar-se ao lado de alguém (apoio), enquanto esse alguém sofre e se debate, assegurando-lhe que estamos interessados; mas é algo inteiramente diferente enrolar as mangas da camisa e pôr-se a lutar a seu lado.*[50]

Isso só é possível quando conseguimos enxergar a disciplina como um meio de restaurar a vida daquele que caiu.

2. Saber ouvir

O obreiro precisa ser um bom ouvinte. Ouvir primeiramente antes de tirar suas conclusões, tendo o cuidado para não deixar sua ansiedade e curiosidade atrapalharem o processo de disciplina, levando, assim, o crente a sentir-se num tribunal, sendo submetido a um interrogatório. A atitude de “detetive” cria mais dificuldades do que solução.

Cabe ao obreiro tratar cordialmente a pessoa com problemas amando-a e respeitando-a, independentemente dos seus atos. Assim, Jesus tratou a mulher adúltera, a Zaqueu, a mulher samaritana e outros. Devemos

compreender que é muito difícil para a pessoa falar sobre os seus problemas.

3. Congruência

A congruência é uma habilidade que deve ser cultivada. Ser congruente é ser verdadeiro e coerente. Cabe ao pastor explicar francamente a situação da pessoa com problemas e a forma como será aplicada a correção. O pastor também deve tornar clara a razão da disciplina e os seus propósitos.

A correção deve ser construtiva e executada com paciência. Uma disciplina mal aplicada não passa de uma administração arbitrária de autoridade. Mas o reconhecimento e a aplicação correta podem ajudar o crente a vencer as dificuldades pessoais.

4. Agir com justiça

A disciplina deve ser despersonalizada. É o ato que o indivíduo comete que deve ser condenado, e não a pessoa.

A culpa leva o indivíduo à perda da paz interior, ao medo de ser castigado, à baixa autoestima, à solidão, ao complexo de inferioridade e ao sentimento de rejeição. Se não formos sensíveis a ponto de compreendermos isso, contribuiremos para a derrota da pessoa.

A atitude de Jesus para com a mulher adúltera foi de amor e compaixão. Jesus, obviamente, não aprovava suas atitudes pecaminosas, pois ela era objetivamente culpada, porém não a condenou, antes lhe disse: “[...] *Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado*” (Jo 8.11 – Nova Versão Internacional).

Quando Deus perdoa, não se lembra mais daquilo que fizemos: "*O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade. Tornará a apiedar-se de nós, subjugará as nossas iniquidades e lançará os nossos pecados nas profundezas do mar*" (Mq 7.18,19).

Deus compadece-se daqueles que são sinceros, "*Como um pai tem compaixão dos seus filhos, assim o Senhor tem compaixão dos que o temem*" (Sl 103.13 – Nova Versão Internacional).

5. Ser paciente

Ser paciente na aplicação da disciplina também é uma habilidade indispensável. O ministro de Deus não pode agir precipitadamente. A disciplina deve ser exercida e aplicada no espírito de mansidão. Também não deve agir apenas para dar satisfação aos outros, mas ter o cuidado de não ofender o pecador a ponto de ele sair da igreja em pecado. Antes, corrigi-lo de tal maneira que este venha a ser restaurado à comunhão com o Senhor e a igreja. Por isso, antes de aplicar a disciplina, o ministro de Deus precisa conhecer o problema com profundidade, ser absolutamente imparcial e conservar a integridade moral da pessoa.

6. A imparcialidade

De acordo com o que Paulo diz em 1 Timóteo 5.21: "*Eu o exorto solenemente, diante de Deus, de Cristo Jesus e dos anjos eleitos, a que procure observar essas instruções sem parcialidade; e não faça nada por favoritismo*" (NVI). Trata-se de aplicar parâmetros iguais para disciplinar e corrigir a

todos sem exercer favoritismo. É não usar maior rigor com o irmão mais simples ou pobre e fazer vista grossa para condutas pecaminosas daqueles que têm uma boa condição financeira ou com as pessoas de destaque na igreja. É também não cometer abuso de autoridade, mas submeter-se à autoridade dada por Deus ao pastor, na condução do rebanho:

> *"Pois mesmo que eu tenha me orgulhado um pouco mais da autoridade que o Senhor nos deu, não me envergonho disso, pois essa autoridade é para edificá-los, e não para destruí-los" (2 Co 10.8 – Nova Versão Internacional).*

O obreiro deve agir como o pastor da parábola da ovelha perdida que deixa as noventa e nove no aprisco e vai buscar aquela ovelhinha "rebelde" que se afastou do rebanho e se perdeu. Ao encontrá-la, coloca-a alegremente nos ombros, cuida das suas feridas e alegra-se com os amigos e vizinhos por ter encontrado a ovelha que se havia perdido.

IV– O GABINETE PASTORAL E O PROCESSO DE RESTAURAÇÃO

Quem vai ao gabinete pastoral precisa e deve sair de lá abençoado. O pastor ouve confissões e palavras de arrependimento de pessoas que tropeçaram e caíram, ou mesmo daqueles cujos hábitos de vida contradizem os princípios bíblicos. É preciso um esforço da parte do obreiro para separar o pecado do respectivo pecador, destruir o mal

e salvar o crente que caiu, a fim de que ele retorne à comunhão com o Senhor.

A disciplina cristã deve ter sempre o objetivo de contribuir para a restauração espiritual daquele que errou. O apóstolo Paulo admoesta-nos, dizendo:

> *“Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão: Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado. Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo” (Gl 6.1-2).*

Há muita esperança quando alguém procura o pastor para confessar seus pecados. O ministro de Deus representa um pai, que tem autoridade para levar a Palavra de Cristo sob a direção do Espírito Santo, com o propósito de curar as feridas daquele que caiu, para que ocorra o processo de restauração.

1. Levar a pessoa à tomada de consciência dos seus pecados

A disciplina tem a função de levar a pessoa a refletir sobre a sua verdadeira situação e a tomar consciência de que sua permanência no pecado resultará em perdição. Ela precisa dar-se conta de que precisa mudar de vida através do arrependimento.

É difícil para algumas pessoas reconhecerem os seus pecados. Às vezes, o crente faltoso não menciona

determinados fatos, ou mesmo os apresenta da maneira que lhe é favorável.

O obreiro precisa ser enfático e mostrar a responsabilidade da pessoa em relação aos seus erros, levando-a a tomar consciência de que, para sermos perdoados e restaurados, dependemos de pelo menos três atitudes básicas: o arrependimento, a confissão dos pecados e o abandono do erro.

- Quando não conseguimos nos desvencilhar de nossas atitudes pecaminosas do passado, ou quando não aceitamos o perdão divino, estamos fadados ao fracasso e à derrota espiritual: "*O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia*" (Pv 28.13).
- O obreiro precisa ser hábil na obtenção de informações para a elucidação do problema. O profeta Natã, ao abordar Davi sobre os seus pecados, levou-o a conscientizar-se do terrível mal que fizera antes mesmo de acusá-lo (2 Sm 12.1-15). Vejamos a reação de Davi após as palavras do profeta: "[...] *Vive o Senhor, que digno de morte é o homem que fez isso*" (2 Sm 12.5b).
- A tomada de consciência leva a pessoa ao arrependimento. Arrepender-se significa reconhecimento dos erros e mudança de atitude, e o salmista Davi foi um exemplo disso: "*Pequei contra o Senhor. E disse Natã a Davi: Também o*

Senhor traspassou o teu pecado; não morrerás". (Ver Salmo 51).

2. Ajudar na mudança de caráter

Algumas pessoas não conseguem libertar-se de determinados hábitos e atitudes pecaminosos mesmo depois de confessá-los. Isso ocorre quando o indivíduo tem problemas na formação do caráter.

Uma pessoa dominada por algum problema, principalmente quando se trata de um trauma da infância, tende a transferi-lo para outras áreas da sua vida, como a sexualidade, a vida afetiva, emocional e espiritual. Em geral, cria-se um estilo de vida ou então padrões de vida firmados por hábitos pecaminosos que precisam ser vencidos. A situação torna-se mais grave quando não existe consistência na tentativa de adquirir mudanças permanentes, ou quando a pessoa tenta mudar, mas fracassa. Nesses casos, faz-se necessário uma reestruturação total de vida, uma mudança de caráter.

> Mudar, às vezes, é difícil. Quando, porém, a pessoa é orientada a agir de acordo com a vontade de Deus, a mudança passa a ser possível

O pecado deve ser tratado como tal. Encobrir ou "dar um jeitinho" não ajuda a pessoa a adquirir um caráter cristão. É necessário quebrar os elos da cadeia pecaminosa. A pessoa precisa reconhecer as falhas de caráter para corrigi-las.

A mudança é um processo que consiste em dois fatores:

1. Despojamento – Despojar-se significa abandonar os hábitos pecaminosos.
2. Revestimento – Revestir-se significa adquirir hábitos cristãos.

O apóstolo Paulo admoesta-nos a despojarmo-nos do velho homem (antigo estilo de vida) e revestirmo-nos do novo homem (estilo cristão de viver) (Ef 4.22,23).

Não adianta apenas deixar de fazer coisas erradas. Precisamos aprender a fazer coisas certas. Paulo diz: "Aquele que furtava não furte mais [despojamento]; antes, trabalhe [revestimento]" (Ef 4.28).

O cristão precisa pôr em prática o novo padrão de vida. Os padrões de comportamento não evoluem automaticamente; necessitam ser postos em prática. A ajuda pastoral nesse processo é imprescindível porque a pessoa não conseguirá fazer isso sozinha. A libertação do poder da carne depende da ação do Espírito Santo: "*Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis*" (Rm 8.13).

Portanto, cabe ao obreiro ajudar o crente por intermédio da Palavra de Deus, cooperando com o Espírito Santo e trabalhando em conjunto com Ele para que o crente alcance um novo caráter: "[...] se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.17).

3. Acompanhar no processo de reabilitação

Durante o período da disciplina, o crente necessita de acompanhamento. Sua reabilitação depende de alguns cuidados especiais. Uma ovelha ferida requer atenção dobrada.

Às vezes, estigmatizamos ou deixamos de lado aquele que caiu. Não visitamos ou telefonamos para sabermos do seu estado, gerando no crente “enfermo” um sentimento de rejeição e revolta.

Assim como alguém que se machucou precisa de algumas sessões de fisioterapia para se reabilitar, do mesmo modo aquele que pecou precisará de um acompanhamento pastoral.

Nossa missão, enquanto ministros do Senhor, é levar o crente “fraco” a compreender o poder do Espírito Santo e ajudá-lo a resistir à tentação e fugir das paixões da carne; ensiná-lo a ter autocontrole e cultivar o Fruto do Espírito para adquirir o caráter cristão.

É imprescindível preservar a integridade moral daquele que caiu, tendo o cuidado para não o expor publicamente. Uma pessoa que se sentir traída poderá decepcionar-se profundamente. Os prejuízos poderão ser incontáveis para a vida dessa pessoa e também para o ministério do obreiro.

Precisamos, como ministros de Deus, ocupar nossa posição outorgada por Ele, proclamando as Boas-Novas aos perdidos, edificando vidas e restaurando aqueles que fracassaram.

O ministro deve estar sempre disposto a assumir a tarefa plena para a qual Deus o chamou. Uma pessoa dotada de um chamado divino tem a incumbência de proclamar as Boas-Novas aos perdidos, ministrar a Palavra de Deus aos que foram regenerados pelo Espírito Santo e que hoje fazem parte da família de Deus e atuar na área do aconselhamento, a fim de proporcionar a essas pessoas a estabilidade social, emocional e espiritual. Ocupemos, portanto, nossa posição outorgada pelo Senhor.

---

49 COLLINS, Gary R.; *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*, 2005, p. 38.

50 ADAMS, Jay E.. O Manuel do Conselheiro Cristão, 1994, p. 154.

CAPÍTULO

XX

A PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

O pastor, independentemente de escolha ou do seu preparo, é forçado a realizar o aconselhamento na sua igreja. Os membros inevitavelmente levam os seus problemas a ele para obterem orientação e cuidado.

Não é possível evitar tal coisa. Não atender o membro é ignorar o seu apelo e deixá-lo a mercê dos seus problemas.

Alguns pastores passam horas tratando de problemas administrativos nos seus gabinetes, deixando o membro esperando horas a fio. Faz-se necessário determinar um dia para o aconselhamento, organizando uma agenda e/ou determinando obreiros auxiliares com competência para ouvir e aconselhar.

Com o intuito de ajudar o obreiro nessa importante tarefa, apresentamos de forma prática sugestões de como realizar o aconselhamento técnico.

1 – CONDUZINDO UMA SESSÃO DE ACONSELHAMENTO

Há três elementos-chave que devem fazer parte de uma sessão de aconselhamento:

- Cristo
- O conselheiro
- E o aconselhando

É imprescindível que Jesus Cristo esteja presente em uma sessão de aconselhamento. De acordo com o profeta Isaías, Ele é o Maravilhoso Conselheiro (Is 9.6).

Cristo é o Conselheiro dos conselheiros.

As Escrituras devem ser usadas como um manual exclusivo em uma sessão de aconselhamento. Somente ela é capaz de resolver os problemas humanos na sua totalidade.

O conselheiro tem por obrigação deixar que o Espírito Santo guie a sessão de aconselhamento, pois é Ele que nos guia a “toda a verdade” (Jo 16.13). Ele é o verdadeiro agente de mudanças.

Quando o Espírito Santo atua, é inevitável a existência de mudanças. Uma personalidade mórbida poderá ser transformada, à medida que o Fruto do Espírito é cultivado. Cultivar o Fruto do Espírito é permitir que o Caráter Divino seja implantando no nosso caráter.

Não poderíamos deixar de frisar que a oração é imprescindível antes, durante e após uma sessão de aconselhamento. É tarefa do conselheiro interceder a Deus pelo aconselhando e também por si mesmo para que ele

seja um instrumento do Senhor, usado para ajudar na solução dos problemas. O apóstolo Paulo, ao referir-se à oração, pede em seu favor para que a palavra seja dada a ele com confiança (Ef 6.18,19).

II– ASPECTOS TÉCNICOS DO ACONSELHAMENTO

Para exercer o ministério do aconselhamento, o obreiro, além de possuir algumas habilidades específicas que podem ser desenvolvidas, também deverá fazer uso de alguns instrumentos que facilitarão o seu trabalho. Vejamos alguns desses instrumentos e habilidades necessárias:

1. A entrevista – o fundamento do aconselhamento

Dentre os instrumentos usados em uma sessão de aconselhamento, a entrevista é um dos mais importantes.

A entrevista é uma forma técnica de indução, cuja finalidade é levar o aconselhando a expressar seus problemas.

O conselheiro é apenas um facilitador que ajudará o aconselhando a tomar consciência dos seus problemas e encontrar possíveis soluções.

Por meio da entrevista, o conselheiro deverá alcançar pelo menos três objetivos básicos:

- **Objetivo Interacional** – Durante a entrevista, é importante desenvolver uma relação de confiança mútua entre conselheiro e aconselhando. Essa

relação ajudará o aconselhando a não se sentir constrangido ao se expor ao conselheiro e sentir-se motivado para continuar o aconselhamento.

- **Objetivo de coleta de dados** – Outro objetivo básico é a obtenção de informações. O conselheiro precisa ter bastante cuidado para não deixar que a ansiedade de querer saber detalhes do problema — que apenas satisfarão sua curiosidade — atrapalhe ou prejudique os aspectos interacionais. Há também o cuidado para que o aconselhando não venha a sentir-se perante um tribunal, sendo submetido a um interrogatório.

A coleta de dados deve ser sistemática, obedecendo ao seguinte critério:

» Dados pessoais – nome (apenas as iniciais), endereço, estado civil, etc.;
» Dados biográficos – vida familiar, experiências particulares, vida social, experiência cristã, etc.;
» Dados históricos dos problemas – como se iniciou, como se desenvolveu até apresentar-se na forma atual; o que ocorreu imediatamente antes e depois do problema; se já buscou algum tipo de ajuda (Quando? Com quem? Por quê?), etc.

- **Objetivo de intervenção** – A intervenção deverá acontecer de forma sistemática. O conselheiro deve ter o cuidado para não interromper desnecessariamente o entrevistado. Intervir apenas

quando precisar de dados que ajudem na compreensão geral do problema, ou quando perceber que o aconselhando precisa de um feedback (retorno), ou então uma resposta que o ajude no seu processo de mudanças.

2. Como fazer uma entrevista de forma sistemática?

Quando uma entrevista não é realizada de uma forma sistematizada, o conselheiro depara-se com um emaranhado de informações gerais e específicas que serão difíceis de ser analisadas.

Uma entrevista bem estruturada é dividida em pelo menos três etapas básicas: Introdução, Desenvolvimento e Encerramento.

2.1 Introdução

Inicialmente, o conselheiro cumprimenta o aconselhando e apresenta-se dizendo o seu nome e função. Se o aconselhando estiver ansioso, utilize algum procedimento para descontraí-lo, diminuindo sua ansiedade; em seguida, colha os seus dados pessoais.

2.2 Desenvolvimento

Esta é a etapa principal e mais detalhada da entrevista. A partir desse momento, o problema passa a ser conhecido por meio de dados que permitem uma análise geral e preliminar dos mesmos.

No início, o conselheiro deve limitar-se a ouvir a queixa do aconselhando, estimulando-o a falar abertamente sobre os seus problemas.

O conselheiro precisa ter muito cuidado para não induzir o aconselhando a qualquer resposta sem pedir-lhe detalhes. Isso o levaria fatalmente a desviar-se do real motivo pelo qual buscou o aconselhamento.

Após a exposição ampla do aconselhando sobre os seus problemas, o conselheiro deverá usar estratégias mais diretivas no intuito de obter dados mais específicos e precisos, por exemplo: pedir esclarecimentos, complementação, exemplos, etc., desde que o conteúdo a ser especificado tenha a ver com o conteúdo abordado anteriormente pelo aconselhando.

Esse modelo deve ser utilizado para cada nova questão abordada durante a entrevista, sempre partindo de aspectos gerais para os particulares.

Quando utilizamos esse modelo de entrevista, certamente estaremos contribuindo para o desenvolvimento de um clima de confiança entre conselheiro e aconselhando, bem como garantindo que as informações obtidas sejam válidas, uma vez que evita a indução de respostas pelo conselheiro.

Essa fase deve ser concluída com a formulação de uma sumarização dos dados obtidos até aquele momento.

2.3 Encerramento

Às vezes, encerrar uma sessão de aconselhamento constitui-se em uma difícil tarefa, principalmente quando percebemos que o aconselhando está bastante fragilizado.

O conselheiro, no entanto, deve estabelecer um limite de tempo para cada sessão. O ideal é que esse tempo não ultrapasse 50 minutos, a não ser em situações consideradas extremas.

O conselheiro pode lembrar o aconselhando que o tempo está acabando, procurando evitar a introdução de assuntos novos que gerem perturbação emocional.

Antes de concluir a sessão, é imprescindível que o conselheiro deixe claro qual será o encaminhamento dali em diante, traçando possíveis direções que ajudem o aconselhando a orientar-se.

III – HABILIDADES PARA ACONSELHAR

Partindo-se do princípio de que o conselheiro trata-se de uma pessoa chamada por Deus para o ministério pastoral, dispensam-se comentários sobre determinadas qualidades, como: espiritualidade, sinceridade, honestidade, equilíbrio emocional, bom caráter, etc. Já apresentamos anteriormente algumas habilidades indispensáveis também no aconselhamento.

Apresentaremos, portanto, apenas algumas habilidades técnicas que não foram mencionadas ainda, mas que são necessárias para o aconselhamento.

1. Expressão não verbal

A forma de o conselheiro expressar-se pode influenciar diretamente no comportamento do aconselhando positiva ou negativamente; por isso, faz-se necessária a prática dos seguintes cuidados:

- Use uma voz moderada, suave e firme.
- Fale calmamente, sem pressa.
- Tenha uma expressão facial alegre, animada.
- Olhe direta e seguramente nos olhos do aconselhando.
- Demonstre confiança no que está falando.
- Tenha uma postura corporal adequada, dirigida ao aconselhando.
- Use ocasionalmente expressões do tipo “hum-hum”, “sim, sim” ou então balance a cabeça, demonstrando que está interessado no que o aconselhando está dizendo e encorajando-o a continuar falando.
- Dê um sorriso ocasional. Serve para “quebrar o gelo” durante a sessão.

2. Saber escutar

Saber escutar é uma arte que não se adquire sem adestramento especial, tornando-se necessária em toda a comunicação interpessoal, mas, em particular, no aconselhamento. É dever do conselheiro ouvir primeiramente o aconselhado antes de tirar suas próprias conclusões. Procure, portanto, seguir o conselho bíblico: “[...] *seja pronto para ouvir, tardio para falar* [...]” (Tg 1.19).

3. Fazendo perguntas

O conselheiro há que perceber o momento certo para fazer perguntas. As perguntas devem relacionar-se aos

objetivos da entrevista; caso contrário, parecerão bisbilhotice.

Após cada pergunta, ele deve esperar calmamente a resposta do aconselhando sem interrompê-lo. A quantidade de perguntas deve ser controlada para não tornar-se num “bombardeio”.

- Evite pregar para o aconselhado, fazer longas leituras bíblicas, repreendê-lo dizendo, por exemplo, “você está errado” ou dar conselhos do tipo “você devia agir desta ou daquela forma”.
- Faça poucas perguntas, evitando a expressão “por quê?” para não distrair o aconselhado e forçá-lo a dar explicações.
- As perguntas podem ser abertas ou fechadas. Uma pergunta aberta trará um volume maior de informações, além de levar o aconselhando a dar respostas mais genuínas, sem sugestões do conselheiro.
- Um exemplo de perguntas abertas seria: “Como isso aconteceu?”, “Como você reagiu diante disso?”, “Como você vem se sentindo em relação a isso?”.
- As perguntas devem ser claras e objetivas, de preferência na linguagem do aconselhando, de forma que este possa ou saiba respondê-las.

4. Pedidos de esclarecimentos e complementação

Refere-se à busca de informações adicionais que foram esquecidas ou omitidas pelo aconselhando, visando complementar o que fora dito.

Por exemplo: “Fale-me mais sobre isso”, “Cite algum exemplo disso”. Isso ajuda a compreender melhor os problemas antes mesmo de buscar soluções (Rm 8.26; Tg 1.9).

5. Operacionalização da informação

Trata-se de uma descrição do problema de forma objetiva e clara para ambos, conselheiro e aconselhando. O conselheiro ajuda o aconselhando a fazer, com suas próprias palavras, uma descrição inequívoca do problema que está relatando.

6. Parafrasear

Trata-se da reprodução literal de frases ditas pelo aconselhando e que o leve a pensar sobre o assunto. O conselheiro deve selecionar as frases que merecem ser acentuadas e repeti-las de forma lenta, seguido de um momento de silêncio. Ele reformula tudo o que foi dito usando palavras diferentes, levando o aconselhado a ver o problema sob uma ótica diferente.

7. Reflexão de sentimentos

Refere-se à descrição dos sentimentos do aconselhando. O conselheiro precisa ter habilidades para identificar esses sentimentos, levando o aconselhando a percebê-lo. Veja o

exemplo: “Percebo que você está expressando raiva nesse momento”.

8. Explorar alternativas

A atenção do conselheiro deve estar focada na orientação para a solução do problema apresentado. É preciso estabelecer alvos, criar esperança logo no início, pondo o aconselhado na expectativa de encontrá-las. O conselheiro pode interagir com o aconselhado, relacionando as várias alternativas possíveis a serem tentadas na solução dos problemas, discutindo-as uma de cada vez. Um passo importante é fazer uma lista (por escrito) de alternativas e incluir os pontos positivos e negativos de cada uma.

9. Dando sugestões ou conselhos

Não diga diretamente às pessoas o que elas devem fazer, mas oriente-as oferecendo sugestões, dando oportunidade para concordar ou não. Exemplos: “Como você se sentiria se falasse diretamente com seu superior sobre a maneira como está sendo tratado?”, ou então “Tenho algumas sugestões que poderiam ajudá-lo a melhorar seu desempenho no trabalho, nos estudos...”.

10. Encorajando e incentivando o aconselhando na mudança de atitude

O conselheiro deve usar métodos que levem o aconselhando à autodisciplina, dando-lhe a oportunidade de entender que os seus problemas podem ser solucionados

com recursos bíblicos. Não cabe ao conselheiro tomar decisões no lugar da outra pessoa, e sim guiar, encorajar e dar sugestões que levem o aconselhando à tomada de decisão por si mesmo.

- No aconselhamento noutético, o conselheiro procura, através da Palavra de Deus, mudar o caráter do consultante de forma a transformar a sua conduta em pleno acordo com a vontade do Senhor (Rm 12.2). Isso significa convencer o aconselhado a aceitar o plano de Deus para a sua vida e começar a praticá-lo na perspectiva de melhorar a sua situação. Isso visa pôr em ordem a mente do indivíduo mediante padrões bíblicos de modo a abandonar os esquemas pecaminosos do seu sofrimento. O alvo é remover o problema por influência da mente, “o nous”, e não mediante qualquer punição. (Constantino Ferreira. Pequeno Manual de Aconselhamento, 1995 – grifo nosso).

IV – INSTRUMENTOS USADOS NO ACONSELHAMENTO

1. Inventário

Trata-se de uma ficha de coleta de dados. O inventário deve conter informações sobre:

- Dados pessoais;
- Saúde;

- Antecedentes pessoais;
- Família;
- Personalidade, etc.

2. DPP – Descobrindo Padrões Problemáticos

É um instrumento usado para investigar semanalmente determinados comportamentos como maus hábitos, tensões, encontros interpessoais, fracassos no assumir responsabilidades, mau humor, etc. (vide modelo no apêndice)

Jay Adams (1999) enfatiza que a pessoa aconselhada deve registrar criteriosamente no seu formulário de DPP todos os acontecimentos, situações ou atividades (boas ou más) que resultem em ira, dor de cabeça, pânico, explosões de mau gênio, ressentimento, autocompaixão, compulsão, etc.

Assim, o conselheiro poderá vir a descobrir com que incidência um problema que está sendo averiguado ocorre e, além disso, ajudar o aconselhando a pôr fim a um hábito indesejável, orientando-o a viver de acordo com os padrões bíblicos.

3. Tarefas caseiras

Trata-se de atividades sugeridas pelo conselheiro para serem desempenhadas em casa, visando a ajudar na solução de determinados problemas. Vejamos alguns exemplos:

- Faça uma lista de tudo o que você gostaria de ser e de ter.
- Leia textos bíblicos diariamente. Exemplos: Fp 4.13; Cl 3.1-17; Ef 5.2-21, etc.
- Nesta semana, procure a pessoa que o ofendeu e reconcilie-se com ela, etc.

Algumas tarefas podem ser desempenhadas durante a sessão de aconselhamento. Cabe ao conselheiro ser criativo, diversificando essas tarefas.

O aconselhando pode fazer uso de um caderno de tarefas caseiras. Também pode ser usada uma caderneta para anotar o “Progresso na solução dos problemas” e ainda usar um formulário de soluções de problemas conforme o modelo apresentado no apêndice.

4. Registro semanal de aconselhamento

Também chamado de bloco de notas. Serve para registrar o fluxo de uma sessão, anotar e avaliar as tarefas caseiras.

Para se tornar um conselheiro eficaz, o líder cristão deve permitir que o Espírito Santo seja o seu capacitador no ministério da ajuda, tendo a Bíblia Sagrada como seu manual por excelência a ser usado no aconselhamento, visto que só ela é capaz de resolver os problemas humanos na sua totalidade.

Ajudar é tarefa de todos e não apenas de profissionais treinados. É necessário, entretanto, que aqueles dispostos a aconselhar tenham o mínimo de preparo, conheçam os fundamentos e as técnicas da arte de aconselhar. Assim,

estarão mais bem capacitados para desempenhar a nobre missão de prestar ajuda ao semelhante. O conselheiro deve guiar o aconselhando a decidir quais as questões a solucionar primeiro, levando-o a crer nessa possibilidade de mudanças contínuas, encorajando-o a crer que tudo podemos em Cristo. E tudo é possível ao que crê. Assim sendo, o conselheiro deve avançar em busca da solução do problema apresentado, incentivar o aconselhando à mudança de hábitos, a desvencilhar-se dos pensamentos negativos e a colaborar com o Espírito Santo para produzir o efeito necessário da mudança de comportamento. “Os padrões divinos só podem ser estabelecidos mediante a prática regular e sistemática” (Jay Adams, *Manual do Conselheiro Cristão*, 1982).

Os métodos e técnicas aqui apresentados de forma sucinta são recursos auxiliares que tornarão o conselheiro mais habilitado para guiar, encorajar e orientar o aconselhando à tomada de decisão por si mesmo, à luz da Palavra de Deus.

CAPÍTULO

XXI

PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO NA IGREJA

O Programa de Orientação é um serviço destinado ao atendimento aos membros da igreja, realizado pelo pastor e/ou pessoas designadas especificamente para este fim. O Programa envolve diversas atividades, como aconselhamento, palestras, cursos, etc.

1. A NECESSIDADE DE UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO

Poucos líderes já se deram conta da necessidade do estabelecimento de um Programa de Orientação em suas igrejas. Há muitas questões que precisam ser tratadas abertamente com os membros da igreja, que estão relacionadas a diversas áreas de suas vidas. Às vezes, enxergamos apenas os problemas de ordem espiritual e ignoramos outros aspectos importantes como: vida sexual, emocional, familiar, financeira, a saúde, etc.

Parece que esses assuntos só são valorizados quando ocorrem problemas nessas áreas, exigindo do líder uma tomada de posição, que nem sempre têm o intuito de restaurar a pessoa envolvida no problema, mas de puni-la pelos seus atos, principalmente quando se trata de problemas na área sexual.

Quando um problema não é bem tratado, as pessoas envolvidas podem sofrer consequências drásticas. A maioria dessas pessoas não consegue erguer-se e carregará para o resto de suas vidas um estigma de alguém que fracassou e não tem mais o direito de ser restaurada.

Deus, quando escolhe alguém para o ministério pastoral, confia a essa pessoa o ofício de presidir e admoestar o rebanho de Jesus, o sumo pastor (1 Ts 5.12,17; Hb 13.17). Cabe a você, líder, a obrigação de ajudar as ovelhas machucadas e desviadas a serem reabilitadas.

O bom líder é capaz de prever o problema antes mesmo que este aconteça. Isso retrata a responsabilidade que lhe compete com relação aos que lhes foram entregues para cuidar.

O programa de orientação, quando implementado na igreja, tem um efeito preventivo e ajudará a conter determinados problemas. O apóstolo Paulo considera o aconselhamento como algo vital no ministério e mostra que devemos apresentar todo homem perfeito em Cristo (Cl 1.28).

II – FORMAS DE ORIENTAÇÃO

Há diversas maneiras de um programa de orientação na igreja ser desenvolvido. Apresentamos apenas algumas sugestões que podem ajudá-lo a criar este serviço na sua igreja.

1. Aconselhamento

Uma das atividades fundamentais desenvolvidas por meio do Serviço de Orientação é o aconselhamento, que pode ser realizado de diversas maneiras: aconselhamento individual, para casais, familiar ou coletivo. O líder e/ou a equipe de apoio precisa de uma preparação específica para realizar este tipo de trabalho.

2. Palestras

Outra forma de proceder à orientação é por meio de palestras, seminários ou simpósios sobre temas específicos, como: namoro, relacionamento conjugal, a disciplina no lar, saúde, cidadania, etc. É importante estabelecer sempre um painel para perguntas, sendo encaminhadas para aconselhamento as pessoas que desejam respostas sobre sua vida particular ou familiar.

3. Cursos

O Serviço de orientação deve alcançar os jovens da igreja, promovendo cursos de preparação para o casamento, com direito à consulta a especialistas na área da saúde. A igreja pode estabelecer esse curso como pré-requisito antes do casamento. Há outros cursos que podem ser desenvolvidos

com casais, líderes, professores de Escola Bíblica Dominical, etc.

4. Acampamentos ou retiros

Uma maneira eficaz de realizar o Serviço de orientação é por meio da realização de acampamentos ou retiros, abrindo espaço nestes para debates sobre temas específicos. Se possível, convidar pessoas especializadas, como psicólogos (cristãos), médicos, professores, administradores de empresas, que possam orientar adolescentes, jovens, casais, líderes, etc., sobre a sexualidade, a vida conjugal, a vida emocional, a carreira profissional, entre outros. Cada tema deve ser discutido conforme a necessidade do grupo e a faixa etária.

III – ASPECTOS BÁSICOS DA ORIENTAÇÃO

Há alguns aspectos que são imprescindíveis para que o Programa de Orientação funcione bem:

1. Finalidade

O Programa de Orientação deve ter como finalidade ouvir e responder às necessidades da igreja e ministério local, tratando abertamente dos problemas da igreja, oferecendo ajuda e apoio emocional e espiritual a todos aqueles que buscarem este serviço.

2. Importância

A orientação tem como base dar um suporte aos membros da igreja, visando ajudá-los em todos os seus problemas, mas, principalmente, atuar na prevenção desses problemas. Geralmente, os membros procuram o atendimento pastoral só depois que os problemas acontecem. Precisamos implementar uma cultura de prevenção, convocando os membros a buscarem orientação com o intuito de evitar o surgimento de problemas.

Uma pessoa, por exemplo, que é obrigada a abster-se sexualmente por uma determinada circunstância precisa do apoio e da orientação ministerial. Se a igreja estabelece um Programa de Orientação voltado para a prevenção, despertará o interesse dessas pessoas para buscarem apoio. Muitas vezes, uma orientação ou uma palavra de advertência pode livrar uma pessoa da queda. Pastores, evangelistas e missionários itinerantes também devem ser estimulados a procurar um serviço de orientação e apoio.

3. O local de atendimento

Quando o Serviço de Orientação for destinado ao aconselhamento, é necessária a escolha de um local adequado para essa finalidade. O local onde será realizado o atendimento deve ser reservado para evitar que a pessoa se sinta constrangida para falar dos seus problemas. Deve-se, porém, evitar locais totalmente isolados para que isso não gere desconfiança, principalmente quando se precisa atender alguém do sexo oposto.

4. A agenda

A agenda de atividades do Programa de Orientação deve ser divulgada na igreja, incluindo os dias que foram reservados especificamente para o aconselhamento. O obreiro precisa estabelecer alguns dias da semana para a orientação e aconselhamento.

5. A equipe de apoio

Havendo uma grande demanda, o pastor poderá ampliar o atendimento, escolhendo obreiros auxiliares, capacitados para o aconselhamento, para fazerem parte do programa de atendimento. As ovelhas não podem ficar sem assistência por falta de espaço na agenda do pastor.

A equipe de apoio necessita estar em sintonia com o pastor para que não ocorram choques na maneira como os problemas são tratados. Essa equipe deve ser formada preferencialmente de pessoas que fazem parte da liderança da igreja.

Quem trabalha com o aconselhamento deve possuir as seguintes virtudes: bom caráter, competência, vida espiritual saudável, bons antecedentes, conhecimento teológico e, sobretudo, conhecimento sobre a personalidade humana.

6. A condução

É importante definir com clareza aquilo que deve ser trabalhado na orientação, principalmente quando esta é voltada especificamente para as questões da sexualidade ou problemas conjugais. As atividades devem ser planejadas de acordo com as necessidades da igreja.

Quando se trata do aconselhamento, o obreiro, ao conduzir a sessão, precisa primeiramente ouvir a pessoa que busca orientação para saber qual é a sua real necessidade. Não é tão eficaz apresentar soluções sem a exposição clara do problema. Após essa descrição, cabe ao obreiro conduzir a orientação de acordo com as necessidades do aconselhando.

7. As respostas

É imprescindível que a pessoa que busca orientação receba as respostas que procura e também um suporte espiritual para saber lidar com suas dificuldades. Um aspecto importante a ser considerado nos atendimentos é a apresentação de respostas de uma forma prática, com alternativas que ajudem o aconselhando a manter-se firme diante dos seus problemas. O líder tem o dever de considerar os aspectos emocionais do aconselhando. Lembre-se de que nem todos os problemas estão relacionados à vida espiritual. Problemas psicológicos devem ser tratados como tal. Cuidado com a espiritualização e demonização das coisas.

IV – ENCORAJANDO AS PESSOAS NA RESOLUÇÃO DE SEUS CONFLITOS

O conselheiro cristão é um ajudador que busca orientar, motivar e encorajar as pessoas à mudança de atitude, a desenvolver a sua própria capacidade de resolver os seus conflitos com autonomia e confiança à luz da Palavra de Deus (Gl 6.1-10). Ele deve tranquilizar, confortar, acolher,

esclarecer os pontos importantes das queixas apresentadas para chegar a um bom resultado final. Ou seja, encontrar junto com o aconselhando as saídas necessárias para a solução dos problemas e situações difíceis, sem, no entanto, gerar conflitos para as pessoas com as quais o orientando convive no dia a dia.

G. R. Collins (1999) ensina-nos que, em grande medida, aquilo que fazemos no aconselhamento dependerá do tipo de problema envolvido, das personalidades do ajudador e do auxiliado e também da natureza do relacionamento entre eles. Baseando-se nas sugestões de Egan e Brammer, ele sugeriria que o processo de aconselhamento tenha, no mínimo, cinco passos, todos os quais estão claramente ilustrados na Bíblia:

a) Edificar um relacionamento entre o ajudador e o auxiliado (Jo 6.63; 16.7-13; 1 Jo 4.6).

b) Explorar os problemas, procurando esclarecer as questões difíceis e estabelecer o que foi feito no passado para enfrentar o problema (Rm 8.26).

c) Decidir quanto a um curso de ação. É possível que haja várias alternativas possíveis a serem ensaiadas uma a uma (Jo 14.26; 1 Co 2.13).

d) Ação estimulante que o ajudador e o auxiliado avaliam juntos. Quando alguma coisa não funciona, faça outra tentativa (Jo 16.13).

e) Terminar o relacionamento de aconselhamento e encorajar o auxiliado a aplicar o que aprendeu, agora que ele começa a avançar sozinho (Rm 8.14).

O conselheiro deve ficar atento e não buscar fazer ou resolver as coisas pelo aconselhando, para não o tornar um dependente de seus conselhos.

1. Fazendo encaminhamentos

É dever do conselheiro cristão ter o Espírito Santo como seu companheiro para lhe dar força, sabedoria e também guiá-lo no seu modo de agir quando ele lida com as pessoas aflitas e com dificuldades psíquicas. O conselheiro também precisa do apoio de outros líderes que possam orar *com* e *por* ele e pelo seu aconselhando.

Entretanto, mesmo com toda a dedicação do ajudador, às vezes podem ocorrer casos em que se torna impossível a continuidade do aconselhamento. Surge, então, a necessidade de serem feitos encaminhamentos para profissionais habilitados, clínicas especializadas, agências comunitárias, centros que atendem dependentes de álcool e drogas, agências que oferecem orientações jurídicas, órgãos que oferecem orientação familiar, entre outros.

É necessário buscar ajuda externa principalmente quando faltam ao ajudador habilidade e experiência para lidar com a queixa apresentada, a exemplo de:

- Pessoas com problemas com a justiça.
- Pessoas com grandes necessidades financeiras.
- Pessoas com doenças graves.
- Pessoas com comportamento extremamente agressivo.

- Pessoas com depressão severa e tendências suicidas.
- Pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas.
- Pessoas que parecem estar severamente perturbadas ou com distúrbios emocionais graves.

Da mesma forma, quando falta tempo para acompanhar o aconselhado, ou quando fica claro que o paciente não está mudando ou crescendo, entre outros.

Os problemas mais graves devem ser encaminhados diretamente para o pastor da igreja. É imprescindível que haja uma triagem. Essa triagem poderá ser feita no primeiro atendimento.

Problemas psicológicos, como depressão, fobias, transtornos obsessivos, que não estiverem ao alcance do líder ou equipe de orientação, devem ser encaminhados a um especialista.

CAPÍTULO

XXII

A ÉTICA NO ACONSELHAMENTO

Não podemos dissociar aconselhamento de ética. A personalidade do conselheiro, sua maturidade pessoal e profissional e seu autoconhecimento tornam-se variáveis importantes no processo do aconselhamento.

Sabemos que, no âmbito profissional, há uma preocupação com a ética, com a conduta moral e com o sigilo. Um psicólogo, por exemplo, em seu exercício profissional, tem a obrigação de guardar sigilo das informações que seus clientes passam a ele; caso contrário, poderá ter cassado o seu direito de exercer a função.

Já vimos que a ética tem uma função legisladora do comportamento dos homens e da sociedade, oferecendo orientação e a defesa de princípios que atinjam todas essas pessoas. A ética refere-se, portanto, à maneira de vida ou de conduta do indivíduo.

A ética procura justificar e fundamentar a moral, estabelecendo regras importantes para uma boa conduta aplicável a todos os sujeitos a nível mundial. Por isso, diz-se

que a ética tem um caráter universalista, enquanto que a moral é restrita a comunidades e à determinada sociedade.

E quanto aos que exercem atividades eclesiásticas, existe um código de ética? A Bíblia é a regra básica de vida e conduta do cristão, mas deve haver um código de ética pastoral com regras e princípios norteadores da função ministerial.

Guardar sigilo do conteúdo tratado numa sessão de aconselhamento é um pré-requisito básico para quem deseja trabalhar nesse ministério. Se o conselheiro não é capaz de guardar sigilo daquilo que ouve em uma sessão de aconselhamento, ele não é digno de ser conselheiro.

- Por mais simples que seja o assunto tratado, ele não deve ser compartilhado com mais ninguém: nem com a esposa, por exemplo, nem com o melhor amigo, muito menos ser usado como exemplo numa pregação no púlpito. Uma pessoa que se sentir traída poderá decepcionar-se profundamente. Os prejuízos poderão ser incontáveis, tanto para a vida dessa pessoa quanto para o ministério do conselheiro. A Bíblia é explícita ao afirmar: "*O irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte* [...]." (Pv 18.19).

O desejo de Deus é que os líderes e obreiros da sua seara ajam de forma ética, tendo bons propósitos naquilo que querem realizar, a fim de obterem êxito em suas ações e glorificarem o santo nome do Senhor em tudo o que fazem.

Infelizmente, muitos se encontram falhando nesta área. Aqueles que deveriam guardar segredo acabam desnudando suas ovelhas ou seus irmãos diante dos outros. Guardar sigilo não é ocultar pecado, mas, sim, ter sabedoria para tratar da pessoa e ajudá-la sem denegrir sua imagem diante dos outros.

E quanto ao obreiro cristão? Em nome de uma santidade absurda, acha que tem a obrigação de contar tudo o que sabe a todos? Esse tipo de atitude contraria os mandamentos de Cristo ou dos apóstolos que ensinam a não difamar o próximo e a não ser fofoqueiro. A seguir, será estudada a forma como o líder cristão deve portar-se quanto às questões relacionadas à disciplina, à reconciliação e ao sigilo.

I – COMO RESOLVER PROBLEMAS ENTRE IRMÃOS E USAR A DISCIPLINA? (Mt 18.15-20)

Algumas interrogações passam pela cabeça de um obreiro cristão ao tratar de alguns casos onde é necessário haver uma reconciliação entre irmãos, ou a aplicação de disciplina e até mesmo uma exclusão. O que fazer para não faltar com a ética nem destruir uma vida ou um convívio?

Verificar-se-á, a seguir, como aprender com o Senhor Jesus Cristo a resolver este problema.

O Senhor deu a todos nós algumas diretrizes para resolver as questões por etapas; nunca tomar iniciativas absolutas em um primeiro momento, mas fazer tentativas conforme os quatro passos em busca de uma RECONCILIAÇÃO.

O primeiro passo: O Senhor ensina-nos que, se houver um problema com um irmão (e isso também vale para os casais), deve-se buscar a reconciliação entre ambos: “[...] *vai e repreende-o entre ti e ele só* [...]” (Mt 18.15; veja também Mt 5.23-25) e a busca do perdão entre os envolvidos sem a interferência de terceiros.

O objetivo desta confrontação é obter a comunhão com o irmão. Agora, se o irmão não aceitar o pedido de perdão e continuar de forma persistente em seu erro, então aquele que busca a reconciliação partirá para uma segunda tentativa. Isso não significa que a pessoa deve sair falando sobre o problema para outrem, mas, sim, que deve levar o caso ao seu líder porque, se o problema acontece dentro de um departamento que tenha um líder responsável, este deverá ser procurado antes de o ocorrido ser levado à autoridade maior (nesse caso, o pastor).

O fato de o liderado não comunicar a seu líder o que se passa no ambiente que está sob sua responsabilidade pode ser considerado desrespeito, insubordinação e indisciplina. Isso é desconsiderar a autoridade de quem está no comando. Esse não é um proceder correto de um cristão. Sabe-se que a quebra de hierarquia é considerada antiética, mas se o líder não puder ajudar, deve-se recorrer ao pastor. Se o pastor não puder resolver, ele encaminhará o caso a seu superior, o pastor-presidente, por exemplo.

O segundo passo: Ainda não se trata de trazer o caso à ciência da igreja, mas sim de tentar uma nova reconciliação com o acompanhamento de dois ou três, que, em nosso caso, poderia ser seu líder, ou ele e o pastor (Mt 18.16). Se

mesmo assim o ofensor não se arrepender, deve-se dar ainda um terceiro passo.

O terceiro passo: Se o ofensor não se arrepender após todas as tentativas de reconciliação, o caso, então, será levado à igreja (Mt 18.17). Deve-se salientar que apenas se o fato tornou-se público e difamou a imagem da igreja é que deve haver um pedido de perdão publicamente, a fim de que todos saibam que o transgressor está arrependido e disposto a produzir frutos dignos de arrependimento (Mt 3.8; At 26.20).

Às vezes e desnecessariamente, alguns líderes tornam públicos problemas ocorridos entre irmãos ou entre casais. E, ao invés de tentar resolver as questões apenas entre os envolvidos e ajudá-los a sanar os desentendimentos, eles expõem as pessoas publicamente, denegrindo suas imagens. E é por esse motivo que muitos preferem manter seus erros encobertos, pois não confiam no seu pastor ou líder. Eles sabem que, ao confessarem, ao invés de receber orientação e ajuda de seu líder, poderão ter seus problemas expostos publicamente. O apóstolo Paulo disse a Timóteo: "*Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos* [...]" (1 Tm 5.20), mas é preciso observar o contexto. Paulo estava referindo-se aos presbíteros e disse a Timóteo que não aceitasse acusação contra um presbítero, a não ser que houvesse duas ou três testemunhas, ou seja, que um fato tornou-se público.

Alguém pode até perguntar: "Mas isso aí não é encobrir pecado?". Não.

Toda disciplina tem que ser para curar o transgressor, e não para matá-lo. Um ato que se tornou público deve ser tratado assim, mas um problema entre dois irmãos deve ser resolvido entre eles e, se necessário, com a ajuda do líder.

Sabe-se que há alguns casos que são de complexidade extrema, mas mesmo estes nunca devem ser tratados no calor da homilia no púlpito, mas, sim, com reflexão, oração e ajuda do Espírito Santo e também daqueles que estão acima de nós na escala hierárquica. Caso contrário, o obreiro corre o risco de precipitar-se e acabar sendo acionado judicialmente por danos morais. Se for para ser acionado judicialmente por aquilo que a Bíblia realmente condena, tudo bem, mas se for acionado judicialmente por rigor próprio ou precipitação, trará escândalo, e o obreiro estará, então, pecando (Mt 18.6).

O quarto passo: Mas se em todas as tentativas o transgressor permanecer inflexível, então o Senhor manda-nos dar o último e doloroso passo: o seu afastamento ou exclusão, uma vez que, ao dizer que o mesmo deve ser considerado gentio e cobrador de impostos, seria o mesmo que o chamar de pagão. Para os primeiros discípulos, que estavam inclusos numa comunidade judaica e ouviam o Senhor nesta ocasião, chamar alguém de cobrador de impostos ou gentio era o mesmo que excluí-lo da comunidade dos eleitos (Lc 18.11; 19.7).

Com esse ensino, que foi dado pelo nosso mestre Jesus, aprende-se como ser ético na questão de problemas entre irmãos e a não expor desnecessariamente nossos irmãos. Lembre-se do conselho de Paulo: “*Se algum homem chegar*

a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado" (Gl 6.1).

Entende-se que a disciplina é necessária para instruir e ensinar a corrigir atitudes erradas. Deus usa a disciplina[51] para corrigir aqueles que Ele ama (Hb 12.6; Pv 3.11,12).

Conforme a Bíblia de Estudo Pentecostal (2005), a disciplina do Senhor tem dois propósitos:

1. Que não sejamos, por fim, condenados com o mundo (1 Co 11.31,32),
2. Que compartilhemos da santidade de Deus e continuemos a viver uma vida santificada, sem a qual nunca veremos o Senhor (1 Pe 1.15,16).

II – O SIGILO NO ACONSELHAMENTO

A questão do sigilo tem gerado muitos problemas aos obreiros cristãos. Quando guardar sigilo não sendo conivente e, mesmo assim, ainda ser ético? Será que estarei sendo conivente se eu for sigiloso? Mas, e se eu expuser este irmão ou irmã, eu também não corro o risco de matá-lo espiritualmente e ser responsável por isso? Devo pensar em preservar a integridade da pessoa, evitando causar-lhe maiores danos? Além disso, se eu não for prudente, corro o risco de ser acionado na justiça por calúnia e difamação. Talvez, você pergunte: "Ora, eu não sou pastor para aconselhar; então, por que é que eu devo guardar sigilo no aconselhamento?". Você precisa entender que não é apenas

o pastor que aconselha, mas os obreiros ou líderes também são conselheiros e conselheiras. Se alguém lidera qualquer grupo, este alguém será confrontado com a necessidade de dar conselhos, e, se não souber algumas regras básicas sobre a ética no aconselhamento, correr-se-á o risco de, ao invés de ajudar a resolver problemas, acabará por criá-los ou intensificá-los.

1. O sigilo é ético e necessário

O líder é um conselheiro nato. Não se pode dissociar aconselhamento de ética. A personalidade do conselheiro, sua maturidade pessoal e profissional e seu autoconhecimento tornam-se variáveis importantes no processo do aconselhamento.

Esses e outros aspectos relacionados à ética poderiam ser tratados aqui; no entanto, por contenção de espaço, destaca-se apenas a questão do sigilo.

Guardar sigilo do conteúdo exposto numa sessão de aconselhamento é um pré-requisito básico para quem deseja trabalhar nesse ministério. Se o conselheiro não é capaz de guardar sigilo daquilo que ouve numa sessão de aconselhamento, então não é digno de ser conselheiro.

Por mais simples que seja o assunto tratado, ele não deve ser compartilhado com mais ninguém. Nem com a esposa, por exemplo, nem com o melhor amigo e muito menos ser usado como exemplo numa pregação no púlpito.

A ética indica que o obreiro ou conselheiro deve ser alguém de confiança e guardar sigilo de todas as informações passadas pelo interlocutor. As pessoas

alimentam fantasias sobre o que aconteceria se alguém descobrisse seu problema e, assim, passam a viver de forma perturbada; quando comunicam suas dificuldades com alguém, é porque já tentaram alternativas de resolução antes. Sendo assim, o obreiro cristão deve ter cuidado em manter o máximo sigilo sobre as necessidades de quem estiver buscando ajuda.

O sigilo no aconselhamento cristão é imprescindível, pois alguém que confessa seus erros para o obreiro acredita que este irá manter em segredo suas informações. Uma pessoa que se sentir traída poderá decepcionar-se profundamente. Os prejuízos poderão ser incontáveis tanto para a vida dessa pessoa quanto para o ministério do conselheiro.

A Bíblia é explícita ao afirmar: "*O irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte* [...]" (Pv 18.19).

Infelizmente, tem-se tornado comum nos dias atuais o fato de que muitos crentes, por não terem líderes confiáveis, buscam aconselhar-se com pastores que não são do seu convívio ou até de outras denominações.

Existem líderes que criticam tudo e todos, e, infelizmente, há também alguns obreiros que, em matéria de sigilo e ética, são um desastre.

Concluindo: não deixar vazar informações sigilosas sobre alguém que aconselha é de importância primordial na atuação de um profissional em qualquer área; quanto mais se exigirá de um líder, pastor ou conselheiro cristão que tem um compromisso diante de Deus e recebeu do Espírito Santo a sublime missão de confortar, ajudar, encorajar e

orientar pessoas a enfrentarem melhor suas dificuldades, a encontrarem forças para pedir perdão e perdoar, amar o próximo e a si mesmo e, assim, resolver os problemas difíceis com base nos ensinamentos bíblicos.

III – CUIDADO AO FAZER UM PEDIDO DE ORAÇÃO

Às vezes, o obreiro cristão falta com a ética ao pedir oração sobre um assunto que alguém expôs para pedir um conselho, mas não o autorizou a divulgar este assunto, mesmo que fosse para um pedido de oração. O melhor a fazer é pedir oração a alguma pessoa sem especificar qual é o problema ou o nome desta, pois Deus sabe todas as coisas.

IV – CUIDADO COM AS ILUSTRAÇÕES EM SUAS PREGAÇÕES

Há, também, muitos obreiros que faltam com a ética quando usam o caso de alguém que está na plateia como ilustração de sua mensagem. E, ainda que ele não faça referência direta, a pessoa citada sentirá que sua situação foi exposta.

Quando um obreiro, em sua homilia, relata um fato ocorrido com alguém da igreja local, as pessoas não irão deter-se no desfecho da ilustração em si e farão especulações curiosas para saber quem é a pessoa a qual ele se refere. E assim, a ilustração, ao invés de enriquecer sua mensagem, tornar-se-á objeto de investigação da igreja, além de provocar um incômodo para a pessoa que lhe pediu

conselhos. Infelizmente, alguns pastores usam problemas vivenciados por suas ovelhas como mote de suas mensagens e, depois disso, perguntam-se por que alguns membros de sua igreja buscam auxílio em outros lugares, a fim de resolver suas dificuldades com outros líderes, e não com ele. Ou ainda, preferem recorrer à ajuda profissional como, por exemplo, a de um psicólogo.

O que fazer então?

1 – Não use como ilustração assuntos do qual você possa estar tratando no momento.

2 – Não use um assunto semelhante ao caso de que você possa estar tratando, pois a pessoa tomará aquilo como se você estivesse falando sobre ela, ainda que não seja, mas a semelhança fará com que ela tome o fato para si.

3 – Ao citar um fato ocorrido com alguém há algum tempo, não revele a fonte de sua ilustração, ou seja, o nome da pessoa. E lembre-se sempre: as ilustrações não podem retratar situações de pessoas do local em que você estiver ministrando, ou de seu círculo de amizade, ou de seu convívio diário.

4 – Procure obter da fonte a autorização para utilizar sua história em sua pregação ou palestra. Cuidado com a autopromoção. Alguns que buscam a autopromoção vivem citando fatos em que se deram bem, sem notar, porém, que talvez possam estar prejudicando outra pessoa. A questão do sigilo exige muito cuidado. Em determinadas circunstâncias, ser sigiloso não é ocultar pecado, mas, sim, preservar a integridade do aconselhando. “Dar com a língua

nos dentes” não é santidade, e sim fofoca, calúnia e difamação. E isso é pecado! O cuidado com a língua é o que Tiago adverte-nos (Tg 3.2-12).

---

[51] Disciplina: do Latim discipulus, “aquele que aprende”, do verbo discere, “aprender”. De discipulus veio disciplina, “instrução, conhecimento, matéria a ser ensinada”.

6ª Parte

Problemas Tratados no Aconselhamento

Capítulo XXIII – Orientação sobre o Namoro e o Casamento

Capítulo XIV – Orientação sobre as Bases de um Matrimônio

Capítulo XXV – Defendendo a Família dos Males da Pós-modernidade

Capítulo XXVI – Orientação aos Pais sobre a Educação dos Filhos

Capítulo XXVII – Orientação aos Pais sobre a Disciplina no Lar

Capítulo XXVIII – Orientação sobre o Relacionamento Conjugal

Capítulo XXIX – Tratando sobre Problemas Relacionados à Sexualidade com Jovens e Adolescentes

Capítulo XXX – Orientação Sexual para Casais

Capítulo XXXI – Ajudando Pessoas com Depressão

Capítulo XXXII – Respondendo Questões Complexas

CAPÍTULO

XXIII

ORIENTAÇÃO SOBRE O NAMORO E O CASAMENTO

O líder, como conselheiro, deve preocupar-se com os jovens e os seus anseios, realizando aconselhamentos e orientações que os ajudem nas suas escolhas e decisões, garantido a estes um futuro promissor.

Dentre as decisões mais sérias e mais comprometedoras, está o casamento. Trata-se de um passo em direção ao que significa ser um compromisso para o resto da vida. Cabe ao líder, além das orientações, estabelecer um curso para noivos que possa ser realizado pelo próprio pastor ou então por uma pessoa indicada, além de profissionais que esclareçam dúvidas sobre saúde, finanças e sexualidade.

A igreja tem a responsabilidade de selar e validar sacramentalmente a união conjugal, levando o casal a assumir o compromisso consigo, com a igreja e com a sociedade. Cabe ao líder dirimir dúvidas e mostrar os propósitos de Deus para o casamento. É também importante oferecer ferramentas e conselhos que ajudem o casal na comunicação e como lidar com as dificuldades de

entendimento. Também é importante oferecer elementos para que o casal entenda a grandeza e sentido da vida sexual dentro do casamento, bem como conselhos para que sua experiência enriqueça a união do casal. Explicar ainda o sentido e os propósitos específicos do matrimônio e por que é um sacramento, expondo os compromissos que, como pessoa e como casal, os noivos adquirem ao contrair matrimônio.

PASSO A PASSO ATÉ O CASAMENTO

Cabe ao líder ajudar o jovem na fase de preparação para o casamento, mostrando a importância do namoro, noivado e a escolha da pessoa com quem eles pretendem casar-se. Ele deve ainda alertá-los sobre os riscos dos namoros virtuais e também sobre as consequências de um casamento precoce.

I – O NAMORO

O namoro é a fase de preparação para o casamento; é o início da procura de uma companheira ou de um companheiro para a jornada da vida; é a fase de conhecimento para o casamento. Quando o namoro é encarado dessa forma, passa a ter um sentido nobre.

Contrariamente ao que muitos admitem, o namoro do cristão é um namoro no qual existe respeito mútuo, compromisso, honestidade, seriedade, como também autodomínio.

O namoro, tal como a mídia difunde hoje, não tem nenhum apoio nas Escrituras. Muitos sodomitas teriam

vergonha do tipo de namoro praticado pelos jovens na atualidade. O namoro tem deixado de ser um começo de amor para ser uma satisfação do instinto animalesco dos mais baixos. Não tem sido levado em conta os princípios nobres, nem mesmo a orientação divina e paterna para a escolha do casamento; e é por isso que muitos saem desenfreadamente em busca de uma satisfação chamada “namoro”, que nada tem a ver com o verdadeiro amor para um casamento feliz; pelo contrário, muitos olham mais os dotes e a estética do que os princípios morais que a outra parte possui.

A impureza tem tomado conta de tais pessoas que não observam os princípios de uma vida santa também para o namoro. Há jovens tão impuros que não podem ficar sem namorar; não importa com quem seja, seus olhos estão sempre voltados para a sexualidade.

Cabe ao líder orientar os jovens, promovendo palestras sobre o assunto com profissionais ou pessoas qualificadas que ensinem os jovens a terem um comportamento diferente daquele que é difundido na mídia.

Antes de começarem a namorar, o líder deve ainda orientar os jovens a:

- Buscar em primeiro lugar a orientação divina;
- Dialogar com os pais acerca das qualidades morais e virtudes cristãs do namoro.

II – O NOIVADO

O noivado é um compromisso sério, tão sério que a Bíblia usa a palavra desposar. José estava desposado, noivo com Maria — ele é até mesmo chamado de marido por causa do grande compromisso do casamento (Mt 1.18-19).

Nos tempos primitivos, os pais eram responsáveis pelo casamento dos seus filhos. Abraão, sendo já velho, incumbiu seu mordomo para buscar uma noiva para seu filho Isaque, e a noiva (Rebeca), depois do consentimento dos pais e irmãos, também consentiu em casar-se com ele (Gn 24.1-50).

1. No noivado acima mencionado, encontramos:

- Abraão interessado em casar seu filho com uma moça do mesmo princípio religioso e dos mesmos princípios morais (Gn 24 1-7).
- O mordomo dependeu de Deus para encontrar a noiva (Gn 24.11).
- Os pais consentiram-na casar-se com Isaque, pois sentiram que aquilo provinha de Deus (Gn 24. 50-51).
- Rebeca aceitou o noivado de sua livre escolha (Gn 24.57-58). Se todo noivo buscasse mesmo conhecer em pormenores a vontade de Deus e, aliado a isso, tivesse a orientação sábia dos pais, não haveria separação a não ser pela morte.

Os pais têm muito interesse na escolha do casamento para os filhos porque são duas famílias que estão em processo de união, e eles têm também direito de pertencer a uma família que seja de seu agrado.

Os jovens casados são o elo desta união. Portanto, não pode ser uma escolha isolada ou qualquer negócio importante; a família toda deve fazer parte, pois o casamento não é negócio, e sim algo muito sério, que não pode ser desfeito e nem permutado.

2. O casamento propriamente dito

O casamento estabelece relações permanentes, e o Criador indicou a permanência dessas relações, fazendo com que os afetos entre marido e mulher cresçam na proporção dos anos que passam, processo natural, em condições normais.

A monogamia é implícita na história de Adão e Eva, visto que Deus criou apenas uma esposa para Adão. A monogamia é o ideal divino. O criador instituiu o matrimônio com a união do homem e da mulher (Gn 2.18-24; Mt 19.5; 1 Co 6.16).

Os fins morais exigem que essas relações sejam permanentes. A fidelidade do marido e da mulher no cumprimento de seus deveres intimamente ligados em suas recíprocas relações e a criação dos filhos nos princípios da obediência e da virtude é indispensável para se atingirem os fins morais do matrimonio.

Os laços da família não podem ser dissolvidos por nenhum ato legítimo da sociedade, só a morte (Rm 7.2,3) e o crime

do adultério podem dissolvê-los (Mt 19.9). O culpado era punido com a morte (Dt 22.22; Lv 20.10).

"[...] *Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea e disse*: [...] *e serão dois numa só carne*?" (Mt 19.4,5).

O matrimônio não é o elemento acidental, mas, sim, essencial da criação, ao ponto de que o próprio homem não é completo, capaz de refletir e ilustrar o seu autor sem que ocorra entre um homem e uma mulher (Gn 2.26); enquanto não esteve formado o casal humano, Deus não esteve também contente com a sua obra (Gn 2.18).

A Bíblia apresenta dois relatos da instituição do casamento (Gn 1.26-31 e 2.18-25), muito diferente em sua forma e não obstante unânimes em afirmar:

- Que Deus quis o matrimônio e tornou-o possível, fazendo dele uma benção;
- Que o homem e a mulher foram feitos um para o outro;
- Que a procriação não é o resultado do pecado, mas fora ordenada antes que o pecado entrasse no mundo (Gn 1.27,28);
- Que o homem pode receber a assistência feminina a ele destinado por Deus (Gn 2.21).

3. A preparação para o casamento

Os jovens devem ser orientados a serem financeiramente organizados antes de tomarem a decisão de casar, a fim de

evitar morar com os pais ou sogros. Isso pode ser um motivo de conflitos já no início do casamento.

Nesta fase, é fundamental o curso de preparação para noivos, que esclarece dúvidas sobre saúde, finanças e sexualidade. Ainda que o casal acredite estar pronto, é sempre importante que este participe de um curso na igreja e dê a oportunidade para dialogar, guiados por especialistas, sobre o compromisso que vão assumir e também as condições que devem ter como casal para se entregar um ao outro e construir um casamento feliz e estável.

III – AS IMPLICAÇÕES DE UM CASAMENTO PRECOCE

Recém-saídos da adolescência, muitos meninos e meninas encaram o desafio de viver a dois. Decidem casar-se sem maturidade ou sem a menor condição financeira e emocional para assumir esse compromisso.

Embora dados do IBGE mostrem que a idade dos noivos esteja subindo, ainda assim é muito expressivo o número de jovens que decidem casar-se muito cedo.

Em 2008, segundo o IBGE, de todas as uniões realizadas no país, em 42,47% dos casados, a noiva tinha entre 15 e 24 anos. Há quatro anos, a idade média do primeiro casamento era de 25,4 anos para as mulheres contra 28,3 anos para os homens. Em 2008, o índice subiu: 26 para elas e 29 para eles.

Parece que esses dados não refletem bem a realidade dos jovens cristãos. Ainda hoje, muitos jovens da igreja casam-

se muito cedo. Afinal, o que justifica tanta pressa em experimentar o vestido de noiva diante de tantas possibilidades da vida moderna?

1. Por que as pessoas casam-se cedo

Especialistas mostram que, dentre as razões que contrariam a tendência atual de o casamento ser postergado, está o ideal de amor romântico e a vontade de o jovem ser independente.

Há, ainda, vários outros fatores que contribuem para o casamento precoce. Destacamos apenas aqueles que consideramos os mais relevantes.

1.1 A busca da felicidade

Em nossa cultura, desde pequenas, as meninas estão acostumadas a ouvir histórias sobre príncipes, castelos luxuosos, cavalos brancos e felicidade eterna. Nos contos de fadas, o casamento aparece justamente como o resultado de uma conquista e a garantia de um final feliz.

Inebriadas pelo chamado “complexo de Cinderela” — termo usado pela psicologia para explicar o comportamento de mulheres que têm como grande sonho encontrar o homem “ideal”, casar-se e assim ser feliz para sempre, semelhantemente ao que acontece nos contos de fadas e como é visto nos filmes norte-americanos — muitas meninas, movidas pelo sonho de encontrar o “príncipe” que lhe garanta uma felicidade eterna, acabam embarcando na realidade do casamento como se casar fosse uma simples aventura.

O casamento passa a ser encarado como o ponto alto de todas as conquistas da vida e o meio pelo qual a pessoa conseguirá encontrar a tão sonhada felicidade. A menina rende-se aos encantos do casamento idealizado, acreditando que a felicidade plena é conseguida com o casamento. Por isso, ela deseja uma cerimônia com toda a pompa, justamente por considerar este momento o ápice da sua felicidade.

Geralmente, o sonho dura muito pouco. As responsabilidades do casamento e a falta de maturidade para lidar com as diferenças entre os recém-casados transformam, muitas vezes, o sonho em frustrações.

1.2 Fugindo da pressão familiar

Algumas pessoas buscam no casamento um meio de fugir dos problemas familiares. Elas criam no casamento uma falsa expectativa de independência, movidas apenas pelo encanto da paixão, sem nenhuma experiência para lidar com a parte prática do casamento.

O intuito é apenas a conquista da tão sonhada independência. Mas, com o tempo, o companheirismo é transformado em cobranças e em uma nova prisão. Geralmente, o casal começa a distanciar-se, e as brigas tornam-se rotineiras, o que leva, muitas vezes, ao fim do casamento.

Pessoas que se casam cedo para escapar da pressão familiar ou para ter uma vida mais estável podem estar cometendo um grande erro.

1.3 Cobrança social

A educação recebida em casa e a cobrança social são fatores que também influenciam na decisão de casar-se cedo. Existe uma cobrança muito forte em casa e na igreja, principalmente em relação a menina quanto ao seu papel de esposa e mãe.

As cobranças recebidas, aliadas ao medo de ficar só ou “ficar para titia(o)”, faz com que algumas pessoas ajam com precipitação e entrem em relacionamentos inadequados, ou mesmo corram desesperadas em busca de um(a) companheiro(a).

Pessoas que entram numa relação sem se perguntar o que quer com o casamento, ou como se imagina no futuro e como planejar a vida para conseguir tudo isso tendem a acordar no futuro e perceber que não fizeram a coisa certa, estando fadadas a viver um casamento de aparência ou se divorciarem.

1.4 O medo de pecar

Há, ainda, aqueles que se casam porque veem no casamento uma forma de fugir da tentação de fornicar. Nesse caso, o casamento passa a ter o único objetivo de dar ao jovem a liberdade de relacionar-se sexualmente sem pecar.

Além dos conflitos que o jovem enfrenta para manter uma vida de castidade, existem, ainda, as cobranças em casa e, principalmente, na igreja, resultando, muitas vezes, em casamentos apressados, com um tempo muito curto de

namoro, não dando aos noivos a oportunidade de conhecerem um ao outro.

Embora o casamento possa ser um meio de extravasar legitimamente os impulsos sexuais, isso não significa que se deva apressar o casamento apenas por essa razão. Não podemos usar como justificativa o que Paulo escreveu: "*Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se*" (1 Co 7.9). O que é sublime no homem cristão é ter o domínio próprio e saber controlar os seus impulsos (Gl 5.22).

Jovens que se casam apenas por essa razão ignoram completamente o verdadeiro sentido do casamento e o compromisso que estão assumindo. O casamento deve ser realizado com consciência daquilo que se está fazendo.

2. Problemas do casamento precoce

Quando o casamento é antecipado, a vida adulta chega bem antes, e a pessoa passa a assumir responsabilidades que só viriam mais tarde. Ocorre uma queima de etapa, levando a pessoa a pular vivências, experiências e descobertas. Algumas pessoas começam a desabrochar para a vida alguns anos depois de casadas, sentindo necessidade de sair do relacionamento para conhecer os seus próprios desejos.

O casamento precoce muitas vezes torna-se uma experiência traumática para o jovem que se depara com responsabilidades para as quais ainda não está pronto, como sustentar uma casa ou passar noites acordado cuidando de filhos recém-nascidos. Sem falar nos riscos de

saúde para a menina que engravida cedo, não estando ainda totalmente pronta para a maternidade.

Alguns estudos apontam que pessoas que se casam muito cedo estão propensas a problemas de saúde mental como variação de humor, transtornos de ansiedade, transtorno do pânico, transtorno bipolar e depressão, havendo maior incidência para as mulheres.

Outro problema causado pelo casamento precoce é a falta de maturidade do jovem casal. A imaturidade emocional gera sentimentos como: insegurança, ciúmes, traumas, complexos, timidez excessiva, medo do fracasso, autocrítica, tudo isso resultando em brigas, discussões e agressões.

3. Antes de encarar uma vida a dois

A igreja tem um papel importante na realização do casamento, pois ela deve orientar pais e filhos quanto à responsabilidade, preparação e planejamento do matrimônio. Isso pode ser realizado por meio de cursos para noivos, seminários, palestras e aconselhamento.

O jovem, antes mesmo de casar, precisa ter consciência das responsabilidades que um casamento exige. Com o casamento, o rapaz “deixa” emocionalmente de ser filho para se tornar marido, e a moça “deixa” emocionalmente de ser filha para se tornar esposa. Alguns jovens, por desconhecerem isso, levam tudo na brincadeira, achando que, na hora que se cansarem do casamento, é só “cair fora”, como se isso fosse igual ao término de um namoro,

esquecendo que existem vidas em jogo, principalmente se há filhos nessa relação.

A igreja não pode tornar-se alheia a isso, mas, sim, proporcionar meios que ajudem os jovens no desenvolvimento da maturidade, que é algo necessário para um bom relacionamento. A igreja também deve mostrar a importância do planejamento — fator preponderante para um relacionamento bem-sucedido. O jovem está pronto para se casar quando é capaz de deixar de viver sob a responsabilidade dos pais, ter independência e a capacidade de manter uma família.

Havendo uma interação entre a igreja, a família e os noivos no planejamento e preparação para o casamento, com certeza muitos futuros divórcios entre os jovens cristãos serão evitados.

IV – NAMORO CRISTÃO NA *WEB*

A cada dia, cresce entre jovens evangélicos a busca por *sites* de relacionamentos. Diante de uma realidade onde a Internet torna-se o principal meio de comunicação e relacionamento entre as pessoas, seria incoerente defender que fossem evitados os namoros virtuais. Mas até onde um namoro virtual é aconselhável? Quais os prós e os contras da virtualidade?

1. O acesso à Internet

A Internet é uma realidade que não pode mais ser ignorada, pois veio para ficar e já alcança a maioria dos adolescentes e jovens cristãos. As redes interativas de

computadores cresceram e criaram novos canais de informação e comunicação que promovem mudanças nas relações sociais, econômicas e culturais.

De acordo com o Ibope, cerca de 94,2 milhões de brasileiros no terceiro trimestre de 2012 acessaram a Internet. Segundo essa pesquisa, pessoas com 16 anos ou mais acessaram de ambientes, como domicílio, trabalho, escola, LAN house, entre outros locais, enquanto as crianças e adolescentes de 2–15 anos tiveram acesso, em sua maioria, de domicílios.

A Internet vem revolucionando a comunicação no mundo inteiro. As pessoas encontram-se na rede em tempo real. Milhares de informações são trocadas diariamente gerando conhecimento e negócios. Tudo é encontrado pela Internet de forma fácil e ágil. É uma tecnologia que aumenta a possibilidade da aproximação entre pessoas que, de outra forma, possivelmente, seriam quase que impossível.

A Internet tem suas vantagens. Enquanto meio de comunicação mais ágil e prático existente, ela oferece benefícios ao usuário, sobretudo no que diz respeito ao processo de produção da informação. Entretanto, o mau uso pode causar danos irreparáveis. As vantagens limitam-se quando deixam de beneficiar e passam a ser perigosas.

2. Os sites de relacionamento

Uma das coisas que se tornou “febre” na Internet são os sites de namoro *on-line*, onde as pessoas podem entrar em contato com quem nem conhecem e, assim, encontrar seu pretendente para o casamento. O fato é que esse tipo de

coisa expõe a pessoa a vários riscos, tanto emocionais como físicos.

Os sites de namoro oferecem várias opções para quem quer encontrar alguém para um relacionamento na Internet. Há vários tipos de sites — gratuitos ou pagos — que prometem oferecer o par ideal. Existem sites de namoro para públicos específicos, como sites para pais e mães solteiras e para namoros evangélicos. Esses sites oferecem ferramentas que possibilitam a pessoa encontrar alguém que combine com o seu jeito e os seus gostos. A pessoa, então, filtra os resultados de acordo com aquilo que procura. Contudo, é bom lembrar que a Internet pode oferecer a todos nós quase tudo aquilo que queremos, menos a certeza do caráter das pessoas com quem falamos.

3. Os riscos do namoro virtual

A Internet parece promover o milagre da desinibição virtual. Pessoas tímidas procuram com mais frequência os *sites* de namoros, por se tornar mais fácil para estes iniciar um relacionamento virtual.

Porém, no mundo virtual, muitas máscaras podem ser usadas. Alguém mal-intencionado pode fingir ser uma boa pessoa, porém passar informações sobre si que não são reais.

Por meio de estudos, especialistas mostram algumas consequências desastrosas que podem ocorrer com aqueles que costumam “surfar” nas praias dos sites de relacionamento.

Há vários relatos de pessoas que se aproveitam da virtualidade para mentirem a respeito das suas informações pessoais, utilizando fotos falsas ou dados inverídicos para estimular o interesse e a curiosidade do outro.

Infelizmente, nem todas as pessoas são honestas; por isso, buscar encontrar alguém usando esse meio é bastante perigoso. A prevenção ainda é o melhor caminho, principalmente quando se trata de envolver-se emocionalmente com alguém que nem se conhece.

Sem deixar evidente que está desconfiado da pessoa com a qual se comunica, use a sua capacidade de observar o outro, seguindo as regras de segurança do *site*.

Geralmente, a falsa identidade vem acompanhada de outros crimes. Há pessoas mal-intencionadas que, buscando obter algum tipo de vantagem ilícita, cadastram-se em *sites* de relacionamentos com dados falsos, usando até mesmo fotos de outras pessoas para passarem uma imagem mais atraente.

Após conseguir o primeiro contato com a vítima, o criminoso pode não só cometer um simples estelionato, como também pode atrair a vítima para crimes mais graves, como extorsão mediante sequestro, pedofilia, rapto ou estupro.

As vítimas escolhidas pelos criminosos são, geralmente, pessoas com problemas de autoestima, carentes ou acometidas de fragilidades psicológicas, que se tornam mais maleáveis por sentirem necessidade de elogios e declarações de amor.

4. Cuidados necessários

Para aqueles que buscam relacionamentos pela Internet, o líder/conselheiro deve dar os seguintes conselhos:

4.1 Evite o “namoro virtual original”

O “namoro virtual original” é aquele em que o primeiro contato dá-se através da Internet, sem que antes tenha visto a pessoa, ou que, pelo menos, tenha sido apresentada por alguém conhecida. Às vezes, por questão de distância ou tempo, o namoro pode acontecer virtualmente, porém há uma diferença quando se conhece a pessoa antes, numa festa, numa igreja ou no ambiente onde a pessoa vive, uma vez que é possível buscar referências dessa pessoa, seu comportamento, onde trabalha, onde estuda, sua família, os amigos com quem anda, etc.

4.2 Proteja a sua segurança pessoal

Evite passar informações pessoais como telefone, endereço, locais em que você e sua família frequentam, além de hábitos, horários, etc.

4.3 Cuidado com os encontros

Está provado que se encontrar com alguém que conheceu na Internet, mesmo que seja num lugar público como um *shopping* ou parque, a segurança não está totalmente garantida. Sendo assim, não vá sozinho(a) ao primeiro encontro. Leve alguém da família ou um amigo que fique nas proximidades e possa perceber qualquer sinal de perigo.

Converse antes com a família e informe-a que vai a esse encontro, dando detalhes do local e da pessoa que se encontrará com você.

Antes do primeiro encontro, converse com a pessoa por meio de uma *webcam* com microfone. Assim, será mais fácil perceber se a pessoa está mentindo.

4.4 Evite tornar-se demasiado familiar muito rápido

Pessoas que buscam relacionamentos *on-line* ficam tão ansiosas para fazer conexões pessoais que acabam partilhando informações mais rápido que o habitual. Isso cria uma falsa sensação de uma conexão emocional. Quando nos tornamos familiar muito rápido, deixamos de enxergar aspectos importantes do comportamento da outra pessoa. Sem um contato pessoal, é mais fácil esconder hábitos pessoais inadvertida ou propositalmente.

4.5 Faça uma pesquisa sobre a outra pessoa

Antes de assumir um compromisso, procure fazer uma pesquisa sobre a outra pessoa nos *sites* de buscas ou sites de relacionamento como Facebook, Twitter, etc. Esse procedimento pode revelar muitas coisas sobre como essa pessoa é, quais são seus hábitos e preferências e até mesmo o que ela faz de sua vida.

Os *sites* de relacionamento podem ser uma opção válida para se encontrar alguém para namorar e casar, mas eles não substituem encontros em situações não virtuais. Mesmo

os sites criados especificamente para evangélicos não são totalmente seguros, pois não há critérios para o cadastro das pessoas. Os dados são baseados nas informações passadas pelo internauta e, como não existe um mecanismo padrão de checagem do status, pode não haver veracidade nas informações postadas ali.

O maior desafio para quem deseja encontrar alguém virtualmente é tentar saber o máximo possível da outra pessoa sem revelar muito de si.

CAPÍTULO

XXIV

ORIENTAÇÃO SOBRE AS BASES DE UM MATRIMÔNIO

Este capítulo tem por objetivo oferecer ao líder subsídios para o seu trabalho de aconselhamento para casais recém-casados, ou mesmo para preparação do curso de noivos. Iniciaremos falando sobre os propósitos de Deus para a família, destacando a formação da família, a base de sustentação do lar, o desempenho correto de papéis ou funções de cada cônjuge à luz da Bíblia, o estado financeiro do casal e a maneira como ambos organizarão as finanças.

Posteriormente, abordaremos sobre a decisão de ter filhos, considerando o momento em que o casal quer tê-los; a forma como lidarão com as famílias de cada um dos cônjuges; além de temas como costumes e tradições culturais ou familiares que terão em comum; como coordenarão o trabalho ou estudo que permite o desenvolvimento profissional e humano de cada cônjuge.

OS PROPÓSITOS DE DEUS PARA O CASAMENTO

O líder/conselheiro deve mostrar que a família foi estabelecida por Deus como a unidade básica da sociedade, pois toda família necessita de um dirigente. Foi atribuída ao marido a responsabilidade de ser a cabeça da esposa e da família. Sua chefia deve ser exercida com amor, mansidão e consideração pela esposa e filhos, incluindo a provisão para as necessidades espirituais e domésticas do lar, o amor, a proteção, a segurança pelo bem-estar de todos, da mesma maneira que Cristo cuida da Igreja. Lealdade e fidelidade são necessárias na vivência conjugal.

1 – CASAMENTO: UMA INSTITUIÇÃO DIVINA

1. A Criação do Homem e a Instituição da Família

O casamento é uma instituição divina. Foi a primeira instituição criada por Deus antes de o pecado vir ao mundo. O Senhor Deus criou o homem do pó da terra e soprou nas suas narinas e deu-lhe o fôlego da vida (Gn 2.7). A criação do homem e a instituição da família ocorreram no sexto dia da semana da criação. No sétimo dia, Deus descansou de toda obra que fizera: “[...] e eis que era muito bom” (Gn 1.31). Entretanto, em Gênesis 2.18, encontramos o primeiro “não é bom” na Bíblia: “*Não é bom que o homem esteja só*”. Deus, reconhecendo a necessidade do homem, fez para ele uma auxiliadora idônea que o completasse. Esta era semelhante a ele, ou seja, nem superior nem inferior. E foi assim que ocorreu o primeiro casamento, significando a unidade da raça humana: “*Portanto, deixará o varão o seu*

pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2.24).

1.1 O casamento é uma união indissolúvel

A Bíblia ensina que o casamento é uma aliança entre um homem e uma mulher para uma união indissolúvel. Portanto, é mais do que um contrato civil ou uma exigência social. Ele foi instituído para que os cônjuges tenham sempre o compromisso de serem fiéis reciprocamente, na saúde, na doença, na felicidade, na adversidade. São propósitos do casamento: comunhão, fraternidade, compartilhar sonhos, fidelidade mútua, fraternidade e reciprocidade.

Com o casamento, o homem “deixa” emocionalmente de ser filho para se tornar marido, e a mulher “deixa” emocionalmente de ser filha para se tornar esposa. Se não houver esse “abandono” emocional, haverá problemas no casamento, especialmente com relação aos sogros. Mas isso não significa que ambos deixarão de ter sentimento pelos pais.

Jaime Kemp (1994) diz:

> É triste a situação de não haver um bom relacionamento entre sogros e filhos. Mas, se há este “deixar” geográfico, financeiro e emocional de ambos os lados, há também a possibilidade de se construir um relacionamento profundo e amável. E quando não há a disposição de “deixar”, sempre há problemas. Os sogros existem para que possam

> ser uma bênção na vida dos filhos e netos. Por outro lado, os filhos e netos devem fazer tudo para que seus pais (e avós dos seus filhos) sejam felizes.

O plano original de Deus é que o homem e sua mulher deixem suas famílias e “unam-se” um com o outro “até que a morte os separe”. A palavra “une” significa “cimentar” no hebraico. Deus disse que os dois seriam ambos uma carne. Esse é um retrato da intimidade do casamento quando um homem e uma mulher casados expressam o seu amor mútuo e desfrutam dele através do ato sexual.

A separação e o divórcio não fazem parte do plano de Deus para o casamento. O relacionamento do casal conforme a Bíblia deve ser para sempre, até que a morte os separe.

Segundo o autor anteriormente citado:

> Foi isso que Jesus Cristo quis deixar claro em Mateus 19, quando alguns fariseus vieram a Ele e o experimentaram, perguntando: “É lícito o marido repudiar sua esposa por qualquer motivo?”. Naquela ocasião Jesus respondeu: “Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher?”. E depois Ele citou a passagem de Gênesis 2: – “Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne, de modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”.

Os fariseus não ficaram satisfeitos com a resposta, e perguntaram a Jesus: “Por que, então, Moisés mandou dar carta de divórcio e repudiar?”. Jesus respondeu:

– “Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres, entretanto, não foi assim desde o princípio”.

No plano de Deus a separação só deveria ocorrer através da morte. Deus permitiu o divórcio por causa da dureza dos corações do povo de Israel, mas este não era seu plano original e perfeito.

Não podemos simplesmente abandonar o cônjuge quando as coisas não estão indo bem. Devemos exercer a comunicação e o diálogo para resolver os problemas, orar juntos, ser pacientes e pedir a orientação divina. Tanto o homem quanto a mulher precisam admitir quando estão errados e pedir por perdão.

2. A Criação da mulher

Deus, então, criou a mulher:

> *Então, o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão* (Gn 2.21,22).

Observemos algumas questões em relação à criação da mulher:

a) Deus formou a mulher de uma parte tirada do homem. O Senhor poderia ter criado a mulher da mesma forma que criou o homem. Porém, retirou uma costela do homem para formá-la.

b) Deus queria deixar uma lição: a de que o homem e a mulher complementam-se. Entendemos, assim, que Deus não aceita o machismo ou o feminismo.

c) Deus não retirou uma parte da cabeça do homem para formar a mulher, para que esta não se achasse superior ao homem.

d) Deus não retirou uma parte dos pés ou membros inferiores para formar a mulher, para que o homem não a tratasse como uma escrava.

e) Deus retirou uma costela do homem, ao lado do seu coração, para que a mulher fosse amada; e bem abaixo do braço para que esta fosse protegida.

II – A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA

1. Conceitos de família

Visão Sociológica:

“Um grupo social caracterizado pela residência comum, pela cooperação econômica e pela reprodução” (Dicionário Houaiss).

Outros:

“Unidade de pessoas em interação, valores, crenças, conhecimentos e práticas, formando laços de interesse, solidariedade e reciprocidade, com especificidade e funcionamento próprios”.[52]

“Pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou, excepcionalmente, pela adoção.”

“A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado” (Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU – 1.948, art. XVI, “1” e “3”).

Unidade grupal na qual se desenvolvem três tipos de relações pessoais:

a) Aliança (casal) – Matrimônio. “*Serão dois numa só carne*” (1 Co 6.16).

b) Filiação (pais e filhos) – “*Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais [...]. E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor*” (Ef 6.1,4).

c) Consanguinidade (irmãos) – “*Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo*” (1 Jo 2.10).

Pertencemos a uma família – Em cada sociedade, uma pessoa normal pode chegar a pertencer a duas famílias nucleares:

1. A família de orientação – família onde o indivíduo nasceu. Este pode desempenhar o papel de filho e irmão.

2. A família de procriação – família que o indivíduo constituiu. Este pode desempenhar o papel de cônjuge e pai (mãe).

2. O início do casamento

O casamento inicia-se com o namoro. Namoro, aqui, é entendido como caminho para o matrimônio, e não como simples entretenimento — é algo muito belo, mas também muito sério, pois, além de envolver sentimentos, serve como a fase de preparação para o casamento. O período de namoro e noivado serve como base para construir o alicerce para um casamento feliz.

Nessa fase, devem ser trabalhados aspectos pertinentes ao relacionamento. A participação de cursos pré-matrimoniais e sessões de aconselhamento podem fazer uma grande diferença nessa fase de preparação.

Essas orientações devem ser dadas aos jovens pela igreja e pelos pais para que tenham um casamento feliz e vivido dentro dos padrões da Palavra de Deus.

III – MUDANÇAS NO NÚCLEO FAMILIAR

A família é a base de sustentação da sociedade, tanto do ponto de vista histórico-social quanto na ótica legal, como estabelece a Constituição Federal (1988): “*Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado*”.

Para o jurista Pinto Ferreira:

> “(...) é inconteste que, na sociedade contemporânea, e bem assim em todas as épocas, a influência decisiva da família, que parece de fato com grupo social fundamental ou primário, atuando profundamente sobre o comportamento humano pela atuação capital exercida na educação dos filhos e na perpetuação da herança cultural”.

Sem a família, a sociedade iria desfazer-se automaticamente. Talvez seja por isso que Satanás, de forma sistemática e constante, tem atacado a família, tentando desfazer os alicerces éticos, morais e espirituais sobre os quais ela está firmada. Seu intento é destruí-la.

Deus instituiu a família com a finalidade de proporcionar a felicidade ao homem, à mulher e aos filhos. O salmista descreve isso claramente no Salmo 128. Infelizmente, o propósito de Deus em relação à família vem sendo frustrado à medida que esta sofre as influências do mundo pós-moderno. São incontáveis os ardis satânicos que atingem a família causando danos irreparáveis.

1. O Modelo tradicional de família

Ao longo da história, a família sofreu fortes influências políticas, econômicas, sociais e culturais, que provocaram mudanças nos papéis e nas relações em seu interior, consequentemente alterando sua estrutura no que diz respeito à composição familiar.

Em período anterior à Revolução Industrial (séc. XVIII), o modelo predominantemente de família era patriarcal: uma

família caracteristicamente numerosa, que tinha o homem como o chefe, responsável pela provisão e decisões do lar, enquanto a mulher apenas se dedicava aos serviços domésticos e aos cuidados com os filhos, e estes davam prosseguimento à atividade laborativa artesanal exercida pelo pai. Esse modelo de família era caracterizado pelo padrão cristão de uma sociedade rural que transmitia informações aos filhos especificamente através dos pais e dos avós.

A sociedade, no entanto, passou por diversas transformações. Com o advento da Revolução Industrial, a produção realizada por máquinas provocou a desagregação do trabalho familiar, antes predominantemente trabalho artesanal, provocando uma desestruturação no que tange à diferenciação de papéis entre seus integrantes. A mulher, por exemplo, precisou sair de casa com a finalidade de trabalhar para complementar a renda da família.

O êxodo rural também contribuiu para a crise na família, uma vez que causou, entre outros fatores negativos, o inchaço das cidades, levando as famílias a viver em locais sem estrutura e, devido à deficiência dos serviços públicos urbanos intensificarem-se, entre outras consequências, intensificou-se também a marginalidade social, a delinquência, a mendicância e a prostituição.

Movimentos sociais tais como movimento "*hippie*", influenciado pela *Geração Baby Boomer*, também chamada a geração do pós-guerra e o movimento feminista, que defendiam, entre outros aspectos, as uniões livres, sob algumas circunstâncias, a possibilidade de extinguir-se o

casamento por motivos diversos que não apenas o divórcio e a igualdade entre homem e mulher com maior proteção desta, bem como a globalização, contribuíram radicalmente para mudanças que afetaram drasticamente o papel da família.

No final da década de 1960, por exemplo, houve um crescimento no número de separações e divórcios, a igualdade de direitos ganhou forças nas relações matrimoniais, as relações matrimoniais tornaram-se instáveis e insatisfatórias. Surgem, então, as diversas organizações familiares alternativas.

Um dos aspectos mais significativos nesse processo de mudanças foi o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Esta não só se tornou coadjuvante na administração e na provisão do lar, como também, aos poucos, começou a galgar a sua independência.

A independência financeira alcançada pela mulher levou algumas delas a abdicar do casamento, fazendo com que elas não aceitassem mais se sujeitar ao domínio do marido, separando-se e assumindo a posição de chefe do lar. Isso ocorreu a um custo elevado à medida que a mulher teve que se submeter a uma dupla jornada de trabalho, ausentando-se do lar durante o dia, deixando os filhos à mercê de terceiros com parentes ou em creches que variavam quanto à qualidade.

» A ausência da mulher em casa causou um impacto muito grande na formação e interação com os filhos, uma vez que estes foram submetidos à influência da mídia,

notadamente da Televisão, que está em quase todos os lares, e a Internet, que se populariza mais a cada dia.

» Sabe-se que a formação do caráter do indivíduo depende fundamentalmente do exemplo ou do modelo familiar que este recebe durante o seu desenvolvimento na infância. Se houver falhas, essa formação poderá ser seriamente comprometida. A ausência da mulher fez com que esta perdesse de vista os meios pelos quais os filhos estão sendo educados.

Estudiosos dizem que a *família é a base para a escola da vida*. Aos pais, cabe a missão de educá-los para serem bons seres humanos, prepará-los para a vida em sociedade até que adquiram independência pessoal, profissional e financeira.

2. Família pós-moderna

A família sofreu uma grande transformação sob o impacto da pós-modernidade. O modelo nuclear, patriarcal, formado por pai, mãe e filhos convivendo em um mesmo ambiente chamado lar não consegue mais ser o único modelo vigente. Aos poucos, ele vai cedendo espaço para novos modelos de formação familiar.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[53] do último censo de 2000 já confirmavam a mudança, na prática, do conceito de família: atualmente, 47% dos domicílios organizam-se de formas nas quais no mínimo um dos pais está ausente.

A cada dia, tem sido comum a existência de mães e pais divorciados ou solteiros que criam seus filhos sozinhos, bem como famílias que acolhem filhos de uma relação anterior e cria-os acompanhado por um novo cônjuge; filhos advindos das chamadas "*produções independentes*"; casamentos sucessivos e filhos de pais diferentes e outros tipos de casais ou pessoas solteiras que adotaram filhos.

> A hierarquia, a obediência e o formalismo que caracterizavam a família no passado deram lugar a uma relativa igualdade e respeito entre todos os integrantes. Mulher e filhos conquistaram espaço e direito a voz, que antes eram exclusivos dos homens. Estes, por sua vez, sentem-se menos obrigados a exercer o pesado papel do provedor. Tanto que, no Novo Código Civil, a expressão pátrio poder foi substituída por poder familiar, que pode ser exercido por ambos os sexos.[54]

Segundo a antropóloga Lia, da UnB:

> Antes a família era indissolúvel. Hoje, se os sentimentos individuais não são satisfeitos, as pessoas rompem o estatuto da família e vão viver de outras maneiras (...) o cenário atual valoriza também a preservação da intimidade. As pessoas só convivem com quem querem. A própria noção de parentesco está sendo revista.[55]

Para alguns autores não evangélicos, a família não está em crise, apenas passa por um redimensionamento. Ou, como diz o autor Roberto Senise Lisboa (2004, p. 38), “A família pós-moderna passa, destarte, por uma repersonalização das funções de seus membros”[56].

Como cristãos, entendemos que esses “novos formatos de família” tornam-se um desafio para muitas igrejas evangélicas, principalmente pela dificuldade que essas instituições têm de acompanhar e assimilar as mudanças ocorridas na sociedade. De forma crescente, essa cena tornou-se rotineira na maioria das igrejas.

A igreja, como uma instituição rígida, que outrora se mantinha, de certa forma, protegida, agora se expõe ao problema já não estando mais isenta nesse contexto.

Não podemos ficar alheios à situação, ou simplesmente usarmos um discurso legalista e fixista antepondo-nos a essa realidade. Precisamos entender que o conceito de família, na atualidade, vai além do grupo de pessoas formado por pai, mãe e filhos, vivendo legalmente sob o mesmo teto. Partindo desse princípio, devemos acolher e amparar não só a família tradicional, mas também os grupos familiares com características especiais.

Entretanto, devemos continuar defendendo o modelo bíblico de família, não aceitando, portanto, sua desestruturação. A família, alicerce da sociedade, deve ser preservada e fortalecida para que, em seu seio, haja a plenitude da formação física, moral, intelectual e espiritual

de nossas crianças e jovens, conforme os princípios estabelecidos na Bíblia.

IV – A BASE DE SUSTENTAÇÃO DO LAR

Já vimos que o cuidado com a família é a coisa mais importante depois de nossa relação com Deus. Quando a Sunamita foi ao encontro do profeta Eliseu, num momento crucial de sua vida, o profeta mandou-lhe perguntar: "[...] *Está tudo bem com você? Tudo bem com o seu marido? E com seu filho?*". Ela, apesar das circunstâncias da sua vida, respondeu: "Está tudo bem" (2 Rs 4.26 – Nova Versão Internacional). O que você responderia se estivesse em seu lugar?

Precisamos avaliar nossa casa começando por nós mesmos. Quando avaliamos a construção de uma casa, observamos, desde a fundação, colunas, paredes e sua cobertura. A casa deve ser protegida das setas que tentam atingi-las. As setas contra a casa surgem de direções opostas. Precisamos ficar atentos!

1. Aspectos indispensáveis para a construção do lar

Há, pelo menos, três aspectos que são indispensáveis para a construção de uma casa:

1. Quem a edifica – "*Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam*" (Sl 127.1).
2. Onde ela está edificada – "[...] *é como um homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha*" (Mt 7.24 –

NVI).

3. O material usado na construção: "*Se alguém constrói sobre esse alicerce usando ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha*, [...] *será revelada pelo fogo, que provará a qualidade da obra de cada um*" (1 Co 3.10-15 – NVI).

A Bíblia mostra que "*Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam*" (Sl 127.1). Somente Cristo Jesus, como o grande artífice do lar, poderá salvá-lo das intempéries do mundo. Um lar edificado por Cristo poderá enfrentar tempestades, ventos fortes, ondas bravias, mas ele não será abalado, (Mt 7.24,25). O Senhor irá protegê-lo e acolhê-lo: "*Pois toda a casa é construída por alguém, mas Deus é o edificador de tudo*" (Hb 3.4 – NVI).

Como sua casa está edificada?

Uma casa bem edificada torna-se resistente às intempéries da vida. Jesus ensinou:

> *Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram*

aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda (Mt 7.24-27).

No discurso de Jesus, observamos que a nossa casa sofre um terrível impacto. Primeiro, a chuva atinge o telhado; em seguida, a correnteza atinge o alicerce, e, por último, os ventos atingem as paredes. Uma casa edificada na Rocha — Cristo — torna-se inabalável.

Conselhos Práticos

- Procure avaliar seu lar. Observe quais os problemas que têm contribuído para desestruturar sua casa. Essa avaliação deve começar a partir do alicerce, estendendo-se às paredes e colunas até a cobertura da casa.

Você é capaz de perceber onde está o problema?

- Descubra como proteger sua casa. Veja quais os elementos que formam a base de sustentação do seu lar, o que representa as colunas e paredes e a importância destes na edificação da sua casa.

Observe também a importância das portas e telhados e como esses itens, quando bem instalados, proporcionam segurança a casa.

1. O alicerce do lar

Há, pelo menos, três aspectos que consideramos como a base de sustentação do lar: o desempenho correto de papéis, o bom gerenciamento e a espiritualidade do lar.

1.1 O Desempenho correto de papéis

Deus instituiu a família e estabeleceu princípios para o seu desenvolvimento. Cada integrante da família (marido, mulher e filhos) têm sua função bem definida na Palavra de Deus (Ef 5.22-33; 6.1-4). E quando os princípios do Criador não são aplicados, a família corre o risco de ser destruída. Tanto o homem quanto a mulher são iguais em Cristo; todavia, há diferença de papéis no lar, porque o marido, como o cabeça da família (1 Co 11.3; Ef 5.23), tem maior responsabilidade e autoridade na administração do lar.

1.2 O homem – Cabeça (Ef 5.22-33)

O homem recebeu a responsabilidade de administrar a casa. Ser cabeça não significa ser superior, mas, sim, ter maior responsabilidade. Como cabeça, ele é: pai, sacerdote da família, protetor, instrutor, guia e provedor (Gn 3.19; 1 Co 11.3).

Cabe ao homem a função de estruturar sua casa. Quando ele perde o autocontrole, acaba prejudicando toda a estrutura do lar. Juntamente com a sua esposa, ele deve instruir e ensinar os filhos a amar e a obedecer a Deus e também a guardar os ensinamentos das Sagradas Escrituras. Deus exige do homem maior responsabilidade, atribuindo-lhe o dever de cuidar do bem-estar espiritual,

mental e físico de sua família (Ef 6.4; 5.28-31,33; 1 Tm 5.8; 1 Pe 3.7).

1.3 A mulher – Corpo (Ef 5.22-33)

A mulher, conforme Gênesis 2.21-23, foi criada como uma adjutora, ou seja, ela foi dada ao homem como uma auxiliadora idônea para estar ao seu lado. Há um provérbio popular que diz: "*Ao lado de um grande homem está uma grande mulher*".

A mulher tem a responsabilidade de ensinar e instruir os filhos a seguirem os ensinamentos da Palavra de Deus.

Como auxiliadora do esposo, ela exerce o papel de gerenciadora do lar (Pv 31.10-31; Ef 5.22-24,33; 1 Ts 5.23; 1 Tm 5.4).

1.4 Os filhos – Frutos (Sl 128.3; Ef 6.1,2)

Os filhos são frutos da união dos pais e também considerados como rebentos; herança do Senhor (Sl 127.3; 128; Pv 17.6). Em Provérbios 1.8-9, está escrito: "*Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe. Porque serão diadema de graça para a tua cabeça e colares, para o teu pescoço*" (ARA).

Aos filhos, cabe exercer seu papel designado por Deus dentro da família, obedecendo, honrando e respeitando os pais, como ensina a Bíblia (Êx 20.12).

Obedecer é reconhecer a autoridade dos pais e submeter-se voluntariamente a eles, que têm maior capacidade, experiência e sabedoria para conduzir ou guiar os filhos.

Honrar pai e mãe significa:

- Respeitar e seguir as instruções de ambos, não importa se, para o filho, os pais “merecem” ou não, se eles são bons ou ruins, ou se são da maneira como os filhos gostariam que fossem;
- Ouvi-los atentamente mesmo que não concorde com suas atitudes;
- Ter o cuidado com as atitudes no trato com eles, quando quiserem expressar uma opinião, por exemplo, não gritar e nem lhes dirigir palavrões;
- Não menosprezá-los achando que já são mais modernos e capazes que eles;
- Não retrucar as ordens do pai ou da mãe com xingamentos e grosseria.
- Honrar porque é um mandamento divino e o primeiro mandamento com promessa para que tenha uma vida abençoada e longa na terra.

É dever dos filhos tratar os pais com estima e apreço pela função de serem seus genitores, um presente de Deus para suas vidas. Os filhos devem continuar valorizando, considerando, tendo estima pelos pais mesmo quando cheguem a ser adultos e já tenham constituído família e, quando seus pais estiverem idosos e não tiverem condições de se sustentarem, atendê-los nas suas necessidades.

2. A educação dos filhos

A função de educar os filhos confiada por Deus aos pais requer a compreensão daquilo que prega a Escritura: “*Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele* (Pv 22.6). Não basta apenas o conhecimento e a leitura de bons livros, mas também a prática das boas virtudes e do amor para com Deus e o próximo a fim de obtermos êxito na educação.

É preciso ensiná-los a honrar e obedecer aos pais, a ajudar nas tarefas caseiras, fazendo o que for possível para manter a harmonia dentro do lar.

As crianças devem aprender, desde cedo, a assumir responsabilidades, aceitar os limites (as orientações dos pais ou responsáveis) e colaborar para que se estabeleçam relações positivas entre os membros da família. Os pais, por sua vez, devem ensinar que a família de cada um é plano e promessa de Deus e também que Ele tem bênçãos maravilhosas para ela, basta somente que todos temam e obedeçam ao Senhor (Sl 128).

Deus entregou os filhos aos cuidados dos pais para serem instruídos, educados, disciplinados e orientados a servirem a Ele como verdadeiros cidadãos dos céus (Sl 144.12; Is 8.18), proclamando o seu Reino aqui na terra, e também serem membros úteis e de conduta exemplar na sociedade.

Muitos conflitos no lar estão relacionados ao desempenho incorreto de papéis. Quando assumimos corretamente nossa função e aceitamos a vontade de Deus em nossas vidas, contribuímos para o ajustamento de nossa família.

---

[52] SIMIONATO, Wischral Aparecida Marlene. Funções e Transformações da Família ao Longo da História., Raquel. Gusmão Oliveira. UEM.

[53]1Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais.pdf

[54] Fonte: Revista ÉPOCA de 29/dez/2003.

[55] Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/

[56]5 LISBOA, Roberto Senise. Manual de direito civil: direito de família e das sucessões. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004. v. 5.

CAPÍTULO

XXV

DEFENDENDO A FAMÍLIA DOS MALES DA PÓS-MODERNIDADE

Vivemos numa época de profundas mudanças em todos os segmentos da sociedade. O mundo atual vem passando por um momento de crise multidimensional, cujas facetas afetam vários aspectos da vida como: a saúde e a qualidade de vida, as relações sociais, a economia, a tecnologia e a política.

Em decorrência dessa crise e devido às mudanças culturais e de comportamento advindas da pós-modernidade, a família sofreu, nessas últimas décadas, sérios ataques que abalaram profundamente sua estrutura. Os ataques surgem de diferentes áreas como mídia (falada e escrita), Internet, escola, entre outras. Infelizmente, a verdade e os valores morais e espirituais vêm sendo substituídos pelo engano e o relativismo.

Como o cristão deve proceder frente a essa realidade? Quais são seus maiores desafios? Quais cuidados devem-se

ter para não se tornar vítima dessa situação? Essas e outras questões serão debatidas a seguir com o intuito de promover não só uma análise da situação, mas também, sobretudo, gerar um despertamento para lutarmos pela preservação da família. Embora exista uma orquestração diabólica para a destruição do lar, ainda existem aqueles que pagam o preço por sua restauração.

O líder/conselheiro deve alertar os pais, preparando-os para enfrentar esses desafios, mostrando meios de proteção do lar e como manter o casamento cada vez mais sólido.

1. ATAQUES À FAMÍLIA

Deus instituiu a família e estabeleceu princípios para o seu desenvolvimento. Cada integrante da família (marido, mulher e filhos) tem seu papel bem definido na Palavra de Deus (Ef 5.22-33; 6.1-4) e, quando os princípios do Criador não são aplicados, a família corre o risco de ser destruída. Satanás, de forma sistemática e constante, tem atacado a família. Seu intento é destruí-la e, por isso, a família tem sofrido sérios ataques. Especialistas mostram que as mudanças sociais pelas quais a família tem passado trouxeram consequências para a sua constituição. Vejamos alguns elementos que vem contribuindo para o desmoronamento da família:

1. A influência da mídia

A família vem sofrendo um terrível ataque à medida que se expõe à invasão e ao controle dos meios de comunicação, que, de uma forma indesejada, despejam um

verdadeiro lixo dentro de casa, poluem o ambiente e prejudicam o relacionamento familiar. Infelizmente, os filhos são massificados pela mídia e pelos seus programas nocivos que desvalorizam a família e vão de encontro aos valores morais e espirituais.

Entendemos por valores os princípios, leis ou normas que regem a vida cristã fundamentados na Palavra e no caráter de CRISTO.

Os programas veiculados diariamente na TV apresentam cenas de violência, sexo e erotismo exagerados, amplamente difundidos nas novelas, filmes e nos famosos "*reality shows*", programas de auditórios entre outros.

No Seminário Internacional Criança, Adolescente e Mídia, o estudo Kiddo´s – Latin America Kids Study[57], é mostrada a realidade brasileira de crianças e adolescentes como consumidores de mídia, numa pesquisa feita em 2003, com 1500 crianças de classe A, B e C residentes nos grandes centros do país.

O estudo apresenta dados preocupantes. Segundo a pesquisa, 59% das mães trabalham fora e têm, portanto, somente o período noturno para ficar com seus filhos. Somente 14% das crianças declaram brincar/jogar com os pais. A atividade que mais fazem juntos é ir ao *Shopping*.

Quanto aos meios de comunicação usados, 99% assistem TV, 87% ouvem rádio, 79% leem quadrinhos, e 34% usam Internet. Observou-se que o contexto em que a criança e o adolescente têm contato com os diferentes tipos de mídia é dentro de casa, uma grande parte do tempo sozinha ou com os irmãos e, à noite, na companhia dos pais. A televisão

continua sendo o principal veículo de entretenimento e interação da criança com o mundo.

Um fato preocupante apresentado nos resultados dessa pesquisa é sobre o tempo em que a criança fica na frente da “telinha”. Para termos ideia da gravidade da situação, constatou-se que 81% das crianças assistem TV durante duas ou mais horas por dia. Algumas delas chegam a ficar seis ou sete horas em frente a uma televisão. Isso não seria possível se não houvesse algo de subliminar no conteúdo exposto. Somente 21,9% dessas crianças têm algum tipo de TV por assinatura, o que as obriga assistir a programação de baixa qualidade oferecida nos canais abertos. E para agravar a situação, observou-se que 36,4% das crianças costumam assistir TV sozinhas. Mais de 50% até 11 anos assistem TV entre 18h e 21 horas. Quase 40% assistem até às 23h, horário em que ocorre uma forte exposição ao conteúdo televisivo adulto.

Os resultados mostraram que a criança assiste não somente a programação infantil, mas também toda a programação da televisão. Dos dez programas de maior audiência pelas crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos, oito são considerados para adultos e somente dois fazem parte da programação infanto-juvenil. Os programas mais assistidos são os *realities shows* como o *Big Brother*, a Fazenda, etc., filmes, novelas, programas humorísticos e programas de auditório.

De acordo com a pesquisa, na percepção dos pais, a exposição das crianças a uma grande parte da programação adulta da TV aberta e também a alguns dos programas

infanto-juvenis vem gerando consequências indesejáveis para a formação dessas crianças e jovens. Essa exposição leva a substituição do sonho infantil pela ilusão adulta, privam a criança do mundo do “faz-de-conta” e da pura fantasia ao apresentarem um mundo em que as pessoas e as situações são reais, mas alimentam ilusões de riqueza, sucesso e felicidade. Com isso, confundem as crianças e dificultam sua percepção do que é real e do que é imaginário.

Os pais também alegam a banalização do sexo, da violência e da própria linguagem. Eles criticam a forma como a mulher é retratada na TV, as cenas de sexo e a sensualidade usadas e abusadas em nome do humor; destacam a violência, o “mundo cão”, a exploração da desgraça e degradação humana, a banalização da linguagem, o uso incorreto do português e a pobreza do vocabulário; também mostram o desrespeito ao próximo, a negação de valores, a discriminação e o preconceito retratados na exposição de pessoas ao ridículo, na caracterização de papéis em função da raça, cor, etc., a falta de solidariedade, de honestidade, de humildade e a desestruturação dos conceitos de família e das relações afetivas, indo frontalmente contra tudo aquilo que os pais tentam passar para os filhos.

Os meios de comunicação são hoje os maiores divulgadores de valores antibíblicos e prejudiciais à vida espiritual. Satanás apoderou-se desses meios para enganar e iludir as pessoas, afastando-as de Deus.

As pessoas, em sua maioria, não se preocupam com o que a TV está oferecendo, querem apenas entretenimento e relaxamento. Assistem tudo ignorando o impacto que isso pode causar à vida cristã. Muitas vezes, a TV causa danos irreparáveis à vida espiritual.

2. A inversão de valores

Vivemos numa época de inversão de valores. A família, na pós-modernidade, vem perdendo a sua função como agente educador, tornando-se desarticulada. Até mesmo os papéis dentro da família estão indistintos, ou seja, nem os pais nem os filhos sabem os seus papéis; há uma inversão dos diretos e deveres.

Os filhos que recebiam as informações exclusivamente dos pais e avós agora absorvem os valores que são impostos pela sociedade.

A família recebeu a incumbência divina de educar os filhos. Cabe a ela solidificar os valores éticos e morais e ensinar sobre o valor das coisas espirituais. A perda da referência familiar está levando a sociedade a um caos total.

O ambiente social onde nos desenvolvemos e os fatores relacionados aos processos psicológicos como: os valores culturais, os valores morais e espirituais, atitudes, necessidades, estereótipos, tendências cognitivas, etc., são preponderantes para um desenvolvimento saudável.

Infelizmente, a sociedade passou a ditar as normas por meio da mídia, anulando os bons princípios estabelecidos pela família. A Televisão, a Internet e outros meios de

comunicação têm contribuído para mudanças nos padrões e valores socioculturais envolvidos na organização da vida social.

A mídia, com o discurso de retratar a realidade, induz o povo a práticas perniciosas, destruindo ainda mais a já fragilizada relação familiar. Ao mesmo tempo em que fala do perigo das drogas, ela enaltece cantores que morrem por overdose, mostrando-os como heróis. De uma forma muito sutil, esses meios de comunicação introjetam mensagens quase imperceptíveis que exercem uma grande influência no comportamento da família.

A sociedade já não valoriza os princípios morais e éticos tradicionais ou aqueles respaldados nos preceitos bíblicos; mas, de forma coercitiva, impõe uma nova filosofia de vida, desprovida de responsabilidade e pudor.

Conselhos práticos

Devemos agir com sabedoria, rejeitando valores contrários a vontade de Senhor. Devemos ensinar os bons princípios aos filhos sem, no entanto, estabelecer normas de condutas por imposição, buscando a cada dia mais conhecimento da Palavra de Deus e revestindo-nos das armaduras de Deus para resistirmos no dia mau e permanecermos firmes no Senhor (Ef 6.10,11,13).

> As virtudes cristãs concernentes à família estão sendo substituídas por valores anticristãos: filhos que não respeitam os pais; pais permissivos quanto à moralidade; e a substituição do culto

doméstico por entretenimentos perniciosos etc. (Wagner dos Santos Gaby. Lição 10 - *A Inversão dos Valores* – 2008, CPAD).

3. O relativismo das coisas

Dentre os ardis que atingiram a família, talvez o que causou um maior impacto tenha sido a propagação de conceitos filosóficos, principalmente com o advento do Iluminismo (séc. XVIII), que colocou a razão acima da moral cristã, que, como um vendaval, invadiu a sociedade promovendo mudanças radicais.

Outros conceitos surgiram como: o Humanismo, que destrona o Senhor Deus como autoridade absoluta e enaltece o homem; o materialismo crescente, que põe a abundância dos bens materiais como alvo principal da vida; e o relativismo, que nega os valores absolutos, tornando todas as coisas relativas. Essas filosofias têm impactado a sociedade e, consequentemente, a família cristã.

O impacto do secularismo e do indiferentismo religioso sobre a família, promovido por uma sociedade de consumo, dominada pelo hedonismo e pela ambição de poder vem gerando uma conduta social baseada no relativismo ético.

Além de permeada pela ideia dos simulacros e simulação — algo que se propõe real, ou substituto da realidade, não permitindo o discernimento entre realidade e ilusão —, a sociedade atual faz uma inversão de valores e estabelece um novo padrão de normalidade. O que era certo parece tornar-se errado, e o que era errado parece tornar-se certo.

Jovens, por exemplo, que admitem em um grupo de amigos que nunca tiveram um relacionamento sexual tornam-se alvo de zombaria e são hostilizados como uma “geração jurássica”, antiquada.

Essa onda de influências filosóficas que invade a sociedade como um *tsunami* é a grande tendência da atualidade e está implícita em documentos como o CDC — Convenção sobre os Direitos da Criança — documento adotado por unanimidade pela ONU em 20 de Novembro de 1989, que enuncia um amplo conjunto de direitos fundamentais — os direitos civis e políticos, e também os direitos econômicos, sociais e culturais — de todas as crianças, bem como as respectivas disposições para que sejam aplicados.

A Convenção da ONU dos Direitos da Criança impõe limitações rigorosas no direito de um pai ou mãe dirigir e treinar seus filhos. A CDC remove dos pais o direito de disciplinar fisicamente os filhos por rebelião e desobediência.

Em atendimento ao CDC, a Suécia e outros países oficialmente proíbem qualquer disciplina física, e pais “infratores” são tratados como criminosos, enquanto assassinos e estupradores menores de 18 anos não podem ser tratados como tais.

Cerca de 190 países ratificaram a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança. O Brasil criou em 1990 o ECA — Estatuto da Criança e do Adolescente —, espelhado nos interesses e imposições desse documento.

Diante dessa trágica realidade, constatamos que grande é nossa responsabilidade de mantermos as estacas e os mourões bem fincados, de ter sólido o alicerce sobre o qual se mantém firme a família.

II – O LAR E AS INFLUÊNCIAS MUNDANAS

Possivelmente, você já tenha passado por grandes desafios na sua vida; existem, no entanto, forças que transcendem nossos problemas cotidianos, que atuam de forma sorrateira, impelindo-nos ao pecado e à desobediência a Deus.

Veja como salvar seu lar da influência do mundanismo.

1. O mundanismo

A palavra “Mundo” tem vários significados na Bíblia:

- **Mundo cósmico** (Gn 1.1) – representa o universo ou toda a criação de Deus;
- **Mundo humano** (Jo 3.16) – representa a humanidade, o mundo que Deus amou;
- **Mundo material** (1 Jo 2.15) – representa os prazeres materiais da vida, o mundo que não devemos amar;
- **Mundo espiritual** (Ef 6.12; 1 Jo 2.16; 5.4,5) – representa as forças espirituais do mal (Satanás, anjos decaídos e demônios), o mundo invisível que precisamos vencer.

O termo mundanismo deriva-se mais precisamente da expressão “mundo material”, que está relacionado aos prazeres efêmeros desta vida. Assim sendo, uma pessoa torna-se mundana à medida que busca apenas os gozos materiais.

2. A influência do mundanismo

O mundo espiritual trabalha incessantemente influenciando o mundo humano através do mundo material. Os métodos usados pelo inimigo são quase imperceptíveis e são usados nas coisas que mais gostamos e admiramos.

Na sociedade moderna, vem ocorrendo uma aniquilação ou descaracterização cultural. A Televisão, a Internet e outros meios de comunicação contribuem para mudanças nos padrões e valores socioculturais envolvidos na organização da vida social.

Como já vimos, esses meios de comunicação vão introjetando mensagens que fatalmente não são percebidas, mas que influenciam de uma forma muito sutil. Há muitas propagandas e comerciais veiculados na mídia televisiva, que, sem percebermos, passam uma mensagem oculta, contrária aos valores éticos contidos na Bíblia, como, por exemplo, os que tentam apresentar a infidelidade, a “traição como algo normal na sociedade contemporânea.”

A indústria de entretenimento apresenta na televisão shows e filmes que promovem profanação, violência e sexo ilícito. Grupos musicais e cantores cantam músicas que estimulam o estupro, as drogas, os assassinatos, o suicídio e até mesmo temas satânicos.

2.1 Internet

A Internet também tem sido um instrumento perigosíssimo usado pelo reino das trevas. Infelizmente, não existem limites para o acesso a *sites* pornográficos ou games que propagam a violência.

É bem verdade que a Internet também tem suas vantagens. O mundo virtual é mais rápido, mais direto e imediato, pois ele globaliza o acesso as informações, facilita a comunicação, diminui distâncias entre pessoas que vivem longe, acelera a comunicação tanto no trabalho quanto no campo pessoal, gerando oportunidades de reencontros, produzindo menores gastos para os usuários e para as empresas.

Além disso, a Internet oferece uma grande variedade de meios de comunicação virtual, entre eles: *e-mail*, redes sociais, torpedos, *chats*, mensagens de texto, *blog* e tantos outros dispositivos de relacionamento virtual criados para facilitar e estimular esse tipo de interação social. Mas, se não tivermos cuidado e discernimento, seremos tragados de forma sorrateira, substituindo facilmente nossa linguagem, usos e costumes e, sobretudo, os valores cristãos pelos antivalores apresentados nas mídias. Há outras formas sutis usadas por Satanás para influenciar principalmente os jovens. Vejamos alguns exemplos:

2.2 A música

A música teve origem nos céus. A Bíblia fala de trombetas, harpistas e corais celestiais (Ap 14.2,3). É Deus que dá a inspiração para as grandes e belas canções que servem

para nosso enlevo espiritual. Porém, Satanás utiliza-se desse instrumento para atrair multidões. Não é por acaso que os campeões de vendas de CDs no Brasil são os grupos ou cantores que possuem dançarinos seminus que apresentam uma coreografia cheia de sensualidade e gestos obscenos, cujas músicas falam de sexo ou então usam termos pejorativos. Como cristãos, não devemos aceitar essas coisas, pois as tais ofendem a santidade de Deus.

2.3 Astros e estrelas do cinema e da televisão

No decorrer de nossas vidas, conhecemos inúmeras pessoas a quem admiramos e que, por muitas vezes, procuramos imitá-las. Segundo os especialistas, na imitação, a criança e o adolescente vivenciam novas emoções e buscam novas experiências. Porém, mesmo estando ainda em fase de desenvolvimento e de formação da própria identidade, isso não afeta a personalidade, já que, à medida que crescem, a imitação torna-se menos evidente.

Entretanto, entendemos que a imitação torna-se perigosa quando se cria uma realidade ilusória e a pessoa passa a querer viver de acordo com o que está na indústria cultural, que cria os "*semideuses*" explorados amplamente na publicidade. São "astros" criados nas telas do cinema e da TV — a chamada fábrica de ilusões —, no mundo do esporte e da música.

Às vezes, colecionamos pôsteres ou revistas que falam dessas pessoas. Entretanto, dificilmente percebemos que estamos imitando comportamentos estranhos e até bizarros de pessoas ímpias, promíscuas, que blasfemam de Deus e de sua Palavra.

Infelizmente, a mídia enaltece essas pessoas, levando alguns jovens a acreditar que elas são realmente “estrelas”. Há muitos que desejam alcançar o sucesso dessas pessoas, mas tudo não passa de um mito ou de uma representação. A vida de muitas dessas pessoas, nos bastidores, é de infelicidade, solidão, tristezas e angústias. Cristo, porém, apresenta-se a você como o Grande Herói, invisível, mas real, verdadeiro e puro, bem diferente daqueles que aparecem nos palcos, nas telas do cinema ou da televisão.

Conselhos práticos

Devemos ter cuidado da sutileza do inimigo para não sermos influenciados. Hoje, é comum o uso de gírias, palavrões (palavras torpes ou obscenas) e expressões pejorativas nos meios de comunicação. Essas expressões estão presentes nas músicas, nos desenhos animados, nos filmes, nas novelas, nos programas de “humor” e, principalmente, na linguagem utilizada por alguns apresentadores de programas de Televisão.

Precisamos ter cuidado para não aceitarmos isso como algo normal (Rm 12.2). Lembre-se de que você é cristão e faz parte do Reino de Deus, onde esse tipo de linguagem não é utilizada (Ef 4.29).

A sensualidade e o culto ao corpo

A mídia incentiva as pessoas a trajarem-se de forma sensual. A sensualidade tornou-se algo enfático no momento.

A ditadura da beleza difundida amplamente na mídia leva muitos a tentarem de todas as formas alcançarem um corpo perfeito.

Há muitas pessoas que comprometem sua renda, gastam todo o seu salário com produtos de beleza, academias, salões de beleza, cirurgias plásticas, tratamentos em clínicas de estéticas, *spas*, etc., ou seja, buscam inúmeras alternativas para alcançar um "modelo padrão". Porém, muitos se frustram e se deprimem ao perceberem que isso não é possível. Por trás desse apelo midiático, existe a "indústria da beleza", que fatura pesado e enriquece cada vez mais.

Conselhos práticos

Não é errado cuidar da aparência, da autoimagem e do corpo, fazer exercícios ou frequentar uma academia, desde que isso seja feito para se ter uma boa saúde e um bem-estar físico e emocional.

O apóstolo João, ao escrever a Gaio, diz: "*Amado, oro para que você tenha boa saúde e tudo lhe corra bem, assim como vai bem a sua alma*" (3 Jo 2 – NVI). O exagero é prejudicial e pode causar danos físicos e psíquicos.

3. O cristão e o mundo

Há duas coisas básicas que a Bíblia alerta em relação ao mundo:

Primeiro: "*Não ameis o mundo*" (1 Jo 2.15);

Segundo: "*Não vos conformeis com este mundo*" (Rm 12.2). Descubra as razões por que não devemos amar ou nos conformar com este mundo.

A expressão "mundo" aqui se refere aos prazeres materiais desta vida. Foram as glórias deste mundo que Satanás ofereceu a Cristo durante a tentação (Mt 4.8,9).

A Bíblia mostra as razões por que não devemos amar o mundo.

Primeiro: Quem se torna amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus: "[...] *não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus*" (Tg 4.4). "[...] Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele" (1 Jo 2.15b).

Segundo: Nada do que está no mundo vem de Deus: "*Porque tudo o que há no mundo* (mundo material), *a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo* (mundo espiritual)" (1 Jo 2.16 – inserções nossas).

Terceiro: O mundo é passageiro: "E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre" (1 Jo 2.17).

A Bíblia também mostra que não devemos ficar conformados com este mundo. Conformar-se é adotar para si uma forma de vida semelhante às pessoas que vivem distanciadas de Deus. Há diferença entre a pessoa que serve a Deus e a que não o serve (Ml 3.18; Rm 12.2). Portanto, saiba que você pode vencer o mundo. O mundo é um inimigo que pode ser vencido quando usamos nossa fé (1 Jo 5.4).

III – OS CUIDADOS QUE O CRISTÃO DEVE TER

Quando o Senhor Deus instituiu a família, Ele visou dar ao homem a oportunidade de ele desfrutar do prazer e da felicidade ao lado da sua esposa e filhos. Vimos, no entanto, que as mudanças socioculturais fizeram o homem desviar-se dos desígnios de Deus para com a família. Apesar de tudo, ainda há esperança.

Vejamos alguns cuidados básicos necessários que podem fazer a diferença.

1. Deixar Cristo ser Senhor absoluto do lar

Um lar bem estruturado glorifica a Deus. Mas, para se ter um lar feliz e bem estruturado, é necessário que Cristo seja o Senhor absoluto desse lar. Quando Cristo é o Senhor de nossa casa, significa que Ele ocupa o primeiro lugar em tudo e que nada é mais importante que Ele (Mc 12.30). Por isso, precisamos ter total controle sobre o que assistimos na TV e o que acessamos na Internet, não deixando que as coisas que ofendem a santidade de Deus entrem em nossas casas.

Segundo a Bíblia, não pode haver comunhão entre a luz e as trevas e não há harmonia entre Cristo e Belial (2 Co 6.14,15). Se Cristo é o Senhor de nossas vidas, então não podemos dividi-Lo com nada deste mundo.

2. Manter a Palavra de Deus como regra de fé e prática

Uma das grandes necessidades do cristão na atualidade é manter as Escrituras como base da autoridade e estudá-la sistematicamente para compreender os desígnios de Deus. É nas Escrituras que encontramos as respostas de que precisamos para obter uma vida cristã sadia. A Palavra de Deus precisa ser usada como regra de fé e prática.

3. Não aceitar o padrão de normalidade estabelecido pela sociedade

Devemos estabelecer sempre a Palavra de Deus como o único meio de orientação seguro para as nossas vidas, sem deixar a mídia exercer controle sobre nós, nem sobre nosso lar. Precisamos fazer a diferença entre o que é comum e o que é normal.

Nem tudo o que é comum é normal. O padrão de normalidade estabelecido pela sociedade não serve para um cristão. Como filhos de Deus, não devemos aceitar o padrão estabelecido pela mídia. Nós fomos chamados por Deus para fazer a diferença (Ml 3.18).

4. Ensinar valores morais e espirituais aos filhos

Os pais cristãos têm consciência da responsabilidade que possuem no desenvolvimento dos valores morais e espirituais dos filhos. A questão é: como fazer isso de forma adequada? A maneira mais eficaz de ensinar valores aos filhos é usando a Palavra de Deus como recurso. A Bíblia deve ser usada como um manual pleno de instrução e formação de valores.

O apóstolo Paulo afirma: "*Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra*" (2 Tm 3.16,17 – NVI).

5. Realizar sempre o culto doméstico

O culto doméstico é um excelente caminho para a estabilidade do lar. Quando a Palavra de Deus é ensinada, Cristo assume a supremacia no lar, e a família alcança as bênçãos espirituais.

O culto doméstico ainda é a alternativa mais viável para a formação dos valores morais e espirituais. Deus, através da sua Palavra, encoraja-nos a usar a correção de forma adequada, ensinando nossos filhos para que seu comportamento infantil não se torne seriamente antissocial e destrutivo. De acordo com o livro de Provérbios, se ensinarmos aos nossos filhos os caminhos do Senhor, mesmo quando eles envelhecerem, não se desviarão (Pv 22.6).

6. Dedicar tempo para a família

A falta de tempo e do diálogo familiar talvez seja um dos problemas mais frequentes nos lares cristãos que tem causado um grande estrago em muitas famílias.

Os maiores vilões desse problema têm sido a ausência dos pais, quer seja pelo trabalho ou atividades da igreja e o tempo gasto na frente da TV e do computador.

O cuidado com a família é o que há de mais importante depois do nosso relacionamento com Deus (1 Tm 5.8). O apóstolo Paulo indaga: "*Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus*?" (1 Tm 3.5). Há pessoas que se dedicam tanto às atividades da igreja que se esquecem de cuidar da sua própria casa. Levar os filhos à igreja não é o suficiente, mesmo quando o pai é o pastor. Os valores também devem ser ensinados e praticados dentro de casa.

7. Ser um exemplo em casa

O lar é a primeira escola responsável pela formação do ser humano e a construção de sua cidadania. A família é uma espécie de laboratório da vida onde são desenvolvidas as mais variadas experiências que poderão ajudar ou dificultar a relação do indivíduo com o mundo.

A falta de uma educação adequada compromete o desenvolvimento pleno do ser humano.

A forma de ensino mais eficaz é o exemplo de vida dos pais. Os filhos tendem a imitar as realizações e as qualidades dos pais; assim sendo, provar um modelo consistente é importante na educação dos filhos.

[57] KIDDO´S Study – Maior pesquisa de hábitos comportamentais, realizada anualmente com crianças na Argentina, Chile, México e Brasil. Aqui, a pesquisa é conduzida pela MultiFocus Pesquisa de Mercado, parceira do MIDIATIVA.

CAPÍTULO

XXVI

ORIENTAÇÃO AOS PAIS SOBRE A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

O líder precisa ajudar os pais na criação de seus filhos para que eles cresçam saudáveis, obedientes e permaneçam na igreja. Muitos pais estão completamente perdidos em relação à educação dos seus filhos, não sabendo estabelecer limites. Se os pais não mostrarem as fronteiras entre o certo e o errado para o seu filho durante a infância, ele poderá tornar-se instável e inseguro na vida adulta. Há uma tendência de culpá-los ao perceber que não lhe deram estrutura, tornando-o menos protegido para a vida.

Frente a essa realidade, apresentamos uma discussão sobre a formação de valores morais e espirituais, mostrando como estes podem ser formados no lar, com a atuação dos pais, no desenvolvimento da espiritualidade do lar.

O LAR E A FORMAÇÃO DE VALORES MORAIS E ESPIRITUAIS

A base para a formação de um lar cristão sólido está na formação dos valores morais e espirituais. Quando existem falhas nessa área, compromete-se seriamente a estrutura do lar e a formação dos filhos.

A criança nasce desprovida de juízo moral. O recém-nascido possui apenas uns poucos instintos: sugar, respirar, engolir, gritar, etc. Pouco a pouco, ela começa a aprender a distinguir o que é certo e errado, o que é bom ou ruim, e os pais têm um papel fundamental nesse processo.

1 – QUE SÃO VALORES CRISTÃOS

São princípios, leis ou normas que regem a vida cristã fundamentados na Palavra e no caráter de Cristo. Os valores são mais do que um conjunto de hábitos e rituais desprovidos de sentidos. São, na verdade, o estabelecimento de princípios do certo e do errado, ou a formação de um juízo moral.

As questões relacionadas com os valores, especialmente os valores morais e éticos, são tão antigas quanto o próprio homem. Em cada era da história humana, leis, regras, códigos de ética e outras evidências de preocupação com o comportamento moral têm sido debatidos, discutidos e transmitidos de geração em geração por meio do trabalho oral.

1. Por que é importante a formação dos valores?

Deus, ao criar o homem, estabeleceu uma norma de conduta que o aprova ou o condena. Concedeu-lhe uma

natureza moral chamada consciência. Através dela, o homem distingue o certo e o errado, não pela influência do conhecimento acumulado na mente, senão por um julgamento espontâneo e direto. Os valores formados na infância são determinantes na formação do caráter e na definição do indivíduo no meio social em que ele vive. Os valores ajudarão os filhos a trilharem pelos caminhos do Senhor e a fazerem escolhas certas.

A criança nasce desprovida de juízo moral. O recém-nascido possui apenas uns poucos instintos: sugar, respirar, engolir, gritar, etc. Durante o primeiro ano e meio de vida, a criança passa a viver numa completa dependência da mãe. O seu universo é autocentrado, e o mais importante é o seu próprio eu. A partir do segundo ano de vida, a criança começa a sair do seu estado de dependência para cumprir deveres.

A mãe começa a fazer as primeiras cobranças: "*você deve escovar os dentinhos*", "você não pode mexer na mesa de centro", etc., iniciando a formação dos conceitos do certo e do errado. Pouco a pouco, ela começa a aprender a distinguir o que é certo e errado, o que é bom ou ruim.

2. O estabelecimento de valores

É importante que se compreenda o lugar do lar no desenvolvimento dos valores, que valores devem ser ensinados e de que forma isso pode ser feito no nível prático.

Os valores serão desenvolvidos por meio de um relacionamento entre o que passa a ser determinado no lar,

no ambiente em que a criança vive, e a descoberta a respeito de si mesma como pessoa. A partir daí, não são mais os instintos que controlarão a criança, mas, sim, o comportamento aprendido por intermédio de outras pessoas. Quando o lar não é cristão, a pessoa possivelmente aprende alguns princípios fora da vontade de Deus.

O Senhor deu aos pais a responsabilidade no desenvolvimento dos valores morais e espirituais dos filhos. A obediência é um princípio básico para os filhos que querem ser abençoados por Deus: "*Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo*" (Ef 6.1).

Ensinar valores não é criar na criança um conjunto de hábitos mecânicos, nem criar cercas ou barreiras de proteção omitindo-lhe a realidade, mas é levar a criança a descobrir os conceitos do certo e do errado, ajudando-a a construir sua própria estrutura de juízo moral e a formar Deus em sua mente.

Os pais têm um papel a desempenhar na formação dos valores, dissipando dúvidas dos filhos em relação aos outros, com a igreja e com Deus e reduzindo também o desespero existencial que tantas vezes surge antes do término dos anos adolescentes.

2.1 Como ajudar na formação dos valores morais e espirituais dos filhos

- Discutam problemas morais com a finalidade de aumentar a consciência da vida moral e das decisões éticas.
- Participem do aperfeiçoamento da justiça no lar e na família. Para realizar isso, cada pessoa necessita ter um sentimento de envolvimento no processo decisório da família.
- Leiam juntos e conversem sobre as histórias bíblicas, a fim de se familiarizarem com os ensinos morais e espirituais fundamentados na autoridade.
- Conversem a respeito de suas experiências e do desenvolvimento pessoal, com ênfase especial nas questões relacionadas aos porquês.

2.2 Há alguns empecilhos na formação dos valores. Vejamos alguns deles:

- **Divergência entre os pais** – Os pais precisam conversar e concordar entre si acerca dos pontos que serão cobrados em relação à disciplina. A divergência gera dúvida e ansiedade. Exemplo: se um colocar o filho de castigo, o outro não deve tirar, a não ser que haja concordância entre ambos.
- **Ensinamento e procedimento diferentes** – Os pais são modelos para os filhos. Seu comportamento e suas atitudes têm, às vezes, uma influência maior do que as suas palavras. Nao adianta cobrar coisas que você mesmo não faz.

- **Promessas não cumpridas** – Os pais não devem prometer coisas aos filhos sabendo que não poderão cumprir. Se eles fazem ameaças ou prometem gratificá-los e não cumprem, os filhos ficam ressentidos e passam a desacreditar em seus pais.
- **Transmissão de uma imagem negativa da igreja** – Os pais devem ter cuidado com os comentários de fatos que acontecem dentro da igreja. Se afirmarmos frequentemente em casa que o ambiente da igreja não é bom ou que os crentes não têm amor, quando os filhos crescerem, não irão permanecer num ambiente que para eles não é saudável. Devemos trabalhar com os filhos que a Igreja é santa e imaculada, embora existam nela pessoas que cometem erros.

3. A reorganização dos valores

Os valores formados durante a infância passam a fazer parte da personalidade do indivíduo. Na adolescência, porém, passamos por um processo de reorganização desses valores. Muitos conceitos, atitudes e práticas de natureza moral e religiosa passam a ser questionados. Sentimo-nos cobrados, incompreendidos e achamos que nossos pais estão ultrapassados.

4. O valor da Palavra de Deus na formação dos valores

É fundamental nessa fase de educação dos filhos (principalmente dos adolescentes) os pais buscarem familiarizar-se com a Bíblia, a Palavra de Deus, que é um manual prático de ensinos morais e espirituais. “*Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça*” (2 Tm 3.16).

5. A mudança nos valores

Muitas vezes, precisamos mudar alguns conceitos errados que aprendemos, principalmente se não fomos criados no lar cristão. Os valores podem mudar ou ser mudados, ainda que não se trate de uma tarefa fácil, uma vez que já estão arraigados à personalidade. Contudo, a mudança pode ocorrer como resultado de uma nova experiência. Experimente uma nova vida em Cristo: “*Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo*” (2 Co 5.17).

A transformação começa pela mente. A mente é a parte intelectual do homem. Dela procedem coisas boas ou más (Mt 15.19; Pv 4.23). A mente humana não funciona como um computador, que, quando não queremos mais algo, simplesmente selecionamos e apagamos (deletamos) ou jogamos na lixeira. Na verdade, nem sempre nos desvencilhamos de pensamentos maus e pecaminosos; entretanto, podemos renovar nossa mente todos os dias por intermédio da Palavra de Deus.

A renovação da mente dá-se através de um processo de substituição das coisas ruins e prejudiciais pelas coisas boas

e agradáveis. Se você colocar, por exemplo, um copo com leite debaixo de uma torneira aberta, observará inicialmente que o copo transbordará; em seguida, após alguns instantes, não haverá mais leite, e sim água no copo. Veja que o leite será substituído pela água mesmo não sendo necessário derramá-lo. Assim, se você diariamente procurar implantar a Palavra de Deus na sua mente e no seu coração, com certeza alcançará uma mente renovada; as coisas ruins e desagradáveis sairão e darão lugar às coisas boas de Deus (Fp 4.8)

Uma mente renovada é sinônimo de uma vida transformada. O apóstolo Paulo afirma que, quando experimentamos essa transformação, conhecemos a vontade de Deus, que é boa, agradável e perfeita para Ele (Rm 12.2).

6. Quando devemos começar a formar valores?

Alguns pais não sabem quando devem exatamente começar a ensinar valores. Uns esperam a época de a criança ir à escola por achar que esse seja o momento em que ela começa a aprender. Outros esperam a criança aprender a ler, pois acreditam que só assim ela será capaz de assimilar o que está sendo ensinado. Outros, porém, esperam a criança completar sete anos de idade (idade da razão), fase em que ela será capaz de distinguir o que é certo e o que é errado. Entretanto, os que assim pensam perdem a fase mais importante da vida da criança — a fase

entre 0 a 7 anos — época em que sua personalidade é formada.

O ensino bíblico deve ser iniciado imediatamente após o nascimento do filho. Há quem questione isso por argumentar que, ao nascer, a criança não tem sua visão e audição totalmente desenvolvidas. Ela responde apenas a alguns estímulos. Porém, apesar de a criança ainda não conseguir assimilar o que está sendo passado, ela, no entanto, começa a ficar acostumada com sons e imagens repetidas com frequência. Não é por acaso que uma das primeiras palavras que ela aprende a balbuciar é *mamãe*.

O êxito do trabalho dos pais na formação de valores depende de como e quando esses valores são passados. Vejamos algumas sugestões de como devemos agir:

- 0 a 2 anos – Segundo a psicanálise, nessa fase, a amamentação é o momento mais gratificante para a criança.

Por isso, ela estará mais acesssível para aprender. A mãe deve aproveitar essa hora para cantar corinhos que falam sobre adoração e louvor a Deus.

Músicas como "*Boi da cara preta, pega essa criança que tem medo de careta*" podem implementar medo no coração da criança. Porém, os cânticos espirituais promovem paz e hamonia interior. Mensagens e versículos curtos também fazem um efeito extraordinário. Enquanto amamenta, a mãe pode acariciar a criança dizendo, por exemplo, "*Jesus te ama*"; "*crê no Senhor Jesus e serás salvo*"; "*você é especia*l". Isso não só ajuda na formação dos valores como

também contribui para a formação da autoestima da criança.

- 2 a 4 anos – Para a Psicanálise, a criança nessa fase está aprendendo a controlar as fezes. A retenção e excreção das fezes passa a ser algo prazeroso para ela. Similarmente, brincar com massas e com tintas, amassar barro ou argila, comer coisas cremosas, sujar-se, mexer com água, tomar banho, são os objetos do prazer nessa etapa. Os pais devem aproveitar esses momentos para introjetar a Palavra de Deus na mente e no coração da criança. Enquanto brincam com ela, devem levá-la a repetir pequenos versículos e cantar corinhos que falam sobre adoração e louvor a Deus.

A repetição fará a criança assimilar mais facilmente os valores que estão sendo ensinados. O escritor da carta aos Hebreus mostra como o Senhor implanta a sua Palavra em nossas mentes: "*Porei as minhas leis em seu coração e as escreverei em sua mente*" (Hb 10.16 – NVI).

- **4 a 6 anos** – Essa é a idade da pré-escola. É também a fase dos porquês e da descoberta da sexualidade. É comum a criança nessa idade mexer frequentemente e exibir os seus órgãos genitais. Os pais precisam ter bastante cuidado e sabedoria para não traumatizar a criança, nem gerar ansiedade, medo, vergonha ou nojo do sexo, mas, sim, orientá-la e responder com simplicidade às

perguntas de seus filhos. A criança apenas quer saber das coisas. Se ignorarmos suas perguntas, ela descobrirá as respostas talvez de uma forma errada, por intermédio de outras pessoas. Nessa fase, a criança gosta de desenhos e ilustrações. Por isso, os pais devem adquirir uma Bíblia ilustrada para lhes contar as histórias sagradas.

- **6 a 8 anos** – Essa é a idade escolar, também conhecida como a idade da razão. Nessa fase, a criança começa a distinguir entre o certo e o errado. Os valores morais passam a ter um maior significado. Os pais devem incentivar a criança a ler a Bíblia. A Bíblia ilustrada será mais atrativa.

- **A partir dos 8 anos** – A partir dessa fase, a criança que foi estimulada nas outras fases ouvindo a Palavra de Deus, recebendo valores morais e espirituais, começará a executar o que aprendeu. Os pais devem reforçar o ensino por intermédio de tarefas bíblicas e incentivá-la à participação ativa na Escola Bíblica Dominical e nos cultos da igreja.

A educação e a formação de valores exigem tempo e dedicação dos pais. Se não despendermos tempo com nossos filhos hoje, ensinando-lhes o caminho que eles devem seguir, poderemos, no futuro, vê-los trilhando caminhos tortuosos.

II – O ENSINO BÍBLICO NO LAR

A família vem perdendo a sua função principal na educação dos filhos. Infelizmente, nos dias atuais, a sociedade passou a ditar as normas, anulando os bons princípios estabelecidos pela família. O papel mediador na função socializadora da família sofreu uma alteração radical.

Os filhos, principalmente os adolescentes, que recebiam da família a herança cultural e social, passaram a assumir o papel intermediário, absorvendo diretamente da sociedade toda influência comportamental quanto à linguagem, usos, costumes, valores, crenças, etc., alterando a estrutura familiar, embora alguns digam que a geração atual de adolescentes vem recebendo dos pais uma educação muito mais conservadora do que estes receberam dos avós.

Com isso, observa-se uma desorientação dos pais na maneira de educar os filhos, pois muitos não sabem dosar a liberdade que tanto se lutou para conquistar, tendendo, assim, a entrar na onda do "*é proibido proibir*", ou então ficam confusos na hora de impor limites necessários à educação dos filhos.

Especialistas dizem que é importante saber a hora de dizer *NÃO* aos filhos e equilibrar os desejos destes com aquilo que se pode permitir. Entretanto, há que se entender que, no processo de crescimento dos filhos, eles passam a ter uma *autonomia natural*. Por isso, nesse momento, os pais devem não apenas procurar entender o quanto devem acompanhar os filhos, deixando-os um pouco livre para que aprendam a defender-se, enfrentar as dificuldades e criar soluções próprias para seus problemas.

Em meio a essa desordem, percebe-se que a sociedade já não valoriza mais os princípios morais e éticos, mas, de forma coercitiva, impõe uma nova filosofia de vida, desprovida de responsabilidade e pudor. Já é o bastante ligarmos um aparelho de televisão durante alguns minutos em qualquer horário do dia para nos depararmos com cenas de violência, promiscuidade, palavrões, gestos obscenos, etc. É uma situação vergonhosa! Lamentavelmente, muitos educadores encaram essa situação como sendo algo normal.

Como o adolescente está num processo de identificação, torna-se mais suscetível e absorve com mais facilidade esses valores, sem, contudo, distingui-los.

Conselhos práticos

Os pais, no entanto, não devem desistir de ensinar os bons princípios aos filhos. Porém, não adianta estabelecer normas de condutas por imposição, principalmente quando se trata do adolescente. O ensino deve ser aplicado com paciência e amor. Também não adianta apenas falar; deve-se, da mesma forma, ser exemplo para os filhos.

Faz-se necessário dialogar com os filhos sobre os vários assuntos que fazem parte do cotidiano deles como sexo, drogas, etc. Falar de certos assuntos com os filhos, apesar de não ser fácil, não é uma missão impossível.

Para muitos pais, é um tanto embaraçoso falar sobre sexualidade com os filhos; na atualidade, porém, os filhos prematuramente já têm um contato com questões sobre sexualidade, drogas e violência, entre outras. Cabe aos pais

instruírem os filhos usando as ferramentas apresentadas na Palavra de Deus para lidarem com essas questões.

É bem verdade que os pais devem estar informados sobre determinados assuntos embaraçosos do cotidiano dos filhos, só que para falar sobre esses assuntos “complicados”, não é necessário preparar nenhum longo sermão. Basta aproveitar os momentos em que os filhos fazem algum questionamento, ou então ter coragem e sabedoria para abordar o assunto com eles em determinados momentos. Da mesma forma, ainda que os pais estejam inseguros, eles não precisam ficar bravos ou envergonhados quando os filhos fizerem determinados questionamentos embaraçosos.

Seja sincero, aja com tranquilidade e responda, na medida do possível, usando uma linguagem simples e apropriada a cada idade, o que você sabe sobre o assunto. E admita também quando não souber e que procurará por informações para responder.

Segundo os especialistas, quando os pais conversam com os filhos sobre determinados assuntos “constrangedores”, acabam ficando mais próximos destes, o que facilita a proteção dos mesmos das informações erradas, das influências das más companhias, bem como das pressões negativas que o mundo pode fazer.

É importante que os pais procurem ser um exemplo daquilo que está sendo ensinado.

1. O lar – a primeira escola

O lar é a primeira escola responsável pela formação do ser humano e a construção de sua cidadania. A família é uma

espécie de laboratório da vida onde são desenvolvidas as mais variadas experiências que poderão ajudar ou dificultar a relação do indivíduo com o mundo. A falta de uma educação adequada compromete o desenvolvimento pleno do ser humano.

Os pais cristãos têm consciência da responsabilidade que eles possuem no desenvolvimento dos valores morais e espirituais dos filhos. A questão é: como fazer isso de forma adequada? A maneira mais eficaz de ensinar valores aos filhos é usando a Palavra de Deus como recurso.

A Bíblia deve ser usada como um manual pleno de instrução e formação de valores. O apóstolo Paulo afirma: "*Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra*" (2 Tm 3.16,17).

Outra forma de ensino é o exemplo de vida dos pais. Os filhos tendem a imitar as realizações e qualidades dos pais, por isso provar um modelo consistente é importante na educação dos filhos.

2. O papel da EBD na formação de valores

A EBD tem um papel preponderante nesse atual contexto. Ela não substitui a família, mas torna-se uma extensão do lar à medida que proporciona o ensino da Palavra de Deus de forma sistematizada para todas as faixas-etárias.

A EBD tem uma tríplice missão: 1) Ganhar almas para Jesus; 2) Desenvolver a espiritualidade e o caráter cristão e 3) Treinar o cristão para o serviço do mestre.

Para que esses objetivos sejam alcançados, é necessária uma ação pastoral.

2.1 A ação pastoral

O ministro deve:

- Ter consciência de que crianças e adolescentes, como membros de uma família, precisam ser assistidos pela igreja, visto que a missão primordial da igreja é alcançar e edificar a família pela Palavra de Deus. Por isso, deve ser proporcionado um espaço para eles na igreja, a fim de que possam ser ganhos para Cristo.
- Prover recursos para a realização de trabalhos voltados para os departamentos infantis e de adolescentes. Conhecer a realidade de vida das crianças e adolescentes neste atual contexto de mundo globalizado.
- Reconhecer suas necessidades, mudanças e vivência na fé.
- Reconhecer a falta de assistência integrada e a carência de material didático e humano.
- Procurar estabelecer metas para suprir as necessidades básicas das crianças e adolescentes, alcançando o aspecto espiritual, psicológico, social e físico.
- Oferecer condições para o desenvolvimento das ações pedagógicas planejadas pelos diversos grupos etários que compõem a EBD, para que haja

um comprometimento do bom andamento do trabalho.

3. A importância do culto doméstico

O culto doméstico é um excelente caminho para a estabilidade do lar. Quando a Palavra de Deus é ensinada, Cristo assume a supremacia no lar, e a família alcança as bênçãos espirituais.

O lar é, de fato, a instituição mais elevada do homem, instituída por Deus com o propósito de trazer felicidade ao homem, à mulher e aos filhos.

Um lar bem estruturado glorifica a Deus. Mas, para que se tenha um lar feliz e bem estruturado, é necessário Cristo ser o Senhor absoluto desse lar. Quando Cristo é o Senhor de nossa casa, significa que Ele ocupa o primeiro lugar em tudo. Nada é mais importante que Ele (Mc 12.30).

Um lar sem Cristo é como um barco sem bússola que vagueia em alto mar sem direção, ou como uma casa edificada sobre a areia (Mt 7.26,27). A Bíblia mostra que "*Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam*" (Sl 127.1). Somente Cristo Jesus, como o grande artífice do lar, poderá salvá-lo das intempéries do mundo.

Um lar edificado por Cristo poderá enfrentar tempestades, ventos fortes, ondas bravias, mas este lar não será abalado (Mt 7.24,25). O Senhor irá protegê-lo e acolhê-lo: "*Porque toda casa é edificada por alguém, mas o que edificou todas as coisas é Deus*" (Hb 3.4).

O culto doméstico ainda é a alternativa mais viável para a formação dos valores morais e espirituais. Deus, através de

sua Palavra, encoraja os pais a usar a correção de forma adequada e a ensinar os filhos de maneira que seu comportamento infantil não torne seriamente antissocial e destrutivo. De acordo com o livro de Provérbios, se ensinarmos aos nossos filhos os caminhos do Senhor, mesmo quando eles envelhecerem, não se desviarão (Pv 22.6).

Ensinar não é criar um conjunto de hábitos mecânicos ou criar cercas ou barreiras de proteção omitindo-lhe a realidade, mas, sim, levar a criança a descobrir os conceitos do certo e do errado, ajudando-a a construir sua própria estrutura de juízo moral e a formar Deus em sua mente. Para Ted Ward, a colocação de barreiras ou a criação de cercas serão úteis apenas temporariamente:

> *Cercas altas não mantêm as ervas daninhas fora do jardim. De que maneira um jardineiro trata as ervas daninhas? Com a enxada, ele as arranca pelas raízes. Ele alimenta o crescimento das boas plantas e desencoraja o crescimento das plantas ruins (Ward, 1981).*

O lar é uma pequena igreja onde a família reúne-se para louvar e adorar a Deus. No culto doméstico, Deus ouve e atende as orações, os problemas da família são resolvidos, as queixas e os desentendimentos são tratados e, sobretudo, os valores são ensinados por meio do ensino bíblico.

4. Quando o culto doméstico não funciona

Alguns pais sentem dificuldade de realizar o culto familiar. Uma das queixas principais é a dificuldade de reunir os filhos espontâneamente. Estes precisam ser obrigados a participar do culto. Quando isso acontece, o clima familiar torna-se ruim, dificultando a sua realização. Algumas vezes, a reunião termina em atrito e brigas no lar. Qual a razão do fracasso?

Há, pelo menos, três questões básicas que podem contribuir para o fracasso do culto doméstico: 1) A falta de objetividade do culto; 2) A maneira como este é realizado; e 3) O seu significado para a família.

a) Qual o objetivo do culto doméstico?

O culto doméstico tem um papel importantíssimo na formação dos valores morais e espirituais dos filhos, contribuindo para a formação de um caráter cristão. Além disso, ele produz o bem-estar pessoal e familiar por meio de uma vida regrada, saudável e estruturada. Os pais precisam realizar o culto no intuito de alcançar esses objetivos. O culto não deve ser realizado por uma mera obrigação, desprovido de sentido.

Quando agimos assim, tornamo-nos legalistas, fanáticos, que se sentem obrigados a fazer grandes sacrifícios para serem aceitos por Deus. Não é essa a relação que Deus deseja manter conosco. Se os objetivos do culto não estiverem bem definidos, fracassaremos.

b) Como realizar o culto doméstico?

O culto doméstico precisa ser algo atrativo. Uma reunião metódica torna-se cansativa e desestimulante. Alguns pais exigem que os filhos se portem como se estivessem na igreja. Esses pais estabelecem regras severas como não falar durante o culto, orar de joelhos durante um determinado tempo e assim sucessivamente.

O culto precisa ser descontraído e com a participação de todos os membros da família. Os pais precisam considerar a idade dos filhos e usar métodos compatíveis com a idade deles.

Lembro-me de quando meus filhos eram pequenos. Comprei um projetor de *slide* e com ele exibia figuras de personagens bíblicos. À medida que as figuras eram mostradas, eu contava as histórias. Quando eles foram crescendo, passei a lançar desafios de leitura bíblica, memorização de versículos, etc. No culto, eu cobrava as tarefas e premiava os que a completavam. Quando chegaram à adolescência, fizemos juntos a leitura bíblica anual. Além disso, costumávamos realizar o culto sentados no chão. Tocávamos, cantávamos e batíamos palmas de uma forma alegre e descontraída.

Criamos um hábito de nos reunirmos quase que diariamente, de tal forma que os filhos cobravam quando não fazíamos o "*cultinho*", como eles chamavam. Dou graças a Deus por Ele ter dado a mim três filhos maravilhosos que servem ao Senhor e que se dedicam à sua obra.

c) Qual o significado do culto para a família?

Os pais precisam mostrar o significado do culto para os filhos. A falta de sentido daquilo que estamos fazendo gera resistência e desmotivação. Imagine como o adolescente pode questionar: “Dê-me um motivo para que eu tenha que deixar um entretenimento como um filme, uma novela, um game, ou a Internet para participar do culto doméstico?”.

Se não formos capazes de mostrar aos nossos filhos o valor do culto, não conseguiremos atraí-los. Mostre com fatos a importância do culto no lar.

Lembro-me de uma ocasião em que, após nossa mudança de estado, minha segunda filha precisava de vaga numa escola.

As matrículas já haviam se encerrado e esperávamos vagas remanescentes. Todos estavam preocupados, e minha filha demonstrava-se ansiosa.

No culto doméstico, resolvemos orar e apresentar a Deus essa questão. No dia seguinte, fui novamente à escola e, para nossa surpresa, lá estava a vaga que esperávamos. No culto doméstico, agradecemos a Deus, e a fé de minha filha foi fortalecida.

Não adianta obrigar os filhos a participarem do culto. Se eles não estiverem lá espontaneamente, não estarão abertos para assimilar o que está sendo ensinado. Experimente surpreendê-los. Numa hora em que todos estiverem reunidos, almoçando, jantando, ou então na hora em que eles forem para o quarto dormir, convide-os para uma leitura de um texto bíblico e depois ore com eles.

Nunca desista de seus filhos. Mesmo havendo resistências, insista nesse propósito. A Bíblia dá a todos nós uma magnífica promessa: “*Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa*” (At 16.31).

5. Os princípios mais importantes para ser ensinados aos filhos

Em educação, assim como em tudo na vida, recolhe-se aquilo que se semeou. Por isso, é importante inculcar gradativamente na criança determinados valores e princípios como a obediência, o sacrifício, a lealdade, a honradez, a honestidade, a verdade e assim sucessivamente.

A criança deve ser ensinada a portar-se bem em todos os lugares, a praticarem o bem, mesmo quando recebemos o mal, a desviar-se do mal espontaneamente e por iniciativa própria, mesmo que ninguém vigie ou castigue.

Esses princípios precisam ser ensinados na infância, pois, na idade adulta, será muito difícil adquirir virtudes que não foram semeadas na criança quando ela era pequena.

Dentre os princípios ensinados, há, pelo menos, três que nunca devem ser esquecidos: 1) O Princípio do Temor a Deus; 2) O Princípio da Responsabilidade; e 3) o Princípio do Compromisso com Deus e a sua Palavra. Se formos capazes de internalizar esses três princípios em sua vida, definitivamente, além de fazê-la uma cidadã, ganharemos a criança para o Senhor e não teremos dificuldades para lidar com ela.

a) O princípio do temor a Deus

Alguns pais confundem temor com medo e ensinam os filhos a desenvolverem uma relação mórbida com Deus. Esses pais concebem a ideia de um Deus punitivo que se ira e castiga vorazmente a todos aqueles que erram. Eles usam frequentemente a expressão "*O Papai do céu castiga*" quando os filhos pequenos fazem algo que lhes desagrada. A criança não aprende a temer a Deus, mas, sim, a ter medo dEle e do seu castigo.

Temor é sinônimo de respeito e reverência a Deus. Quando tememos ao Senhor, desenvolvemos uma relação de respeito e de reverência para com Ele. Procuramos agir corretamente não por sentirmo-nos obrigados a isso ou porque sentimos medo de ser castigados, mas porque amamos e respeitamos a Deus.

Quando amamos uma pessoa, procuramos respeitá-la e não decepcioná-la. Quando conseguimos levar o adolescente a enxergar esse princípio básico, faremos com que ele descubra uma maneira diferente de viver.

Agora, ele já não peca por medo do castigo, mas, sim, porque ama a Deus e tem respeito por Ele — já não quer mais entristecer o Senhor com os seus pecados.

A obediência é um princípio vital, indispensável à vida cristã, que está relacionado ao temor. A Bíblia afirma: "*O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; bom entendimento têm todos os que lhe obedecem* [...]" (Sl 111.10) O temor do Senhor leva-nos a valorizar a Palavra de Deus. Um bom funcionário procura conhecer a cada dia o manual de instruções da sua empresa. Aquele que teme a

Deus e deseja ser um bom cristão procura conhecer melhor a Palavra de Deus (Os 6.3a).

b) O princípio da responsabilidade

Quando a pessoa chega à adolescência, acha que já é madura suficientemente para fazer o que quer. Muitas vezes, ela até descarta os princípios ensinados pelos pais. Acha que liberdade é a ausência total das restrições que encontra na vida.

É dever de todo pai e mãe ensinar o filho a descobrir os limites do que convém e não convém, as coisas que são boas e as que são más. O apóstolo Paulo ensinou: "*Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma*" (1 Co 6.12).

Portanto, procure advertir o adolescente sobre os resultados de uma vida sem disciplina, apresentando exemplos; e mostre que Deus estabeleceu leis no universo moral que precisam ser obedecidas. Ninguém pode escapar dessas leis por um simples ato da vontade. Torna-se insensato aquele que insurge contra a ordem moral estabelecida. É feliz aquele que consegue harmonizar-se com essas leis.

Ensine o seu filho a assumir responsabilidade em tudo e cultivar uma vida com disciplina. A responsabilidade está ligada à formação do caráter. Ser responsável é aprender a subordinar os desejos e inclinações à ordem moral e à vontade de Deus.

c) O princípio do compromisso com a Palavra de Deus

Uma das coisas mais significativas que pode fazer a diferença na vida de qualquer pessoa é o significado que a Palavra de Deus tem para ela. Quando reconhecemos o valor da Bíblia e cremos nas suas palavras, assumimos um compromisso de sermos fiéis e guardarmos os preceitos do Senhor em nosso coração.

O salmista Davi mostrou como valorizava a Palavra do Senhor ao exclamar: "*Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração*" (Sl 40.8).

Assim sendo, leve o seu filho a interessar-se pela leitura da Bíblia e fazer dela o roteiro que o leva à direção certa. Mostre-lhe que o Senhor Deus procurou dar uma direção para a vida do homem por meio da sua Palavra.

Quem segue os ensinamentos bíblicos tem a garantia de uma vida abençoada e próspera.

> Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, tem seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite. Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará (Sl 1.1-3).

CAPÍTULO

XXVII

ORIENTAÇÃO AOS PAIS SOBRE A DISCIPLINA NO LAR

Um dos maiores desafios para os pais é saber aplicar a disciplina da forma correta para os filhos. Apresentamos uma discussão sobre o assunto, que pode servir como subsídio para o líder/conselheiro orientar aos pais.

Já vimos a importância da formação de valores morais e espirituais no lar. Se houver falhas nessa área, poderá haver um comprometimento na disciplina e no estabelecimento das regras.

1. A CRIAÇÃO DE REGRAS E O ESTABELECIMENTO DE LIMITES

Uma boa disciplina começa com o estabelecimento de regras e limites. Pôr limites não significa apenas tolher os filhos e enchê-los de proibições, mas também ensiná-los o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim, o que convém e o que não convém e entre o que deve e o que não deve ser feito.

O estabelecimento de limites ajuda no aprendizado das regras que regerão as relações pessoais e afetivas dos filhos.

1. A relação de confiança e respeito mútuo entre os membros da família

Toda família tem suas regras e normas que regem o lar. Algumas podem ser negociadas, outras não. O conceito de certo e errado deve ser ensinado, e os filhos precisam saber o que podem ou o que não podem fazer.

Cada membro da família tem suas diferenças e particularidades. Todo membro da família deve aprender a lidar com as diferenças, respeitar o espaço e a intimidade do outro. Cada pessoa deve ter seu espaço reservado, mesmo que seja um cantinho separado por um biombo, uma cortina, uma parede, uma estante, etc. Cada um também deve ter o seu lugar para guardar suas coisas preferidas sem que o outro possa violar ou mexer sem a sua permissão; isso inclui as correspondências individuais.

Torna-se importante estabelecer um contrato de confiança entre pais, irmãos e irmãs. Os princípios morais, as regras e os valores cristãos devem ser ensinados pelos pais aos filhos desde a mais tenra idade, pois a criança aprende com a sua família a conhecer, valorizar e respeitar os hábitos, costumes e forma de ser de outras pessoas.

Os pais devem ouvir e, sempre que possível, considerar as opiniões que seus filhos expressam, além de deixá-los participar da vida familiar, encorajando-os e levando-os a realizar tarefas que os ensinem a ser responsáveis,

valorizando aquilo que eles fazem, ainda que eles não tenham tido um resultado satisfatório.

É preciso respeitar um ao outro, saber ouvir, saber compartilhar, saber rir juntos, saber sonhar juntos, saber pedir perdão e perdoar quando necessário — tudo isso é importante para que haja harmonia no lar.

2. O excesso de atividades e de responsabilidades dos filhos

Cada vez mais, vem sendo incorporado à rotina diária de crianças e adolescentes inúmeras atividades como aulas de inglês, informática, música, esporte, etc., como um meio de aumentar o aprendizado dos filhos e mantê-los ocupados durante o tempo em que os pais estão fora trabalhando.

A carga horária dos pais e o desejo de formar bem os filhos contribuem para a busca da alternativa de ocupar todo o tempo destes com atividades extraescolares. Como passam a maior parte do dia fora, os pais ficam mais seguros deixando os filhos na companhia de outras pessoas. Mas até que ponto o excesso de atividades ou de responsabilidades são saudáveis?

Na opinião de psicólogos e educadores, manter os filhos ocupados é realmente importante, inclusive para as crianças. Ter obrigações resulta em disciplina, em capacidade de administrar tempo, em flexibilidade e em socialização, mas o excesso de atividades ou de responsabilidades pode comprometer seriamente o desenvolvimento, principalmente o da criança.

Há inúmeros problemas que podem ser desencadeados quando a criança ou o adolescente levam uma rotina de gente grande e têm a agenda lotada de compromissos. Um dos problemas mais frequentes é o estresse. Os sintomas mais comuns que caracterizam esse problema são: agressividade, insônia, cefaleia, náusea, falta de apetite, ansiedade, dificuldade de relacionamento interpessoal, pesadelos, impaciência e desobediência.

Além do estresse, que é decorrente do impacto do excesso de atividades e de responsabilidades, ocorre muitas vezes um trauma associado a um sentimento de fracasso por não se conseguir acompanhar as exigências impostas. Por exemplo, um adolescente que assume funções na igreja que exigem responsabilidades demasiadas pode, além de deixar de viver sua adolescência, sentir-se aquém da função que lhe foi atribuída.

Cabe aos pais orientar os filhos a buscar as atividades extras, porém nunca obrigá-los a fazer aquilo que eles não querem. Há pais que determinam o que os filhos devem fazer alegando estar dando a estes a oportunidade que eles não tiveram. Em casos como esse, observamos adultos buscando uma realização pessoal por intermédio dos filhos.

Não há restrições para atividades extras como tocar um instrumento, pintar, desenhar, praticar esportes, estudar inglês e informática, desde que elas não sejam excessivas e façam parte do interesse da criança ou adolescente.

Portanto, antes de impor ou determinar o que os filhos farão no horário em que não estiverem na escola, os pais devem usar o bom senso, levando em conta a opinião e o

desejo dos filhos e proporcionando uma rotina saudável capaz de conciliar escola, atividades extras e ambiente familiar, tornando a vida deles prazerosa e equilibrada.

II. A NECESSIDADE DA DISCIPLINA

O reconhecimento e a aplicação correta da disciplina podem vencer muitas dificuldades pessoais, colocando como razão da existência familiar o que devemos fazer com os filhos, como fazer de modo certo, possibilitando superar um grande número dos distúrbios das crianças e dos conflitos dos pais.

A Bíblia é clara quanto ao uso da disciplina:

> *"A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe"* (Pv 29.15 – ARA).
> *"Corrige o teu filho, e te dará descanso, dará delícias à tua alma"* (Pv 29.17 – ARA).
> *"Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara, não morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno"* (Pv 23.13,14 – ARA).
> *"Castiga a teu filho, enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo"* (Pv 19.18 – ARA).

1. O verdadeiro sentido da disciplina

Disciplina é a técnica por meio da qual atingimos a autoridade e a liberdade. A Disciplina pode ser considerada

como um treino, a experiência que molda, corrige, reforça e aperfeiçoa a faculdade de obedecer às normas internas do indivíduo; aquelas regras que estão vinculadas ao crescimento do próprio "*Eu*"; o Eu que pode, assim, fugir do isolamento e buscar liberdade.

É óbvio que existem outras formas de interpretação, porém acreditamos que a autoridade e a liberdade são dois ingredientes indispensáveis para que haja uma verdadeira disciplina.

Partindo desse princípio, concluímos que a responsabilidade e a iniciativa da criança só poderão ser desenvolvidas pela liberdade e, para conseguir a liberdade, é imprescindível que haja autoridade.

Algumas pessoas confundem autoridade com autoritarismo, e liberdade com licenciosidade e libertinagem. Vale salientar que essas coisas são distintas. Autoridade não é o mesmo que autoritarismo, e nem liberdade é o mesmo que libertinagem, e disciplina não é o mesmo que opressão.

2. Algumas considerações básicas em relação à disciplina

O sucesso da disciplina depende do cuidado, do respeito e da proteção dos pais em todas as etapas de desenvolvimento dos seus filhos. É necessário saber se aquilo que estamos exigindo é condizente com a fase de maturidade do filho.

Devemos não apenas ordenar, mas também cumprir aquilo que ordenamos — "*ordenar é fácil, cumprir o que se*

ordena é bem mais difícil".

Para que a disciplina seja eficaz, faz-se necessário os seguintes requisitos:

- **Regras claras e objetivas** – Os pais devem estabelecer regras claras ou preceitos disciplinares sem que haja uma discrepância nos padrões exigidos em relação ao contexto social em que a criança vive.
- **Dar e dividir responsabilidades** (Ef 6.4; Cl 3.21) – Para que a disciplina torne-se eficaz, faz-se necessário que os pais procurem dar e dividir responsabilidades com os seus filhos, levando-os, quando possível, à reparação do erro. Não se deve usar apenas a proibição, pois a criança e principalmente o adolescente tendem a reagir às obrigações impostas por tradição ou coerção. É mais eficaz dar e dividir responsabilidades para a vida.
- **Conscientizar quanto ao permitido e ao conveniente** (1 Co 10.23) – Esse é outro aspecto importante no ato da disciplina. A arte de conscientizar, observando os pontos favoráveis e desfavoráveis, ajuda a criança e o adolescente a decidir sobre o que irão fazer.
- **Flexibilidade versus firmeza** (Is 33.23) – O estabelecimento de limites é o meio mais eficaz no processo da disciplina. Porém, não podemos ser radicais. Estabelecer a disciplina não significa

transformar o lar num local onde os filhos vivam aterrados, agredidos e com sanções disciplinares umas atrás das outras. É necessário que os pais sejam flexíveis com os filhos, mas que também ajam com firmeza quando necessário.

III. MÉTODOS USADOS PARA DISCIPLINAR

Alguns pais se excedem no momento da disciplina, castigando abusivamente e oprimindo os seus filhos. Acham que desaprovar, apontar as coisas erradas e corrigir as más condutas são as únicas formas de educar, esquecendo-se de que um elogio, um abraço, um sorriso ou um gesto de amor e carinho reforçam um comportamento positivo.

Cabe aos pais estabelecer regras ou preceitos disciplinares, pois os filhos precisam de parâmetros para enfrentar a vida. Porém, é importante que não haja uma discrepância nos padrões exigidos em relação ao contexto social.

Há várias maneiras de a disciplina ser aplicada. Vejamos alguns dos métodos mais eficazes:

1. Recompensa e castigo

Os castigos, assim como as recompensas, são básicos para qualquer aprendizagem. Desaprovar, apontar as coisas erradas e corrigir as más condutas não são as únicas formas de educar.

A recompensa tem por finalidade selecionar as condutas satisfatórias. Um elogio, um abraço, um sorriso, um

cumprimento ou qualquer gesto de aprovação podem reforçar um comportamento positivo.

O castigo deve ser imposto quando todos os demais métodos falharem.

a) O excesso de carinho

Um dos grandes problemas na educação dos filhos está no excesso de atenção e carinho dos pais. Uma criança muito mimada torna-se extremamente egocêntrica, caprichosa, manipuladora, birrenta e pouco sociável.

Ceder aos caprichos da criança irá torná-la insolente e indesejável, trazendo sérios problemas de aceitação entre os companheiros na escola, além de dificultar a sua maturidade psicológica. Na adolescência, ela terá dificuldade de submeter-se à autoridade.

b) A importância do castigo

O castigo não deve ser aplicado apenas para punir a criança pelo seu erro, mas também deve servir, sobretudo, para a correção, ensinando à criança o caminho da honradez e da obediência.

O castigo tem um efeito maior quando há um diálogo antecipado entre pais e filhos sobre a aplicação de penas para determinados atos. Quando a criança toma conhecimento da razão do castigo e está consciente de que o mesmo deverá ser aplicado, conforme combinado antes, para correção dos seus erros, ela tende a aceitá-lo voluntariamente.

Depois de aplicado o castigo, “faça as pazes” com o seu filho logo que for possível.

É preciso ter tato para corrigir com eficácia. Saiba que pouco se consegue com apenas o castigar. O excesso de castigo pode ferir e humilhar a criança. É preciso animá-la e despertar nela o sentido da própria estima. Uma correção eficaz deve deixar sempre aberta uma porta à esperança de superação.

c) Conciliando recompensa e castigo

É necessário haver um equilíbrio entre o mimo que se dedica a criança e o castigo que se aplica. Se você deixar a criança fazer o que bem quiser, um dia, mais tarde, ela interpretará isso como falta de interesse pelo seu bem. Por isso, quando efetuar o castigo, mostre sempre ao filho que o ama.

Deixar o filho à vontade para fazer o que quiser não é uma demonstração de amor, mas, ao contrário, é uma forma de mostrarmo-nos inseguros quanto à aplicação da disciplina.

O verdadeiro amor fará com que você diga: “Meu amor é tão intenso por você que eu não seria capaz de deixá-lo fazer algo que venha prejudicar sua vida amanhã; por isso é que eu uso a disciplina para o(a) corrigir”.

Certa mãe, após castigar o seu filho, disse: “Filho, eu não estou furiosa com você, mas com a sua travessura”. E o filho agradeceu sua mamãe por aquele castigo.

Modelos e preceitos

É importante que os pais procurem ser um exemplo para os filhos. Não é necessário ser um modelo perfeito, contanto que não se exija do seu filho um comportamento completamente oposto ao seu.

Os filhos tendem a imitar as realizações e qualidades dos pais; por isso, provar um modelo consistente é importante na educação dos filhos.

2. Diálogo e relacionamentos interpessoais

Esse método deve ser desenvolvido bem cedo no ambiente familiar. O diálogo é o método mais eficaz da disciplina, principalmente quando se trata do filho adolescente.

O diálogo e a interação social leva o filho a aceitar melhor a disciplina, sendo considerado uma arte aconselhável. Um verdadeiro diálogo só acontece quando somos capazes de ouvir.

IV. COMO TORNAR A DISCIPLINA EFICAZ

Às vezes, somos eficientes na forma como disciplinamos, mas a disciplina que aplicamos não é eficaz. Ser eficiente significa dar ênfase nos meios, e não nos resultados. O eficiente age corretamente, cumpre tarefas e obrigações, mas nada disso será suficiente se os objetivos da disciplina não forem atingidos.

A eficácia tem como alvo principal a obtenção de resultados. Há uma otimização e utilização de recursos visando alcançar os objetivos propostos da disciplina que é

ensinar ao filho a obedecer e adquirir bons modos, moldando o seu caráter para que ele venha a tornar-se um bom cidadão.

Uma disciplina eficaz depende de alguns fatores. Destacamos aqueles que consideramos imprescindíveis para o sucesso:

1. A sinergia

Crie sinergia – A essência da sinergia é compreender, respeitar e valorizar as diferenças, investir nos pontos fortes e compensar as fraquezas.

O que é sinergia? Em uma definição simples, significa que o todo é maior do que a soma das partes. Significa que a relação estabelecida entre as partes é, em si e por si, também uma parte.

Não apenas é uma parte, mas também a parte mais catalítica, mais poderosa, mais unificadora e mais excitante.

2. O verdadeiro sentido do castigo

Algumas considerações básicas em relação ao castigo:

- O castigo é um dos métodos usados para que a criança aprenda hábitos adequados;
- Deve ser executado com amor e paciência para que não ocorra um descarregamento de nossas tensões e agitação do dia a dia;
- É importante que se torne clara para o filho a razão do castigo;

- Não se devem castigar de maneira diferente os atos iguais;
- Quando possível, exigir a reparação do erro;
- O castigo é mais eficiente quando executado no momento do erro;
- A promessa de castigo causa ansiedade, diminuindo sua eficácia;
- Não se devem usar as mãos para bater, mas, sim, para expressar afeição e atos de amor.

Nova lei brasileira sobre pais que castigam seus filhos

O Projeto de Lei (PL) 7672/10, que proíbe pais e responsáveis de aplicar castigos físicos nos filhos, foi aprovado por unanimidade pela comissão de Educação da Câmara dos Deputados. A proposta prevê mudança do novo Código Civil para retirar o dispositivo que não pune pais, responsáveis e educadores pelas palmadas, mesmo as pedagógicas. De acordo com o artigo 395 do Código Civil, só poderá perder o pátrio poder o pai, a mãe ou o responsável que castigarem crianças e adolescentes "imoderadamente".

Segundo a deputada Maria do Rosário (PT-RS)[58], autora desse projeto, "os pais que forem flagrados dando palmadas em seus filhos poderão ser penalizados com base no Estatuto da Criança e do Adolescente". O estatuto estabelece que os responsáveis poderão ser encaminhados a um programa oficial de promoção da família, receber tratamento psicológico ou psiquiátrico, ter de frequentar cursos em programa de orientação e serem obrigados a

encaminhar seus filhos a tratamento psicológico: “A proposta tem objetivo de abolir todo tipo de castigo físico”, afirmou a deputada.

Segundo Perla Ribeiro, membro da Coordenação Colegiada da Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (Anced):

> Esta lei é fundamental, é um ponto de partida. Com a provação dessa lei se inicia um processo de conscientização. Atualmente, ela não está sendo entendida de fato, e os meios de comunicação têm uma participação negativa nisso. Ninguém está interferindo, os pais podem educar seus filhos como quiserem, só não podem usar de violência. Nem os pais, nem o sistema de internação de menores podem basear o processo educativo na violência.

Em meio a muita polêmica em torno da nova lei, o ministro da Secretaria de Direitos Humanos (SDH), Paulo Vannuchi, afirmou que o projeto de lei não vai levar para a cadeia “qualquer pai que bate”. Ele disse que a lei foi discutida com a participação da sociedade civil e que a ideia não é priorizar a punição dos pais, mas, sim, prevenir castigos corporais.

Para muitos especialistas, a palmada gera círculo de agressão

A nova lei, conhecida como “*Lei da palmada*”, proíbe pais e responsáveis (incluindo vizinhos, parentes, funcionários,

assistentes sociais, entre outros) de aplicar qualquer castigo físico em crianças e adolescentes, sejam as chamadas “palmadas pedagógicas”, os beliscões, empurrões, puxões de cabelos e cascudos. Ela define o “castigo corporal” como “ação de natureza disciplinar ou punitiva com o uso da força física que resulte em dor ou lesão à criança ou adolescente”.

Para Vannuchi, a criança que apanha passa a entender que bater é normal e reproduz o ato na escola e, posteriormente, na vida adulta: “Sem a lei, o vizinho entende que a criança está apanhando, mas não pode se meter porque o assunto é da família”.

Segundo Perla Ribeiro[59]:

> Estudos mostram que crianças que sofrem castigos corporais crescem e tendem a reproduzir o comportamento violento. Elas também percebem que existe a prevalência do mais forte sobre o mais fraco. Da mesma forma que em uma relação entre homem e mulher não deve existir violência, o que defendemos é que na relação entre pais e filhos também não deve haver.

Na visão dos educadores, o que a palmada realmente ensina é:

- A temer o mais forte, o mais poderoso.
- Que agressão física é uma atitude normal.
- Que a força bruta é mais importante que o diálogo.

- Que, de quem se espera amor, pode-se esperar também palmada e agressão.
- A perder o interesse pela atividade que estava desenvolvendo no momento em que apanhou.

Principais formas de castigo

Castigos físicos – Os castigos físicos, como já explicamos, estão proibidos por lei no Brasil e em vários países, embora a Bíblia seja explícita quando se refere ao uso da vara como forma de castigo ou disciplina na educação das crianças (Pv 23.13-14); o texto não deve ser interpretado ou confundido aqui com espancamentos ou qualquer outra forma brutal de castigo como chicotes, torturas, palmatórias, cinto, relho, socos e pontapés (Pv 19.18). A ênfase deve ser a de dar a disciplina com amor; a instrução deve ser dada ao educar com persistência, estabelecendo limites; e a correção sem recorrer ao uso de castigo corporal que resulte em crueldade dos maus-tratos.

Os erros cometidos pelos filhos devem ser corrigidos sem, no entanto, machucá-los. Podemos seguir as instruções pedagógicas da Bíblia conforme o exemplo de Cristo, que disciplinava com amor e suavidade.

Os castigos físicos aplicados principalmente depois dos sete anos de idade podem ser profundamente humilhantes, gerando, muitas vezes, nos filhos um sentimento de revolta, principalmente se eles são adolescentes.

Repreensão – Repreender não é o mesmo que pronunciar palavras de depreciação ou desamor como “imprestável”,

“idiota”, etc, que causam uma ação destrutiva, principalmente numa criança.

Repreender não é sinônimo de berro ou grito. Você pode mostrar autoridade com um tom de voz sério, sem, necessariamente, gritar.

Repreender é uma forma severa de desaprovar determinado erro. A repreensão deve ser dirigida ao ato, e não à pessoa.

Expressões como “burro”, “imbecil”, “desobediente” ou “você é surdo?” devem ser abolidas, pois, inconscientemente, podemos estar levando nossos filhos a comportarem-se como tal.

A punição deve ser personalizada. É o ato que a criança comete que deve ser castigado, e não a pessoa da criança.

A repreensão deve acontecer logo após a descoberta da transgressão.

Isolamento – O isolamento é a forma de disciplinar conhecida pelas crianças como “ir para o castigo”. Não é necessário agir de forma brutal, colocando a criança de joelhos ou amarrá-la ao pé da mesa; tampouco, colocá-la num quarto escuro ou trancada em um banheiro. Dessa forma, em vez de corrigir um erro, estaremos provocando na criança sentimentos desagradáveis como: medo, frustração, revoltas, ressentimentos, etc. Esse castigo deve ter duração breve. É o bastante alguns minutos de isolamento do convívio com outras crianças ou outras pessoas da família, deixando a criança sentada numa cadeira ou num canto da sala.

No caso exclusivo do adolescente, o isolamento pode ser ainda impedimento de sair de casa num domingo, por exemplo, ou numa ocasião em que ele não gosta de faltar.

Perda de privilégios – Essa é uma das formas de disciplina que pode ser usada em todas as idades, com grande eficiência, proporcionando resultados satisfatórios.

Os pais podem cortar alguns privilégios que os filhos possuem como a mesada, o lazer, o encontro com os amigos, as aulas extracurriculares, além da revistinha, do doce, do brinquedo, etc.

V. A APLICAÇÃO DA DISCIPLINA PARA O FILHO ADOLESCENTE

A disciplina torna-se algo desafiador quando se trata de filhos adolescentes. Por isso é que surgem perguntas frequentes como: “Que tipo de castigo deve ser aplicado?”, “Como estabelecer limites?”, “O que fazer quando ele desobedece?”. Essas são apenas algumas questões levantadas pelos pais diante do dilema de lidar com o filho adolescente.

1. Entendendo o adolescente

Talvez, o maior desafio dos pais para lidar com o adolescente é entender o seu comportamento. O adolescente atravessa uma fase crítica de reorganização de valores. Surge um conflito diante do seu mundo interior e do mundo do adulto que ele passa a conhecer.

Os pais precisam entender as profundas mudanças físicas e psíquicas pelas quais o adolescente passa e, além disso, saber que essas transformações alteram todo o seu comportamento social e emocional. Só assim, poderão lidar melhor com o seu comportamento.

A falta de conhecimento poderá levar os pais a agir de forma inadequada. Devemos entender que a realidade vivida pelo adolescente hoje é completamente diferente da que vivemos quando éramos adolescentes. Basta reconhecermos que não fomos criados assistindo desenhos animados, nem ficávamos presos aos video games ou à Internet, por ainda não termos acesso a essa tecnologia.

O mundo que o adolescente vive na atualidade é completamente diferente daquele em que vivemos um dia. Se formos capazes de reconhecer isso, daremos o primeiro passo para compreendê-lo e ajudá-lo nesse processo.

1.1 Por que o adolescente costuma contestar tudo e já não aceita mais os princípios que aprendeu na infância?

Na adolescência, a pessoa passa por um processo de reorganização dos valores. Muitos conceitos, atitudes e práticas da meninice, de natureza moral e religiosa, passam a ser questionados. Na maioria dos casos, as dúvidas a respeito de preceitos morais e religiosos vêm à tona. Nessa fase, ele sente-se cobrado, incompreendido e acha que os pais estão ultrapassados.

1.2 Por que o comportamento dos filhos diverge apesar de serem criados no mesmo lar?

Existem vários fatores que contribuem para a formação da personalidade que estão interligados e que interagem continuamente. Dentre esses fatores, podemos destacar: as propriedades biológicas, como temperamento; a aparência física e o ritmo de maturação; e o meio social e cultural. A diferença entre os filhos pode estar relacionada aos aspectos hereditários somados às relações com a família e com outros membros da classe social como professores, colegas, etc.

Existem predisposições genéticas da personalidade que podem influenciar as atitudes de uma pessoa. Há provas indicadoras de que certos aspectos da personalidade são natos. Porém, há aspectos da personalidade que podem ser aprendidos. Consequentemente, podem ser influenciados pelo grupo de convivência.

1.3 Por que o adolescente valoriza mais o seu grupo do que os pais?

O adolescente busca uma autonomia emocional e social. Isso o leva a emancipar-se dos vínculos do lar. Os sentimentos anteriores de carinho e afeição para com os pais durante a meninice são agora prontamente dirigidos às pessoas do seu grupo de convivência. Eles não deixam de amar os pais; porém, tendem a ficar emocional e socialmente distantes deles, fazendo muitas tentativas para

obter e manter afeição, confiança e estima do seu grupo etário. Se os pais entenderem isso, conseguirão viver harmonicamente com os seus filhos.

1.4 A culpa do comportamento errado dos filhos é sempre dos pais?

Os pais têm a responsabilidade na educação e na formação dos valores morais e espirituais dos seus filhos. Em Provérbios 22.6, existe uma promessa bíblica: “*Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele*” (ARA).

Ensinar a criança não é criar um conjunto de hábitos mecânicos, ou criar certas barreiras de proteção omitindo a realidade dela, mas, sim, levá-la a descobrir os conceitos do certo e do errado, ajudando-a a construir sua própria estrutura de juízo moral e a formar Deus em sua mente.

A falta de um ensino adequado fundamentado na Palavra de Deus poderá refletir negativamente no comportamento dos filhos quando estes chegam à adolescência. Há, no entanto, outros fatores que podem influenciar suas vidas como o ambiente social, as amizades e os conteúdos que eles assimilam na Televisão, na Internet e nos *Games*.

1.5 Por que, apesar de alguns pais estarem empenhados na tarefa de formação dos valores morais espirituais sadios, seus filhos adolescentes tendem a

mudar facilmente, sendo, algumas vezes, o inverso do que seus pais desejavam?

Analisar o comportamento do adolescente não é uma tarefa fácil. Inicialmente, precisamos distinguir valores morais e espirituais das atitudes que fazem parte da adolescência. As mudanças de comportamento nem sempre estão relacionadas a um abandono dos valores ensinados. Às vezes, esperamos que o adolescente tenha as mesmas atitudes da infância quando este é interpelado. A criança geralmente obedece mesmo não aceitando a imposição dos pais; ela chora, resmunga, rende-se e age de acordo com o que os pais desejam. O adolescente, ao contrário, se não concordar com o que está sendo determinado, é capaz de enfrentar os pais ou até mesmo aqueles que estão impondo as exigências.

Devemos entender que o adolescente não é mais uma criança e não aceita ser manipulado pelos adultos, principalmente os pais. Não podemos tratá-lo como um robozinho que faz apenas as coisas do nosso jeito. Existe uma maneira de lidar com esse tipo de comportamento. Abordaremos essa questão quando respondermos às perguntas sobre disciplina e limites.

Quanto aos valores ensinados no lar, dificilmente estes serão esquecidos. Se eles foram estabelecidos e praticados no lar, certamente serão sempre observados (Pv 22.6). Os valores formados na infância passam a fazer parte da personalidade do indivíduo; nisso, percebemos quanto é grande nossa responsabilidade. Segundo a Psicologia, os

aspectos adquiridos da personalidade são geralmente formados até os sete anos de idade.

Se o adolescente não segue os valores que lhe foram ensinados, é bem provável que houve falhas na forma como esses valores foram passados, ou, então, ele não recebeu um acompanhamento necessário quando atingiu a adolescência — época em que o indivíduo passa por uma reorganização desses valores, ficando suscetível aos padrões estabelecidos pela sociedade.

1.6 É possível haver uma mudança no comportamento no período da adolescência?

O ser humano pode mudar o seu comportamento em qualquer época da vida. O adolescente, porém, torna-se mais resistente a mudanças por achar, às vezes, que é autossuficiente. Os pais, entretanto, precisam mostrar a necessidade de mudança de uma forma objetiva e convincente.

1.7 Como convencer o filho adolescente que ele está errado?

O adolescente sente dificuldade de aceitar os seus erros. Por isso, não adianta apontar esses erros sem fazê-lo enxergar as suas consequências.

Uma maneira eficaz de alcançá-lo é dando-lhe sempre o direito de fazer sua escolha entre o certo e o errado, levando-o a refletir sobre a responsabilidade das suas

escolhas. Uma escolha errada poderá ser irreversível e trazer consequências drásticas para o resto da sua vida.

Portanto, mostre que Deus fez todos nós com o propósito de sermos criaturas dotadas de livre-arbítrio. Ele respeita nossa liberdade de escolha, mesmo que façamos a escolha errada. Ainda que Ele puna tais escolhas, a liberdade de permanecer nelas continua. Eis a razão por que Deus permitiu a presença do mal no Jardim do Éden. Adão e Eva não poderiam reconhecer o caráter moral de Deus sem ficarem frente a frente com escolhas morais.

Deus não força as pessoas a ficarem conformadas com sua vontade, mas cada pessoa precisa ter consciência das consequências que virão se essas escolhas forem erradas. Apresente os seguintes textos bíblicos:

> *“[...] Siga por onde seu coração mandar, até onde a sua vista alcançar; mas saiba que por todas essas coisas Deus o trará a julgamento” (Ec 11.9b – NVI).*
>
> *“Há caminho que parece certo ao homem, mas no final conduz a morte” (Pv 14.12; 16.25 – NVI).*
>
> *“O prudente percebe o perigo e busca refúgio; o inexperiente segue adiante e sofre as consequências” (Pv 22.3 – NVI).*

2. Os reflexos da falta de limites

Já vimos que uma boa disciplina começa com o estabelecimento de regras e limites. Quando uma criança não recebe limites, os reflexos já podem ser percebidos na

infância. A falta de limites leva a criança a tornar-se egoísta, manipuladora, não aceitar regras, chamar a atenção, fazer birra para conseguir o que quer, envergonhando os pais diante dos outros.

Se os pais não mostrarem as fronteiras entre o certo e o errado para o seu filho durante a infância, ele poderá tornar-se instável e inseguro na vida adulta. Há uma tendência de culpá-los ao perceber que não lhe deram estrutura, tornando-o menos protegido para a vida.

Se uma criança não recebeu limites na primeira infância, ela terá dificuldades em aceitar os limites na adolescência ou juventude. Essa é outra consequência drástica que a falta de limites pode causar.

Existem atitudes que fazem parte da adolescência. O adolescente normalmente deseja ser “dono do seu nariz”, busca uma autonomia emocional e social e procura emancipar-se dos pais. A falta de limites poderá resultar numa potencialização desse comportamento transformando o adolescente ou jovem numa pessoa indisciplinada, rebelde, com atitudes antissociais, sendo o inverso do que seus pais desejavam.

3. A disciplina na adolescência

Aplicar a disciplina no filho adolescente tem sido um dos maiores desafios para os pais. O comportamento dos adolescentes e jovens de hoje é diferente de 20 anos atrás.

Para começar, os pais dessa nova geração foram educados de forma autoritária e, com medo de repetir o erro

com os próprios filhos, acabam caindo no extremo oposto, que é a permissividade.

Abdicar da autoridade é um erro cometido em muitas famílias. Impor limites parece ser um eterno desafio para os pais.

Como vencer esse desafio? Como deve ser a relação de pais cristãos com os seus filhos? O que pode ser feito para melhorar uma relação difícil?

3.1 Lidando com as mudanças no comportamento do adolescente

Alguns adolescentes e jovens acham que já são maduros o suficiente para fazer o que desejam. Muitas vezes, descartam os princípios ensinados pelos pais. Pensam que liberdade é a ausência total das restrições que encontramos na vida. Não sabem distinguir o que convém ou não fazer e que algumas coisas aparentemente boas podem ser prejudiciais para suas vidas. Adolescentes indisciplinados terão graves problemas de relacionamentos, correrão o risco de suas atitudes não serem aceitas pelos pais ou pela sociedade e poderão ter problemas com as autoridades.

Deus estabeleceu leis no universo moral que precisam ser obedecidas. Ninguém pode escapar dessas leis por um simples ato da vontade. Torna-se insensato aquele que insurge contra a ordem moral estabelecida. É feliz aquele que consegue harmonizar-se com essas leis. O salmista Davi conseguiu alcançar essa harmonia: “*Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração*” (Sl 40.8).

Quando dizer NÃO é insuficiente

Os jovens e adolescentes de hoje são mais bem informados e, por conseguinte, mais questionadores. Sendo assim, não basta simplesmente dizer não e acabou. É importante para os pais justificarem suas ordens e conselhos e terem bons argumentos.

O adolescente começa a ignorar os modelos tomados pelos pais durante a infância, não querendo mais ser igual a ninguém; ele quer agir do seu modo e reagir às obrigações impostas por tradição ou por autoridade. Ele desconfia da razão dos adultos, ainda que não tenha confiança nas suas próprias conclusões, querendo, assim, ter o direito de manifestar suas opiniões.

Não podemos ser radicais, principalmente quando estamos lidando com adolescentes. Não devemos usar apenas a proibição; é mais eficaz dar e dividir responsabilidades para a vida (Ef 6.4 e Cl 3.21) e conscientizá-los quanto ao permitido e ao conveniente, a repercussão de suas atitudes e de suas decisões. A arte de conscientizar, observando pontos favoráveis e desfavoráveis, ajuda o adolescente a decidir sobre o que fazer (1 Co 10.23). O adolescente tenderá a aceitar melhor a disciplina quando ela for aplicada com razão, sempre baseada nas características diferentes da criança, com filosofia de vida própria à sua idade.

3.2 Entendendo o comportamento do adolescente

Há muitas questões que norteiam a mente dos pais em relação ao filho adolescente. Muitos pais questionam: “O que acontece nessa fase da vida?”, “Por que alguns filhos se tornam tão agressivos, rebeldes e desobedientes?”, “Como se explica, por exemplo, que, no mesmo lar, um filho passe pela adolescência sem muitos problemas para os pais, e o outro seja mais complicado?”, “O que determina o adolescente ser ou não um ‘bom filho’ para os pais?”, “A culpa do comportamento errado dos filhos é sempre dos pais?”.

Analisar o comportamento do adolescente não é uma tarefa fácil. Existem vários fatores que contribuem para a formação da personalidade que estão interligados e que interatuam continuamente. Dentre esses fatores, podemos destacar: as propriedades biológicas (como temperamento, aparência física e ritmo de maturação) e o meio social e cultural. A diferença entre os filhos pode estar relacionada aos aspectos hereditários somados às relações com a família e com outros membros da classe social como professores e colegas. Existem predisposições genéticas da personalidade que podem influenciar as atitudes de uma pessoa. Há provas indicadoras de que certos aspectos da personalidade são natos. Porém, há aspectos da personalidade que podem ser aprendidos. Consequentemente, podem ser influenciados pelo grupo de convivência do adolescente.

Cabe aos pais ajudar seus filhos orientando-os. O reconhecimento e a aplicação correta da disciplina ajudam a vencer muitas dificuldades pessoais, colocando — como

razão da existência familiar — o que devemos fazer de modo certo. A instrução equilibrada faz nascer a possibilidade de superar e até mesmo de impedir um grande número de distúrbios e de conflitos entre os pais.

3.3 A influência dos amigos

Os adolescentes querem conquistar seu espaço. Isso significa que eles precisam ser aceitos na sociedade à sua volta. Nessa fase, o grupo de iguais tem sobre o adolescente muito mais influência que a família.

Há uma grande necessidade de o adolescente conviver em grupo, visto que o processo de inter-relação grupal é fator importante na definição da sua identidade. É comum o adolescente querer participar de uma comunidade (grupo), assim como desenvolver trabalhos em grupo. É importante facultar-lhe esse direito. Os pais, contudo, devem mostrar a ele o perigo das más companhias e dos maus ambientes. Devem também proporcionar um lar acolhedor para que se sintam seguros e tenham prazer de estar com a família. Quando alguém prefere amizades com pessoas não cristãs, acaba perdendo os bons princípios que aprendeu, caindo, muitas vezes, na armadilha do Diabo. Isso não ocorre imediatamente, mas de uma forma tão sutil que a pessoa não é capaz de perceber o abismo à sua frente.

Os pais devem acompanhar seus filhos e participar de suas vidas sem invadir a privacidade deles (“não pegar muito no pé”). É importante estabelecer uma relação de confiança mútua.

O sucesso da disciplina depende do cuidado, do respeito e da proteção dos pais em todas as etapas de desenvolvimento de seus filhos. Deve haver, contudo, o estabelecimento de limites e regras (como, por exemplo, o horário de chegada a casa). Vale salientar que não devemos proibir apenas por proibir; é necessário saber se aquilo que estamos exigindo é condizente com a realidade. Se, por exemplo, tivermos certeza de que um determinado programa trará consequências negativas para suas vidas físicas e espirituais, precisamos dizer NÃO! Se o filho desobedecer, ele deverá ser corrigido.

Os castigos corporais não são aconselháveis para o adolescente. Uma das formas que pode ser utilizada é privá-los de algo que gostam de ter ou fazer. Os direitos à mesada, lazer, encontros com os amigos, aulas extracurriculares, uso de computador, etc., devem ser programados pelos pais para que possam ser cortados havendo persistência do erro. É imprescindível que os pais saibam para onde os filhos vão e com quem eles estão andando. Os pais também devem saber onde moram os seus amigos e conhecer suas respectivas famílias. Eles devem ficar próximos dos amigos dos filhos para conhecê-los. No caso de fortes suspeitas de más companhias, os pais devem intervir decisivamente para afastá-los.

3.4 Lidando com os modismos

Um dos grandes desafios dos pais é lidar com os modismos adquiridos nos grupos de convivência, comunidades na Internet e *sites* de relacionamentos. Como

lidar com os modismos vividos no mundo e que, muitas vezes, o adolescente cristão quer seguir? Como os pais cristãos devem posicionar-se diante de tais modismos que diferenciam as tribos de jovens?

Vivemos numa época crucial. A cada dia, o paganismo perpetua-se de uma forma impressionante. Podemos percebê-lo em movimentos como a Nova Era, as filosofias orientais, a exemplo do Zen-budismo, Hare Krishna, ou mesmo nas tribos como os Góticos, Punks, emos e outros grupos.

Há uma influência no uso de tatuagens, *piercings*, roupas exóticas, etc. Os pais devem conversar com os filhos e conhecer o porquê da decisão de seguir determinado modismo. Não adianta apenas reprimir. É necessária uma conscientização dos males que essas coisas poderão causar.

Como já vimos, Ted Ward (1981) mostra que cercas altas não mantêm as ervas daninhas fora do jardim: “De que maneira um jardineiro trata as ervas daninhas? Com a enxada, ele as arranca pelas raízes. Ele alimenta o crescimento das boas plantas e desencoraja o crescimento das plantas ruins”.

Cuidar dos filhos requer tempo e dedicação. O grande problema é que alguns pais não querem gastar tempo com seus filhos, abandonando-os à própria sorte. Esses pais só os procuram para repreendê-los ou castigá-los. Nem todos os modismos são prejudiciais; no entanto, precisamos observar o que o apóstolo Paulo ensinou-nos:

“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma” (1 Co 6.12).

---

[58] Disponível em: http://www.gazetatv.com.br/noticia (Acesso em 12/10/2012).

[59] Disponível em: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=1&id_noticia=171414. Acesso em 12/10/2012.

CAPÍTULO

XXVIII

ORIENTAÇÃO SOBRE O RELACIONAMENTO CONJUGAL

Há uma considerável lista de fatores que contribuem para as dificuldades conjugais. Destacamos alguns dos problemas mais frequentes nas sessões de aconselhamento como dificuldades financeiras; problemas sexuais; incompatibilidade de gênios; questões relacionadas à personalidade tais como a introversão e extroversão; nascimento de filhos, ou a sua saída de casa com a maioridade; diferenças de educação; formação profissional; estilo de vida e objetivos; infidelidade conjugal; itens pertinentes à estética: beleza física, idade, etc.; problemas psicológicos e diferenças de credo e fé.

Antes de abordar essas questões, mostraremos os elementos que são básicos para o fortalecimento da relação. Há três coisas básicas que considero como colunas de sustentação do lar: a maturidade, a comunicação e o amor. Sem esses elementos, o relacionamento familiar torna-se prejudicado. Em seguida, abordaremos os principais conflitos e a maneira como resolvê-los.

AS TRÊS COLUNAS DE SUSTENTAÇÃO DO LAR

A Bíblia é clara quando trata da solidez da família e do matrimônio. Ela destaca os cuidados que se deve ter na construção da uma casa: "*Quando edificares uma casa nova, farás no telhado um parapeito, para que não ponhas culpa de sangue na tua casa, se alguém de alguma maneira cair dela*" (Dt 22.8). Devemos dar sempre importância à segurança de nosso lar.

Há textos que também falam da maturidade e da sabedoria indispensáveis para o bom relacionamento:

> *"Tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Maior esperança há de um tolo do que dele" (Pv 29.20).*
> *"Toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derriba-a com as suas mãos" (Pv 14.1).*

Assim como uma casa precisa de colunas firmes para manter-se de pé, assim, também, o matrimônio precisa estar fundamentado em, pelo menos, três princípios, a fim de que o casamento resista às intempéries da vida. Maturidade, comunicação e amor são os três ingredientes indispensáveis para mantermos o lar bem estruturado e seguro.

1 – A MATURIDADE EMOCIONAL

A insegurança é um problema que atinge a maioria das pessoas. São inúmeras as situações que podem

desencadear um sentimento de insegurança. Quem nunca se sentiu inseguro alguma vez em sua vida?

Basta lembrar-se do primeiro dia na escola quando era criança, ou da primeira vez que teve que apresentar um trabalho diante da classe, ou então do dia da formatura, da primeira viagem de avião, do primeiro dia no trabalho, ou ainda o dia do casamento, e assim sucessivamente.

É natural sentirmo-nos inseguros diante de situações novas ou ameaçadoras. Existe, porém, uma forma extrema de insegurança, que é destrutiva e causada por um temor imaginário ou inexistente de algo ameaçador. As pessoas que sentem esse tipo de problema criam as situações em sua mente e comportam-se como se elas de fato existissem desenvolvendo uma insegurança em relação a si mesma e ao mundo em sua volta.

Há vários fatores que podem contribuir para o desenvolvimento ou agravamento da insegurança emocional.

1. A imaturidade e a estrutura da personalidade

O problema da insegurança está mais relacionado à estrutura de personalidade de cada pessoa e a maneira como ela relaciona-se consigo mesma e com o seu mundo social (família, trabalho, igreja, amigos, etc.).

Tudo depende do modo como a pessoa percebe as coisas e a valorização que dá a elas. Uma mulher insegura, com uma autoestima baixa, por exemplo, poderá sentir-se ameaçada ao ver o marido conversando com outra mulher,

ou então se sentirá infeliz ao ver duas pessoas conversando baixinho por acreditar que elas estejam falando a seu respeito.

A insegurança mórbida e a carência afetiva produzem comportamentos instáveis que chamam a atenção de forma desagradável. Um exemplo claro desse tipo de insegurança é o ciúme doentio. O ciúme é externado por meio de atitudes imaturas como ira, ódio, decepção, tristeza, vergonha, humilhação, etc. A pessoa ciumenta desconfia do seu próprio valor, acha que não é tão importante ou que não é amada por seu parceiro(a).

2. A imaturidade e os conflitos pessoais

Outra demonstração de insegurança emocional está na manifestação de conflitos pessoais como os complexos. O complexo de inferioridade, por exemplo, leva a pessoa a sentir-se incapaz, pequena e indefesa diante dos outros, que passam a representar uma enorme ameaça. A pessoa sente-se inferiorizada, sem autoestima.

Há outras situações que demonstram insegurança emocional como, por exemplo, a timidez excessiva, a autocrítica, o medo do fracasso, etc. Todas essas situações estão relacionadas a uma autoestima baixa. Uma pessoa cuja autoestima é baixa está fadada ao insucesso, a carências e à insatisfação pessoal.

Quem possui esse tipo de insegurança precisa alcançar a maturidade emocional. É possível encontrar o equilíbrio e agir de forma madura diante das situações que possam ameaçar a segurança emocional.

3. Alcançando a maturidade

Alcançar a maturidade é aprender a enfrentar a vida de maneira simples e direta, tomando consciência de que o problema não está no outro, mas em si mesmo. Há pessoas que sempre culpam alguém ou alguma coisa pelo seu comportamento, nunca assumindo a responsabilidade pelos seus próprios atos. Fundamentam-se numa visão determinista que tenta explicar o comportamento humano por meio do determinismo genético, psíquico e ambiental.

O determinismo genético procura explicar a natureza humana a partir da herança genética que possuímos, admitindo que nossas atitudes foram herdadas de nossos ancestrais (avós, pais, tios, etc.). O determinismo psíquico culpa os pais pela formação da personalidade, atribuindo falhas na criação, educação e experiências vividas na infância. O determinismo ambiental responsabiliza o ambiente ou o meio social onde a pessoa desenvolveu-se pela formação do seu caráter.

Apesar de reconhecermos que somos influenciados por esses aspectos e que, em parte, somos condicionados pelo meio social, pela disposição genética, pela educação e pelas experiências vividas na infância, não podemos afirmar que essas coisas isoladamente determinam o que somos, ou que não temos nenhum controle sobre nossas atitudes.

Dizer simplesmente “Eu sou assim”, ou “Eu nasci assim”, ou “Eu não tenho culpa de ser assim” é uma maneira imatura de justificar suas ações negativas.

Quando alcançamos a maturidade emocional, entendemos que podemos ter controle sobre nossas atitudes e, assim,

adquirimos a capacidade de superarmos as experiências negativas ou traumáticas que tenhamos vivido durante nossa vida. Enquanto você não perceber que o problema está em si mesmo, não estará apto para mudar. Você continuará culpando as outras pessoas e tornando-se cada vez mais infeliz.

II – A COMUNICAÇÃO

A comunicação nos relacionamentos conjugais é uma ferramenta indispensável para a construção do bem-estar psíquico do indivíduo. Essa peça é condição imprescindível para o fortalecimento das necessidades no casamento. É necessário que haja troca de ideias, ideais, opiniões e ponto de vista.

A comunicação é algo complexo que exige um exercício de paciência, autocontrole e, acima de tudo, uma vontade extrema de construir uma boa relação.

Nos chamados tempos modernos, a comunicação torna-se cada vez mais rara, transformando-se numa tragédia para a humanidade. O pastor Antonio Gilberto afirma: “*A chave para se conhecer qualquer coisa é o amor e a comunicação. Sem comunicação a pessoa começa a morrer por dentro*”.

Vivemos na era da informática — época de grande avanço tecnológico. Possuímos empresas com grande *know-how*, que estão entre as mais modernas em matéria de comunicação no mundo.

Somos capazes de assistir ao vivo a uma transmissão de algum evento, independentemente da distância e do local onde esteja ocorrendo. Ao nosso alcance, temos

computadores de última geração que desenvolvem trabalhos com uma rapidez incrível. Através deles, podemos, via Internet, ter acesso a informações do mundo inteiro; porém, ao mesmo tempo em que houve uma aparente aproximação dos povos através dessa evolução ímpar, há, também, o agravante de as pessoas estarem cada vez mais isoladas umas das outras.

A máquina está substituindo o homem. Entre as pessoas, está ocorrendo uma perda de contato. A falta de tempo é um problema que acomete a maior parte da população mundial. Com isso, a interação entre as pessoas está cada vez mais virtual. O pouco tempo que se tem livre é um dos motivos que diminui ainda mais a disponibilidade das pessoas para saírem e se encontrar. (Suely Gevertz. Psicóloga e psicanalista).

O problema torna-se mais grave quando isso ocorre dentro de casa. Há vários fatores que contribuem para o agravamento dessa situação. Dentre eles, está a luta pela sobrevivência, que provoca um desencontro entre os membros da família.

Em geral, nos grandes centros, as pessoas saem para trabalhar cedo enquanto os seus filhos ainda estão dormindo. Ao voltar, à noite, já os encontram dormindo. Às vezes, os filhos encontram os seus pais apenas nos finais de semana. Talvez seja essa a realidade da sua família.

As transformações sociais que atingem nossa sociedade refletem principalmente a estrutura familiar. A falta de recursos, o desemprego e a pobreza têm levado muitas pessoas a buscar uma melhora de vida nas grandes

cidades. Muitos, não obtendo sucesso, passam a morar na periferia em condições precárias. Sabemos que esse problema é um verdadeiro caos social que tem contribuído para o aumento da violência, do vandalismo. As pessoas sentem medo, afastando-se umas das outras. É possível que isso esteja acontecendo com você ou com alguém muito próximo. As consequências são as mais drásticas possíveis. O medo, a solidão e uma sensação de vazio têm dominado a geração atual. É algo calamitoso!

Como vai a comunicação no seu lar? Como é o seu relacionamento com os seus pais e com os seus irmãos? Existe problema de comunicação na sua casa? Existem vários elementos que estão contribuindo para essa quebra de comunicação. Observe-os e descubra como combatê-los.

O primeiro elemento é o excesso de horas na frente da televisão. Esse tem sido um dos grandes vilões e responsáveis por esse problema. A televisão contribui para o afastamento entre os membros da família. Você já imaginou o quanto é desagradável para a mãe que deseja a ajuda da filha escutá-la dizer: “Não posso atendê-la agora, mãe. Espera só a novela terminar!”, ou então o filho que deseja mostrar algo para o pai ou tirar alguma dúvida escutar este dizer-lhe: “Por favor, não me incomode! Você não vê que estou assistindo o Jornal?”. Já pensou o quão triste é sentir-se menos importante do que a novela ou um programa jornalístico?

Hoje, infelizmente, os programas televisivos interferem até mesmo no horário das refeições, momento em que,

costumeiramente, as famílias reuniam-se e confraternizavam-se.

Existem alguns brinquedos eletrônicos, a exemplo do video game, que também roubam o tempo da família. Esses brinquedos são bastante atrativos; porém, trazem, na maioria das vezes, alguns danos: incitam a violência, levam ao alheamento das atividades escolares, viciam e levam à preguiça e à ociosidade. Procure selecionar esses brinquedos e use-os moderadamente.

O segundo elemento que vem contribuindo acentuadamente para a quebra da comunicação no lar é a Internet. Talvez, essa seja uma das maiores criações do final do século XX e início desse novo milênio. Através da Internet, você pode receber ou enviar mensagens de qualquer parte do planeta.

A cada dia que passa, a Internet torna-se acessível a todos. Mesmo aqueles que não possuem um computador em casa já podem ter acesso no colégio, ou mesmo na casa de um amigo.

Pesquisas mostram que 87% da população brasileira já acessa a Internet, nem que seja em casa, no trabalho, na rua ou em *LAN houses*. As compras por Internet crescem a cada dia. O ano de 2010 fechou com R$ 14,8 bilhões de vendas via Internet.[60]

No entanto, um instrumento tão útil também pode ser bastante destrutivo. Basta visitar alguns *sites* para se deparar com situações de risco. Satanás tem usado esse meio para a difusão do pecado, da prostituição e de coisas semelhantes.

O mais agravante é o tempo demasiado que algumas pessoas ficam na frente de um computador navegando na Internet, isolando-se dos seus familiares. O vício em Internet, assim como muitos outros vícios chamados de dependências comportamentais, podem causar danos físicos e emocionais ao portador do problema.

A busca por um ponto de equilíbrio

Existe um equilíbrio para tudo! A Internet é necessária para a comunicação na sociedade globalizada. A comunicação virtual, por exemplo, promove inúmeras vantagens, mas também pode ser ilusória. Ela não deve, por exemplo, tornar-se um meio de fuga e refúgio para os que têm dificuldades nas relações interpessoais, timidez excessiva, medo ou insegurança de expor-se ao outro. Isso poderá aumentar o distanciamento entre as pessoas e, consequentemente, exacerbar as dificuldades de cada um, trazendo sentimentos de isolamento e solidão.

O melhor a fazer é enfrentar a verdadeira experiência humana, tomar consciência de que temos problemas e que estes devem ser tratados.

Lições práticas

Torna-se importante sabermos utilizar os recursos da mídia, particularmente da Internet, a nosso favor, com sabedoria e discernimento, aproveitando os benefícios que cada tipo de relacionamento promove, de modo que possamos viver mais plenamente e próximos daqueles que amamos.

Faça uma autoavaliação e veja quantas horas por dia você permanece na frente da televisão, do *video game* e/ou da Internet. Proponha a si mesmo uma diminuição desse tempo. Aceite, por exemplo, o desafio para não assistir televisão aos domingos durante certo tempo, usando esse período para outra atividade como: a leitura de um livro, um dia de evangelismo, visitas nos lares, orfanatos, hospitais, etc. Em seguida, ore a Deus e peça a Ele que o ajude a cumprir esse propósito.

Outro elemento que tem contribuído para a quebra na comunicação no lar tem sido as desavenças, brigas e desentendimentos, gerando, algumas vezes, intrigas entre irmãos e até mesmo entre pais e filhos. Se essa é a sua realidade, deixe Deus, através de você, abençoar seu lar. Para isso, descubra o valor do perdão e reconcilie-se com seu irmão ou com seus pais; assim, você estará abrindo um espaço para a operação de Deus.

III. O AMOR

Amar não é uma opção, mas, sim, um mandamento bíblico. Vejamos o que a Bíblia diz: "*Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela*" (Ef 5.25).

O amor é mais do que a expressão de um sentimento. É uma manifestação de ações positivas e incondicionais. O amor é a base para um bom relacionamento.

A Bíblia ensina que devemos amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos (Mt 22.37-39). Nossa relação com Deus é determinante para que tenhamos

um bom relacionamento com as pessoas e com o mundo em que vivemos.

Devemos amar as pessoas sem distinção, independentemente da cor ou da posição social. A prática do amor deve começar em casa. Há pessoas que tratam os amigos, colegas e outros que não fazem parte do seu círculo familiar com muita atenção e simpatia, mas tratam aos de casa asperamente e com indiferença. Para termos um lar abençoado, é necessário mantermos um bom relacionamento com nossa família.

Amar não é uma opção, mas um mandamento bíblico (Ef 5.25). O amor é manifestado através de nossas atitudes. O livro de Provérbios mostra como praticar o amor: "*Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer; e, se tiver sede, dá-lhe água para beber, porque, assim, brasas lhe amontoarás sobre a cabeça; e o Senhor to pagará*" (Pv 25.21,22).

O amor é algo que não apenas beneficia quem recebe, mas também reconforta quem oferece. Amar é fazer ao outro aquilo que você deseja para si (Lc 6.31). Quem ama dá o melhor de si para o outro. Quando agimos assim, conseguimos resgatar o amor e desfrutar da bênção de Deus.

RESOLVENDO OS CONFLITOS DO LAR

Para resolvermos os conflitos que surgem no dia a dia da família, precisamos, inicialmente, compreender o que significa um verdadeiro lar e como devemos cultivar um bom relacionamento em casa.

A palavra LAR tem origem do latim: “*Parte da cozinha onde se acende o fogo*”. Posteriormente, o termo passou a ser reconhecido como “Ambiente onde vive uma família”.

Do sentido original, temos a ideia de um lugar aconchegante. Infelizmente, algumas famílias já não desfrutam mais desse aconchego do lar, pois a harmonia e união da família deram lugar para conflitos e desavenças.

Deus deseja que tenhamos um lar feliz e abençoado. A seguir, veremos os principais tipos de conflitos e a maneira como resolvê-los.

1 – TIPOS DE CONFLITO

Já vimos que há, pelo menos, três tipos de conflito: O Conflito Intraindividual ou Intrapessoal; o Conflito Interpessoal; e o Conflito Extrapessoal.

O Conflito Intrapessoal é um conflito que pode interferir no relacionamento conjugal e familiar. Essa forma de conflito pode estar relacionada a traumas da infância como abuso sexual, culpa e má formação da personalidade.

O Conflito Interpessoal é um conflito entre duas ou mais pessoas que ocorre, na maioria das vezes, por falta de maturidade e de habilidade para se relacionar com os outros, tendo-se um comportamento individualista.

O Conflito Extrapessoal é um conflito oriundo de situações externas que interferem no relacionamento como, por exemplo: dívidas ou má administração financeira, doenças, viagens, ciúmes, etc.

II. SOLUÇÕES PARA OS CONFLITOS NO LAR

Toda família tem os seus conflitos, quer seja conflitos intrapessoais, interpessoais ou extrapessoais. A vida das pessoas é uma eterna sucessão de conflitos. É basicamente impossível evitá-los; eles, porém, podem ser administrados e solucionados.

Quando o conflito é intrapessoal, a pessoa precisa buscar uma ajuda pastoral ou profissional. Em muitos casos, é necessário um tratamento médico e/ou psicológico. Às vezes, a pessoa consegue melhorar por meio de um aconselhamento pastoral.

Se o conflito está relacionado a causas externas, essas situações precisam ser resolvidas, ou, pelo menos, minimizadas, para que ocorra uma solução do problema, salvo nas situações como doenças ou mortes.

Agora, se o conflito é interpessoal, faz-se necessário uma mudança no relacionamento ou mesmo na dinâmica familiar. Não podemos perder de vista a orientação do Senhor na resolução dos problemas. Devemos usar a Palavra de Deus como regra para a solução dos conflitos.

O conflito é basicamente um problema de percepção, porque as partes envolvidas devem perceber que existe um conflito entre elas. Se ninguém está consciente do conflito, então ele não existe; mas, no momento em que uma das partes percebe que a outra a afeta negativamente ou está a ponto de afetá-la, inicia-se, nesse momento, o processo de conflito. Os conflitos podem ir desde um ato sutil de desacordo até a oposição violenta.

A seguir, apresentamos alguns elementos indispensáveis para a solução de conflitos:

1. O Amor (Ef 5.25)

Já vimos que amar não é uma opção, mas, sim, um mandamento bíblico. Como, então, praticar o amor, ou amar o cônjuge, ou a pessoa que o magoou? Para compreendermos isso, mostramos inicialmente como o amor é interpretado.

Há quatro definições no grego para a palavra “amor”:

Phileo – é o amor fraterno, o de irmãos; daí vem a palavra “filantropia”.

Eros – é o amor físico, erótico, o amor-sentimento, o amor-desejo; daí vem a palavra “erotismo”;

Storgé – é amor afetivo (amor/amizade); que não se baseia na atração física, mas conta com a confiança mútua e os valores compartilhados.

Ágape – é o amor abnegado, altruísta, generoso. O amor verdadeiro (Ágape) é diferente do “*amor*” explícito nas telas do cinema ou da televisão. Amor é ação (Mt 5.39-45; Rm 12.20; 1 Co 13). O amor “*Ágape*” é o que deve existir entre os membros do Corpo de Cristo, pois esse amor flui diretamente de Deus, transcendendo barreiras. Trata-se do amor de Deus derramado no coração do homem. É a busca do melhor para com o próximo sem exigir nada em troca. É o amor de Cristo por nós: “*Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos*” (1 Jo 3.16 – ARA).

O amor é como uma planta que deve ser cultivada a cada dia. Quanto mais você alimenta o amor, mais ele cresce. Leiamos uma história impressionante que pode servir como exemplo do que estamos falando.

Há muito tempo, uma jovem chamada Lili casou-se e foi viver com o marido e a sogra. Depois de alguns dias, passou a não se entender com a sogra. As personalidades delas eram muito diferentes, e Lili irritava-se com os hábitos da sogra que frequentemente a criticava. Meses se passaram, e Lili e sua sogra cada vez discutiam e brigavam mais. Lili, já não suportando mais conviver com a sogra, decidiu tomar uma atitude e foi visitar um sábio que vendia ervas. Ela contou ao sábio tudo o que estava acontecendo e pediu que ele lhe desse algum veneno para que ela desse à sua sogra e desta forma pudesse resolver o problema.

O sábio pensou por algum tempo e entrou no quarto dos fundos e voltou alguns minutos depois com um pacote de ervas e disse: – Você não poderá usá-las de uma só vez para se libertar de sua sogra porque isso causaria suspeitas. Vou dar a você várias ervas que irão lentamente envenenar sua sogra. A cada dois dias, ponha um pouco destas ervas na comida dela. Agora, para ter certeza de que ninguém suspeitará de você, tenha muito cuidado e tente agir de forma muito amigável. Não discuta, obedeça-a em tudo e a trate da melhor forma possível.

Lili ficou muito contente e voltou apressada a casa para começar o projeto de assassinar a sua sogra.

Semanas se passaram e, a cada dois dias, Lili servia a comida “especialmente tratada” à sua sogra. Ela mudou o tratamento para com a sogra e tratou-a como se fosse sua própria mãe. Depois de seis meses, a casa inteira estava com outro astral. Lili tinha controlado o seu temperamento e quase nunca se aborrecia. Nesses seis meses não tinha tido nenhuma discussão com a sogra, que agora parecia muito mais amável e mais fácil de lidar. As atitudes da sogra também mudaram e elas passaram a se tratar como mãe e filha.

Um dia, Lili foi novamente procurar o sábio para pedir-lhe ajuda e disse: – Por favor, me ajude a evitar que o veneno mate minha sogra! Ela se transformou numa mulher agradável, e eu a amo como se fosse minha mãe. O sábio sorriu e acenou com a cabeça. – Lili, não precisa se preocupar. As ervas que eu dei eram vitaminas para melhorar a saúde dela. O veneno estava na sua mente e na sua atitude, mas foi jogado fora e substituído pelo amor que você passou a dar a ela.

2. Comunicação (Hb 13.16)

A solução dos conflitos depende do resgate da comunicação. Um dos grandes problemas na comunicação familiar é que não paramos para escutar o que o outro tem a dizer a nós, nem ficamos interessados em dar atenção às suas queixas; apenas falamos e exigimos que o outro

entenda o nosso lado. Há vários elementos que impedem a comunicação no lar. Vejamos alguns exemplos no relacionamento do casal:

A explosão – Essa é uma arma usada principalmente pelos homens. Quando eles gritam, elas geralmente se intimidam e se calam. Se isso se torna uma prática, ela deixará de expressar o que sente para evitar os gritos dele, ou então gritará mais alto para ser ouvida, tornando a relação perturbada por brigas e discussões.

O choro – Essa é uma arma mais usada por elas, que incomoda muito a eles. Toda vez que ele reclama, ela chora. Se isso se torna uma prática, ele deixará de expressar o que sente para evitar o choro dela.

O silêncio – Essa é uma arma usada por ambos. O silêncio é uma forma de mascarar o sentimento ou a expressão de uma atitude infantil de birra, que atrapalha, e muito, a relação.

Há alguns elementos que são imprescindíveis na comunicação:

Primeiro – devemos ouvir com empatia, colocando-se sempre no lugar da outra pessoa ao ouvi-la.

Segundo – não devemos tirar conclusões precipitadas; antes, devemos compreender o que a pessoa está tentando falar.

E finalmente – devemos cultivar uma boa comunicação, nunca se esquecendo de dizer “Eu te amo” ou “Desculpe-me”.

É impossível termos uma boa comunicação no lar, com o próximo ou com a igreja se não nos relacionamos bem com

Deus. Para que exista comunicação, é necessário um emissor, um receptor e um canal que leva a mensagem. Você é o emissor, Deus o receptor, e a sua oração o meio de comunicação entre você e Deus. Orar é algo mais do que uma obrigação.

Algumas pessoas têm o hábito de orar quando acordam, ou quando levantam, ou, ainda, antes das refeições. Fazem tudo tão mecanicamente que, às vezes, não percebem o significado daquilo que estão fazendo. Orar, porém, é um privilégio que temos. Orar é comunicar-se com Deus. Experimente isso diariamente e torne-se um agente de Deus para abençoar sua casa.

3. Maturidade

Um dos maiores problemas que afeta o relacionamento é a falta de maturidade. Muitas pessoas, apesar de se amarem, não conseguem viver bem por falta de maturidade.

Já vimos que a imaturidade emocional gera sentimentos como insegurança, ciúmes, traumas, complexos, timidez excessiva, medo do fracasso, autocrítica. Uma pessoa alcança a maturidade emocional quando percebe que o problema não está no outro, mas em si mesma. Quando agimos com maturidade, conseguimos aceitar o outro como ele é.

Um dos princípios citados por Stephen R. Covey em seu livro “*Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes*” é: “Procure primeiro compreender, depois ser compreendido”. Nenhum relacionamento funciona quando tentamos mudar

a outra pessoa. Às vezes, criamos um padrão ou uma espécie de forma e tentamos encaixar o outro nela. Quando o outro não se encaixa nesse modelo que estabelecemos, acabamos rejeitando-o, desconsiderando todas as qualidades e virtudes que a pessoa possui, passando, muitas vezes, a hostilizá-la.

Um bom relacionamento depende de duas coisas básicas: primeiro, conhecermos as características da personalidade do outro e, segundo, respeitarmos o modo como essa pessoa pensa e interpreta as coisas.

Precisamos compreender que as outras pessoas não são como somos. Cada indivíduo é único. Existem traços de personalidade que caracterizam essas pessoas que nós devemos conhecer.

Para nos relacionarmos bem com os outros, temos que entender como as pessoas agem (funcionam) para agirmos adequadamente com elas, aceitando-as incondicionalmente. Existem aspectos da personalidade que dificilmente mudam como, por exemplo, o temperamento. Assim, se não nos esforçamos para aceitar o outro, destruímos o relacionamento.

Outro aspecto básico da maturidade é a capacidade de alcançarmos o nível de interdependência na vida. Há duas formas polares de comportamentos que retratam imaturidade emocional: a dependência emocional e a independência absoluta dos outros.

Uma pessoa emocionalmente dependente vive em função das outras pessoas. Anula-se totalmente e transfere ao outro a responsabilidade das coisas. Vive constantemente

cobrando do outro pelo resultado das coisas. O outro é sempre o culpado de tudo.

A pessoa independente, ao contrário, anula o outro, fazendo com que as coisas girem em torno de si. Ela é responsável por tudo; é a única que tem certeza das coisas e só ela sabe fazer as melhores escolhas.

Como podemos perceber, as pessoas dependentes centram suas vidas no outro, enquanto que as pessoas independentes centram suas vidas nelas mesmas. Nenhum relacionamento, quer seja afetivo, familiar, ou mesmo de trabalho, funciona bem se tivermos esse padrão de comportamento. Imagine como não será o relacionamento de duas pessoas centradas em si mesmas ou, então, centradas no outro. Quantas acusações e desencontros não ocorrerão entre elas! Dificilmente, elas poderão entender uma a outra.

A maturidade emocional faz com que aprendamos a ter uma vida de *interdependência*. Uma pessoa interdependente consegue unir seus talentos e habilidades com os talentos e habilidades do outro. Há um espírito de cooperação mútuo. Juntas, elas são capazes de criar algo maior, de compartilhar. Agora, o que prevalece não é o EU ou o VOCÊ, mas o NÓS: “Nós podemos”, “Nós fazemos”, “Nós decidimos”. As pessoas interdependentes conseguem combinar seus próprios esforços com o esforço dos outros para conseguir um resultado melhor.

4. A submissão (Ef 5.22-32)

Um dos problemas que afetam drasticamente o lar é o desempenho incorreto de papeis. A Bíblia ensina que a mulher deve ser submissa ao marido. Mas o que realmente significa submissão de acordo com Efésios 5.22-24?

Na criação, o homem e a mulher receberam papeis e responsabilidades distintas. O homem recebeu a função de administrar o lar, sendo posto como cabeça. A mulher recebeu a função de auxiliadora (Gn 2.18).

O apóstolo Paulo, em Efésios 5.22-24, ensina que a mulher deve ser submissa ao homem. Observe que Paulo não diz que o homem deve subjugá-la ou tratá-la como serva, mas, sim, que ela deliberadamente aceite o seu papel como alguém que deve auxiliar o marido. E, assim como a igreja está sujeita a Cristo, a esposa deve submeter-se espontaneamente ao seu marido, em obediência ao Senhor.

Existem aqueles que confundem submissão com escravidão, postando-se como superiores à mulher. A submissão não torna a mulher inferior ao homem, nem a transforma numa escrava do lar, muito menos a faz subserviente, incapaz de opinar ou resignada a ponto de perder a sua identidade. A mulher submissa aceita a sua posição estabelecida por Deus como auxiliadora, colocando-se ao lado do homem para ajudá-lo em tudo.

O homem não é autossuficiente; ele não deve agir independentemente, mas em comum acordo com sua mulher. Juntamente com a sua esposa, ele deve instruir e ensinar os filhos a amar e a obedecer a Deus e a guardar os ensinamentos das *Sagradas Escrituras*.

5. Uma vida sexual saudável

A prática do sexo no casamento tem sido motivo de muito descontentamento e fracasso entre maridos e esposas, seja por diferenças de concepções ou por falta de conhecimento ou preconceitos e medo por não se estar agradando a Deus.

O sexo foi criado por Deus para ser desfrutado no casamento. Infelizmente, muitos casais não conseguem desfrutar disso. Algumas pessoas são uma bênção na igreja, mas não atingem os anseios sexuais, o que acaba gerando conflitos.

Há algumas questões básicas relacionadas ao cultivo de uma vida sexual saudável que devem ser consideradas:

5.1 Leito sem mácula

A Bíblia mostra que o casamento precisa ser vacinado contra traições: "*Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará*" (Hb 13.4).

O termo utilizado nesse texto para "leito" vem do grego "*κοιτη*" (*koito*). Com isso, o escritor queria dizer que: digno de honra é o koito sem mácula, sem adultério. Na parte final do versículo, é dito o que Deus realmente abomina no sexo: o adultério, a devassidão e a prostituição.

5.2 A abstinência sexual

Abstinência sexual é o ato de privar-se temporária ou permanentemente da atividade sexual, que pode ser feita voluntária ou involuntariamente. Deus criou-nos com a

capacidade de sermos seres sexuados, dotados de instintos sexuais, responsáveis pela procriação e perpetuação da espécie humana. A abstinência sexual é uma maneira de cortarmos ou abdicarmos desse aspecto chave de nossa natureza.

O apóstolo Paulo mostra que o cônjuge não pode negar-se a atender ao outro (1 Co 7.3-5).

O cônjuge não deve abster-se da relação sexual sem acordo mútuo, a não ser que esteja enfrentando problemas que afetem sua saúde emocional e física.

5.3 Práticas indecentes

A Bíblia orienta-nos a termos uma sexualidade pura.

> *"Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra, não na paixão da concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus" (1 Ts 4.3-5).*

Muitos casais não sabem o limite do que é lícito ou ilícito no relacionamento conjugal. Alguns cônjuges trazem para o leito de prazer comportamentos e princípios sexuais completamente mundanos que agridem o outro, tais como: a prática do sexo anal, agressão moral e física consentida e certas práticas animalescas.

O casal pode ter a liberdade de explorar um ao outro sem medo e sem culpa. O prazer sexual é uma dádiva de Deus

para o casamento. Porém, deve-se evitar o sexo anal, pelas seguintes razões:

Primeiro: porque a Bíblia condena essa prática: "[...] *mudaram o uso natural no que é contrário à natureza*" (Rm 1.23-28).

Segundo: porque a estrutura anatômica do ânus não foi feita para se penetrar alguma coisa, mas, sim, para excretar. O sexo anal é uma agressão para a mulher. O homem que ama a sua esposa não a obriga a tal prática.

Quanto ao sexo oral ou outras formas de carícias, tais devem ser feitos com o consentimento do outro:

> A normalidade sexual está relacionada ao fato de a sexualidade ser compartilhada de forma que o casal esteja de acordo com o que é feito, sem caráter destrutivo para o indivíduo ou para o parceiro e não afronta regras comuns da sociedade em que se vive.[61]

5.4 Prazer no relacionamento

Não podemos ter uma visão egoísta do prazer sexual. O sexo precisa ser compartilhado, ou seja, não deve ser algo individualizado. Um precisa pensar na satisfação do outro.

Uma das maiores causas de problemas sexuais está na desinformação e na falta de conhecimento sobre como o outro funciona. Se a pessoa não sabe como o outro reage ao estímulo sexual, quais partes dele(a) são mais sensíveis ao toque, ou como ele(a) poderá satisfazer o parceiro?

O casal dever conversar sobre o assunto e descobrir a melhor maneira de satisfazer um ao outro.

Devido à importância do tema, voltamos a discutir outras questões no capítulo que tratamos exclusivamente sobre “Problemas Relacionados à Sexualidade”.

6. Uma vida socioeconômica estável

O controle financeiro é algo imprescindível na vida. Quem não consegue administrar suas finanças passa a ter sérios problemas, principalmente no relacionamento familiar.

Os problemas financeiros são, na maioria das vezes, resultados de uma desorganização interior. Essa situação vai desde a falta de planejamento à compulsão de gastar. O compulsivo não consegue controlar os seus impulsos, compra por comprar e tenta aliviar suas tensões e a ansiedade que sente por problemas pessoais. Geralmente, esses casos precisam de tratamento.

Existem outras situações como a perda de emprego, acidentes, doenças que também podem desencadear uma crise financeira; porém, esses casos são temporários e são resolvidos à medida que a situação melhora.

Viver economicamente estável num país de economia instável é um desafio. O controle de gastos é extremamente necessário para se obter um orçamento familiar equilibrado. Quando fazemos um orçamento mensal, podemos perceber nossas reais condições financeiras, assumimos o controle de nossos gastos e aprendemos a viver de acordo com o que ganhamos.

O orçamento mensal é nada mais do que uma lista de todas as despesas do mês, até mesmo as pequenas. A soma total das despesas é subtraída do valor da receita. Havendo sobras, deve-se poupar para eventuais necessidades. Entretanto, se o saldo for negativo, o orçamento precisará ser reajustado.

Dicas básicas para o controle no orçamento[62]

- Aprenda a comparar preços. Sempre há lugares mais baratos.
- Prefira comprar à vista, e não a prazo. Comprando à vista, você ganha descontos significativos e controla mais facilmente o orçamento doméstico.
- Evite comprar supérfluos. Dê um basta nas compras feitas apenas por impulso.
- Compre, de preferência, produtos que estejam na safra ou num período de preços mais baixos.
- Procure negociar ou reduzir grandes despesas como aluguéis, financiamentos, empréstimos, etc.
- Evite gastos com almoços ou jantares fora de casa com muita frequência.
- Economize nos gastos com telefone, energia elétrica, TV a cabo e Internet.
- Controle o uso do celular. Use-o apenas para chamadas urgentes e para receber ligações.

- Cuidado com os cartões de crédito, cheques pré-datados e com o cheque especial. O mau uso desses instrumentos financeiros poderá levá-lo a endividar-se.
- Procure liquidar primeiramente as dívidas para poder pensar em comprar mais. É preferível abrir mão de uma coisa que deseja muito hoje e conseguir equilibrar as finanças do que tê-la agora e ficar endividado.

As dívidas tornam-se um grande empecilho na vida do casal, resultando, muitas vezes, em separação. Portanto, aprenda a administrar suas finanças e tenha uma vida mais saudável.

7. Uma vida espiritual saudável

Um lar espiritual é comandado por Cristo. Seus problemas, dúvidas e temores são tratados de acordo com a orientação bíblica e a oração. O desenvolvimento da espiritualidade do lar ocorre numa múltipla relação DEUS – VOCÊ – FAMÍLIA.

Vejamos a demonstração no gráfico abaixo:

DEUS ---------- VOCÊ
VOCÊ ---------- CÔNJUGE
(marido ou esposa)
VOCÊ ---------- FILHOS

Primeiramente, a pessoa busca um relacionamento com Deus; em seguida, busca influenciar o cônjuge, unindo-se a este para ambos buscarem ao Senhor juntos; depois, os

filhos são envolvidos nessa relação, ocorrendo, assim, a múltipla relação entre você, Deus e sua família.

Vejamos o exemplo de Jacó (Gn 35.1-3):

> *Depois, disse Deus a Jacó: Levanta-te, sobe a Betel e habita ali; faze ali um altar ao Deus que te apareceu quando fugiste diante da face de Esaú, teu irmão. Então, disse Jacó à sua família e a todos os que com ele estavam: Tirai os deuses estranhos que há no meio de vós, e purificai-vos, e mudai as vossas vestes. E levantemo-nos e subamos a Betel; e ali farei um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia e que foi comigo no caminho que tenho andado (Gn 35.1-3).*

DEUS – JACÓ: "*Levanta-te, sobe a Betel e habita ali; faze ali um altar ao Deus que te apareceu quando fugiste diante da face de Esaú, teu irmão*". Devemos possuir um altar em nosso lar.

ALTAR: lugar de sacrifícios. Lugar de comunhão dos fieis com Deus (Gn 8.20; 12.7; 35.1,7).

JACÓ – FAMÍLIA: "*Tirai os deuses estranhos que há no meio de vós, e purificai-vos, e mudai as vossas vestes*".

JACÓ – FAMÍLIA – DEUS: "*Levantemo-nos e subamos a Betel; e ali farei um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia e que foi comigo no caminho que tenho andado*".

Observamos:

O valor da família para Jacó: “Levantemo-nos e subamos a Betel”;

A responsabilidade pessoal de Jacó: “e ali farei um altar”;

O reconhecimento dele pelos benefícios alcançados: “Ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia”;

E sua convicção e segurança da presença de Deus: “e que foi comigo no caminho que tenho andado”.

---

[60] Disponível em: http://www.avellareduarte.com.br/projeto /conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2011.htm

[61] Disponível em: http://www.abcdasaude.com.br. Acesso em 12 de maio de 2010.

[62]LOPES, Jamiel de O. Psicologia e Liderança Cristã, 2009

CAPÍTULO

XXIX

TRATANDO SOBRE PROBLEMAS RELACIONADOS À SEXUALIDADE COM JOVENS E ADOLESCENTES

O sexo é algo puro e agradável desde que praticado de acordo com os princípios da Palavra de Deus. Mas, infelizmente, há muitos evangélicos que possuem uma visão distorcida sobre o sexo e pensam que, seja como for, o sexo é algo sujo, abominável e maligno. O sexo foi criado por Deus não somente para a procriação, mas também para proporcionar a satisfação do casal no matrimônio. Satanás, no entanto, sabendo da fragilidade humana na área sexual, tem pervertido o sexo, provocando abuso, distorção e aberração desse precioso instinto, levando o homem à prática da imoralidade sexual.

A Bíblia afirma:

> *"Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém aos que se dão à prostituição*

e aos adúlteros Deus os julgará" (Hb 13.4).

O sexo no casamento não é pecado. A relação sexual monogâmica foi plano de Deus ao criar o homem, porque Ele, quando o criou, ordenou que este fosse fecundo. E como o homem seria fecundo sem a relação sexual? Além disso, a ordem "sede fecundos" foi dada ao homem antes de este pecar contra Deus, mostrando que o sexo não foi o motivo da queda do homem. Portanto, não se pode afirmar biblicamente que o fruto que Adão e Eva comeram tenha algo a ver com uma relação sexual entre o primeiro casal. Essa opinião não passa de um puritanismo absurdo de alguém que quer esconder uma fraqueza pessoal criando um pecado.

Outro detalhe a ser observado: Deus colocou a atração sexual dentro do homem e da mulher para que estes fossem fecundos e preservassem a espécie. Após o pecado é que o homem passou a satisfazer seus desejos sexuais de forma deturpada.

Entenda que Deus é o responsável por colocar em todos nós os sentimentos e emoções positivos como a esperança, a paciência, a coragem e o amor, que fazem muito bem à alma e ao corpo. As emoções negativas que podem prejudicar nosso corpo e mente, se bem conduzidas e controladas, podem ser úteis à preservação da espécie e à proteção da vida. O medo, por exemplo, que, em alguns momentos, torna-se uma fobia paralisante em muitas pessoas, provoca comportamentos de fuga ou de luta quando algo os ameaça.

1 – O QUE A BÍBLIA DESAPROVA NO SEXO

1. A Bíblia desaprova o sexo antes do casamento, taxando-o como fornicação

O ato sexual entre pessoas não casadas é reprovado na Bíblia (Ef 4.19; 5.3; Cl 3.5; 2 Pe 2.10). A justificativa para isso é que, para Deus, o sexo não é unicamente uma satisfação carnal, mas vai muito além disso. O propósito divino é que a relação sexual seja praticada no casamento (1 Co 7.4,5). E, quando o casal torna-se uma só carne, há uma união íntima e espiritual no momento da relação sexual, que só pode haver entre o casal depois de casados; tanto é que se pode observar que pessoas que vivem em devassidão quase com certeza são perturbadas espiritualmente.

Biblicamente falando, os casados honram o casamento com a fidelidade, e os solteiros, com a castidade (Hb 13.4). Saber esperar é uma ordem bíblica (1 Ts 4.3-8). Tanto o homem quanto a mulher devem permanecer castos até o casamento. Quem ama espera (1 Co 13.7). Em Provérbios 25.28, lemos: “*Como a cidade com seus muros derrubados, assim é quem não sabe dominar-se*” (NVI).

Todavia, em nossa sociedade, onde as pessoas buscam a felicidade momentânea e o agora, não há valorização desse importante mandamento bíblico, e muitos acabam colhendo os frutos de uma vida devassa.

Atualmente, há uma banalização das questões relacionadas ao sexo. A mídia, especialmente a Televisão e a Internet, estimula as pessoas a viverem o sexo sem controle

e sem compromisso, como se nada mais tivesse limites. “Sua única preocupação é a difusão do sexo seguro, e o incentivo do uso do preservativo, porque Satanás tem se apoderado dos meios de comunicação para enganar e iludir as pessoas, afastando-as de Deus”.[63]

A imoralidade[64] leva as pessoas a priorizar os relacionamentos fortuitos e a darem pouca atenção às relações responsáveis e a vínculos afetivos.

A responsabilidade está ligada à formação do caráter. Ser responsável é aprender a subordinar seus desejos e inclinações à ordem moral e à vontade de Deus.

Jovens e adolescentes na fase de explosão da libido, devido à grande quantidade de hormônios lançados na corrente sanguínea, principalmente no homem (com idade variando entre os 12 a 17 anos), precisam de muita orientação para aprenderem a lidar com seus impulsos e não cometerem alguns erros comuns nessa fase, levando-os a enfrentar consequências drásticas. Cabe aos jovens entender que os princípios bíblicos, quando seguidos, servem para guiá-los a um viver correto e feliz.

1.1 Algumas consequências do envolvimento sexual antes do casamento:

- Sentimento de culpa, que poderá tornar-se uma tortura constante, além da perda da comunhão com Deus, que só poderá ser restaurada mediante o perdão de Deus quando a pessoa mostra-se

arrependida e deixa suas práticas pecaminosas (1 Jo 1.7,9; Pv 28.13);

- Muitos jovens sucumbem por causa de doenças sexualmente transmissíveis;
- Gravidez indesejada, que pode ocasionar aborto ou o nascimento de uma criança num lar desestruturado — um problema para a adolescente, que terá que interromper os estudos para ser mãe antes da hora.

Há aqueles que pregam o uso de preservativos, mas, no momento, o instinto fala mais alto que a razão, e são raros aqueles que pensam nisso. O melhor é que os jovens fiquem com a Palavra de Deus e esperem o momento certo para desfrutar dessa bênção do Senhor, evitando perturbação posterior.

2. A Bíblia condena o sexo extraconjugal, o adultério (1 Co 6.9; Êx 20.14; Ap 21.8).

Servem para esse item as premissas apresentadas com relação ao sexo antes do casamento. Assim como o sexo extraconjugal indica o adultério (1 Co 6.16,17), ou seja, assim como se torna adúltero diante de Deus aquele que coabita com uma prostituta, da mesma forma, para Deus, o que torna o casal uma só carne é a primeira relação sexual. Por isso, Deus abomina as relações extraconjugais porque são elas que rompem a união do casal a qual fora selada.

Sendo assim, pode-se concluir que o sexo, desde que praticado dentro do casamento, é uma bênção de Deus para

a vida do cristão. É para desfrutar o que o Senhor deixou para o casal e, se a relação nos faz bem, é motivo, então, para agradecer e glorificar a Deus, que nos ama.

Importa ressaltar que a imoralidade e a impureza sexual incluem o ato sexual ilícito — relação sexual entre pessoas do mesmo sexo — os desejos impuros, as paixões sexuais degradantes e, também, qualquer prática sexual com outra pessoa que não seja seu cônjuge.

II. ACONSELHANDO ADOLESCENTES E JOVENS A FUGIREM DA IMORALIDADE

Como servir a Deus com fidelidade e manter-se casto em dias em que a sexualidade é tão explorada? A indústria de entretenimento apresenta *shows*, filmes e novelas que promovem profanação, violência e sexo ilícito. A mídia mostra e incita apenas o lado do “prazer” e da “curtição”. Sua única “providência” é a difusão do sexo seguro por meio do incentivo do uso do preservativo. Isso ocorre porque Satanás apoderou-se dos meios de comunicação para enganar e iludir as pessoas, afastando-as de Deus. Cada vez mais, as pessoas tornam-se imorais, agindo desordenadamente.

A psicóloga Amparo Caridade, em seu artigo “Crise no adolescente e no mundo”, diz:

> O adolescente contemporâneo vive sua sexualidade em meio às referências que invadem seu imaginário. Ele é ator integrante do espetacular de nossa cultura. Como tal, é

> continuamente convocado a consumir imagens mais que a refletir, a elaborar, ou a pensar. Com isso é empurrado a permanecer na periferia de si mesmo, e nesse embotamento reflexivo, é difícil construir projetos pessoais, que lhe possibilitem reconhecer-se como alguém de valor. Sem projetos, fica sem motivo para valorizar a si mesmo e a vida. Na autodesvalorização, ele banaliza também o outro. A prática clínica vem identificando um incremento dessa banalização do eu e da vida, através dos sintomas que trata. É cada vez maior a presença de depressões, fobias, pânico e tentativas de suicídio, que vêm apresentando-se em camadas cada vez mais jovens da população. Ao meu ver, isso é expressivo de um mal estar, de uma autodesvalorização, de uma menos valia e da falta de sentido e de valor para a vida. Não é de admirar a frieza com que brincam de Roleta Russa, ou fazem sexo sem preservativo. Não é apenas a vida em seu fio trágico, é a vida em seu pouco valer.[65]

A mídia em geral, principalmente a mídia televisiva, é responsável pelas mudanças dos valores morais e espirituais do adolescente, já que ela exerce influência nos conceitos, nas ideias e nos padrões de comportamento deste, levando essa nova geração à apelação da “liberdade sexual” explorada em filmes, novelas, debates, programas de humor, comerciais, etc.

Os defensores do “sexo livre” esquecem que o adolescente e o jovem não estão tão preparados para encarar as consequências advindas dessa prática, tampouco os problemas sociais e espirituais que surgirão.

O apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 6.12, afirma: “‘*Tudo me é permitido*’, mas nem tudo convém. ‘*Tudo me é permitido’, mas eu não deixarei que nada me domine*” (NVI).

A Bíblia orienta-nos a fugir da imoralidade: “*Fuja dos desejos malignos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz, com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor*” (2 Tm 2.22 – NVI); e ensina-nos a ter autocontrole: “*Como a cidade com os seus muros derrubados, assim é quem não sabe dominar-se*” (Pv 25.28 – NVI).

1. Orientação dada aos jovens e adolescentes

- Orientar a terem cuidado para que não sejam influenciados pelos apelos da mídia e tornem-se pessoas libertinas e imorais.
- Mostrar que o sexo é algo palpitante, bom e prazeroso, mas que precisa ser feito com amor, com responsabilidade, com a pessoa certa na hora certa e dentro do matrimônio.
- Esclarecer que, com o impulso ou o desejo sexual que surge na puberdade, o adolescente pode envolver-se e, por falta de maturidade, entregar-se às sensações eróticas, resultando em traumas emocionais, sentimentos de culpa, além da

probabilidade de uma gravidez precoce e inesperada. Tanto o menino como a menina ainda estão, nesse período, passando por várias transformações psicofísicas. Além do mais, o corpo da menina não está ainda preparado para uma gravidez. As consequências são drásticas, ainda mais no tocante aos problemas que advirão para as famílias.

- Orientar principalmente a viverem de maneira regrada e a controlarem seus impulsos. Embora possa ser difícil, é necessário que o jovem cristão tenha um viver íntegro diante de Deus e dos homens. Ele só conseguirá viver assim com a ajuda do Espírito Santo, procurando, sobretudo, cultivar um relacionamento saudável com Deus, superando sentimentos de culpa e buscando uma renovação da mente, ou seja, substituindo as coisas desagradáveis a Deus pelas coisas agradáveis.

2. Alertar o jovem e o adolescente a:

- Vencer sentimentos de depressão e ansiedade.
- Despender sua energia sexual exercendo atividades físicas e mentais.
- Ter cuidado com as imagens visuais e mentais, evitando, por exemplo, acessar sites na Internet com conteúdos ilícitos (pornográficos e sensuais), filmes eróticos, etc.

3. Advertir também sobre os riscos do namoro virtual

Como já foi abordado anteriormente, é importante advertir jovens e adolescentes sobre os riscos do namoro virtual. Vimos que, com a inovação na forma atual de namoro, muitos entendem que os *sites* de relacionamento podem ser uma opção válida para se encontrar alguém para namorar e casar. Entretanto, precisamos entender que essa prática não substitui encontros em situações não virtuais.

Mesmo os *sites* criados especificamente para evangélicos não são totalmente seguros, pois não há critérios para o cadastro das pessoas. Os dados são baseados nas informações passadas pelo internauta e, como não existe um mecanismo padrão de checagem do status, pode não haver veracidade nas informações postadas ali.

É preferível não assumir compromisso de namoro em ambiente virtual. É melhor conhecer um pretendente sabendo informações reais sobre onde mora, quem é a família, se estuda, onde trabalha, onde congrega, etc. Esse procedimento pode revelar muitas coisas sobre como essa pessoa é, seus hábitos e preferências e o que ela anda fazendo.

Namoro é um compromisso e deve ser levado a sério. Os pais devem ser informados sobre o relacionamento dos filhos. É importante conquistar a confiança da família por meio do diálogo franco e transparente e também pelo cumprimento de regras importantes para o bem-estar e segurança. Portanto, os pais devem saber quem os filhos estão conhecendo na Internet. O maior desafio para quem

deseja encontrar alguém virtualmente é tentar saber o máximo possível da outra pessoa sem revelar muito de si.

É importante sermos cuidadosos em todas as áreas de nossas vidas e não nos deixar enganar pelos costumes e procedimentos seculares, mas, sim, andarmos conforme os princípios ensinados na Palavra de Deus.

III. AJUDANDO PESSOAS COM VÍCIO EM PORNOGRAFIA

Infelizmente, a pornografia tem sido cada vez mais usada como um meio diabólico de destruição da vida espiritual e moral de muitas pessoas. Na atualidade, ela prolifera-se de forma avassaladora, atingindo-as independentemente de idade, sexo ou estado civil. Com o advento da Internet, o acesso à pornografia e a busca pela realização das chamadas fantasias sexuais ficou mais fácil, tornando-se menos impeditivo alimentar e cultivar o vício secreto do sexo ilícito.

O sexo foi criado por Deus de uma forma pura e com o propósito de proporcionar a satisfação do casal no matrimônio e a propagação da espécie. Satanás, no entanto, perverteu e transtornou o sexo, provocando abuso, distorção e aberração nesses preciosos instintos.

A prática da pornografia, ao entrar na vida do indivíduo, leva-o à dependência, gerando, algumas vezes, uma compulsão ou um desejo incontrolável. Sabe-se que uma conduta sexual compulsiva é um vício e deve ser tratado. Se não se decidir por deter esse mal em sua vida, o indivíduo

acabará tornando-se escravo dele, assim como ocorre com os usuários de bebidas alcoólicas e drogas.

Essa é a razão pela qual muitos cristãos, sejam solteiros ou casados, não conseguem controlar-se e, mesmo não se relacionando sexualmente com um parceiro(a), temendo cometer pecado, chegam ao hábito de masturbarem-se com muita frequência. Aquilo que parece ser bom ou prazeroso a princípio torna-se logo como um câncer para a alma e, se não for combatido a tempo, pode levar seus praticantes a uma decadência moral e espiritual de difícil retorno.

A compulsão precisa ser tratada, algumas vezes, por meio de ajuda profissional. Nesse estágio do problema, a pessoa dificilmente conseguirá vencer o problema sozinha. Assim acontece com todo tipo de vício como jogo, bebidas alcoólicas, drogas e sexo.

Especialistas afirmam que não existe um caminho único para quem deseja livrar-se da dependência ou compulsão. Alguns meios de tratamento ou ajuda apontados por eles são:

- Os grupos de ajuda anônimos e
- As psicoterapias, ou mesmo o uso de remédios administrados por psiquiatras.

Sabemos, no entanto, que a libertação pode acontecer por meio da ação de Cristo: "*Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente, sereis livres*" (Jo 8.36).

A princípio, a orientação a ser dada é que o aconselhado faça uma confissão sincera do problema a Deus, deseje ardentemente se libertar e desenvolva uma vida de

disciplina pessoal, evitando o acesso a *sites* pornográficos na Internet e a outros materiais que despertam e estimulam a prática sexual ilícita. Além disso, aconselha-se também a prática de uma vida de devoção a Deus, com leitura bíblica diária e oração.

IV. ACONSELHANDO PESSOAS QUE TÊM ATITUDES HOMOSSEXUAIS

O tema *homossexualidade* é complexo, polêmico e provoca grande conflito moral dentro da igreja. É ainda pouco discutido abertamente entre os cristãos; afinal, trata-se de um ato antinatural dentro dos princípios bíblicos.

Os escritos bíblicos são muito explícitos sobre o assunto. Em toda a parte, a Bíblia refere-se à homossexualidade como um pecado, e não como uma doença (Veja Gn 19; Lv 18.22; 20.13; 1 Co 6.9 e 1 Tm 1.10).

As causas principais da homossexualidade não são muito claras, porém existem várias teorias que tentam explicá-las. Vejamos algumas delas:

- **A homossexualidade é apenas um vício** – Essa teoria afirma que a pessoa torna-se homossexual porque quer. É uma explicação insatisfatória porque, nesse caso, só seriam homossexuais os tipos corrompidos e libertinos, o que não é verdade. Não há dúvida de que muitos homossexuais o são por vício, mas não todos.
- **A homossexualidade ocorre por uma aberração genética** – Essa teoria tenta explicar a

homossexualidade como sendo uma questão hereditária. Assim, a pessoa nasce homossexual por anomalia, por deficiência ou por desvios hereditários. Não existe até hoje nenhuma prova científica de que alguém nasça homossexual.

- **A homossexualidade surge por causa de uma disfunção hormonal** – Essa teoria procura afirmar que a principal causa da homossexualidade está em uma deficiência no funcionamento de algumas glândulas.

Nos manuais internacionais de diagnósticos, a homossexualidade é considerada um "*transtorno de identidade de gênero*", termo não aceito por muitos profissionais da área de Psicologia e Psiquiatria, entre outras.

Ninguém nasce homossexual. A pessoa torna-se a partir das suas vivências. Em minha experiência profissional, tenho observado nos históricos das pessoas que procuram ajuda que a maioria delas teve experiências homossexuais na infância, sendo abusadas por adultos ou por garotos mais velhos. Outros tiveram as primeiras experiências sexuais na adolescência com pessoas do mesmo sexo. Essas pessoas passaram a acreditar que não seriam capazes de ter uma relação heterossexual. Elas ficaram condicionadas relacionando prazer sexual à homossexualidade.

Para a maioria dos cristãos, é possível, sim, uma pessoa conseguir superar e vencer suas tendências homossexuais e

reverter a orientação sexual, apesar de muitos não acreditarem e até mesmo afirmarem que um homossexual jamais deixará de sê-lo e firmar-se-á como cristão.

Sabemos que, logicamente, não é fácil o abandono da propensão, sobretudo se acompanhada de práticas, já que não depende apenas de a pessoa querer “libertar-se” ou vencer suas inclinações, mas também de um processo com diversas implicações. A pessoa terá uma vida marcada por desafios e tentações imensas, por sofrimento e luta constante consigo mesma. Ela precisará cultivar o fruto do Espírito em sua vida e buscar a cada dia renovar sua mente pela Palavra de Deus.

Como cristãos, defendemos uma orientação ou um aconselhamento bíblico para os que desejam “libertar-se” da homossexualidade, visto que, profissionalmente, a Resolução nº 1/99, parágrafo único, do Conselho Federal de Psicologia [considerando que homossexualidade não é opção, e sim uma orientação da sexualidade], determina que “os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade, já que ela não é considerada doença, nem distúrbio e nem perversão”.

1. Passos importantes para quem deseja a “libertação” da homossexualidade

- **Desejar vencer.** Desejar vencer ou dominar os desejos e as paixões carnais (Pv 25.28). Não adianta se essa motivação parte de outros (familiares, amigos, igreja) ou mesmo se a pessoa

quer mudar apenas por não se achar aceita pelos demais.

- **Renunciar a si mesmo**. A renúncia pessoal é a negação de si mesmo como forma de alcançar a vitória pessoal no dia a dia sobre o impulso da carne (*do grego sarx – natureza carnal*).
- **Procurar fortalecer-se em Deus** buscando os dons espirituais e cultivando o fruto do Espírito (Gl 5.22-23), exercendo-os para Deus e por Deus. Os dons espirituais e o fruto do Espírito compensarão e darão equilíbrio à vida do homossexual redimido, tornando-o, então, um verdadeiro cristão. É preciso submeter-se incondicionalmente ao Espírito Santo e andar em Espírito (Gl 5.16).
- **Reestruturação da vida como um todo**. É preciso haver uma reorganização da vida, observando os aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais do indivíduo. De acordo com o texto de Lucas 2.52, "*Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens*" (NVI).

---

[63] LOPES, Jamiel de O. Uma Conversa Franca com o Adolescente, 2008, p.70.

[64] *Idem* – Imoralidade significa oposição aos princípios da moral; desregramento, prática de maus costumes, devassidão, depravação, libertinagem, indecência.

[65] Disponível em: http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/cadernos/capitulo/cap20/cap20.htm. Acesso em: 24/8/2012.

CAPÍTULO

XXX

ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA CASAIS

Deus sempre deu importância à relação do casal, de forma que, no período do Antigo Testamento, um jovem, ao casar-se, não deveria ir para a guerra no primeiro ano do casamento. Ele teria que ficar em casa e alegrar a sua mulher, que desposou (ver Dt 24.5).

O que seria, então, esse “alegrar-se”? Seria o casal desfrutar da lua de mel, na linguagem atual.

Tanto o homem como a mulher buscam prazer nas relações sexuais com o parceiro no casamento. Por isso, para ter uma vida sexual estimulante, é preciso cada um conhecer a si mesmo (saber seus limites) e conhecer o outro, entendendo suas diferenças. O casal deve conversar abertamente sobre o que cada um gosta ou deseja, ser criativo e surpreender carinhosa e respeitosamente a pessoa amada, sem, no entanto, causar-lhe constrangimento.

1. O desejo sexual do homem e da mulher

1.O sexo para o homem

Para o homem, o sexo satisfaz seu senso de masculinidade; isso está diretamente relacionado com uma boa autoestima; um homem que se sente amado e tem uma relação sexual satisfatória melhora a percepção da própria imagem. O sexo também satisfaz seu instinto sexual e reduz a ansiedade.

Enquanto o impulso sexual da mulher é esporádico, a libido, ou desejo, ou o apetite sexual do homem é quase que constante.

Muitos homens sentem incômodos quando o líquido seminal fica represado por muito tempo, podendo afetar o seu bem-estar físico e emocional, embora especialistas digam que o próprio organismo encarrega-se de encontrar saídas fisiológicas[66] como, por exemplo, a polução noturna,[67] para liberação da tensão causada pelo excesso de sêmen acumulado dentro da próstata, das vesículas seminais e também dos testículos.

O homem é estimulado pelo que vê[68], ou seja, para ele, o sexo começa pelo olhar. Daí, a importância de a mulher saber preparar-se para causar prazer sexual ao seu marido. Dificilmente, um homem será estimulado a manter relações sexuais no escuro com uma mulher vestida com várias roupas que não o deixem vê-la ou tocá-la. Mas, infelizmente, muitas mulheres cristãs ainda se comportam dessa maneira.

As mulheres devem entender que, embora se pense que a satisfação sexual masculina seja quase mecânica e automática, é um equívoco achar que todo homem faz sexo

sem necessidade de qualquer ligação emocional. Não. A realidade atual mostra que os homens também querem o carinho e o afeto de suas esposas.

2. O sexo para a mulher

A mulher é mais sensível ao toque e ao carinho e precisa de mais tempo e preparo para o ato sexual. Mulheres são estimuladas mais pelo que ouvem do que pelo que veem. “A sexualidade feminina prioriza a Motivação Sexual e o Estímulo Sexual mais que o Impulso Sexual, sendo a Motivação e o Estímulo Sexuais de natureza mais afetiva que instintiva”.[69] Cabe ao marido ter paciência, não ser egoísta nem apressado no despertar do desejo sexual de sua mulher.

3. Por que muitos cristãos sentem-se culpados ao realizar o ato sexual com seus cônjuges?

O casal, quando se une, torna-se uma só carne (Gn 2.24; Mt 19.5) e o que os torna uma só carne é o ato sexual.

Muitos se sentem culpados ao realizar o ato sexual com o seu cônjuge:

- Isso pode ocorrer porque, em sua vida antiga, o ato sexual tinha sido um instrumento usado por Satanás para aprisioná-los, fazendo-os viver em adultério e em meio a toda sorte de devassidão sexual (1 Co 6.9). Em consequência disso, após se

converterem, relacionam o sexo, mesmo debaixo da bênção de Deus, ao seu antigo comportamento.

- Outros se sentem culpados porque trazem consigo uma antiga influência do catolicismo romano com seu asceticismo, em que alguns cristãos, para serem ministros, adotam o celibato e a vida monástica. É assim que a abstinência sexual tornou-se símbolo de vida casta.

Infelizmente, ainda existem alguns ministros que, por falta de conhecimento, pregam coisas absurdas como, por exemplo, dizer que o Espírito Santo sai do quarto quando o casal tem relação sexual. Sendo assim, quem usa como premissa essa exposição assombrosa chegará à conclusão de que não serão arrebatados aqueles casais que estiverem tendo relação sexual no momento em que o Senhor Jesus voltar para buscar sua Igreja. Para esses, portanto, o ato sexual é pecado.

Devido a esses tipos de pensamentos absurdos, muitos casais privam-se do prazer sexual, vivem aflitos e praticam ritos estranhos após a relação sexual, tais como: tomar banho para que o pecado vá embora, pedir perdão por ter dado lugar à carne e, talvez, até jejuar no dia seguinte, para, por assim dizer, passar pela liturgia da purificação. Esse tipo de comportamento esdrúxulo é praticado por alguns crentes ainda hoje por falta de um real conhecimento bíblico. O Senhor orientou-nos: “*Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus*” (Mt 22.29b).

O escritor aos Hebreus 13.4 diz: “[...] *Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula*”. O casal precisa ser prudente e proteger-se das investidas do inimigo. Um dos meios usados pelo adversário para derrubar muitos casais tem sido os sites de relacionamentos na Internet. Devemos vigiar: “Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (1 Pe 5.8).

4. O que a Bíblia fala sobre a intimidade do casal

A Bíblia é explícita quando fala sobre a intimidade do casal. Vejamos um exemplo:

> *Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, como cerva amorosa e gazela graciosa; saciem-te os seus seios em todo o tempo; e pelo seu amor sê atraído perpetuamente. E por que, filho meu, andarias atraído pela estranha e abraçarias o seio da estrangeira? (Pv 5.18-20).*

O amor entre um homem e uma mulher nunca foi algo profano na Bíblia, mas, sim, tratado de forma transparente, como algo abençoado por Deus. É isso o que o escritor de Provérbios diz. Ele aconselha a fugirmos das relações extraconjugais (Pv 5.20), porém, aconselha também que o homem venha alegrar-se com a mulher da sua mocidade (Pv 5.18,19).

4.1 “O que seria alegrar-se ou deleitar-se?”

A expressão “alegrar-se” está diretamente relacionada ao prazer na relação sexual do casal, pois é disso que trata o texto. O escritor aconselha a saciar-se no seio de sua esposa (ver Pv 5.19), ser cativado pelo seu amor (ver Pv 5.19). Lembre-se: o cativo era prisioneiro, não tinha vontade própria. Um homem que é cativado pelo amor de uma mulher jamais terá vontade própria e nem procurará outras, pois ele é “prisioneiro” do amor de sua mulher.

A Bíblia responsabiliza tanto o homem como a mulher a satisfazer um ao outro sexualmente. (1 Co 7.3). Esse texto usa o termo “pagar o que lhe é devido”, ou seja, é uma dívida, algo incondicional. A partir do casamento, os cônjuges perdem o controle total de seus corpos para seu companheiro (ver 1 Co 7.4).

Tanto o marido como a mulher que deixar de satisfazer o outro sexualmente peca (1 Co 7.5); peca porque coloca o outro em risco de cair em pecado e ser derrubado por Satanás por causa dos desejos sexuais (ver1 Co 7.5). Embora não seja correto justificar o adultério pela resistência sexual do parceiro, infelizmente, e muitas vezes, as pessoas atacam aquele que caiu em pecado sem analisar todo o contexto para saber por que um dos cônjuges, pela rejeição sexual, levou o outro a pecar.

Os casais não devem abster-se sexualmente por um longo período de tempo sem consentimento mútuo e com objetivo específico (1 Co 7.5). Até mesmo a abstinência sexual para a consagração não deve ser feita de qualquer forma, mas

deve-se ter um consentimento mútuo, ou seja, os dois devem estar de acordo. Há, porém, momentos importantes que obrigam o casal a ficar sem sexo como, por exemplo, situações de doenças, viagem e outras razões, mas isso não quer dizer que marido e mulher não continuem desejando um ao outro.

4.2 Nos momentos de intimidade de um casal cristão, o que seria lícito ou não?

"*Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma*" (1 Co 6.12).

Aí está um dos princípios da ética cristã — o princípio da Licitude e da Conveniência, que serve para a conduta e o procedimento do cristão. Assim sendo, antes de fazer ou não fazer algo, devemos perguntar: "Mesmo sendo permitido, é lícito fazer?

Deus vela pela liberdade da intimidade do casal porque esse é um meio de Ele proteger a família contra o adultério. A Bíblia não dita regras sobre o que o casal deve ou não fazer na intimidade. Lembre-se, porém, de que há coisas que, mesmo não tendo referência bíblica direta para justificá-las, são abomináveis aos olhos de Deus. Homens e mulheres cristãos devem deixar de lado a visão antiquada de que o sexo é pecado e entender que nem tudo é proibido e, assim, aproveitar com mais prazer a intimidade na relação sexual dentro do matrimônio.

O sexo foi criado por Deus não apenas para a procriação, mas também para que o homem e a mulher pudessem

proporcionar prazer ao seu parceiro no casamento. Espera-se que homem e mulher amem-se, respeitem-se e satisfaçam-se mutuamente sem entristecer a Deus e sem causar tormento ao outro, ou seja, nenhuma parte irá sujeitar-se a fazer algo que lhe desagrade ou o que não lhe cause prazer.

5. Incompatibilidade e frustração na relação sexual

A atividade e o desejo sexual dependem do estado de saúde física e mental de cada um, podendo ser maior em algumas pessoas do que em outras e, também, podendo ser alterado, ou seja, aumentar ou diminuir conforme a idade e as características individuais. A frequência e a necessidade da atividade sexual podem estar proporcionalmente ligadas ao estado emocional, à maturidade sexual e ao equilíbrio psíquico.

Se há incompatibilidade sexual e uma vida matrimonial frustrada, pode acontecer uma desarmonia em todas as outras áreas da vida do casal, e não apenas na vida do homem, como muitos costumam afirmar.

Entretanto, como o sexo é apenas uma parte do relacionamento, homem ou mulher podem estar frustrados na relação sexual por causa de algo errado em outra área da vida, que precisa ser analisado e corrigido.

Especialistas entendem que sexo sadio e normal é aquele que satisfaz tanto o homem quanto a mulher e que não causa sofrimento. Assim, tanto a compulsão por sexo quanto a perda de interesse total de um dos cônjuges é

sinal de alerta de que algo está errado no relacionamento e precisa ser tratado.

Não existe, porém, uma fórmula pronta para resolver a situação. Cada casal deve descobrir a solução mais adequada para consertar o que está errado. Da mesma forma, os problemas não devem ser enfrentados com desespero, partindo para o divórcio, como têm feito muitos casais cristãos que não conseguem enfrentar com maturidade as situações difíceis no casamento.

Dicas: o casal deve dialogar francamente sobre o assunto, pedir orientação divina em oração e buscar ajuda pastoral e profissional.

6. Questões importantes no relacionamento sexual do casal

A relação sexual do casal não é algo isolado, pois ela é a culminação de um bom relacionamento. Por isso, o autoconhecimento e o conhecimento do outro, fatores tão importantes para manter o equilíbrio nas relações interpessoais, devem funcionar também na relação afetiva e sexual do casal. Homem e mulher devem entender que cada um tem seus limites e características individuais. A compatibilidade sexual é algo muito importante na vida do casal. Notadamente, é difícil haver compatibilidade em todos os aspectos do relacionamento. Entretanto, quando existem dificuldades em relação ao que o homem ou a mulher gosta ou não de fazer na prática da relação sexual (carícias, toques, etc.), a satisfação de ambos fica prejudicada. Cabe ao casal conversar abertamente sobre as

dificuldades e necessidades de cada um para haver entendimento e não ocorrer problemas futuros mais sérios.

Uma vida sexual plena não se resume apenas na procura de satisfazer os desejos. Sexo é entrega, e por que não dizer também que é descobrimento? O casal que se ama procura conhecer um ao outro, preocupando-se em promover a felicidade mútua.

O livro de Cantares fala do amor exclusivo e compromissado: "*O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios" (Ct 2.16); "Eu sou do meu amado, e ele me tem afeição*" (Ct 7.10).

Assim, ao mesmo tempo em que o casal está unido em uma só carne pelo ato sexual numa relação matrimonial duradoura, há que se entender que nenhum deve perder sua individualidade. Nenhum deve anular-se em favor do outro. Cada pessoa é única diante de Deus e tem sua própria personalidade e individualidade, que não devem ser anuladas com o casamento.

O casal deve conversar, compartilhar, namorar sempre e ter um relacionamento altruísta, de companheirismo, respeitando as diferenças um do outro, entendendo que o importante não é apenas o "meu prazer", e sim o "nosso prazer", o prazer mútuo.

Lembre-se de que o casal é que deve descobrir a solução mais adequada para consertar o que está errado. Da mesma forma, os problemas não devem ser enfrentados com desespero, partindo para o divórcio, como tem feito muitos casais cristãos que não conseguem enfrentar com

maturidade as situações difíceis no casamento. Ore e incentive os cônjuges a pedirem a orientação divina.

6.1 Disfunções ou transtornos sexuais

Existem algumas disfunções ou transtornos sexuais que atingem tanto o homem quanto a mulher. Os mais comuns são:

Na mulher – as inibições do desejo sexual, a anorgasmia, o vaginismo e a dispareunia.

No Homem – a disfunção erétil (impotência) e a ejaculação precoce.

6.2 Disfunções femininas

1. As inibições do desejo sexual

Correspondem à falta ou diminuição da motivação para a busca de sexo. Ocorre uma diminuição ou ausência de fantasias sexuais que, geralmente, leva a pessoa a deixar de desejar ou querer ter relações sexuais. É a condição em que a libido simplesmente desaparece.

Na maioria dos casos, as causas são emocionais como, por exemplo, valorização de aspectos negativos em relação à sexualidade e inúmeros fatores com origens inconscientes.

As inibições do desejo sexual na mulher também podem ocorrer devido à existência de traumas como, por exemplo, abuso sexual e estupro, além de doenças como problemas hormonais e, ainda, ao uso de certas drogas e remédios.

O problema é intensificado por situações difíceis como, por exemplo, brigas, desentendimentos quanto ao que cada um espera do relacionamento, falta de intimidade, dificuldades de comunicação entre o casal, ou, ainda, devido a tabus sobre a própria sexualidade como, por exemplo, associações de sexo com pecado, com desobediência ou com punições.

2. Frigidez (Transtorno da Excitação Sexual)

A frigidez, também conhecida como distúrbio ou transtorno da excitação sexual feminina, é um problema que tem afetado a muitas mulheres, caracterizado pela dificuldade ou incapacidade de a mulher manter a lubrificação vaginal durante a atividade sexual por não sentir interesse ou excitação suficiente.

Mulheres que apresentam esse problema são vistas pelos seus maridos como frias ou geladas na cama, o que acarreta uma série de problemas no relacionamento do casal. É necessário identificar as alterações no corpo e procurar o ginecologista para fazer o tratamento adequado para, então, voltar a ter uma vida sexual normal.

3. Anorgasmia

Também conhecida como disfunção orgásmica, é a incapacidade de a mulher atingir o orgasmo na relação sexual.

A revista eletrônica *ABC da Saúde* apresenta algumas das principais causas da anorgasmia:

> *As causas da anorgasmia são principalmente psicológicas, envolvendo problemas nos relacionamentos interpessoais, conflitos a respeito da sexualidade, falta de conhecimento do próprio corpo e sensações, dificuldade na intimidade e comunicação do casal em assuntos sobre sexo. Problemas clínicos também podem causar anorgasmia, por exemplo, acidentes que atingem a medula espinhal, alterações hormonais, corrimentos vaginais frequentes ou ainda anormalidades na forma da vagina, do útero ou dos músculos que formam a região pélvica (região onde se situam os órgãos genitais).*[70]

4. Vaginismo

É um distúrbio muito raro da sexualidade feminina, caracterizado pela contração inconsciente, não desejada, da musculatura da vagina, que ocorre quando a pessoa imagina que possa vir a ter um ato sexual. A contração pode variar desde leve, induzindo alguma tensão e desconforto, até severa, impedindo completamente a introdução do pênis, a qual, se for tentada, causará muita dor.

O vaginismo pode ser causado por traumas como, por exemplo, estupro ou abuso sexual, ou mesmo em consequência de uma educação rígida que provocou muitos tabus sexuais, gerando conflitos psicológicos.

5. Dispareunia

É a dor genital que ocorre repetidamente antes, durante ou após o ato sexual. Segundo a revista eletrônica *ABC da Saúde*, as principais causas da dispareunia são: “doenças ginecológicas (tipo corrimento vaginal ou alterações no formato da vagina) ou contração da musculatura vaginal durante o ato sexual, devido a conflitos psicológicos relativos à sexualidade.”[71]

7. Disfunções masculinas

7.1 Disfunção erétil

Mais conhecida como impotência, consiste na incapacidade em obter ou manter uma ereção que permita sustentar uma relação sexual. De acordo com a *ABC da Saúde*, as causas mais comuns são: doenças como, por exemplo, diabetes, pressão alta, colesterol alto, traumas ou acidentes envolvendo a medula espinhal ou o próprio pênis. Há outras causas como o abuso de álcool, o uso do fumo, de drogas e alguns medicamentos (principalmente aqueles usados para tratamento de problemas do coração).

Uma das evidências mais comuns desse problema está nas causas psicológicas, provenientes de medos ou tabus em relação à sexualidade, ansiedade, estresse, insegurança, etc.

7.2 Ejaculação precoce

Acontece quando há uma incapacidade de o homem controlar ou adiar suficientemente a ejaculação. A ejaculação ocorre antes da penetração ou logo imediatamente, prejudicando, assim, o prazer da parceira. Esse é um problema que aflige boa parte dos homens.

A revista *ABC da Saúde* apresenta as seguintes causas para esse problema:

> A ejaculação precoce pode ser decorrente de causas físicas (doenças, traumatismos) ou mais comumente de problemas psicológicos. Quando o homem nunca teve controle ejaculatório, o mais comum é que seja por causas psicológicas (como ansiedade, primeiras experiências sexuais tensas ou ainda dificuldades no relacionamento do casal). Mas quando o homem tinha controle ejaculatório e passou a não ter mais, é necessário fazer exames com um urologista e neurologista, pois mais provavelmente a causa do problema é física.[72]

As disfunções sexuais têm tratamento. É fundamental o casal conversar sobre o assunto e buscar ajuda profissional.

8. Tratamento para as disfunções sexuais

O tratamento para qualquer tipo de doença depende da causa. Ao analisarmos a questão das disfunções femininas, precisamos considerar algumas questões como:

8.1 A menopausa

Fase em que ocorre o fim do período fértil da mulher, quando os ovários entram em falência, produzindo menos hormônios, inclusive reduzindo a síntese de testosterona, que, apesar de ser um hormônio masculino, também circula no corpo da mulher e está relacionado à libido feminina. Nessa fase, a mulher sente-se menos atraente e, como há uma diminuição da libido, ela pode perder o interesse sexual.

8.2 A fase do ciclo menstrual

Durante a fase do ciclo menstrual, também pode ocorrer uma alteração na libido. Na semana da menstruação, a libido pode ficar maior devido aos altos níveis hormonais, principalmente estrógeno e testosterona. Com o aumento de circulação sanguínea na região da pélvis, o clitóris também fica mais sensível e é mais fácil chegar ao orgasmo. O aumento do desejo pode perdurar por mais uma semana. Os níveis hormonais continuam altos, e o corpo começa a preparar-se para a ovulação — que ocorre aproximadamente 14 dias após a menstruação. Nesse período, a lubrificação vaginal está maior, favorecendo a penetração e trazendo mais conforto à mulher, que fica mais relaxada para ter orgasmos.

Na semana que antecede a menstruação, ocorre uma queda da libido, e a mulher entra na TPM — Tensão Pré-Menstrual — deixando-a irritada e perturbada emocionalmente. Ter relações nesse período pode ser doloroso, e a mulher pode ter dificuldade de chegar ao orgasmo. É preciso que o marido respeite esse tempo se

não houver possibilidade de manter relações sexuais — afinal, dura apenas alguns dias.

8.3 O uso de medicamentos

Alguns remédios podem afetar a libido tanto da mulher como a do homem. Um exemplo são os anticoncepcionais, que são feitos com um tipo de progesterona sintética chamada ciproterona. Esse hormônio interfere na produção de testosterona, reduzindo-a, podendo também reduzir discretamente a libido. Outro exemplo são os remédios para depressão que mexem com a serotonina. Os diuréticos — a exemplo da Espironolactona, receitado principalmente por cardiologistas, que atua na metabolização da testosterona — também afetam a libido, além dos antifúngicos, usados principalmente para micose nos pés, que podem interferir nos hormônios masculinos no corpo das mulheres.

O casal que sofre com as disfunções sexuais deve deixar de lado a vergonha e o preconceito e buscar ajuda. Por que continuar sofrendo se há solução para o problema?

Os especialistas que podem diagnosticar uma disfunção sexual feminina são o Clínico geral, o Ginecologista (para as mulheres), o urologista (para os homens) e o Psicólogo especialista em sexualidade.

Às vezes, o tratamento médico com um ginecologista (para mulheres) e um urologista (para homens) é suficiente. Há situações que dependem de um acompanhamento com um neurologista ou mesmo com um psicólogo ou psiquiatra.

Antes de ir ao médico ou ao psicólogo, o casal deve fazer uma lista dos sintomas e há quanto tempo eles apareceram;

anotar nome de remédios ou suplementos que usa com regularidade. Algumas informações são, muitas vezes, fundamentais para um diagnóstico preciso.

II. COMO LIDAR COM A QUESTÃO DA ABSTINÊNCIA SEXUAL?

Abstinência sexual é um dos temas que tem recebido uma atenção especial na mídia nos últimos anos, principalmente devido aos escândalos de pedofilia envolvendo líderes religiosos. O assunto tornou-se mais evidente após o governo americano incentivar as escolas a implantar o programa “Worth the Wait” (Vale Esperar), que defende a abstinência sexual na adolescência. O programa visa conter a propagação de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) entre os jovens. A abstinência sexual é vista, nesse programa, como a única forma eficaz de combater as DSTs.

Abstinência sexual é o ato de privar-se temporária ou permanentemente da atividade sexual. Ela pode ser feita voluntária ou involuntariamente. Deus criou a todos nós com a capacidade de sermos seres sexuados, dotados de instintos sexuais, responsáveis pela procriação e perpetuação da espécie humana. A abstinência sexual é uma maneira de cortarmos ou abdicarmos desse aspecto chave de nossa natureza.

A orientação sobre a abstinência sexual é imprescindível. A seguir, apresentamos alguns aspectos básicos que devem ser considerados ao proceder a orientação nesses casos.

1. Lidando com a abstinência sexual temporária

O sexo é muito importante na vida do casal e deve ser aproveitado ao longo do casamento. O casal que tem uma vida sexual satisfatória tende a diminuir as tensões no lar, melhora a saúde emocional e espiritual e sente-se realizado em seu casamento. Isso porque, assim como uma atividade física, o sexo provoca o gasto de energia, fortalece músculos e libera hormônios que mexem com todo o corpo e mente. Além da adrenalina, o cérebro libera uma descarga de endorfina e ocitocina, promovendo relaxamento, sensação de bem-estar e tranquilidade.

Entretanto, o cérebro não deixa de segregar endorfina quando se pratica a abstinência sexual. O indivíduo pode encontrar prazer em outras áreas de sua vida, compensando a ausência da prática sexual. Estudos comprovam que, quando a abstinência sexual é voluntária, o indivíduo não apresenta transtornos psicológicos; antes, aprende a sublimar o desejo sexual, buscando o prazer em coisas que são significativas em sua vida. A abstinência muito prolongada pode, no entanto, gerar uma disfunção conhecida como anafrodisia, que provoca uma anulação (total ou parcial) do impulso sexual.

- Ficar sem fazer sexo por muito tempo por uma questão de escolha não faz mal à saúde de ninguém, dizem os especialistas.
- O sexo, ao contrário das necessidades físicas de comer e de beber, não é uma das funções vitais do

ser humano. Entretanto, a abstinência involuntária e prolongada pode gerar dificuldades emocionais e outros danos à saúde, mas não pela falta de sexo em si, e sim pela frustração que a pessoa vai sofrer.

- Segundo Sandra Vasques, psicóloga especializada em sexualidade, “Se a pessoa fica continuamente muito tensa e irritada, libera muita adrenalina, cortisol e outros hormônios que podem desencadear distúrbios cardiovasculares como aumento da pressão arterial, enfraquecimento do sistema imunológico, tensão muscular, além do mau humor”.[73]
- Por outro lado, se for o caso principalmente de o homem ficar nervoso, irritado e estressado pela falta de sexo ou com muita carência, necessitando constantemente de sua parceira para satisfazê-lo, ele pode estar com problemas afetivos ou sofrendo de um transtorno de humor.[74]
- As cobranças na área do sexo não são positivas. Nem a mulher deve forçar o marido a fazer sexo sem vontade, nem o marido deve achar que a mulher deve estar sempre pronta a dar-lhe prazer como se ela funcionasse semelhantemente a um objeto de alívio e de descarga de suas tensões.

A abstinência sexual voluntária é uma qualidade cultivada por, pelo menos, três grupos específicos de pessoas: 1) aqueles que renunciam as relações sexuais antes do casamento, conservando-se puros até a noite de núpcias; 2)

os que são casados, mas afastam-se temporariamente com o consentimento do cônjuge para aplicar-se a oração (1 Co 7.5); e 3) aqueles que renunciam ao casamento “por causa do Reino dos céus” (Mt 19.12) a fim de servirem ao Senhor com mais aplicação (1 Co 7,32-34).

Nem todas as pessoas conseguem praticar a abstinência sexual. O apóstolo Paulo fala da castidade como uma virtude: “[...] *bom seria que o homem não tocasse em mulher*. [...] *Porque quereria que todos os homens fossem como eu mesmo; mas cada um tem de Deus o seu próprio dom, um de uma maneira, e outro de outra*” (1 Co 7.1,7). O apóstolo mostra o valor da castidade, mas aconselha a casarem-se aqueles que não possuem essa virtude: “*Mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido*. [...] Digo, porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu. Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se” (1 Co 7.2,8,9).

Manter-se casto até o casamento é um desafio àqueles que desejam permanecer puros e sem culpa diante de Deus. A castidade só se conserva pela prudência. Ser prudente significa reconhecer suas fraquezas e fugir das ocasiões que podem levar a pessoa a pecar. O jovem cristão que deliberadamente deseja cultivar uma vida de castidade deve governar seus instintos não pela razão natural, mas, sim, pela graça sobrenatural de Cristo em sua vida.

No casamento, a abstinência sexual deve ser praticada com o consentimento do cônjuge: “*Não vos defraudeis um ao outro, senão por consentimento mútuo*” (1 Co 7.5a); o

tempo deve ser determinado: “*por algum tempo*” (1 Co 7.5b); deve haver um propósito: “para vos aplicardes à oração” (1 Co 7.5c); o casal deve ajuntar-se imediatamente para evitar a tentação: “e, depois, ajuntai-vos outra vez, para que Satanás vos não tente pela vossa incontinência” (1 Co 7.5d).

A abstinência sexual voluntária pode ser temporária ou permanente. A abstinência temporária ocorre, geralmente, antes e durante o casamento. A abstinência permanente é praticada por pessoas que renunciam o casamento, abstém-se das relações sexuais durante toda a vida e adotam o celibato. Jesus considera essas pessoas como eunucos e classifica-as em três categorias distintas: a primeira categoria é formada por eunucos de nascimento, pessoas que nasceram com atrofia ou alguma anomalia nos órgãos de reprodução; a segunda categoria é dos que foram castrados pelos homens; e a terceira categoria é composta dos celibatários voluntários, pessoas que castraram a si mesmas por causa do Reino dos céus: “*Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmo por causa do Reino dos céus. Quem pode receber isto, que o receba*” (Mt 19.12).

A abstinência nem sempre pode ser praticada voluntariamente. Existem muitas situações que obrigam as pessoas a absterem-se do sexo, gerando frustrações ou tornando-as vulneráveis a práticas ilícitas. Os casos mais comuns são: doenças ou impossibilidade do cônjuge, viagens constantes e prolongadas de pessoas itinerantes

como, por exemplo, evangelistas, missionários, executivos, vendedores, representantes, etc., militares em missão ou em sistema de caserna, jovens adultos solteiros acima de 30 anos, viúvos recentes e assim sucessivamente.

2. Abstinência sexual e disfunções sexuais

A ausência de uma vida sexualmente ativa não traz danos à saúde. O sexo, ao contrário das necessidades físicas de comer e de beber, não é uma das funções vitais do ser humano. Entretanto, pesquisas mostram que uma abstinência involuntária prolongada pode gerar diversos transtornos psicológicos. Num estudo sobre a abstinência sexual, publicado pelo “The Journal of Sexual Research” em 2002, realizado com 82 homens e mulheres com mais de 30 anos, virgens ou que estavam sem sexo durante aproximadamente um ano, constatou-se que os sujeitos desse estudo apresentaram sintomas de depressão e níveis de autoestima muito baixos, afetando outras áreas de suas vidas como o trabalho e as relações sociais.

Os transtornos psicológicos oriundos da abstinência involuntária surgem por causa da conexão existente entre o cérebro e a satisfação das necessidades fisiológicas. A área do cérebro conhecida como sistema límbico, formada por um conjunto de estruturas cerebrais que se relacionam, é responsável pela origem e modulação das emoções. Quando comemos ou bebemos, o sistema límbico encarrega-se de proporcionar-nos a sensação de satisfação. O mesmo acontece em relação à atividade sexual. Quando uma pessoa recebe um estímulo sexual, o seu sistema límbico é

ativado. Se o desejo é satisfeito, o sistema límbico produz as Endorfinas (hormônios responsáveis pela sensação de prazer), e, em seguida, o mecanismo cerebral é desativado; mas se isso não ocorre, o sistema permanece ativado gerando frustração.

O cérebro não deixa de segregar endorfina quando se pratica a abstinência sexual. O indivíduo pode encontrar prazer noutras áreas de sua vida compensando a ausência da prática sexual. Estudos comprovam que, quando a abstinência sexual é voluntária, o indivíduo não apresenta transtornos psicológicos, mas aprende a sublimar o desejo sexual buscando o prazer em coisas que são significativas em sua vida. Entretanto, uma abstinência muito prolongada pode gerar uma disfunção conhecida como anafrodisia, que provoca uma anulação (total ou parcial) do impulso sexual.

3. Consequências de uma abstinência involuntária

Baseado no que já foi exposto, podemos concluir que a abstinência sexual só é inofensiva quando é voluntária ou quando não se prolonga por muito tempo. Nas situações em que as pessoas são obrigadas a absterem-se do sexo por circunstâncias adversas, a abstinência pode provocar algumas reações prejudiciais à vida, podendo, inclusive, afetar a vida espiritual. Vejamos alguns desses problemas:

a) Ansiedade

Uma abstinência forçada poderá contribuir com o aumento dos níveis de insegurança e ansiedade,

interferindo no âmbito da interação social ou da abordagem com o outro. A ansiedade também pode afetar posteriormente o desempenho sexual, provocando no homem uma disfunção erétil e, na mulher, o vaginismo e a dispareunia.

b) Frustração

Pessoas que se abstêm durante um tempo prolongado — principalmente as solteiras acima de 30 anos, as viúvas recentes e aquelas cujo cônjuge encontra-se doente ou impossibilitado — tendem a tornarem-se frustradas, irritadas, nervosas e sem paciência.

c) Aumento do desejo sexual

A abstinência sexual involuntária contribui com a acentuação do impulso sexual. O impulso pode ser desencadeado independentemente de estímulos externos. Trata-se de um aspecto predominantemente biológico, fruto de um processo neuroendócrino que envolve hormônios e neurotransmissores. É um impulso instintivo e, em geral, ocorre involuntária e inconscientemente, até mesmo durante o sono. Quando uma pessoa sexualmente ativa abstém-se do sexo por vários dias, esse impulso tende a aumentar.

d) Aumento da motivação sexual

A motivação sexual é um determinante muito mais significativo do que o impulso sexual. É através da motivação que somos impulsionados a comportarmo-nos

sexualmente. Trata-se de um atributo psicológico capaz de impelir a pessoa à procura de um relacionamento sexual. É possível existir o impulso sexual biológico sem motivação sexual. Isso ocorre, por exemplo, em pacientes com depressão na fase inicial. Apesar do impulso, a falta de motivação implicará num desinteresse da pessoa pelo sexo. Uma abstinência sexual prolongada poderá acentuar a motivação sexual e gerar ansiedade.

e) Vulnerabilidade

O aumento do impulso e do desejo sexual provocados pela abstinência involuntária deixa a pessoa mais vulnerável e suscetível a pensamentos libidinosos e tentações na área da sexualidade.

4. Como orientar

O casamento é uma instituição divina, constituída no princípio, antes da formação da sociedade humana. O Criador fez o homem e dele tirou a mulher, ordenando o casamento, condição indispensável para perpetuar a raça humana (Gn 1.27,28). “*E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele*” (Gn 2.18).

Deus implantou no homem desejos e afetos que se estenderam a todas as criaturas humanas. O Senhor fez do casamento uma influência nobilitante, que poderosamente contribuiu para o desenvolvimento de uma existência completa no homem e na mulher. Deus declarou que não

era bom que o homem estivesse só e preparou-lhe uma adjutora igual a ele (Gn 2.18).

A abstinência do casamento somente é recomendável em casos especiais (Mt 19.12; 1 Co 7.8, 26). Conforme Jesus, nem todas as pessoas nasceram para casar; uns porque são vedados antes de nascer, e outros por amar a causa de Deus para aplicarem melhor suas energias no Reino de Deus. Paulo corrobora com esse pensamento de Jesus no capítulo 7 da primeira carta aos Coríntios. Quando a abstinência ao casamento é uma imposição fora da lei, constitui um desvio da fé (1 Tm 4.3).

Não existe uma regrinha pronta que possa ser ensinada às pessoas que praticam involuntariamente a abstinência sexual, mas há alguns princípios bíblicos que devem ser lembrados, que são imprescindíveis para quem deseja uma vida vitoriosa como: o temor do Senhor (Sl 111.10), a vigilância (Mt 26.41), a prudência (Mt 10.16), a responsabilidade (Ec 11.9; 1 Co 6.12), e o compromisso com Deus e com a sua Palavra (Sl 40.8; 119.11).

Há também alguns cuidados básicos que poderão ajudar a pessoa durante a fase da abstinência como, por exemplo: não ficar muito tempo solitário; superar os sentimentos de ansiedade e frustração; evitar lugares, pessoas e coisas que inspiram sensualidade; procurar conhecer suas limitações e jamais provar seus limites; deixar a natureza terrena morrer; e, sobretudo, desenvolver a capacidade de controlar seus impulsos. O cristão, antes de tudo, precisa ser moral e sexualmente puro (2 Co 11.2; Tt 2.5; 1 Pe 3.2). A Bíblia cita

a virtude da temperança como um elemento do fruto do Espírito que pode ser cultivada.

---

[66] Dr. Ricardo de La Roca. Disponível em: http://jovem.ig.com.br/dr_uro/2009/05/26/sem+ejacular+6342982.html

[67] Polução noturna – é uma ejaculação involuntária que acontece durante o sono. É mais comum na puberdade e adolescência, mas pode acontecer também com o homem adulto que não tem atividade sexual regular.

[68] Por esse motivo, a mídia banaliza o comportamento sexual, apelando para a erotização, estimulando a liberdade sexual quase que obrigatória. E muitos que se entregam a esse apelo imperativo das mídias praticam o sexo ilícito.

[69] Disponível em: http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=175

[70] Disponível em: http://www.abcdasaude.com.br. Acesso em 12 de maio de 2010.

[71] Disponível em: http://www.abcdasaude.com.br. Acesso em 12 de maio de 2010.

[72] Disponível em: http://www.abcdasaude.com.br. Acesso em 12 de maio de 2010.

738 Disponível em: http://www2.uol.com.br/vyaestelar/saude_sexual01.htm.

749 Disponível em: http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/webhelp/f30_f39.htm.

CAPÍTULO

XXXI

AJUDANDO PESSOAS COM DEPRESSÃO

A depressão é uma doença comprovada cientificamente e deve ser tratada. Ao contrário do que normalmente se pensa, há evidências científicas que mostram alterações químicas no cérebro do indivíduo deprimido.

Normalmente, a depressão é classificada em três graus: leve, moderada e grave, e é um problema médico que afeta milhões de pessoas, cristãs e não cristãs, no mundo todo. É uma das condições clínicas menos diagnosticadas e mais debilitantes em nossa sociedade.

Infelizmente, a depressão ainda é vista por muitos crentes, inclusive obreiros, como um problema de ordem espiritual ou opressão maligna. Já vi, inclusive, obreiros orientar nos púlpitos das suas igrejas as pessoas que usam medicação a largarem os remédios, sem conhecer ou, ao menos se preocuparem com os efeitos causados pela abstinência e as reações que as pessoas possam ter ao parar o uso desse medicamento. Esse é, no mínimo, um ato irresponsável.

Os remédios usados para o tratamento da depressão causam dependência física e psíquica. Somente o médico psiquiatra que fez a prescrição pode suspendê-los diminuindo a dosagem até tirá-los completamente.

1 – CAUSAS DA DEPRESSÃO

Acredita-se que a depressão seja provocada por um desequilíbrio de substâncias químicas cerebrais denominadas neurotransmissores, notadamente três deles: a noradrenalina, dopamina e, principalmente, a serotonina.

Alguns estudiosos defendem que existem fatores genéticos envolvidos nos casos de depressão, visto que a doença pode ser provocada por uma disfunção bioquímica do cérebro; porém, nem todos que possuem predisposição genética reagem da mesma maneira diante de fatores que funcionam como gatilho para as crises: traumas de infância, estresses, consumo de drogas, etc.

Outra hipótese recente da Neurociência explica que a depressão é causada pelo estresse. Segundo essa hipótese, em resposta aos estímulos agressivos do ambiente, o hipotálamo produz um hormônio (CRF) para convencer a hipófise a mandar ordem para as suprarrenais produzirem cortisol e outros derivados da cortisona. São os hormônios do estresse (CRF, cortisol e outros) que prejudicam a saúde dos neurônios.[75]

A ignorância faz com que algumas pessoas vejam a depressão como algo relacionado ao comportamento, sendo consequência de algo que está acontecendo no íntimo do indivíduo, seja esta de causa biológica ou emocional.

Outros, como já vimos, interpretam-na como algo espiritual, opressão demoníaca ou pecados que o indivíduo cometeu.

II – SINTOMAS DA DEPRESSÃO

Essa doença é caracterizada pelo humor deprimido, pensamento retardado e retardo psicomotor, além de um sentimento profundo de tristeza, desânimo, agitação e perplexidade. Apesar de a depressão ser considerada pela psiquiatria como uma psicose de origem desconhecida, existem fatores que contribuem para a sua manifestação, dentre eles os traumas da infância, a incapacidade de resolver determinadas situações, sentimentos de culpa, ira, ou quando o indivíduo entra em crise.

Os critérios indicados pela CID 10[76] para o diagnóstico da depressão são:

Sintomas fundamentais:

- Humor deprimido;
- Perda de interesse;
- Fatigabilidade.

Sintomas acessórios:

- Redução da concentração e da atenção;
- Diminuição da autoestima e da autoconfiança;
- Ideias de culpa e inutilidade;
- Visões desoladas e pessimistas do futuro;
- Ideias de suicídio, ou atos autolesivos, ou até suicídio;
- Perturbação do sono;

- Diminuição do apetite.

A depressão é considerada como **episódio leve** quando o indivíduo apresenta dois sintomas fundamentais e dois acessórios; **episódio moderado** quando o indivíduo apresenta dois sintomas fundamentais e três ou quatro acessórios; e **episódio grave** quando o indivíduo apresenta três sintomas fundamentais e quatro ou mais acessórios.

Critérios para o diagnóstico de episódio depressivo segundo o DSM-IV16(D)[77] Cinco (ou mais) dos seguintes sintomas por mais de duas semanas:

- Humor deprimido;
- Perda do interesse ou da capacidade de sentir prazer;
- Perda ou ganho significativo de peso;
- Insônia ou hipersonia;
- Agitação ou retardo psicomotor;
- Fadiga ou perda de energia;
- Sentimento de inutilidade ou culpa excessiva ou inadequada;
- Capacidade diminuída de pensar ou concentrar-se, ou indecisão;
- Pensamentos recorrentes de morte e/ou ideação suicida.

Como na maioria dos transtornos psiquiátricos, o tratamento para a depressão, principalmente nos casos mais graves, inclui acompanhamento médico especializado,

acompanhamento terapêutico e apoio familiar. Os medicamentos e a psicoterapia são utilizados de forma complementar, mas não está descartado o uso isolado tanto dos medicamentos como da psicoterapia.

III. TIPOS DE DEPRESSÃO

Existem várias formas de depressão. A classificação pode ser feita de acordo com a sua causa e duração, assim como os sintomas que o paciente apresenta.

Principais tipos de depressão

1. Depressão Pós-Parto

A Depressão Pós-Parto surge após o parto e gera sintomas como tristeza, irritabilidade ou rejeição do bebê.

2. Depressão Maior

A depressão é classificada como maior quando o indivíduo apresenta cinco ou mais sintomas característicos da doença durante mais de duas semanas, o que compromete as atividades diárias do indivíduo.

3. Depressão Bipolar

A depressão, ou Transtorno Bipolar, conhecido antigamente como Psicose Maníaco-Depressiva, caracteriza-se por mudanças constantes no humor dos indivíduos, variando entre depressão profunda e alegria excessiva. Essa, talvez, seja uma das formas mais frequentes de

depressão na atualidade. O transtorno bipolar é um problema em que as pessoas alternam entre períodos de muito bom humor e períodos de irritação ou depressão. As chamadas “oscilações de humor” entre a mania e a depressão podem ser muito rápidas e podem ocorrer com muita ou pouca frequência.

4. Depressão Reativa

A Depressão Reativa surge após um acontecimento estressante como, por exemplo, morte de um familiar, o divórcio, perda do emprego, etc., para o qual o indivíduo não consegue reagir.

5. Distimia

A Distimia é uma forma crônica de depressão, porém menos grave do que a forma mais conhecida da doença. A pessoa com Distimia apresenta vários sintomas típicos de depressão durante mais de dois anos, sendo o principal a tristeza constante. O indivíduo pode perder o interesse nas atividades diárias normais, sentir-se sem esperança, ter baixa produtividade, baixa autoestima e um sentimento geral de inadequação, além de ser considerada uma pessoa excessivamente crítica, que reclama constantemente e é incapaz de divertir-se.

6. Depressão Atípica

A Depressão Atípica é uma forma de depressão caracterizada por sintomas contrários aos da depressão

normal, tendo os pacientes maior necessidade de dormir, comer ou ter contato íntimo.

7. Transtorno Afetivo Sazonal (TAS)

O Transtorno Afetivo Sazonal (TAS) ou Depressão de Inverno, como costuma ser conhecida, é uma forma de depressão que, como o próprio nome diz, ocorre quando há mudanças de estações devido à falta de sol, tendo como sintomas fadiga, tendência a comer muito doce e sonolência. Esse tipo de depressão é mais forte em países onde o inverno é mais rigoroso e os dias mais escuros e caracteriza-se por alterações no humor e diminuição de energia. É mais frequente em mulheres do que em homens. Estatísticas apontam que, para cada homem afetado, existem quatro mulheres.

8. Síndrome Pré-menstrual

A Síndrome Pré-Menstrual, conhecida comumente como Tensão Pré-Menstrual (TPM), é caracterizada por sintomas muito abrangentes presentes na depressão, além de sintomas como, por exemplo, confusão, irritabilidade, fadiga, dor nas mamas, distensão abdominal, dor de cabeça, inchaço, ganho de peso e acne discreta.

9. Depressão Psicótica

Na Depressão Psicótica, o indivíduo, além de apresentar sintomas característicos da depressão, tem também delírios e alucinações.

O tratamento da depressão varia de acordo com o tipo de depressão que o indivíduo apresenta, mas consiste no uso de remédios antidepressivos, ansiolíticos, antipsicóticos e psicoterapia.

IV. A DEPRESSÃO E O RISCO DO SUICÍDIO

O suicídio é um fenômeno que atinge todas as camadas sociais e não apenas os mais pobres ou menos instruídos. Collins (2005) diz que os cristãos, assim como os não cristãos, também tentam o suicídio.

1. O que é o suicídio

A palavra suicídio vem do latim "*sui*" (de si mesmo) e "*caedere*" (matar, cortar) (em latim, cedere significa ceder, daí a correção), ou seja, matar-se a si mesmo.[78] Sendo assim, o suicídio nada mais é que um homicídio praticado contra si mesmo.

O suicídio é uma atitude extrema que muitos tomam devido às circunstâncias da vida, porém jamais será justificado, pois nada mais é que uma atitude egoísta e de falta de fé.

Suicídio, segundo a psiquiatria:

> *O suicídio é um sério problema de saúde pública, principalmente em países desenvolvidos, onde as altas taxas de suicídio entre jovens adultos do sexo masculino fazem com que este seja uma das principais causas de morte e de anos potenciais de vida perdidos. A etiologia do suicídio é certamente*

> *complexa, com diversos fatores contribuindo para a predisposição a este evento.*[79]

Conforme o pastor Elinaldo Renovato: “Há suicídio por si mesmo (egoísta) e o suicídio pelos outros (altruísta). De qualquer forma, é a destruição da vida. Só Deus pode tirá-la, pois só Ele a deu. A pessoa deve amar a si mesma como os outros” (Mt 22.39; cf. Ef 5.29).

1.1 Alguns relatos bíblicos sobre suicídio

Jó, após aquela situação de fragilidade em que se encontrava, por ter perdido tudo o que possuía, inclusive seus filhos, é aconselhado por sua mulher a cometer suicídio, pois ela diz a ele que este deveria amaldiçoar seu Deus e morrer.

Apesar de Jó possivelmente ter vivido no período patriarcal, tal conselho de sua mulher parecia estar diretamente relacionado ao juízo de Deus — aqueles que blasfemassem contra o nome do Senhor seriam mortos (Lv 24.11-14). Todavia, o patriarca resistiu firme a essa tentação e não atendeu a tal lúgubre conselho de sua consorte (Jó 2.7-10).

> *Há quem cite o caso de Sansão (Jz 16.30) como exemplo de suicídio aprovado por Deus. Não é essa a nossa opinião. Há casos em que uma pessoa morre, sacrificando-se por outra ou por outras. Um bombeiro entra no fogo e salva várias pessoas, mas ele morre; um soldado lança-se sobre uma granada, impedindo que muitos*

> *companheiros pereçam. Isso não é suicídio. É sacrifício.*[80]

Apesar de a atitude de Sansão ser considerada um suicídio para muitos, o Senhor tratou este caso de forma diferente como se ele houvesse morrido na guerra, porque ele entrou na galeria dos heróis da fé (Hb 11.32).

O caso de Saul e o de Judas são os mais emblemáticos, pois os dois deixaram de acreditar na possibilidade do perdão de Deus e, por causa disso, suicidaram-se (1 Sm 31.1-4; Mt 27.1-5).

1.2 Por que o suicídio é pecado

É pecado porque é o assassinato de um ser feito à imagem de Deus, e Ele, sendo o criador, é o único que tem o direito de encerrar a vida (Gn 1.27; 1 Sm 2.6). O Senhor manda que nos amemos, e quem se ama não chegará ao ponto de cometer suicídio (Mt 22.39). Suicídio é pecado porque denota falta de confiança em Deus, que é poderoso e suficiente para nos livrar das situações mais adversas (Sl 23.4).

Sendo assim, pode-se concluir que tanto a eutanásia como o suicídio são atitudes pecaminosas diante de Deus, visto que o homem acha-se no direito de interromper uma vida concedida pelo Criador, tomando para si uma prerrogativa divina.

Entretanto, apesar de a Bíblia condenar claramente essas duas atitudes, não cabe a nós julgar, de acordo com nossa visão limitada, aqueles que assim procedem. Será Deus

quem julgará cada um de acordo com sua capacidade de conhecer todos os fatos que envolvem a questão.

Apesar de as teorias éticas buscarem oferecer um conjunto de conhecimento que possibilita delimitar e compreender melhor as questões que envolvem a conduta humana, deve-se adotar como referencial ético a Bíblia — o verdadeiro manual completo de ética que existe no mundo, tendo a Palavra de Deus como o roteiro dessa direção que deve ser seguida. No universo moral, Deus estabeleceu leis que precisam ser obedecidas. Como cristãos e cidadãos, devemos ficar em harmonia com essas leis e cultivar atitudes que refletem um comportamento digno e exemplar diante de Deus e da sociedade.

Collins (2005) mostra que o conselheiro pode ser a pessoa decisivamente importante para ajudar a alguém que está pensando seriamente em autodestruir-se. Para tanto, é preciso buscar conhecimento para identificar um suicida e decidir o que fazer a respeito. O mesmo autor apresenta, dentre vários recursos, um conselho prático publicado em um panfleto[81] pelo Public Affairs Committee de Nova Iorque, como segue:

> *Leve realmente a sério todas as ameaças, comentários ou atos de suicídio. O suicídio não é brincadeira. Não tenha medo de perguntar à pessoa se realmente está pensando em suicidar-se. A menção não vai plantar a ideia em sua cabeça. Pelo contrário, ficará aliviada em saber que está sendo levada a sério, que está sendo entendida melhor do que esperava.*

Não ignore uma ameaça suicida, nem subestime sua importância. Nunca diga: “Esqueça isso. Você não vai se matar. Não pode ser verdade. Você não é o tipo”.

Comentários desse tipo podem ser um desafio para o suicida. Tal pessoa precisa de atenção, não de rejeição. Qualquer pessoa que está suficientemente desesperada pode ser “o tipo”.

Não procure chocar ou desafiar a pessoa, dizendo: “Oh! Vá adiante e faça-o.” Um comentário assim, impaciente, pode ser difícil de segurar quando uma pessoa vem repetindo ameaças, ou sua presença incomoda. Mas é um convite descuidado para o suicídio.

Não tente analisar o comportamento da pessoa e confrontá-la com interpretações de seus atos e sentimentos durante o momento da crise. Isso deve ser feito mais tarde por um profissional.

Não discuta com o indivíduo sobre o fato de ele viver ou morrer. Não é possível vencer essa discussão. A única posição a tomar é que a pessoa deve viver.

Não suponha que o tempo sara todas as feridas e que tudo melhorará por si só. Isso talvez aconteça, mas não se pode ser tomado como certo.

Esteja disposto a ouvir. Você pode ter ouvido a história antes, mas ouça de novo. Mostre-se genuinamente interessado, seja forte, estável e firme. Prometa à pessoa que tudo o que for

possível será feito para mantê-la viva, porque é disso que ela precisa mais.

V. TRATAMENTO PARA A DEPRESSÃO

Muitos confundem depressão com tristeza transitória. Já abordamos que a diferença entre uma e outra está nos sintomas manifestados. A tristeza acomete nossa vida quando passamos por situações desagradáveis, mas a pessoa logo encontra uma forma de superá-la. No quadro de depressão, a tristeza não tem fim, ainda que, aparentemente, não haja causa. O humor permanece abatido por dias seguidos, além de haver desinteresse por atividades que outrora davam prazer.

Não adianta pronunciar frases de encorajamento ou alguns jargões que costumamos dizer às pessoas com depressão como “levante a cabeça”, “você tem que se esforçar”, “precisa ter mais fé”, “sua melhora depende só de você”, “chega de moleza”, entre outras.

A pessoa com depressão precisa de ajuda. Sozinha, ela não conseguirá reerguer-se e vencer o problema.

O que o líder pode fazer?

1. Avaliar os sintomas

O líder deve analisar se a pessoa está em depressão, considerando os sintomas apresentados por essa pessoa, assim como a intensidade e duração desses sintomas. No apêndice deste livro, disponibilizamos a Escala de

Depressão de Beck — um instrumento que pode auxiliar no diagnóstico.

A Escala de depressão de Beck é um questionário que consiste em 21 grupos de afirmações. A pessoa deverá fazer um círculo em torno do número (0, 1, 2 ou 3) diante da afirmação, em cada grupo, que descreve melhor a maneira como ela sente-se nesta semana, incluindo hoje. Se várias afirmações num grupo parecerem aplicar-se igualmente bem, a pessoa deverá fazer um círculo em cada uma.

Para obter o resultado, some a quantidade de pontos referente à resposta dada (exemplo, 2a = 2 pontos). Se o resultado for abaixo de 10, a pessoa não tem depressão nem apresenta um quadro de depressão leve; entre 10 e 18, a depressão é de leve a moderada; entre 19 e 29, a depressão é de moderada a grave; entre 30 e 63, a depressão é grave.

2. Orientação e encaminhamento para tratamento profissional

Nos casos de depressão de moderada a grave, o líder deve orientar a pessoa a procurar um tratamento psicológico e psiquiátrico. Os tipos de tratamento são diversificados, sendo aplicados de acordo com a situação clínica.

O tratamento recomendando para um paciente com depressão é geralmente:

- **Alteração do estilo de vida da pessoa**: a depressão pode afetar a vida das pessoas de várias

formas. Alteração do estilo de vida como a prática de exercícios físicos, uma alimentação saudável, ajuda de familiares e amigos, socialização com as outras pessoas;

- **Psicoterapia**: a terapia pode ajudar a pessoa a corrigir os padrões de pensamentos negativos e a adaptar-se melhor ao mundo a sua volta;
- **Tratamento medicamentoso**: o uso de antidepressivos.

3. Apoio espiritual

A depressão é uma doença que afeta a vida espiritual e atinge a fé da pessoa. O líder tem um papel preponderante para a restauração da pessoa depressiva, levando-a a uma reflexão da sua vida com Deus, mostrando-lhes algumas atitudes que precisam ser corrigidas à luz da Palavra de Deus, infundindo nela fé e esperança no Senhor.

Alguns passos importantes no processo do aconselhamento:

a) Usar exemplos bíblicos

O líder deve mostrar que a Bíblia traz até nós exemplos de pessoas que enfrentaram o sofrimento e encontraram em Deus o renovo e a esperança para as suas crises. Deve enfatizar que, independentemente das circunstâncias que nos cercam, é pela fé que vivemos. De igual forma, deve destacar que devemos crer no que não vemos, tendo

também a plena esperança de que há um Pai soberano que não perde o controle; antes, Ele age em nosso favor, ainda que não da forma que queremos, mas sempre na que é a melhor para nossas vidas.

Exemplo de um texto bíblico que deve ser citado: "*Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo*" (Rm 15.13 – NVI)

Um aconselhamento pautado nas Escrituras tem um efeito extraordinário. Exemplos como o de Elias, um homem de Deus cujos sofrimentos foram a ansiedade e a depressão como elos no seu colapso espiritual, físico e emocional, registrado nos capítulos 18 e 19 de 1 Reis, podem fazer com que a pessoa em depressão perceba que há saídas para o seu problema.

O apóstolo Paulo, baseado na sua experiência, mostra como o cristão deve encarar o sofrimento. Quando escreveu a carta aos Filipenses, Paulo aguardava a resposta do pedido de clemência por estar pregando o evangelho e ter sido condenado. Paulo teria uma das duas respostas: ou seria morto ou seria rasgado por chicotadas.

Foi nessa expectativa que ele escreveu:

> *Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus* (Fp 4.6-7 – NVI).

Paulo não era melhor do que nós; ele simplesmente decidiu confiar no Senhor e fazer sua parte.

Jesus ensinou a confiarmos em Deus e não vivermos ansiosos:

> *Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas? Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? "Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé? [...] Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal* (Mt 6.25-32,34).

b) Ajudando a pessoa a vencer o pessimismo

Uma pessoa em depressão não consegue enxergar nenhuma perspectiva de solução para os seus problemas. Ela sempre espera o pior das situações que lhe cercam. Quando encontra as coisas equilibradas, geralmente não se motiva, mas sempre tem a noção de que a situação está sempre desfavorável. Ela tem uma visão negativa sobre si mesma, sente-se indigna, incapaz, derrotada e com um futuro sombrio e sem esperança.

O líder deve enfatizar as promessas bíblicas levando a pessoa a ler alguns versículos que falem sobre o controle de Deus sobre todas as coisas e o cuidado dEle para conosco.

Alguns textos bíblicos que podem ser usados:

> *O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus* (Fp 4.19).
>
> *Pode uma mulher esquecer-se tanto do filho que cria, que se não compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas, ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, me não esquecerei de ti* (Is 49.15).
>
> *Ainda antes que houvesse dia, eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; operando eu, quem o impedirá?* (Is 43.13).

c) Ajudando a pessoa a libertar-se da culpa

A culpa e a depressão estão mui intimamente ligadas. Uma pessoa deprimida carrega consigo sentimentos como autocondenação, autocomiseração, frustração e ira, que causam a destruição.

A depressão gera culpa, e a culpa pode levar à depressão. Em alguns casos, torna-se impossível determinar quem chegou primeiro. Muitos caem em depressão porque ficam alimentando os fracassos passados, a tão conhecida síndrome do “ah, se eu pudesse voltar no tempo”. A pessoa com depressão passa a sentir-se culpada por estar neste estado e pode acabar piorando o quadro, gerando um círculo vicioso.

Trabalhar a culpa é fundamental no processo de restauração e cura da depressão. A culpa é altamente destrutiva e leva algumas pessoas ao suicídio. Uma pessoa que alimenta o sentimento de culpa morre lentamente ao olhar para si e enxergar apenas os seus erros.

O líder conselheiro deve mostrar que nada poderá destruir a pessoa, a não ser ela mesma se autocondenando. Deve também enfatizar que os traumas, decepções, desilusões e traições podem até nos desmotivar, mas não têm em si mesmos o poder de destruir-nos. Se aceitarmos o perdão divino e perdoarmo-nos, podemos obter uma nova vida em Cristo.

O apóstolo Paulo mostra-nos que a vontade de Deus é que, tendo entregue nossas vidas a Cristo, voltemos nosso olhar para o Autor e Consumador de nossa fé, para que a vida dEle continuamente se manifeste na nossa, de forma que deixemos para trás o nosso passado, as práticas

errôneas que tivemos, nossos fracassos, nossas frustrações e, assim, vivamos o que Ele tem para as nossas vidas.

> *Portanto, nós também, pois, que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus* (Hb 12.1,2).

O apóstolo ainda destaca que a nossa vida está escondida em Deus:

> *Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas. Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a sua vida, for manifestado, então vocês também serão manifestados com ele em glória* (Cl 3.1-4 – NVI).

Perdoar a si mesmo é o antídoto para a culpa. A Bíblia mostra-nos que o próprio Deus lança nosso passado no mar do esquecimento.

> *Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade e que te esqueces da rebelião do*

> *restante da tua herança? O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade. Tornará a apiedar-se de nós; subjugará as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar* (Mq 7.18,19).

O próprio Deus mostra-nos que Ele não se lembra mais de nossos pecados, e quando Deus perdoa-nos, mas nós insistimos em carregá-los, estamos rejeitando essa maravilhosa graça.

> *E não ensinará alguém mais a seu próximo, nem alguém, a seu irmão, dizendo: Conhecei ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior, diz o Senhor; porque perdoarei a sua maldade e nunca mais me lembrarei dos seus pecados* (Jr 31.34)

Leve a pessoa com depressão a receber a paz que vem do alto, entregando a Cristo o seu jugo e o seu fardo, tomando para si o fardo de Cristo, que é leve (Mt 11.28), abraçando o privilégio de ter a paz que excede todo o entendimento; a que é inexplicável aos olhos humanos, a que vem do próprio Deus.

Mostre que não merecemos a graça e a misericórdia, mas que aprouve a Ele livrar-nos da ira divina e sermos inflados com o seu soberano amor, que nos chama a vestirmos as vestes que Ele tem para nós, as mesmas vestes que Paulo cita em sua carta aos Colossenses 3.10.

Enfatize que, quando nos arrependemos sinceramente de nossos pecados, Deus concede o seu perdão. Por isso, não devemos aceitar mais as acusações que Satanás joga em nossos corações. Devemos crer que Cristo, o Soberano, está em nós. Jesus é o nosso alvo, e Ele não te deixa só! Sentimentos de depressão podem ser resolvidos quando o sofredor tira o foco de si próprio e põe-no em Cristo e nos outros que precisamos abençoar.

d) Ajudando a pessoa a vencer a ira e a autocomiseração

A ira é um sentimento voraz que se manifesta durante o estágio da depressão. Trata-se de um sentimento que não só destrói a pessoa com depressão, como também atinge aquelas que estão a sua volta.

A ira manifesta-se em três estágios:

- **A ira voltada para si mesmo** – nesse estágio, a pessoa entra num estado de depressão e abandono e deixa de cuidar de si mesma. Alguns chegam, inclusive, a agredirem-se. É, então, desencadeado um sentimento de autocomiseração, levando a pessoa a sentir dó de si mesma.
- **A ira para com os outros** – nesse estágio, a pessoa passa a responsabilizar os outros pelos seus problemas, tornando-se vítimas. Ela age rispidamente com as pessoas que estão a sua volta, agredindo-as e afastando-as. Em seguida, acusa essas mesmas pessoas de terem-na abandonado.

- **A ira para com Deus** – nesse estágio, a pessoa passa a responsabilizar a Deus pelos seus problemas, demonstrando ressentimento por Deus não ter atendido as suas orações ou não ter feito as coisas do jeito que ela esperava.

O líder conselheiro deve conscientizar a pessoa dos seus atos, mostrando que ela precisa libertar-se da ira para poder vencer a depressão. Além disso, ele também deve destacar que a ira é um sentimento pecaminoso e que precisa ser vencido. Geralmente, a ira começa com um sentimento de mágoa. Se esta não for tratada, resultará em sentimento de vingança (que esconde a mágoa e a ira), para, por fim, resultar na destruição emocional, resultando nos sintomas psicossomáticos ou na depressão. A primeira emoção a ser sentida é a mágoa, que gera ira (que esconde a mágoa), se a ira não é tratada, ela resulta em depressão.

Gary Collins mostra que:

> Quando o indivíduo sente-se frustrado, ressentido e cheio de ira [...], se a ira for negada ou empurrada para fora de nossa mente, ela inflama “em oculto” e eventualmente nos destrói. (Collins 2002)

Para libertar-se da ira, a pessoa deverá praticar o perdão. Não tratar problemas com os outros e liberar perdão acaba trazendo severos prejuízos para a própria pessoa que guarda a mágoa. Veja no capítulo “Aprendendo a Viver em

Harmonia com o Próximo” o comentário que fazemos sobre a capacidade de perdoar.

Não perdoar alguém é o mesmo que carregar a própria pessoa nos ombros, estando presa a essa pessoa. Perdoar, no entanto, é trazer a paz para si mesmo e ver como Deus quer que nos vejamos: não merecedores da graça, mas, sim, chamados a perdoar, assim como Ele fez conosco por meio da graça de Cristo!

A depressão é vencida quando a pessoa tira o foco de si mesma e põe-no em Cristo.

---

[75] Artigo: Estresse e depressão. Dr. Drauzio Varella. Disponível em: http://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/estresse-e-depressao/. Acesso em: 4/4/2012.

[76] Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

[77] Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

[78] *Idem*.

[79] Rev. Bras. Psiquiatr. vol.21 s.2 São Paulo Oct. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000600006. Acesso em: 22/8/2012.

806 LIMA, Elinaldo Renovato de. Ética Cristã, Rio de Janeiro, CPAD, 2002.

[81] COLLINS, Gary R.; Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento, 2005, p. 134.

CAPÍTULO

XXXII

RESPONDENDO QUESTÕES COMPLEXAS

Há muitos temas que envolvem a questão da ética como, por exemplo, a legalização do aborto, a união homossexual, a negativa de participação na guerra, a clonagem, a pesquisa sobre células-tronco, a diferenciação entre público e privado, etc. Muitas dessas questões chegam ao gabinete pastoral, deixando muitas vezes o obreiro com dificuldade para dar uma orientação. Vale salientar que a posição do cristão em relação a esses e outros temas deve estar fundamentada na Bíblia.

Sei que esses temas dividem opiniões e não conseguirei, por hipótese alguma, trazer respostas precisas que agradem a todos. Meu objetivo não é trazer respostas prontas, mas, sim, ampliar a discussão desses temas, expressando minha opinião, levando em consideração o que a Bíblia ensina sobre esses assuntos.

Por contenção de espaço, selecionamos apenas alguns temas para abordar neste capítulo. Devemos lembrar que:

se o padrão estabelecido pela sociedade vai de encontro aos princípios bíblicos, então não serve para o cristão.

O pastor Elienai Cabral destaca a importância desses temas e a necessidade de eles serem debatidos em nossas igrejas:

> Algumas questões éticas desafiam a igreja evangélica de hoje, tais como: aborto, homossexualismo, divórcio, uniões conjugais entre homossexuais, política, suicídio, pena de morte, eutanásia e outras (...). Não podemos fechar os olhos para esses assuntos, porque eles fazem parte do contexto da nossa sociedade atual. (Pastor Elienai Cabral, Jornal Mensageiro da Paz, p. 24- n.1321-Abril/1997). [82]

A QUESTÃO DO ABORTO

Hoje em dia, dá-se um cabo de guerra entre os cristãos e os movimentos que são a favor do aborto; cada um deles com seus argumentos distintos.

O aborto intencional, provocado deliberadamente por mulheres que querem parecer-se sempre jovens e não querem gerar filhos — por não terem tido cuidado e concebido —, é fácil de ser condenado. Nessa condenação, inclui-se o aborto praticado por mulheres que querem ver-se livres de filhos que virão a atrapalhar suas carreiras, ou aquele praticado pelas mulheres que querem esconder o fruto de um romance proibido.

Mas o que fazer nos casos em que acontece a gravidez decorrente de violência sexual grave como o estupro, cometido, às vezes, por pessoas próximas ou até mesmo parentes das vítimas? E quando essas vítimas são crianças ou adolescentes que não podem levar adiante a gravidez, devido ao alto risco, por estarem em fase de desenvolvimento biológico? Ou, quando uma mulher, seja de qualquer idade, corre risco de morte, e a interrupção da gravidez é necessária para salvar sua vida? E, ainda, nos casos de aborto eugênico (nascituros defeituosos ou com má formação congênita) e também o aborto de feto Acéfalo ou Anencéfalo?[83]

O que fazer? Deve-se dizer “Aborte!” e apoiar um homicídio de um inocente que está dentro do ventre da mãe? Ou então dizer “Não aborte!” e pôr em risco a integridade física e psíquica da mãe, que também é vítima?

O que a Bíblia fala sobre a questão do aborto? Essas e outras questões serão discutidas nesse tópico com o intuito de ajudar o líder/conselheiro a lidar com a situação na sua igreja.

1. DEFININDO O TERMO

A palavra aborto vem do latim *abortum*, do verbo abortare, que significa: pôr-se ao sol, desaparecer no horizonte e daí morrer, perecer. Os médicos definem aborto como a expulsão espontânea ou provocada do feto antes do sexto mês de gestação, isto é, antes que o feto possa sobreviver fora do ventre materno. “Interrupção da gravidez

antes que o feto tenha se desenvolvido o suficiente para ser viável.”[84]

1. Estatísticas

De acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde), são realizados anualmente em todo o mundo cerca de 5 milhões de abortos. Para o Brasil, estima-se que, a cada minuto, dois abortos sejam realizados[85]. Sabe-se que estatísticas trabalham com números amplos e que podem variar; porém, esses citados anteriormente dão-nos uma tênue ideia da magnitude da crueldade e do problema.

1.2 O aborto e a legislação brasileira

No Brasil, o aborto é considerado crime, salvo nos casos em que haja risco de morte para a mulher ou na gravidez decorrente de um estupro. Recentemente, após dois dias de discussão, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiram, por oito votos a dois, pela descriminalização do aborto em caso de fetos anencéfalos. A nova decisão da justiça autoriza aborto de feto anencéfalo, tornando-o aborto legal.[86]

Em 9 de março de 2012, foi aprovado um texto do anteprojeto de lei de um novo Código Penal, elaborado pela comissão de juristas nomeada pelo Senado, que propõe a legalização do aborto nos casos em que a gestante não tenha condições “para arcar com a maternidade”, desde que seja avaliada por um médico ou psicólogo, podendo interromper a gravidez até 12 semanas de gestação.

Tanto essas quanto outras discussões na mudança na lei de aborto nos tribunais brasileiros têm gerado mais polêmica em torno da legalização do aborto.

Enquanto isso, muitas mulheres, por vários motivos, submetem-se à prática abortiva por conta própria ou procuram realizar o aborto em clínicas clandestinas, em condições precárias, com pessoas despreparadas, correndo o risco de contraírem doenças, infecções graves, chegando até mesmo à morte.

1.3 O aborto e a Bíblia

> *Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão. Como flechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade. Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos, quando falarem com os seus inimigos à porta (Sl 127.3-5).*

O tempo passa, a sociedade transforma-se, e tudo isso traz conflitos com aquilo que se pensa ou tem como certo, principalmente para os cristãos, que pautam seu viver segundo a Bíblia Sagrada.

No Antigo Testamento, o povo de Deus não enfrentava essa dificuldade, principalmente porque as mulheres, em sua grande maioria, eram do lar — aquelas que tinham a responsabilidade de criar os filhos, instruí-los e educá-los, enquanto os homens tinham a responsabilidade de prover o sustento da casa.

Nesse contexto, para a mulher, ter um filho era uma bênção de Deus, e não um fardo, como é considerado por muitas mulheres na atualidade, as quais, às vezes, querem livrar-se de seus filhos por causa das dificuldades que possam enfrentar em criá-los.

O povo não estava envolvido numa sociedade desigual, consumista e competitiva como a nossa, onde muitas mulheres têm que trabalhar fora de casa, investir na carreira profissional, ocupando espaços que antes eram exclusivos para homens. A mulher também participa mais na renda da casa e tem que conciliar o trabalho doméstico com o emprego, cuidar da casa e da educação dos filhos. É aí que ocorrem as dificuldades e todos saem perdendo, pois muitas mulheres acabam transferindo a tarefa da educação dos filhos, antes sob sua responsabilidade, para babás, avós, ou para as escolas, enquanto os pais trabalham.

Pode-se perceber uma diferença abismal entre o comportamento das mulheres do Antigo Testamento e algumas mulheres modernas. Para as mulheres da comunidade israelita, ter um filho era bênção de Deus, e o não ter era sinal de que havia alguma coisa errada; a mulher era discriminada e tida como alguém que estava sob a maldição de Deus. Justamente por esse motivo, Ana sofria tanta amargura, e, mesmo tendo o amor de seu marido, isso não lhe era suficiente para consolá-la: "*A Ana, porém, dava porção dupla, porque ele a amava, ainda mesmo que o Senhor a houvesse deixado estéril*" (1 Sm 1.5 – ARA).

Raquel, por não poder conceber, teve inveja de sua irmã e pediu que Jacó lhe desse filhos, senão ela morreria (ver Gn

30.1). As bênçãos que eram transmitidas às mulheres eram acompanhadas de pedidos a Deus que lhes concedessem muitos filhos, pois isso era sinônimo da bênção de Deus (Gn 24.60). Por serem os filhos considerados bênção de Deus, conclui-se que não os ter já seria motivo de perturbação para a mulher.

Observa-se que, enquanto muitas mulheres nos dias de hoje querem matar o fruto da concepção indesejada, as mulheres israelitas queriam morrer por não poderem conceber.

O aborto provocado, como é prática comum atual, era algo inimaginável para a nação israelita. Seria considerado um ato de insanidade mental, de loucura, uma profanação da bênção concedida por Deus, sendo muito almejada por todas as mulheres. Justamente por isso, a Bíblia não trata diretamente da questão do aborto intencional por ser algo que não ocorria nem se imaginava. Mas, apesar de não tratar diretamente, pode-se inferir indiretamente, através de textos bíblicos, sobre a gravidade de um aborto intencional, pois, antes de qualquer coisa, trata-se de homicídio.

O Antigo Testamento só se preocupa em dar mandamentos sobre aborto não intencional, acidental, porque, conforme o exposto, o aborto deliberado não ocorria. A Bíblia diz que, se um homem estivesse pelejando com outro e ferisse uma mulher, e esta abortasse, ele seria obrigado a pagar indenização (Êx 21.22). Há outros textos no Antigo Testamento que falam sobre o aborto, só que nenhum deles está relacionado com o aborto intencional, e

sim com a infelicidade de ocorrer um aborto (Jó 3.16; Sl 58.8; Ec 6.3).

No Novo Testamento, também não há referência a este tema porque ele segue a mesma perspectiva do Antigo, onde filhos eram bênçãos de Deus e não os ter era sinônimo de maldição divina, sendo que o aborto intencional era algo impensável.

1.4 A mudança em relação ao aborto

A sociedade está em constante mudança, e, em um passado remoto, o aborto intencional, legalizado, seria algo inimaginável; no presente, ele passa a ser reivindicado como um direito.

Não dá para dizer que um único fator levou à mudança de comportamento em relação ao aborto, mas, sim, que foi uma conjuntura de fatos que ocasionaram essa mudança. Dentre esses fatos, pode-se citar o surgimento dos movimentos feministas e a liberação sexual, em parte ocasionada pelo movimento "*Hippie*", que aparecera por volta da década de 1960, pregando a liberação das drogas, a extinção da família e o sexo livre.

Estudos apontam que, no Brasil, antes da década de 1960, as discussões públicas sobre o assunto eram escassas e restritas, mas, a partir do surgimento dos movimentos feministas e suas discussões sobre saúde, sexualidade e contracepção, o tema aborto passou a fazer parte dos debates públicos e intensificou-se de tal modo que levou as discussões para o âmbito dos poderes Executivo e Legislativo.

Vale destacar que, na esfera do poder Legislativo, a igreja católica teve grande participação, levando a discussão sobre o aborto para a Constituinte (durante sua preparação em 1986 e, também, no processo constituinte em 1987 e 1988) visando proibi-lo em todas as circunstâncias, recebendo, em grande parte, o apoio de parlamentares evangélicos.[87]

No cenário evangélico, a discussão sobre o aborto ainda é recente, embora o tema tenha mobilizado boa parte do eleitorado cristão a fazer declarações contra a descriminalização do aborto, por ocasião das campanhas eleitorais presidenciáveis de 2010. O fato levou a mídia a divulgar e levar a uma melhor reflexão sobre o peso que o movimento pró-vida tem na sociedade brasileira.

Existem posições divergentes entre as religiões e as denominações cristãs sobre o aborto. Há quem aceite apenas a interrupção da gravidez nos casos autorizados por Lei; outros que se posicionam a favor apenas do aborto terapêutico (aquele que é provocado para salvar a vida da gestante); e outros que são totalmente contra a prática do ato sob quaisquer circunstâncias.

1.5 O aborto intencional como fruto do egoísmo humano

São muitas as causas alegadas por aquelas que praticam e apoiam o aborto. Elas dizem que não terão condições de criar a criança, de dar o que ela precisa, que a gravidez foi algo impensado, precipitado, ou que, após a gravidez, fora

abandonada pelo parceiro e que esta gravidez irá deformar seu corpo, etc.

Analisadas superficialmente, tais desculpas até que poderão ser aceitas por alguns e tidas como “convincentes”, mas a motivação verdadeira do aborto é um sentimento que vai muito além dessas desculpas superficiais e da situação socioeconômica. Essa atitude de livrar-se de alguém indesejado, principalmente por questões estéticas, chama-se egoísmo. Egoísmo de uma sociedade acostumada às coisas descartáveis, casamentos descartáveis, relações descartáveis, amizades descartáveis, concepções descartáveis, etc. Quando os pais ficam velhos, são enviados ao asilo; quando os filhos são indesejados, são descartados na lata de lixo.

Esse egoísmo humano não é algo novo. Ele infectou a humanidade a partir da Queda do primeiro homem no Paraíso, quando Eva decidiu dar ouvidos à voz de Satanás, a Serpente, e, seguindo sua tendência egoísta de querer ser como Deus, acabou comendo do fruto da árvore do meio do jardim que Deus proibira (Gn 3.5). Então, a humanidade sofreu as consequências do egoísmo: a perda da comunhão com Deus.

1.6 Algumas questões

Para os que apontam a situação socioeconômica como motivo para interrupção da gravidez, pode-se dizer que muitas famílias querem adotar crianças cujos pais biológicos não tenham condições de sustentá-las ou educá-las.

Quando se abordam as questões morais sobre ou a favor do aborto, em muitos casos, só é discutido o direito das mulheres e quase não se fala sobre os direitos do nascituro: direito à alimentação, à proteção de sua vida; o direito de nascer.

Outra questão importante é considerar o princípio da paternidade responsável, seja de ordem moral ou financeira, o que deveria surgir a partir da concepção. Na maioria dos casos, isso só tem sido cobrado dos pais apenas após o nascimento da criança.

II. A PROCRIAÇÃO: UMA OBRA DE DEUS

A procriação é uma obra de Deus. Todo processo, desde a fecundação até o nascimento, é determinado pelo Senhor. Interromper uma gravidez é atentar contra a vontade dEle.

> *Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe. Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem; os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda. Que preciosos para mim, ó Deus, são os teus pensamentos! E como é grande a soma deles!* (Sl 139.13-17 – ARA).

O salmista faz uma descrição extraordinária da concepção. Ele diz ter sido formado por Deus, que o teceu no interior de sua mãe, demonstrando, com isso, a magnitude da concepção humana. Ele continua descrevendo sua formação, que fora um fato assombroso e maravilhoso. Deus acompanhou a sua formação óssea, os primeiros momentos da fecundação "ainda informe". Ao refletir sobre a grandeza da criação, só resta ao salmista o júbilo e a doxologia demonstrada no epílogo.

1. Quando começa a vida

Esse fato é muito importante porque, se houver um meio de determinar em que momento começa a vida, pode-se dizer quando ocorre ou não o homicídio através do aborto. Há quem defenda que a vida começa algumas semanas após a fecundação; já outros pensam que só se deve contar mesmo a partir do nascimento.

Há, porém, um só começo, o qual se inicia no momento da fecundação: "*E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo*" (Lc 1.41).

A Bíblia descreve João sendo habitado pelo Espírito Santo já no ventre de sua mãe e salvando dentro dela quando esta ouviu a saldação de Maria, a mãe do Cordeiro de Deus, que tiraria os pecados do mundo. Esse fato é confirmado pela reação da criança ao saltar no ventre de sua mãe quando esta recebe a visita de Maria. É possível parafrasear e dizer que João saltou e rejubilou no ventre de sua mãe ao saber

que ela estava diante daquela que seria mãe do Salvador da humanidade (Lc 1.44).

Com esses eventos, pode-se concluir que a vida começa a partir do momento da fecundação do espermatozoide no óvulo; ali começa uma vida e, se a vida existe desde a concepção, o aborto passa a ser homicídio.

Pode-se concluir que, apesar de o assunto ser mais complexo do que se imagina, às vezes, situações dificílimas nos pressionam. A Bíblia, porém, não nos deixa sem um norte. Mesmo que, para muitos, os fatos com relação ao tema aborto estejam relatados na Bíblia de forma indireta, pode-se entender o momento em que começa a vida, o momento da concepção, ou seja, na fecundação. Assim sendo, se a partir daí começa uma vida para Deus, qualquer atentado que venha impedir sua existência deve ser classificado como homicídio, e cada um será responsabilizado diante de Deus pelos atos praticados.

1.1 A interrupção da vida em situações extremas

Não há respaldo bíblico que apoie a interrupção da vida no ventre, qualquer que seja a razão. Não há uma referência bíblica sobre o assunto, mesmo nos casos da gravidez por estupro ou violência sexual, ou até mesmo por má-formação do feto.

Sabe-se que o Estado brasileiro é laico e não confessional desde a promulgação do Decreto nº 119-a de 7 de janeiro de 1890, sendo tal condição confirmada posteriormente pela Constituição de 1891 e todas as demais. Isso significa

que o Estado não deve sofrer interferência religiosa na sua administração, nem fazer aliança com qualquer instituição religiosa. Além do mais, somos uma democracia, em que o poder emana do povo e vence a voz da maioria, que, às vezes, manifesta sua opinião a favor do aborto.

Como cristãos, é dever nosso dar o parecer bíblico e convincente contra tal atrocidade, independentemente de o Estado vir a apoiar o aborto ou não. Não é fácil, porém, abordar sobre o aborto porque muitas vezes serão apresentadas situações delicadíssimas concernentes ao assunto.

Aceitar o aborto é intervir no direito de alguém nascer, sem falar que se trata de um assassinato. Sei que não é fácil lidar com essa situação, principalmente nos casos em que a pessoa foi abandonada pelo pai da criança e tem uma família muito rígida que certamente a desprezará. Porém, o transtorno que essa pessoa sofrerá se praticar o aborto será muito maior do que enfrentar a realidade da gravidez.

1.2 Como lidar com a questão do aborto na igreja

Se é grande a luta em prol da vida e contra a interrupção da gravidez, deve-se também haver uma preocupação em oferecer ajuda concreta e orientação às mulheres, para não lhes causar um trauma maior ou uma dor ainda mais profunda, no caso de terem provocado um aborto.

Deve haver apoio e orientação adequada aos adolescentes e jovens para fugirem da promiscuidade e terem mais cuidado para não entrarem na onda de liberação

sexual das últimas décadas. É preciso mostrar que eles devem assumir responsabilidades por todos os seus atos e, de igual forma, conscientizá-los das consequências desses atos.

É preciso entender que uma coisa é ser contra o aborto, outra é ficar indiferente ou ignorar o sofrimento das pessoas que cometem tal ato em um momento de desespero sem pensar nas consequências. Sabe-se que, em muitos desses casos, as mulheres, depois do aborto, vivem um trauma emocional e espiritual muito forte; elas experimentam depressão, sentimento de culpa, dor e vergonha. Daí, elas buscam o isolamento, pensam em suicídio ou se afastam da igreja e partem para o uso indiscriminado de álcool e das drogas.

Ainda que as circunstâncias não justifiquem a prática abortiva, a verdade é que, muitas vezes, as vítimas profundamente abaladas, traumatizadas e até estigmatizadas (como é o caso de pessoas que sofreram estupros) são fruto de um sistema perverso e excludente que produz a miséria e, da mesma forma, de uma sociedade injusta, individualista, hipócrita, materialista e hedonista que banaliza o sexo, favorecendo a promiscuidade, principalmente entre crianças e adolescentes.

Lembre-se de que essas pessoas precisam, além de um acompanhamento profissional, de um apoio espiritual e do perdão divino para que possam encontrar a paz e continuar sua vida sem incorrer no mesmo erro. Jesus ensinou-nos a agir com compaixão e misericórdia com os que cometem pecado, sofrem ou são injustiçados (Jo 8.1-11).

Todavia, fique bem claro que não é simples, tampouco fácil, lidar com assuntos complexos que envolvem as relações humanas, como os que estão sendo abordados.

É importante o líder/conselheiro atentar para o que a Bíblia fala sobre a questão do aborto e nunca esquecer que situações inusitadas aparecerão quando não for possível saber que atitude tomar, porque o certo parecerá injusto, assim como o errado; e o que fazer numa situação como essa? Dependa da direção de Deus!

III. CONTROLE DE NATALIDADE E PLANEJAMENTO FAMILIAR

O planejamento familiar e o controle de natalidade são lícitos para um casal cristão? Muitas pessoas defendem o número de filhos ilimitados com base na referência bíblica de Gênesis 1.28: "*E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra*."

A Bíblia não é explícita quanto ao controle de nascimentos. Discute-se, sim, sobre filhos, responsabilidade familiar e questões de sexualidade. Mas o problema proposto é: "Quantos filhos?". A Bíblia não responde, apenas diz:

> *"Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão. Como flechas na mão dum homem valente, assim são os filhos da mocidade. Bem-aventurado o homem que enche a*

sua aljava; não serão confundidos, quando falarem com os seus inimigos à porta” (Sl 127.3-5).

1. Um assunto para se pensar

Tempos atrás, em uma visita pastoral, encontrei um marido aflito porque sua esposa, grávida do quinto filho, pretendia fazer cirurgia de laqueadura após o parto. Ele, no entanto, não aceitava tal atitude, alegando que Deus havia concedido fertilidade à esposa, não aceitando, assim, que os médicos retirassem aquilo que ele considerava uma dádiva divina. Eu, porém, levei-o a uma reflexão de acordo com o contexto atual, pois a Palavra de Deus não pode ser descontextualizada. Há coisas na Bíblia que devem coadunar-se com a situação contemporânea.

Interroguei-o, dizendo: “O que é melhor: ter a quantidade de filhos aos quais se possa oferecer conforto, carinho, com condições de educá-los nos caminhos do Senhor, ou ter tantos quantos forem possíveis a ponto de não poder educá-los adequadamente e dar-lhes a devida atenção?”.

A questão de planejamento familiar não deve ser interpretada única e exclusivamente com base no texto de Gênesis 1.28: “[...] *Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra*”. Deve-se analisar a sociedade atual e verificar a sua aplicabilidade e abrangência de forma contextualizada.

2. Métodos adotados

2.1 Controle de Natalidade

Este método é adotado por países superpopulosos, onde a população supera a casa de 1 bilhão de habitantes como, por exemplo, China e Índia, tendo como objetivo restringir o crescimento da população devido à escassez de recursos públicos como alimentação, saúde, assistência social. Veja uma definição básica sobre isso:

> Controle de natalidade é o conjunto de medidas de emergência, incluindo legislação específica, que o governo de um determinado país adota, para atingir metas demográficas restritivas, consideradas indispensáveis ao desenvolvimento socioeconômico. Isso ocorre na China e na Índia, onde a população é excessiva em relação aos recursos econômicos. [88]

O controle de natalidade é uma medida extrema tomada por um país porque, a exemplo da China, que limita um filho por casal — salvo se nascer menina —, ele passa a limitar a quantidade de filhos que um casal pode ter, interferindo diretamente no planejamento familiar, podendo chegar ao ponto de exigir-se o pagamento de multa, ou até mesmo a fazer o aborto daqueles que excederem.

Esse método é problemático porque é uma interferência do Estado no planejamento familiar do cidadão — além do aborto, que acaba sendo praticado pelo próprio Estado.

2.2 Planejamento Familiar

De acordo com a ONU, planejamento familiar:

> *É o exercício da paternidade responsável, e a utilização voluntária e consciente por parte do casal, do instrumento necessário à planificação do número de filhos e espaçamento entre uma gestação e outra. Pressupõe o uso de anticoncepcionais produzidos pela ciência médica.*[89]

Enquanto no controle de natalidade há uma interferência direta do Estado na formação da família, a atuação dá-se de forma indireta no planejamento, pois o governo não obriga, porém tenta incentivar a paternidade consciente. O controle de natalidade pode ser considerado uma medida extrema tomada por um Estado e normalmente acompanhada de atitudes extremas como, por exemplo, o aborto compulsório.

2.3 Paternidade Responsável

> *Paternidade responsável é a atitude consciente e voluntária do casal diante do fenômeno de reprodução humana, refletindo a preocupação de ter apenas o número de filhos que possam criar e educar com dignidade, obedecendo ao espaçamento que seja considerado ideal pelo casal e pela ciência.*[90]

Enquanto nos outros dois modelos há a interferência direta ou indireta do Estado, que tenta levar o casal a um planejamento, este modelo é aquele em que a escolha

compete única e exclusivamente ao casal de acordo com suas limitações, a fim de oferecer tudo o que seja necessário ao pleno desenvolvimento dos filhos.

3. O que diz a Bíblia sobre o assunto

Muitos se baseiam em textos isolados fora de seu contexto para criticar o planejamento familiar e o uso de métodos anticoncepcionais; dizem que Deus mandou o homem crescer, multiplicar e encher a terra, mas as duas vezes em que Deus deu essa ordem, a terra estava vazia, ou seja, Ele deu essa ordem a Adão e Eva, o primeiro casal, e a Noé, após o Dilúvio, tendo morrido quase toda a humanidade, restando apenas oito pessoas na terra (Gn 1.28; 9.1; 2 Pe 2.5).

Será que Deus, o eterno e sábio Deus, daria essa ordem hoje?

Se Ele dissesse aos nossos irmãos chineses: “Frutificai e enchei a terra, sede fecundos”, eles, com toda a certeza, diriam ao Senhor: “Mais fecundos do que somos?! Encher a terra mais do que ela já está?!”.

Há mandamentos que serviram para um determinado contexto, e, ao mudar-se o ambiente, isso se torna desnecessário. O mandamento de Gênesis 1.28, que fora dito quando a terra estava vazia, não tem a mínima possibilidade de ser aplicado hoje porque, caso contrário, todo o planeta entraria em colapso. Se cada casal do planeta tivesse tantos filhos quantos pudesse conceber, em pouco tempo teríamos nossa população multiplicada por

dez, visto que não é raro mulheres que geram em todo o seu período fértil. E com uma megapopulação dessas, de onde seria retirado alimentos para tanta gente, água, moradia, saúde, etc. Lembrando que deve ser levado em conta também a escassez de recursos naturais não renováveis. Atualmente, muitos casais estão buscando atrasar ou, simplesmente, optam por não ter filhos.

Aqueles que acham que devem pôr em prática o que está escrito em Gênesis 1.28 só porque está na Bíblia devem pensar numa solução viável para a falta de recursos naturais e como garantir a subsistência dessa megapopulação.

4. Ter ou não ter filhos?

Ao se unir, todo casal cristão deve ter em mente a constituição de uma família que será composta pelos filhos que darão sequência à existência desta. Optar por não ter filhos — salvo questões de saúde ou infertilidade — seria uma atitude drástica do casal e deve ser tomada com o auxílio e orientação do Senhor.

O casal que opta por não ter filhos ou em postergar a gestação, motivado por um sentimento individualista, egoísta, pensando apenas no seu próprio conforto ou baseado em argumentos da vaidade feminina de preocupação em deformar o corpo, ou ainda porque diz que filhos dão trabalho pode estar cometendo um erro. Essa atitude poderá gerar algumas frustrações, cobranças por parte de um dos cônjuges e outras situações conflitantes para o casal no futuro. Além do mais, na sua velhice,

estarão fadados a viver na solidão. Talvez, alguém diga que muitos filhos desamparam os pais quando velhos; isso, porém, não é regra, e sim exceção. Normalmente, os filhos assistem os pais na velhice. Lembre-se também de que os filhos são bênçãos e herança do Senhor.

Portanto, quanto à decisão de ter ou não filhos, vale o bom senso e a orientação divina. Não os ter por motivações particulares poderá causar problemas. Deixar que o Estado escolha por nós também não seria a solução mais viável. Sendo assim, a opção do cristão deve ser a da paternidade responsável, isto é, planejar antes para ter tantos filhos quantos couberem em seu orçamento, de forma que lhes possam garantir o mínimo de conforto para a sua existência. Não os ter por sentimento pessoal é problemático, e tê-los por imposição ou para dar satisfação aos outros também não é aconselhável.

A Bíblia ensina a termos sabedoria para agir em todas as áreas da vida. Dentre os muitos ensinamentos sobre instruir os filhos, ela diz: “*Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele*” (Pv 22.6).

O texto acima aponta para a importância de os pais (ou responsáveis) instruírem, ensinarem e treinarem as crianças para suas futuras responsabilidades à luz dos ensinamentos da Palavra de Deus. Uma criança instruída no caminho da bondade, honestidade, prudência, reverência e respeito pelas coisas de Deus dificilmente se desviará do caminho de retidão e do bom comportamento. Ela estará apta a resistir

às coisas más e a praticar o bem, assim como orienta o livro de Provérbios e toda a Escritura Sagrada.

> Nenhum de nós quer que os filhos sucumbam às drogas, a condutas desonestas ou às ações cruéis ou antissociais, mas todos queremos que nossos filhos aprovem a justiça, aceitem a autoridade legítima, preocupem-se com as necessidades dos outros. (Damon (1988) apud MACEDO, 1996).[91]

Sabe-se que a sociedade já enfrenta graves problemas com filhos que não receberam a devida educação e assistência dos pais ou que foram abandonados à própria sorte e enveredaram pelo caminho da delinquência, vindo a encher também os nossos já abarrotados presídios.

5. Quanto aos métodos anticoncepcionais

Um casal cristão pode usar os métodos da ciência para evitar filhos como, por exemplo, a camisinha ou os anticoncepcionais, ou somente os métodos naturais como a “tabelinha” e “oração”, ou deve ter filhos até a mulher não conseguir gerar mais? Essa tem sido uma das questões mais polêmicas entre os cristãos. Porém, o que a Bíblia fala sobre o assunto?

Há duas questões implícitas nessa pergunta: a contracepção e o planejamento familiar. Geralmente, quando se fala em contracepção, cita-se o caso de Onã, personagem do Antigo Testamento, neto de Jacó, filho de Judá com uma mulher cananeia (Gn 38.1-9). Onã praticava

um dos métodos anticoncepcionais pouco eficazes, o coito interrompido, para não dar descendência a seu irmão Er.

No texto citado, observamos que a Bíblia não fala sobre o controle de nascimentos. A Palavra de Deus mostra, no entanto, que o Senhor não se agradou da atitude de Onã por ele não cumprir a lei do levirato encontrada em Deuteronômio 25.5-10.

A Bíblia também fala de práticas antigas da medicina popular como, por exemplo, o uso de mandrágoras, que eram ervas para abrir a madre (Gn 30.14), e a fertilidade por ocasião do aleitamento (Os 1.8).

A paternidade é algo de grande responsabilidade. Ela deve ser planejada para prover o bem-estar dos filhos nos aspectos econômico, social, educacional e espiritual.

Os pais devem estabelecer um lar harmonioso com amor e disciplina. Se não podem fazê-lo, devem repensar seriamente se estão de fato honrando a Deus colocando filhos no mundo de forma irresponsável. O uso de métodos contraceptivos, visto como meios de Planejamento Familiar, deve ser feito sob a orientação médica, desde que admissível à consciência cristã.

O uso de métodos contraceptivos é sempre um assunto marcado por muitos debates, havendo opiniões bem divergentes entre os cristãos. Há aqueles que são totalmente contra e condenam os que adotam esse recurso; uns são a favor do uso controlado dos anticoncepcionais, enquanto outros os adotam de forma indiscriminada, sem buscarem uma orientação adequada quanto à ação de cada método, sua eficácia e implicações.

Não se deseja ser dogmático, mesmo porque quem pode melhor falar sobre cada método e seu funcionamento são os médicos que para isso estudaram. A única coisa que se pode dizer é que não há solução mágica para o caso de a mulher não querer ter tantos filhos quantos seu período fértil lhe garanta. Ela, com toda certeza, deverá fazer uso de métodos anticoncepcionais.

Mas a questão é: qual seria o método certo? Isso deve ficar a critério do casal, que buscará orientação médica sobre o melhor método possível para ele.

Todavia, é preciso ficar atento porque, devido à revolução do controle de natalidade e o avanço das tecnologias hormonais, existem alguns métodos contraceptivos que também são abortivos, ou seja, agem depois que houve a fecundação, como é o caso dos Dispositivos Intrauterinos [DIU].[92] Sendo assim, seu uso é pecaminoso porque, conforme o exposto, o aborto é pecado.

O uso da pílula anticoncepcional também é um tema de muitas polêmicas, principalmente entre as religiões. O cientista da religião, Saulo Baptista, explicou que, do ponto de vista religioso, as opiniões são divergentes sobre o assunto: “A igreja católica tem uma posição contrária e não aceita o uso do método”.

O casal deve optar por anticoncepcionais que inibem a fertilidade, assegurando-se de que não são abortivos. Essa orientação, todavia, só será obtida por meio de um médico, que esclarecerá quanto ao momento em que o medicamento age, ou seja, se antes ou depois da fecundação. Se ele agir antes da fecundação, não há

problema; se depois, constitui-se aborto. Não se deve, porém, tomar medidas precipitadas, pois para isso vale a orientação médica acompanhada de um respaldo bíblico contextualizado.

6. É Correto o Casal Cristão Servir-se do Banco de Sêmem para ter um Filho?

Essa é uma questão que envolve certa complexidade, já que o tema em si é controvertido. Para facilitar a compreensão, tentaremos analisar o assunto a partir de três aspectos: biológico, ético e espiritual.

1. Aspecto biológico

Com as novas tecnologias de reprodução medicamente assistidas (Técnicas de Inseminação Artificial), torna-se possível a concepção para situações de infertilidade. Essas técnicas classificam-se em dois grandes gêneros: inseminação homóloga e inseminação heteróloga. A inseminação é considerada homóloga quando o sêmen pertence ao marido; é heteróloga quando originária de uma terceira pessoa ou quando a mulher não é casada.

Dentre as várias técnicas disponíveis atualmente, podemos destacar:

- Inseminação Artificial (IA) – Transferência mecânica de espermatozoide para o útero da mulher. Após seleção e tratamento, os espermatozóides podem ser introduzidos no fundo do canal vaginal por meio de cânulas ou seringas.

- Transferência Intratubárica de Gametas (GIFT) – Consiste em captar os óvulos da mulher por meio de laparoscopia e o esperma do marido por meio de massagens na vesícula seminal ou masturbação. Ambos são colocados numa cânula especial, sendo devidamente preparados e introduzidos em cada uma das trompas de Falópio.
- Transferência Intratubárica de Zigotos (ZIFF) – Nesse método, o processo de captação é o mesmo, porém a fecundação é realizada *in vitro* (fora do corpo da mulher). Depois, ocorre a transferência do zigoto para as trompas uterinas.
- A Fertilização *In Vitro* seguida da Transferência de Embriões (FIVETE) – A captação de óvulo e espermas ocorre da mesma forma que nos métodos anteriores; no entanto, após a fecundação, o zigoto ou zigotos continuam incubados in vitro, sendo transferidos apenas quando se desenvolvem e tornam-se num embrião. É a fertilização em laboratório, conhecida como “bebê de proveta”.

2. Aspecto ético

Os especialistas em reprodução humana divergem sobre as questões éticas quanto à criopreservação de embriões excedentes e doação de gametas e pré-embriões, etc.

Um dos pontos mais relevantes nessa discussão é a questão dos descartes de embriões. Para cada sucesso de uma inseminação fora do útero, vários embriões são sacrificados. Considerando que um embrião está no

primeiro estágio do desenvolvimento de uma vida humana, sacrificá-lo significa interromper o curso de uma vida.

3. Aspecto espiritual

Apesar de este tema não ser tratado explicitamente na Bíblia, não podemos analisá-lo sem observar os princípios bíblicos.

Recorrer a um banco de sêmen para ter um filho implica em aceitar condições que se contrapõem aos valores cristãos. Receber, por exemplo, esperma de um doador (alguém que não seja o marido) é implantar dentro de si uma semente de outro homem. Biblicamente, isso se constitui adultério (Êx 20.14; Mt 5.28).

Utilizar-se da inseminação *in vitro* é concordar com os descartes de embriões. Como já vimos, a probabilidade de sucesso nesse processo com apenas um óvulo fertilizado é mínima. Não é aceitável para um casal cristão permitir que outros óvulos fecundados sejam sacrificados. Conforme a Bíblia ensina, não cabe a nós a decisão de dar e tirar a vida, e sim ao Senhor: “O Senhor mata e preserva a vida; ele faz descer à sepultura e dela resgata” (1 Sm 2.6).

O casal deve, antes de tudo, confiar no Senhor e não recorrer a métodos de reprodução humana que ferem os princípios cristãos e éticos.

7. O QUE DIZER SOBRE A ADOÇÃO DE BEBÊS POR HOMOSSEXUAIS?

O direito à adoção de crianças por homossexuais vem-se tornando uma realidade em nosso país. Esse assunto

extremamente polêmico vem paulatinamente se transformando num tema de debate na mídia, retratado nas novelas, revistas, jornais e outros meios de comunicação. O tema tem despertado o interesse até mesmo da comunidade científica, que vem direcionando pesquisas e publicações sobre o assunto. Mas, afinal, pessoas homossexuais podem adotar crianças? O que dizem as leis brasileiras? E, no ponto de vista ético, moral e bíblico, isso é benéfico?

Devemos formar uma visão crítica sobre o assunto, resgatando princípios bíblicos que não podem ser ignorados na abordagem deste tema.

1. Visão bíblica

De acordo com as Sagradas Escrituras, a homossexualidade não é aceita por Deus. Encontramos referências em Gênesis, no relato de Sodoma e Gomorra (Gn 19.4-5) — de onde advém o termo “sodomia” como referência à homossexualidade e outras anomalias do gênero; em Levítico, na condenação feita por Moisés ao povo de Israel contra essa prática (Lv 18.22; 20.13); no período dos Juízes (Jz 19.22-23); no Novo Testamento, na epístola de Paulo aos Romanos (Rm 1.26-27), além de outras alusões do apóstolo à condenação divina a essa prática (1 Co 6.9-10; 1 Tm 1.9-11).

Deus definiu para a união sexual entre os seres humanos um homem e uma mulher, unidos pelo compromisso eterno do matrimônio. O propósito de Deus é que o homem junte-se com a mulher e os dois formem “uma só carne” (ver Gn

2.24), constituindo-se numa família heterossexual. A sociedade atual está cada vez mais perdendo de vista esse princípio. Se Deus não aprova a união de pessoas do mesmo sexo, como Ele aceitaria a adoção de um bebê por um “casal” homossexual?

2. A adoção e as leis brasileiras

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, não faz qualquer referência à orientação sexual do adotante, deixando livre o direito de qualquer pessoa, independentemente do seu estado civil, adotar uma criança, desde que sejam preenchidos os requisitos estabelecidos na lei. Assim, não há o que impeça, *a priori*, que uma mulher ou um homem homossexual adote alguém. Contudo, apesar de não haver nada legalmente determinado, a orientação sexual sempre foi um empecilho para adoções.

Os requisitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, em linhas gerais, são: ser o adotante maior de 21 anos; ser, pelo menos, 16 anos mais velho do que o adotando; e o adotando deve contar com, no máximo, 18 anos à data do pedido. A adoção é constituída por sentença judicial, inscrita no Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais.

3. Novo perfil de família

A sociedade atual vem adotando uma nova concepção de família. A base da constituição da família deixou de ser a procriação, a geração de filhos, para se concentrar na troca

de afeto, de amor, mudando radicalmente a composição familiar.

Segundo a autora Flavia Ferreira Pinto, bacharel em Direito do Centro Universitário de Brasília, nessa nova concepção, não há mais necessidades do casamento para uma vida sexual plena. Algumas pessoas promovem encontros, gostam umas das outras, “curtem” umas às outras por algum tempo, mas cada qual vive em sua própria casa, em seu próprio espaço. O objetivo dessa união não é mais a geração de filhos, mas o afeto e o prazer sexual. A autora apresenta, pelo menos, três fatores que contribuem para essa transformação: a entrada da mulher no mercado de trabalho, as facilidades para a obtenção do divórcio e a independência maior da juventude.

É nesse contexto de aceitação e de profunda revolução de valores na sociedade que as uniões homoafetivas tornam-se cada vez mais frequentes. O discurso é de que um novo paradigma para a formação da família está sendo formado: o “amor” em vez da prole. Daí, a argumentação de que os casais não necessariamente precisam ser formados por pessoas de sexo diferente.

Muitos psicólogos, educadores e sociólogos pós-modernos defendem que essas mudanças não significam que a família esteja em crise. Para eles, o que ocorre é uma transformação decorrente das mudanças sociais. Sabemos, porém, que o plano de Deus para a família nunca incluiu o homossexualismo (Gn 1.26-28; 2.18-24), que é abominável ao Senhor (Lv 18.22). Homossexualismo é um dos

resultados da decadência humana (Rm 1.24-28) e um ataque ao plano original de Deus — a família (Mt 19.4-6).

4. A questão do ambiente familiar

Para que seja deferido o pedido de adoção, faz-se necessária a apresentação de reais vantagens para a criança ou o adolescente, que devem estar fundadas em motivos legítimos. Vejamos o que diz o artigo 29 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

> “Não se deferirá colocação em família substituta a pessoa que revele, por qualquer modo, incompatibilidade com a natureza da medida ou não ofereça ambiente familiar adequado”.

O ambiente familiar em que o menor será inserido deve ser adequado ao seu desenvolvimento psicológico e social. Segundo J. L. M. da Silva, o ambiente familiar adequado precisa ter as seguintes características: “Ambiente moralmente sadio, onde se encontrem pessoas comprometidas com um único propósito: criar e educar o menor segundo os princípios ditados pela moral e pelos bons costumes”. Partindo desse princípio, não se pode deferir a adoção à pessoa que tenha péssima formação moral, a fim de não contrariar o disposto no artigo 33 da Lei nº 8.069/90, que impõe o dever de assistência moral.

A partir desse pressuposto, várias questões são levantadas em torno do assunto; dentre elas, a seguinte: Pessoas homossexuais podem adotar crianças? É preciso ter um ambiente sadio para a criança numa “família” formada

por homossexuais? Até que ponto a criança que é adotada e vive num lar homossexual não será socialmente estigmatizada e, consequentemente, não terá prejudicado o seu desenvolvimento psicossocial? Como ficará o psicológico de uma criança sabendo ela que sua “mãe” chama-se “Antônio” e seu pai chama-se “João”?

Não se pode defender apenas o direito do adotante. Devemos levar em consideração que adotar uma criança não é o mesmo que levar um animalzinho de estimação para casa. Precisamos entender que a criança crescerá, tornar-se-á um adolescente com seus conflitos e, posteriormente, um adulto. Portanto, além da necessidade de terem-se as identidades paterna e materna no lar, que são necessárias para a formação saudável da criança e estão ausentes em uma “família” homossexual, a criança irá sentir-se marginalizada e ridicularizada.

8. A Eutanásia e a Pena Capital

Seria muito bom se pudessem definir as relações humanas de forma simples; porém, elas são complexas. Muitas vezes, deparamo-nos com situações tão complexas na vida que pensamos: “Que atitude tomar?”. Não há como dar uma posição fora de seu contexto — como tudo que envolve ética — fazendo uma análise bíblica baseada em dogmatismos frios.

Por exemplo, pode-se dizer que suicídio é pecado e a eutanásia, em certo sentido, é um homicídio, mas:

- Que atitude tomar quando uma pessoa é declarada morta conforme diagnósticos e os aparelhos só estão conservando o corpo?
- E em casos de doentes terminais que estão passando por intensa dor e sofrimento?
- E em outras ocasiões, quando os médicos são obrigados a optarem pela Ortotanásia que, em certo sentido, seria uma forma eufêmica de Eutanásia?

O que dizer?

Para se entender melhor o problema da eutanásia, observe o que a Bíblia fala sobre o significado da expressão "Não matarás".

> *"Não matarás"* (Êx 20.13). *O verbo hebraico jxr (ratsach) aparece 47 vezes em todo o Velho Testamento hebraico, sendo a primeira vez nos Dez Mandamentos* (Êx 20.13). *"Não assassinarás", ou: "Não cometerás assassinato" muitos acham que seria uma tradução mais exata, visto que "não matarás" é uma expressão muito genérica. O verbo na legislação mosaica, tem o sentido de proibir o homicídio premeditado, pois o seu sentido é de um assassinato violento de um inimigo pessoal* (Nm 35.27,30). *Não é usado para a execução legal de um assassino* (Gn 9.6) *e nem para homicídio culposo, nem para defesa própria ou em situações de guerra.*[93]

A Bíblia de Estudo Plenitude mostra-nos que não há contradição entre o fato de Deus autorizar a pena capital e estabelecer o mandamento “Não matarás”:

> *Não traz debalde a espada é carregar e usar armas. Isso implica o direito de realizar punição capital nos malfeitores, pois as espadas eram usadas para tirar a vida das pessoas. O fato de Deus autorizar que autoridades como seus servos usem a força, a ponto de tirar a vida humana não contradiz o mandamento “Não matarás”, que está em Êx 20.13. A palavra usada nesse mandamento refere-se a assassinato criminoso e não inclui tirar a vida judicialmente ou matar na guerra, para qual o AT usa outras palavras. O mesmo é verdadeiro para a palavra grega traduzida por “matar” ou “assassinar” em passagens do NT como Mt.5.21.*
> *Vingador: [...] Algumas vezes a ira de Deus é levada a cabo através do governo civil, quando este pune os malfeitores. Isso significa que as punições civis não devem ser apenas impostas com o propósito de restringir o mal, mas também com o propósito de retribuição.*[94]

1. A pena capital e a Bíblia

A pena de morte é um assunto que aparece em toda a Bíblia. No antigo Testamento, havia diversas razões que poderiam levar a pessoa a sofrer a pena capital como, por exemplo:

- **O princípio da restituição**: “Quem, pois, matar um animal restituí-lo-á; mas quem matar um homem será morto” (Lv 24.21).
- **Por homicídio e fratricídio** (Gn 9.5,6; Lv 24.17);
- **Adultério e estupro** (Lv 20.10-21; Dt 22.22-24);
- **Assassinato premeditado** (Êx 21.23,24).

No Novo Testamento, a pena de morte é mencionada em alguns trechos como, por exemplo, Mateus 26.52; João 19.11 e Atos 25.11.

> O objetivo da pena de morte não era restaurar a vida do assassinado ou reparar o prejuízo, pois somente Deus pode dar a vida, mas para conter o crime. Deus delegou aos governantes a autoridade de governar legitimamente o Estado. A execução de uma pena capital é determinada pelo Estado, depois de julgamentos e de todo um processo legal, tendo o réu amplos direitos de defesa. A Bíblia não manda o Estado estabelecer a pena capital nos dias atuais, mas apenas permite essa lei na legislação de um país (Rm 13.1-6).[95]

O Novo Testamento faz referência à pena capital e condena não somente o homicídio, mas também o ódio, que leva alguém a desejar a morte de seu semelhante (1 Jo 3.15). Jesus referiu-se à pena capital no Sermão da Montanha quando disse: “*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir*” (Mt 5.17 – ARA). E acrescentou: “*Ouvistes que foi dito aos*

antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento [...]" (Mt 5.21-22 – ARA).

Os escritos neotestamentários também desaprovam qualquer outra ação ou influência maléfica que cause a morte espiritual de alguém (ver Mt 5.22 nota; 18.6). Deve-se lutar pela vida, ainda que custe a própria vida.[96]

Entende-se que o posicionamento bíblico é de proibição ao homicídio deliberado, intencional, ilícito.

1.1 Pode-se ser a favor da pena de morte?

A pena de morte é um tema controverso, porém bastante discutido na sociedade à medida que aumentam a violência e a incidência de crimes hediondos no mundo.

No meio cristão, as opiniões são divididas:

- Há os que são favoráveis, não porque têm um desejo baixo de vingança, mas porque entendem que esse tipo de punição é eficaz para coibir a prática de crimes cruéis, bem como para prevenir futuros crimes.
- Já os que são contra acreditam que, além de não diminuir a criminalidade, a aplicação da pena capital é incompatível com a mensagem transformadora do evangelho de Jesus Cristo, pois Cristo prega o amor e o perdão a todos os que se arrependem de seus pecados para alcançarem a salvação.

Veja o posicionamento da Igreja Assembleia de Deus:

> Somos contra a pena de morte, porque não era o propósito original de Deus. Ele disse que 7 vezes seria castigado quem aplicasse a pena capital a Caim (Gn 4.15). O fato de Jesus não a aplicar à mulher adúltera (Jo 8.1-11) mostra que ele era contra a pena de morte, promulgada por Moisés no Sinai (Lv 19.20-23; 20.10). Como explicar Mt 5.17,18, quando Jesus disse que veio cumprir a lei e não destruí-la? A Bíblia diz que Jesus morreu para tornar livres os homens. Jesus morreu pelos nossos pecados (1 Co 15.1-4). Isso significa que todos os nossos crimes foram cravados na cruz de Cristo (Gl 3.13; Ef 2.15,16), com isso Jesus cumpriu a lei e aboliu a pena capital.[97]

Na Bíblia de Estudo Plenitude, está escrito: "*Não traz debalde a espada*" - É carregar e usar armas. Isso implica o direito de realizar punição capital nos malfeitores, pois as espadas eram usadas para tirar a vida das pessoas.

2. A Eutanásia e a Ortotanásia

> *"O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela"* (1 Sm 2.6).

O termo Eutanásia (*euthanasía*) origina-se de duas palavras gregas: o sufixo "*eu*" (eu) que significa "bom",

fácil, feliz e thanasía (*thanatos*) ou “morte”. Isso significa uma morte sem dor, sem sofrimento e sem trauma.

> Na prática, é a ideia de encurtar a vida de uma pessoa, por exemplo, diante de um quadro irreversível de sofrimento ou perda de consciência. No Brasil, a eutanásia é considerada crime, equiparada ao homicídio, em qualquer situação. Dois projetos de lei tramitam no Congresso para definir a eutanásia como crime hediondo similar ao estupro.
>
> No entanto, médicos podem optar por não prolongar a vida de um paciente nestas condições, em um procedimento chamado de ortotanásia (“morte natural, supostamente sem sofrimento”, segundo o dicionário Houaiss). “O Conselho Regional de Medicina considera correta a prática de suspender ou limitar tratamentos que prolonguem a vida em casos de doença grave, incurável em fase terminal” (...).
>
> “É construída uma relação médico-paciente, ou médico-família, de tal forma que todos os passos do tratamento são discutidos. Na maioria das vezes, a família decide pela suspensão do tratamento.”
>
> A família de um paciente acometido por câncer terminal, por exemplo, pode escolher não realizar uma cirurgia para a retirada de um tumor, que o manteria vivo por algum tempo. Procedimentos como hemodiálise e até a massagem cardíaca, em

caso de uma parada cardíaca, são suspensos em doentes sem chances de cura. O drama está em diagnosticar o paciente terminal, pois há casos em que pessoas, supostamente em fase terminal, se recuperam.[98]

2.1 Direito à vida e direito à morte

Além das questões jurídicas, a eutanásia e a ortotanásia também são polêmicas no campo religioso. Segundo o sociólogo Francisco Borba Ribeiro Neto, do Núcleo de Fé e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a igreja católica é contrária à eutanásia, por significar a morte dos mais fragilizados. Ele também pontua que a igreja não fala em ortotanásia pela dificuldade de diferenciá-la da eutanásia.

“Criou-se uma ideia de que a ortotanásia poderia ser uma ‘eutanásia boa’, uma forma de ajudar o paciente a morrer, e a Igreja é contrária a isso”, explica. “O homem não pode eliminar o sofrimento, porque faz parte da vida dele. A pessoa deve saber morrer, deve estar preparada, porque a morte não é o fim da vida, é apenas o começo da melhor parte.” (...) Assim como os religiosos, os médicos também consideram que os pacientes não têm opção pela morte. “O paciente não tem direito à morte, a terminar com a sua própria vida” (...) “O

> médico luta pela vida e não pelo sofrimento. O princípio da medicina é tirar a dor. Prolongar a vida, desde que o paciente não sofra”.[99]

O texto acima é uma definição básica do que seria uma eutanásia e uma ortotanásia de acordo com uma abordagem ética médica e religiosa. Não se deve esquecer que a eutanásia, de acordo com a legislação brasileira, é crime, embora o anteprojeto de lei de um novo Código Penal de 2012 proponha modificações para os crimes contra a vida e a honra.

> “Entre elas, a eutanásia – prática que atualmente é enquadrada como homicídio comum, com penas que poderiam chegar a 20 anos de prisão – ganharia um tipo penal próprio. Teria como pena máxima 4 anos de detenção. Sua realização, entretanto, poderia ser perdoada, caso fique comprovado por dois médicos que o paciente, acometido de doença grave e com quadro irreversível, esteja sendo mantido vivo artificialmente”.[100]

Em muitos casos, devido à escassez de leitos e recursos médicos, muitos profissionais da área acabam tendo que optar por quem viverá e quem morrerá, destinando sua atenção àqueles que possuem mais chance de sobreviver e deixando morrer aqueles com menos possibilidade de vida para que aliviem o tão saturado sistema público de saúde. Há não poucos relatos de médicos que mandam seus

pacientes morrerem em casa, e muitos classificam isso de ortotanásia, que, na realidade, nada mais é que um eufemismo para eutanásia.

O pastor Elinaldo Renovato diz:

> Há quem diga que deixar "morrer misericordiosamente" (Geisler) não é o mesmo que "matar misericordiosamente". É um dilema para o cristão, pois cremos que sempre há possibilidade de que faça um milagre, mesmo no instante final e, até mesmo ressuscitar um morto. Cremos não é correto tirar a vida de ninguém que está doente, mas deve-se envidar todo esforço na tentativa de sua cura, seja por medicamentos, seja pela oração da fé (Tg 5.15,16).[101]

IV. O CRISTÃO PODE CASAR-SE COM UMA PESSOA QUE NÃO SEJA VIRGEM?

Vivemos numa época em que "sexo livre" é moda, virgindade é coisa do passado, e não ter experiência sexual é motivo de zombaria. A sociedade vem mudando os valores morais e espirituais. Essa nova geração faz uma apelação para a "liberdade sexual". A Televisão induz os jovens à sensualidade e estimula à prática do sexo por meio de filmes, novelas, debates, programas de humor, comerciais, etc.

Como cristãos, não podemos aceitar essa "nova moralidade". Os preceitos bíblicos não mudam. A virgindade é algo que deve ser preservado pelos jovens cristãos. Em

Gálatas 5.19, lemos: “[...] *as obras da carne são [...] imoralidade sexual, impureza, libertinagem*” (NVI).

Uma pessoa chamada por Deus para o ministério precisa buscar uma orientação divina para casar-se. O fato de a moça ou o rapaz não ser virgem não significa impedimento para o casamento, desde que ele(a) tenha mostrado arrependimento e mudado o seu comportamento. Em provérbios 28.13, lemos: “*Quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia*” (NVI).

Ser ou não virgem não é a coisa mais importante, mas, sim, as atitudes e o caráter da pessoa. A moça ou o rapaz que se despojou dos pecados e revestiu-se de Cristo possui um caráter cristão; isso é facilmente observado pelo seu comportamento. A Bíblia afirma que pelos frutos conheceremos a árvore (Mt 7.15-20). O apóstolo Paulo também afirma: “*Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo*” (2 Co 5.17 – NVI).

V. UM CRISTÃO PODE CASAR-SE COM UMA PESSOA DIVORCIADA?

Esse é um dos assuntos doutrinários mais polêmicos, visto que há incidência de divórcios na igreja, e a Bíblia não oferece um apoio direto à questão. O aumento do número de pessoas divorciadas em nossas igrejas mudou a concepção de alguns cristãos. As mudanças dos valores morais e espirituais, assim como as atitudes da sociedade e

as leis vigentes tornaram o divórcio mais aceitável e mais fácil.

Na Bíblia, encontram-se os seguintes ensinamentos:

1) No Antigo Testamento – O casamento foi estabelecido por Deus para que durasse para sempre. Em Deuteronômio 24.1-4, a prática do divórcio era tolerada, porém não ordenada por Deus. Jesus esclareceu esse ponto afirmando que Moisés permitiu o divórcio por causa da dureza do coração do povo (Mt 19.8).

2) No Novo Testamento – Jesus reafirma a natureza permanente do casamento: “Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem” (Mt 19.6). De acordo com os ensinamentos de Jesus, o divórcio era considerado legal apenas quando houvesse infidelidade conjugal. A pessoa divorciada por outro motivo cometeria adultério se viesse a casar-se novamente (Mt 19.9). O apóstolo Paulo reafirma os ensinamentos de Jesus e fala sobre a incompatibilidade religiosa, ou seja, quando um crente e um não crente estão casados (1 Co 7.10-16). Isso não é motivo para divórcio, embora possa gerar conflitos.Biblicamente, não existe apoio ou encorajamento ao divórcio, porém não se deve julgar aqueles que se casam novamente. Acreditamos que é melhor casar-se do que viver na promiscuidade.

VI. PEDOFILIA: DISTÚRBIO OU AÇÃO DEMONÍACA?

Nem sempre o agressor sexual é portador de distúrbios psiquiátricos. As teorias psicológicas enfatizam o caráter psiquiátrico do agressor baseadas em estudos feitos geralmente com agressores denunciados, presos e condenados.

A pedofilia pode ser vista por meio de três perspectivas: 1) a psicológica; 2) a social; e 3) a ética. Devemos descrever essas perspectivas procurando confrontá-las com a visão bíblica.

Na perspectiva psicológica, há várias questões que são amplamente discutidas. Uma das principais é: “O agressor sexual (pedófilo) é portador de distúrbios psiquiátricos?”. A resposta a essa questão envolve várias ordens de dificuldade. Uma delas diz respeito ao que podemos entender com a expressão “distúrbios psiquiátricos”.

De acordo com o Manual Estatístico de Desordens Mentais (DSM IV), publicado pela Associação Psiquiátrica Americana, a Pedofilia é considerada uma desordem psiquiátrica, um distúrbio psicossocial. Um distúrbio psiquiátrico frequentemente está associado às doenças mentais ou de comportamento, incluindo perturbações do humor, do pensamento, do caráter e da percepção.

O DSM IV[102] classifica a pedofilia como um tipo de parafilia (transtorno sexual) em que há constância de fantasias e desejos sexuais específicos com crianças.

Ao referir-se especificamente à pedofilia, o DSM IV explica que “o foco parafílico envolve atividades sexuais com crianças pré-púbere (geralmente com 13 anos ou menos)” (pág. 499). Estudos comprovam a origem e sintomas de

muitas das chamadas doenças mentais. Umas são detectadas por meio de exames neurológicos, outras só através dos sintomas. Haveria nessas doenças uma ação diabólica?

Existem quatro níveis de atuação demoníaca em seres humanos: a tentação (Tg 1.13-14); a influência (Rm 12.2; 1 Jo 2.14b; 5.9-10); a opressão (Lc 13.10-16); e a possessão (Mt 17.14-20). Não podemos confundir doença mental com opressão ou possessão de demônios, pois nem todas as pessoas oprimidas ou possessas são doentes mentais. Além do mais, a maioria dessas doenças tem como origem um trauma de infância. Porém, o sofrimento e a angústia dessas pessoas são tão intensos que não podemos descartar a possibilidade de elas estarem sendo também afligidas por Satanás. Ou seja, Satanás encontra, por meio do trauma, uma porta aberta para oprimi-las.

As teorias que se fixam somente nas causas psiquiátricas para explicar o comportamento do agressor sexual de crianças, não levando em consideração os fatores sociais, culturais, psicodinâmicos e espirituais, mostram uma visão estreita e parcial do fenômeno.

Nem sempre o agressor sexual é também portador de distúrbios psiquiátricos. As teorias psicológicas enfatizam o caráter psiquiátrico do agressor baseadas em estudos feitos geralmente com agressores denunciados, presos e condenados. Esses agressores são os mais compulsivos, repetitivos, insolentes e violentos e, portanto, são aqueles cujo comportamento mostra-se mais “desviante da norma”.

Mas o que dizer daquelas pessoas socialmente adaptadas que não levantam suspeitas? Esses condicionantes estão muito mais ligados a motivos e conteúdos psicossociais do que a distúrbios psiquiátricos. Geralmente, esse agressor foi vitimizado em sua infância e, por causa disso, reproduz o mesmo padrão de relação abusiva na vida adulta.

Em determinadas condições concretas de existência, qualquer pessoa que tenha vivido uma situação traumática pode ter uma crise ou um transtorno da personalidade. Os problemas emocionais são causados por traumas vivenciados principalmente na infância e que precisam ser tratados. Alguns traumas contribuem para o desenvolvimento de um padrão pecaminoso. Em geral, inicia-se com aspectos como, por exemplo, culpa, autocomiseração, ira e descontrole emocional.

Biblicamente, sabemos que pedofilia é pecado (Gl 5.19; Ef 5.3; Cl 3.5). Do ponto de vista moral e ético, o pedófilo não é um doente mental isento de responsabilidades, nem um delinquente à margem das leis da vida social e familiar, mas, sim, uma pessoa com total responsabilidade pelo mal que introduz no mundo.

VII. QUAL A DIFERENÇA ENTRE DOUTRINA E USOS E COSTUMES?

A igreja ensina a pessoa a servir a Deus com temor e obediência. Atualmente, porém, existe um conflito entre o que significa verdadeiramente doutrina cristã.

As pessoas ficam confusas ao ouvir os pastores divergirem entre si sobre o que vem a ser doutrina ou o que é apenas

usos e costumes. Enquanto em uma igreja uma mulher é disciplinada por cortar o cabelo por se achar que isso seja um pecado, em outras, no entanto, há mulheres que são usadas por Deus apesar de cortá-lo.

Evidentemente, esse é um problema que tem deixado inúmeras pessoas com dúvidas por não saberem distinguir entre doutrina e usos e costumes. A doutrina é bíblica, mas os usos e costumes estão relacionados a aspectos culturais que mudam de acordo com a época e o lugar.

Veja como perceber a diferença entre o que é e o que não é pecado:

1. O que é pecado está registrado na Bíblia

A Bíblia é um manual que nos orienta quanto ao que é certo ou errado. Em Gálatas 5.19-21, encontramos, por exemplo, a seguinte lista de pecados: "[...] *prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias*". Perceba que o pecado não é algo inventado. Ler a Bíblia e familiarizar-se com ela é o caminho para dirimirmos nossas dúvidas. O salmista escreveu: "*Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti*" (Sl 119.11). Não podemos omitir ou acrescentar alguma coisa à Bíblia.

2. A Bíblia não envelhece

A Bíblia foi escrita num espaço de aproximadamente 1500 anos, já fazendo cerca de 2000 anos que o último livro foi

escrito; ela, porém, jamais envelhecerá. As coisas consideradas como pecado que estão registradas nas suas páginas continuam sendo válidas na atualidade.

3. O pecado é universal

Ao contrário dos usos e costumes, que mudam de acordo com o lugar ou a região, o pecado é universal. O que é pecado no Brasil também é pecado nos Estados Unidos, Japão ou em qualquer outro lugar do mundo.

4. Deus não usa dois pesos e duas medidas

Deus é justo. Ele não trata as pessoas de forma diferente. Não cobra apenas de algumas pessoas. A Bíblia afirma que "*Deus não é Deus de confusão, senão de paz* [...]" (1 Co 14.33). Precisamos entender quando Deus realmente fala.

Existem alguns costumes que a Bíblia chama de "bons costumes", que devem ser preservados. (1 Co 15.33)

VIII. COMO LIDAR COM AS QUESTÕES DA PARANORMALIDADE?

A busca pelo sobrenatural torna-se cada vez mais comum na atualidade. A geração atual expressa um interesse renovado pelas coisas espirituais. Como o Modernismo não satisfez as necessidades da geração presente, muitos começaram a procurar respostas nas questões espirituais. Essa busca vem gerando uma crescente curiosidade pelo misticismo.

Atualmente, existe uma grande difusão de práticas místicas como, por exemplo, a festa do *Halloween* (dia das bruxas), que se populariza cada vez mais nas escolas brasileiras, além de outras práticas pagãs que se perpetuam de uma forma impressionante. A mídia é encarregada de propagar, através da literatura, dos filmes, novelas e até mesmo dos desenhos animados práticas místicas, doutrinas de religiões orientais e espíritas. Junto a esse crescimento místico, está a crescente curiosidade pela Parapsicologia e os fenômenos paranormais. Mas, afinal, o que significa paranormalidade e Parapsicologia?

Muitos confundem esses dois termos compreendendo paranormalidade como sinônimo de Parapsicologia. A Parapsicologia é o estudo de certos fenômenos psíquicos de origem supostamente sobrenatural associados à experiência humana, enquanto que paranormalidade é um termo mais amplo empregado para descrever uma grande variedade de fenômenos anômalos ou estranhos ao conhecimento científico, que inclui assuntos considerados como sendo externo ou fora do alcance da Parapsicologia, tais como: UFOs, Criptozoologia e muitos outros. Paranormal, portanto, é todo conhecimento que não pode ser explicado pelo nosso conhecimento científico atual.

A Parapsicologia é considerada como uma disciplina científica que tem como objeto de estudo a possível interação extra-sensório-motora entre o ser humano e o meio. De acordo com essa visão, a mente interfere diretamente no meio sem o uso dos órgãos físicos e sensoriais.

A Parapsicologia defende a existência de uma percepção extra-sensorial capaz de obter informações sem a utilização dos sentidos humanos. Assim sendo, as pessoas “sensitivas” ou “psíquicas” possuem uma habilidade paranormal para perceber fenômenos e objetos independentemente de seus órgãos sensoriais.

As percepções extra-sensoriais são divididas em quatro categorias gerais:

1. Clarividência – Conhecimento de fatos ou objetos sem a utilização de quaisquer canais sensoriais conhecidos;

2. Telepatia – Consciência dos pensamentos de outrem sem utilização de canais sensoriais conhecidos;

3. Precognição – Conhecimento sobre um futuro evento, ser ou objeto;

4. Psicocinese (ou telecinese) – Habilidade de interferir em um evento, ser ou objeto sem contato físico com o mesmo como, por exemplo, movimentar objetos à distância.

Para os defensores das teses paranormais, pessoas que possuem os supostos “poderes paranormais” seriam, na verdade, dotadas de uma possível manifestação de um dom. Como explicar esses fenômenos e o que a Bíblia fala sobre tais questões?

Não podemos ignorar a capacidade da mente humana. Somos capazes de produzir coisas extraordinárias através dos nossos pensamentos. Se pensarmos, por exemplo, que vamos adoecer após ter tomado um sorvete quando estávamos suados, é possível que essa crença leve-nos a pegar um resfriado. A mente tem o poder de transformar

nossa imaginação em situações concretas. Por isso, o apóstolo Paulo adverte-nos: "[...] *Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai*" (Fp 4.8).

A mente é, de fato, capaz de produzir muitas coisas; porém, até que ponto podemos atribuir a esta o desencadeamento de todos os fenômenos? Há um exemplo bíblico de uma jovem que adivinhava e dava muito lucro aos seus senhores. Quando se encontrou com Paulo e Silas, ela disse: "*Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo*" (At 16.17). De acordo com esse texto bíblico, a capacidade daquela jovem de adivinhar não se tratava de um dom específico como defende a Parapsicologia, mas, sim, de um espírito maligno que a possuía: "[...] *nos saiu ao encontro uma jovem que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores*" (v.16). Por isso, o apóstolo, após ouvi-la sucessivas vezes, resolveu expulsar aquele espírito: "Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E, na mesma hora, saiu" (v. 18).

A Bíblia fala acerca da existência de um mundo espiritual que atua influenciando a vida das pessoas: "*Porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais*" (Ef 6.12).

De acordo com a visão bíblica, muitos fatos tidos como “paranormais” são, na verdade, o resultado da ação de espíritos malignos. Há dois extremos que são prejudiciais: 1) a espiritualização das coisas e 2) o ceticismo. Há pessoas que atribuem ao Diabo todos os fenômenos psíquicos, desconsiderando a capacidade produtiva da mente. Há outros que desconsideram a existência de um mundo espiritual capaz de influenciar nos eventos da vida, atribuindo à mente todos os fenômenos. Precisamos ter discernimento para compreendermos até onde os fenômenos psíquicos de origem supostamente sobrenatural são oriundos de uma percepção extra-sensorial ou se estes vêm de elementos espirituais.

Não devemos servir-nos de meios como, por exemplo, adivinhação, magia, necromancia, etc. para conhecer o próprio futuro ou para encontrar respostas para a vida, independentemente da origem desses fenômenos. A Bíblia reprova o uso desses meios: “*Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos*” (Dt 18.10,11).

Devemos aceitar os acontecimentos futuros por nós desconhecidos, porém permitidos por Deus para cada um de nós. O propósito divino para conosco é conduzir-nos para uma vida de abundante felicidade por meio do amor, da obediência e da confiança nEle.

IX. O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE DÉJÀ-VU?

O termo déjà-vu vem do francês de’ a vy – déjà ‘já’ + vu ‘visto’ é um termo que significa, literalmente, “já visto”. Em Psicologia, significa: “forma de ilusão da memória que leva o indivíduo a crer já ter visto (e, por ext., já ter vivido) alguma coisa ou situação de fato desconhecida ou nova para si; paramnésia”.[103]

Essa expressão é atribuída a pessoas que ocasionalmente têm uma sensação de já ter visto ou experimentado algo antes que, aparentemente, está a ser experimentado pela primeira vez.

Uma das explicações bastante aceita no meio acadêmico é a Teoria do Inconsciente Coletivo de Jung. Segundo essa teoria, o individuo, ao nascer, traz consigo um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças herdados dos seus ancestrais, chamado por Jung de arquétipos. Jung defendia que a pessoa não se lembra das imagens de forma consciente, porém, herda uma predisposição para reagir ao mundo da forma que seus ancestrais faziam. São os arquétipos que suscitam em nós o *déjà-vu*. Por isso, a pessoa tem a sensação de que já viveu aquela situação antes.

Para Sigmund Freud, pai da Psicanálise, armazenamos tudo o que vivenciamos no inconsciente. O inconsciente acolhe milhares de imagens cotidianas vistas pela pessoa, que são assimiladas e guardadas sem que a pessoa recorde-se delas. Quando ela depara-se com uma determinada situação, o inconsciente escolhe uma das imagens retidas e

faz uma associação à imagem presente, dando uma falsa impressão de coincidência — ou seja, aquilo que pode estar sendo repetido é, no máximo, um padrão do observador.

Há cientistas que consideram *déjà-vu* um tipo de paramnésia (alteração patológica da memória) considerado transtorno do conhecimento, associados a quadros psiquiátricos e síndromes psicorgânicas. Trata-se de fenômenos como, por exemplo, “já visto”, “já lido”, “já vivido”, “já pensado” ou “já ouvido”. Os centros de memória do cérebro são os responsáveis pelo fenômeno. Eles declaram ainda que a sensação de *déjà-vu* é comum entre pacientes psiquiátricos e, algumas vezes, precede a ataques de epilepsia do lóbulo temporal. Para esses especialistas, o *déjà-vu* é, na verdade, uma falha no cérebro, onde os fatos que estão acontecendo são armazenados diretamente na memória de longo ou médio prazo, quando o correto seria ir para a memória imediata, dando, assim, a sensação de que o fato já ocorreu antes.

O neurocirurgião canadense W. Penfield, ao realizar uma experiência com voluntários, estimulando eletricamente os lóbulos temporais desses participantes, detectou fenômenos de *déjà-vu*, concluindo que a sensação é causada por um estado do cérebro, por fatores neuroquímicos.

Entre cientistas e pesquisadores, há ainda muita discussão seguida de teorias inconclusivas sobre o assunto. Uma pesquisa realizada por psicólogos da Universidade Metodista de Dallas e da Universidade Duke (EUA) com alguns estudantes em 2004 verificou que ter um *déjà-vu* significa acessar memórias nunca antes registradas pela consciência.

A Bíblia não fala explicitamente sobre o assunto, ou seja, não há respaldo bíblico para explicar tal fenômeno, tampouco relatos de personagens da Bíblia que tiveram *déjà-vu*. Há fatos bíblicos que causaram estranheza como, por exemplo, o que ocorreu com os discípulos de Jesus quando, no momento mais crucial da tempestade, avistaram alguém vindo na direção deles caminhando sobre as águas. Eles ficaram apavorados com aquela visão achando que estavam vendo um fantasma e temeram, pois não pensavam que Jesus realmente poderia andar por cima do mar (Mt 14.25-27). Todavia, fato como esse não se refere ao fenômeno do *déjà-vu*.

Há muitas interpretações para o fenômeno. Porém, teologicamente, não. Mesmo assim, há religiões e seitas que tentam associar o fenômeno às suas crenças doutrinárias. Para os que acreditam na reencarnação, a paramnésia pode ser tanto uma manifestação mediúnica quanto manifestações recorrentes de cenas gravadas na memória daqueles que retornam à vida novamente. No entanto, atribuir ou explicar o fenômeno do *déjà-vu* a vidas passadas ou clarividência é forçar um conceito religioso para algo sobre o qual já existem diversas explicações científicas.

---

[82] Tema do Aborto na Mídia Pentecostal: Notas de uma Pesquisa. Maria das Dores Campos Machado. Pesquisa intitulada “Do Púlpito à Mídia: A Ética Sexual e A Contracepção Nas Igrejas Pentecostais”, financiada pela Fundação MacArthur e pelo CNPq, 2000. Disponível em: http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/9878/9103

[83] A anencefalia consiste em má-formação rara do tubo neural acontecida entre o 16º e o 26º dia de gestação. Ela é caracterizada pela ausência total ou parcial do encéfalo e da calota craniana. Essa patologia é letal. Bebês com anencefalia possuem expectativa de vida muito curta. Não é possível estabelecer com

precisão o tempo de vida extrauterina, mas na maioria dos casos a morte ocorre após algumas horas do parto. (http://www2.uol.com.br/debate/1433/colunas/colunas07.htm).

[84] Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/37384060/Dicionario-Medico.

[85] “Segundo estimativa da OMS, no Brasil, 31% das gravidezes terminam em abortamento. Todos os anos ocorrem, de acordo com as estimativas, cerca de 1,4 milhão de abortamentos espontâneos e/ou inseguros, com uma taxa de 3,7 abortos para 100 mulheres de 15 a 49 anos”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE. Notícias. Ministério da Saúde lança política nacional que amplia acesso ao planejamento familiar. 22 março 2005). Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/noticias_detalhe.cfm?co_seq_noticia=13728.

[86]Disponível: em: http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1243704&tit=Com-8-votos-a-2-STF-decide-que-aborto-de-anencefalos-nao-e-crime. Acesso em: 6/9/2012.

[87]6 A discussão política sobre aborto no Brasil: uma síntese. Maria Isabel Baltar da Rocha, pesquisadora do Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v23n2/a11v23n2.pdf.

[88] SOUSA, J.F.C. Planejamento Familiar, p. 11, JUERP, Rio de Janeiro, 1986.

[89] SOUSA, J.F.C. Planejamento Familiar, p. 11, JUERP, Rio de Janeiro, 1986.

[90] *Ibidem*.

[91] MACEDO, L. de (Org.). Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

[92] Embora muitos especialistas digam que o DIU não é abortivo, estudos comprovam que os dispositivos intrauterinos (DIUs) promovem a liberação de substâncias na cavidade uterina e nas trompas, criando um ambiente hostil para os espermatozoides. Também se comprova que o cobre tem propriedades espermicidas que matam ou repelem os espermatozoides, impedindo a fertilização do óvulo.

[93] Pronunciamento feito no Fórum Convencional promovido pelo 5º ELAD – ENCONTRO DE LÍDERES DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS. Rio de Janeiro, 23 a 26 de agosto de 1999.

[94] Bíblia de Estudo Plenitude, pg. 1168.

[95] *Idem* nota 28.

[96] Disponível em: http://www.apazdosenhor.org.br/profhenrique/licao9eticaesuicidio.htm

[97] *Idem* nota 28.

[98] COSTA, Maria Morena, http://últimosegundo.ig.com.br/Brasil/2009/02/15.

[99] *Idem* nota 32.

[100] Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,comissao-do-novo-codigo-penal-amplia-regras-para-aborto-legal-e-eutanasia,846404,0.htm. Acesso em: 6/9/2012.

[101] LIMA, Elinaldo Renovato de, p.140, Ética Cristã, Rio de Janeiro, CPAD, 2002.

[102] Manual de Psiquiatria que classifica as doenças mentais.

[103] Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2009.

APÊNDICE

MODELO DE INSTRUMENTOS USADOS NO ACONSELHAMENTO

DPP – DESCOBRINDO OS PADRÕES PROBLEMÁTICOS

Descobrindo padrões problemáticos

NOME (INICIAIS):_____

DATA: _____

	Domingo	Segunda feira	Terça feira	Quarta feira	Quinta feira	Sexta feira	Sábado
Manhã							
Tarde							
Noite							

Fazer um círculo naquelas coisas que tiverem ocorrido três vezes ou mais.

FORMULÁRIO DE SOLUÇÕES DE PROBLEMAS

QUADRO DE AVALIAÇÕES DE PROBLEMAS[1]			
Que sucedeu?	Que fiz?	O que eu deveria ter feito?	Que devo fazer agora?

Problema (descreva)	Minha reação (descreva)	Reação bíblica (cite e explique a referência)	Descreva os passos a serem dados para corrigir as coisas.

Escala de Holmes-Rahe para Avaliação do Estresse

Para se avaliar, segundo essa escala, adicione as pontuações atribuídas aos acontecimentos constantes desta lista que tenha experimentado ao longo do ano passado. Um total superior a 150 dá-lhe 50% de probabilidades de ter um problema de saúde em um futuro próximo; se o total ultrapassar os 300, as probabilidades referidas serão de 90% – a menos que tome medidas eficazes contra o Estresse.

Acontecimentos	N.º pontos
Morte do cônjuge	100
Divórcio	73
Ser preso	63
Morte de pessoa querida da família	63
Ferimento ou doença pessoal grave	53
Casamento	50
Demissão do emprego	47
Reconciliação com cônjuge	45
Aposentadoria	45
Doença grave em pessoa da família	45
Gravidez	40
Dificuldades sexuais	39
Chegada de novo membro à família	39

Adaptação a novo emprego ou negócio	39
Alteração da situação financeira	38
Morte de amigo(a) querido(a)	37
Mudança para outra área de trabalho	36
Variação na frequência de discussões com o cônjuge	35
Dívidas	31
Mudança de responsabilidade no emprego	29
Filho(a) saindo de casa	29
Dificuldades com os sogros	29
Façanha pessoal incomum	28
Cônjuge começa ou para de trabalhar	26
Inicio ou término de estudo escolares	26
Alteração nas condições de vida	25
Revisão de hábitos pessoais	24
Dificuldades com o chefe	23
Mudança nas condições ou horários de trabalho	20
Mudança de escola	20
Mudança de tipo de lazer	19
Mudança de atividades sociais	18
Alteração nos hábitos de dormir	16
Alteração nos hábitos de comer	15
Férias	13
Natal	12
Transgressões (não graves) da lei	11

Escala do Stresse Percepcionado

Perceived Stress Scale – PSS (10 item)
Cohen, Kamarck & Mermelstein (1983)

Nome: _____

Data: _____

Instrução: Para cada questão, pedimos que indique com que frequência se sentiu ou pensou de determinada maneira durante o último mês. Apesar de algumas perguntas serem parecidas, existem diferenças entre elas e deve responder a cada uma como perguntas separadas. Responda de forma rápida e espontânea. Para cada questão, indique com uma cruz (X), a alternativa que melhor se ajusta à sua situação.

	Nunca	Quase nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Muito frequente
	0	1	2	3	4
1. No último mês, com que frequência esteve preocupado(a) por causa de alguma coisa que aconteceu inesperadamente?					
2. No último mês, com que frequência se sentiu incapaz de controlar as coisas importantes da sua vida?					
3. No último mês, com que frequência se sentiu nervoso(a) e em estresse?					
4. No último mês, com que frequência sentiu confiança na sua capacidade para enfrentar os seus problemas pessoais?					
5. No último mês, com que					

frequência sentiu que as coisas estavam a correr à sua maneira?					
6. No último mês, com que frequência sentiu que não aguentava com as coisas todas que tinha para fazer?					
7. No último mês, com que frequência foi capaz de controlar as suas irritações?					
8. No último mês, com que frequência sentiu ter tudo sob controle?					
9. No último mês, com que frequência se sentiu furioso(a) por coisas que ultrapassaram o seu controle?					
10. No último mês, com que frequência sentiu que as dificuldades estavam acumulando tanto que não conseguia ultrapassá-las?					
	0	1	2	3	4

ESCALA DE DEPRESSÃO DE BECK

Este questionário consiste em 21 grupos de afirmações. Depois de ler cuidadosamente cada grupo, faça um círculo em torno do número (0, 1, 2 ou 3) diante da afirmação, em cada grupo, que descreve melhor a maneira como você tem se sentido nesta semana, incluindo hoje. Se várias afirmações num grupo parecerem aplicar-se igualmente bem, faça um círculo em cada uma. Tome o cuidado de ler todas as afirmações em cada grupo antes de fazer sua escolha.

A – TRISTEZA

0 Não me sinto triste.
1 Sinto-me melancólico(a) ou triste.
2a Estou triste e melancólico(a) o tempo todo e não consigo sair disso.
2b Estou tão triste e infeliz, e isso é extremamente doloroso.
3 Estou tão triste e infeliz que não consigo suportar.

B – PESSIMISMO 0 Não estou particularmente triste ou desencorajado(a) em relação ao futuro.
1 Sinto-me desencorajado(a) em relação ao futuro.
2a Sinto que não tenho nada para alcançar.
2b Sinto que nunca superarei meus problemas.
3 Sinto que o futuro é sem esperança e que as coisas não podem melhorar.

C – SENSO DE FRACASSO
0 Não me sinto um fracassado(a).
1 Sinto que tenho fracassado(a) mais que uma pessoa comum.
2a Sinto que tenho realizado muito pouca coisa que valha.
2b Quando olho para trás, na minha vida, tudo o que posso ver é um monte de fracassos.
3 Sinto que sou um completo fracasso como pessoa (pai, marido, mulher...).

D – INSATISFAÇÃO
0 Não estou particularmente insatisfeito(a).
1a Sinto-me entediado(a) a maior parte do tempo.

1b Não tenho gosto pelas coisas como costumava ter.
2 Não consigo ter satisfação por nada atualmente.
3 Estou insatisfeito(a) com tudo.

E – CULPA

0 Não me sinto particularmente culpado(a).
1 Sinto-me mal ou indigno(a) uma boa parte do tempo.
2a Sinto-me bastante culpado (a).
2b Sinto-me mal ou indigno (a), praticamente o tempo todo, agora.
3 Sinto-me como se estivesse bem ruim e sem valor.

F – EXPECTATIVA DE PUNIÇÃO

0 Não sinto que esteja sendo punido(a).
1 Tenho um pressentimento de que alguma coisa ruim possa acontecer comigo.
2 Sinto que estou sendo punido(a) ou que irei ser punido.
3a Sinto que mereço ser punido(a).
3b Quero ser punido(a).

G – AUTODESGOSTO

0 Não me sinto desapontado(a) comigo mesmo.
1a Estou desapontado(a) comigo mesmo.
1b Não gosto de mim.
2 Estou aborrecido(a) comigo mesmo.
3 Eu me odeio.

H – AUTO-ACUSAÇÕES

0 Não sinto que eu seja algo pior do que qualquer outra pessoa.
1 Critico-me por minhas fraquezas ou erros.
2 Acuso a mim mesmo(a) por minhas falhas.
3 Acuso a mim mesmo(a) por tudo de ruim que acontece.

I – IDEIAS SUICÍDAS

0 Não tenho quaisquer pensamentos sobre prejudicar a mim mesmo(a).
1 Tenho pensamentos sobre prejudicar a mim mesmo(a), mas eu não os colocaria em prática.
2a Sinto que estaria em melhor situação morto(a).
2b Sinto que minha família estaria em melhor situação se eu estivesse morto(a).
3 Eu me mataria se pudesse.

J – CHORO

0 Não choro mais do que o comum.
1 Choro mais do que costumava.
2 Choro o tempo todo, agora; eu não consigo parar com isso.
3 Eu costumava ser capaz de chorar, mas agora não consigo chorar de maneira alguma, muito embora eu queira.

K – IRRITABILIDADE

0 Eu não estou mais irritado(a) agora do que costumo estar.
1 Fico aborrecido(a) ou irritado(a) mais facilmente do que costumava ficar.
2 Sinto-me irritado(a) o tempo todo.

3 Eu não fico irritado(a) de maneira alguma com as coisas que costumavam irritar-me.

L – INTERAÇÃO SOCIAL

0 Eu não perdi o interesse por outras pessoas.
1 Estou menos interessado(a) nas pessoas, agora, do que costumava estar.
2 Perdi a maior parte do meu interesse por outras pessoas e tenho pouco sentimento por elas.
3 Perdi todo o meu interesse por outras pessoas e não me importo com elas de maneira alguma.

M – INDECISÃO

0 Tomo decisões tão bem quanto sempre tomei.
1 Tento adiar as tomadas de decisão.
2 Tenho grande dificuldade em tomar decisões.
3 Não consigo tomar quaisquer decisões atualmente.

N – MUDANÇA DA IMAGEM CORPORAL

0 Eu não sinto que pareça algo pior do que costumava ser.
1 Eu estou preocupado(a) que esteja parecendo velho(a) ou sem atrativos.
2 Sinto que há mudanças permanentes em minha aparência e elas me fazem parece sem atrativos.
3 Sinto que estou com uma aparência feia ou repulsiva.

O – RETARDO PARA O TRABALHO

0 Posso trabalhar tanto quanto antes.

1a É necessário um esforço extra para conseguir começar a fazer alguma coisa.
1b Não trabalho tão bem quanto costumava.
2 Tenho de me esforçar demasiadamente para fazer qualquer coisa.
3 Não consigo fazer nenhum trabalho de maneira alguma.

P – INSÔNIA
0 Posso dormir tão satisfatoriamente quanto o de costume.
1 Acordo mais cansado(a) de manhã do que costumava.
2 Acordo uma ou duas horas mais cedo do que é comum e encontro dificuldade para voltar a dormir.
3 Acordo cedo todo dia e não posso conciliar mais do que cinco horas de sono.

Q – SUSCETIBILIDADE À FADIGA
0 Não fico mais cansado(a) do que o comum.
1 Fico cansado(a) mais facilmente do que costumava.
2 Fico cansado(a) ao fazer qualquer coisa.
3 Fico cansado(a) demais para fazer alguma coisa.

R – ANOREXIA (perda de apetite)
0 Meu apetite não está pior do que o comum.
1 Meu apetite não está tão bom quanto costumava estar.
2 Meu apetite está bem pior agora.
3 Não tenho apetite de maneira alguma.

S – PERDA DE PESO

0 Não tenho perdido muito peso, se é que perdi algum, ultimamente.
1 Perdi mais do que 2 quilos.
2 Perdi mais do que 4 quilos e meio.
3 Perdi mais do que 7 quilos.

T – PREOCUPAÇÃO SOMÁTICA (preocupação com o organismo; em adoecer)
0 Não me preocupo com minha saúde mais que o comum.
1 Estou preocupado(a) com dores ou sofrimentos, desarranjo estomacal ou prisão de ventre.
2 Estou tão preocupado(a) em como eu me sinto ou com o que sinto, que é difícil pensar em muitas outras coisas.
3 Estou completamente absorto(a) com relação ao que sinto.

U - PERDA DO INTERESSE SEXUAL
0 Não tenho notado mudança alguma recente no meu interesse por sexo.
1 Estou menos interessado por sexo que costumava estar.
2 Estou muito menos interessado por sexo, agora.
3 Perdi completamente o interesse por sexo.

PONTUAÇÃO:
Some a quantidade de pontos referente à sua resposta (exemplo, 2a = 2 pontos)

Abaixo de 10 = Sem depressão ou depressão leve;
Entre 10 e 18 = Depressão leve a moderada;

Entre 19 e 29 = Depressão moderada a grave;
Entre 30 e 63 = Depressão grave.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. *Adolescência*, 4. Ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 1986.

_____, Arminda e KNOBEL, Maurício. *Adolescência Normal*. Ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 1984.

ADAMS, Jay E. *Manual do Conselheiro Cristão*, São Paulo, Ed. Fiel. 1982.

ALMEIDA, Natanael de Barros. *Tesouro de Ilustrações*. EDIÇÕES VIDA NOVA - 1979

comportamento organizacional. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

ALLPORT, Gordon. W. São Paulo: Ed. Herder. 1961,721 p.

_____, Gordon. W. *Personalidade: Padrões e desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1974.

ANDRADE, Claudionor Corrêa, *Dicionário Teológico*, Rio de Janeiro, CPAD, 1998.

ATIENCIA, Jorge e MULHOLLAND, Kenneth. *Família: Teologia e Alternativas Clínicas*, São

Paulo, Ed. CPPC, 1984.

BECKER, Daniel. *O Que é Adolescência?*, São Paulo, Brasiliense, 1989.

BERGAMINI, Cecília W. *Psicologia aplicada à Administração de Empresas: psicologia do comportamento organizacional*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

BÍBLIA ANOTADA, Trad. Carlos Oswaldo Cardoso Pinto, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BÍBLIA *ON-LINE*, São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil.

BOCK, Ana Maria. Psicologias. *Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2004.

CAMPOS, Dinah de Sousa Martins. *Psicologia da Adolescência*. Petrópolis, Vozes. 1977.

CARVALHO Antonio Vieira de. *Manual de Administração – planejando e Administrando as Atividades da Igreja*. Ed. Hagnus, 2004.

Champlin, R.N, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, 6 volumes, São Paulo, Hagnos, 2004.

CHIAVENATO, I. *Introdução à teoria geral da administração*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

_____, I. *Gerenciando Pessoas*. 2. ed. São Paulo : Makron Books, 1994.

COLLINS, GARY R. *Aconselhamento Cristão*. Edições Vida Nova, 1984.

COVEY. Stephen R. *Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes*. Ed Best Seller, São Paulo, SP Dicionário Internacional de Idiomas, Difusão Cultural do Livro, São Paulo.

DAVIDOFF, L. L. (1983). *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill.

DOUGLAS, Stephen B. *O Ministério de Administração*. 1. Ed. São Paulo, Candeia, 1999.

ERB, Alta Mae. *Criar Filhos não é Brincadeira*. Betânia, 1986.

ESTANQUEIRO, A. *Saber lidar com as pessoas*. Ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*, editora Nova Fronteira, RJ, 2002.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio e SANTI, Pedro Luis Ribeiro. *Psicologia: uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 2004.

FRITZEN, Silvino J. *Exercícios Práticos de Dinâmica de Grupos*. v. 1 e 2. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. Dinâmica de grupo e relações humanas. Petrópolis: Vozes, 1978.

GANDIN, D. *A prática do planejamento participativo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____ . *Planejamento como prática educativa*. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1994.

GEISLER, Norman. *Ética Cristã*, São Paulo, Vida Nova, 1998.

GIBLIN, Les. *Como Ter Segurança e Poder nas Relações com as Pessoas*, ed. Record, São Paulo, SP. 1989.

GESELL, Arnold. *A Criança dos 5 aos 10 anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

GRUNSPUUN, Itaim. *Autoridade dos Pais e Educação da Liberdade*, Almed Editora e Livraria, 1985.

HILGARD, Ernest R.; ATKINSON, Richard. C. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1976.

HOWARD, J. Grant. *O Líder Eficaz. Prioridades e Compromissos*: Uma Nova Perspectiva. São Paulo, Ed. Mundo Cristão, 1987.

HURLOCK, Elizabeth, B. *Desenvolvimento do Adolescente*. Editora Mc Graw-Hill do Brasil, 1979.

JERSILD, Artur. T. *Psicologia da Criança*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____ Artur. T. *Psicologia da Adolescência*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

KESSLER, Nemuel. *Ética Cristã*. Rio de Janeiro, CPA, 1998.

KESSLER Nemuel e CÂMARA Samuel. *Administração Eclesiástica*. CPAD.

KILINSKI Kenneth K. e WOFFORD Jerry C. *Organização e Liderança na Igreja Local*. Vida Nova.

KRECH, David; CRUTCHFIELD, Richard S. *Elementos de Psicologia*. 2v. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1963.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. Ed. Atlas, 1990.

LESSIN, Roy. *Disciplina: Um Ato de Amor*. Betânia, 1983.

LIMA, Elinaldo Renovato de. *Ética Cristã*, Rio de Janeiro, CPAD, 2002.

Manual diagnóstico e estatístico de DSM IV ou de DSM4 - de Disorders mentais

MCGREGOR, Douglas. *Motivação e Liderança*. Ed. Brasiliense, 1973.

MINICUCCI, Agostinho. *Dinâmica de Grupo: teorias e sistemas*. Ed Atlas. São Paulo, SP

MOSCOVICI, Fela. *Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

_____. *Equipes que dão certo: multiplicação do talento humano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

MOSQUEIRA, Juan. *Adolescência e Provação*. Livraria Sulina Editora, 1977.

Novo Dicionário da Bíblia, Edições Vida Nova, São Paulo, 1981

Novo Testamento Trilíngue, São Paulo, Vida Nova, 1998.

PALÁCIOS, J. *O que é a adolescência*. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PEASE, Allan e Barbara. *Como Conquistar as Pessoas*, ed Sextante. Rio de Janeiro, RJ 2006.

_____ *Desvendando os Segredos da Linguagem Corporal*, ed. Sextante. Rio de Janeiro, RJ 2005.

PIAGET, J. *Aprendizagem e Conhecimento*. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

POWELL, John; BRADY, Loretta. *Arrancar Máscaras! Abandonar Papéis!* – a comunicação pessoal em 25 passos. Tradução Bárbara Theoto Lambert. 7 ed. São Paulo: Loyola, 1995.

PRICE, J.M. *A pedagogia de Jesus* – O Mestre por Excelência. Juerp. Rio de Janeiro, RJ, 1954.

RINKER, Rosalind. *Transforme Seu Lar com o Culto Doméstico*. Betânia, 1984.

RIGGS, Ralph M. *O Guia do Pastor*. São Paulo, Vida, 1980.

ROSA Merval. *Psicologia Evolutiva*. Vozes, 1986.

SÁ, Antonio Lopes de. *Ética Profissional*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SALOMOM, Philip e PATCH, Vernon. *Manual de Psiquiatria*, Atheneu Editora, 1975.

SOUSA, J.F.C. *Planejamento Familiar*, JUERP, Rio de Janeiro, 1986.

TELES, Maria Luiza S. *O Que é Psicologia?* São Paulo: Brasiliense, 2003. (coleção primeiros passos.).

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WARD, Ted. *Os Valores Começam no Lar*. JUERP, 1981.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo ala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. 41 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 34

YOUSSEF, Michael. *O Estilo de Liderança de Jesus*. Editora Betânia 1987.

FONTES INTERNET

Fonte: http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=d%25C3%25A9j%25C3%25A0-vu

Fonte: http://super.abril.com.br/ciencia/deja-vu-447450.shtml

Orçamento Familiar. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/consum/dicasconsumidor.html.

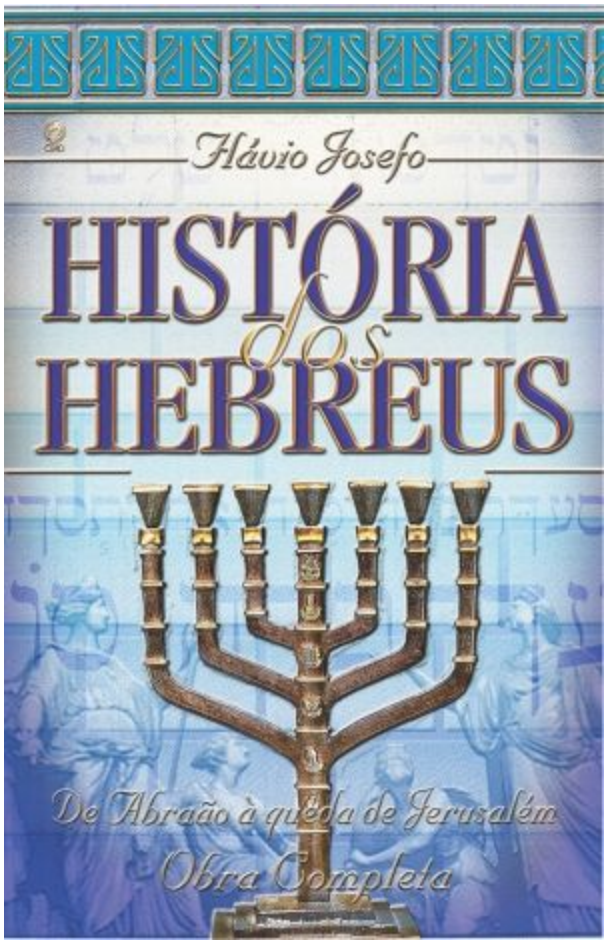
Acesso em 10/01/2006.

Costa, Maria Morena, HTTP://último segundo.Ig.com.br/Brasil/2009/02/15

APOSTILAS

GILBERTO, Antonio. Família Cristã. Rio de Janeiro.

_____ Antonio. A Sexualidade e a Bíblia. Rio de Janeiro.


Flávio Josefo
HISTÓRIA DOS HEBREUS
De Abraão à queda de Jerusalém
Obra Completa

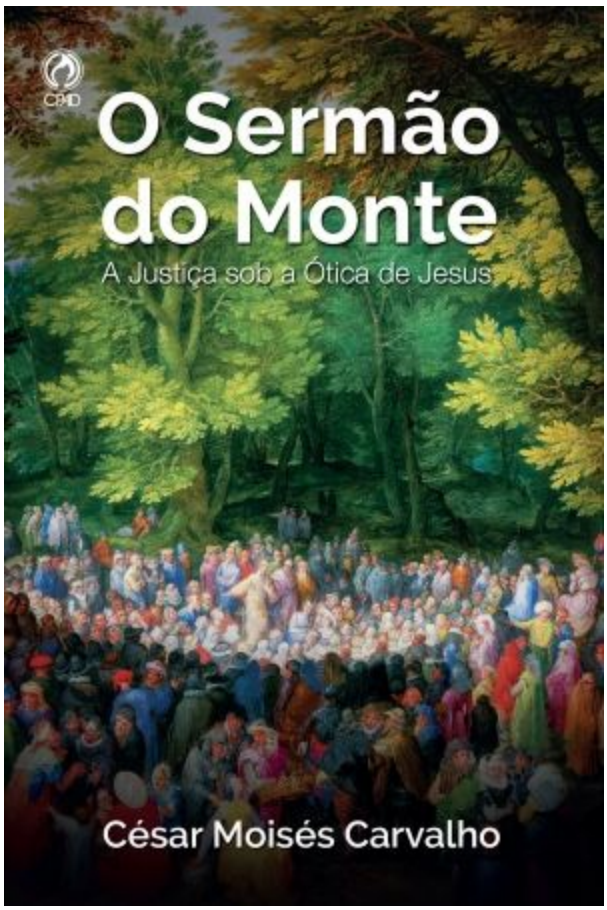
História dos Hebreus

Josefo, Flávio
9788526313491
1568 páginas

Compre agora e leia

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
O Sermão do Monte
A Justiça sob a Ótica de Jesus
César Moisés Carvalho

O Sermão do Monte

Carvalho, César Moisés
9788526314436
160 páginas

Compre agora e leia

Estudar o Sermão do Monte é um desafio pois a familiaridade com o material e a aparente facilidade dos seus enunciados esconde o fato de que se trata de um texto de difícil interpretação e, ainda pior, aplicabilidade. Nesta obra, os capítulos foram organizados obedecendo a estrutura da revista Lições Bíblicas Jovens, porém desenvolvidos em forma de comentário bíblico valorizando, sobretudo, o aspecto teológico do mais popular e

célebre dos sermões proferidos pelo Mestre. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
O Caráter do Cristão
Moldado pela Palavra de Deus e provado como ouro
Elinaldo Renovato de Lima

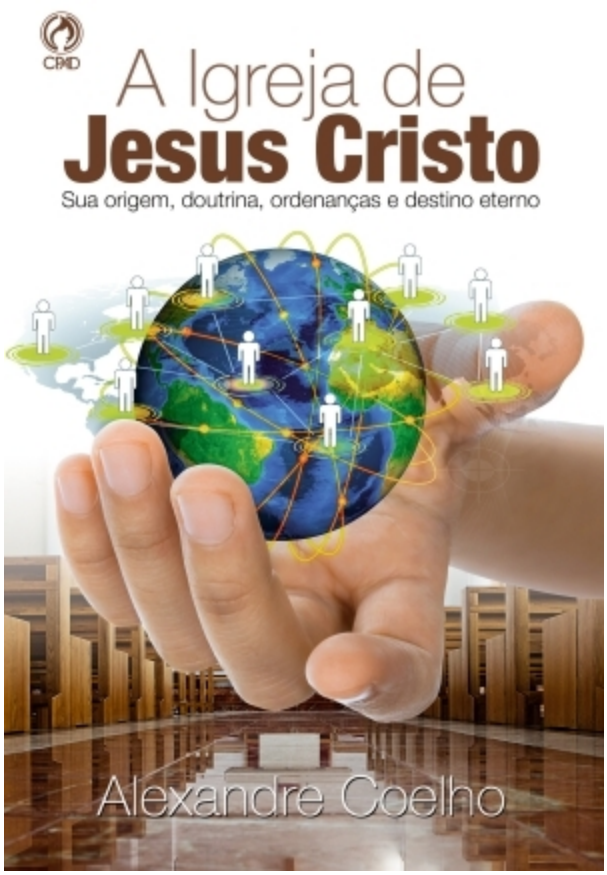
O Caráter do Cristão

de Lima, Elinaldo Renovato
9788526314429
160 páginas

Compre agora e leia

O pastor Elinaldo Renovato prepara um estudo completo de personagens bíblicos que nos ajudarão a entender o verdadeiro caráter Cristão. Começando com Abel, passando por Isaque, Jacó, Rute e Maria, e terminando com nosso maior referencial, Jesus, este livro é um alerta à igreja com relação aos maus exemplos deste mundo e um chamamento a termos a Bíblia como maior parâmetro de caráter.

Compre agora e leia


CPAD
A Igreja de
Jesus Cristo
Sua origem, doutrina, ordenanças e destino eterno
Alexandre Coelho

A Igreja de Jesus Cristo

Coelho, Alexandre
9788526314320
160 páginas

Compre agora e leia

"Temos um chamado radical para os nossos dias: ser da igreja e colabora com ela. Diante de tantas críticas que são feitas contra a igreja, precisamos nos posicionar e agir de forma coerente com a nossa fé. Devemos ter uma postura de fazer algo por nossa igreja." O que é a Igreja? No que ou em quem ela se fundamenta? Quais são seus objetivos? O que são ordenanças? Neste livro, o pastor Alexandre Coelho discorre sobre diversos temas de grande relevância tanto acerca

das doutrinas da igreja quanto sobre a vida e da prática eclesiástica de uma igreja viva e cheia do Espírito Santo. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


A Razão
da Nossa Fé
Assim cremos, assim vivemos
BÍBLIA SAGRADA
Esequias Soares

A razão da nossa fé

Soares, Esequias
9788526314832
160 páginas

Compre agora e leia

Os credos e as confissões de fé têm sempre as suas explicações complementares e adicionais para torná-los mais claros. Esses documentos, como disse McGrath, são "interpretações precisas e autorizadas das Escrituras". Isso significa que se tratam de doutrinas oficiais de uma igreja ou denominação, que norteiam a vida religiosa de seus membros. O Cremos das Assembleias de Deus, desde 1969, tem servido como um guia doutrinário básico para a

denominação. No entanto, a exigência da atualidade pedia algo mais amplo. Com a promulgação da Declaração de Fé na 43ª Assembleia Geral da CGADB, o Cremos continua mantendo a sua importância, agora como uma síntese de nossa doutrina. A Declaração de Fé é uma coletânea de crenças e práticas oficiais da denominação, estruturadas de forma simples e sistemática, que mostra para a sociedade aquilo que nós cremos. Trata-se de um documento de extraordinária importância na vida da Igreja, pois serve como sumário doutrinário da Bíblia para ajudar irmãos e irmãs na compreensão das Escrituras e também para proteger a Igreja contra as falsas doutrinas. O livro que o leitor tem em mãos é um comentário bíblico, teológico e histórico de cada ponto doutrinário do Cremos, que

visa a uma compreensão mais ampla das nossas crenças e práticas.

Compre agora e leia